

O LIVRO DOS MÉDIUNS

NUMA LINGUAGEM SIMPLIFICADA

Adaptação:
L. NEILMORIS



Allan Kardec

2 – Allan Kardec

**O LIVRO
DOS
MÉDIUNS**

**OU
O GUIA DOS MÉDIUNS
E DOS INVOCADORES**

Allan Kardec

O LIVRO DOS MÉDIUNS
Ou
GUIA DOS MÉDIUNS E INVOCADORES

-- Numa Linguagem Simplificada

Allan Kardec

Título original em francês:

LE LIVRE DES MÉDIUMS ou
GUIDE DES MÉDIUMS ET DES ÉVOCATEURS

Lançado em 15 de janeiro de 1861

Paris, França

Adaptação de:

Louis Neilmoris

© 2009 – Brasil



Nota da adaptação

A proposta deste trabalho é trazer ao meio popular o consolo e a iluminação de **O LIVRO DOS MÉDIUNS**, do memorável Codificador Allan Kardec. Um livro revolucionário, que aborda de forma clara e objetiva do valor da mediunidade, da responsabilidade dos seus praticantes e o básico que se precisa saber sobre essa graça que a Divindade nos concede.

Mas, convenhamos, as traduções brasileiras, até então disponíveis, ainda oferecem à grande massa popular graves obstáculos para uma perfeita compreensão, não por falha dos tradutores – muito pelo contrário --, mas pela fidelidade com que verteram dos originais em francês para o português, mantendo a elevada elocução. Kardec, eminente autoridade em linguística, evidentemente, só poderia escrever à altura do superior nível cultural de seus contemporâneos. Desta forma, e nada mais justo, as versões procuram sempre equilibrar a linguagem.

Esta adaptação procura simplificar o texto utilizando-se de vocábulos mais comuns, mais atualizados, no entanto, sem alterar o teor da argumentação.

As novas verdades que a maravilhosa Doutrina Espírita nos traz devem estar ao alcance de todos, por uma questão de respeito e de amor.

Louis Neilmoris

O Livro dos Médiuns

Ou

O Livro dos Médiuns e dos Invocadores

*ENSINO ESPECIAL DOS ESPÍRITOS SOBRE
A TEORIA DE TODOS OS GÊNEROS DE MANIFESTAÇÕES,
OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO COM O MUNDO INVISÍVEL,
O DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE,
AS DIFICULDADES E OS TROPEÇOS QUE SE PODEM
ENCONTRAR NA PRÁTICA DO ESPIRITISMO
CONSTITUINDO O SEGUIMENTO DE
O LIVRO DOS ESPÍRITOS.*

P O R

ALLAN KARDEC

Sumário

INTRODUÇÃO – pag. 9

PRIMEIRA PARTE Noções preliminares

CAPÍTULO I – HÁ ESPÍRITOS? – pag. 13

CAPÍTULO II – DO MARAVILHOSO E DO SOBRENATURAL – pag. 18

CAPÍTULO III – DO MÉTODO – pag. 25

De que modo se deve proceder com os materialistas. Materialistas por sistema: materialistas que o são por falta de coisa melhor. — Incrédulos por ignorância, por má vontade, por interesse e má-fé, por pusilanimidade, por escrúpulos religiosos, por efeito de decepções. — Três classes de espíritas: espíritas experimentadores, espíritas imperfeitos, espíritas cristãos ou verdadeiros espíritas. — Ordem a que devem obedecer os estudos espíritas.

CAPÍTULO IV – DOS SISTEMAS – pag. 34

Exame dos diferentes modos por que o Espiritismo é encarado. — Sistemas de negação: do charlatanismo, da loucura, da alucinação, do músculo estalante, das causas físicas, do reflexo. — Sistemas de afirmação; sistema da alma coletiva; *id.* sonambúlico, pessimista, diabólico ou demoníaco, otimista, unispírita ou mono-espírita, multispírita ou polispírita, sistema da alma material.

SEGUNDA PARTE Das manifestações espíritas

CAPÍTULO I – DA AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA – pag. 47

CAPÍTULO II – DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS – DAS MESAS GIRANTES – pag. 51

CAPÍTULO III – DAS MANIFESTAÇÕES INTELIGENTES – pag. 54

CAPÍTULO IV – DA TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS – pag. 57

Movimentos e suspensões – Ruídos – Aumento e diminuição do peso dos corpos.

CAPÍTULO V – DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS – pag. 66

Ruídos, barulhos e perturbações – Arremesso de objetos – Fenômeno de transporte – Dissertação de um Espírito sobre os sportes.

CAPÍTULO VI – DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS – pag. 82

Noções sobre as aparições – Ensaio teórico sobre as aparições – Espíritos glóbulos. – Teoria da alucinação.

CAPÍTULO VII – DA BICORPOREIDADE E DA TRANSFIGURAÇÃO – pag. 96

Aparições de Espíritos de pessoas vivas – Homens duplos – Santo Afonso de Liguori e Santo Antônio de Pádua – Vespasiano – Transfiguração – Invisibilidade

CAPÍTULO VIII – DO LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL – pag. 103

Vestuário dos Espíritos – Formação espontânea de objetos tangíveis – Modificação das propriedades da matéria – Ação magnética curadora

7 – O LIVRO DOS MÉDIUNS

CAPÍTULO IX – DOS LUGARES ASSOMBRADOS – pag. 109

CAPÍTULO X – DA NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES – pag. 113

Comunicações grosseiras, frívolas, sérias e instrutivas.

CAPÍTULO XI – DA SEMATOLOGIA E DA TIPTOLOGIA – pag. 116

Linguagem dos sinais e das pancadas – Tiptologia alfabética

CAPÍTULO XII – DA PNEUMATOGRAFIA OU ESCRITA DIRETA. DA PNEUMATOFONIA – pag. 120

CAPÍTULO XIII – DA PSICOGRAFIA – pag. 124

Psicografia indireta: cestas e pranchetas – Psicografia direta ou manual

CAPÍTULO XIV – DOS MÉDIUNS – pag. 127

Médiuns de efeitos físicos – Pessoas elétricas – Médiuns sensitivos ou impressionáveis – Médiuns auditivos – Médiuns falantes – Médiuns videntes – Médiuns sonâmbulos – Médiuns curadores – Médiuns pneumatógrafos

CAPÍTULO XV – DOS MÉDIUNS ESCREVENTES OU PSICÓGRAFOS – pag. 138

Médiuns mecânicos, intuitivos, semimecânicos, inspirados ou involuntários; de pressentimentos.

CAPÍTULO XVI – DOS MÉDIUNS ESPECIAIS – pag. 142

Aptidões especiais dos médiuns – Quadro resumido das diferentes espécies de médiuns

CAPÍTULO XVII – DA FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS – pag. 155

Desenvolvimento da mediunidade – Mudança de caligrafia – Perda e suspensão da mediunidade

CAPÍTULO XVIII – DOS INCONVENIENTES E PERIGOS DA MEDIUNIDADE – pag. 166

Influência do exercício da mediunidade sobre a saúde – Idem sobre o cérebro – Idem sobre as crianças

CAPÍTULO XIX – DO PAPEL DOS MÉDIUNS NAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS – pag. 169

Influência pessoal do Espírito do médium – Sistema dos médiuns inertes – Aptidão de certos médiuns para coisas de que nada conhecem: línguas, música, desenho, etc. – Dissertação de um Espírito sobre o papel dos médiuns

CAPÍTULO XX – DA INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM – pag. 178

Questões diversas – Dissertação de um Espírito sobre a influência moral

CAPÍTULO XXI – DA INFLUÊNCIA DO MEIO – pag. 185

CAPÍTULO XXII – DA MEDIUNIDADE NOS ANIMAIS – pag. 187

CAPÍTULO XXIII – DA OBSESSÃO – pag. 192

Obsessão simples – Fascinação – Subjugação – Causas da obsessão – Meios de combatê-la

CAPÍTULO XXIV – DA IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS – pag. 203

Provas possíveis de identidade – Modo de se distinguirem os bons dos maus Espíritos – Questões sobre a natureza e identidade dos Espíritos

CAPÍTULO XXV – DAS EVOCAÇÕES – pag. 218

Considerações gerais – Espíritos que se podem evocar – Linguagem de que se deve usar com os Espíritos – Utilidade das evocações particulares – Questões sobre as evocações – Evocações dos animais – Evocações das pessoas vivas – Telegrafia humana

8 – Allan Kardec

CAPÍTULO XXVI – DAS PERGUNTAS QUE PODEMOS FAZER AOS ESPÍRITOS – pag. 237

Observações preliminares – Perguntas simpáticas ou antipáticas aos Espíritos – Perguntas sobre o futuro – Sobre as existências passadas e futuras – Sobre interesses morais e materiais – Sobre a sorte dos Espíritos – Sobre a saúde – Sobre as invenções e descobertas – Sobre os tesouros ocultos – Sobre outros mundos

CAPÍTULO XXVII – DAS CONTRADIÇÕES E DAS MISTIFICAÇÕES – pag. 249

CAPÍTULO XXVIII – DO CHARLATANISMO E DO EMBUSTE – pag. 256

Médiuns interesseiros – Fraudes espíritas

CAPÍTULO XXIX – DAS REUNIÕES E DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS – pag. 264

Das reuniões em geral – Das Sociedades propriamente ditas – Assuntos de estudo – Rivalidades entre as Sociedades

CAPÍTULO XXX – REGULAMENTO DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS – pag. 278

CAPÍTULO XXXI – DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS – pag. 284

Acerca do Espiritismo – Sobre os médiuns – Sobre as Sociedades espíritas – Comunicações apócrifas

CAPÍTULO XXXII – VOCABULÁRIO ESPÍRITA – pag. 301

Introdução

Todos os dias a experiência nos traz a confirmação de que as dificuldades e os desenganos, com que muitos topam na prática do Espiritismo, vêm da ignorância dos princípios desta ciência e nos sentimos felizes de ter podido comprovar que o nosso trabalho, feito com o objetivo de precaver os adeptos contra os perigos de um noviciado, produziu frutos e que à leitura desta obra muitos devem ter conseguido evitá-los.

É natural que entre os que se ocupam com o Espiritismo haja o desejo de poderem se comunicar com os Espíritos. Esta obra se destina a lhes clarear o caminho, levando-os a tirar proveito dos nossos longos e laboriosos estudos, pois muito falsa ideia formaria aquele que pensasse bastar, para se considerar perito nesta matéria, saber colocar os dedos sobre uma mesa, a fim de fazê-la se mover, ou segurar um lápis, a fim de escrever.

Igualmente se enganaria quem supusesse encontrar nesta obra uma receita universal e infalível para formar médiuns. Se bem cada um traga em si a semente das qualidades necessárias para se tornar médium, tais qualidades existem em graus muito diferentes e o seu desenvolvimento depende de causas que a ninguém é dado conseguir se verifiquem à vontade. As regras da poesia, da pintura e da música não fazem que se tornem poetas, pintores, ou músicos os que não têm o gênio de alguma dessas artes. Apenas guiam os que as cultivam, no emprego de suas capacidades naturais. O mesmo sucede com o nosso trabalho. Seu objetivo consiste em indicar os meios de desenvolvimento da aptidão mediúnica, tanto quanto o permitam as disposições de cada um, e, sobretudo, dirigir-lhe o uso de modo útil, quando ela exista. Esse, porém, não constitui o objetivo único a que nos propusemos.

Ao lado dos médiuns propriamente ditos, diariamente, cresce uma multidão de pessoas que se ocupam com as manifestações espíritas. Guiá-las nas suas observações, assinalar-lhes os obstáculos que podem e não de necessariamente encontrar – lidando com uma nova ordem de coisas –, iniciá-las na maneira de dialogarem com os Espíritos, indicar-lhes os meios de conseguirem boas comunicações, tal o círculo que temos de abranger, sob o risco de fazermos trabalho incompleto. Então, ninguém se surpreenda em encontrar nele instruções que, à primeira vista, pareçam descabidas; a experiência lhes realçará a utilidade. Quem quer que o estude cuidadosamente melhor compreenderá depois os fatos de que venha a ser testemunha; menos estranha lhe parecerá a linguagem de alguns Espíritos. Portanto, como repositório de instrução prática, a nossa obra não se destina exclusivamente aos médiuns, mas a todos os que estejam em condições de ver e observar os fenômenos espíritas.

Não faltará quem deseje que publicássemos um manual prático muito resumido, contendo em poucas palavras a indicação dos processos que se devam empregar para entrar em comunicação com os Espíritos. Esses pensarão que um livro desta natureza, dada a possibilidade de se espalhar profusamente por modesto preço, representaria um poderoso meio de propaganda, pela multiplicação dos médiuns. A nosso ver, semelhante obra, em vez de útil, seria nociva, ao menos por enquanto. A prática do Espiritismo se mostra cheia de muitas dificuldades e nem sempre livre de inconvenientes a que só o estudo sério e completo pode obviar. Pois, seria de temer que uma indicação muito resumida animasse experiências levemente tentadas, das quais viessem os experimentadores a se arrepender. Estas são coisas com que não é conveniente, nem prudente, se brinque e acreditamos que mau serviço prestaríamos, pondo-as ao alcance do primeiro insensato que achasse divertido conversar com os mortos. Dirigimo-nos aos que veem no Espiritismo um objetivo sério, que lhe compreendem toda a gravidade e não fazem das comunicações com o mundo invisível um passatempo.

Havíamos publicado uma INSTRUÇÃO PRÁTICA com o fim de guiar os médiuns. Essa obra está hoje esgotada e, embora a tenhamos feito com uma finalidade grave e séria, não a reimprimiremos, porque ainda não a consideramos bastante completa para esclarecer acerca de todas as dificuldades que se possam encontrar. Ela foi substituída por esta, na qual reunimos todos os dados que uma longa experiência e conscientes estudos nos permitiram colher. Ela – pelo menos assim o esperamos – contribuirá para dar ao Espiritismo o caráter sério que lhe forma a essência e para evitar que haja quem nele veja peça de fútil ocupação e de divertimento.

A essas considerações ainda aditaremos outra, muito importante: a má impressão que produzem nos novatos as experiências levemente feitas e sem conhecimento de causa, experiências que apresentam o inconveniente de gerar ideias falsas acerca do mundo dos Espíritos e de dar ocasião à zombaria e a uma crítica quase sempre fundada. De tais reuniões, os incrédulos raramente saem convertidos e dispostos a reconhecer que no Espiritismo haja alguma coisa de sério. Para a opinião errônea de grande número de pessoas, muito mais do que se pensa têm contribuído a ignorância e a leviandade de vários médiuns.

*Desde alguns anos, o Espiritismo tem realizado grandes progressos: porém, são imensos os que conseguiu realizar, a partir do momento em que tomou rumo filosófico, porque entrou a ser apreciado pela gente instruída. Presentemente, já não é um espetáculo: é uma doutrina de que não mais riem os que zombavam das mesas girantes. Esforçando-nos por levá-lo para esse terreno e por mantê-lo aí, nutrimos a convicção de que lhe ganhamos mais adeptos úteis, do que provocando manifestações a torto e a direito que se prestariam a abusos. Disso temos cotidianamente a prova em o número dos que se tem tornado espíritas unicamente pela leitura de **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**.*

Depois de expormos nesse livro a parte filosófica da ciência espírita, damos a parte prática, para uso dos que queiram ocupar-se com as manifestações, quer para fazerem pessoalmente, quer para se inteirarem dos fenômenos que lhes sejam possíveis observar. Aí verão os obstáculos com que poderão deparar e terão também um meio de evitá-los. Estas duas obras – se que bem a segunda constitua

seguimento da primeira –, até certo ponto, são independentes uma da outra. Mas, a quem quer que deseje tratar seriamente da matéria, diremos que primeiro leia O LIVRO DOS ESPÍRITOS, porque contém princípios básicos, sem os quais algumas partes deste se tornariam talvez dificilmente compreensíveis.

Importantes alterações para melhor foram introduzidas nesta segunda edição, muito mais completa do que a primeira. Acrescentando-lhe grande número de notas e instruções do maior interesse, os Espíritos a corrigiram, com particular cuidado. Como reviram tudo, aprovando ou modificando à sua vontade, pode dizer-se que ela é, em grande parte, obra deles, pois a intervenção que tiveram não se limitou aos artigos que trazem assinaturas. São poucos esses artigos, porque apenas a pusemos nomes quando isso nos pareceu necessário, para assinalar que algumas citações um tanto extensas provieram deles textualmente. A não ser assim, teríamos que citá-los quase que em todas as páginas, especialmente em seguida a todas as respostas dadas às perguntas que lhes foram feitas, o que se nos afigurou de nenhuma utilidade. Os nomes, como se sabe, importam pouco, em tais assuntos. O essencial é que o conjunto do trabalho corresponda ao fim que almejamos. O acolhimento dado à primeira edição, posto que imperfeita, faz-nos esperar que a presente não encontre menos receptividade.

Como lhe acrescentamos muitas coisas e muitos capítulos inteiros, suprimimos alguns artigos, que ficariam em duplicata, entre outros o que tratava da Escala espírita, que já se encontra em **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**. Suprimimos igualmente do “Vocabulário” o que não se ajustava bem no quadro desta obra, substituindo vantajosamente o que foi supresso por coisas mais práticas. Esse vocabulário, além do mais, não estava completo e tencionamos publicá-lo mais tarde, em separado, sob o formato de um pequeno dicionário de filosofia espírita. Conservamos nesta edição apenas as palavras novas ou especiais, relacionado aos assuntos de que nos ocupamos.

PRIMEIRA PARTE

**NOÇÕES
PRELIMINARES**

CAPÍTULO I

HÁ ESPÍRITOS?

1. A dúvida, no que diz respeito à existência dos Espíritos, tem como causa primária a ignorância acerca da verdadeira natureza deles. Geralmente, são figurados como seres à parte na criação e de cuja existência não está demonstrada a necessidade. Muitas pessoas, mais ou menos como as que só conhecem a História pelos romances, apenas os conhecem através dos contos fantásticos com que foram acalentadas em criança.

Sem indagarem se tais contos, fora dos enfeites ridículos, contêm algum fundo de verdade, essas pessoas unicamente se impressionam com o lado absurdo que eles revelam. Sem se darem ao trabalho de tirar a casca amarga, para achar a amêndoa, rejeitam o todo, como fazem, relativamente à religião, os que, chocados por certos abusos, englobam tudo numa só condenação.

Seja qual for a ideia que se faça dos Espíritos, a crença neles necessariamente se funda na existência de um princípio inteligente fora da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta deste princípio. Tomamos, conseqüentemente, por ponto de partida, a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma, existência, sobrevivência e individualidade que têm no *Espiritualismo* a sua demonstração teórica e rígida e, no *Espiritismo*, a demonstração positiva. Vamos esquecer por um momento as manifestações propriamente ditas e, raciocinando por indução, vejamos a que conseqüências chegaremos.

2. Desde que se admite a existência da alma e sua individualidade após a morte, é forçoso também admitir: 1) que a sua natureza difere da forma do corpo, visto que, separada deste, deixa de ter as propriedades típicas do corpo; 2) que tem consciência de si mesma, pois que é passível de alegria ou de sofrimento, sem o que seria um ser inerte, caso em que de nada nos valeria possuí-la. Admitido isso, tem-se que admitir que essa alma vai para alguma parte. Que vem a ser feito dela e para onde vai?

Segundo a crença comum, vai para o céu ou para o inferno. Mas, onde ficam o céu e o inferno? Dizia-se outrora que o céu era em cima e o inferno embaixo. Porém, o que são o alto e o baixo no Universo, uma vez que se conhecem a forma esférica da Terra, o movimento dos astros, movimento que faz com que o que em dado instante está no alto esteja, doze horas depois, embaixo, e o infinito do espaço, através do qual o olhar penetra, indo a distâncias consideráveis? É verdade que por lugares inferiores também se designam as profundezas da Terra. Mas, que vêm a ser essas profundezas, desde que a Geologia as esquadrinhou? Igualmente,

que ficaram sendo as esferas concêntricas chamadas céu de fogo, céu das estrelas, desde que se verificou que a Terra não é o centro dos mundos, que mesmo o nosso Sol não é único, que milhões de sóis brilham no Espaço, constituindo cada um o centro de um turbilhão planetário? A que ficou reduzida a importância da Terra, mergulhada nessa imensidade? Por que injustificável privilégio este quase imperceptível grão de areia, que não cresce pelo seu volume, nem pela sua posição, nem pelo papel que lhe cabe desempenhar, seria o único planeta povoado de seres racionais? A razão se recusa a admitir semelhante nulidade do infinito e tudo nos diz que os diferentes mundos são habitados. Ora, se são povoados, também fornecem seus contingentes para o mundo das almas. Porém, ainda uma vez, que terá sido feito dessas almas, depois que a Astronomia e a Geologia destruíram as moradas que se lhes destinavam e, sobretudo, depois que a teoria da pluralidade dos mundos – tão racional – as multiplicou ao infinito?

Não podendo a doutrina da localização das almas se harmonizar com os dados da Ciência, outra doutrina mais lógica lhes assina por domínio, não um lugar determinado e limitado, mas o espaço universal: elas formam um mundo invisível, no qual vivemos inseridos, que nos cerca e toca sem cessar. Haverá nisso alguma impossibilidade, alguma coisa que contrarie a razão? De modo nenhum; ao contrário, tudo nos afirma que não pode ser de outra maneira.

Mas, então, o que será das penas e recompensas futuras, desde que se lhes tiram os lugares especiais onde se efetivem? Notem que a descrença com relação a tais penas e recompensas provam geralmente de serem umas e outras apresentadas em condições inadmissíveis. Em vez disso, digam que as almas tiram de si mesmas a sua felicidade ou a sua desgraça; que a sorte depende do estado moral; que a reunião das que se votam simpatia mútua e são boas representa para elas uma fonte de ventura; que, de acordo com o grau de purificação que tenham alcançado, penetram e veem coisas que almas grosseiras não distinguem, e toda gente compreenderá sem dificuldade. Digam mais que as almas atingem o grau supremo pelos esforços que façam por se melhorarem e depois de uma série de provas adequadas à sua purificação; que os anjos são almas que chegaram ao último grau da escala, grau que todas podem atingir, tendo boa vontade; que os anjos são os mensageiros de Deus, encarregados de velar pela execução de seus desígnios em todo o Universo, que se sentem felizes com o desempenho dessas missões gloriosas, e lhes tereis dado à felicidade um fim mais útil e mais atraente, do que a fazendo consistir numa contemplação perpétua, que não passaria de perpétua inutilidade. Finalmente, digam que os demônios são simplesmente as almas dos maus, ainda não purificadas, mas que podem, como as outras, ascender ao mais alto cume da perfeição e isto parecerá mais conforme à justiça e à bondade de Deus, do que a doutrina que os dá como criados para o mal e ao mal destinados eternamente. Ainda uma vez: aí temos o que a mais severa razão, a mais rigorosa lógica e em suma, o bom-senso, podem admitir.

Ora, essas almas que povoam o Espaço são precisamente o que se chama *Espíritos*. Assim, pois, os Espíritos são as almas dos homens, libertas da vestimenta corporal. Mais improvável lhes seria a existência se fossem seres à parte. Porém, se admitirmos que há almas, necessário também será admitir que os Espíritos são simplesmente as almas e nada mais. Se admitirmos que as almas estão por toda parte, teremos que admitir, do mesmo modo, que os Espíritos estão por toda parte.

Portanto, não seria possível negar a existência dos Espíritos, sem negar a das almas.

3. É certo que isto não passa de uma teoria mais racional do que a outra. Porém, já é muito que seja uma teoria que nem a razão, nem a ciência rejeitam. Acrescenta-se que, se os fatos a confirmam, ela tem por si a aprovação do raciocínio e da experiência. Esses fatos se deparam conosco no fenômeno das manifestações espíritas, que, assim, constituem a prova evidente da existência e da sobrevivência da alma. Entretanto, há muitas pessoas cuja crença não vai além desse ponto; que admitem a existência das almas e, logicamente, a dos Espíritos, mas que negam a possibilidade de nos comunicarmos com eles, pela razão, dizem, de que seres imateriais não podem atuar sobre a matéria. Esta dúvida assenta na ignorância da verdadeira natureza dos Espíritos, dos quais em geral fazem ideia muito falsa, supondo-os erradamente seres abstratos, vagos e indefinidos, o que não é real.

Primeiramente, imaginemos o Espírito em união com o corpo. Ele é o ser principal, pois que é o *ser que pensa e sobrevive*. O corpo não passa de um *acessório* seu, de um invólucro, uma veste, que ele deixa, quando usada. Além dessa roupagem material, o Espírito tem um segundo, que é semimaterial e o liga ao primeiro. Por ocasião da morte, desprende-se do corpo físico, porém não do outro, a que damos o nome de *perispírito*. Esse invólucro semimaterial, que tem a forma humana, é para o Espírito um corpo fluídico, vaporoso, mas que, pelo fato de nos ser invisível no seu estado normal, não deixa de ter algumas das propriedades da matéria. Logo, o Espírito não é um ponto vazio, uma abstração; é um ser demarcado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável, para se assemelhar aos seres humanos. Por que, então, não haveria de atuar sobre a matéria? Por ser fluídico o seu corpo? Mas, onde o homem encontra os seus mais possantes motores, senão entre os mais rarificados fluidos, mesmo entre os que se consideram misteriosos, como, por exemplo, a eletricidade? Não é exato que a luz, sendo imponderável, exerce ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos a natureza íntima do perispírito. Mas suponhamos o perispírito formado de matéria elétrica, ou de outra tão sutil quanto esta: por que, quando dirigido por uma vontade, não teria propriedade idêntica à daquela matéria?

4. A existência da alma e a de Deus – consequência uma da outra – sendo a base de todo o edifício, antes de travarmos qualquer discussão espírita, é bom que indaguemos se o nosso interlocutor admite essa base. Se a estas questões:

Crê em Deus?

Crê que tem uma alma?

Crê na sobrevivência da alma após a morte?

Responder negativamente, ou mesmo, se disser simplesmente: *Não sei; desejaria que assim fosse, mas não tenho a certeza disso*, o que, quase sempre, equivale a uma negação escondida, disfarçada sob uma forma menos categórica, para não chocar bruscamente o que ele chama preconceitos respeitáveis, tão inútil seria ir além, como querer demonstrar as propriedades da luz a um cego que não admitisse a existência da luz, porque, em suma, as manifestações espíritas não são

mais do que efeitos das propriedades da alma. Com semelhante interlocutor, se não quisermos perder tempo, teremos que seguir muito diversa ordem de ideias.

Admitida que seja a base, não como simples *probabilidade*, mas como certeza incontestável, muito naturalmente dela decorrerá a existência dos Espíritos.

5. Resta agora a questão de saber se o Espírito pode se comunicar com o homem, isto é, se pode com este trocar ideias. Por que não? O que é o homem, senão um Espírito aprisionado num corpo? Por que não há de o Espírito livre se comunicar com o Espírito preso ao corpo, como o homem livre com o encarcerado?

Desde que se admite a sobrevivência da alma, será racional que não admita a sobrevivência dos afetos? Como as almas estão por toda parte, não será natural acreditarmos que a de um ente que nos amou durante a vida se acerque de nós, deseje comunicar-se conosco e se sirva para isso dos meios de que disponha? Enquanto vivo, não ele atuava sobre a matéria de seu corpo? Não era quem lhe dirigia os movimentos? Por que razão, depois de morto, entrando em acordo com outro Espírito ligado a um corpo, estaria impedido de se utilizar deste corpo vivo, para exprimir o seu pensamento, do mesmo modo que um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale, para se fazer compreendido?

6. Por um instante, deixemos os fatos que, ao nosso ver, tornam incontestável a realidade dessa comunicação; vamos admiti-la apenas como hipótese. Pedimos aos incrédulos que nos provem, não por simples negativas, visto que suas opiniões pessoais não podem ser lei, mas expondo razões concretas, que tal coisa não pode se dar. Colocando-nos no terreno em que eles se colocam, uma vez que entendem de apreciar os fatos espíritas com o auxílio das leis da matéria, que tirem desse arsenal qualquer demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica e provem por *a* mais *b*, partindo sempre do princípio da existência e da sobrevivência da alma:

- 1) que o ser pensante, que existe em nós durante a vida, não mais pensa depois da morte;
- 2) que, se continua a pensar, está impedido de pensar naqueles a quem amou;
- 3) que, se pensa nestes, não cogita de se comunicar com eles;
- 4) que, podendo estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;
- 5) que, podendo estar ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco;
- 6) que, por meio do seu corpo fluídico, não pode atuar sobre a matéria inerte;
- 7) que, sendo-lhe possível atuar sobre a matéria inerte, não pode atuar sobre um ser animado;
- 8) que, tendo a possibilidade de atuar sobre um ser animado, não lhe pode dirigir a mão para fazê-lo escrever;
- 9) que, podendo fazê-lo escrever, não lhe pode responder às perguntas, nem lhe transmitir seus pensamentos.

Quando os adversários do Espiritismo nos provarem que isto é impossível, aduzindo razões tão claras quais as com que Galileu demonstrou que não é o Sol que gira em torno da Terra, então poderemos considerar-lhes fundadas as dúvidas. Infelizmente, até hoje, toda a argumentação a que recorrem se resume nestas

palavras: *Não creio, logo isto é impossível.* Dirão, com certeza, que cabe a nós provar a realidade das manifestações. Ora, nós lhes damos a prova de que elas são reais – pelos fatos e pelo raciocínio. Mas, se não admitem nem uma, nem outra coisa, se chegam mesmo a negar o que veem, toca-lhes a eles provar que o nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis.

CAPÍTULO II

DO MARAVILHOSO E DO SOBRENATURAL

7. Se a crença nos Espíritos e nas suas manifestações representasse uma opinião individual, fosse produto de um sistema, com sinais de razão, poderia merecer a suspeita de ilusória. Digam-nos, porém, por que com ela deparamos tão exuberante entre todos os povos, antigos e modernos, e nos livros santos de todas as religiões conhecidas? Respondem os críticos: – É porque, desde todos os tempos, o homem teve o gosto do maravilhoso. — Mas, que entendem por maravilhoso? — O que é sobrenatural. — Que sabem do sobrenatural? — O que é contrário às leis da Natureza. — Porventura, conhecem tão bem essas leis, que possam marcar limite ao poder de Deus? Pois bem! Provem então que a existência dos Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que não é, nem pode ser uma destas leis. Acompanhem a Doutrina Espírita e vejam se todos os elos, ligados uniformemente à cadeia, não apresentam todos os caracteres de uma lei admirável, que resolve tudo o que as filosofias até agora não puderam resolver.

O pensamento é um dos atributos do Espírito; a possibilidade que eles têm de atuar sobre a matéria, de nos impressionar os sentidos e, com efeito, de nos transmitir seus pensamentos, se assim nos podemos exprimir, resulta da formação fisiológica que é própria deles. Logo, nada há de sobrenatural neste fato, nem de maravilhoso. Tornar um homem a viver depois de morto e bem morto, reunirem-se seus membros dispersos para lhe formarem de novo o corpo, sim, seria maravilhoso, sobrenatural, fantástico. Haveria aí uma verdadeira anulação da lei, o que somente por um milagre Deus poderia praticar. Porém, coisa alguma de semelhante há na Doutrina Espírita.

8. Entretanto – alguns questionarão –, admitem que um Espírito pode suspender uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio. Isto não é uma anulação da lei de gravidade? — Sim, mas da lei conhecida; porém, a Natureza já disse a sua última palavra? Antes que se houvesse experimentado a força ascensional de certos gases, quem diria que uma máquina pesada, carregando muitos homens, fosse capaz de triunfar da força de atração? Aos olhos do ignorante, tal coisa não pareceria maravilhosa, diabólica? Teria passado por louco aquele que, há um século, se tivesse proposto a transmitir um telegrama a 500 léguas de distância e a receber a resposta, alguns minutos depois. Se o fizesse, toda gente creia ter ele o diabo às suas ordens,

pois que, naquela época, só ao diabo era possível andar tão depressa. Por que, então, um fluido desconhecido não poderia, em dadas circunstâncias, ter a propriedade de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Notemos, de passagem, que não fazemos uma assimilação, mas apenas uma comparação, e unicamente para mostrar, por analogia, que o fato não é fisicamente impossível.

Ora, ao observar estas espécies de fenômenos, foi exatamente por quererem proceder por assimilação que os sábios se perderam.

Em suma, o fato aí está. Não há, nem haverá negação que possa fazer não seja ele real, porquanto negar não é provar. Para nós, não há coisa alguma sobrenatural. É tudo o que, por agora, podemos dizer.

9. Dirão: se o fato ficar comprovado o aceitaremos; aceitaríamos até a causa a que o atribuem, a de um fluido desconhecido. Mas, quem nos prova a intervenção dos Espíritos? Aí é que está o maravilhoso, o sobrenatural.

Seria preciso fazer aqui uma demonstração completa, que, no entanto, estaria deslocada e, ao demais, seria uma repetição, visto que ressalta de todas as outras partes do ensino. Todavia, resumindo-a nalgumas palavras, diremos que, em teoria, ela se funda neste princípio: todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente e, do ponto de vista prático, na observação de que, os fenômenos ditos espíritos tendo dado provas de inteligência, fora da matéria havia de estar a causa que os produzia e de que, não sendo essa inteligência a dos assistentes — o que a experiência atesta — havia de lhes ser exterior. Pois que não se via o ser que atuava, necessariamente era um ser invisível.

Assim foi que, de observação em observação, se chegou ao reconhecimento de que esse ser invisível, a que deram o nome de Espírito, não é senão a alma dos que viveram corporalmente, aos quais a morte arrebatou o grosseiro corpo visível, deixando-lhes apenas um envoltório etéreo, invisível no seu estado normal. Eis, pois, o maravilhoso e o sobrenatural reduzidos à sua mais simples expressão.

Uma vez comprovada a existência de seres invisíveis, a ação deles sobre a matéria resulta da natureza do envoltório fluídico que os reveste. É inteligente essa ação, porque, ao morrerem, eles perderam somente o corpo, conservando a inteligência que lhes forma a essência. Aí está a chave de todos esses fenômenos tidos erradamente por sobrenaturais. Logo, a existência dos Espíritos não é um sistema preconcebido, ou uma hipótese imaginada para explicar os fatos: é o resultado de observações e consequência natural da existência da alma. Negar essa causa é negar a alma e seus atributos. Tenham a bondade de apresentá-la os que pensem em poder dar uma explicação mais racional a esses efeitos inteligentes e, sobretudo, de apontar a causa de *todos os fatos*, e então será possível discutir-se o mérito de cada uma.

10. Para os que consideram a matéria a única potência da Natureza, *tudo o que não pode ser explicado pelas leis da matéria é maravilhoso, ou sobrenatural*, e, para eles, maravilhoso é sinônimo de *superstição*. Se assim fosse, a religião, que se baseia na existência de um princípio imaterial, seria um tecido de superstições. Não ousam dizê-lo em voz alta, mas dizem-no baixinho e julgam salvar as aparências

concedendo que uma religião é necessária ao povo e às crianças, para que se tornem ajuizados. Ora, uma de duas, ou o princípio religioso é verdadeiro, ou falso. Se é verdadeiro, ele o é para toda gente, se falso, não tem maior valor para os ignorantes do que para os instruídos.

11. Os que atacam o Espiritismo, em nome do maravilhoso, se apoiam geralmente no princípio materialista, porque, negando qualquer efeito extramaterial, por isso mesmo, negam a existência da alma. Porém, examinem-lhe o fundo das consciências, investiguem bem o sentido de suas palavras e descobrirão quase sempre esse princípio, se não categoricamente formulado, germinando por baixo da capa com que o cobrem, a de uma pretensa filosofia racional. Lançando à conta do maravilhoso tudo o que decorre da existência da alma, pois, são consequentes consigo mesmos: não admitindo a causa, não podem admitir os efeitos. Daí, entre eles, uma opinião preconcebida, que os torna impróprios para julgar lisamente do Espiritismo, visto que o princípio donde partem é o da negação de tudo o que não seja material.

Quanto a nós, será que aceitaremos todos os fatos qualificados de maravilhosos, pela simples razão de admitirmos os efeitos que são o resultado da existência da alma? Será que seremos campeões de todos os sonhadores, adeptos de todas as ilusões, de todas as maluquices sistemáticas? Quem o supuser, demonstrará bem estreito conhecimento do Espiritismo. Mas, os nossos adversários não atentam nisto muito de perto. O de que menos cuidam é da necessidade de conhecerem aquilo de que falam.

Segundo eles, o maravilhoso é absurdo; ora, o Espiritismo se apoia em fatos maravilhosos, logo o Espiritismo é absurdo. E consideram esta sentença sem apelação. Acham que opõem um argumento indiscutível quando, depois de terem procedido a eruditas pesquisas acerca dos convulsionários de Saint-Médard, dos fanáticos de Cevenas, ou das religiosas de Loudun, chegaram à descoberta de claras fraudes, que ninguém contesta¹. Porém, de semelhantes histórias serão o evangelho do Espiritismo? Seus adeptos terão negado que o charlatanismo² tem explorado alguns fatos em proveito próprio? Que outros sejam frutos da imaginação? Que muitos tenham sido exagerados pelo fanatismo? Tão solidário ele é com as extravagâncias que se cometam em seu nome, quanto a verdadeira ciência é com os abusos da ignorância, ou a verdadeira religião com os excessos da intransigência. Muitos críticos se limitam a julgar do Espiritismo pelos contos de fadas e pelas lendas populares que lhe são os grupos. O mesmo seria julgar a História pelos romances históricos, ou pelas tragédias.

12. Em lógica elementar, para se discutir uma coisa, se faz preciso conhecê-la, pois a opinião de um crítico só tem valor quando ele fala com perfeito conhecimento de causa. Só assim, embora errônea, sua opinião somente poderá ser tomada em consideração. Porém, que peso terá quando ele trata do que não conhece? A legítima crítica deve demonstrar, não só sabedoria, mas também profundo conhecimento do

¹ Kardec se refere aqui a uma série de fatos ditos espíritas mas que forma provados como falsidade – Nota da Digitação.

² **Charlatanismo:** fraude, enganação – N. D.

objeto que versa, juízo correto e imparcialidade a toda prova, sem o que, qualquer músico comum poderá arrogar-se o direito de julgar Rossini³ e um pintor vulgar o de censurar Rafael⁴.

13. Assim, o Espiritismo não aceita todos os fatos considerados maravilhosos, ou sobrenaturais. Longe disso, demonstra a impossibilidade de grande número deles e o ridículo de certas crenças, que constituem a superstição propriamente dita. É exato que, no que ele admite, há coisas que, para os incrédulos, são puramente do domínio do maravilhoso, ou por outra, da superstição. Seja. Mas, ao menos, discutam apenas esses pontos, porque com relação aos demais, nada há que dizer e pregar em vão. Atendo-vos ao que ele próprio refuta, provem ignorar o assunto e os seus argumentos erram o alvo.

Porém, até onde vai a crença do Espiritismo? – perguntarão. Leiam, observem e saberão. Só com o tempo e o estudo se adquire o conhecimento de qualquer ciência. Ora, o Espiritismo – que entende com as mais graves questões de filosofia, com todos os ramos da ordem social, que abrange tanto o homem físico quanto o homem moral –, é em si mesmo, uma ciência, uma filosofia, que já não se aprende em algumas horas, como nenhuma outra ciência.

Tanta infantilidade haveria em se querer ver todo o Espiritismo numa mesa girante, como toda a física em alguns brinquedos de criança. Quem não se contenta ficar na superfície, são necessários, não algumas horas somente, mas meses e anos, para lhe sondar todos os mistérios. Por aí se pode apreciar o grau de saber e o valor da opinião dos que se atribuem o direito de julgar, porque viram uma ou duas experiências – muitas vezes por distração ou divertimento. Dirão eles com certeza que não lhes sobram lazes para dedicarem a tais estudos todo o tempo que é preciso. Está bem; nada a isso os constrange. Mas, quem não tem tempo de aprender uma coisa não se mete a discorrer sobre ela e, ainda menos, a julgá-la, se não quiser que o culpem de leviano. Ora, quanto mais elevada seja a posição que ocupemos na ciência, tanto menos desculpável é que digamos, levemente, de um assunto que desconhecemos.

14. Resumimos o que temos dito nas teorias seguintes:

1. Todos os fenômenos espíritas têm por princípio a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo e suas manifestações.
2. Sustentando-se numa lei da Natureza, esses fenômenos nada têm de *maravilhosos*, nem de *sobrenaturais*, no sentido comum dessas palavras.
3. Muitos fatos são tidos por sobrenaturais, porque não se conhece a causa deles; atribuindo-lhes uma causa, o Espiritismo os recoloca no domínio dos fenômenos naturais.
4. Entre os fatos qualificados de sobrenaturais, há muitos que o Espiritismo demonstra ser impossíveis e os atribui às crenças supersticiosas.
5. Ainda que haja um fundo de verdade em muitas crenças populares, o Espiritismo de modo algum dá sua solidariedade a todas as histórias fantásticas

³ **Antonio Rossini** (1792-1868): célebre compositor italiano – N. D.

⁴ **Rafael Sanzo** (1483-1520): pintor italiano, considerado um dos maiores da História – N. D.

- que a imaginação tem criado.
6. Julgar do Espiritismo pelos fatos que ele não admite é dar prova de ignorância e tirar todo valor à opinião emitida.
 7. A explicação dos fatos que o Espiritismo admite – de suas causas e consequências morais – forma toda uma ciência e toda uma filosofia, que exige estudo sério, perseverante e aprofundado.
 8. O Espiritismo só pode considerar crítico sério aquele que tenha visto tudo, estudado e aprofundado com a paciência e a perseverança de um observador consciente; que saiba do assunto tanto quanto qualquer adepto instruído; que, por conseguinte, tenha extraído seus conhecimentos em algum lugar, mas não nos romances da ciência; aquele a quem não se possa opor *fato algum* que lhe seja desconhecido, nenhum argumento de que já não tenha cogitado e cuja oposição faça, não por mera negação, mas por meio de outros argumentos mais decisivos; finalmente, aquele que possa indicar, para os fatos averiguados, causa mais lógica do que a que o Espiritismo aponta. Tal crítico ainda está por aparecer.

15. Pronunciamos há pouco a palavra *milagre*; uma ligeira observação sobre isso não virá fora de propósito, neste capítulo que trata do maravilhoso.

No seu significado inicial e pela sua etimologia⁵, o termo *milagre* significa coisa *extraordinária, coisa admirável de se ver*. Mas como tantas outras, essa palavra se afastou do seu sentido originário e hoje significa (segundo a Academia) *um ato do poder divino, contrário às leis comuns da Natureza*. Com efeito, seu significado usual e apenas por comparação e por metáfora ela é aplicada às coisas vulgares que nos surpreendem e cuja causa se desconhece. De nenhuma forma entra em nossas cogitações questionar se Deus tem julgado útil, em certas circunstâncias, revogar as leis que Ele próprio estabeleceu; nosso fim é unicamente demonstrar que os fenômenos espíritas, por mais extraordinários que sejam, de maneira alguma derogam essas leis, que não têm nenhum caráter de miraculosos, do mesmo modo que não são maravilhosos ou sobrenaturais.

O milagre não se explica; ao contrário, os fenômenos espíritas se explicam com muita racionalidade. Não são, pois, milagres, mas simples efeitos, cuja razão de ser se encontra nas leis gerais. O milagre apresenta ainda outro caráter, o de ser raro e isolado. Ora, desde que um fato se reproduz, por assim dizer, à vontade e por diversas pessoas, não pode ser um milagre.

Todos os dias a ciência opera milagres aos olhos dos ignorantes. Por isso é que em outros tempos, os que sabiam mais do que o homem comum se passavam por feiticeiros; e, como se entendia, então, que toda ciência sobre-humana vinha do diabo, queimavam-nos. Hoje, que já estamos muito mais civilizados, eles apenas são mandados para os hospícios.

Como dissemos no começo, se um homem realmente morto ressuscitar por intervenção divina, haverá aí verdadeiro milagre, porque isso é contrário às leis da Natureza. No entanto, se tal homem só aparentemente está morto, se ainda há nele um resto de *vitalidade oculta* e a ciência ou uma ação magnética consegue reanimá-

⁵ **Etimologia:** estudo da origem e evolução das palavras – N. D.

lo, para pessoas instruídas isso será um fenômeno natural. Entretanto, aos olhos do ignorante, o fato passará por milagroso, e o autor se verá perseguido a pedradas, ou venerado, conforme o caráter dos indivíduos. Solte um físico, em campo de certa natureza, um papagaio elétrico⁶ e faça, por esse meio, cair um raio sobre uma árvore e o novo Prometeu será tido certamente como senhor de um poder diabólico. E, diga-se de passagem, Prometeu nos parece, muito singularmente, ter sido um precursor de Franklin; mas, Josué, detendo o movimento do Sol, ou, antes, da Terra, esse teria operado verdadeiro milagre, porque não conhecemos magnetizador algum dotado de tão grande poder, para realizar tal prodígio.

De todos os fenômenos espíritas, um dos mais extraordinários é, incontestavelmente, o da escrita direta e um dos que demonstram de modo mais evidente a ação das inteligências ocultas. Mas, da circunstância desse fenômeno ser produzido por seres ocultos, não se segue que seja mais miraculoso do que qualquer dos outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos, que povoam os espaços, são uma das potências da Natureza, potências cuja ação é incessante, assim sobre o mundo material, como sobre o mundo moral.

Esclarecendo-nos com relação a essa potência, o Espiritismo nos dá a explicação de uma imensidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio e que, por falta de toda explicação, passaram por prodígios, nos tempos antigos. Do mesmo modo que o magnetismo, ele nos revela uma lei, se não desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, mais acertadamente, de uma lei que se desconhecia, embora se lhe conhecessem os efeitos, visto que estes sempre se produziram em todos os tempos, tendo a ignorância da lei gerado a superstição. Conhecida ela, desaparece o maravilhoso e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que, fazendo que uma mesa se mova, ou que os mortos escrevam, os espíritas não operam maior milagre do que opera o médico que restitui à vida um moribundo, ou o físico que faz cair o raio. Aquele que pretendesse, por meio desta ciência, *realizar milagres*, seria ou ignorante do assunto, ou embusteiro⁷.

16. Os fenômenos espíritas, assim como os fenômenos magnéticos – antes que se conhecesse sua causa – tiveram que se passar por prodígios. Ora, como os cépticos⁸, os espíritos fortes, isto é, os que gozam do privilégio exclusivo da razão e do bom-senso, não admitem que uma coisa seja possível, desde que não a compreendam, fazem alvo de suas zombarias todos os fatos considerados prodigiosos. Pois que a religião conta grande número de fatos desse gênero, não creem na religião e daí à incredulidade absoluta o passo é curto. Explicando a maior parte desses fatos, o Espiritismo lhes dá uma razão de ser.

Logo, o Espiritismo vem em auxílio da religião, demonstrando a possibilidade de muitos que, por perderem o caráter de miraculosos, contudo, não deixam de ser extraordinários, e Deus não fica sendo menor, nem menos poderoso, por não haver anulado suas leis. De quantas piadas não foi alvo o fato de São Cupertino se erguer nos ares! Ora, a suspensão etérea dos corpos físicos é um fenômeno que a lei espírita explica. Fomos dele *pessoalmente testemunha ocular*, e

⁶ **Papagaio elétrico:** pipa (brinquedo) – N. D.

⁷ **Embusteiro:** enganador, trapaceiro, ladrão, malandro – N. D.

⁸ **Cépticos** (ou **céticos**): aquele que duvida; descrente – N. D.

o Sr. Home, assim como outras pessoas de nosso conhecimento, repetiram muitas vezes o fenômeno produzido por São Cupertino. Logo, este fenômeno pertence à ordem das coisas naturais.⁹

17. Entre os fenômenos deste gênero, devem figurar na primeira linha as aparições, porque são as mais frequentes. A de Salette, sobre a qual divergem as opiniões no seio do próprio clero, nada tem para nós de rara. Certamente não podemos afirmar que o fato se deu, porque não temos prova material disso; mas, consideramos possível, visto que conhecemos milhares de outros casos semelhantes recentemente ocorridos. Damos-lhes crédito não só porque verificamos sua realidade, como, sobretudo, porque sabemos perfeitamente de que maneira se produzem. Quem se recorrer à teoria das aparições (que adiante tratamos) reconhecerá que este fenômeno se mostra tão simples e plausível, como um sem-número de fenômenos físicos, que só parecem prodigiosos por falta de uma chave que permita explicá-los.

Quanto à personagem que se apresentou na Salette, é outra questão. Sua identidade não nos foi absolutamente demonstrada. Apenas reconhecemos que pode ter havido uma aparição; quanto ao mais, escapa à nossa competência. A esse respeito, cada um está no direito de manter suas convicções, nada tendo o Espiritismo que ver com isso. Dizemos somente que os fatos que o Espiritismo produz nos revelam leis novas e nos dão a explicação de um mundo de coisas que pareciam sobrenaturais. Desde que alguns dos que passavam por miraculosos encontram explicação lógica, este é motivo bastante para que ninguém se apresse a negar o que não compreende.

Algumas pessoas contestam os fenômenos espíritos precisamente porque tais fenômenos lhes parecem estar fora da lei comum e porque não conseguem achar neles qualquer explicação. Deem a eles uma base racional e a dúvida desaparecerá. Neste século em que ninguém se contenta com palavras, a explicação constitui poderoso motivo de convicção. Daí vemos, todos os dias, as pessoas, que não testemunharam nenhum fato, que não observaram uma mesa agitar-se, ou um médium escrever, se tornarem tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam. Se houvéssemos de somente acreditar no que vemos com os nossos olhos a bem pouco se reduziriam as nossas convicções.

⁹ Kardec menciona aqui o fenômeno de levitação registrado na biografia de **São José de Cupertino** e de outros médiuns, como o escocês **Daniel Dunglas Home** (1833-1886), considerado o médium de maiores efeitos em seu tempo - N. D.

CAPÍTULO III

DO MÉTODO

18. É muito natural e louvável o desejo em todos os adeptos, que nunca será demais animar, de fazer adeptos. Visando facilitar-lhes essa tarefa, aqui nos propomos examinar o caminho que nos parece mais seguro para se atingir esse objetivo, a fim de lhes pouparmos esforços inúteis.

Dissemos que o Espiritismo é toda uma ciência, toda uma filosofia. Então, quem seriamente queira conhecê-lo deve, como primeira condição, dispor-se a um estudo sério e convencer-se de que ele não pode ser aprendido brincando – como nenhuma outra ciência. Também já dissemos que o Espiritismo se entende com todas as questões que interessam a Humanidade; tem imenso campo, e o que principalmente convém é encará-lo pelas suas consequências.

Sem dúvida, a crença nos Espíritos forma-lhe a base, mas essa crença não basta para fazer de alguém um espírito esclarecido, como a crença em Deus não é suficiente para fazer que qualquer um seja um teólogo. Vejamos então, de que maneira será melhor se ministre o ensino da Doutrina Espírita, para levar com mais segurança à convicção.

Não se espantem os adeptos com esta palavra “ensino”. Ela não constitui unicamente o que é dado do púlpito¹⁰ ou da tribuna. Há também o da simples conversação. Todo aquele que procura persuadir a outro ensina, seja pelo processo das explicações, seja pelo das experiências. O que desejamos é que seu esforço produza frutos e é por isto que julgamos de nosso dever dar alguns conselhos, de que os que queiram instruir-se por si mesmos poderão também aproveitar. Uns e outros, seguindo-os, acharão meio de chegar com mais segurança e presteza ao fim visado.

19. É crença geral que para convencer basta apresentar os fatos. Com efeito, esse parece ser o caminho mais lógico. Entretanto, mostra a experiência que nem sempre é o melhor, pois que a cada passo se encontram pessoas que não se convenceram nem com os fatos mais evidentes. A que se deve atribuir isso? É o que vamos tentar demonstrar.

No Espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consecutiva; não é o ponto de partida. Este é precisamente o erro em que caem muitos adeptos e que muitas vezes os leva a insucesso com certas pessoas. Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é a existência da alma. Ora, como pode o materialista admitir que, fora do mundo material, vivam seres, estando

¹⁰ **Púlpito:** lugar alto e de destaque de onde fala o orador ou pregador; tribuna – N. D.

crente de que em si próprio tudo é matéria? Como pode crer que, exteriormente à sua pessoa, há Espíritos, quando não acredita ter um dentro de si? Será inútil acumular-lhe diante dos olhos as provas mais palpáveis. Ele contestará todas, porque não admite o princípio.

Todo ensino metódico tem que partir do conhecido para o desconhecido. Ora, para o materialista, o conhecido é a matéria: pois então, comecem da matéria e tratem, antes de tudo, fazendo que ele a observe, de convencê-lo de que há nele alguma coisa que escapa às leis da matéria. Numa palavra, *cuidem de torná-lo ESPIRITUALISTA antes que o tornem ESPÍRITA*. Mas, para tal objetivo, muito outra é a ordem de fatos a que se há de recorrer, muito especial o ensino cabível e que, por isso mesmo, precisa ser dado por outros processos. Falar-lhe dos Espíritos, antes que esteja convencido de ter uma alma, é começar por onde se deve acabar, porque não será possível ele aceitar a conclusão, sem que admita os argumentos. Assim, antes de tentarmos convencer um incrédulo, mesmo por meio dos fatos, devemos nos certificar de sua opinião relativamente à alma, isto é, cumpre que verifiquemos se ele crê na existência da alma, na sua sobrevivência ao corpo, na sua individualidade após a morte. Se a resposta for negativa, falar-lhe dos Espíritos seria perder tempo. Eis aí a regra. Não dizemos que não haja exceções. Neste caso, porém, haverá provavelmente outra causa que o torna menos inacessível.

20. Entre os materialistas, importa distinguir duas classes: colocamos na primeira os que são assim por sistema. Nesses, não há a dúvida, há a negação absoluta, raciocinada a seu modo. O homem, para eles, é simples máquina, que funciona enquanto está montada, que se desarranja e de que, após a morte, só resta a carcaça. Felizmente, são em número restrito e não formam escola abertamente confessada. Não precisamos insistir nos deploráveis efeitos que para a ordem social resultariam da vulgarização de semelhante doutrina. Já nos estendemos bastante sobre esse assunto em **O LIVRO DOS ESPÍRITOS** (nº 147 e § III da “Conclusão”).

Quando dissemos que a dúvida nos incrédulos acaba diante de uma explicação racional, excetuamos os materialistas extremados, os que negam a existência de qualquer força e de qualquer princípio inteligente fora da matéria. A maioria deles teima por orgulho na opinião que professa, entendendo que o amor-próprio lhes impõe persistir nela. E persistem, apesar de todas as provas em contrario, porque não querem ficar de baixo. Com tal gente, nada há que fazer; ninguém mesmo se deve deixar iludir pelo falso tom de sinceridade dos que dizem: *“façam que eu veja e acreditarei”*. Outros são mais francos e dizem sem reboço: *“ainda que eu visse, não acreditaria”*.

21. A segunda classe de materialistas – muito mais numerosa do que a primeira, porque o verdadeiro materialismo é um sentimento antinatural – é dos que são assim por indiferença, *por falta de coisa melhor*, pode-se dizer. Não o são deliberadamente e o que mais desejam é crer, pois a incerteza é um tormento para eles. Há neles uma vaga aspiração pelo futuro; mas esse futuro lhes foi apresentado com cores tais, que a razão deles se recusa a aceitá-lo. Daí a dúvida e, como consequência da dúvida, a descrença. Portanto, esta não constitui neles um sistema.

Assim sendo, se lhes apresentarem alguma coisa racional, eles a aceitam

logo. Esses nos podem compreender, visto estarem mais perto de nós do que certamente eles próprios julgam.

Aos primeiros não falem de revelação, nem de anjos, nem do paraíso: não os compreenderiam. Mas coloquem-se no terreno em que eles se encontram e provem-lhes primeiramente que as leis da Fisiologia são impotentes para tudo explicar; o resto virá depois.

De outra maneira se passam as coisas, quando a incredulidade não é preconcebida, porque então a crença não é de todo nula; há uma semente oculta, abafado pelas ervas más, e que um impulso pode reavivar. É o cego a quem se restitui a vista e que se alegra por tornar a ver a luz; é o naufrago a quem se lança uma tábua de salvação.

22. Ao lado da classe dos materialistas propriamente ditos, há uma terceira: de incrédulos que, embora espiritualistas, pelo menos de nome, são tão teimosos quanto aqueles. Referimo-nos aos *descrentes de má vontade*. A esses, muito aborreceria terem que crer, porque isso lhes perturbaria a tranquilidade nos prazeres materiais. Temem deparar com a condenação de suas ambições, de seu egoísmo e das vaidades humanas com que se deliciam. Fecham os olhos para não ver e tapam os ouvidos para não ouvir. Tudo o que se pode fazer por eles é lamentar.

23. Apenas por não deixar de mencioná-la, falaremos de uma quarta categoria, a que chamaremos *incrédulos por interesse* ou *de má-fé*. Os que são dessa classe sabem muito bem o que devem pensar do Espiritismo, mas ostensivamente o condenam por motivos de interesse pessoal. Não há o que dizer deles, como não há com eles o que fazer.

O puro materialista tem para o seu engano a desculpa da boa-fé; possível será desenganá-lo, provando-se a ele o erro em que comete. No outro, há uma determinação assentada, contra a qual todos os argumentos irão chocar-se em vão. O tempo se encarregará de lhe abrir os olhos e de lhe mostrar, talvez à custa própria, onde estavam seus verdadeiros interesses, pois, não podendo impedir que a verdade se expanda, ele será arrastado pela torrente, bem como os interesses que julgava salvar.

24. Além dessas diversas categorias de opositores, muitos há de uma infinidade de razões, entre os quais se podem incluir: *os incrédulos por fraqueza*, que terão coragem, quando virem que os outros não se queimam; *os incrédulos por escrúpulos religiosos*, aos quais um estudo esclarecido ensinará que o Espiritismo repousa sobre as bases fundamentais da religião e respeita todas as crenças; que um de seus efeitos é incutir sentimentos religiosos nos que os não possuem, fortalecê-los nos que os tenham vacilantes. Depois, vêm os *incrédulos por orgulho, por espírito de contradição, por negligência, por leviandade, etc.*, etc.

25. Não podemos omitir uma categoria a que chamaremos *incrédulos por decepções*. Abrange os que passaram de uma confiança exagerada ao ateísmo, porque sofreram desenganos. Então, desanimados, tudo abandonaram, tudo rejeitaram. Estão no caso de um que negasse a boa-fé, por haver sido ludibriado.

Ainda aí o que há é o resultado de incompleto estudo do Espiritismo e de falta de experiência. Aquele a quem os Espíritos mistificam, geralmente é mistificado por lhes perguntar o que eles não devem ou não podem dizer, ou porque não se acha bastante instruído sobre o assunto, para distinguir da impostura a verdade.

Além disso, muitos só veem no Espiritismo um novo meio de adivinhação e imaginam que os Espíritos existem para predizer a sorte de cada um. Ora, os Espíritos levianos e zombeteiros não perdem ocasião de se divertirem à custa dos que pensam desse modo. É assim que anunciarão maridos às moças; ao ambicioso prometerão honras, heranças, tesouros ocultos, etc. Daí, muitas vezes, desagradáveis decepções, das quais, entretanto, o homem sério e prudente sempre sabe se preservar.

26. Uma classe muito numerosa – a mais numerosa mesmo de todas –, mas que não poderia ser incluída entre as dos opositores, é a *dos incertos*. São, em geral, espiritualistas por princípio. Na maioria deles, há uma vaga intuição das ideias espíritas, uma aspiração de qualquer coisa que não podem definir. Não lhes falta aos pensamentos senão serem coordenados e formulados. O Espiritismo lhes é como que um traço de luz: a claridade que dissipa o nevoeiro. Por isso mesmo o acolhem rapidamente porque ele os livra das angústias da incerteza.

27. Se daí projetarmos o olhar sobre as diversas categorias de *crentes*, depararemos primeiro com os que *são espíritas sem saberem*. Propriamente falando, estes constituem uma variedade, ou um tipo da classe precedente. Sem jamais terem ouvido tratar da Doutrina Espírita, possuem o sentimento inato dos grandes princípios que dela decorrem e esse sentimento se reflete em algumas passagens de seus escritos e de seus discursos, a ponto de suporem, os que os ouvem, que eles são completamente iniciados. Numerosos exemplos de tal fato se encontram nos escritores profanos e sagrados, nos poetas, oradores, moralistas e filósofos, antigos e modernos.

28. Entre os que se convenceram por um estudo direto, podem destacar-se:

1. Os que creem pura e simplesmente nas manifestações. Para eles, o Espiritismo é apenas uma ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos. Chamaremos a eles de *espíritas experimentadores*.
2. Os que veem no Espiritismo mais do que fatos; compreendem-lhe a parte filosófica; admiram a moral daí decorrente, mas não a praticam. Insignificante ou nula é a influência que lhes exerce nos caracteres. Em nada alteram seus hábitos e não se privariam de um só gozo que fosse. O avaro continua a ser avaro, o orgulhoso se conserva cheio de si, o invejoso e o cioso sempre se mantém hostis. Consideram a caridade cristã apenas uma bela máxima. São os *espíritas imperfeitos*.
3. Os que não se contentam em admirar a moral espírita, que a praticam e lhe aceitam todas as consequências. Convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, tratam de aproveitar os seus breves instantes para avançar pela

senda do progresso, única que os pode elevar na hierarquia do mundo dos Espíritos, esforçando-se por fazer o bem e eliminar seus maus pendores. As relações com eles sempre oferecem segurança, porque a convicção que nutrem os preserva de pensarem praticar o mal. A caridade é, em tudo, a regra de proceder a que obedecem. São os *verdadeiros espíritas*, ou melhor, os *espíritas cristãos*.

4. Finalmente, há os *espíritas exaltados*. A espécie humana seria perfeita, se sempre tomasse o lado bom das coisas. Em tudo, o exagero é prejudicial. Em Espiritismo, inspira confiança bastante cega e frequentemente infantil em relação ao mundo invisível, e leva a aceitar-se, com extrema facilidade e sem verificação, aquilo cujo absurdo ou impossibilidade a reflexão e o exame demonstrariam. Porém, o entusiasmo não reflete, deslumbra. Esta espécie de adeptos é mais prejudicial do que útil à causa do Espiritismo. São os menos aptos para convencer a quem quer que seja, porque todos, com razão, desconfiam dos julgamentos deles. Assim, por causa de sua crença fácil, são iludidos por Espíritos mistificadores, como por homens que procuram explorar-lhes a fé. Meio-mal apenas haveria, se só eles tivessem que sofrer as consequências. O pior é que, sem o quererem, dão armas aos incrédulos, que antes buscam ocasião de zombar, do que se convencerem e que não deixam de imputar a todos o ridículo de alguns. Sem dúvida que isto não é justo, nem racional; mas, como se sabe, os adversários do Espiritismo só consideram de bom quilate a razão de que desfrutam, e conhecer a fundo aquilo sobre o que pensam é o que menos cuidado lhes dá.

29. Os meios de convencer variam extremamente, conforme os indivíduos. O que convence a uns nada produz em outros; este se convenceu observando algumas manifestações materiais, aquele por efeito de comunicações inteligentes, o maior número pelo raciocínio. Podemos até dizer que, para a maioria dos que se não preparam pelo raciocínio, os fenômenos materiais quase nenhum peso têm. Quanto mais extraordinários são esses fenômenos, quanto mais se afastam das leis conhecidas, maior oposição encontram e isto por uma razão muito simples: é que todos somos levados naturalmente a duvidar de uma coisa que não tem aprovação racional. Cada um a considera do seu ponto de vista e a explica a seu modo: o materialista a atribui a uma causa puramente física ou à fraude; o ignorante e o supersticioso a uma causa diabólica ou sobrenatural, ao passo que uma explicação prévia produz o efeito de destruir as ideias preconcebidas e de mostrar, senão a realidade, pelo menos a possibilidade da coisa, que, assim, é compreendida antes de ser vista. Ora, desde que se reconhece a possibilidade de um fato, três quartos da convicção estão conseguidos.

30. Será conveniente que se procure convencer a um descrente teimoso? Já dissemos que isso depende das causas e do tipo de sua descrença. Muitas vezes, a insistência em querer persuadi-lo o leva a crer em sua importância pessoal, o que, a seu ver, é razão para ainda mais teimar. Com relação ao que se não convenceu pelo raciocínio, nem pelos fatos, a conclusão a tirar-se é que ainda lhe cumpre sofrer a prova da incredulidade. Deve-se deixar à Providência o encargo de lhe preparar circunstâncias

mais favoráveis. Não faltam os que esperam pelo recebimento da luz, para que se esteja a perder tempo com os que a rejeitam.

Portanto, dirijam-se aos de boa vontade, cujo número é maior do que se pensa, e o exemplo de suas conversões, multiplicando-se, mais do que simples palavras, vencerá as resistências. O verdadeiro espírita jamais deixará de fazer o bem; sua missão é: aliviar corações aflitos; consolar, acalmar desesperos, operar reformas morais. É nisso também que encontrará satisfação real. O Espiritismo anda no ar; difunde-se pela força mesma das coisas, porque torna felizes os que o professam. Quando o ouvirem repercutir em tomo de si mesmos, entre seus próprios amigos, os que o combatem por teimosia compreenderão o isolamento em que se acham e serão forçados a se calar ou a se render.

31. No ensino do Espiritismo, para se proceder como se procederia com relação ao das ciências comuns, seria preciso revisar toda a série dos fenômenos que possam se produzir, começando pelos mais simples, para chegar sucessivamente aos mais complexos. Ora, não é possível fazer um curso de Espiritismo experimental, como se faz um curso de Física ou de Química. Nas ciências naturais, opera-se sobre a matéria bruta, que se manipula à vontade, tendo-se quase sempre a certeza de poderem regular-se os efeitos. No Espiritismo, temos que lidar com inteligências que gozam de liberdade e que a cada instante nos provam que não estão submetidas aos nossos caprichos. Logo, devemos observar, aguardar os resultados e colhê-los à passagem. Daí porque declaramos abertamente que *quem quer que se gabe de obtê-los à vontade não pode deixar de ser ignorante ou impostor*. Daí vem que o *verdadeiro Espiritismo* jamais se dará em espetáculo, nem subirá ao tablado das feiras.

Há mesmo qualquer coisa de ilógico em se supor que Espíritos venham se exhibir e se submeter a investigações, como objetos de curiosidade. Portanto, pode ocorrer que os fenômenos não se deem quando mais se deseja, ou que se apresentem numa ordem muito diversa da que se quereria. Acrescentemos mais que, para serem obtidos, precisa se faz a intervenção de pessoas dotadas de faculdades especiais e que estas faculdades variam ao infinito, de acordo com as aptidões dos indivíduos. Ora, sendo extremamente raro que a mesma pessoa tenha todas as aptidões, isso constitui uma nova dificuldade, porque seria necessário ter sempre à mão uma coleção completa de médiuns, o que absolutamente não é possível.

Aliás, o meio muito simples de se prevenir deste inconveniente, consiste em se começar pela teoria. Aí todos os fenômenos são apreciados, explicados, de modo que o estudante vem a conhecê-los, a lhes compreender a possibilidade, a saber em que condições podem produzir-se e quais os obstáculos que podem encontrar. Então, qualquer que seja a ordem em que se apresentem, nada os surpreenderá. Este caminho ainda oferece outra vantagem: a de poupar uma imensidade de decepções àquele que queira operar por si mesmo. Precavido contra as dificuldades, ele saberá manter-se em guarda e evitar a conjuntura de adquirir a experiência à sua própria custa.

Para nós, seria difícil dizer quantas as pessoas que, desde quando começamos a nos ocupar com o Espiritismo, tem vindo ter conosco e quantas delas vimos que se conservaram indiferentes ou incrédulas diante dos fatos mais positivos

e só posteriormente se convenceram, mediante uma explicação racional; quantas outras que se predispueram à convicção, pelo raciocínio; quantas, enfim, que se persuadiram, sem nada nunca terem visto, unicamente porque haviam compreendido. Falamos, pois, por experiência e, assim, também, é por experiência que dizemos consistir o melhor método de ensino espírita em se dirigir, aquele que ensina, antes à razão do que aos olhos. Esse o método que seguimos em as nossas lições e pelo qual somente temos que nos felicitar.¹¹

32. Ainda outra vantagem apresenta o estudo prévio da teoria – a de mostrar imediatamente a grandeza do objetivo e o alcance desta ciência. Aquele que começa por ver uma mesa a girar ou a bater, se sente mais inclinado ao divertimento, porque dificilmente imaginará que de uma mesa possa sair uma doutrina regeneradora da humanidade. Temos notado sempre que os que creem antes de haver visto, apenas porque leram e compreenderam, longe de se conservarem superficiais, são, ao contrário, os que mais refletem. Dando maior atenção ao fundo do que à forma, veem na parte filosófica o principal, considerando como acessório os fenômenos propriamente ditos. Declaram então que, mesmo quando estes fenômenos não existissem, ainda ficava uma filosofia que só ela resolve problemas até hoje insolúveis; que só ela apresenta a teoria mais racional do passado do homem e do seu futuro. Ora, como é natural, eles preferem uma doutrina que explica, às que não explicam ou explicam mal.

Quem quer que reflita compreende perfeitamente bem que se poderia obter das manifestações, sem que a Doutrina deixasse de subsistir. As manifestações a confirmam, porém, não lhe constituem a base essencial. O observador criterioso não as repele; ao contrário, aguarda circunstâncias favoráveis, que lhe permitam testemunhá-las. A prova do que avançamos é que grande número de pessoas, antes de ouvirem falar das manifestações, tinham a intuição desta Doutrina, que não fez mais do que lhes dar corpo, conexão às ideias.

33. Além do mais, não seria exato dizer que os que começam pela teoria se privam do objeto das observações práticas. Pelo contrário, além de os fenômenos não lhe faltarem, as manifestações de que eles dispõem ainda têm mesmo maior peso aos seus olhos, do que os que pudessem vir a operar-se em sua presença. Referimo-nos aos abundantes fatos de *manifestações espontâneas*, de que falaremos nos capítulos seguintes. Raros serão os que delas não tenham conhecimento, quando nada, por ouvir dizer. Outros conhecem algumas, consigo mesmo ocorridas, mas a que não prestaram quase nenhuma atenção. A teoria lhes vem dar a explicação. E afirmamos que esses fatos têm grande peso, quando se apoiam em testemunhos irrecusáveis, porque não se pode supô-los devidos a arranjos, nem a conviências. Mesmo que não tivesse provocados os fenômenos, nem por isso deixaria de haver os espontâneos e já seria muito que ao Espiritismo coubesse apenas lhes oferecer uma solução racional. Assim, os que leem previamente remetem suas recordações a esses fatos, que se apresentam a eles como uma confirmação da teoria.

¹¹ O nosso ensino teórico e prático é sempre gratuito.

34. Quanto à nossa maneira de ver, se equivocaria estranhamente quem supusesse que aconselhamos o desprezo dos fatos. Pelos fatos foi que chegamos à teoria. É certo que para isso tivemos de nos consagrar a assíduo trabalho durante muitos anos e de fazer milhares de observações. Mas, por que os fatos nos serviram e servem todos os dias, seríamos inconseqüentes conosco mesmo se lhes contestássemos a importância, sobretudo quando compomos um livro para torná-los conhecidos de todos. Dizemos apenas que, sem o raciocínio, eles não bastam para determinar a convicção; que uma explicação prévia, pondo fim às prevenções e mostrando que os fatos em nada são contrários à razão, *dispõe* o indivíduo a aceitá-los.

Isto é tão verdade que, em dez pessoas completamente novatas no assunto, que assistam a uma sessão de experimentação, ainda que das mais satisfatórias na opinião dos adeptos, nove sairão sem estar convencidas e algumas mais incrédulas do que antes, por as experiências não terem correspondido ao que esperavam. O inverso se dará com as que puderem compreender os fatos, mediante antecipado conhecimento teórico. Para estas pessoas, a teoria é um meio de verificação, sem que coisa alguma as surpreenda, nem mesmo o insucesso, porque sabem em que condições os fenômenos se produzem e que não se lhes deve pedir o que não podem dar. Assim, a inteligência prévia dos fatos não só as coloca em condições de se aperceberem de todas as anormalidades, mas também de apreenderem um sem-número de particularidades, de matizes, às vezes muito delicados, que escapam ao observador ignorante. Tais os motivos que nos forcem a não admitir, em nossas sessões experimentais, senão quem possua suficientes noções preparatórias, para compreender o que ali se faz, persuadido de que os que fossem lá, carentes dessas noções, perderiam o seu tempo, ou nos fariam perder o nosso.

35. Aos que quiserem adquirir essas noções preliminares, pela leitura das nossas obras, aconselhamos que leiam nesta ordem:

1. **O QUE É O ESPIRITISMO?:** Esta brochura, de uma centena de páginas somente, contém breve exposição dos princípios da Doutrina Espírita, um apanhado geral desta, permitindo ao leitor compreender-lhe o conjunto dentro de um quadro restrito. Em poucas palavras ele lhe percebe o objetivo e pode julgar do seu alcance. Além disso, aí se encontram respostas às principais questões ou objeções que os novatos se sentem naturalmente propensos a fazer. Esta primeira leitura, que muito pouco tempo consome, é uma introdução que facilita um estudo mais aprofundado.
2. **O LIVRO DOS ESPÍRITOS:** Contém a doutrina completa, como a ditaram os próprios Espíritos, com toda a sua filosofia e todas as suas conseqüências morais. É a revelação do destino do homem, a iniciação no conhecimento da natureza dos Espíritos e nos mistérios da vida de além-túmulo. Quem o lê compreende que o Espiritismo objetiva um fim sério, que não é mero passatempo.
3. **O LIVRO DOS MÉDIUNS:** Destina-se a guiar os que queiram entregar-se à prática das manifestações, dando-lhes conhecimento dos meios próprios para se comunicarem com os Espíritos. É um guia, tanto para os médiuns, como para os evocadores e o complemento de **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**.

4. **REVISTA ESPÍRITA (REVUE SPIRITE):** Variada coletânea de fatos, de explicações teóricas e de trechos isolados, que completam o que se encontra nas duas obras precedentes, formando-lhes, de certo modo, a aplicação. Sua leitura pode fazer-se simultaneamente com a daquelas obras, porém, mais proveitosa será, e, sobretudo, mais compreensível, se for feita depois de **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**.¹²

Os que desejem conhecer tudo de uma ciência devem necessariamente ler tudo o que se ache escrito sobre a matéria, ou, pelo menos, o principal, não se limitando a um único autor. Devem mesmo ler o pró e o contra, as críticas como as justificações, inteirar-se dos diferentes sistemas, a fim de poderem julgar por comparação.

Por esse lado, não aconselhado, nem criticamos obra alguma, visto não querermos influenciar de nenhum modo a opinião que dela se possa formar. Trazendo nossa pedra ao edifício, colocamo-nos nas fileiras. Não nos cabe ser juiz e parte e não alimentamos a ridícula pretensão de ser o único distribuidor da luz. Toca ao leitor separar o bom do mau, o verdadeiro do falso.

¹² De Kardec são ainda as obras: **O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO; O CÉU E O INFERNO; A GÊNESE e OBRAS PÓSTUMAS** – Nota da Editora FEB.

CAPÍTULO IV

DOS SISTEMAS

36. Quando começaram a se produzir os estranhos fenômenos do Espiritismo, ou, dizendo melhor, quando esses fenômenos se renovaram nestes últimos tempos, o primeiro sentimento que despertaram foi o da dúvida quanto à realidade deles e, mais ainda, quanto à causa de sua origem. Uma vez certificados, por testemunhos irrecusáveis e pelas experiências que todos puderam fazer, sucedeu que cada um os interpretou a seu modo, de acordo com suas ideias pessoais, suas crenças, ou suas prevenções. Daí, muitas versões, a que uma observação mais atenta viria dar o justo valor.

Os adversários do Espiritismo julgaram encontrar um argumento nessa divergência de opiniões, dizendo que os próprios espíritas não se entendiam entre si. A pobreza de semelhante razão prontamente se evidencia, desde que se reflita que os passos de qualquer ciência nascente são necessariamente incertos, até que o tempo tenha permitido se colecionem e coordenem os fatos sobre que possa firmar-se a opinião.

À medida que os fatos se completam e vão sendo mais bem observados, as ideias prematuras se apagam e a unidade se estabelece, pelo menos com relação aos pontos fundamentais, senão a todos os detalhes. Foi o que se deu com o Espiritismo, que não podia fugir à lei comum e tinha mesmo, por sua natureza, que se prestar, mais do que qualquer outro assunto, à diversidade das interpretações. Pode-se, aliás, dizer que, a este respeito, ele andou mais depressa do que outras ciências mais antigas, do que a medicina, por exemplo, que ainda traz divididos os maiores sábios.

37. Seguindo uma ordem metódica, para acompanhar a marcha progressiva das ideias, convém colocar na primeira linha dos conceitos os que se podem classificar como *sistemas de negação*, isto é, os dos adversários do Espiritismo. Já lhes respondemos as contradições, na introdução e na conclusão de **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, assim como no volumezinho que intitulamos: **O QUE É O ESPIRITISMO**. Seria supérfluo insistir nisso aqui. Limitaremos a lembrar, em duas palavras, os motivos em que eles se fundam.

De duas espécies são os fenômenos espíritas: efeitos físicos e efeitos inteligentes. Não admitindo a existência dos Espíritos – por não admitirem coisa alguma fora da matéria –, concebe-se que neguem os efeitos inteligentes. Quanto aos efeitos físicos, eles os comentam do ponto de vista em que se colocam e seus argumentos se podem resumir nos quatro sistemas seguintes:

38. Sistema do charlatanismo – Entre os opositores do Espiritismo, muitos atribuem aqueles efeitos à falcatrua, pela razão de que alguns puderam ser imitados. Segundo tal suposição, todos os espíritas seriam indivíduos tapeados e todos os médiuns seriam enganadores, de nada valendo a posição, o caráter, o saber e a honradez das pessoas. Se isto merecesse resposta, diríamos que alguns fenômenos da Física também são imitados pelos ilusionistas, o que nada prova contra a verdadeira ciência. Demais, há pessoas cujo caráter afasta toda suspeita de fraude e é preciso não saber absolutamente viver e carecer de toda urbanidade, para que alguém ouse vir dizer-lhe na face que são cúmplices de charlatanismo.

Num salão muito respeitável, um senhor, que se dizia bem-educado, tendo-se permitido fazer uma reflexão dessa natureza, ouviu da dona da casa o seguinte: “Senhor, pois que não estais satisfeito, na saída será restituído pelo que pagou.” E com um gesto, lhe indicou o que de melhor tinha a fazer. Deveremos por isso afirmar que nunca houve abuso? Para crê-lo, seria preciso admitir que os homens são perfeitos. De tudo se abusa, até das coisas mais santas. Por que não abusariam do Espiritismo? Porém, o mau uso que de uma coisa se faça não autoriza que ela seja prejudgada desfavoravelmente. Para chegar-se à verificação, que se pode obter, da boa-fé com que as pessoas fazem, deve-se atender aos motivos que lhes determinam o procedimento. O charlatanismo não tem cabimento onde não há vantagem.

39. Sistema da loucura – Alguns, por condescendência, concordam em pôr de lado a suspeita de fraude. Pretendem então que os que não iludem são iludidos, o que equivale a qualificá-los de imbecis. Quando os incrédulos se abstêm de usar de rodeios, declaram pura e simplesmente que os que creem são loucos, atribuindo-se a si mesmos, desse modo e sem cerimônias, o privilégio do bom-senso. Esse é o argumento formidável dos que nenhuma razão plausível encontram para apresentar.

Afinal, semelhante maneira de atacar se tornou ridícula, tal a sua banalidade, e não merece que se perca tempo em respondê-la. Acrescentamos que os espíritas não se alteram com isso; tomam corajosamente o seu partido e se consolam, lembrando-se de que têm por companheiros de infortúnio muitas pessoas de mérito incontestável.

Efetivamente, forçoso será concordar em que essa loucura – se loucura existe – apresenta uma característica muito singular: a de atingir de preferência a classe instruída, que até ao presente, é a imensa maioria dos adeptos do Espiritismo. Se entre estes algumas maluquices se manifestam, elas nada provam contra a Doutrina, do mesmo modo que os loucos religiosos nada provam contra a religião, nem os loucos melômanos¹³ contra a música, ou os loucos matemáticos contra a matemática. Todas as ideias sempre tiveram fanáticos exagerados e é preciso se seja dotado de muito obtuso juízo, para confundir a exageração de uma coisa com a coisa mesma.

Para mais amplas explicações a este respeito, recomendamos ao leitor a nossa brochura: **O QUE É O ESPIRITISMO** e **O LIVRO DOS ESPÍRITOS** (Introdução, § 15).

¹³ **Melômano**: aquele que tem atração exagerada por música; musicomaníaco – N. D.

40. Sistema da alucinação – Outra opinião – menos ofensiva, por trazer um ligeiro colorido científico – consiste em levar os fenômenos à conta de ilusão dos sentidos. Assim, o observador estaria de muita boa vontade; apenas, julgaria ver o que não vê. Quando diz que viu uma mesa levantar-se e se manter no ar, sem ponto de apoio, a verdade é que a mesa não se mexeu. Ele a viu no ar, por efeito de uma espécie de miragem, ou por uma refração, qual a que nos faz ver, na água, um astro, ou um objeto qualquer, fora da sua posição real. Isto, a rigor, seria possível; mas, os que já testemunharam fenômenos espíritos puderam se certificar do isolamento da mesa suspensa, passando por debaixo dela, o que parece difícil de se conseguir, caso o móvel não tivesse se despregado do solo. Por outro lado, muitas vezes tem ocorrido quebrar-se a mesa ao cair. Será que também aí nada mais haja do que simples efeito de ótica?

Sem dúvida que uma causa fisiológica bem conhecida pode fazer que uma pessoa julgue ver em movimento um objeto que não se moveu, ou que suponha estar ela própria a mover-se, quando permanece imóvel. Mas, quando, rodeando uma mesa, muitas pessoas a veem arrastada por um movimento tão rápido que difícil se torna acompanhá-la, ou que mesmo deita algumas delas ao chão, poderá se dizer que todas se acham tomadas de vertigem, como o bêbedo, que acredita estar vendo a casa em que mora passar-lhe por diante dos olhos?

41. Sistema do músculo estalante – Sendo assim, no caso da visão, de outro modo não poderia ser pelo que diz respeito à audição. Quando as pancadas são ouvidas por todas as pessoas reunidas em determinado lugar, não há como atribuí-las razoavelmente a uma ilusão. Está claro: colocamos de lado toda ideia de fraude e supomos que uma atenta observação tenha verificado as pancadas não podem ser atribuídas a qualquer causa fortuita ou material.

É certo que um sábio médico deu a esse fenômeno uma explicação categórica, ao seu parecer¹⁴. “A causa – disse ele – reside nas contrações voluntárias, ou involuntárias, do tendão do músculo curto-perônio”. A este propósito, desce às mais completas minúcias anatômicas, para demonstrar por que mecanismo pode esse tendão produzir os ruidos de que se trata, imitar os rufos do tambor e, até, executar árias ritmadas. Conclui daí que os que julgam ouvir pancadas numa mesa são vítimas de uma mistificação, ou de uma ilusão.

O fato em si mesmo não é novo. Infelizmente para o autor dessa pretendida descoberta, sua teoria é incapaz de explicar todos os casos. Antes de tudo, digamos que os que gozam da estranha faculdade de fazer que o seu músculo curto-perônio, ou qualquer outro, estale à vontade, da de executar árias por esse meio, são indivíduos excepcionais, enquanto que muito comum é a de fazer que uma mesa dê pancadas e que nem todos possuem a primeira, dado que algum exista, dos que gozam desta última faculdade.

Em segundo lugar, o sábio doutor esqueceu-se de explicar como o estalido muscular de uma pessoa imóvel e afastada da mesa pode produzir neste objeto

¹⁴ Foi o Sr. Jobert (de Lamballe). Para sermos justos, devemos dizer que a descoberta é devida ao Sr. Schiff. O Sr. Jobert lhe deduziu as consequências perante a Academia de Medicina, pretendendo dar assim o golpe de morte nos Espíritos batedores. Na REVISTA ESPÍRITA, do mês de junho de 1859, encontrar-se-ão todos os pormenores da explicação do Sr. Jobert.

vibrações sensíveis a quem a toque; como pode esse ruído repercutir, à vontade dos assistentes, nas diferentes partes da mesa, nos outros móveis, nas paredes, no forro, etc.; finalmente, como a ação daquele músculo pode atingir uma mesa em que ninguém toca e fazê-la se mover. Em suma, a explicação a que nos referimos, se de fato o fosse, apenas invalidaria o fenômeno das pancadas, nada adiantando com relação a qualquer dos outros muitos modos de comunicação.

Então, vamos reconhecer que ele julgou sem ter visto, ou sem ter observado tudo e observado bem. É sempre de lamentar que homens de ciência se apressem a falar do que não conhecem, explicações que os fatos podem desmentir. O próprio saber que possuem deverá torná-los tanto mais sérios em seus juízos, quanto é certo que esse saber afasta deles os limites do desconhecido.

42. Sistema das causas físicas – Aqui, estamos fora do sistema da negação absoluta. Averiguada a realidade dos fenômenos, a primeira ideia que naturalmente acudiu ao espírito dos que os verificaram foi a de atribuir os movimentos ao magnetismo, à eletricidade, ou à ação de um fluido qualquer; numa palavra, a uma causa inteiramente física e material. Nada apresentava de irracional esta opinião e teria prevalecido, se o fenômeno houvera ficado restrito a efeitos puramente mecânicos. Uma circunstância parecia mesmo confirmá-la: a do aumento que experimentava a força atuante, em certos casos, na razão direta do número das pessoas presentes. Assim, cada uma destas podia ser considerada como um dos elementos de uma pilha elétrica humana. Já dissemos que o que caracteriza uma teoria verdadeira é poder dar a razão de tudo. Porém, se um só fato que seja a contradiz, é que ela é falsa, incompleta, ou por demais absoluta. Ora, foi o que não tardou a reconhecer-se, quanto a esta.

Os movimentos e as pancadas deram sinais inteligentes, obedecendo à vontade e respondendo ao pensamento. Tinham de vir de uma causa inteligente. Desde que o efeito deixava de ser puramente físico, outra, por isso mesmo, tinha que ser a causa. Tanto assim, que o sistema da ação *exclusiva* de um agente material foi abandonado, para só ser aceito ainda pelos que julgam apressados, sem haver visto coisa alguma. Portanto, o ponto capital está em verificar a ação inteligente, de cuja realidade se pode convencer quem quiser ter o trabalho de observar.

43. Sistema do reflexo – Reconhecida a ação inteligente, restava saber donde vinha essa inteligência. Julgou-se que bem podia ser a do médium, ou a dos assistentes, a se refletirem, como a luz ou os raios sonoros. Era possível: só a experiência poderia dizer a última palavra. Mas, antes de tudo, notemos que este sistema já se afasta por completo da ideia puramente materialista. Para que a inteligência dos assistentes pudesse reproduzir-se por via indireta, era preciso que se admitisse existir no homem um princípio exterior do organismo.

Se o pensamento externado era sempre o dos assistentes, a teoria da reflexão estaria confirmada. Mas, embora reduzido a estas proporções, já não seria do mais alto interesse o fenômeno? Já não seria coisa bastante notável o pensamento a repercutir num objeto inerte e a se traduzir pelo movimento e pelo ruído? Já não haveria aí o que excitasse a curiosidade dos sábios? Por que então a desprezaram eles, que se afadigam na pesquisa de uma fibra nervosa?

Só a experiência podia confirmar ou condenar essa teoria, e a experiência a condenou, pois demonstra a todos os momentos, e com os mais positivos fatos, que o pensamento expresso, não somente pode ser estranho ao dos assistentes, mas que muitas vezes lhes é contrário; que contradiz todas as ideias preconcebidas e frustra todas as previsões. Com efeito, difícil me é acreditar que a resposta venha de mim mesmo, quando, a pensar no branco, se me fala em preto.

Em apoio da teoria que apreciamos, costumam invocar certos casos em que são idênticos o pensamento manifestado e o dos assistentes. Mas, que prova isso, senão que estes podem pensar como a inteligência que se comunica? Não há por que pretender-se que as duas opiniões devam ser sempre opostas. Quando, no curso de uma conversação, o seu interlocutor emite um pensamento semelhante ao que está na sua mente, dirá por isso que de si mesmos vem o pensamento dele? Bastam alguns exemplos em contrário, bem comprovados, para que fique comprovado não ser absoluta esta teoria.

Pela reflexão do pensamento, como explicar as escritas feitas por pessoas que não sabem escrever; as respostas do mais alto alcance filosófico, obtidas por indivíduos iletrados; as respostas dadas a perguntas mentais, ou em idioma que o médium desconhece e mil outros fatos que não permitem dúvida sobre a independência da inteligência que se manifesta? A opinião oposta não pode deixar de resultar de falta de observação.

Pela natureza das respostas, como está moralmente provada a presença de uma inteligência diferente da do médium e da dos assistentes, também está provada materialmente, pelo fato da escrita direta, isto é, da escrita obtida espontaneamente, sem lápis, nem pena, sem contato e apesar de todas as precauções tomadas contra qualquer subterfúgio. O caráter inteligente do fenômeno não pode ser posto em dúvida: logo, há nele mais alguma coisa do que uma ação fluídica. Depois, a espontaneidade do pensamento expresso contra toda expectativa e sem que alguma questão tenha sido formulada, não consente se veja nele um reflexo do dos assistentes.

Em alguns casos, o sistema do reflexo é bastante indelicado. Quando, numa reunião de pessoas honestas, surge de repente uma dessas comunicações de revoltante grosseria, seria desatencioso para com os assistentes pretender-se que ela tenha vindo de um deles, sendo provável que cada um se apressaria em repudiá-la (Veja O LIVRO DOS ESPÍRITOS, “Introdução”, § 16).

44. Sistema da alma coletiva – É uma variante do anterior. Segundo este sistema, apenas a alma do médium se manifesta, porém, identificada com a de muitos outros vivos, presentes ou ausentes, e formando um *todo coletivo*, em que se acham reunidas as aptidões, a inteligência e os conhecimentos de cada um. Ainda que se intitule *A Luz*¹⁵, o livro onde esta teoria vem exposta nos parece ser de um estilo muito obscuro. Confessamos não ter conseguido compreendê-la e dela falamos unicamente de memória. Em suma, como tantas outras, é uma opinião individual, que conta poucos seguidores. Pelo nome de *Emah Tirpsé*, o autor chama o ser

¹⁵ Comunhão. A luz do fenômeno do Espírito. Mesas falantes, sonâmbulos, médiuns, milagres. Magnetismo espiritual: poder da prática da fé. Por Emah Tirpsé, uma alma coletiva que escreve por intermédio de uma prancheta. Bruxelas, 1858, casa Devroye.

coletivo criado pela sua imaginação. Por epígrafe¹⁶, tomou a seguinte sentença: “Nada há oculto que não deva ser conhecido”. Esta afirmação é evidentemente falsa, porque há uma imensidade de coisas que o homem não pode e não tem que saber. Bem presunçoso seria aquele que pretendesse devassar todos os segredos de Deus.

45. Sistema sonambúlico – Mais adeptos teve este, que ainda conta alguns. Como o anterior, admite que todas as comunicações inteligentes vêm da alma ou Espírito do médium. Mas, para explicar o fato de o médium tratar de assuntos que estão fora do âmbito de seus conhecimentos, em vez de supor a existência, nele, de uma alma múltipla, atribui essa aptidão a uma sobrexcitação momentânea de suas faculdades mentais, a uma espécie de estado sonambúlico, ou extático, que lhe exalta e desenvolve a inteligência. Em certos casos, não há como negar a influência desta causa. Porém, a quem tenha observado como opera a maioria dos médiuns, essa observação basta para lhe tornar evidente que aquela causa não explica todos os fatos, que ela é exceção e não regra.

Poderíamos acreditar que fosse assim, se o médium tivesse sempre ar de inspirado ou de extático, aspecto que, aliás, lhe seria fácil aparentar perfeitamente, se quisesse representar uma comédia. Entretanto, como se há de crer na inspiração, quando o médium escreve como uma máquina, sem ter a mínima consciência do que está obtendo, sem a menor emoção, sem se ocupar com o que faz, distraído, rindo e conversando de uma coisa e de outra? Concebe-se a sobrexcitação das ideias, mas não se compreende possa fazer que uma pessoa escreva sem saber escrever e, ainda menos, quando as comunicações são transmitidas por pancadas, ou com o auxílio de uma prancheta, de uma cesta.

No curso desta obra, teremos ocasião de mostrar a parte que se deve atribuir à influência das ideias do médium¹⁷. Todavia, são tão numerosos e evidentes os fatos em que a inteligência estranha se revela por meio de sinais incontestáveis, que não pode haver dúvida a respeito. O erro da maior parte dos sistemas, que surgiram nos primeiros tempos do Espiritismo, está em haverem deduzido conclusões gerais de fatos isolados.

46. Sistema pessimista, diabólico ou demoníaco – Entramos aqui numa outra ordem de ideias. Comprovada a intervenção de uma inteligência estranha, tratava-se de saber de que natureza era essa inteligência. Sem dúvida que o meio mais simples consistia em lhe perguntar isso. Algumas pessoas, contudo, entenderam que esse processo não oferecia garantias bastantes e assentaram de ver em todas as manifestações, unicamente, uma obra diabólica. Segundo essas pessoas, só o diabo, ou os demônios, podem se comunicar. Embora este sistema encontre hoje fraca repercussão, é inegável que por algum tempo gozou de certo crédito, devido mesmo ao caráter dos que tentaram fazer que ele prevalecesse. No entanto, faremos notar que os defensores do sistema demoníaco não devem ser classificados entre os adversários do Espiritismo: ao contrário. Sejam demônios ou anjos, os seres que se comunicam são sempre seres incorpóreos. Ora, admitir a manifestação dos demônios

¹⁶ **Epígrafe:** título, frase ou poema que se coloca na capa ou no início de um livro para resumir ou dar uma ideia de todo o conteúdo – N. D.

¹⁷ Chama-se **Animismo** o fenômeno manifestado pelo Espírito do próprio médium em transe – N. D.

é admitir a possibilidade da comunicação do mundo visível com o mundo invisível, ou, pelo menos, com uma parte deste último.

Compreende-se que a crença na comunicação exclusiva dos demônios – por muito irracional que seja – não tivesse parecido impossível, quando se consideravam os Espíritos como seres criados fora da humanidade. Mas, desde que se sabe que os Espíritos são simplesmente as almas dos que viveram, ela perdeu todo o seu prestígio e pode-se dizer que toda a verossimilhança, porque admitida, o que se seguiria é que todas essas almas eram demônios, embora fossem as de um pai, de um filho, ou de um amigo e que nós mesmos, morrendo, nos tornaríamos demônios, doutrina pouco lisonjeira e nada consoladora para muita gente. Será bem difícil persuadir a uma mãe de que o filho querido, que ela perdeu e que dar depois da morte lhe vem provas de sua afeição e de sua identidade, é um suposto satanás. Sem dúvida, entre os Espíritos, há os muito maus e que não valem mais do que os chamados *demônios*, por uma razão bem simples: a de que há homens muito maus que, pelo fato de morrerem, não se tornam bons. A questão está em saber se só eles podem se comunicar conosco. Aos que assim pensem, dirigimos as seguintes perguntas:

1. Há ou não Espíritos bons e maus?
2. Deus é ou não mais poderoso do que os maus Espíritos, ou do que os demônios, se assim lhes quiser chamar?
3. Afirmar que só os maus se comunicam é dizer que os bons não o podem fazer. Sendo assim, uma de duas: ou isto se dá pela vontade, ou contra a vontade de Deus. Se contra a Sua vontade, é que os maus Espíritos podem mais do que Ele; se, por vontade Sua, por que, em Sua bondade, Ele não permitiria que os bons fizessem o mesmo, para contrabalançar a influência dos outros?
4. Que provas podem apresentar da impossibilidade de os bons Espíritos se comunicarem?
5. Quando a sabedoria de certas comunicações se opõe a vocês, respondem que o demônio usa de todas as máscaras para melhor seduzir. De fato, sabemos que há Espíritos hipócritas, que dão à sua linguagem um falso tom de sabedoria; mas, admitem que a ignorância pode falsificar o verdadeiro saber e uma natureza má imitar a verdadeira virtude, sem deixar vestígio que denuncie a fraude?
6. Se só o demônio se comunica, sendo ele o inimigo de Deus e dos homens, por que recomenda que se ore a Deus, que nos coloquemos à vontade de Deus, que suportemos sem queixas as tribulações da vida, que não ambicionemos as honras, nem as riquezas, que pratiquemos a caridade e todas as máximas do Cristo, numa palavra: que façamos tudo o que é preciso para lhe destruir o império, dele, demônio? Se tais conselhos o demônio é quem dá, será forçoso concordar que, por muito manhoso que seja, ele é bastante inábil ao fornecer armas contra si mesmo.¹⁸

¹⁸ Esta questão foi tratada em **O LIVRO DOS ESPÍRITOS** (números 128 e seguintes); mas, com relação a este assunto, como acerca de tudo o que respeita à parte religiosa, recomendamos a brochura intitulada: **CARTA DE UM CATÓLICO SOBRE O ESPIRITISMO**, do Dr. Grand, ex-cônsul da França (à venda na Livraria Ledoyen, in-18; preço 1 franco), bem como a que vamos publicar sob o título: **OS CONTRADITORES DO ESPIRITISMO**, do ponto de vista da religião, da ciência e do materialismo.

7. Se os Espíritos se comunicam, é que Deus o permite. Em presença das boas e das más comunicações, não será mais lógico admitir que Deus permite umas para nos experimentar e as outras para nos aconselhar ao bem?
8. Que dirão de um pai que deixasse o filho à mercê dos exemplos e dos conselhos perniciosos, e que o afastasse de si; que o privasse do contato com as pessoas que o pudessem desviar do mal? Será lícito supormos que Deus procede como um bom pai não procederia, e que, sendo Ele a bondade por excelência, faça menos do que um homem faria?
9. A Igreja reconhece como autênticas certas manifestações da Virgem e de outros santos, em aparições, visões, comunicações orais, etc. Essa crença não está em contradição com a doutrina da comunicação exclusiva dos demônios?

Acreditamos que algumas pessoas tenham professado de boa-fé essa teoria; mas, também cremos que muitas a adotaram unicamente com o fim de fazer que outras fugissem de se ocupar com tais coisas, pelo temor das comunicações más, a cujo recebimento todos estão sujeitos. Dizendo que só o diabo se manifesta, quiseram aterrorizar, quase como se faz com uma criança a quem se diz: “não toques nisto, porque queima”. A intenção pode ter sido louvável; porém, o objetivo falhou, pois só proibição basta para excitar a curiosidade e bem poucos são aqueles a quem o medo do diabo inibe a iniciativa. Todos querem vê-lo, pelo menos para saber como é feito e muito espantados ficam por não o acharem tão feio como o imaginavam.

E não se poderia achar também outro motivo para essa teoria exclusiva do diabo? Há pessoas que acham que todos estão em erro quando não pensam como elas. Ora, os que dizem que todas as comunicações vêm do demônio não serão induzidos a isso pelo receio de que os Espíritos não estejam de acordo com eles sobre todos os pontos, mais ainda sobre os que se referem aos interesses deste mundo, do que sobre os que pertencem aos do outro? Não podendo negar os fatos, quiseram apresentá-los sob forma apavorante. Esse meio, entretanto, não produziu melhor resultado do que os outros. Onde o temor do ridículo se mostre impotente, forçoso é se deixem passar as coisas.

O muçulmano, que ouvisse um Espírito falar contra certas leis do Alcorão, certamente acreditaria tratar-se de um mau Espírito. O mesmo se daria com um judeu, pelo que toca a certas práticas da lei de Moisés. Quanto aos católicos, de um ouvimos que o Espírito que se comunica não podia deixar de ser o *diabo*, porque se permitira a liberdade de pensar de modo diverso do dele, acerca do poder temporal, se bem que, em suma, o Espírito não houvesse pregado senão a caridade, a tolerância, o amor do próximo e a abnegação das coisas deste mundo, preceitos todos ensinados pelo Cristo.

Não sendo os Espíritos mais do que as almas dos homens e não sendo estes perfeitos, o que se segue é que há Espíritos igualmente imperfeitos, cujos caracteres se refletem nas suas comunicações. É fato incontestável que entre eles há maus, astuciosos e profundamente hipócritas, contra os quais preciso se faz que estejamos em guarda. Mas, porque se encontram no mundo homens perversos, é isto motivo para nos afastarmos de toda a sociedade? Deus nos concedeu a razão e o

discernimento para apreciarmos, tanto os Espíritos, como os homens. O melhor meio de se obviar aos inconvenientes da prática do Espiritismo não consiste em proibi-la, mas em fazê-lo compreendido. Um receio imaginário apenas por um instante impressiona e não atinge a todos. A realidade claramente demonstrada, todos a compreendem.

47. Sistema otimista – Ao lado dos que veem nestes fenômenos unicamente a ação do demônio, estão outros que somente viram a dos bons Espíritos. Pensaram que a alma, estando liberta da matéria, nenhum véu mais lhe encobre coisa alguma, devendo ela, portanto, possuir a ciência e a sabedoria supremas. A confiança cega, nessa superioridade absoluta dos seres do mundo invisível, tem sido para muitos, a causa de muitas decepções. Esses aprenderão à sua custa a desconfiar de certos Espíritos, como de certos homens.

48. Sistema unispírita, ou monoespírita – Como variedade do sistema otimista, temos o que se baseia na crença de que um único Espírito se comunica com os homens, sendo esse Espírito o *Cristo*, que é o protetor da Terra. Diante das comunicações da mais baixa trivialidade, de revoltante grosseria, cheias de malevolência e de maldade, haveria profanação e impiedade em supor-se que pudessem emanar do Espírito do bem por excelência. Se os que assim creem nunca tivessem obtido senão comunicações inatacáveis, ainda se lhes conceberia a ilusão. A maioria deles, porém, concordam em que têm recebido algumas muito ruins, o que explicam dizendo ser uma prova a que o bom Espírito os sujeita, com o lhes ditar coisas absurdas. Assim, enquanto uns atribuem todas as comunicações ao diabo, que pode dizer coisas excelentes para tentar, pensam outros que só Jesus se manifesta e que pode dizer coisas detestáveis, para experimentar os homens. Entre estas duas opiniões tão opostas, quem sentenciará? O bom-senso e a experiência. Dizemos: a experiência, por ser impossível que os que professam ideias tão exclusivas tudo tenham visto e visto bem.

Quando lhes contestamos com os fatos de identidade, que confirmam, por meio de manifestações escritas, visuais, ou outras, a presença de parentes ou conhecidos dos circunstantes, respondem que é sempre o mesmo Espírito, o diabo, segundo aqueles, o Cristo, segundo estes, que toma todas as formas. Porém, não nos dizem por que motivo os outros Espíritos não se podem comunicar, com que fim o Espírito da Verdade nos viria enganar, apresentando-se sob falsas aparências, iludir uma pobre mãe, fazendo-lhe crer que tem ao seu lado o filho por quem derrama lágrimas. A razão se nega a admitir que o Espírito santo, entre todos, desça a representar semelhante comédia. Demais, negar a possibilidade de qualquer outra comunicação não importa em subtrair ao Espiritismo o que este tem de mais suave: a consolação dos aflitos? Digamos, pura e simplesmente, que tal sistema é irracional e não suporta exame sério.

49. Sistema multispírita ou polispírita — Todos os sistemas a que temos passado revista, sem excetuar os que se orientam no sentido de negar, fundam-se em algumas observações, porém, incompletas ou mal interpretadas. Se uma casa for vermelha de um lado e branca do outro, aquele que a houver visto apenas por um lado afirmará

que ela é branca, outro declarará que é vermelha. Ambos estarão em erro e terão razão. No entanto, aquele que a tenha visto dos dois lados dirá que a casa é branca e vermelha e só ele estará com a verdade. O mesmo acontece com a opinião que se forme do Espiritismo: pode ser verdadeira, a certos respeito, e falsa, caso se generalize o que é parcial, case se tome como regra o que é exceção, como o todo o que é apenas a parte. Por isso dizemos que quem deseje estudar esta ciência deve observar muito e durante muito tempo. Só o tempo lhe permitirá apreender os pormenores, notar os detalhes delicados, observar uma imensidade de fatos característicos, que lhe serão outros tantos raios de luz. Porém, se nos prendermos na superfície, estaremos expostos a formular juízo prematuro e errado.

Eis aqui as consequências gerais deduzidas de uma observação completa e que agora formam a crença, pode-se dizer, da universalidade dos espíritos, visto que os sistemas restritivos não passam de opiniões insuladas:

1. Os fenômenos espíritos são produzidos por inteligências extracorporal, às quais também se dá o nome de Espíritos;
2. Os Espíritos formam o mundo invisível; estão em toda parte; povoam infinitamente os espaços; temos muitos, de contínuo, em torno de nós, com os quais nos achamos em contato;
3. Os Espíritos reagem sem parar sobre o mundo físico e sobre o mundo moral e são uma das forças da Natureza;
4. Os Espíritos não são seres à parte da criação, mas sim as almas dos que viveram na Terra ou em outros mundos, e que despiram o invólucro corporal; donde se conclui que as almas dos homens são Espíritos encarnados e que nós, morrendo, nos tornamos Espíritos;
5. Há Espíritos de todos os graus de bondade e de malícia, de saber e de ignorância;
6. Todos estão submetidos à lei do progresso e podem todos chegar à perfeição; mas, como têm livre-arbítrio, chegam lá em tempo mais ou menos longo, conforme seus esforços e vontade;
7. São felizes ou infelizes, de acordo com o bem ou o mal que praticaram durante a vida e com o grau de adiantamento que alcançaram. A felicidade perfeita e sem mescla é partilha unicamente dos Espíritos que atingiram o grau supremo da perfeição;
8. Todos os Espíritos, em dadas circunstâncias, podem manifestar-se aos homens; indefinido é o número dos que podem se comunicar;
9. Os Espíritos se comunicam por médiuns, que lhes servem de instrumentos e intérpretes;
10. Reconhecem-se a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos pela linguagem de que usam; os bons só aconselham o bem e só dizem coisas proveitosas; tudo neles confirma sua elevação; os maus enganam e todas as suas palavras trazem o cunho da imperfeição e da ignorância. Os diferentes graus por que passam os Espíritos se acham indicados na *Escala Espírita* (**O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, parte II, capítulo I, nº 100). O estudo dessa classificação é indispensável para se apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam, assim como suas boas e más qualidades.

50. Sistema da alma material – Consiste apenas numa opinião particular sobre a natureza íntima da alma. Segundo esta opinião, a alma e o perispírito não seriam distintos uma do outro, ou, melhor, o perispírito seria a própria alma, a se depurar gradualmente por meio de transmigrações diversas, como o álcool se depura por meio de diversas destilações, ao passo que a Doutrina Espírita considera o perispírito simplesmente como o corpo fluídico da alma, ou do Espírito. O perispírito sendo matéria – se bem que muito etérea –, a alma seria de uma natureza material mais ou menos essencial, de acordo com o grau da sua purificação.

Esta teoria não infirma qualquer dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita, pois que nada altera com relação ao destino da alma; as condições de sua felicidade futura são as mesmas; formando a alma e o perispírito um todo, sob a denominação de Espírito, como o gérmen e o perisperma o formam sob a de fruto, toda a questão se reduz a considerar homogêneo o todo, em vez de considerá-lo formado de duas partes distintas.

Como se vê, isto não leva a consequência alguma e de tal opinião não teríamos falado se não soubéssemos de pessoas inclinadas a ver uma nova escola no que não é, em definitivo, mais do que simples interpretação de palavras. Semelhante opinião – restrita, aliás –, mesmo que se achasse mais generalizada, não seria uma divergência entre os espíritas, do mesmo modo que as duas teorias da emissão e das ondulações da luz não significam uma cisão entre os físicos. Os que se decidissem a formar grupo à parte, por uma questão assim infantil, só com isso, provariam que dão mais importância ao acessório do que ao principal e que se acham empenhados à desunião por Espíritos que não podem ser bons, visto que os bons Espíritos jamais incentivam a discórdia, nem a intriga. Daí porque chamamos todos os verdadeiros espíritas a se manterem em guarda contra tais sugestões e a não darem a certos pormenores mais importância do que merecem. O essencial é o fundo.

Entretanto, nos julgamos na obrigação de dizer algumas palavras acerca dos fundamentos em que repousa a opinião dos que consideram separadas a alma e o perispírito: ela se baseia no ensino dos Espíritos, que nunca divergiam a esse respeito. Referimo-nos aos esclarecidos, porque entre os Espíritos em geral, há muitos que não sabem mais do que sabem mesmo menos que os homens, ao passo que a teoria contrária é de concepção humana. Não inventamos, nem imaginamos o perispírito, para explicar os fenômenos. Sua existência nos foi revelada pelos Espíritos e a experiência nos confirmou (**O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, nº 93). Apoia-se também no estudo das sensações dos Espíritos (**O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, nº 257) e, sobretudo, no fenômeno das aparições tangíveis, fenômeno que de conformidade com a opinião que estamos apreciando, implicaria a solidificação e a desagregação das partes constitutivas da alma e, portanto, a sua desorganização.

Além disso, seria preciso admitir que esta matéria, que pode ser percebida pelos nossos sentidos, é, ela própria, o princípio inteligente, o que não nos parece mais racional do que confundir o corpo com a alma, ou a roupa com o corpo. Quanto à natureza íntima da alma, essa nós desconhecemos. Quando se diz que a alma é *imaterial*, deve-se entendê-lo em sentido relativo, não em sentido absoluto, por isso que a imaterialidade absoluta seria o nada. Ora, a alma, ou o Espírito, são alguma coisa. Qualificando-a de imaterial, quer-se dizer que sua essência é de tal modo superior, que nenhuma semelhança tem com o que chamamos matéria e que, assim,

para nós, ela é imaterial. (O LIVRO DOS ESPÍRITOS, n° 23 e 82).

51. Eis aqui a resposta que um Espírito deu sobre este assunto:

*“O que uns chamam **perispírito** não é senão o que outros chamam envoltório material fluídico. De modo mais lógico, direi para me fazer compreendido, que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da vista e das ideias. Falo aqui dos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres ainda lhes são de todo inerentes; logo, como podem ver, são matéria. Daí os sofrimentos da fome, do frio, etc., sofrimentos que os Espíritos superiores não podem experimentar, visto que os fluidos terrestres se acham purificados em torno do pensamento, isto é, da alma. Para progredir, a alma necessita sempre de um agente; sem agente, ela nada é para vocês, ou, melhor, não a podem entender. O perispírito, para nós Espíritos errantes, é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco, quer indiretamente, pelo seu corpo ou pelo seu perispírito, quer diretamente, pela sua alma; donde, infinitas modalidades de médiuns e de comunicações.*

“Agora o ponto de vista científico, ou seja: a essência mesma do perispírito – isso é outra questão. Compreendam primeiro moralmente. Resta apenas uma discussão sobre a natureza dos fluidos, coisa por ora inexplicável. A ciência ainda não sabe bastante, porém chegará lá, se quiser caminhar com o Espiritismo. O perispírito pode variar e mudar ao infinito. A alma é o pensamento: não muda de natureza. Não vão mais longe, por este lado; trata-se de um ponto que não pode ser explicado. Pensam que eu também não questiono, como vocês? Vocês pesquisam o perispírito; nós agora pesquisamos a alma. Então, esperem”.

Lamennais

Assim, se Espíritos, que podemos considerar adiantados, ainda não conseguiram sondar a natureza da alma, como poderíamos nós conseguir? Portanto, é perder tempo querer buscar o princípio das coisas que, como foi dito em **O LIVRO DOS ESPÍRITOS** (n° 17 e 49), está nos segredos de Deus. Pretender pesquisar com o auxílio do Espiritismo o que escapa à alçada da humanidade é desviá-lo do seu verdadeiro objetivo, é fazer como a criança que quisesse saber tanto quanto o velho. Que o homem aplique o Espiritismo para se aperfeiçoar moralmente – eis o essencial. O mais não passa de curiosidade inútil e muitas vezes orgulhosa, cuja satisfação não o faria adiantar um passo. O único meio de nos adiantarmos consiste em nos tornarmos melhores. Os Espíritos que ditaram o livro que lhes traz o nome demonstraram a sua sabedoria, mantendo-se, pelo que concerne ao princípio das coisas, dentro dos limites que Deus não permite sejam ultrapassados e deixando aos Espíritos sistemáticos e presunçosos a responsabilidade das teorias prematuras e errôneas, mais sedutoras do que sólidas, e que um dia virão a cair, diante da razão, como tantas outras surgidas dos cérebros humanos. Eles, ao justo, só disseram o que era preciso para que o homem compreendesse o futuro que o aguarda e para, por essa maneira, animá-lo à prática do bem (Veja aqui, adiante, na 2ª parte, o cap. 1º: *Da ação dos Espíritos sobre a matéria*).

SEGUNDA PARTE

**DAS MANIFESTAÇÕES
ESPÍRITAS**

CAPÍTULO I

DA AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

52. Posta de lado a opinião materialista – porque está desmentida pela razão e pelos fatos –, tudo se resume em saber se depois da morte a alma pode se manifestar aos vivos. Reduzida assim à sua expressão mais singela, a questão fica extraordinariamente desembaraçada. Antes de tudo, caberia perguntar por que não poderiam seres inteligentes – que de certo modo vivem no nosso meio, se bem que invisíveis por natureza – atestar-nos de qualquer forma sua presença. A simples razão diz que nisto nada há absolutamente de impossível, o que já é alguma coisa. Além do mais, esta crença tem a seu favor a aceitação de todos os povos, pois nos deparamos com ela em toda parte e em todas as épocas. Ora, nenhuma intuição pode mostrar-se tão generalizada, nem sobreviver ao tempo, se não tiver algum fundamento. Acresce que se acha sancionada pelo testemunho dos livros sagrados e pelo dos Pais da Igreja, tendo sido preciso o cepticismo e o materialismo do nosso século para que fosse lançada ao nível das ideias supersticiosas. Se estamos em erro, aquelas autoridades também estão.

Mas, isso não passa de considerações de ordem moral. Especialmente uma causa tem contribuído para fortalecer a dúvida, numa época tão positiva como a nossa, em que toda gente faz questão de se inteirar de tudo, em que se quer saber o porquê e o como de todas as coisas. Essa causa é a ignorância da natureza dos Espíritos e dos meios pelos quais se podem manifestar. Adquirindo o conhecimento daquela natureza e destes meios, as manifestações nada mais apresentam de espantosas e entram no cômputo dos fatos naturais.

53. A ideia que geralmente se faz dos Espíritos à primeira vista torna incompreensível o fenômeno das manifestações. Como estas não podem acontecer senão o Espírito exercendo ação sobre a matéria, os que julgam que a ideia de Espírito implica a de ausência completa de tudo o que seja matéria perguntam, com certa aparência de razão, como pode ele agir materialmente. Ora, aí o erro, pois que o Espírito não é uma abstração, é um ser definido, limitado e localizado. O Espírito encarnado no corpo é a alma. Quando deixa o corpo físico, por ocasião da morte, não sai dele despido de todo o envoltório. Todos nos dizem que conservam a forma humana e, com efeito, quando nos aparecem, trazem as que lhes conhecíamos.

Observemos atentamente, no instante em que acabem de deixar a vida;

acham-se em estado de perturbação; tudo se apresenta confuso para eles; veem o corpo que tiveram perfeito ou mutilado, conforme o gênero da morte, por outro lado se reconhecem e sentem vivos; alguma coisa lhes diz que aquele corpo lhes pertence e não compreendem como podem estar separados dele. Continuam a ver-se sob a forma que tinham antes de morrer e esta visão produz em alguns uma estranha ilusão durante certo tempo: a de se acharem ainda vivos. Falta-lhes a experiência do novo estado em que se encontram, para se convencerem da realidade. Passado esse primeiro momento de perturbação, o corpo se lhes torna uma veste imprestável de que se desprenderam e de que não guardam saudades. Sentem-se mais leves e como que aliviados de um fardo. Não mais experimentam as dores físicas e se consideram felizes por poderem se elevar, transpor o espaço, como tantas vezes o fizeram em sonho, quando vivos¹⁹. Entretanto, malgrado à falta do corpo, comprovam suas personalidades; têm uma forma, mas que os não importuna nem os embaraça; têm, finalmente, a consciência de seu *eu* e de sua individualidade. Que devemos concluir daí? Que a alma não deixa tudo no túmulo, que leva consigo alguma coisa.

54. Numerosas observações e fatos irrecusáveis, de que mais tarde falaremos, levaram à consequência de que há no homem três componentes: 1º, a alma, ou Espírito, princípio inteligente, onde tem sua sede o senso moral; 2º, o corpo, invólucro grosseiro, material, de que ele se revestiu temporariamente, em cumprimento de certos desígnios providenciais; 3º, o perispírito, envoltório fluídico, semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo.

A morte é a destruição, ou, antes, a desagregação do envoltório grosseiro, do invólucro que a alma abandona. O outro se desliga deste e acompanha a alma que, assim, fica sempre com um envoltório. Este último, ainda que fluídico, etéreo, vaporoso, invisível, para nós, em seu estado normal, não deixa de ser matéria, embora até ao presente não tenhamos podido assenhorear-nos dela e submetê-la à análise.

Esse segundo invólucro da alma, ou *perispírito*, existe, pois, durante a vida corpórea; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe e pelo qual transmite sua vontade ao exterior e atua sobre os órgãos do corpo. Para nos servirmos de uma comparação material, diremos que é o fio elétrico condutor, que serve para a recepção e a transmissão do pensamento; é, em suma, esse agente misterioso, imperceptível, conhecido pelo nome de fluido nervoso, que desempenha tão grande papel na economia orgânica e que ainda não se leva muito em conta nos fenômenos fisiológicos e patológicos.

Tomando em consideração apenas o elemento material ponderável, a Medicina, na apreciação dos fatos, se priva de uma causa incessante de ação. Não cabe, aqui, porém, o exame desta questão. Somente faremos notar que no conhecimento do perispírito está a chave de inúmeros problemas até hoje insolúveis.

O perispírito não constitui uma dessas hipóteses de que a ciência costuma

¹⁹ Quem se quiser voltar a tudo o que dissemos em **O LIVRO DOS ESPÍRITOS** sobre os sonhos e o estado do Espírito durante o sono (nº 400 a 418), conceberá que esses sonhos que quase toda gente tem, em que nos vemos transportados através do espaço e como que voando, são mera recordação do que o nosso Espírito experimentou, quando, durante o sono, deixara momentaneamente o corpo material, levando consigo apenas o corpo fluídico, o que ele conservará depois da morte. Esses sonhos, pois, nos podem dar uma ideia do estado do Espírito, quando se houver desembaraçado dos entraves que o retêm preso ao solo.

valer-se, para a explicação de um fato. Sua existência não foi apenas revelada pelos Espíritos, resulta de observações, como teremos ocasião de demonstrar. Por ora e para não nos anteciparmos, no tocante aos fatos que havemos de relatar, nos limitaremos a dizer que a alma nunca está desligada do seu perispírito, quer durante a sua união com o corpo, quer depois de separar-se deste.

55. Dizem que o Espírito é uma chama, uma centelha. Isto se deve entender com relação ao Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, a que se não poderia atribuir forma determinada. Mas, qualquer que seja o grau em que se encontre, o Espírito está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza se eteriza²⁰, à medida que ele se depura e eleva na hierarquia espiritual. De sorte que, para nós a ideia de forma é inseparável da de Espírito e não concebemos uma sem a outra. Portanto, o perispírito é parte integrante do Espírito, como o corpo é parte do homem. Porém, o perispírito, por si só não é o Espírito, do mesmo modo que só o corpo não constitui o homem, pois o perispírito não pensa. Ele é para o Espírito o que o corpo é para o homem: o agente ou instrumento de sua ação.

56. Ele tem a forma humana e quando nos aparece é geralmente com a que revestia o Espírito na condição de encarnado. Daí se poderia supor que o perispírito, separado de todas as partes do corpo, de certa maneira se modela por este e lhe conserva o tipo; entretanto, não parece que seja assim. Com pequenas diferenças quanto às particularidades e exceção feita das modificações orgânicas exigidas pelo meio em o qual o ser tem que viver, a forma humana se nos depara entre os habitantes de todos os globos. Pelo menos, é o que dizem os Espíritos. Essa é igualmente a forma de todos os Espíritos não encarnados, que só têm o perispírito; a com que, em todos os tempos, se representaram os anjos, ou Espíritos puros. Devemos concluir de tudo isto que a forma humana é a forma tipo de todos os seres humanos, seja qual for o grau de evolução em que se achem. Mas a matéria sutil do perispírito não possui a constância, nem a rigidez da matéria compacta do corpo; se assim nos podemos exprimir, é flexível e expansível, donde resulta que a forma que toma, embora baseada na do corpo, não é absoluta, modelando-se à vontade do Espírito, que lhe pode dar a aparência que entenda, ao passo que o invólucro sólido lhe oferece invencível resistência.

Livre desse obstáculo que o aprisionava, o perispírito se dilata ou contrai, se transforma: numa palavra, presta-se a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que sobre ele atua. Por efeito dessa propriedade do seu envoltório fluídico, é que o Espírito que quer dar-se a conhecer – quando necessário – pode tomar a aparência exata que tinha quando vivo, até mesmo com os acidentes corporais que possam constituir sinais para o reconhecerem.

Portanto, como se vê, os Espíritos são seres semelhantes a nós, formando ao nosso derredor toda uma população invisível no estado normal. Dizemos “no estado normal” porque, conforme veremos, essa invisibilidade nada tem de absoluta.

57. Voltemos à natureza do perispírito, por que isto é essencial para a explicação que

²⁰ **Eterizar-se:** purificar-se. O progresso moral do Espírito refina seu perispírito – N. D.

temos de dar. Dissemos que, embora fluídico, o perispírito não deixa de ser uma espécie de matéria, o que decorre do fato das aparições tangíveis, a que voltaremos. Sob a influência de certos médiuns, tem-se visto aparecerem mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que como estas, denotam calor, podem ser tocadas, oferecem a resistência de um corpo sólido, agarram os circunstantes e de repente desaparecem, iguais sombras. A ação inteligente dessas mãos, que evidentemente obedecem a uma vontade, executando certos movimentos, tocando até melodias num instrumento, prova que elas são parte visível de um ser inteligente invisível. A tangibilidade que revelam, a temperatura, a impressão, em suma, que causam aos sentidos, pois se tem verificado que deixam marcas na pele, que dão pancadas dolorosas, que acariciam delicadamente, provam que são de uma matéria qualquer. Seus desaparecimentos repentinos provam, além disso, que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem alternativamente passar do estado sólido ao estado fluídico e vice-versa.

58. A natureza íntima do Espírito propriamente dito, isto é, do ser pensante, nós a desconhecemos por completo. Apenas pelos seus atos ele se revela e seus atos não podem afetar nossos sentidos, a não ser por um intermediário material. O Espírito precisa de matéria, para atuar sobre a matéria. Tem por instrumento direto de sua ação o perispírito, como o homem tem o corpo. Ora, o perispírito é matéria, conforme acabamos de ver. Depois, o fluido universal – espécie de veículo que atua sobre ele – serve-lhe também de agente intermediário, como nós atuamos sobre o ar, para obter determinados efeitos, por meio da dilatação, da compressão, da propulsão, ou das vibrações.

Considerada deste modo, facilmente se concebe a ação do Espírito sobre a matéria. Compreende-se, desde então, que todos os efeitos que daí resultam cabem na ordem dos fatos naturais e nada têm de maravilhosos. Só pareceram sobrenaturais, porque não conhecíamos sua causa. Conhecida esta, desaparece o maravilhoso e essa causa se inclui toda nas propriedades semimateriais do perispírito. É uma ordem nova de fatos que uma nova lei vem explicar e dos quais, dentro de algum tempo, ninguém mais se admirará como ninguém se admira hoje de se corresponder com outra pessoa por meio da eletricidade, a grande distância e em alguns minutos.

59. Talvez, perguntarão como o Espírito pode, com o auxílio de matéria tão sutil, atuar sobre corpos pesados e compactos, levantar mesas, etc. é certo que semelhante objeção não será formulada por um homem de ciência, visto que, sem falar das propriedades desconhecidas que esse novo agente pode possuir, não temos exemplos parecidos sob nossas vistas? Não é nos gases mais rarefeitos, nos fluidos imponderáveis que a indústria encontra os seus mais possantes motores? Quando vemos o ar abater edifícios, o vapor deslocar enormes massas, a pólvora gaseificada levantar rochedos, a eletricidade lascar árvores e fender paredes, que dificuldades acharemos em admitir que o Espírito, com o auxílio do seu perispírito, possa levantar uma mesa, sobretudo sabendo que esse perispírito pode tornar-se visível, tangível e comportar-se como um corpo sólido?

CAPÍTULO II

DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS - MESAS GIRANTES

60. Dá-se o nome de manifestações físicas às que se traduzem por efeitos sensíveis, tais como ruídos, movimentos e deslocação de corpos sólidos. Uma são espontâneas, isto é, independentes da vontade de quem quer que seja; outras podem ser provocadas. Primeiramente, só falaremos destas últimas.

O efeito mais simples e um dos primeiros que foram observados está no movimento circular empregado a uma mesa. Este efeito igualmente se produz com qualquer outro objeto, mas sendo a mesa o móvel com que, pela sua comodidade, mais se tem procedido a tais experiências, a designação de *mesas girantes* prevaleceu, para indicar esta espécie de fenômenos.

Quando dizemos que este efeito foi um dos que primeiro se observaram, queremos dizer nos últimos tempos, pois não há dúvida de que todos os gêneros de manifestações eram conhecidos desde os tempos mais longínquos. Visto que são efeitos naturais, necessariamente se produziram em todas as épocas. Tertuliano²¹ trata, em termos explícitos, das mesas girantes e falantes.

Durante algum tempo esse fenômeno divertiu a curiosidade dos salões. Depois, aborreceram-se dele e passaram a cultivar outras distrações, pois apenas o consideravam como simples diversão. Duas causas contribuiram para que pusessem de lado as mesas girantes. Em relação aos frívolos, a causa foi a moda, que não lhe permite conservar por dois invernos seguidos o mesmo divertimento, mas que, no entanto, consentiu que em três ou quatro predominasse o de que tratamos – coisa que a tal gente deve ter parecido extraordinária. Quanto às pessoas criteriosas e observadoras, o que as fez desprezar as mesas girantes foi que, tendo visto nascer delas algo de sério, destinado a prevalecer, passaram a ocupar-se com as consequências a que o fenômeno dava lugar, bem mais importantes em seus resultados. Deixaram o alfabeto pela ciência, tal o segredo desse aparente abandono com que tanto ruído fazem os brincalhões.

Como quer que seja, as mesas girantes representarão sempre o ponto de partida da Doutrina Espírita e, por essa razão, algumas explicações lhes devemos, tanto mais que, mostrando os fenômenos na sua maior simplicidade, o estudo das causas que os produzem ficará facilitado e, uma vez firmada, a teoria nos fornecerá a chave para a decifração dos efeitos mais complexos.

²¹ **Tertuliano** (155-222): pensador da antiguidade, nascido em Cartago (África), que muito influenciou a teologia católica – N. D.

61. Para que o fenômeno se produza, é preciso a intervenção de uma ou muitas pessoas dotadas de especial aptidão, que se designam pelo nome de *médiuns*. O número dos cooperadores em nada influi, a não ser que entre eles se encontrem alguns médiuns ignorados. Quanto aos que não têm mediunidade, a presença desses nenhum resultado produz, pode mesmo ser mais prejudicial do que útil pelo tipo do estado em que se achem.

Sob este aspecto, os médiuns gozam de maior ou menor poder, assim, produzindo efeitos mais ou menos pronunciados. Muitas vezes, um poderoso médium produzirá sozinho mais do que vinte outros juntos. Basta-lhe colocar as mãos na mesa para que, no mesmo instante, ela se mova, erga, revire, dê saltos, ou gire com violência.

62. Nenhum indício há pelo qual se reconheça a existência da capacidade mediúnica. Só a experiência pode revelá-la. Numa reunião, quando se quer experimentar, simplesmente todos devem se sentar ao redor da mesa e colocar em cima dela as mãos espalmadas, sem pressão, nem esforço muscular. A princípio, como se ignorassem as causas do fenômeno, recomendavam muitas precauções, que depois se verificou serem absolutamente inúteis. Tal, por exemplo, a alternância dos sexos ou também, o contato entre os dedos mínimos das diferentes pessoas, de modo a formar uma cadeia ininterrupta. Esta última precaução parecia necessária, quando se acreditava na ação de uma espécie de corrente elétrica. Depois, a experiência demonstrou sua inutilidade.

A única recomendação obrigatória é o recolhimento, absoluto silêncio e, sobretudo, a paciência, caso o efeito se faça esperar. Pode acontecer que ele se produza em alguns minutos, como pode tardar meia hora ou uma hora. Isso depende da força mediúnica dos coparticipantes.

63. Acrescentemos que a forma da mesa, a substância de que é feita, a presença de metais, da seda nas roupas dos assistentes, os dias, as horas, a obscuridade, ou a luz etc., são indiferentes como a chuva ou o bom tempo. Apenas o volume da mesa deve ser levado em conta, mas somente no caso em que a força mediúnica seja insuficiente para vencer-lhe a resistência. No caso contrário, uma pessoa só, até uma criança, pode fazer que uma mesa de cem quilos se levante, ao passo que, em condições menos favoráveis, doze pessoas não conseguirão que uma mesinha de centro se mova.

Estando as coisas neste pé, quando o efeito começa a se produzir, geralmente se ouve um pequeno estalido na mesa; sente-se como que um arrepio, que é o princípio do movimento. Tem-se a impressão de que ela se esforça por despregar-se do chão; depois, o movimento de rotação se acentua e acelera ao ponto de adquirir tal rapidez que os assistentes se veem nas maiores dificuldades para acompanhá-lo. Uma vez acentuado o movimento, podem eles afastar-se da mesa, que esta continua a mover-se em todos os sentidos, sem contato.

Outras vezes, ela se agita e ergue, ora num pé, ora noutro, e, em seguida, retoma suavemente a sua posição natural. Doutras, entra a oscilar, imitando o duplo balanço de um navio. Doutras, afinal – mas para isto necessário se faz considerável força mediúnica –, se destaca completamente do solo e se mantém equilibrada no

espaço, sem nenhum ponto de apoio, chegando mesmo, não raro, a elevar-se até o forro da casa, de modo a ser possível passarmos por baixo dela. Depois, desce lentamente, como faria uma folha de papel, ou, senão, cai violentamente e se quebra, o que prova de modo patente que os que presenciam o fenômeno não são vítimas de uma ilusão de ótica.

64. Outro fenômeno que se produz com frequência, de acordo com a natureza do médium, é o das pancadas no próprio tecido da madeira, sem que a mesa faça qualquer movimento. Essas pancadas, às vezes muito fracas, outras vezes muito fortes, se fazem também ouvir nos outros móveis do compartimento, nas paredes e no forro. Dentro em pouco voltaremos a esta questão. Quando as pancadas se dão na mesa, produzem nesta uma vibração muito apreciável por meio dos dedos e que se distingue perfeitamente, aplicando-se-lhe o ouvido.

CAPÍTULO III

DAS MANIFESTAÇÕES INTELIGENTES

65. No que acabamos de ver, nada certamente revela a intervenção de uma força oculta e os efeitos que revistamos poderíamos explicar perfeitamente pela ação de uma corrente magnética, ou elétrica, ou, ainda, pela de um fluido qualquer. Precisamente, essa foi a primeira solução dada a tais fenômenos e que, com razão, podia passar por muito lógica. Sem dúvida, teria prevalecido, se outros fatos não tivessem vindo demonstrá-la insuficiente. Estes fatos são as provas de inteligência que eles deram. Ora, como todo efeito inteligente há de vir de uma causa inteligente, ficou evidenciado que, mesmo admitindo-se em tais casos a intervenção da eletricidade, ou de qualquer outro fluido, outra causa se achava associada a essa. Qual era ela? Qual a inteligência? Foi o que o seguimento das observações mostrou.

66. Para uma manifestação ser inteligente, indispensável não é que seja eloquente, espirituosa, ou sábia; basta que prove ser um ato livre e voluntário, demonstrando uma intenção, ou respondendo a um pensamento. Decerto, quando uma ventoinha se move, toda gente sabe que apenas obedece a uma impulsão mecânica: à do vento; mas, caso se reconhecessem nos seus movimentos sinais de eles serem intencionais, se ela girasse para a direita ou para a esquerda, depressa ou devagar, conforme alguém lhe ordenasse, seria forçoso admitir, não que a ventoinha era inteligente, porém, que obedecia a uma inteligência. Isso o que se deu com a mesa.

67. Vimos a mesa se mover, levantar, dar pancadas, sob a influência de um ou de muitos médiuns. O primeiro efeito inteligente observado foi o de esses movimentos obedecerem a uma determinação. Assim é que, sem mudar de lugar, a mesa se erguia alternativamente sobre o pé que se lhe indicava; depois, caindo, batia um número determinado de pancadas, respondendo a uma pergunta. Doutras vezes, sem o contato de pessoa alguma, passeava sozinha pelo aposento, indo para a direita, ou para a esquerda, para diante, ou para trás, executando movimentos diversos, conforme o ordenavam os assistentes. Está bem visto que pomos de parte qualquer suposição de fraude; que admitimos a perfeita lealdade das testemunhas, atestada pela honra e pelo absoluto desinteresse de todas. Falaremos mais tarde das fraudes contra os quais a prudência manda que estejamos precavidos.

68. Por meio de pancadas e, sobretudo, por meio dos estalos de que há pouco

tratamos, produzidos no interior da mesa, obtêm-se efeitos ainda mais inteligentes, como: a imitação dos rufos do tambor, da fuzilaria de descarga por fila ou por pelotão, de um canhoneio; depois, a do ranger da serra, dos golpes de martelo, do ritmo de diferentes árias, etc. Era, como bem se compreende, um vasto campo a ser explorado. Raciocinou-se que, se naquilo havia uma inteligência oculta, forçosamente lhe seria possível responder a perguntas e ela de fato respondeu, por um sim, por um não, dando o número de pancadas que se convencionara para um caso e outro.

Por serem muito insignificantes essas respostas, surgiu a ideia de se fazer que a mesa indicasse as letras do alfabeto e compusesse assim palavras e frases.

69. Estes fatos, repetidos à vontade por milhares de pessoas e em todos os países, não podiam deixar dúvida sobre a natureza inteligente das manifestações. Foi então que apareceu um novo sistema, segundo o qual essa inteligência seria a do médium, do interrogante, ou mesmo dos assistentes. A dificuldade estava em explicar como semelhante inteligência podia se refletir na mesa e se expressar por pancadas. Averiguado que estas não eram dadas pelo médium, deduziu-se que, então, o eram pelo pensamento. Mas, o pensamento a dar pancadas constituía fenômeno ainda mais prodigioso do que todos os que haviam sido observados. Não tardou que a experiência demonstrasse a inadmissibilidade de tal opinião. Efetivamente, as respostas muitas vezes se achavam em oposição formal às ideias dos assistentes, fora do alcance intelectual do médium e eram até dadas em línguas que este ignorava, ou referia fatos que todos desconheciam. São tão numerosos os exemplos, que é quase impossível não ter sido disso testemunha muitas vezes quem quer que já um pouco se ocupou com as manifestações espíritas. Citaremos apenas um, que nos foi relatado por uma testemunha ocular.

70. Num navio da marinha imperial francesa, estacionado nos mares da China, toda a equipagem, desde os marinheiros até o estado-maior, se ocupava em fazer que as mesas falassem. Tiveram a ideia de evocar o Espírito de um tenente que pertenceu à guarnição do mesmo navio e que morrera havia dois anos. O Espírito veio e, depois de várias comunicações que a todos encheram de espanto, disse o que segue, por meio de pancadas: “Peço a vocês instantemente que mandem pagar ao capitão a soma de... (indicava a cifra), que lhe devo e que lamento não ter podido lhe restituir antes de minha morte”. Ninguém conhecia o fato: o próprio capitão esquecera esse débito, aliás mínimo. Mas, procurando nas suas contas, encontrou uma nota da dívida do tenente, de importância exatamente idêntica à que o Espírito indicara. Perguntamos: do pensamento de quem essa indicação podia ser o reflexo?

71. Aperfeiçoou-se a arte de obter comunicações pelo processo das pancadas alfabéticas, mas o meio continuava a ser muito demorado. Entretanto, algumas foram obtidas de certa extensão, assim como interessantes revelações sobre o mundo dos Espíritos. Estes indicaram outros meios e a eles se deve o das comunicações escritas.

Receberam-se as primeiras deste gênero, adaptando-se um lápis ao pé de uma mesa leve, colocada sobre uma folha de papel. Posta em movimento pela

influência de um médium, a mesa começou a traçar caracteres, depois palavras e frases. Simplificou-se gradualmente o processo, pelo emprego de mesinhas do tamanho de uma mão, construídas expressamente para isso; em seguida, pelo de cestas, de caixas de papelão e, afinal, pelo de simples pranchetas. A escrita saía tão corrente, tão rápida e tão fácil como com a mão. Porém, reconheceu-se mais tarde que todos aqueles objetos não passavam, em definitiva, de acessórios, de verdadeiras lapiseiras, de que o médium podia dispensar, segurando o lápis com sua própria mão. Forçada a um movimento involuntário, a mão escrevia sob o impulso que o Espírito lhe imprimia e sem o esforço da vontade, nem do pensamento do médium. A partir de então, as comunicações de além-túmulo se tornaram sem limites, como o é a correspondência habitual entre os vivos.

Voltaremos a tratar destes diferentes meios, a fim de explicá-los minuciosamente. Por ora, limitamo-nos a esboçá-los, para mostrar os fatos sucessivos que levaram os observadores a reconhecer, nestes fenômenos, a intervenção de inteligências ocultas, ou, por outra, dos Espíritos.

CAPÍTULO IV

DA TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

- MOVIMENTOS E SUSPENSÕES
- RUÍDOS
- AUMENTO E DIMINUIÇÃO DE PESO DOS CORPOS

72. Demonstrada a existência dos Espíritos, pelo raciocínio e pelos fatos, assim como a possibilidade que têm de atuar sobre a matéria, trata-se agora de saber como se efetua essa ação e como eles procedem para fazer que se movam as mesas e outros corpos inertes. Uma ideia se apresenta muito naturalmente e nós a tivemos. Dando-nos outra explicação muito diversa, pela qual longe estávamos de esperar, os Espíritos a combateram, constituindo isto uma prova de que a teoria deles não era efeito da nossa opinião. Ora, essa primeira ideia todos a podiam ter, como nós; quanto à teoria dos Espíritos, não cremos que jamais tenha acudido à mente de quem quer que seja. Sem dificuldade se reconhecerá quanto é superior à que assumimos, se bem que menos simples, porque dá solução a inúmeros outros fatos que, com a nossa, não encontravam explicação satisfatória.

73. Desde que a natureza dos Espíritos se tornou conhecida; sua forma humana, as propriedades semimateriais do perispírito, a ação mecânica que este pode exercer sobre a matéria; desde que, em casos de aparição, se viram mãos fluídicas e mesmo tangíveis pegar objetos e transportá-los, julgou-se, como era natural, que o Espírito se servia muito simplesmente de suas próprias mãos para fazer que a mesa girasse e que à força de braço é que ela se erguia no espaço. Mas, então, sendo assim, que necessidade havia de médium? Não pode o Espírito atuar só por si? Porque, é evidente que o médium, que muitas vezes põe as mãos sobre a mesa em sentido contrário ao do seu movimento, ou que mesmo não coloca ali as mãos, não pode ajudar o Espírito por meio de uma ação muscular qualquer. Mas deixemos que primeiro falem os Espíritos a quem interrogamos sobre esta questão.

74. As respostas seguintes nos foram dadas pelo Espírito São Luís. Muitos outros, depois, as confirmaram.

I. Será o fluido universal uma emanção da divindade?

“Não”.

II. Será uma criação da divindade?

“Tudo é criado, exceto Deus”.

III. O fluido universal será ao mesmo tempo o elemento universal?

“Sim, é o princípio elementar de todas as coisas”.

IV. Ele tem alguma relação com o fluido elétrico, cujos efeitos conhecemos?

“É o seu elemento”.

V. Em que estado o fluido universal se nos apresenta, na sua maior simplicidade?

“Para o encontrarmos na sua simplicidade absoluta, precisamos ascender aos Espíritos puros. No seu mundo, ele sempre se acha mais ou menos modificado, para formar a matéria compacta que os cerca. Entretanto, podem dizer que o estado em que se encontra mais próximo daquela simplicidade é o do fluido a que chamais *fluido magnético animal*”.

VI. Já disseram que o fluido universal é a fonte da vida. Será ao mesmo tempo a fonte da inteligência?

“Não, esse fluido apenas anima a matéria”.

VII. Pois que é desse fluido que se compõe o perispírito, parece que neste, ele se acha num como estado de condensação, que o aproxima, até certo ponto, da matéria propriamente dita?

“Até certo ponto, como dizem, porque não tem todas as propriedades da matéria. É mais ou menos condensado, conforme os mundos.”

VIII. Como pode um Espírito produzir o movimento de um corpo sólido?

“Combinando uma parte do fluido universal com o fluido, próprio àquele efeito, que o médium emite”.

IX. Será com os seus próprios braços, de certo modo solidificados, que os Espíritos levantam a mesa?

“Esta resposta ainda não te levará até onde deseja. Quando sob as suas mãos uma mesa se move, o Espírito busca no fluido universal o que é necessário para lhe dar uma vida artificial. Assim preparada a mesa, o Espírito a atrai e move sob a influência do fluido que de si mesmo desprende, por efeito da sua vontade. Quando quer pôr em movimento uma massa por demais pesada para suas forças, chama em seu auxílio outros Espíritos, cujas condições sejam idênticas às suas. Em virtude da sua natureza etérea, o Espírito, propriamente dito, não pode atuar sobre a matéria grosseira, sem intermediário, isto é, sem o elemento que o liga à matéria. Esse elemento, que é o que chamam perispírito, os faculta a chave de todos os fenômenos espíritas de ordem material. Creio ter explicado muito claramente, para ser compreendido”.

Nota. Chamamos a atenção para a seguinte frase, primeira da resposta acima: Esta resposta “AINDA te não levará até onde desejás”. O Espírito compreendera perfeitamente que todas as questões precedentes só haviam sido formuladas para chegarmos a esta última e se refere ao nosso pensamento que, com efeito, esperava por outra resposta muito diversa, isto é, pela confirmação da ideia que tínhamos sobre a maneira por que o Espírito obtém o movimento da mesa.

X. Os Espíritos, que aquele que deseja mover um objeto chama em seu auxílio, são

inferiores a ele? Estão sob suas ordens?

“São-lhe iguais, quase sempre. Muitas vezes acodem espontaneamente.”

XI. Todos os Espíritos podem produzir fenômenos deste gênero?

“Os que produzem efeitos desta espécie são sempre Espíritos inferiores, que ainda se não desprenderam inteiramente de toda a influência material.”

XII. Compreendemos que os Espíritos superiores não se ocupam com coisas que estão muito abaixo deles. Mas, perguntamos se, uma vez que estão mais desmaterializados, teriam o poder de fazê-lo, dado que o quisessem?

“Os Espíritos superiores têm a força moral, como os outros têm a força física. Quando precisam desta força, servem-se dos que a possuem. Já não dissemos que eles se servem dos Espíritos inferiores, como vocês se servem dos carregadores?”

Nota. Já foi explicado que a densidade do perispírito, se assim se pode dizer, varia de acordo com o estado dos mundos. Parece que também varia, em um mesmo mundo, de indivíduo para indivíduo. Nos Espíritos moralmente adiantados, é mais sutil e se aproxima da dos Espíritos elevados; nos Espíritos inferiores, ao contrário, aproxima-se da matéria e é o que faz que os Espíritos de baixa condição conservem por muito tempo as ilusões da vida terrestre. Esses pensam e obram como se ainda fossem vivos; experimentam os mesmos desejos e quase que se poderia dizer a mesma sensualidade. Esta grosseria do perispírito, dando-lhe mais afinidade com a matéria, torna os Espíritos inferiores mais aptos às manifestações físicas. Pela mesma razão é que um homem de sociedade, habituado aos trabalhos da inteligência, franzino e delicado de corpo, não pode suspender fardos pesados, como o faz um carregador. Nele, a matéria é, de certa maneira, menos compacta, menos resistentes os órgãos; há menos fluido nervoso. Sendo o perispírito, para o Espírito, o que o corpo é para o homem e como à sua maior densidade corresponde menor inferioridade espiritual, essa densidade substitui no Espírito a força muscular, isto é, dá-lhe, sobre os fluidos necessários às manifestações, um poder maior do que o de que dispõem aqueles cuja natureza é mais etérea. Querendo um Espírito elevado produzir tais efeitos, faz o que entre nós fazem as pessoas delicadas: chama para executá-los um Espírito do ofício.

XIII. Se compreendemos bem o que disse, o princípio vital reside no fluido universal; o Espírito tira deste fluido o envoltório semimaterial que constitui o seu perispírito e é ainda por, meio deste fluido que ele atua sobre a matéria inerte. É assim?

“É. Quer dizer: ele empresta à matéria uma espécie de vida artificial; a matéria se anima da vida animal. A mesa, que se move debaixo das suas mãos, vive como animal; obedece por si mesma ao ser inteligente. Não é este quem a arrasta, como faz o homem com um fardo. Quando ela se eleva, não é o Espírito quem a levanta, com o esforço do seu braço: é a própria mesa que, animada, obedece à impulsão que o Espírito lhe dá.”

XIV. Que papel desempenha o médium nesse fenômeno?

“Já disse que o fluido próprio do médium se combina com o fluido universal que o Espírito acumula. É necessária a união desses dois fluidos, isto é, do fluido animalizado e do fluido universal para dar vida à mesa. Mas, nota bem que essa vida é apenas momentânea, que se extingue com a ação e, às vezes, antes que esta termine, logo que a quantidade de fluido deixa de ser bastante para animá-la.”

XV. O Espírito pode atuar sem o concurso de um médium?

“Pode atuar a contragosto do médium. Quer dizer que muitas pessoas, sem que suspeitem, servem de auxiliares aos Espíritos. Os Espíritos buscam delas, como de uma fonte, o fluido animalizado de que necessitem. Assim é que o auxílio de um médium, tal como o entendem, nem sempre é preciso, o que se verifica principalmente nos fenômenos espontâneos”.

XVI. Animada, a mesa atua com inteligência? Ela pensa?

“Pensa tanto quanto a bengala com que fazes um sinal inteligente. Mas, a vitalidade de que se acha animada lhe permite obedecer à impulsão de uma inteligência. Então, saibam que a mesa que se move não se torna *Espírito* e que não tem em si mesma capacidade de pensar, nem de querer.”

Nota. Muitas vezes, na linguagem usual, nos servimos de uma expressão parecida. Diz-se de uma roda, que gira velozmente, que está animada de um movimento rápido.

XVII. Qual a causa preponderante, na produção desse fenômeno: o Espírito, ou o fluido?

“O Espírito é a causa, o fluido o instrumento, ambos são necessários”.

XVIII. Nesse caso, que papel a vontade do médium desempenha?

“O de atrair os Espíritos e ajudá-los no impulso que dão ao fluido.”

a) É sempre indispensável a ação da vontade?

“Aumenta a força, mas nem sempre é necessária, pois que o movimento pode produzir-se contra essa vontade, ou a revelia, e isso prova haver uma causa independente do médium.”

Nota. Nem sempre o contato das mãos é necessário para que um objeto se mova. As mais das vezes esse contato só se faz preciso para dar o primeiro impulso; porém, desde que o objeto está animado, pode obedecer à vontade do Espírito, sem contato material. Depende isto, ou da potencialidade do médium, ou da natureza do Espírito. Nem sempre mesmo é indispensável um primeiro contato, do que são provas os movimentos e deslocamentos espontâneos, que ninguém cogitou de provocar.

XIX. Por que é que nem todo mundo pode produzir o mesmo efeito e nem todos os médiuns o mesmo poder?

“Isto depende da organização e da maior ou menor facilidade com que se pode operar a combinação dos fluidos. Influi também a maior ou menor simpatia do médium para com os Espíritos que encontram nele a força fluídica necessária. Dá-se com esta força o que se verifica com a dos magnetizadores, que não é igual em todos. A esse respeito, há mesmo pessoas que são de todo imunes; outras com as quais a combinação só se opera por um esforço de vontade da parte delas; outras, finalmente, com quem a combinação dos fluidos se efetua tão natural e facilmente, que elas nem percebem e servem de instrumento sem saber, como atrás dissemos” (Veja adiante o capítulo das “Manifestações espontâneas”).

Nota – Estes fenômenos têm sem dúvida por princípio o magnetismo, porém, não como geralmente o entendem. A prova está na existência de poderosos magnetizadores que não conseguiram fazer que uma pequenina mesa se movesse e na de pessoas que não conseguem magnetizar a ninguém, nem mesmo a uma criança, às quais, basta que ponham os dedos sobre uma mesa pesada, para que esta se agite. Assim, desde que a força mediúnica não guarda proporção com a força magnética, é que outra causa existe.

XX. As pessoas qualificadas de elétricas podem ser consideradas médiuns?

“Essas pessoas tiram de si mesmas o fluido necessário à produção do fenômeno e podem operar sem o auxílio de outros Espíritos. Logo, não são médiuns, no sentido que se atribui a esta palavra. Mas, também pode ser que um Espírito as ajude e se aproveite de suas disposições naturais.”

Nota – Sucede com essas pessoas o que ocorre com os sonâmbulos, que podem operar com ou sem a assistência de Espíritos estranhos (Veja-se, no capítulo dos Médiuns, o artigo relativo aos médiuns sonâmbúlicos).

XXI. O Espírito que atua sobre os corpos sólidos para movê-los, se coloca na substância mesma dos corpos, ou fora dela?

“Pode acontecer as duas coisas. Já dissemos que a matéria não oferece obstáculos aos Espíritos. Eles penetram em tudo. Por assim dizer, uma porção do perispírito se identifica com o objeto em que penetra.”

XXII. Como o Espírito faz para bater? Serve-se de algum objeto material?

“Tanto quanto dos braços para levantar a mesa. Sabes perfeitamente que o Espírito não tem nenhum martelo à disposição. Seu martelo é o fluido que, combinado, ele põe em ação para mover ou bater por sua vontade. Quando move um objeto, a luz lhes dá a percepção do movimento; quando bate, o ar traz o som.”

XXIII. Concebemos que seja assim, quando o Espírito bate num corpo duro; mas como pode fazer que se ouçam ruídos, ou sons articulados na massa instável do ar?

“Pois que é possível atuar sobre a matéria, tanto pode ele atuar sobre uma mesa, como sobre o ar. Quanto aos sons articulados, pode imitá-los, como o pode fazer com quaisquer outros ruídos.”

XXIV. Diz que o Espírito não se serve de suas mãos para deslocar a mesa. Entretanto, já se tem visto, em certas manifestações visuais, aparecerem mãos a dedilhar um teclado, tocar as teclas e a tirar sons delas. Neste caso, como parece, o movimento das teclas não será devido à pressão dos dedos? E não é também direta e real essa pressão, quando se faz sentir sobre nós, quando as mãos que a exercem deixam marcas na pele?

“Não podem compreender a natureza dos Espíritos nem a maneira como atuam, senão por comparações, que de uma e outra coisa apenas dão ideia incompleta, e errarão sempre que quiserem assimilar aos os processos de que eles usam. Necessariamente, esses não de corresponder à organização que lhes é própria. Já te não disse que o fluido do perispírito penetra a matéria e com ela se identifica, que a alma de uma vida fictícia? Pois bem! Quando o Espírito põe os dedos sobre as teclas, realmente os põe e de fato as movimenta. Porém, não é por meio da força muscular que exerce a pressão. Ele as anima, como o faz com a mesa, e as teclas, obedecendo-lhe à vontade, se abaixam e tocam as cordas do piano. Em tudo isto uma coisa ainda acontece, que difícil será para vocês compreenderem: é que alguns Espíritos se encontram tão pouco adiantados e se conservam tão materiais em comparação com os Espíritos elevados que guardam as ilusões da vida terrena e julgam agir como quando tinham o corpo de carne. Não percebem a verdadeira

causa dos efeitos que produzem, mais do que um camponês compreende a teoria dos sons que articula. Perguntem eles como é que tocam piano e responderão que batendo com os dedos nas teclas, porque julgam ser assim que o fazem. O efeito se produz instintivamente neles, sem que saibam como, se bem lhes resulte da ação da vontade. O mesmo ocorre, quando se exprimem por palavras.”

Nota – Destas explicações decorre que os Espíritos podem produzir todos os efeitos que nós homens produzimos, mas por meios apropriados à sua organização. Algumas forças, que lhes são próprias, substituem os músculos de que precisamos para atuar, da mesma maneira que, para um mudo, o gesto substitui a palavra que lhe falta.

XXV. Entre os fenômenos que se apontam como provas da ação de uma força oculta, alguns são evidentemente contrários a todas as conhecidas leis da Natureza. Nesses casos, não será legítima a dúvida?

“É que o homem está longe de conhecer todas as leis da Natureza. Se conhecesse todas, seria Espírito superior. Cada dia que se passa desmente os que, supondo tudo saberem, pretendem impor limites à Natureza, sem que por isso se tornem menos orgulhosos. Desvendando-lhe novos mistérios incessantemente, Deus adverte o homem de que deve desconfiar de suas próprias luzes, pois dia virá em que *a ciência do mais sábio será confundida*. Não veem todos os dias, sob os olhos, exemplos de corpos animados de um movimento que domina a força da gravitação? Uma pedra, atirada para o ar, não sobrepuja momentaneamente aquela força? Pobres homens, que se consideram muito sábios e cuja tola vaidade a todos os momentos está sendo desbancada, fiquem sabendo que ainda são muito pequeninos.”

75. Estas explicações são claras, categóricas e isentas de ambiguidade. Como ponto capital, resulta delas que o fluido universal – onde se contém o princípio da vida – é o agente principal das manifestações, agente que recebe impulsão do Espírito, seja encarnado, seja errante²². Condensado, esse fluido constitui o perispírito, ou corpo semimaterial do Espírito. Quando encarnado, seu o perispírito se acha unido à matéria do corpo; estando o Espírito na erraticidade, ele se encontra livre. Quando o Espírito está encarnado, a substância do perispírito se acha mais ou menos ligada, mais ou menos aderente, se assim nos podemos dizer. Por efeito de suas organizações, em algumas pessoas se verifica uma espécie de emanção desse fluido e é isso, propriamente falando, o que constitui o médium de influências físicas. A emissão do fluido animalizado pode ser mais ou menos abundante, como mais ou menos fácil a sua combinação, donde os médiuns mais ou menos poderosos. Essa emissão, porém, não é permanente, o que explica o intervalo do poder mediúnic.

76. Façamos uma comparação: quando se tem vontade de atuar materialmente sobre um ponto colocado a distância, quem quer é o pensamento, mas o pensamento por si só não irá atingir o ponto; é preciso um intermediário, posto sob a sua direção: uma vara, uma ferramenta, uma corrente de ar, etc. Notem também que o pensamento não atua diretamente sobre a vara, porque, se esta não for tocada, não se moverá. O pensamento, que não é senão o Espírito encarnado, está unido ao corpo pelo

²² Chamamos de Espírito **errante** aquele que está desencarnado, na **erraticidade**, que é o período intermediário entre as reencarnações – N. D.

perispírito e não pode atuar sobre o corpo sem o perispírito, como não o pode sobre a vara sem o corpo. Atua sobre o perispírito, por ser esta a substância com que tem mais afinidade; o perispírito atua sobre os músculos, os músculos tomam a vara e a vara bate no ponto visado. Quando o Espírito não está encarnado, faz-se necessário um auxiliar estranho e este auxiliar é o fluido, mediante o qual torna ele o objeto, sobre que quer atuar, apto a lhe obedecer à impulsão da vontade.

77. Assim, quando um objeto é posto em movimento, levantado ou atirado para o ar, não é que o Espírito o tome, empurre e suspenda, como o faríamos com a mão. O Espírito o *satura*, por assim dizer, do seu fluido, combinado com o do médium, e o objeto, momentaneamente vivificado desta maneira, age como faria um ser vivo, com a diferença apenas de que, não tendo vontade própria, segue o impulso que a vontade do Espírito lhe dá.

Visto que o fluido vital que o Espírito emite, de certo modo, dá vida artificial e momentânea aos corpos inertes; já que o perispírito não é mais do que esse mesmo fluido vital, segue-se que, quando o Espírito está encarnado, é ele próprio quem dá vida ao seu corpo, por meio do seu perispírito, conservando-se unido a esse corpo, enquanto a organização deste o permite. Quando se retira, o corpo morre. Agora, se, em vez de uma mesa, esculpirmos uma estátua de madeira e sobre ela atuarmos, como sobre a mesa, teremos uma estátua que se moverá, que baterá, que responderá com os seus movimentos e pancadas. Teremos, em suma, uma estátua animada momentaneamente de uma vida artificial. Em lugar de mesas falantes, teríamos estátuas falantes. Quanta luz esta teoria não projeta sobre uma imensidade de fenômenos até agora sem solução! Como ela explica tantas alegrias e efeitos misteriosos!

78. Os incrédulos ainda discutem que o fenômeno da suspensão das mesas sem ponto de apoio é impossível, por ser contrário à lei de gravitação. Responderemos a eles que, em primeiro lugar, a negativa não constitui uma prova; em segundo lugar, que, sendo real o fato, pouco importa que ele contrarie todas as leis conhecidas, circunstância que só provaria uma coisa: que ele decorre de uma lei desconhecida e os negadores não podem alimentar a pretensão de conhecerem todas as leis da Natureza.

Acabamos de explicar uma dessas leis, mas isso não é razão para que eles a aceitem, precisamente porque ela nos é revelada por Espíritos que despiram a veste terrena, em vez de o ser por Espíritos que ainda trazem essa veste e têm assento na Academia. De modo que, se o Espírito de Arago²³, vivo na Terra, tivesse enunciado essa lei, eles a teriam admitido de olhos fechados; mas, desde que vem do Espírito de Arago, morto, é uma utopia. Por que isto? Porque acreditam que Arago tendo morrido, tudo o que nele havia também morreu. Não temos a presunção de convencê-los; entretanto, como tal oposição pode causar embaraço a algumas pessoas, tentaremos de lhes dar resposta, colocando-nos no ponto de vista em que eles se colocam, isto é, abstraindo, por instante, da teoria da animação fictícia.

²³ Jacques Arago (1790-1854): sábio escritor, político e explorador francês – N. D.

79. Quando se produz o vácuo na redoma da máquina pneumática, essa redoma adere com força tal ao seu suporte, que se torna impossível suspendê-la, devido ao peso da coluna de ar que sobre ela faz pressão. Deixe-se entrar o ar e a redoma pode ser levantada com a maior facilidade, porque o ar que lhe fica por baixo contrabalança o ar que, pela parte exterior, a comprime. Contudo, se ninguém lhe tocar, ela permanecerá assente no suporte, por efeito da lei de gravidade. Agora, comprima-se o ar no seu interior, dê-se densidade maior que a do que está por fora dela, e a redoma se erguerá, apesar da gravidade. Se a corrente de ar for violenta e rápida, a mesma redoma se manterá suspensa no espaço, sem nenhum ponto *visível* de apoio, ao modo desses bonecos que se fazem rodopiar em cima de um repuxo d'água. Por que então o fluido universal, *que é o elemento de toda a Natureza*, acumulado em torno da mesa, não poderia ter a propriedade de lhe diminuir ou aumentar o peso específico relativo, como faz o ar com a redoma da máquina pneumática, como faz o gás hidrogênio com os balões, sem que para isso seja necessária a anulação da lei de gravidade? Porventura, conhecem todas as propriedades e todo o poder desse fluido? Não. Pois então, não neguem a realidade de um fato, apenas por não o poderem explicar.

80. Vamos voltar à teoria do movimento da mesa. Pelo processo indicado, se o Espírito pode suspender uma mesa, também pode suspender qualquer outra coisa: uma poltrona, por exemplo. Se pode levantar uma poltrona, também pode, tendo força suficiente, levantá-la com uma pessoa assentada nela. Aí está a explicação do fenômeno que o Sr. Home produziu inúmeras vezes consigo mesmo e com outras pessoas. Repetiu-o durante uma viagem a Londres e, para provar que os espectadores não eram joguetes de uma ilusão de ótica, fez no forro, enquanto suspenso, uma marca a lápis e que muitas pessoas lhe passassem por baixo. Sabe-se que o Sr. Home é um poderoso médium de efeitos físicos. Naquele caso, era ao mesmo tempo a causa eficiente e o objeto.

81. Há pouco, falamos do possível aumento de peso. Efetivamente, esse é um fenômeno que às vezes se produz e que nada apresenta de mais anormal do que a prodigiosa resistência da redoma, sob a pressão da coluna atmosférica. Têm-se visto, sob a influência de certos médiuns, objetos muito leves oferecerem idêntica resistência e, em seguida, cederem de repente ao menor esforço. Na experiência de que acima tratamos, a redoma não se torna realmente mais nem menos pesada em si mesma; mas, parece ter maior peso, por efeito da causa exterior que atua sobre ela. O mesmo provavelmente se dá aqui. A mesa tem sempre o mesmo peso, pois sua massa não aumentou; porém, uma força estranha se opõe a ela ao movimento e essa causa pode residir nos fluidos ambientes que a penetram, como reside no ar a que aumenta ou diminui o peso aparente da redoma. Façam a experiência da redoma pneumática diante de uma pessoa ignorante, incapaz de compreender que o que atua é o ar, que ele não vê, e não lhes será difícil convencê-lo de que aquilo é obra do diabo.

Dirão talvez que, sendo imponderável esse fluido, um acúmulo dele não pode aumentar o peso de qualquer objeto. De acordo; mas notem que se nos servimos do termo acúmulo, foi por comparação, não por que assimilamos em

absoluto aquele fluido ao ar. Ele é imponderável: seja. Entretanto, nada prova que o é. Desconhecemos a sua natureza íntima e estamos longe de lhe conhecer todas as propriedades. Antes que se tivesse experimentado a gravidade do ar, ninguém suspeitava dos efeitos dessa mesma gravidade. Também a eletricidade se classifica entre os fluidos imponderáveis; no entanto, um corpo pode ser fixado por uma corrente elétrica e oferecer grande resistência a quem queira suspendê-lo. Tornou-se, assim, aparentemente mais pesado. Seria ilógico afirmar que o suporte não existe, simplesmente por não ser visível. O Espírito pode ter alavancas que nos sejam desconhecidas: a Natureza nos prova todos os dias que o seu poder ultrapassa os limites do testemunho dos sentidos.

Só por uma causa semelhante se pode explicar o singular fenômeno, tantas vezes observado, de uma pessoa fraca e delicada levantar com dois dedos, sem esforço e como se se tratasse de uma pena, um homem forte e robusto, juntamente com a cadeira em que está assentado. Os intervalos da capacidade provam que a causa é estranha à pessoa que produz o fenômeno.

CAPÍTULO V

DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

- RUÍDOS, BARULHOS E PERTURBAÇÕES
- ARREMESSO DE OBJETOS
- FENÔMENO DE TRANSPORTE
- DISSERTAÇÃO DE UM ESPÍRITO SOBRE OS TRANSPORTES

82. Os fenômenos de que acabamos de falar são provocados. Porém, às vezes, acontece se produzirem espontaneamente, sem intervenção da vontade, até mesmo contra a vontade, pois que frequentemente se tornam muito importunos. Além disso, para excluir a suposição de que possam ser efeito de imaginação sobrecitada pelas ideias espíritas, há a circunstância de que se produzem entre pessoas que nunca ouviram falar disso e exatamente quando menos por semelhante coisa esperavam.

Tais fenômenos, a que se poderia dar o nome de *Espiritismo prático natural*, são muito importantes, por não permitirem a suspeita de conivência. Por isso mesmo, recomendamos às pessoas que se ocupam com os fatos espíritas que registrem todos os desse gênero que lhes cheguem ao conhecimento, mas, sobretudo, que lhes verifiquem cuidadosamente a realidade, mediante detalhado estudo das circunstâncias, a fim de adquirirem a certeza de que não são joguetes de uma ilusão, ou de uma mistificação.

83. De todas as manifestações espíritas, as mais simples e mais frequentes são os ruídos e as pancadas. Neste caso, principalmente, é que se deve temer a ilusão, porque uma infinidade de causas naturais pode produzi-los: o vento que sibila ou que agita um objeto, um corpo que se move por si mesmo sem que ninguém perceba, um efeito acústico, um animal escondido, um inseto, etc., até mesmo a malícia dos brincalhões de mau gosto. Aliás, os ruídos espíritas apresentam um caráter especial, revelando intensidade e timbre muito variado, que os tornam facilmente reconhecíveis e não permitem sejam confundidos com os estalidos da madeira, com as crepitações do fogo, ou com o tique-taque monótono do relógio. São pancadas secas, ora surdas, fracas e leves, ora claras, distintas, às vezes retumbantes, que mudam de lugar e se repetem sem nenhuma regularidade mecânica. De todos os meios de verificação, o mais eficaz, o que não pode deixar dúvida quanto à origem do fenômeno, é a obediência deste à vontade de quem o observa. Se as pancadas se fizerem ouvir num lugar determinado, se responderem, pelo seu número, ou pela sua intensidade, ao pensamento, não se lhes pode deixar de

reconhecer uma causa inteligente. Todavia, a falta de obediência nem sempre constitui prova em contrário.

84. Vamos admitir agora que, por uma comprovação minuciosa, se adquira a certeza de que os ruídos ou outros efeitos quaisquer são manifestações reais: será racional que se tenha medo deles? Não, decerto; pois em caso algum, não haverá nenhum perigo nelas. Só os que se iludem de que é o diabo que as produz podem ser abalados por elas de modo deplorável, como o são as crianças a quem se mete medo com o lobisomem, ou o bicho-papão. É preciso convir que essas manifestações às vezes tomam proporções e persistências desagradáveis, causando aos que as experimentam o desejo muito natural de se verem livres delas. A este propósito, uma explicação se faz necessária.

85. Dissemos atrás que as manifestações físicas têm por fim chamar nossa atenção para alguma coisa e nos convencer da presença de uma força superior ao homem. Também dissemos que os Espíritos elevados não se ocupam com esta ordem de manifestações; que se servem dos Espíritos inferiores para produzi-las, como nos utilizamos dos nossos empregados para os trabalhos pesados, e isso com o fim que vamos indicar.

Alcançado esse fim, cessa a manifestação material, por ser desnecessária. Um ou dois exemplos farão melhor compreender a coisa.

86. Há muitos anos, quando ainda iniciava meus estudos sobre o Espiritismo, estando certa noite entregue a um trabalho referente a esta matéria, pancadas se fizeram ouvir em torno de mim, durante quatro horas consecutivas. Era a primeira vez que tal coisa me acontecia. Verifiquei não serem devidas a nenhuma causa accidental, mas, na ocasião, foi só o que pude saber. Por essa época, eu tinha frequentes ensejos de estar com um excelente médium escrevente. No dia seguinte, perguntei ao Espírito, que por seu intermédio se comunicava, qual a causa daquelas pancadas. *Era*, respondeu-me ele, *o teu Espírito familiar que te desejava falar*. — Que queria de mim? Resposta: Ele está aqui, pergunta-lhe. — Tendo-o interrogado, aquele Espírito se deu a conhecer sob um nome alegórico. (Vim a saber depois, por outros Espíritos, que pertence a uma categoria muito elevada e que desempenhou na Terra importante papel). Apontou erros no meu trabalho, indicando-me *as linhas* onde se encontravam; deu-me úteis e sábios conselhos e acrescentou que estaria sempre comigo e atenderia ao meu chamado todas as vezes que o quisesse interrogar. A partir de então, com efeito, esse Espírito nunca mais me abandonou. Dele recebi muitas provas de grande superioridade e sua intervenção *benévola e eficaz* me foi manifesta, assim nos assuntos da vida material, como no tocante às questões metafísicas. Desde a nossa primeira entrevista, as pancadas cessaram. De fato, que desejava ele? Pôr-se em constante comunicação comigo; mas, para isso, precisava de me avisar. Dado e explicado o aviso, estabelecidas as relações regulares, as pancadas se tornaram inúteis. Daí o cessarem. O tambor deixa de tocar, para despertar os soldados, logo que estes se acham todos de pé.

Fato quase semelhante sucedeu a um dos nossos amigos. Havia algum tempo, no seu quarto se ouviam ruídos diversos, que já se iam tornando fatigantes.

Apresentando-lhe ocasião de interrogar o Espírito de seu pai, por um médium escrevente, soube o que queriam dele, fez o que foi recomendado e daí em diante nada mais ouviu. Deve-se notar que as manifestações deste gênero são mais raras para as pessoas que dispõem de meio regular e fácil de comunicação com os Espíritos, e isso se concebe.

87. As manifestações espontâneas nem sempre se limitam a ruídos e pancadas. Algumas vezes, degeneram em verdadeiro estardalhaço e em perturbações. Móveis e objetos diversos são derrubados, peças de todo tipo são atirados de fora para dentro, portas e janelas são abertas e fechadas por mãos invisíveis, ladrilhos são quebrados, o que não se pode levar à conta da ilusão.

Muitas vezes o derrubamento se dá, de fato; doutras, porém, só se dá na aparência. Ouvem-se vozerios em aposentos contíguos, barulho de louça que cai e se quebra com estrondo, madeiras que rolam pelo assoalho. Acorrem as pessoas da casa e encontram tudo calmo e em ordem. Mal saem, recomeça o tumulto.

88. As manifestações desta espécie não são raras, nem novas. Poucas serão as crônicas locais que não encerrem alguma história desta natureza. É fora de dúvida que o medo tem exagerado muitos fatos que, passando de boca em boca, assumiram proporções gigantescamente ridículas. Com o auxílio da superstição, as casas onde eles ocorrem foram tidas como assombradas pelo diabo e daí todos os maravilhosos ou terríveis contos de fantasmas. Por outro lado, a velhacaria não consentiu em perder tão bela ocasião de explorar a credulidade e quase sempre para satisfação de interesses pessoais. Aliás, facilmente se concebe que impressão podem fatos desta ordem produzir, mesmo dentro dos limites da realidade, em pessoas de caracteres fracos e predispostas, pela educação, a alimentar ideias supersticiosas. Visto não ser possível impedir-se que se deem, o meio mais seguro de prevenir aos inconvenientes que possam trazer consiste em tornar conhecida a verdade. Em coisas terríficas se convertem as mais simples, quando se lhes desconhecem as causas. Ninguém mais terá medo dos Espíritos, quando todos estiverem familiarizados com eles e quando os a quem eles se manifestam já não acreditem que estão às voltas com uma legião de demônios.

Na **REVISTA ESPÍRITA** se encontram narrados muitos fatos autênticos deste gênero, entre outros a história do Espírito batedor de Bergzabern, cuja ação durou oito anos (números de maio, junho e julho de 1858); a de Dibbelsdorff (agosto de 1858); a do padeiro das Grandes-Vendas, perto de Dièppe (março de 1860); a da rua des Noyers, em Paris (agosto de 1860); a do Espírito de Castelnaudary, sob o título de “História de um danado” (fevereiro de 1860); a do fabricante de São Petersburgo (abril de 1860) e muitas outras.

89. Não raro, tais fatos assumem o caráter de verdadeiras perseguições. Conhecemos seis irmãs que moravam juntas e que, durante muitos anos, todas as manhãs encontravam suas roupas espalhadas, rasgadas e cortadas em pedaços, por mais que tomassem a precaução de guardá-las à chave. A muitas pessoas tem acontecido que, estando deitadas, *mas completamente acordadas*, lhes sacudam os cortinados da cama, tirem com violência as cobertas, levantem os travesseiros e mesmo as joguem

fora do leito. Fatos destes são muito mais frequentes do que se pensa; porém, as mais das vezes, os que são vítimas deles nada ousam dizer, de medo do ridículo. Sabemos que por causa desses fatos se tem pretendido supor alguns indivíduos como atacados de alucinações, submetendo-os ao tratamento a que se sujeitam os alienados, o que os torna realmente loucos. A Medicina não pode compreender estas coisas por não admitir entre as causas que as determinam senão o elemento material; donde, erros frequentemente calamitosos. A história descreverá um dia certos tratamentos em uso no século dezenove, como se narram hoje certos processos de cura da Idade Média.

Admitimos perfeitamente que alguns casos são obra da malícia ou da malvadez. Porém, se tudo bem averiguado, ficar provado que não resultam da ação do homem, deveremos convir em que são obra, ou do diabo – como dirão uns – ou dos Espíritos – como dizemos nós. Mas de que Espíritos?

90. Do mesmo modo que entre nós, homens retos e sérios, os Espíritos superiores não se divertem a fazer espetáculos. Por diversas vezes temos chamado aqueles Espíritos para lhes perguntar por que motivo perturbam assim a tranquilidade dos outros. Na sua maioria, fazem-no apenas para se divertirem. São mais levianos do que maus, que se riem dos terrores que causam e das pesquisas inúteis que se empreendem para a descoberta da causa do tumulto. Agarram-se com frequência a um indivíduo, divertindo-se em atormentarem e perseguirem de casa em casa. Doutras vezes, apegam-se a um lugar, por mero capricho. Também, não raro, exercem por essa forma uma vingança, como teremos ocasião de ver.

Em alguns casos, é mais louvável a intenção a que cedem: procuram chamar a atenção e pôr-se em comunicação com certas pessoas, seja para lhes darem um aviso proveitoso, seja com o fim de lhes pedirem qualquer coisa para si mesmos. Temos visto muitos pedirem preces; outros que solicitam o cumprimento, em nome deles, de votos que não puderam cumprir; outros, ainda, que desejam, no interesse do próprio repouso, reparar uma ação má que praticaram quando vivos.

Em geral, é um erro ter medo. A presença desses Espíritos pode ser importuna, mas não perigosa. Aliás, acreditamos que toda gente deseja ver-se livre deles; mas geralmente, as que isso desejam fazem o contrário do que deveriam fazer para consegui-lo. Quando se trata de Espíritos que se divertem, quanto mais ao sério se tomarem as coisas, tanto mais eles persistirão, como crianças travessas, que tanto mais molestam as pessoas, quanto mais estas se impacientam, e que metem medo aos poltrões. Se todos tomassem o sensato conselho de rir das suas partidas, eles acabariam por se cansar e ficar quietos. Conhecemos alguém que, longe de se irritar, os excitava, desafiando-os a fazerem tal ou tal coisa, de modo que, ao cabo de poucos dias, não mais voltaram.

Entretanto, como dissemos acima, há alguns que procedem assim por motivo menos fútil. Daí vem que é sempre bom saber o que querem. Se pedem qualquer coisa, pode-se estar certo de que não renovarão as visitas, quando tiverem satisfeitos os seus desejos. O melhor meio de nos informarmos a tal respeito consiste em evocarmos o Espírito, por um bom médium escrevente. Pelas suas respostas, veremos imediatamente com quem estamos às voltas e obremos de conformidade com o esclarecimento colhido. Caso se trata de um Espírito infeliz, a caridade

manda que lhe dispensemos as atenções que mereça. Se é um engraçado de mau gosto, podemos proceder desembaraçadamente com ele. Se um malvado, devemos rogar a Deus que o torne melhor. Qualquer que seja o caso, a prece nunca deixa de dar bom resultado. As fórmulas graves de exorcismo, essas fazem eles rirem; nenhuma importância lhes dão. Sendo possível entrar em comunicação com eles, deve-se sempre desconfiar dos qualificativos grotescos ou apavorantes, que dão a si mesmos para se divertirem com a boa-fé dos que acolhem como verdadeiros tais qualificativos. Nos capítulos referentes aos *lugares assombrados e às obsessões*, consideraremos com mais pormenores este assunto e as causas da ineficácia das preces em muitos casos.

91. Estes fenômenos, embora operados por Espíritos inferiores, são com frequência provocados por Espíritos de ordem mais elevada, com o fim de demonstrarem a existência de seres incorpóreos e de uma potência superior ao homem. A repercussão que eles têm e o próprio temor que causam chamam a atenção e acabarão por fazer que os mais incrédulos se rendam. Estes acham mais simples lançar os fenômenos a que nos referimos à conta da imaginação – explicação muito cômoda e que dispensa outras. Todavia, quando vários objetos são sacudidos ou atirados à cabeça de uma pessoa, bem complacente imaginação ela precisaria ter para fantasiar que tais coisas sejam reais, quando não o são.

Desde que se nota um efeito qualquer, ele tem necessariamente uma causa. Se uma observação fria e calma nos demonstra que esse efeito independe de toda vontade humana e de toda causa material; se nos dá sinais bastante *evidentes* de inteligência e de vontade livre, *o que constitui o traço mais característico*, será forçoso atribuí-lo a uma inteligência oculta. Que seres misteriosos são esses? É o que os estudos espíritas nos ensinam do modo menos contestável, pelos meios que nos facultam de nos comunicarmos com eles.

Além disso, esses estudos nos ensinam a distinguir o que é real do que é falso ou exagerado, nos fenômenos de que não fomos testemunha. Se um efeito incomum se produz (ruído, movimento, mesmo aparição), a primeira ideia que se deve ter é a de que provém de uma causa inteiramente natural, por ser a mais provável. Tem-se então que buscar essa causa com o maior cuidado e não admitir a intervenção dos Espíritos, senão muito cientemente. Esse meio de se evitar toda ilusão. Um, por exemplo, que, sem se haver aproximado de quem quer que fosse, recebesse uma bofetada, ou bengalada nas costas, como tem acontecido, não poderia duvidar da presença de um invisível.

Cada um deve estar em guarda, não somente contra narrativas que possam ser, quando menos, acoimadas de exagero, mas também contra as próprias impressões, cumprindo não atribuir origem oculta a tudo o que não compreenda. Uma infinidade de causas muito simples e muito naturais pode produzir efeitos à primeira vista estranhos e seria verdadeira superstição ver por toda parte Espíritos ocupados em derrubar móveis, quebrar louças, provocar, enfim, as mil e uma perturbações que ocorrem nos lares, quando mais racional é atribuí-las ao descuido.

92. A explicação dada do movimento dos corpos inertes se aplica naturalmente a todos os efeitos espontâneos a que acabamos de revistar. Os ruídos – embora mais

fortes do que as pancadas na mesa – procedem da mesma causa. Os objetos derrubados, ou deslocados, o são pela mesma força que levanta qualquer objeto. Há mesmo aqui uma circunstância que apoia esta teoria. Poderíamos perguntar onde, nessa circunstância, o médium. Os Espíritos nos disseram que em tal caso há sempre alguém cujo poder se exerce à sua revelia. As manifestações espontâneas muito raramente se dão em lugares desertos; quase sempre se produzem nas casas habitadas e por motivo da presença de certas pessoas que exercem influência, sem que o queiram. Essas pessoas ignoram possuir faculdades mediúnicas, razão por que lhes chamamos *médiuns naturais*. São, com relação aos outros médiuns, o que os sonâmbulos naturais são relativamente aos sonâmbulos magnéticos e tão dignos de observação quanto aqueles.

93. A intervenção voluntária ou involuntária de uma pessoa dotada de aptidão especial para a produção destes fenômenos parece necessária, na maioria dos casos, embora haja alguns em que, ao que se afigura, o Espírito obra por si só. Mas, então, poderá acontecer que ele tire de algum lugar o fluido animalizado, que não de uma pessoa presente. Isto explica porque os Espíritos, que constantemente nos cercam, não produzem perturbação a todo instante. Primeiro, é preciso que o Espírito queira, que tenha um objetivo, um motivo, sem o que nada faz. Depois, é necessário, muitas vezes, que encontre uma pessoa apta a ajudá-lo exatamente no lugar onde queira operar, coincidência que só muito raramente ocorre. Se essa pessoa aparece de repente, ele dela se aproveita. Mesmo quando todas as circunstâncias sejam favoráveis, ainda poderia acontecer que o Espírito se visse bloqueado por uma vontade superior, que não lhe permitisse proceder a seu bel-prazer. Pode também ser que só lhe seja permitido fazê-lo dentro de certos limites e no caso de serem tais manifestações julgadas úteis, quer como meio de convicção, quer como provação para a pessoa por ele visada.

94. A este respeito, apenas citaremos o diálogo provocado a propósito dos fatos ocorridos em junho de 1860, na rua des Noyers, em Paris. Encontraremos os detalhes do caso na REVISTA ESPÍRITA, número de agosto de 1860.

1ª (*A São Luís*). Poderia ter a bondade de nos dizer se são reais os fatos que se dizem passados na rua dês Noyers? Quanto à possibilidade deles se darem, disso não duvidamos.

“São reais esses fatos; simplesmente, a imaginação dos homens os exagerará, seja por medo, seja por ironia. Mas, repito, são reais. Produz essas manifestações um Espírito que se diverte um pouco à custa dos habitantes do lugar”.

2ª Haverá na casa alguma pessoa que dê causa a tais manifestações?

“Elas são sempre causadas pela presença da pessoa visada. É que o Espírito perturbador não gosta do habitante do lugar onde ele se acha; trata então de fazer-lhe maldades, ou mesmo procura obrigá-lo a se mudar”.

3ª Perguntamos se, entre os moradores da casa, alguém há que seja causador desses fenômenos, por efeito de uma influência mediúnica espontânea e involuntária?

“Necessariamente assim é, *pois, sem isso, o fato não poderia ocorrer*. Um Espírito vive num lugar que lhe é predileto; conserva-se inativo, enquanto nesse lugar não se apresenta uma pessoa que lhe convenha. Desde que essa pessoa surge, começa ele a divertir-se quanto pode”.

4ª Será indispensável a presença dessa pessoa no próprio lugar?

“Esse o caso mais comum e é o que se verifica no de que trata. Por isso foi que eu disse que, a não ser assim, o fato não teria podido produzir-se. Mas, não pretendi generalizar. Há casos em que a presença imediata não é necessária”.

5ª Sendo sempre de ordem inferior esses Espíritos, será presunção desfavorável a uma pessoa a aptidão que revele para lhes servir de auxiliar? Isto não denuncia, da parte dele, uma simpatia para com os seres dessa natureza?

“Não é precisamente assim, porque essa aptidão se acha ligada a uma disposição física. Contudo, denuncia frequentemente uma tendência material, que seria preferível não existisse, visto que, quanto mais elevado moralmente é o homem, tanto mais atrai a si os bons Espíritos que, necessariamente, afastam os maus”.

6ª Onde o Espírito vai buscar os projéteis²⁴ de que se serve?

“Os diversos objetos que lhe servem de projéteis são, as mais das vezes, apanhados nos próprios lugares dos fenômenos, ou nas proximidades. Uma força provinda do Espírito os lança no espaço e eles vão cair no ponto que o mesmo Espírito indica”.

7ª Pois que as manifestações espontâneas são muitas vezes permitidas e até provocadas para convencer os homens, parece-nos que, se fossem pessoalmente atingidos por elas, alguns descrentes se veriam forçados a se render à evidência. Eles costumam queixar-se de não serem testemunhas de fatos concludentes. Não está no poder dos Espíritos dar-lhes uma prova sensível?

“Os ateus e os materialistas não são testemunhas a todo instante dos efeitos do poder de Deus e do pensamento? Isso não impede que neguem Deus e a alma. Os milagres de Jesus converteram todos os seus contemporâneos? Aos fariseus, que lhe diziam “Mestre, faça-nos ver algum prodígio”, não se assemelham os que hoje lhes pedem lhes façam presenciar algumas manifestações? Se não se converteram pelas maravilhas da criação, também não se converterão, ainda quando os Espíritos lhes aparecessem do modo mais inequívoco, pois o orgulho os torna iguais jumentos empacadores. Se procurassem de boa-fé, não lhes faltaria ocasião de ver; por isso, Deus não julga conveniente fazer por eles mais do que faz pelos que sinceramente buscam instruir-se, pois que o Pai só concede recompensa aos homens de boa vontade. A incredulidade deles não impedirá a que a vontade de Deus se cumpra. Bem sabem que não impediram a que a doutrina se difundisse. Portanto, deixem de se inquietar com a oposição que lhes movem. Essa oposição é, para a doutrina, o que a sombra é para o quadro: maior relevo lhe dá. Que mérito teriam eles, se fossem

²⁴ **Projéteis:** objetos usados para serem arremessados – N. D.

convencidos à força? Deus lhes deixa toda a responsabilidade da teimosia em que se conservam e essa responsabilidade é mais terrível do que podem suportar. “Felizes os que creem sem ter visto – disse Jesus –, porque esses não duvidam do poder de Deus”.

8ª Convém evocarmos o Espírito a que nos temos referido, para lhe pedirmos algumas explicações?

“Evoquem-no, se quiser, mas é um Espírito inferior, que só te dará respostas muito insignificantes”.

95. Diálogo com o Espírito perturbador da rua des Noyers:

1ª Evocação.

“Por que me chamaram? Querem umas pedradas? Então é que se havia de ver um bonito salve-se quem puder, apesar do teu ar de valentia”.

2ª Quando mesmo nos atirasse pedras aqui, isso não nos amedrontaria; até te pedimos positivamente que, se puder, nos atir algumas.

“Aqui talvez eu não pudesse, porque têm um guarda a velar por vocês”.

3ª Havia, na rua des Noyers, alguém que, como auxiliar, te facilitava as partidas que pregavas aos moradores da casa?

“Certamente; achei um bom instrumento e não havia nenhum Espírito doutor, sábio e virtuoso para me embarçar. Porque, sou alegre; gosto às vezes de me divertir”.

4ª Qual a pessoa que te serviu de instrumento?

“Uma criada”.

5ª Era contra sua vontade que ela te auxiliava?

“Ah! sim; pobre! Era a que mais medo tinha!”

6ª Procedia assim com algum propósito hostil?

“Eu, não. Nenhum propósito hostil me animava. Mas, os homens, que de tudo se apoderam, farão que os fatos redundem em seu proveito”.

7ª Que quer dizer com isso? Não te compreendemos.

“Eu só cuidava de me divertir; porém, vocês estudarão a coisa e terão mais um fato a mostrar que nós existimos”.

8ª Diz que não alimentava nenhum propósito hostil; entretanto, quebrou todo o ladrilho da casa, causando assim um prejuízo real.

“É um acidente”.

9ª Onde buscou os objetos que atirou?

“São objetos muito comuns. Achei-os no pátio e nos jardins próximos”.

10ª Achou *todos*, ou fabricou algum? (Ver adiante o cap. VIII)

“Não criei, nem compus coisa alguma”.

11ª E, se não os tivesse encontrado, poderia tê-los fabricados?

“Seria mais difícil, porém, a rigor, misturam-se matérias e isso faz um todo qualquer”.

12ª Agora, nos diz; como atirou os objetos?

“Ah! Isto é mais difícil de explicar. Busquei auxílio na natureza elétrica daquela moça juntando-a à minha, que é menos material. Pudemos assim os dois transportar os diversos objetos”.

13ª Vai nos dar de boa vontade algumas informações acerca da tua pessoa, assim o esperamos. Diz-nos, primeiramente, se morreu já há muito tempo.

“Há muito tempo; há bem cinquenta anos”.

14ª O que era quando vivo?

“Não era lá grande coisa; simples trapeiro naquele quarteirão; às vezes me diziam tolices, porque eu gostava muito do licor vermelho do bom velho Noé. Por isso mesmo, queria pô-los todos dali para fora”.

15ª Foi por ti mesmo e de bom grado que respondeu às nossas perguntas?

“Eu tinha um mestre”.

16ª Quem é esse mestre?

“O seu bom rei Luís”.

Nota – Esta pergunta motivou a natureza de algumas respostas dadas, que nos pareceram acima da capacidade desse Espírito, pela substância das ideias e mesmo pela forma da linguagem. Logo, não é nada de admirar que ele tenha sido ajudado por um Espírito mais esclarecido, que quis aproveitar a ocasião para nos instruir. É este um fato muito comum, mas o que nesta circunstância constitui notável particularidade é que a influência do outro Espírito se fez sentir na própria caligrafia. A das respostas em que ele interveio é mais regular e mais corrente, a do trapeiro é angulosa, grossa, irregular, às vezes pouco legível, denotando caráter muito diferente.

17ª Que faz agora? Ocupa-se com o teu futuro?

“Ainda não; vagueio. Pensam tão pouco em mim na Terra, que ninguém roga por mim. Ora, não tendo quem me ajude, não trabalho”.

Nota – Veremos mais tarde quanto se pode contribuir como por meio da prece e dos conselhos para o progresso e o alívio dos Espíritos inferiores.

18ª Como te chamava quando vivo?

“Jeannet”.

19ª Está bem, Jeannet! Oraremos por ti. Diz-nos se a nossa evocação te deu prazer ou te contrariou?

“Antes prazer, pois que são bons rapazes, viventes alegres, embora um pouco sérios. Não importa: me ouviram e estou contente”.

FENÔMENO DE TRANSPORTE

96. Este fenômeno não difere do de que vimos de falar, senão pela intenção benévola do Espírito que o produz, pela natureza dos objetos de que ele se serve – quase sempre graciosos – e pela maneira suave, delicada mesmo, como são trazidos. Consiste na trazida espontâneo de objetos inexistentes no lugar onde estão os observadores. São quase sempre flores, não raro frutos, confeitos, joias, etc.

97. Digamos, antes de tudo, que este fenômeno é dos que melhor se prestam à imitação e que, por conseguinte, devemos estar de sobreaviso contra a fraude. Sabe-se até onde pode ir a arte da enganção, em se tratando de experiências deste gênero. Porém, mesmo sem que tenhamos de nos haver com um verdadeiro enganador, poderemos ser facilmente ludibriados por uma manobra hábil e interessada. A melhor de todas as garantias se encontra no *caráter, na honestidade notória, no absoluto desinteresse* das pessoas que obtêm tais efeitos. Vem depois, como meio de resguardo, o exame atento de todas as circunstâncias em que os fatos se produzem; e, finalmente, o conhecimento esclarecido do Espiritismo poderá descobrir o que fosse suspeito.

98. A teoria do fenômeno dos transportes e das manifestações físicas em geral se acha resumida, de maneira notável, na seguinte dissertação feita por um Espírito, cujas comunicações todas trazem o cunho incontestável de profundidade e lógica. Com muitas delas deparará o leitor no curso desta obra. Ele se dá a conhecer pelo nome de *Erasto*, discípulo de São Paulo, e como protetor do médium que lhe serviu de instrumento:

“Quem deseja obter fenômeno desta ordem precisa ter consigo médiuns a que chamarei *sensitivos*, isto é, dotados das faculdades mediúnicas de expansão e de penetrabilidade no mais alto grau, porque o sistema nervoso facilmente excitável de tais médiuns lhes permite, por meio de certas vibrações, projetar abundantemente, em torno de si, o fluido animalizado que é próprio deles.

“As naturezas impressionáveis – as pessoas cujos nervos vibram à menor impressão – à mais insignificante sensação; as que a influência moral ou física, interna ou externa, sensibiliza são muito aptas a se tornarem excelentes médiuns, para os efeitos físicos de tangibilidade e de transportes. Efetivamente, quase de todo desprovido do invólucro refratário, que, na maioria dos outros encarnados, o isola, o sistema nervoso dessas pessoas as capacita para a produção destes diversos fenômenos. Assim, com um indivíduo de tal natureza e cujas outras faculdades não sejam hostis à mediunidade, facilmente se obterão os fenômenos de tangibilidade, as pancadas nas paredes e nos móveis, os movimentos *inteligentes* e mesmo a suspensão, no espaço, da mais pesada matéria inerte. Em consequência disso, os mesmos resultados se conseguirão se, em vez de um médium, o experimentador dispuser de muitos igualmente bem-dotados.

“Mas, da produção de tais fenômenos à obtenção dos de transporte há um mundo de permeio, pois neste caso, não só o trabalho do Espírito é mais complexo e mais difícil como, sobretudo, ele não pode operar, senão por meio de um único aparelho mediúnic, isto é, muitos médiuns não podem auxiliar simultaneamente para a produção do mesmo fenômeno. Sucede até que, ao contrário, a presença de algumas pessoas antipáticas ao Espírito que opera lhe impede radicalmente à operação. A estes motivos a que, como podem ver, não falta importância,

acrescentemos que os transportes reclamam sempre maior concentração e, ao mesmo tempo, maior difusão de certos fluidos, que não podem ser obtidos senão com médiuns superiormente dotados, com aqueles, numa palavra, cujo aparelho *eletromediúnico* é o que melhores condições oferece.

“Em geral, os fatos de transporte são e continuarão a ser extremamente raros. Não preciso demonstrar porque são e serão menos frequentes do que os outros fenômenos de tangibilidade; vocês mesmos podem deduzi do que digo. Demais, estes fenômenos são de tal natureza, que nem todos os médiuns servem para produzi-los. Com efeito, é necessário que entre o Espírito e o médium influenciado exista certa afinidade, certa analogia; em suma: certa semelhança capaz de permitir que a parte expansível do fluido *perispirítico*²⁵ do encarnado se misture, se una, se combine com o do Espírito que queira fazer um transporte. Deve ser tal esta fusão, que a força resultante dela se torne, por assim dizer, *uma*: do mesmo modo que, atuando sobre o carvão, uma corrente elétrica produz um só foco, uma só claridade. Perguntarão: – por que essa união e essa fusão? – É que, para que estes fenômenos se produzam, necessário se faz que as propriedades essenciais do Espírito motor se aumentem com algumas das do médium; é que o *fluido vital*, indispensável à produção de todos os fenômenos mediúnicos, é privilégio *exclusivo* do encarnado e que, por conseguinte, o Espírito operador fica obrigado a se impregnar dele. Só então pode, mediante certas propriedades, que desconhecem no seu meio ambiente, isolar, tornar invisíveis e fazer que se movam alguns objetos materiais e mesmo os encarnados.

“Por enquanto, não me é permitido lhes desvendar as leis particulares que governam os gases e os fluidos que cercam vocês; mas, antes que alguns anos tenham decorrido, antes que uma existência de homem se tenha esgotado, a explicação destas leis e destes fenômenos será revelada e verão surgir e se produzir uma variedade nova de médiuns, que agirão num estado cataléptico especial, desde que sejam mediunizados.

“Assim, vejam quantas dificuldades cercam a produção do fenômeno dos transportes. Muito logicamente podem concluir daí que os fenômenos desta natureza são extremamente raros, como eu disse acima, e com tanto mais razão, quanto os Espíritos muito pouco se prestam a produzi-los, porque isso dá lugar, da parte deles, a um trabalho quase material, o que lhes acarreta aborrecimento e fadiga. Por outro lado, ocorre também que frequentemente o estado do próprio médium lhes opõe intransponível barreira, apesar da energia e a vontade que os animem.

“É evidente, pois, e estou certo que o seu raciocínio comprovará que os fatos de tangibilidade, como pancadas, suspensão e movimentos, são fenômenos simples, que se operam mediante a concentração e a dilatação de certos fluidos e que podem ser provocados e obtidos pela vontade e pelo trabalho dos médiuns aptos a isso, quando amparados por Espíritos amigos e benevolentes, ao passo que os fatos de transporte são múltiplos, complexos, exigem um agrupamento de circunstâncias especiais, não se podem operar senão por um único Espírito e um único médium e necessitam, além do que a tangibilidade reclama, uma combinação muito especial, para isolar e tornar invisíveis o objeto, ou os objetos destinados ao transporte.

“Todos vocês espíritas compreendem as minhas explicações e apreendem perfeitamente o que seja essa concentração de fluidos especiais, para a locomoção e

²⁵ Vê-se que, quando se trata de exprimir uma ideia nova, para a qual faltam termos na língua, os Espíritos sabem perfeitamente criar neologismos. Estas palavras: *eletromediúnico*, *perispirítico*, não são de invenção nossa. Os que nos tem criticado por havermos criado os termos *espírita*, *spiritismo*, *perispirito*, que tinham análogos, poderão fazer também a mesma crítica aos Espíritos.

a tutilidade da matéria inerte. Acreditam nisso como acreditam nos fenômenos da eletricidade e do magnetismo, com os quais os fatos mediúnicos têm grande semelhança e de que são, por assim dizer, a confirmação e o desenvolvimento. Quanto aos incrédulos e aos sábios, piores estes do que aqueles, não me compete convencê-los e com eles não me ocupo. Ficarão convencidos um dia por força da evidência, pois que será obrigatório que se curvem diante do testemunho dos fatos espíritas, como forçoso foi que o fizessem diante de outros fatos, que a princípio repeliram.

“Resumindo: os fenômenos de tangibilidade são frequentes, mas os de transporte são muito raros, porque são muito difíceis de se realizar as condições em que se produzem. Conseqüentemente, nenhum médium pode dizer: a tal hora, em tal momento, obterei um transporte, visto que muitas vezes o próprio Espírito se vê longe na execução da sua obra. Devo acrescentar que esses fenômenos são duplamente difíceis em público, porque quase sempre, entre este, se encontram elementos energicamente refratários, que paralisam os esforços do Espírito e, com mais forte razão, a ação do médium. Tende, ao contrário, como certo que, na intimidade, os ditos fenômenos se produzem quase sempre espontaneamente, as mais das vezes à revelia dos médiuns e sem premeditação, sendo muito raros quando esses se acham prevenidos. Devem deduzir daí que há motivo de suspeição todas as vezes que um médium se lisonjeia de os obter à vontade, ou, por outra, de dar ordens aos Espíritos, como a servos seus – o que é simplesmente absurdo. Vocês têm ainda como regra geral que os fenômenos espíritas não se produzem para constituir espetáculo e para divertir os curiosos. Se alguns Espíritos se prestam a tais coisas, só pode ser para a produção de fenômenos simples, não para os que, como os de transporte e outros semelhantes, exigem condições excepcionais.

“Lembrem-se, espíritas, de que, se é absurdo repelir sistematicamente todos os fenômenos de além-túmulo, também não é de bom aviso aceitá-los todos, cegamente. Quando um fenômeno de tangibilidade, de visibilidade ou de transporte se opera espontaneamente e de modo instantâneo, aceitem-no. Porém, nunca repetirei o suficiente que não aceitem coisa alguma às cegas. Que cada fato seja submetido a um exame minucioso, aprofundado e severo, pois acreditem: o Espiritismo, tão rico em fenômenos sublimes e grandiosos, nada tem que ganhar com essas pequenas manifestações, que trapaceiros hábeis podem imitar.

“Bem sei que vão dizer: “é que estes são úteis para convencer os ateus”. Mas, fiquem sabendo: se não houvessem outros meios de convicção, não contaríamos hoje a centésima parte dos espíritas que existem. Falem ao coração; por aí é que farão maior número de conversões sérias. Se julgarem conveniente, para certas pessoas se valerem dos fatos materiais, ao menos apresentem-nos em circunstâncias tais, que não possam permitir nenhuma interpretação falsa e, sobretudo, não se afastem das condições normais dos mesmos fatos, porque, apresentados em más condições, eles fornecem argumentos aos incrédulos, em vez de convencê-los”.

Erasto

99. O fenômeno de transporte apresenta uma particularidade notável, e é que alguns médiuns só o obtêm em estado sonambúlico, o que facilmente se explica. Há no sonâmbulo um desprendimento natural, uma espécie de isolamento do Espírito e do perispírito, que deve facilitar a combinação dos fluidos necessários. Tal o caso dos transportes de que temos sido testemunha.

As perguntas que se seguem foram dirigidas ao Espírito que os operara, mas as respostas se ressentem por vezes da deficiência dos seus conhecimentos.

Submetemos todas ao Espírito Erasto, muito mais instruído do ponto de vista teórico, e ele as completou, aditando-lhes notas muito judiciosas. Um é o artista, o outro o sábio, constituindo a própria comparação dessas inteligências um estudo instrutivo, por que prova que não basta ser Espírito para tudo saber.

1ª Peço que nos diga: por que os transportes que acabou de executar só se produzem estando o médium em estado sonambúlico?

“Isto se prende à natureza do médium. Os fatos que produzo, quando o meu está adormecido, poderia produzi-los igualmente com outro médium em estado de vigília”.

2ª Por que faz demorar tanto a trazida dos objetos e por que é que avivas a cobiça do médium, excitando-lhe o desejo de obter o objeto prometido?

“O tempo me é necessário a preparar os fluidos que servem para o transporte. Quanto à excitação, muitas vezes, essa só tem por objetivo divertir as pessoas presentes e o sonâmbulo.”

Nota de Erasto – O Espírito que responde não sabe mais do que isso; não percebe o motivo dessa cobiça, que ele instintivamente aguça, sem lhe compreender o efeito. Julga proporcionar um divertimento, enquanto que, na realidade, provoca, sem o suspeitar, uma emissão maior de fluido. É uma consequência da dificuldade que o fenômeno apresenta, dificuldade sempre maior quando ele não é espontâneo, sobretudo com cestos médiuns.

3ª Depende da natureza especial do médium a produção do fenômeno e poderia produzir-se por outros médiuns com mais facilidade e presteza?

“A produção depende da natureza do médium e o fenômeno não se pode produzir, senão por meio de naturezas correspondentes. Pelo que toca à presteza, o hábito que adquirimos, comunicando-nos frequentemente com o mesmo médium, nos é de grande vantagem”.

4ª As pessoas presentes influem alguma coisa no fenômeno?

“Quando há da parte delas incredulidade, a oposição, nos podem embaraçar muito. Preferimos apresentar nossas provas aos crentes e a pessoas versadas no Espiritismo. Não quero, porém, dizer com isso que a má vontade consiga paralisar-nos inteiramente”.

5ª Onde buscou as flores e os confeitos que trouxe para aqui?

“As flores, tomo-as aos jardins, onde bem me parece”.

6ª E os confeitos? Devem ter feito falta ao respectivo negociante.

“Tomo-os onde me agrada. O negociante nada absolutamente percebeu, porque pus outros no lugar dos que tirei”.

7ª Mas, os anéis têm valor. Onde os buscou? Não terá com isso causado prejuízo àquele de quem foi tirado?

“Tirei-os de lugares que todos desconhecem e fiz isso por maneira que daí não resultará prejuízo para ninguém”.

Nota de Erasto – Creio que o fato foi explicado de modo incompleto, em virtude da deficiência da capacidade do Espírito que respondeu. Sim, de fato, pode resultar prejuízo real; mas, o Espírito não quis passar por haver desviado o que quer que fosse. Um objeto só pode ser substituído por outro objeto idêntico, da mesma forma, do mesmo valor. Conseqüentemente, se um Espírito tivesse a faculdade de substituir, por outro objeto igual, um de que se apodera, já não teria razão para se apossar deste, visto que poderia dar o de que se iria servir para substituir o objeto retirado.

8ª Será possível trazer flores de outro planeta?

“Não; a mim não me é possível.”

– (A *Erasto*) Teriam outros Espíritos esse poder?

“Não, isso não é possível, em virtude da diferença dos meios ambientes”.

9ª Poderia nos trazer flores de outro hemisfério; dos trópicos, por exemplo?

“Desde que seja da Terra, posso”.

10ª Poderia fazer que os objetos trazidos nos desaparecessem da vista e levá-los novamente?

“Assim como os trouxe aqui, posso levá-los, pela minha vontade”.

11ª A produção do fenômeno dos transportes não é de alguma forma penosa, não te causa qualquer embaraço?

“Não nos é penosa em nada, quando temos permissão para operá-los. Poderia ser-nos grandemente penosa, se quiséssemos produzir efeitos para os quais não estivéssemos autorizados”.

Nota de Erasto – Ele não quer convir em que isso lhe é penoso, embora o seja realmente, pois que se vê forçado a executar uma operação por assim dizer material.

12ª Quais são as dificuldades que encontra?

“Nenhuma outra, além das más disposições fluídicas, que podem ser contrárias a nós”.

13ª Como traz o objeto? Será segurando-o com as mãos?

“Não; envolvo-o em mim mesmo”.

Nota de Erasto – A resposta não explica de modo claro a operação. Ele não envolve o objeto com a sua própria personalidade; mas, como o seu fluido pessoal é dilatável, combina uma parte desse fluido com o fluido animalizado do médium e é nesta combinação que oculta e transporta o objeto que escolheu para transportar. Ele, pois, não exprime com justeza o fato, dizendo que envolve em si o objeto.

14ª Traz com a mesma facilidade um objeto de peso considerável, de 50 quilos por exemplo?

“O peso nada é para nós. Trazemos flores, porque agrada mais do que um volume pesado”.

Nota de Erasto – É exato. Pode trazer objetos de cem ou duzentos quilos, por isso que a gravidade, existente para vocês é anulada para os Espíritos. Mas, ainda aqui, ele não percebe bem o que se passa. A massa dos fluidos combinados é proporcional à dos objetos. Numa palavra, a força deve estar em proporção com a resistência; donde se segue que, se o Espírito apenas traz uma flor ou um objeto leve, é

muitas vezes porque não encontra no médium, ou em si mesmo, os elementos necessários para um esforço mais considerável.

15ª Poderemos atribuir aos Espíritos certas desapareições de objetos, cuja causa permanece ignorada?

“Isso se dá com frequência; com mais frequência do que supõem; mas isso se pode remediar, pedindo ao Espírito que traga de novo o objeto desaparecido”.

Nota de Erasto – É certo. Mas, às vezes, o que é subtraído, muito bem subtraído fica, pois que para muito longe são levados os objetos que desaparecem de uma casa e que o dono não mais consegue achar. Entretanto, como a subtração dos objetos exige quase que as mesmas condições fluídicas que a trazida deles reclama, ela só se pode dar com o auxílio de médiuns dotados de faculdades especiais. Por isso, quando alguma coisa desapareça, é mais provável que o fato seja devido a descuido de vocês do que da ação dos Espíritos.

16ª Serão devidos à ação de certos Espíritos alguns efeitos que se consideram como fenômenos naturais?

“Nos dias que correm, abundam fatos dessa ordem, fatos que não percebem porque neles não pensam, mas que, com um pouco de reflexão, se tornariam evidentes para vocês”.

Nota de Erasto – Não atribuam aos Espíritos o que é obra do homem; mas, creiam na influência deles, oculta e constante, a criar em torno de vocês mil circunstâncias, mil incidentes necessários ao cumprimento dos seus atos, da sua existência.

17ª Entre os objetos que os Espíritos costumam trazer, não haverá alguns que eles próprios possam fabricar, isto é, produzidos espontaneamente pelas modificações que os Espíritos possam operar no fluido, ou no elemento universal?

“Por mim, não, que não tenho permissão para isso. Só um Espírito elevado o pode fazer”.

18ª Como conseguiste outro dia introduzir aqueles objetos, estando fechado o aposento?

“Os fiz entrar comigo, envoltos, por assim dizer, na minha substância. Nada mais posso dizer, por não ser explicável o fato”.

19ª Como fez para tornar visíveis estes objetos que, um momento antes, eram invisíveis?

“Tirei a matéria que os envolvia”.

Nota de Erasto – O que os envolve não é matéria propriamente dita, mas um fluido tirado, metade, do perispírito do médium e, metade, do Espírito que opera.

20ª (A Erasto) Pode um objeto ser trazido a um lugar inteiramente fechado? Numa palavra: pode o Espírito espiritualizar um objeto material, de maneira que se torne capaz de penetrar a matéria?

“É complexa esta questão. O Espírito pode tornar invisíveis, porém, não penetráveis, os objetos que ele transporte; não pode quebrar a agregação da matéria, porque seria a destruição do objeto. Tornando este invisível, o Espírito o pode

transportar quando queira e não o libertar senão no momento oportuno, para fazê-lo aparecer. De modo diverso se passam as coisas, com relação aos que compomos. Como nestes só introduzimos os elementos da matéria, como esses elementos são essencialmente penetráveis e, ainda, como nós mesmos penetramos e atravessamos os corpos mais condensados, com a mesma facilidade com que os raios solares atravessam uma placa de vidro, podemos perfeitamente dizer que introduzimos o objeto num lugar que esteja completamente fechado, mas isso somente neste caso”.

Nota – Quanto à teoria da formação espontânea dos objetos, veja-se adiante o capítulo intitulado: “Laboratório do mundo invisível”.

CAPÍTULO VI

DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS

- NOÇÕES SOBRE AS APARIÇÕES
- ENSAIO TEÓRICO SOBRE AS APARIÇÕES
- ESPÍRITOS GLÓBULOS
- TEORIA DA ALUCINAÇÃO

100. De todas as manifestações espíritas, sem contestação, as mais interessantes são aquelas em que os Espíritos se tornam visíveis. Pela explicação deste fenômeno se verá que ele não é mais sobrenatural do que os outros. Vamos apresentar primeiramente as respostas que os Espíritos deram acerca do assunto:

1ª Os Espíritos podem se tornar visíveis?

“Podem, sobretudo, durante o sono. Entretanto algumas pessoas os veem quando acordadas, porém, isso é mais raro.”

Nota – Enquanto o corpo repousa, o Espírito se desprende dos laços materiais; fica mais livre e pode ver os outros Espíritos mais facilmente, entrando com eles em comunicação. O sonho não é senão a recordação desse estado. Quando de nada nos lembramos, diz-se que não sonhamos, mas, nem por isso a alma deixou de ver e de gozar da sua liberdade. Aqui nos ocupamos especialmente com as aparições no estado de vigília.²⁶

2ª Os Espíritos que se tornam visíveis pertencem mais a uma categoria do que a outra?

“Não; podem pertencer a todas as classes, desde as mais elevadas, como as mais inferiores”.

3ª É permitido a todos os Espíritos se manifestarem visivelmente?

“Todos o podem; mas, nem sempre têm permissão para fazê-lo, ou o querem”.

4ª Quais os objetivos dos Espíritos que se manifestam visivelmente?

“Isso depende; de acordo com as suas naturezas, o fim pode ser bom, ou mau”.

5ª Como lhes pode ser permitido se manifestar quando é para um mau objetivo?

²⁶ Para maiores particularidades sobre o estado do Espírito durante o sono, ver o LIVRO DOS ESPÍRITOS, cap. “Da emancipação da alma”.

“Nesse caso é para experimentar aqueles a quem eles aparecem. Pode ser má a intenção do Espírito e bom o resultado”.

6ª Qual pode ser o fim que tem em vista o Espírito que se torna visível com má intenção?

“Amedrontar e muitas vezes vingar-se”.

a) O que visam os que vêm com boa intenção?

“Consolar as pessoas que deles guardam saudades, provar-lhes que existem e estão perto delas; dar conselhos e, algumas vezes, pedir mesmos assistência para si”.

7ª Que inconveniente haveria em ser permanente e geral entre os homens a possibilidade de verem os Espíritos? Não seria esse um meio de tirar a dúvida aos mais incrédulos?

“Estando o homem constantemente cercado de Espíritos e vê-los a todo instante o perturbaria, o deixaria embaraçado e lhe tiraria a iniciativa na maioria dos casos, ao passo que, julgando-se só, ele age mais livremente. Quanto aos sem fé, de muitos meios dispõem para se convencerem, se desses meios quiserem aproveitar-se e não estiverem cegos pelo orgulho. Sabem muito bem que há pessoas que têm visto e que nem por isso creem, pois dizem que são ilusões. Com esses não se preocupem; Deus se encarrega deles”.

Nota – Tantos inconvenientes haveria em vermos constantemente os Espíritos, como em vermos o ar que nos cerca e as miríades de animais microscópicos que sobre nós e em torno de nós pululam. Donde devemos concluir que o que Deus faz é benfeito e que Ele sabe melhor do que nós o que nos convém.

8ª Uma vez que há inconveniente em vermos os Espíritos, por que em certos casos isso é permitido?

“Para dar ao homem uma prova de que nem tudo morre com o corpo, que a alma conserva a sua individualidade após a morte. A visão passageira basta para essa prova e para atestar a presença de amigos ao seu lado e não oferece os inconvenientes da visão constante”.

9ª Nos mundos mais adiantados que o nosso, os Espíritos são vistos com mais frequência do que entre nós?

“Quanto mais o homem se aproxima da natureza espiritual, tanto mais facilmente se põe em comunicação com os Espíritos. A grosseria do seu envoltório é que dificulta e torna rara a percepção dos seres etéreos”.

10ª Será racional se assustar com a aparição de um Espírito?

“Quem refletir deverá compreender que um Espírito, qualquer que seja, é menos perigoso do que um vivo. Demais, como os Espíritos podem ir a toda parte, não se faz preciso que uma pessoa os veja para saber que alguns estão ao seu lado. O Espírito que queira causar dano pode fazê-lo sem ser visto – e até com mais segurança.. Ele não é perigoso pelo fato de ser Espírito, mas, sim, pela influência que pode exercer sobre o homem, desviando-o do bem e impelindo-o ao mal”.

Nota – As pessoas que, quando se acham na solidão ou na obscuridade, se enchem de medo raramente se apercebem da causa de seus pavores. Não seriam capazes de dizer de que é que têm medo. Muito mais deveriam temer o encontro com homens do que com Espíritos, porque um malfetor é bem mais perigoso quando vivo, do que depois de morto. Uma senhora do nosso conhecimento teve uma noite, em seu quarto, uma aparição tão bem caracterizada, que ela julgou estar em sua presença uma pessoa e a sua primeira sensação foi de terror. Certificada de que não havia pessoa alguma, disse: “Parece que é apenas um Espírito; posso dormir tranquila”.

11ª Aquele a quem um Espírito apareça poderá travar conversação com ele?

“Perfeitamente e é mesmo o que se deve fazer em tal caso, perguntando ao Espírito quem ele é, o que deseja e em que se lhe pode ser útil. Caso se tratar de um Espírito infeliz e sofredor, a compaixão que se lhe testemunhar o aliviará. Se for um Espírito bondoso, pode acontecer que traga a intenção de dar bons conselhos”.

a) Nesse caso, como o Espírito pode responder?

“Algumas vezes o faz por meio de sons articulados, como o faria uma pessoa viva. Na maioria dos casos, porém, pela transmissão dos pensamentos”.

12ª Os Espíritos que aparecem com asas têm realmente essas asas ou são apenas uma aparência simbólica?

“Os Espíritos não têm asas, nem de tal coisa precisam, visto que podem ir a toda parte. Aparecem da maneira que precisam impressionar a pessoa a quem se mostram. Assim é que uns aparecerão em trajes comuns, outros envoltos em amplas roupagens, alguns com asas, como atributo da categoria espiritual a que pertencem”.

13ª As pessoas que vemos em sonho são sempre as que parecem ser pelo seu aspecto?

“Quase sempre são mesmo as que os seus Espíritos buscam, ou que vêm ao encontro deles”.

14ª Os Espíritos zombeteiros não poderiam tomar as aparências das pessoas que nos são queridas para nos induzirem em erro?

“Somente para se divertirem à sua custa eles tomam aparências fantásticas. Há coisas, porém, com que não lhes é lícito brincar”.

15ª Compreende-se que, sendo uma espécie de evocação, o pensamento faça com que se apresente o Espírito em quem se pensa. No entanto, como é que muitas vezes as pessoas em quem mais pensamos, que ardentemente desejamos tornar a ver, jamais se apresentam a nós em sonho, ao passo que vemos outras que nos são indiferentes e nas quais nunca pensamos?

“Os Espíritos nem sempre podem manifestar-se visivelmente, mesmo em sonho e apesar do desejo que tenham de vê-los. Pode ocorrer que dificultem a isso causas independentes da vontade deles. Frequentemente, é também uma prova, de que não consegue triunfar o mais ardente desejo. Quanto às pessoas que são indiferentes a vocês, se é certo que não pensam nelas, bem pode acontecer que elas emensem em vocês. Aliás, não podem formar ideia das relações no mundo dos Espíritos. Lá vocês têm uma multidão de conhecimentos íntimos, antigos ou

recentes, de que não suspeitam quando estão acordados”.

Nota – Quando não temos nenhum meio de verificar a realidade das visões ou aparições, podemos sem dúvida lançá-las à conta da alucinação. Quando, porém, os sucessos as confirmam, ninguém tem o direito de atribuí-las à imaginação. Por exemplo, tais as aparições – que temos em sonho ou em estado de vigília – de pessoas em quem absolutamente não pensávamos e que, produzindo-as no momento em que morrem, vêm, por meio de sinais diversos, revelar as circunstâncias totalmente ignoradas em que faleceram. Têm-se visto cavalos empinarem e recusarem caminhar para a frente, por motivo de aparições que assustam os cavaleiros que os montam. Embora se admita que a imaginação desempenhe aí algum papel, quando o fato se passa com os homens, ninguém, certamente, negará que ela nada tem que ver com o caso, quando este se dá com os animais. Acresce que, se fosse exato que as imagens que vemos em sonho são sempre efeito das nossas preocupações quando acordados, não haveria como explicar que nunca sonhemos, conforme se verifica frequentemente, com aquilo em que mais pensamos.

16ª Por que razão algumas visões ocorrem com mais frequência quando se está doente?

“Elas ocorrem do mesmo modo quando estão de perfeita saúde. Simplesmente, no estado de doença, os laços materiais se afrouxam; a fraqueza do corpo permite maior liberdade ao Espírito, que, então, se põe mais facilmente em comunicação com os outros Espíritos”.

17ª As aparições espontâneas parecem mais frequentes em certos países. Será que alguns povos estão mais bem-dotados do que outros para receberem esta espécie de manifestações?

“Será que vocês têm um registro histórico de cada aparição? As aparições, como os ruídos e todas as manifestações, produzem-se igualmente em todos os pontos da Terra; embora apresentem característica distintas de acordo com o povo em cujo meio se verificam. Por exemplo, nuns onde o uso da escrita está pouco espalhado, não há médiuns escreventes; noutros, abundam os médiuns desta natureza; entre outros, observam-se mais os ruídos e os movimentos do que as manifestações inteligentes, por serem estas menos apreciadas e procuradas”.

18ª Por que é que as aparições se dão de preferência à noite? Isso não indica que elas são efeito do silêncio e da obscuridade sobre a imaginação?

“Pela mesma razão por que vêm as estrelas durante a noite e não as observam em pleno dia. A grande claridade pode apagar uma aparição ligeira; mas, errôneo é supor-se que a noite tenha qualquer coisa com isso. Perguntem aos que têm tido visões e verão que são em maior número os que as tiveram de dia”.

Nota – Muito mais frequentes e gerais do que se julga são as aparições; porém, muitas pessoas deixam de torná-las conhecidas, por medo do ridículo, e outras as atribuem à ilusão. Se parecem mais numerosas entre alguns povos, é isso devido a que aí se conservam com mais cuidado as tradições verdadeiras, ou falsas, quase sempre ampliadas pelo poder de sedução do maravilhoso a que mais ou menos se preste o aspecto das localidades. A fé então faz que se vejam efeitos sobrenaturais nos mais vulgares fenômenos: o silêncio da solidão, o escarpamento das quebradas, o mugido da floresta, as rajadas da tempestade, o eco das montanhas, a forma fantástica das nuvens, as sombras, as miragens, tudo enfim se presta à ilusão, para imaginações simples e ingênuas, que de boa-fé narram o que viram, ou julgaram ver. Porém, ao lado da ficção, há a realidade. O estudo sério do Espiritismo leva precisamente o homem a se desembarçar de todas as superstições ridículas.

19ª A visão dos Espíritos se produz no estado normal, ou só o vidente estando num

estado de transe?

“Pode produzir-se achando-se este em condições perfeitamente normais. Entretanto, as pessoas que os veem se encontram muitas vezes num estado próximo do de êxtase, estado que lhes permite uma espécie de dupla vista”. (O LIVRO DOS ESPÍRITOS, nº 447.)

20ª Os que veem os Espíritos veem-nos com os olhos?

“Assim julgam; mas na realidade, é a alma quem vê e o que o prova é que os podem ver com os olhos fechados”.

21ª Como o Espírito pode se fazer visível?

“O princípio é o mesmo de todas as manifestações, reside nas propriedades do perispírito, que pode sofrer diversas modificações, ao gosto do Espírito”.

22ª O Espírito propriamente dito pode se fazer visível ou só o pode com o auxílio do perispírito?

“No estado material em que se acham, os Espíritos só podem se manifestar com o auxílio de seus corpos semimateriais. Esse invólucro é o intermediário por meio do qual eles atuam sobre os seus sentidos. Sob esse envoltório é que aparecem, às vezes, com uma forma humana, ou com outra qualquer, seja nos sonhos, seja no estado de vigília, assim em plena luz, como na escuridão”.

23ª Podemos dizer que é pela condensação do fluido do perispírito que o Espírito se torna visível?

“Condensação não é o termo. Essa palavra apenas pode ser usada para estabelecer uma comparação, que lhes faculte compreender o fenômeno, porque não há realmente condensação. Pela combinação dos fluidos, o perispírito toma uma disposição especial, sem comparação para vocês, disposição essa que o torna perceptível”.

24ª Os Espíritos que aparecem são sempre inapreensíveis e imperceptíveis ao tato?

“Em seu estado normal, são inapreensíveis, como num sonho. Entretanto, podem tornar-se capazes de produzir impressão ao tato, de deixar vestígios de sua presença e até, em certos casos, de se tornar momentaneamente tangíveis, o que prova haver matéria entre vocês e eles”.

25ª Toda pessoa tem aptidão para ver os Espíritos?

“Durante o sono, todos têm; em estado de vigília, não. Durante o sono, a alma vê sem intermediário; no estado de vigília, acha-se sempre mais ou menos influenciada pelos órgãos. Daí vem não serem totalmente idênticas as condições nos dois casos”.

26ª Para o homem, de que depende a capacidade de ver os Espíritos, em estado de vigília?

“Depende da organização física. Reside na maior ou menor facilidade que o fluido do vidente tem para se combinar com o do Espírito. Assim, não basta que o

Espírito queira se mostrar, é preciso também que encontre a necessária aptidão na pessoa a quem deseje fazer-se visível”.

a) Pode essa faculdade desenvolver-se pelo exercício?

“Pode, como todas as outras faculdades; mas, pertence ao número daquelas com relação às quais é melhor que se espere o desenvolvimento natural, do que provocá-lo, para não sobreexcitar a imaginação. A de ver os Espíritos, em geral e permanentemente, constitui uma faculdade excepcional e não está nas condições normais do homem”.

27ª Pode-se provocar a aparição dos Espíritos?

“Isso algumas vezes é possível, porém, muito raramente. A aparição é quase sempre espontânea. Para que alguém veja os Espíritos, precisa ser dotado de uma faculdade especial”.

28ª Os Espíritos podem se tornar visíveis sob outra aparência que não a da forma humana?

“A forma normal é a humana. O Espírito pode variar sua aparência, mas sempre com o tipo humano”.

a) Não podem se manifestar sob a forma de chama?

“Podem produzir chamas, clarões, como todos os outros efeitos, para atestar sua presença; mas, não são os próprios Espíritos que assim aparecem. A chama não passa muitas vezes de uma miragem, ou de uma emanação do perispírito. Em todo caso, nunca é mais do que uma parcela deste. O perispírito não se mostra integralmente nas visões”.

29ª Que se deve pensar da crença que atribui os fogos-fátuos²⁷ à presença de almas ou Espíritos?

“Superstição produzida pela ignorância. A causa física dos fogos-fátuos é bem conhecida”.

a) A chama azul que, segundo dizem, apareceu sobre a cabeça de Sérvius Túlius, quando menino, é uma fábula, ou foi real?

“Era real e produzida por um Espírito familiar, que desse modo dava um aviso à mãe do menino. Médiun vidente, essa mãe percebeu uma irradiação do Espírito protetor de seu filho. Assim como os médiuns escreventes não escrevem todos a mesma coisa, também, nos médiuns videntes, não é em todos do mesmo grau a vidência. Ao passo que aquela mãe viu apenas uma chama, outro médium teria podido ver o próprio corpo do Espírito”.

30ª Os Espíritos poderiam se apresentar sob a forma de animais?

²⁷ **Fogo-fátuo:** luz que aparece à noite, ger. emanada de terrenos pantanosos ou de sepulturas, e que é atribuída à combustão de gases provenientes da decomposição de matérias orgânicas – N. D.

“Isso pode ser; mas somente Espíritos muito inferiores tomam essas aparências. Em caso algum, porém, será mais do que uma aparência momentânea. Seria absurdo acreditar que um animal verdadeiro qualquer pudesse ser a encarnação de um Espírito. Os animais são sempre animais e nada mais do que isto”.

Nota – Somente a superstição pode fazer crer que certos animais são animados por Espíritos. É preciso uma imaginação muito complacente, ou muito impressionada para ver qualquer coisa de sobrenatural nas circunstâncias um pouco extravagantes em que eles algumas vezes se apresentam. O medo faz que amiúde se veja o que não existe. Mas, não só no medo tem sua origem essa ideia. Conhecemos uma senhora, muito inteligente aliás, que consagrava desmedida afeição a um gato preto, porque acreditava ser ele de natureza sobreanimal. Entretanto, essa senhora jamais ouvira falar do Espiritismo. Se o houvesse conhecido, ele lhe teria feito compreender o ridículo da causa de sua predileção pelo animal, provando-lhe a impossibilidade de tal metamorfose.

ENSAIO TEÓRICO SOBRE AS APARIÇÕES

101. As manifestações aparentes mais comuns se dão durante o sono, por meio dos sonhos: são as visões. Os limites deste estudo não abordam o exame de todas as particularidades que os sonhos podem apresentar. Resumiremos tudo, dizendo que eles podem ser: uma visão atual das coisas presentes, ou ausentes; uma visão retrospectiva do passado e, em alguns casos excepcionais, um pressentimento do futuro. Também muitas vezes são quadros simbólicos que os Espíritos nos mostram para nos dar avisos úteis e conselhos salutares, case se trata de Espíritos bons; ou para nos induzir ao erro e nos lisonjear as paixões, se apresentados por Espíritos imperfeitos. A teoria que se segue aplica-se aos sonhos, como a todos os outros casos de aparições (Veja-se: O LIVRO DOS ESPÍRITOS, nº 400 e seguintes). Temos para nós que faríamos uma injúria aos nossos leitores, se nos propuséssemos a demonstrar o que há de absurdo e ridículo no que vulgarmente se chama a interpretação dos sonhos.

102. As aparições propriamente ditas se dão quando o vidente se acha acordado e no gozo da plena e inteira liberdade das suas capacidades. Em geral, apresentam-se sob uma forma vaporosa e transparente, às vezes vaga e imprecisa. A princípio é, quase sempre, uma claridade esbranquiçada, cujos contornos pouco a pouco se vão desenhando. Doutras vezes, as formas se mostram nitidamente acentuadas, distinguindo-se os menores traços da fisionomia, a ponto de se tornar possível fazer-se da aparição uma descrição completa. Os aspectos são semelhantes aos que tinha o Espírito quando vivo.

Podendo tomar todas as aparências, o Espírito se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível, se tal é o seu desejo. Assim, embora como Espírito nenhum defeito corpóreo tenha, ele se mostrará estropiado, coxo, corcunda, ferido, com cicatrizes, se isso for necessário à prova da sua identidade. Esopo, por exemplo, como Espírito, não é disforme; porém, se o evocarem como Esopo, ainda que muitas existências tenha tido depois da em que assim se chamou, ele aparecerá feio e corcunda, com os seus traços tradicionais.

Coisa interessante é que, salvo em circunstâncias especiais, as partes menos acentuadas são os membros inferiores, enquanto que a cabeça, o tronco, os braços e

as mãos são sempre claramente desenhados. Daí vem que quase nunca são vistos a andar, mas a deslizar como sombras. Quanto às vestes, compõem-se ordinariamente de um amontoado de pano, terminando em longo pregueado flutuante. Com uma cabeleira ondulante e graciosa se apresentam os Espíritos que nada conservam das coisas terrenas. Mas os Espíritos vulgares, os que aqui conhecemos, aparecem com os trajes que usavam no último período de sua existência.

Frequentemente, mostram atributos característicos da elevação que alcançaram, como uma auréola, ou asas, os que possam ser tidos por anjos, ao passo que outros trazem os sinais indicativos de suas ocupações terrenas. Assim, um guerreiro aparecerá com a sua armadura, um sábio com livros, um assassino com um punhal, etc. Os Espíritos superiores têm uma figura bela, nobre e serena; os mais inferiores denotam alguma coisa de feroz e bestial, não sendo raro revelarem ainda os vestígios dos crimes que praticaram, ou dos suplícios que padeceram. A questão do traje e dos objetos acessórios com que os Espíritos aparecem é talvez a que mais espanto causa. Voltaremos a essa questão em capítulo especial, porque ela se liga a outros fatos muito importantes.

103. Dissemos que as aparições têm algo de vaporoso. Em certos casos, poderíamos compará-las à imagem que se reflete num espelho sem aço e que, apesar da sua nitidez, não impede que se vejam os objetos que lhe estão por detrás. Geralmente, é assim que os médiuns videntes as percebem. Eles as veem ir e vir, entrar num aposento, sair dele, andar por entre os vivos com ares, pelo menos quando se trata de Espíritos comuns, de participarem ativamente de tudo o que os homens fazem ao derredor deles, de se interessarem por tudo isso, de ouvirem o que dizem os humanos. Com frequência são vistos a se aproximar de uma pessoa, a lhe insuflar ideias, a influenciá-la, a consolá-la, se pertencem à categoria dos bons, a escarnecê-la, se são malignos, a se mostrar tristes ou satisfeitos com os resultados que logram. Numa palavra: constituem como que o forro do mundo corpóreo.

Tal é esse mundo oculto que nos cerca, dentro do qual vivemos sem o percebermos, como vivemos, também sem darmos por isso, em meio da imensidão de seres do mundo microscópico. O microscópio nos revelou o mundo dos infinitamente pequenos, de cuja existência não suspeitávamos; o Espiritismo, com o auxílio dos médiuns videntes, nos revelou o mundo dos Espíritos, que, por seu lado, também constitui uma das forças ativas da Natureza. Com a ajuda dos médiuns videntes, nos foi possível estudar o mundo invisível, conhecer-lhe os costumes, como um povo de cegos poderia estudar o mundo visível com o auxílio de alguns homens que gozassem da habilidade de ver (Veja-se adiante, no capítulo referente aos médiuns, o parágrafo que trata dos médiuns videntes).

104. O Espírito, que quer ou pode fazer-se visível, às vezes reveste uma forma ainda mais precisa, com todas as aparências de um corpo sólido, ao ponto de causar completa ilusão e dar a crer, aos que observam a aparição, que têm diante de si um ser corpóreo. Em alguns casos, finalmente, e sob o império de certas circunstâncias, a tangibilidade se pode tornar real, isto é, possível se torna ao observador tocar, palpar, sentir, na aparição, a mesma resistência, o mesmo calor que num corpo vivo, o que não impede que a tangibilidade se desvaneça com a rapidez do relâmpago.

Nesses casos, já não é somente com o olhar que se nota a presença do Espírito, mas também pelo sentido tátil.

Dado se possa atribuir à ilusão ou a uma espécie de fascinação a aparição simplesmente visual, o mesmo já não ocorre quando se consegue segurá-la, palpá-la, quando ela própria segura o observador e o abraça, circunstâncias em que nenhuma dúvida mais é lícita.

Os fatos de aparições tangíveis são os mais raros; porém, os que se têm dado nestes últimos tempos, pela influência de alguns médiuns de grande poder²⁸ e absolutamente autenticados por testemunhos irrecusáveis, provam e explicam o que a história refere acerca de pessoas que, depois de mortas, se mostraram com todas as aparências da realidade.

Todavia, conforme já dissemos, por mais extraordinários que sejam, tais fenômenos perdem inteiramente todo caráter de maravilhosos, quando conhecida a maneira por que se produzem e quando se compreende que, longe de constituírem uma derrogação das leis da Natureza, são apenas efeito de uma aplicação dessas leis.

105. Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível e tem isto de comum com uma imensidade de fluidos que sabemos existir, sem que, entretanto, jamais os tenhamos visto. Mas, também, do mesmo modo que alguns desses fluidos, pode ele sofrer modificações que o tornem perceptível à vista, quer por meio de uma espécie de condensação, quer por meio de uma mudança na disposição de suas moléculas. Aparece-nos então sob uma forma vaporosa.

A condensação (preciso é que não se tome esta palavra na sua significação literal; a empregamos apenas por falta de outra e a título de comparação), a condensação dizemos, pode ser tal que o perispírito adquira as propriedades de um corpo sólido e tangível, conservando, porém, a possibilidade de retomar instantaneamente seu estado etéreo e invisível. Podemos apreender esse efeito, atentando no vapor, que passa do de invisibilidade ao estado brumoso, depois ao estado líquido, em seguida ao sólido e *vice-versa*.

Esses diferentes estados do perispírito resultam da vontade do Espírito e não de uma causa física exterior, como se dá com os nossos gases. Quando o Espírito nos aparece, é que pôs o seu perispírito no estado próprio a torná-lo visível. Mas, para isso, não basta a sua vontade, porque a modificação do perispírito se opera mediante sua combinação com o fluido peculiar ao médium. Ora, esta combinação nem sempre é possível, o que explica não ser generalizada a visibilidade dos Espíritos. Assim, não basta que o Espírito queira mostrar-se; não basta tão pouco que uma pessoa queira vê-lo; é necessário que os dois fluidos possam combinar-se, que entre eles tenha uma espécie de afinidade e também, porventura, que a emissão do fluido da pessoa seja suficientemente abundante para operar a transformação do perispírito e, provavelmente, que se verifiquem ainda outras condições que desconhecemos. É necessário, enfim, que o Espírito tenha a permissão de se fazer visível a tal pessoa, o que nem sempre lhe é concedido, ou só o é em certas circunstâncias, por motivos que não podemos apreciar.

²⁸ Entre outros, o escocês Daniel Dunglas Home (1833-1886) – de variados recursos mediúnicos e um dos mais conceituados médium de seu tempo – N. D.

106. Outra propriedade do perispírito inerente à sua natureza etérea é a penetrabilidade. Nenhuma matéria lhe impõe obstáculo: ele atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. Daí vem não haver tampão capaz de dificultar à entrada dos Espíritos. Eles visitam o prisioneiro no seu calabouço, com a mesma facilidade com que visitam uma pessoa que esteja em pleno campo.

107. Não são raras e nem novidades as aparições no estado de vigília. Elas se produziram em todos os tempos. A história as registra em grande número. Não precisamos remontar ao passado, tão correntes são nos dias de hoje e muitas pessoas há que as têm visto e que as tomaram, no primeiro momento, pelo que se convencionou chamar alucinações. São frequentes, sobretudo, nos casos de morte de pessoas ausentes, que vêm visitar seus parentes ou amigos. Muitas vezes, as aparições não trazem um fim muito determinado, mas pode se dizer que, em geral, os Espíritos que assim aparecem são atraídos pela simpatia. Interrogue cada um as suas recordações e poucos serão os que não conheçam alguns fatos desse gênero, cuja autenticidade não se poderia pôr em dúvida.

108. Às considerações precedentes acrescentaremos o exame de alguns efeitos de ótica, que deram lugar ao singular sistema dos *Espíritos glóbulos*.

Nem sempre é absoluta a limpidez do ar e ocasiões há em que são perfeitamente visíveis as correntes das moléculas aeriformes e a agitação em que as põe o calor. Algumas pessoas tomaram isto por aglomerações de Espíritos a se agitarem no espaço. Basta se cite esta opinião, para que ela fique desde logo refutada. Há, porém, outra espécie de ilusão não menos estranha, contra a qual bom é também se esteja precavido.

O humor aquoso do olho apresenta pontos quase imperceptíveis, que tem perdido alguma coisa da sua natural transparência. Esses pontos são como corpos opacos em suspensão no líquido, cujos movimentos eles acompanham. Produzem no ar ambiente e a distância, por efeito do aumento e da refração, a aparência de pequenos discos, cujos diâmetros variam de um a dez milímetros e que parecem nadar na atmosfera. Conhecemos pessoas que tomaram esses discos por Espíritos que as seguiam e acompanhavam a toda parte. Essas pessoas, no seu entusiasmo, tomavam como figuras os matizes da irisação, o que é quase tão racional como ver uma figura na Lua. Uma simples observação, fornecida por essas pessoas mesmo, as reconduzirá ao terreno da realidade.

Os aludidos discos ou medalhões, dizem elas, não só as acompanham, como lhes seguem todos os movimentos, vão para a direita, para a esquerda, para cima, para baixo, ou param, conforme o movimento que elas fazem com a cabeça. Isto nada tem de surpreendente. Uma vez que a sede da aparência é no globo ocular, tem ela que acompanhar todos os movimentos do olho. Se fossem Espíritos, seria preciso convir em estarem eles ligados a um papel mecânico demais para seres inteligentes e livres, papel bem fastidioso, mesmo para Espíritos inferiores e, pois, com mais forte razão, incompatível com a ideia que fazemos dos Espíritos superiores.

É verdade que alguns tomam por maus Espíritos os pontos escuros ou moscas amauróticas. Esses discos, do mesmo modo que as manchas negras, têm um

movimento ondulatório, cuja amplitude não vai além da de um certo ângulo, concorrendo para a ilusão a circunstância de não acompanharem bruscamente os movimentos da linha visual. Bem simples é a razão desse fato. Os pontos opacos do humor aquoso, causa primária do fenômeno, se acham, conforme dissemos, como que em suspensão e tendem sempre a descer. Quando sobem, é que são solicitados pelo movimento dos olhos, de baixo para cima; chegados, porém, a certa altura, se o olho se torna fixo, nota-se que os discos descem por si mesmos e depois se imobilizam. Extrema é a mobilidade deles, pois basta um movimento imperceptível do olho para fazê-los mudar de direção e percorrer rapidamente toda a amplitude do arco, no espaço em que se produz a imagem. Enquanto não se provar que uma imagem tem movimento próprio, espontâneo e inteligente, ninguém poderá enxergar no fato de que tratamos mais do que um simples fenômeno ótico ou fisiológico.

O mesmo se dá com as centelhas que se produzem algumas vezes em feixes mais ou menos compactos, pela contração do músculo do olho, e são devidas, provavelmente, à eletricidade fosforescente da íris, pois que são geralmente adstritas à circunferência do disco desse órgão.

Tais ilusões não podem provir senão de uma observação incompleta. Quem quer que tenha estudado a natureza dos Espíritos, por todos os meios que a ciência prática faculta, compreenderá tudo o que elas têm de infantil. Do mesmo modo que combatemos as aventurosas teorias com que se atacam as manifestações, quando essas teorias assentam na ignorância dos fatos, também devemos procurar destruir as ideias falsas, que indicam mais entusiasmo do que reflexão e que, por isso mesmo, mais dano do que bem causam, com relação aos incrédulos, já de si tão dispostos a buscar o lado ridículo.

109. Como se vê, o perispírito é o princípio de todas as manifestações. O conhecimento dele foi a chave da explicação de uma imensidade de fenômenos e permitiu que a ciência espírita desse largo passo, fazendo-a enveredar por nova senda, tirando-lhe todo o cunho de maravilhosa. Dos próprios Espíritos – pois notam bem que foram eles que nos ensinaram o caminho – tivemos a explicação da ação do Espírito sobre a matéria, do movimento dos corpos inertes, dos ruídos e das aparições. Aí encontraremos ainda a de muitos outros fenômenos que examinaremos antes de passarmos ao estudo das comunicações propriamente ditas. Tanto melhor as compreenderemos, quanto mais conhecedores nos acharmos das causas primárias. Quem tenha compreendido bem aquele princípio, facilmente, por si mesmo, o aplicará aos diversos fatos que se lhe possam oferecer à observação.

110. Estamos longe de considerar como absoluta e como sendo a última palavra a teoria que apresentamos. Novos estudos sem dúvida a completarão, ou retificarão mais tarde; entretanto, por mais incompleta ou imperfeita que seja ainda hoje, sempre pode auxiliar o estudioso a reconhecer a possibilidade dos fatos, por efeito de causas que nada têm de sobrenaturais. Se é uma hipótese, não se lhe pode contudo negar o mérito da racionalidade e da probabilidade e, como tal, vale tanto, pelo menos, quanto todas as explicações que os negadores formulam, para provar que nos fenômenos espíritas só há ilusão, fantasmagoria e subterfúgios.

TEORIA DA ALUCINAÇÃO

111. Os que não admitem o mundo sem corpo e invisível julgam explicar tudo com a palavra *alucinação*. Toda gente conhece a definição desta palavra. Ela exprime o erro, a ilusão de uma pessoa que julga ter percepções que realmente não tem. Origina-se do latim *hallucinari*, *errar*, que vem de *ad lucem*. Mas, que saibamos, os sábios ainda não apresentaram a razão fisiológica desse fato.

Ao que parece, não tendo a ótica e a fisiologia mais segredos para eles, como é que ainda não explicaram a natureza e a origem das imagens que se mostram ao Espírito em dadas circunstâncias?

Tudo querem explicar pelas leis da matéria; seja. Forneçam então, com o auxílio dessas leis, uma teoria, boa ou má, da alucinação. Sempre será uma explicação.

112. Nunca a ciência explicou a causa dos sonhos. Atribui os sonhos a um efeito da imaginação; mas, não nos diz o que é a imaginação, nem como esta produz as imagens tão claras e tão nítidas que às vezes nos aparecem. Consiste isso em explicar uma coisa, que não é conhecida, por outra que ainda o é menos. A questão permanece de pé.

Dizem ser uma recordação das preocupações da véspera. Porém, mesmo que se admita esta solução – que não o é –, ainda restaria saber qual o espelho mágico que conserva assim a impressão das coisas. Como se explicarão, sobretudo, essas visões de coisas reais que a pessoa nunca viu no estado de vigília e nas quais jamais sequer pensou? Só o Espiritismo nos podia dar a chave desse estranho fenômeno, que passa despercebido, por causa da sua mesma vulgaridade, como sucede com todas as maravilhas da Natureza, que calcamos aos pés.

Os sábios deixaram de se ocupar com a alucinação. Quer seja real, quer não, ela é um fenômeno que a Fisiologia tem que se mostrar capaz de explicar, sob pena de confessar a sua insuficiência. Se um dia, algum sábio se abalancar a dar desse fenômeno, não uma definição, entendamo-nos bem, mas uma explicação fisiológica, veremos se a sua teoria resolve todos os casos. Sobretudo, que ele não omita os fatos tão comuns de aparições de pessoas no momento de morrerem; que diga donde vem a coincidência da aparição com a morte da pessoa. Se este fosse um fato insulado, poderíamos atribuí-lo ao acaso; porém, é muito frequente para ser devido ao acaso, que não tem dessas reincidências.

Se ao menos aquele que viu a aparição tivesse a imaginação despertada pela ideia de que a pessoa que lhe apareceu havia de morrer, vá. Mas, quase sempre a que aparece é a em quem menos pensava a que a vê. Logo, a imaginação não entra aí de forma alguma. Ainda menos se podem explicar pela imaginação as circunstâncias, de que nenhuma ideia se tem, em que se deu a morte da pessoa que aparece.

Porventura, os alucinacionistas dirão que a alma – se é que admitem uma alma – tem momentos de sobreexcitação em que suas potencialidades se exaltam. Estamos de acordo; porém, quando é real o que ela vê, não há ilusão. Se na sua exaltação a alma vê uma coisa que não está presente é que ela se transporta; mas, se nossa alma pode transportar-se para junto de uma pessoa ausente, por que não poderia a alma dessa pessoa transportar-se para junto de nós? Dignem-se eles de

levar em conta estes fatos, na sua teoria da alucinação, e não esqueçam que uma teoria a que se podem opor fatos que a contrariam é necessariamente falsa, ou incompleta.

Aguardando a explicação que venham a oferecer, vamos tentar emitir algumas ideias a esse respeito.

113. Provam os fatos que há aparições verdadeiras, que a teoria espírita explica perfeitamente e que só podem ser negadas pelos que nada admitem fora do organismo. Mas, a par das visões reais, haverá alucinações no sentido em que esse termo se emprega? É fora de dúvida. Donde se originam? Os Espíritos é que vão nos esclarecer sobre isso, pois a explicação, parece-nos, está toda nas respostas dadas às seguintes perguntas:

a) As visões são sempre reais? Não serão, algumas vezes, efeito da alucinação? Quando em sonho, ou de modo diverso, se veem, por exemplo, o diabo, ou outras coisas fantásticas, que não existem, não será isso um produto da imaginação?

“Sim, algumas vezes; quando dá muita atenção a certas leituras, ou a histórias de sortilégios, que impressionam, a pessoa, lembrando-se mais tarde dessas coisas, julga ver o que não existe. Mas, também, já temos dito que o Espírito, sob o seu envoltório semimaterial, pode tomar todas as espécies de formas, para se manifestar. Pode, pois, um Espírito zombeteiro aparecer com chifres e garras, se assim lhe aprouver, para divertir-se à custa da credulidade daquele que o vê, do mesmo modo que um Espírito bom pode mostrar-se com asas e com uma figura radiosa”.

b) Poderíamos considerar como aparições as figuras e outras imagens que se apresentam a certas pessoas, quando estão meio adormecidas ou quando apenas fecham os olhos?

“Desde que os sentidos entram em torpor, o Espírito se desprende e pode ver longe ou perto aquilo que lhe não seria possível ver com os olhos. Muito frequentemente, tais imagens são visões, mas também podem ser efeito das impressões que a vista de certos objetos deixou no cérebro, que lhes conserva os vestígios como conserva os dos sons. Desprendido, o Espírito vê nos seu próprio cérebro as impressões que aí se fixaram como numa chapa daguerreotípica²⁹. A variedade e o baralhamento das impressões formam os conjuntos estranhos e fugidios que se apagam quase imediatamente, ainda que se façam os maiores esforços para retê-los. A uma causa idêntica se devem atribuir certas aparições fantásticas, que nada têm de reais e que muitas vezes se produzem durante uma enfermidade”.

Crê-se que a memória é resultado das impressões que o cérebro conserva. Mas, por que singular fenômeno essas impressões – tão variadas, tão múltiplas – não se confundem? Mistério impenetrável, porém, não mais estranhável do que o das ondulações sonoras que se cruzam no ar e que, no entanto, se conservam distintas. Num cérebro sadio e bem organizado, essas impressões se revelam nítidas e

²⁹ **Chapa daguerreotípica:** antigo processo fotográfico inventado pelo físico e pintor francês Daguerre (1798-1851) - N. D.

precisas; num estado menos favorável, elas se apagam e confundem; daí a perda da memória, ou a confusão das ideias. Ainda menos extraordinário parecerá isto, caso se admita, como se admite, em Frenologia³⁰, uma destinação especial a cada parte e, até, a cada fibra do cérebro.

Assim, as imagens que vão ter ao cérebro, através dos olhos, deixam aí uma impressão, em virtude da qual uma pessoa se lembra de um quadro, como se o tivera diante de si. Porém, nunca há nisso mais do que uma questão de memória. Ora, em certos estados de emancipação, a alma vê o que está no cérebro, onde torna a encontrar aquelas imagens, sobretudo as que mais o chocaram, segundo a natureza das preocupações, ou as disposições de espírito. É assim que lá encontra de novo a impressão de cenas religiosas, diabólicas, dramáticas, mundanas, figuras de animais esquisitos, que ela viu noutra época em pinturas, ou mesmo em narrações, pois também as narrativas deixam impressões. De sorte que a alma realmente vê; mas vê apenas uma imagem fotografada no cérebro. No estado normal, essas imagens são frágeis e passageiras, porque todas as partes cerebrais funcionam livremente, ao passo que, no estado de moléstia, o cérebro sempre está mais ou menos enfraquecido, o equilíbrio entre todos os órgãos deixa de existir, conservando somente alguns a sua atividade, enquanto que outros se acham de certa forma paralisados. Daí a permanência de determinadas imagens, que as preocupações da vida exterior não mais conseguem apagar, como se dá no estado normal. Essa a verdadeira alucinação e causa primária das ideias fixas.

Conforme se vê, explicamos esta deformidade por meio de uma muito conhecida lei inteiramente fisiológica: a das impressões cerebrais. Porém, nos foi preciso sempre fazer a alma intervir. Ora, se os materialistas ainda não puderam apresentar, deste fenômeno, uma explicação satisfatória, é porque não querem admitir a alma. Por isso mesmo, dirão que a nossa explicação é má, pela razão de construirmos em princípio o que é contestado. Contestado por quem? Por eles, mas admitido pela imensa maioria dos homens, desde que houve homens na Terra. Ora, a negação de alguns não pode é lei.

É boa a nossa explicação? Fazemos pelo que possa valer em falta de outra, e se quiserem, a título de simples hipótese, enquanto outra melhor não aparece. Qual ela é, dá a razão de ser de todos os casos de visão? Certamente que não. Contudo, desafiamos todos os fisiologistas a que apresentem uma que abranja todos os casos, pois nenhuma dão quando pronunciam as palavras sacramentais – sobreexcitação e exaltação. Assim sendo, desde que todas as teorias da alucinação se mostram incapazes de explicar os fatos, é que alguma outra coisa há, que não a alucinação propriamente dita. Seria falsa a nossa teoria, se aplicássemos a todos os casos de visão, pois que alguns a contraditariam. É legítima, se restringida a alguns efeitos.

³⁰ **Frenologia:** estudo que defende que cada atividade mental se localiza em determinada seção do cérebro e que o tamanho da massa física é proporcional ao desenvolvimento da respectiva atividade – N. D.

CAPÍTULO VII

DA BICORPORIDADE E DA TRANSFIGURAÇÃO

- APARIÇÕES DOS ESPÍRITOS DE PESSOAS VIVAS
- HOMENS DUPLOS
- SANTO AFONSO DE LINGUORI E
SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA
- VESPESIANO
- TRANSFIGURAÇÃO
- INVISIBILIDADE

114. Estes dois fenômenos são variedades das manifestações visuais e, por muito maravilhosos que pareçam à primeira vista, pela explicação que deles se pode dar, facilmente se reconhecerá que não estão fora da ordem dos fenômenos naturais. Assentam ambos no princípio de que tudo o que ficou dito, das propriedades do perispírito após a morte, se aplica ao perispírito dos vivos. Sabemos que durante o sono o Espírito readquire parte da sua liberdade, isto é, isola-se do corpo e é nesse estado que, em muitas ocasiões, se tem ensejo de observá-lo. Mas, o Espírito – esteja o homem vivo ou morto – a traz sempre o envoltório semimaterial que, pelas mesmas causas de que já tratamos, pode tornar-se visível e tangível. Há fatos muito positivos, que não permitem nenhuma dúvida a tal respeito. Citaremos apenas alguns exemplos, de que temos conhecimento pessoal e cuja exatidão podemos garantir, sendo que a todos é possível registrar outros análogos, consultando suas próprias reminiscências.

115. A mulher de um dos nossos amigos viu, durante a noite – houvesse ou não luz – repetidas vezes entrar no seu quarto uma vendedora de frutas que ela conhecia de vista, residente nas cercanias, mas com quem jamais falara,. Grande terror lhe causou essa aparição, não só porque na época em que se deu ela ainda nada conhecia do Espiritismo, como também porque se produzia com muita frequência. Ora, a vendedora de frutas estava perfeitamente viva e, àquelas horas, provavelmente dormia. Assim, enquanto na sua casa seu corpo material repousava, seu Espírito, com o respectivo corpo fluídico, ia à casa da senhora em questão. Por que motivo? É o que se não sabe. Diante de fato de tal natureza, um espírita iniciado nessa espécie de fenômenos, teria lhe perguntado; disso, porém, nenhuma ideia teve a senhora. De todas as vezes, a aparição se eclipsava, sem que ela soubesse como, e, de todas

igualmente, após a desapareição, cuidou de se certificar de que as portas estavam bem fechadas, de modo a ninguém poder penetrar-lhe no aposento. Esta precaução lhe deu a prova de estar sempre completamente acordada na ocasião e de não haver sido joguete de um sonho.

De outras vezes, da mesma maneira, viu um homem que lhe era desconhecido e, certo dia, viu seu próprio irmão, que se achava na Califórnia. Este se lhe apresentou com a aparência tão perfeita de uma pessoa real, que, no primeiro momento, acreditou que ele houvesse regressado e quis dirigir-lhe a palavra. Mas o vulto desapareceu, sem lhe dar tempo a isso. Uma carta, que posteriormente lhe chegou, trouxe-lhe a prova de que o irmão, que ela vira, não morrera. Essa senhora era o que se pode chamar um médium vidente natural. Mas então, como acima dissemos, ainda nunca tinha ouvido falar em médiuns.

116. Outra senhora, residente na província, estando gravemente enferma, viu certa noite, por volta das dez horas, um senhor idoso que residia na mesma cidade e com quem ela se encontrava às vezes na sociedade, mas sem que existissem relações estreitas entre ambos. Viu-o perto de sua cama, sentado numa poltrona e a tomar, de quando em quando, uma pitada de rapé. Tinha ares de vigiá-la. Surpreendida com semelhante visita a tais horas, quis perguntar-lhe por que motivo ali estava, mas o senhor lhe fez sinal que não falasse e tratasse de dormir. De todas as vezes que ela intentou dirigir-lhe a palavra, o mesmo gesto a impediu de fazê-lo. A senhora acabou por adormecer. Passados alguns dias, tendo-se restabelecido, recebeu a visita do dito senhor, mas em hora mais própria, sendo que dessa vez era ele realmente quem lá estava. Trazia a mesma roupa, a mesma caixa de rapé e os modos eram os mesmos. Persuadida de que ele a visitara durante sua enfermidade, agradeceu-lhe o incômodo a que se dera. O homem, muito espantado, declarou que havia longo tempo não tinha a satisfação de vê-la. A senhora, conhecedora que era dos fenômenos espíritos, compreendeu o de que se tratava: mas, não querendo entrar em explicações, limitou-se a dizer que provavelmente fora um sonho.

É o mais provável, dirão os incrédulos, os “espíritos fortes”, o que para eles mesmos é sinônimo de pessoas de espírito. O certo, entretanto, é que a senhora de quem falamos, do mesmo modo que a outra, não dormia. Então, é que sonhava acordada ou por outra, tivera uma alucinação. Aí está a palavra mágica, a explicação universal de tudo o que se não compreende. Mas, como já rebatemos bastante essa explicação, prosseguiremos, dirigindo-nos aos que nos podem compreender.

117. Eis aqui agora outro fato ainda mais característico e grande curiosidade teríamos de ver como poderiam explicá-lo unicamente por meio da imaginação:

Trata-se de um senhor provinciano, que jamais quis se casar, apesar das instâncias de sua família, que muito insistira notadamente a favor de uma moça residente em cidade próxima e que ele jamais vira. Um dia, estando no seu quarto, teve a enorme surpresa de se ver em presença de uma donzela vestida de branco e com a cabeça ornada por uma coroa de flores. Disse-lhe que era sua noiva, estendeu-lhe a mão, que ele tomou nas suas, vendo-lhe num dos dedos um anel. Ao cabo de alguns instantes, desapareceu tudo. Surpreendido com aquela aparição, depois de se haver certificado de estar perfeitamente acordado, inquiriu se alguém lá estivera

durante o dia. Responderam-lhe que na casa pessoa alguma fora vista. Decorrido um ano, cedendo a novas solicitações de uma parenta, resolveu-se a ir ver a moça que lhe propunham. Chegou à cidade onde ela morava, no dia da festa de *Corpus Christi*. Voltaram todos da procissão e uma das primeiras pessoas que lhe surgiram ante os olhos, ao entrar ele na casa aonde ia, foi uma moça que lhe não custou reconhecer como a mesma que lhe aparecera. Trajava tal qual a aparição, pois esta se verificara também num dia de *Corpus Christi*. Ficou atônito e a mocinha, por seu lado, soltou um grito e sentiu-se mal. Voltando a si, disse já ter visto aquele senhor, um ano antes, em dia igual ao em que estavam. Realizou-se o casamento. Isso ocorreu em 1835, época em que ainda se não cogitava de Espíritos, acrescentando que ambos os protagonistas do episódio são extremamente positivistas e possuidores da imaginação menos exaltada que há no mundo.

Dirão talvez que ambos tinham o espírito despertado pela ideia da união proposta e que essa preocupação determinou uma alucinação. Importa não esquecer que o marido se conservara tão indiferente a isso que deixou passar um ano sem ir ver a sua pretendida. Todavia, mesmo que se admita esta hipótese, ainda ficaria pendendo de explicação a aparição dupla, a coincidência do vestuário com o do dia de *Corpus Christi* e, por fim, o reconhecimento físico, reciprocamente ocorrido entre pessoas que nunca se viram, circunstâncias que não podem ser produto da imaginação.

118. Antes de irmos adiante, devemos responder imediatamente a uma questão que não deixará de ser formulada: como pode o corpo viver enquanto o Espírito está ausente? Poderíamos dizer que o corpo vive a vida orgânica, que independe do Espírito e a prova é que as plantas vivem e não têm Espírito. Mas, precisamos acrescentar que durante a vida nunca o Espírito se acha completamente separado do corpo. Do mesmo modo que alguns médiuns videntes, os Espíritos reconhecem o Espírito de uma pessoa viva, por um rastro luminoso, que termina no corpo, fenômeno que absolutamente não se dá quando este está morto, porque então, a separação é completa. Por meio dessa comunicação, entre o Espírito e o corpo é que aquele recebe aviso – qualquer que seja a distância a que se ache do segundo – da necessidade que este possa experimentar da sua presença, caso em que volta ao seu invólucro com a rapidez do relâmpago. Daí resulta que o corpo não pode morrer durante a ausência do Espírito e que não pode acontecer que este, ao regressar, encontre fechada a porta, conforme tem dito alguns romancistas, em histórias compostas para entreter (O LIVRO DOS ESPÍRITOS, nº 400 e seguintes).

119. Voltemos ao nosso assunto. Isolado do corpo, o Espírito de um vivo, como o de um morto, pode se mostrar com todas as aparências da realidade. Demais, pelas mesmas causas que temos exposto, pode adquirir momentânea tangibilidade. Este fenômeno, conhecido pelo nome de *bicorporeidade*, foi que deu ensejo às histórias de homens duplos, isto é, de indivíduos cuja presença simultânea em dois lugares diferentes se chegou a comprovar. Aqui vão dois exemplos, tirados, não das lendas populares, mas da história eclesiástica.

Santo Afonso de Liguori foi canonizado antes do tempo prescrito, por se haver mostrado simultaneamente em dois sítios diversos – o que passou por milagre.

Santo Antônio de Pádua estava pregando na Itália, quando seu pai, em Lisboa, ia ser supliciado, sob a acusação de haver cometido um assassinio. No momento da execução, Santo Antônio aparece e demonstra a inocência do acusado. Comprovou-se que, naquele instante, Santo Antônio pregava na Itália, na cidade de Pádua.

Por nós evocado e interrogado, acerca do fato acima, Santo Afonso respondeu do seguinte modo:

1ª Poderias explicar-nos esse fenômeno?

“Perfeitamente. Quando o homem, por suas virtudes, chegou a desmaterializar-se completamente; quando conseguiu elevar sua alma para Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo. Eis como: o Espírito encarnado, ao sentir que lhe vem o sono, pode pedir a Deus lhe seja permitido transportar-se a um lugar qualquer. Seu Espírito, ou sua alma, como quiseses, abandona então o corpo, acompanhado de uma *parte* do seu perispírito e deixa a matéria imunda num estado próximo do da morte. Digo *próximo* do da morte, porque no corpo ficou um laço que liga o perispírito e a alma à matéria, laço este que não pode ser definido. O corpo aparece, então, no lugar desejado. Creio ser isto o que queres saber”.

2ª Isso não nos dá a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito.

“Achando-se desprendido da matéria, conformemente ao grau de sua elevação, o Espírito pode se tornar tangível à matéria”.

3ª Será indispensável o sono do corpo para que o Espírito apareça noutros lugares?

“A alma pode se dividir quando se sinta atraída para lugar diferente daquele onde se acha seu corpo. Pode acontecer que o corpo não se ache adormecido, se bem seja isto muito raro; mas, em todo caso, não se encontrará num estado perfeitamente normal; será sempre um estado mais ou menos de êxtase”.

Nota – A alma não se divide, no sentido literal do termo: irradia-se para diversos lados e pode assim manifestar-se em muitos pontos, sem se haver fracionado. Dá-se o que se dá com a luz, que pode refletir-se simultaneamente em muitos espelhos.

4ª Que sucederia se, o homem estando a dormir, enquanto seu Espírito se mostra noutra parte, alguém de súbito o despertasse?

“Isso não se verificaria, porque, se alguém tivesse a intenção de despertá-lo, o Espírito retornaria ao corpo, prevendo a intenção, pois o Espírito lê os pensamentos”.

Nota – Explicação inteiramente idêntica nos deram Espíritos de pessoas mortas ou vivas. Santo Afonso explica o fato da dupla presença, mas não a teoria da visibilidade e da tangibilidade.

120. Tácito refere um fato análogo: Durante os meses que Vespasiano passou em Alexandria, aguardando a volta dos ventos estivais e da estação em que o mar oferece segurança, muitos prodígios ocorreram, pelos quais se manifestaram a proteção do céu e o interesse que os deuses tomavam por aquele príncipe...

Esses prodígios redobram o desejo que Vespasiano alimentava de visitar

a sagrada morada do deus, para consultá-lo sobre as coisas do império. Ordenou que o templo se conservasse fechado para quem quer que fosse e, tendo nele entrado, estava todo atento ao que ia dizer o oráculo, quando percebeu, por detrás de si, um dos mais eminentes Egípcios, chamado Basílide, que ele sabia estar doente, em lugar distante muitos dias de Alexandria. Inquiriu dos sacerdotes se Basílide viera naquele dia ao templo; inquiriu dos transeuntes se o tinham visto na cidade; por fim, despachou alguns homens a cavalo para saberem de Basílide e veio a certificar-se de que no momento em que este lhe aparecera, estava a oitenta milhas de distância. Desde então, não mais duvidou de que tivesse sido sobrenatural a visão e o nome de Basílide lhe ficou valendo por um oráculo. (Tácito: HISTÓRIAS, liv. IV, caps. LXXXI e LXXXII. Tradução de Burnouf).

121. Então, o indivíduo tem dois corpos que se mostra simultaneamente em dois lugares diferentes. Mas, desses dois corpos, um somente é real, o outro é simples aparência. Pode-se dizer que o primeiro tem a vida orgânica e que o segundo tem a vida da alma. Ao despertar o indivíduo, os dois corpos se reúnem e a vida da alma volta ao corpo material. Não parece possível, pelo menos não conhecemos disso exemplo algum, e, a nosso ver, a razão o demonstra que, no estado de separação, possam os dois corpos gozar, simultaneamente e no mesmo grau da vida ativa e inteligente. Demais, do que acabamos de dizer ressaltamos que o corpo real não poderia morrer enquanto o corpo aparente se conservasse visível, porque a aproximação da morte sempre atrai o Espírito para o corpo, ainda que apenas por um instante. Daí resulta igualmente que o corpo aparente não poderia ser morto, porque não é orgânico, não é formado de carne e osso. Desapareceria, no momento em que o quisessem matar³¹.

122. Passemos ao segundo fenômeno, o da *transfiguração*. Consiste na mudança do aspecto de um corpo vivo. Aqui está um fato dessa natureza cuja perfeita autenticidade podemos garantir, ocorrido durante os anos de 1858 e 1859, nos arredores de Saint-Etienne:

Uma mocinha, de mais ou menos quinze anos, gozava da particular faculdade de se transfigurar, isto é, de tomar, em dados momentos, todas as aparências de certas pessoas mortas. Tão completa era a ilusão, que os que assistiam ao fenômeno julgavam ter diante de si a própria pessoa, cuja aparência ela tomava, tal a semelhança dos traços fisionômicos, do olhar, do som da voz e, até, da maneira particular de falar. Esse fenômeno se repetiu centenas de vezes sem que a vontade da mocinha interferisse nisso. Em várias ocasiões, tomou a aparência de seu irmão, que morrera alguns anos antes. Reproduzia-lhe não somente o semblante, mas também o porte e a corpulência. Um médico do lugar foi testemunha que muitas vezes desses estranhos efeitos, querendo certificar-se de que não havia naquilo ilusionismo, fez a experiência que vamos relatar. Conhecemos os fatos, pelo que nos referiram ele próprio, o pai da moça e diversas outras testemunhas oculares, muito honradas e

³¹ Ver na REVISTA ESPÍRITA, janeiro de 1859: "O Duende de Baiona"; fevereiro de 1859: "Os agêneres; meu amigo Hermann"; maio de 1859: "O laço que prende o Espírito ao corpo"; novembro de 1859: "A alma errante"; janeiro de 1860: "O Espírito de um lado e o corpo do outro"; março de 1860: "Estudos sobre o Espírito de pessoas vivas; o doutor V. e a senhorita I."; abril de 1860: "O fabricante de São Petersburgo; aparições tangíveis"; novembro de 1860: "História de Maria Agreda"; julho de 1861: Uma aparição providencial.

dignas de crédito. Veio a esse médico a ideia de pesar a moça no seu estado normal e de fazer-lhe o mesmo no de transfiguração, quando apresentava a aparência do irmão, que contava, ao morrer, vinte e tantos anos, e era mais alto do que ela e de compleição mais forte. Pois bem! Verificou que, no segundo estado, o peso da moça era quase duplo do seu peso normal. Concludente se mostra a experiência, tornando impossível atribuir-se aquela aparência a uma simples ilusão de ótica.

Tentemos explicar esse fato, que noutra tempo teria sido qualificado de milagre e a que hoje chamamos muito simplesmente fenômeno.

123. A transfiguração, em certos casos, pode originar-se de uma simples contração muscular, capaz de dar à fisionomia expressão muito diferente da habitual, ao ponto de tornar quase irreconhecível a pessoa. Temos observado isso frequentemente com alguns sonâmbulos; mas, nesse caso, a transformação não é radical. Uma mulher poderá parecer jovem ou velha, bela ou feia, mas será sempre uma mulher e, sobretudo, seu peso não aumentará, nem diminuirá. No fenômeno com que nos ocupamos, há mais alguma coisa. A teoria do perispírito nos vai esclarecer.

Em princípio, está admitido que o Espírito pode dar ao seu perispírito todas as aparências; que mediante uma modificação na disposição molecular, pode dar-lhe a visibilidade, a tangibilidade e, conseqüentemente, a *opacidade*; que o perispírito de uma pessoa viva, isolado do corpo, é passível das mesmas transformações; que essa mudança de estado se opera pela combinação dos fluidos. Figuremos agora o perispírito de uma pessoa viva, não isolado, mas irradiando-se em volta do corpo, de maneira a envolvê-lo numa espécie de vapor. Nesse estado, se torna passível das mesmas modificações de que o seria, se o corpo estivesse separado. Perdendo ele a sua transparência, o corpo pode desaparecer, tornar-se invisível, ficar velado, como se mergulhado numa bruma. Poderá então o perispírito mudar de aspecto, fazer-se brilhante, se tal for a vontade do Espírito e se este dispuser de poder para tanto. Um outro Espírito, combinando seus fluidos com os do primeiro, poderá, a essa combinação de fluidos, moldar a aparência que lhe é própria, de tal modo que o corpo real desapareça sob o envoltório fluídico exterior, cuja aparência pode variar à vontade do Espírito. Esta parece ser a verdadeira causa do estranho fenômeno e raro da transfiguração.

Quanto à diferença de peso, explica-se da mesma maneira por que se explica com relação aos corpos inertes. O peso intrínseco do corpo não variou, pois que não aumentou nele a quantidade de matéria, mas sofreu a influência de um agente exterior, que lhe pode aumentar ou diminuir o peso relativo, conforme explicamos acima, nº 78 e seguintes. Portanto, é provável que se a transformação se produzir, tomando a pessoa o aspecto de uma criança, o peso diminua proporcionalmente.

124. Concebe-se que o corpo possa tomar outra aparência de dimensão igual ou maior do que a que lhe é própria. Mas como será possível tomar uma de dimensão menor, a de uma criança, conforme acabamos de dizer? Neste caso, não será de prever que o corpo real ultrapasse os limites do corpo aparente? Por isso mesmo que tal se pode dar, não dizemos que o fato se tenha produzido. Apenas, reportando-nos à teoria do peso específico, quisemos fazer sentir que o peso aparente pudesse

diminuir. Quanto ao fenômeno em si, não afirmamos nem a sua possibilidade, nem a sua impossibilidade. Entretanto, dado que ocorra, a circunstância de se lhe não oferecer uma solução satisfatória de nenhum modo o infirmaria. Não esqueçamos que nos achamos nos primórdios da ciência e que ela está longe de haver dito a última palavra sobre esse ponto, como sobre muitos outros. Aliás, as partes excedentes poderiam ser perfeitamente tornadas invisíveis.

A teoria do fenômeno da invisibilidade ressalta muito naturalmente das explicações precedentes e das que foram ministradas a respeito do fenômeno dos transportes, nº 96 e seguintes.

125. Resta-nos falar do singular fenômeno dos *agêneres* que, por muito extraordinário que pareça à primeira vista, não é mais sobrenatural do que os outros. Porém, como o explicamos na REVISTA ESPÍRITA (fevereiro de 1859), julgamos inútil tratar dele aqui com detalhes. Diremos somente que é uma variedade da aparição tangível. É o estado de certos Espíritos que podem revestir momentaneamente as formas de uma pessoa viva, ao ponto de causar completa ilusão (Do grego *a* privativo, e *geine*, *geinomai*, *gerar: que não foi gerado*).

CAPÍTULO VIII

DO LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL

- VESTUÁRIO DOS ESPÍRITOS
- FORMAÇÃO ESPONTÂNEA DE OBJETOS TANGÍVEIS
- MODIFICAÇÃO DAS PROPRIEDADES DA MATÉRIA
- AÇÃO MAGNÉTICA CURADORA

126. Temos dito que os Espíritos se apresentam vestidos de túnicas, envoltos em largos panos, ou mesmo com os trajes que usavam em vida. O envolvimento em panos parece costume geral no mundo dos Espíritos. Mas, onde irão eles buscar vestuários semelhantes em tudo aos que traziam quando vivos, com todos os acessórios que os completavam? É fora de qualquer dúvida que não levaram consigo esses objetos, pois que ainda temos sob as vistas esses objetos reais. Onde então vêm os de que usam no outro mundo? Esta questão deu sempre muito que pensar. Para muitas pessoas, porém, era simples motivo de curiosidade. Mas a ocorrência confirmava uma questão de princípio, de grande importância, pois sua solução nos fez entrever uma lei geral, que também encontra aplicação no nosso mundo corporal. Múltiplos fatos a vieram complicar e demonstrar a insuficiência das teorias com que tentaram explicá-la.

Até certo ponto, poderíamos compreender a existência do traje, por ser possível considerá-lo como de algum modo fazendo parte do indivíduo. O mesmo, porém, não se dá com os objetos acessórios, por exemplo, a caixa de rapé do visitante da senhora doente, de quem falamos no nº 116. Notemos, a este propósito, que ali não se tratava de um morto, mas de um vivo, e que tal senhor, quando voltou em pessoa, trazia na mão uma caixa de rapé semelhante em tudo à da aparição. Onde encontrara seu Espírito a que tinha consigo, quando sentado junto ao leito da doente? Poderíamos citar grande número de casos em que Espíritos, de mortos ou de vivos, apareceram com diversos objetos, tais como bengalas, armas, cachimbos, lanternas, livros, etc.

Veio-nos então uma ideia: a de que, possivelmente, aos corpos inertes da terra correspondem outros, parecidos, porém etéreos, no mundo invisível; de que a matéria condensada, que forma os objetos, pode ter uma parte quintessenciada, que nos escapa aos sentidos. Não era destituída de verossimilhança esta teoria, mas se mostrava impotente para explicar todos os fatos. Sobretudo, há um que parecia destinado a frustrar todas as interpretações.

Até então, não se tratara senão de imagens, ou aparências. Vimos perfeitamente bem que o perispírito pode adquirir as propriedades da matéria e tornar-se tangível, mas essa tangibilidade é apenas momentânea e o corpo sólido se desvanece qual sombra. Já é um fenômeno muito extraordinário; porém, o que o é ainda mais é produzir-se matéria sólida persistente, conforme o provam numerosos fatos autênticos, notadamente o da escrita direta, de que falaremos minuciosamente em capítulo especial. Todavia, como este fenômeno se liga intimamente ao assunto de que agora tratamos, constituindo uma de suas mais positivas aplicações, nos anteciparemos, colocando-o antes do lugar em que, pela ordem, deveria ser explanado.

127. A escrita direta, ou **pneumatografia**, é a que se produz espontaneamente, sem a ajuda, nem da mão do médium, nem do lápis. Basta tomar-se de uma folha de papel branco, o que se pode fazer com todas as precauções necessárias, para se ter a certeza da ausência de qualquer fraude, dobrá-la e depositá-la em qualquer parte, numa gaveta ou simplesmente sobre um móvel. Feito isso, se a pessoa estiver nas devidas condições, ao fim de mais ou menos longo tempo se encontrarão traçados no papel, letras, sinais diversos, palavras, frases e até dissertações, as mais das vezes com uma substância acinzentada, igual a grafite, doutras vezes com lápis vermelho, tinta comum e, mesmo, tinta de imprimir.

Eis o fato em toda a sua simplicidade e cuja reprodução, se bem pouco comum, não é muito rara, pois há pessoas que a obtêm com grande facilidade. Se ao papel se juntasse um lápis, poderíamos supor que o Espírito se servira deste para escrever. Mas, desde que o papel é deixado inteiramente só, evidente se torna que a escrita se formou por meio de uma matéria depositada sobre ele. De onde tirou o Espírito essa matéria? Tal o problema, a cuja solução fomos levados pela caixa de rapé a que há pouco nos referíamos.

128. Foi o Espírito São Luís quem nos deu essa solução, mediante as respostas seguintes:

1ª Citamos um caso de aparição do Espírito de uma pessoa viva. Esse Espírito tinha uma caixa de rapé, do qual tomava pitadas. Ele experimentava a sensação que experimenta um indivíduo que faz o mesmo?

“Não”.

2ª Aquela caixa de rapé tinha a forma da de que ele se servia habitualmente e que se achava guardada em sua casa. Que era a dita caixa nas mãos da aparição?

“Uma aparência. Era para que a circunstância fosse notada, como realmente foi, e não tomassem a aparição por uma alucinação devida ao estado de saúde da vidente. O Espírito queria que a senhora em questão acreditasse na realidade da sua presença e, para isso, tomou todas as aparências da realidade”.

3ª Disse que era uma aparência; mas, uma aparência nada tem de real, é como uma ilusão de ótica. Desejávamos saber se aquela caixa de rapé era apenas uma imagem sem realidade, ou se nela havia alguma coisa de material?

“Certamente. É com o auxílio deste princípio material que o perispírito toma a aparência de vestuários semelhantes aos que o Espírito usava quando vivo”.

Nota – É evidente que a palavra aparência deve ser aqui tomada no sentido de *aspecto, imitação*. A caixa de rapé real não estava lá; a que o Espírito deixava ver era apenas a representação daquela: era, pois, com relação ao original, uma simples aparência, embora formada de um princípio material.

A experiência ensina que nem sempre se deve dar significação literal a certas expressões de que usam os Espíritos. Interpretando-as de acordo com as nossas ideias, expomo-nos a grandes equívocos. Daí a necessidade de aprofundar-se o sentido de suas palavras, todas as vezes que apresentem a menor ambiguidade. É esta uma recomendação que os próprios Espíritos constantemente fazem. Sem a explicação que provocamos, o termo aparência, que de continuo se reproduz nos casos semelhantes, poderia prestar-se a uma interpretação falsa.

4ª Será que a matéria inerte se desdobre? Ou que tenha no mundo invisível uma matéria essencial, capaz de tomar a forma dos objetos que vemos? Numa palavra, estes terão um *duplo etéreo* no mundo invisível como os homens são nele representados pelos Espíritos?

“Não é assim que as coisas se passam. Sobre os elementos materiais espalhados por todos os pontos do espaço na sua atmosfera, os Espíritos têm um poder que estão longe de suspeitar. Eles podem concentrar esses elementos pela vontade e lhes dar a forma aparente que corresponda à dos objetos materiais”.

Nota – Esta pergunta – como se pode ver – era a tradução do nosso pensamento, isto é, da ideia que formávamos da natureza de tais objetos. Se as respostas, conforme alguns o pretendem, fossem o reflexo do pensamento, houvérámos obtido a confirmação da nossa teoria e não uma teoria contrária.

5ª Formulo novamente a questão, de modo categórico, a fim de evitar todo e qualquer equívoco: São alguma coisa as roupas de que os Espíritos se cobrem?

“Parece-me que a minha resposta precedente resolve a questão. Não sabem que o próprio perispírito é alguma coisa?”

6ª Resulta, desta explicação, que os Espíritos fazem passar a matéria etérea pelas transformações que queiram e que, portanto, com relação à caixa de rapé, o Espírito não a encontrou completamente feita, ele próprio a fez, no momento em que teve necessidade dela, por ato de sua vontade. E do mesmo modo que a fez, pôde desfazê-la. Outro tanto naturalmente se dá com todos os demais objetos, como vestuários, joias, etc. Será assim?

“Mas, evidentemente”.

7ª A caixa de rapé se tornou tão visível para a senhora de que se trata, que lhe produziu a ilusão de uma tabaqueira material. Teria o Espírito podido torná-la tangível para a mesma senhora?

“Teria”.

8ª A senhora poderia tomar nas mãos, crente de estar segurando uma caixa de rapé verdadeira?

“Sim”.

9ª Se a abrisse, teria achado nela rapé? E, se aspirasse esse rapé, ele a faria espirrar?

“Sem dúvida”.

10ª Então o Espírito pode dar a um objeto, não só a forma, mas também propriedades especiais?

“Se quiser, pode. Baseado neste princípio foi que respondi afirmativamente às perguntas anteriores. Terão provas da poderosa ação que os Espíritos exercem sobre a matéria, ação que estão longe de suspeitar, como eu disse há pouco”.

11ª Suponhamos, então, que quisesse fazer uma substância venenosa. Se uma pessoa a ingerisse, ficaria envenenada?

“Teria podido, mas não faria, por não lhe ser permitido isso”.

12ª Poderá fazer uma substância saudável e própria para curar uma enfermidade? E já se terá apresentado algum caso destes?

“Já, muitas vezes”.

13ª Então, poderia também fazer uma substância alimentar? Suponhamos que tenha feito uma fruta, uma iguaria qualquer: se alguém pudesse comer a fruta ou a iguaria, ficaria saciado?

“Ficaria, sim; mas, não procurem tanto para achar o que é tão fácil de compreender. Um raio de sol basta para tornar perceptíveis aos seus órgãos grosseiros essas partículas materiais que enchem o espaço onde vivem. Não sabem que o ar contém vapores d’água? Condensa-os e os farão voltar ao estado normal. Privem-nas de calor e eis que essas moléculas impalpáveis e invisíveis se tornarão um corpo sólido e bem sólido, e, assim, muitas outras substâncias de que os químicos tirarão maravilhas ainda mais espantosas. Simplesmente, o Espírito dispõe de instrumentos mais perfeitos do que os seus: a vontade e a permissão de Deus”.

Nota – A questão da saciedade é aqui muito importante. Como pode produzir a saciedade uma substância cuja existência e propriedades são meramente temporárias e, de certo modo, convencionais? O que se dá é que essa substância, pelo seu contato com o estômago, produz a *sensação* da saciedade, mas não a saciedade que resulta da plenitude. Desde que uma substância dessa natureza pode atuar sobre a economia e modificar um estado mórbido, também pode, perfeitamente, atuar sobre o estômago e produzir aí a impressão da saciedade. Rogamos, todavia, aos senhores farmacêuticos e inventores de reconstituintes que não se encham de zelos, nem creiam que os Espíritos lhes venham fazer concorrência. Esses casos são raros, excepcionais e nunca dependem da vontade. Doutro modo, toda a gente se alimentaria e curaria a preço baratíssimo.

14ª Os objetos que, pela vontade do Espírito, se tornam tangíveis, poderiam permanecer com esse caráter e se tornarem de uso?

“Isso poderia dar-se, *mas não se faz*. Está fora das leis”.

15ª Todos os Espíritos do mesmo grau têm o poder de produzir objetos tangíveis?

“É fora de dúvida que quanto mais elevado é o Espírito tanto mais facilmente o consegue. Porém, ainda aqui, tudo depende das circunstâncias. Desse poder também podem dispor os Espíritos inferiores”.

16ª O Espírito tem sempre o conhecimento exato do modo como suas vestes se compõem ou os objetos cuja aparência ele faz visível?

“Não; muitas vezes concorre para a formação de todas essas coisas,

praticando um ato instintivo, que ele próprio não compreende, se já não estiver bastante esclarecido para isso”.

17ª Uma vez que o Espírito pode extrair do elemento universal os materiais que lhe são necessários à produção de todas essas coisas e lhes dar uma realidade temporária, com as propriedades que lhes são peculiares, também poderá tirar dali o que for preciso para escrever, possibilidade que nos daria a explicação do fenômeno da escrita direta?

“Até que, afinal, chegaram ao ponto”.

Nota – Com efeito, era aí que queríamos chegar com todas as nossas questões preliminares. A resposta prova que o Espírito havia lido nosso pensamento.

18ª Pois que a matéria de que o Espírito se serve precisa de persistência, como é que não desaparecem os traços da escrita direta?

“Não faça jogo de palavras. Primeiramente, não empreguei o termo *nunca*. Tratava-se de um objeto material volumoso, ao passo que aqui se trata de sinais que, por ser útil conservá-los, são conservados. O que quis dizer foi que os objetos assim compostos pelos Espíritos não poderiam tornar-se objetos de uso comum por não haver neles, realmente, agregação de matéria, como nos seus corpos sólidos”.

129. A teoria acima se pode resumir desta maneira: o Espírito atua sobre a matéria; da matéria cósmica universal tira os elementos de que necessita para formar, a seu bel-prazer, objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra. Pela ação da sua vontade, pode igualmente operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe confira determinadas propriedades. Esta faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce de modo instintivo, quando necessário, sem disso se aperceber. Os objetos que o Espírito forma têm existência temporária, subordinada à sua vontade ou a uma necessidade que ele experimenta. Pode fazê-los e desfazê-los livremente. Em certos casos, esses objetos, aos olhos de pessoas vivas, podem apresentar todas as aparências da realidade, isto é, tornarem-se momentaneamente visíveis e até mesmo tangíveis. Há formação; mas não criação, atento que do nada o Espírito nada pode tirar.

130. A existência de uma matéria elementar única está hoje quase geralmente admitida pela Ciência, e os Espíritos – como se acaba de ver – a confirmam. Todos os corpos da Natureza nascem dessa matéria que, pelas transformações por que passa, também produz as diversas propriedades desses mesmos corpos. Daí vem que uma substância saudável pode se tornar venenosa, por efeito de simples modificação – fato de que a Química nos oferece numerosos exemplos. Toda gente sabe que, combinadas em certas proporções, duas substâncias inocentes podem dar origem a uma que seja nociva. Uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio – ambos inofensivos – formam a água. Junte-se um átomo de oxigênio e teremos um líquido corrosivo. Sem mudança nenhuma das proporções, às vezes, a simples alteração no modo de agregação molecular basta para mudar as propriedades. Assim é que um corpo opaco pode tornar-se transparente e vice-versa. Pois que ao Espírito é possível tão grande ação sobre a matéria elementar, concebe-se que lhe seja dado não só

formar substâncias, mas também modificar-lhes as propriedades, fazendo para isto a sua vontade o efeito de reativo.

131. Esta teoria nos fornece a solução de um fato bem conhecido em magnetismo, mas inexplicado até hoje: o da mudança das propriedades da água, por obra da vontade. O Espírito atuante é o do magnetizador, quase sempre socorrido por outro Espírito. Ele opera uma transmutação por meio do fluido magnético que, como dissemos, é a substância que mais se aproxima da matéria cósmica, ou elemento universal. Ora, desde que ele pode operar uma modificação nas propriedades da água, pode também produzir um fenômeno igual com os fluidos do organismo, donde o efeito curativo da ação magnética, convenientemente dirigida.

Sabe-se que papel capital desempenha a vontade em todos os fenômenos do magnetismo. Porém, como se há de explicar a ação material de agente tão sutil? A vontade não é um ser, uma substância qualquer; não é sequer uma propriedade da matéria mais etérea que exista. A vontade é atributo essencial do Espírito, isto é, do ser pensante. Com o auxílio dessa alavanca, ele atua sobre a matéria elementar e, por uma ação consecutiva, reage sobre seus compostos, cujas propriedades íntimas vêm assim a ficar transformadas.

Tanto quanto do Espírito errante, a vontade é igualmente atributo do Espírito encarnado; daí o poder do magnetizador, poder que se sabe estar na razão direta da força de vontade. Podendo o Espírito encarnado atuar sobre a matéria elementar, pode do mesmo modo mudar-lhe as propriedades, dentro de certos limites. Assim se explica a habilidade de cura pelo contato e pela imposição das mãos, capacidade que algumas pessoas possuem em grau mais ou menos elevado. (Ver capítulo dos “Médiuns”, o parágrafo referente aos “Médiuns curadores”. Ver também a REVISTA ESPÍRITA de julho de 1859, págs. 184 e 189: “O zuavo de Magenta; Um oficial do exército da Itália”).

CAPÍTULO IX

DOS LUGARES ASSOMBRADOS

132. As manifestações espontâneas que se produzem em todos os tempos, e a persistência de alguns Espíritos em darem mostras ostensivas de sua presença em certas localidades, constituem a fonte de origem da crença na existência de lugares mal-assombrados. As respostas que se seguem foram dadas a perguntas feitas sobre este assunto:

1ª Os Espíritos se apegam unicamente às pessoas ou também às coisas?

“Depende da elevação deles. Alguns Espíritos podem apegar-se aos objetos terrenos. Os avarentos, por exemplo, que esconderam seus tesouros e que ainda não estão bastante desmaterializados, muitas vezes se obstinam em vigiá-los e montar-lhes guarda”.

2ª Os Espíritos errantes têm lugares de sua predileção?

“Ainda aqui o princípio é o mesmo. Os Espíritos que já se não acham apegados à Terra vão para onde se lhes oferece ensejo de praticar o amor. São atraídos mais pelas pessoas do que pelos objetos materiais. Contudo, pode ser que dentre eles alguns tenham preferência, durante certo tempo, por determinados lugares. Esses, porém, são sempre Espíritos inferiores”.

3ª O apego dos Espíritos a uma localidade, sendo sinal de inferioridade, será igualmente prova de eles serem maus?

“Certamente que não. Pode um Espírito ser pouco adiantado, sem que por isso seja mau. Não se observa o mesmo entre os homens?”

4ª Tem qualquer fundamento a crença de que os Espíritos frequentam de preferência as ruínas?

“Nenhum. Os Espíritos vão a tais lugares, como a todos os outros. A imaginação dos homens é que, despertada pelo aspecto funéreo de certos sítios, atribui à presença dos Espíritos o que não passa, quase sempre, de efeito muito natural. Quantas vezes o medo não tem feito que se tome por fantasma a sombra de uma árvore e por espectros o grito de um animal, ou o sopro do vento? Os Espíritos gostam da presença dos homens; daí preferirem os lugares habitados, aos lugares desertos”.

a) Contudo, pelo que sabemos da diversidade dos caracteres entre os Espíritos, podemos deduzir a existência de Espíritos misantropos³², que preferiam a solidão.

“Por isso mesmo, não respondi de modo absoluto à questão. Disse que eles podem vir aos lugares desertos, como a toda parte. É evidente que, se alguns se conservam insulados, é porque assim lhes agrada. Mas isso não é motivo para que tenham preferência obrigatória pelas ruínas. Em muito maior número os há nas cidades e nos palácios, do que no interior dos bosques”.

5ª Em geral, as crenças populares guardam um fundo de verdade. Qual terá sido a origem da crença em lugares mal-assombrados?

“O fundo de verdade está na manifestação dos Espíritos, na qual o homem instintivamente acreditou desde todos os tempos. Mas, conforme disse acima, o aspecto fúnebre de certos lugares lhe ativa a imaginação e esta o leva naturalmente a colocar nesses lugares os seres que ele considera sobrenaturais. Demais, a entreter essa crença supersticiosa, aí estão as narrativas poéticas e os contos fantásticos com que o acalentam na infância”.

6ª Há, para os Espíritos que costumam reunir-se, dias e horas preferidas?

“Não. Os dias e as horas são medidas de tempo para uso dos homens e para a vida corporal, das quais os Espíritos nenhuma necessidade sentem e não fazem nenhum caso”.

7ª Onde nasceu a ideia de que os Espíritos vêm preferentemente durante a noite?

“Da impressão que o silêncio e a obscuridade produzem na imaginação. Todas essas crenças são superstições que o conhecimento racional do Espiritismo destruirá. O mesmo se dá com os dias e as horas que muitos julgam lhes serem mais favoráveis. Fica certo de que a influência da meia-noite nunca existiu, senão nos contos”.

a) Sendo assim, por que é então que alguns Espíritos anunciam sua vinda e suas manifestações para certos e determinados dias, como a sexta-feira, por exemplo?

“Fazem isso os Espíritos que aproveitam a fraqueza dos homens para se divertirem. Pela mesma razão, há os que se dizem o diabo, ou dão a si mesmos nomes infernais. Mostrem a eles que vocês não se deixam enganar e eles não mais voltarão”.

8ª Os Espíritos preferem frequentar os túmulos onde repousam seus corpos?

“O corpo era uma simples roupa. Do mesmo modo que o prisioneiro não sente nenhuma atração pelas correntes que o prendem, os Espíritos nenhuma experimentam pelo envoltório que os fez sofrer. A lembrança das pessoas que lhes são caras é a única coisa que para eles tem valor”.

³² **Misantropo:** aquele que tem aversão às pessoas – N. D.

a) As preces que por eles se façam junto dos túmulos de seus corpos são para eles mais agradáveis do que quaisquer outras?

“Bem sabem que a prece é uma evocação que atrai os Espíritos. Tanto maior ação terá quanto mais fervorosa e sincera for. Ora, junto de um túmulo venerado, sempre se está em maior recolhimento, do que algures, e a conservação de estimadas relíquias é em testemunho de afeição dado ao Espírito e que nunca deixa de sensibilizá-lo. O que atua sobre o Espírito é sempre o pensamento e não os objetos materiais. Esses objetos exercem mais influência sobre aquele que ora do que sobre o Espírito, porque fixam a atenção daqueles”.

9ª A vista disso, parece que não se deve considerar absolutamente falsa a crença em lugares mal-assombrados?

“Dissemos que certos Espíritos podem se sentir atraídos por coisas materiais, por determinados lugares – onde parecem estabelecer domicílio –, até que desapareçam as circunstâncias que os faziam buscar esses lugares”.

a) Que circunstâncias podem induzi-los a buscar tais lugares?

“A simpatia por algumas das pessoas que os frequentam ou o desejo de se comunicarem com elas. Entretanto, nem sempre as intenções louváveis que os animam: quando são Espíritos maus, podem pretender tirar vingança de pessoas de quem guardam queixas. A permanência em determinado lugar também pode ser, para alguns, uma punição que lhes é infligida, sobretudo se ali cometeram um crime, a fim de que o tenham constantemente diante dos olhos”.³³

10ª Os lugares assombrados são sempre por causa dos antigos habitantes deles?

“Sempre, não; às vezes, pois se o antigo habitante de um desses lugares é Espírito elevado, tão pouco se preocupará com a sua habitação terrena, quanto com o seu corpo. Os Espíritos que assombram certos lugares muitas vezes não têm, para assim procederem, outro motivo que não simples capricho, a menos que para lá sejam atraídos pela simpatia que lhes inspirem determinadas pessoas”.

a) Podem se estabelecer num lugar desses com o fim de protegerem uma pessoa ou a própria família?

“Certamente, se forem Espíritos bons; porém, neste caso, nunca manifestam sua presença por meios desagradáveis”.

11ª Haverá alguma coisa de real na história da Dama Branca?

“Mero conto, extraído de mil fatos verdadeiros”.

12ª Será racional temerem-se os lugares assombrados pelos Espíritos?

“Não. Os Espíritos que frequentam certos lugares, produzindo desordens neles, antes querem divertir-se à custa da credulidade e da covardia dos homens, do

³³ Ver REVISTA ESPÍRITA, de fevereiro de 1860: “História de um danado”.

que lhes fazer mal. Aliás, devem se lembrar de que em toda parte há Espíritos e de que, assim, onde quer que estejam, terão eles ao seu lado, ainda mesmo nas mais tranquilas habitações. Quase sempre, eles só assombrom certas casas, porque encontram ensejo de manifestarem sua presença nelas”.

13ª Haverá meios de expulsá-los?

“Há; mas na maioria das vezes o que fazem para isso, acaba atraindo-os, em vez de afastá-los. O melhor meio de expulsar os maus Espíritos consiste em convidar os bons. Então, atraíam os bons Espíritos praticando todo o bem que puderem e os maus desaparecerão, visto que o bem e o mal são incompatíveis. Sejam sempre bons e terão somente bons Espíritos junto de vocês”.

a) Há, no entanto, pessoas muito bondosas que vivem às voltas com as travessuras dos maus Espíritos. Por quê?

“Se essas pessoas são realmente boas, isso acontece talvez como prova, para lhes exercitar a paciência e concitá-las a se tornarem ainda melhores. Fiquem certo de que não são os que falam das virtudes continuamente os que mais as possuem. Aquele que é possuidor de qualidades reais quase sempre o ignora, ou delas nunca fala”.

14ª Que se deve pensar com relação à eficácia dos exorcismos³⁴, para expelir dos lugares mal-assombrados os maus Espíritos?

“Já tiveram ocasião de verificar a eficácia desse processo? Não têm visto, ao contrário, as zombarias redobram de intensidade depois das cerimônias do exorcismo? É que os Espíritos que as causam se divertem ao serem tomados como diabo”.

“Também, os que se não apresentam com intenções malévolas podem manifestar sua presença por meio de ruídos e até se tornando visíveis, mas nunca praticam desordens, nem incômodos. Frequentemente, são Espíritos sofredores, cujos sofrimentos podem aliviar orando por eles. Outras vezes, são mesmo Espíritos bons que lhes querem provar estarem junto de vocês, ou então, Espíritos levianos que brincam. Como quase sempre os que perturbam o repouso são Espíritos que se divertem, o que de melhor têm a fazer – os que se veem perseguidos – é rir do que lhes sucede. Os perturbadores se cansam, verificando que não conseguem meter medo, nem impacientar” (veja cap. V: *Das manifestações espontâneas*).

Das explicações acima resulta que há Espíritos que se prendem a certos lugares, preferindo permanecer neles sem que, entretanto, tenham necessidade de manifestar sua presença por meio de efeitos sensíveis. Qualquer lugar pode constituir morada obrigatória ou predileta de um Espírito, embora mau, sem que jamais qualquer manifestação se produza.

Os que se prendem a certas localidades ou a certas coisas materiais nunca são Espíritos superiores. Contudo, mesmo que não pertençam a esta categoria, pode ser que não sejam maus e nem alimentem nenhuma intenção má. Não raro, são até parentes mais úteis do que prejudiciais, porque desde que se interessam pelas pessoas, podem protegê-las.

³⁴ **Exorcismo:** ritual católica para expulsar o que creem como sendo demônios – N. D.

CAPÍTULO X

DA NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES

- COMUNICAÇÕES GROSSEIRAS,
FRÍVOLAS, SÉRIAS E INSTRUTIVAS

133. Dissemos que todo efeito, que revela, na sua causalidade, um ato de livre vontade – ainda que muito insignificante –, por essa circunstância, confirma a existência de uma causa inteligente. Assim, um simples movimento de mesa, que responda ao nosso pensamento ou manifeste caráter intencional, pode ser considerado uma manifestação inteligente. Se o resultado tivesse de ficar limitado a isso, só nos despertaria interesse muito irrelevante. Contudo, já seria alguma coisa a prova de que em tais fenômenos há mais do que uma ação puramente material. A utilidade prática que daí decorreria seria nula, ou, pelo menos, muito restrita. O caso, porém, muda inteiramente de figura quando essa inteligência ganha um desenvolvimento tal que permite regular e contínua troca de ideias. Já não há então simples manifestações inteligentes, mas verdadeiras *comunicações*. Os meios de que hoje dispomos permitem que as obtenhamos tão extensas, tão explícitas e tão rápidas, como as que mantemos com os homens.

Segundo a *escala espírita* (O LIVRO DOS ESPÍRITOS, questão 100), quem estiver bem convencido da variedade infinita que apresentam os Espíritos – sob o duplo aspecto da inteligência e da moralidade – facilmente se convencerá de que há de haver diferença entre as suas comunicações; que estas hão de refletir a elevação ou a baixaza de suas ideias, a sabedoria e a ignorância deles, seus vícios e suas virtudes; que, numa palavra, elas não se assemelharão mais do que as dos homens, desde os selvagens até o mais ilustrado europeu. Em quatro categorias principais se podem agrupar os graus que apresentam. Segundo seus caracteres mais acentuados, elas se dividem em: **grosseiras, frívolas, sérias e instrutivas**.

134. **Comunicações grosseiras** são as idealizadas em termos que chocam a decência. Só podem vir de Espíritos de baixa categoria, ainda cobertos de todas as impurezas da matéria, e em nada diferem das que venham de homens viciosos e grosseiros. Repugnam a quem quer que não seja inteiramente vazio de toda a delicadeza de sentimentos, pela razão de que, em acordo com o caráter dos Espíritos, elas serão triviais, ignóbeis, obscenas, insolentes, arrogantes, malévolas e mesmo ímpias.

135. As comunicações frívolas emanam de Espíritos levianos, zombeteiros, ou brincalhões, mais maliciosos do que maus, e que nenhuma importância dão ao que dizem. Como não contêm nada de indecoroso, essas comunicações agradam a certas pessoas que se divertem com elas, porque encontram prazer nas confabulações fúteis em que muito se fala para nada dizer. Tais Espíritos saem-se às vezes com tiradas gaiatas e picantes e, por entre facécias vulgares, dizem não raro duras verdades, que quase sempre ferem com justeza. Em torno de nós fervem os Espíritos levianos, que aproveitam todas as ocasiões para se intrometerem nas comunicações. A verdade é o que menos os preocupa; daí o maligno encanto que acham em mistificar os que têm a fraqueza e mesmo a presunção de crer na palavra deles. As pessoas que se agradam nesse gênero de comunicações naturalmente dão acesso aos Espíritos levianos e falaciosos. Delas os Espíritos sérios se afastam, do mesmo modo que na sociedade humana os homens sérios evitam a companhia dos doidivasas.

136. As comunicações sérias são criteriosas quanto ao assunto e elevadas quanto à forma. Toda comunicação isenta de frivolidade e de grosseria que objetiva um fim útil, ainda que de caráter particular, por esse simples fato, é uma comunicação séria. Nem todos os Espíritos sérios são igualmente esclarecidos; há muita coisa que eles ignoram e que podem se enganar de boa-fé. Por isso é que os Espíritos verdadeiramente superiores nos recomendam sempre que submetamos todas as comunicações ao crivo da razão e da mais rigorosa lógica.

No tocante a comunicações *sérias*, cumpre se distingam as *verdadeiras das falsas*, o que nem sempre é fácil, pois, é exatamente à sombra da elevação da linguagem que certos Espíritos presunçosos (ou pseudossábios³⁵) procuram conseguir a prevalência das mais falsas ideias e dos mais absurdos sistemas. E para se fazerem mais confiáveis e ostentarem maior importância, não se envergonham de se cobrirem com os mais respeitáveis nomes e até com os mais venerados. Esse um dos maiores perigos da ciência prática; dele trataremos mais adiante, com todos os desenvolvimentos que esse assunto tão importante requer, ao mesmo tempo em que daremos a conhecer os meios de prevenção contra o perigo das falsas comunicações.

137. Instrutivas são as comunicações sérias cujo principal objeto consiste num ensinamento qualquer, dado pelos Espíritos, sobre as ciências, a moral, a filosofia, etc. São mais ou menos profundas, conforme o grau de elevação e de *desmaterialização* do Espírito. Para se retirarem frutos reais dessas comunicações, é preciso que elas sejam regulares e continuadas com perseverança. Os Espíritos sérios se ligam aos que desejam se instruir e lhes secundam os esforços, deixando aos Espíritos levianos a tarefa de divertirem os que em tais manifestações só veem distração passageira. Unicamente pela regularidade e frequência daquelas comunicações se pode apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos que as dão e a confiança que eles merecem. Se para julgarmos os homens necessitamos de experiência, muito mais ainda necessitamos para julgarmos os Espíritos.

Qualificando de *instrutivas* as comunicações, supomos que sejam *verdadeiras*, pois o que não for *verdadeiro* não pode ser *instrutivo*, ainda que dito na

³⁵ **Pseudossábio:** falso (*pseudo*) sábio – N. D.

mais imponente linguagem. Como consequência, não podemos incluir nessa categoria certos ensinamentos que de sério têm apenas a forma – muitas vezes enfeitada e enfática – com que os Espíritos que os ditam – mais presunçosos do que instruídos – contam iludir os que os recebem. Mas, não podendo suprir a substância que lhes falta, são incapazes de sustentar por muito tempo o papel que procuram desempenhar. Em resumo, traem-se, pondo a nu a sua fraqueza, desde que os seus ditados tenham alguma sequência ou que eles sejam levados aos seus últimos redutos.

138. Os meios de comunicação são variadíssimos. Atuando sobre os nossos órgãos e sobre todos os nossos sentidos, os Espíritos podem se manifestar à nossa visão, por meio das aparições; ao nosso tato, por impressões tangíveis, visíveis ou ocultas; à audição pelos ruídos; ao olfato por meio de odores sem causa conhecida. Este último modo de manifestação – se bem que muito real – é incontestavelmente o mais incerto, pelas múltiplas causas que podem induzir em erro. Daí não demorarmos em tratar dele. O que devemos examinar com cuidado são os diversos meios de se obterem comunicações, isto é, uma troca regular e continuada de pensamentos. Esses meios são: *as pancadas, a palavra e a escrita*. Vamos estudá-los em capítulos especiais.

CAPÍTULO XI

DA SEMATOLOGIA E DA TIPTOLOGIA

- LINGUAGEM DOS SINAIS E DAS PANCADAS
- TIPTOLOGIA ALFABÉTICA

139. As primeiras comunicações inteligentes foram obtidas por meio de pancadas, ou da **tiptologia**. Os recursos que oferecia esse meio primitivo eram muito limitados, prática que se ressentia de estar na infância, tudo se reduzindo nas comunicações, a respostas monossilábicas, por *sim* ou *não*, mediante convencionalizado número de pancadas. Mais tarde, foi aperfeiçoado, como já dissemos. De duas maneiras se obtêm as pancadas, com médiuns especiais. Esse modo de operar demanda certa aptidão para as manifestações físicas. A primeira, a que se poderia chamar *tiptologia por meio de báculo*, consiste no movimento da mesa, que se levanta de um só lado e cai batendo com um dos pés. Basta para isso que o médium ponha a mão na borda da mesa. Caso queira conversar com determinado Espírito, será necessário evocá-lo. No caso contrário, manifesta-se o primeiro que chegue, ou o que tenha o costume de comparecer. Tendo convencionalizado o código – por exemplo: que uma pancada significará *sim* e duas pancadas *não* –, indiferentemente o experimentador dirigirá ao Espírito as perguntas que quiser. Veremos adiante quais as que devem ser evitadas. O inconveniente está na limitação das respostas e na dificuldade de formular a pergunta de modo a dar lugar a um *sim* ou a um *não*. Suponhamos que se pergunte ao Espírito: que desejas? Ele não poderá responder senão com uma frase. Será preciso então dizer: desejas isto? Não. — Aquilo? Sim. Assim por diante.

140. É notável que quando se emprega esse meio, o Espírito usa também de uma espécie de *mímica*, isto é, exprime a energia da afirmação ou da negação pela força das pancadas. Também exprime a natureza dos sentimentos que o animam: a violência, pela brutalidade dos movimentos; a cólera e a impaciência, batendo repetidamente fortes pancadas, como uma pessoa que bate arrebatadamente com os pés, chegando às vezes a atirar ao chão a mesa. Se é amável e delicado, inclina, no começo e no fim da sessão, a mesa, ao modo de saudação. Se quer se dirigir diretamente a um dos assistentes, para ele encaminha a mesa com brandura, ou violência, conforme deseje testemunhar sua afeição ou antipatia. Essa é, propriamente falando, a **sematologia**, ou linguagem dos sinais como a *tiptologia* é a

linguagem das pancadas. Eis aqui um exemplo notável do uso espontâneo da sematologia.

Um dia, na sua sala de visitas, onde muitas pessoas se ocupavam com as manifestações, um senhor do nosso conhecimento recebeu uma carta nossa. Enquanto a lia, a mesa que servia para as experiências veio repentinamente se colocar ao seu lado. Concluída a leitura da carta, ele foi colocá-la sobre uma outra mesa, do lado oposto da sala. Aquela mesa o acompanhou e se dirigiu para onde estava a carta. Surpreendido com essa coincidência, calculou o destinatário da carta que entre esta e aquele movimento alguma relação havia e interrogou a respeito o Espírito, que respondeu ser o nosso Espírito familiar. Informado do ocorrido, perguntamos, por nossa vez, a esse Espírito qual o motivo da visita que fizera àquele senhor. A resposta foi: “É natural que eu visite as pessoas com quem tem relações, a fim de poder dar avisos necessários, se for preciso, a ti, assim como a elas”.

Então é evidente que o Espírito quis chamar a atenção da pessoa a quem nos referimos e procurava uma ocasião de cientificá-la de que estava lá. Um mudo não se houvera conduzido melhor.

141. Não tardou que a tiptologia se aperfeiçoasse e enriquecesse com um meio de comunicação mais completo, o da *tiptologia alfabética*, que consiste em as letras do alfabeto serem indicadas por pancadas. Podemos então obter palavras, frases e até discursos inteiros. De acordo com o método adotado, a mesa dará tantas pancadas quantas forem necessárias para indicar cada letra, isto é, uma pancada para o *a*, duas pancadas para o *b*, e assim por diante. Enquanto isto, uma pessoa irá escrevendo as letras, à medida que forem sendo designadas. O Espírito faz sentir que terminou, usando de um sinal que se tenha convencionado.

Como se vê, este modo de operar é muito lento e consome longo tempo para as comunicações de certa extensão. Entretanto, há pessoas que têm tido a paciência de se utilizarem dele para obter ditados de muitas páginas. Porém, a prática levou à descoberta de abreviaturas, que permitiram se trabalhar com maior rapidez. A de uso mais frequente consiste em colocar o experimentador diante de si, um alfabeto e a série dos algarismos indicadores das unidades. Estando o médium à mesa, uma outra pessoa percorre sucessivamente as letras do alfabeto, quando se tratar de obter uma palavra, ou a série dos algarismos, se de um número. Apontada a letra que serve, a mesa, por si mesma, bate uma pancada e se escreve a letra. Recomeça-se a operação para obter-se a segunda, depois a terceira letra e assim sucessivamente. Se tiver havido engano em alguma letra, o Espírito previne, fazendo a mesa dar repetidas pancadas, ou produzir um movimento especial, e recomeça-se. Com o hábito, chega-se a andar bem depressa. Mas, adivinhando o fim de uma palavra começada e com a qual se pode atinar pelo sentido da frase, é como, sobretudo, se consegue abreviar de muito a comunicação. Havendo incerteza, pergunta-se ao Espírito se foi esta ou aquela palavra a que ele quis empregar e o Espírito responde *sim* ou *não*.

142. Todos os efeitos que acabamos de indicar podem ser obtidos de maneira ainda mais simples, por meio de pancadas produzidas na própria madeira da mesa, sem nenhuma espécie de movimento, processo que já descrevemos no capítulo das

manifestações físicas, número 64 – é a *tiptologia interior*. Nem todos os médiuns são igualmente aptos às manifestações deste último gênero. Muitos só obtêm as pancadas pelo movimento giratório da mesa. Contudo, em sua maioria, eles podem, exercitando, chegar a consegui-las daquela maneira, que tem a dupla vantagem de ser mais rápida e de oferecer menos ensejo a suspeita do que o giro, que se pode atribuir a uma pressão voluntária. A verdade é que as pancadas no interior da madeira também podem ser imitadas por médiuns de má-fé. As melhores coisas podem ser simuladas, o que, aliás, nada prova contra elas. (veja no fim deste volume, o capítulo intitulado: *Fraudes e embustes*).

Mas quaisquer que sejam os aperfeiçoamentos que se possam introduzir nessa maneira de proceder, jamais se conseguirá fazê-la alcançar a rapidez e a facilidade que apresenta a escrita, razão pela qual já é pouco empregada hoje em dia. Entanto, às vezes ela é interessantíssima do ponto de vista do fenômeno, sobretudo para os novatos, e tem, principalmente, a vantagem de provar, de forma irrecusável a absoluta independência do pensamento do médium. Assim facilmente se obtêm respostas tão imprevistas, de tão flagrantes a propósito, que só uma prevenção bastante determinada será capaz de impedir que os espectadores se rendam à evidência. Daí vem que esse processo constitui para muitas pessoas forte motivo de convicção. Mas, seja ele o empregado, seja qualquer outro, em caso algum os Espíritos se mostram dispostos a se prestar aos caprichos dos curiosos que pretendam experimentá-los por meio de questões despropositadas.

143. Com o fim de melhor garantir a independência ao pensamento do médium, imaginaram diversos instrumentos em forma de quadrantes, sobre os quais se traçam as letras, à maneira dos quadrantes do telégrafo elétrico: uma agulha móvel indica as letras – que a influência do médium põe em movimento, mediante um fio condutor e uma polia. Esses instrumentos só conhecemos pelos desenhos e descrições que têm sido publicados na América. Nada podemos dizer do valor deles; porém, temos que só a complicação que denotam constitui um inconveniente; que a independência do médium se comprova perfeitamente pelas pancadas interiores e, ainda melhor, pelo imprevisto das respostas, do que por todos os meios materiais. Acrescentamos que os incrédulos – sempre dispostos a ver artifícios e arranjos por toda parte – muito mais inclinados hão de estar a supô-los num mecanismo especial, do que na primeira mesa de que se lance mão, livre de todo e qualquer acessório.

144. Um aparelho mais simples, porém, do qual a má-fé pode abusar facilmente (conforme veremos no capítulo das *Fraudes*) é o que designaremos sob o nome de *Mesa-Girardin*, tendo em atenção o uso que fazia dele a Sra. Emílio de Girardin nas numerosas comunicações que obtinha como médium. Porque, essa senhora, se bem fosse uma mulher inteligente, tinha a fraqueza de crer nos Espíritos e nas suas manifestações. O instrumento consiste num tampo móvel de mesa, com o diâmetro de trinta a quarenta centímetros, girando livre e facilmente em torno de um eixo, como uma roleta. Sobre sua superfície e acompanhando-lhe a circunferência, se acham traçados, como sobre um quadrante, as letras do alfabeto, os algarismos e as palavras *sim* e *não*. Ao centro existe uma agulha fixa. Pousando o médium os dedos na borda do disco móvel, este gira e para, quando a letra desejada está sob a agulha.

Escrevem-se, umas após outras, as letras indicadas e assim se formam as palavras e as frases muito rapidamente.

É de notar-se que o disco não desliza sob os dedos do médium; que os seus dedos, conservando-se apoiados nele, acompanham seu movimento. Talvez que um médium poderoso consiga obter um movimento independente. Julgamos isso possível, mas nunca o observamos. Se pudéssemos fazer a experiência dessa maneira, infinitamente mais comprovante ela seria, porque eliminaria toda possibilidade de fraude.

145. Resta-nos destruir um erro demais espalhado: o de confundirmos todos os Espíritos que se comunicam por meio de pancadas com os Espíritos batedores. A tiptologia é um meio de comunicação como qualquer outro, e que não é, mais do que o da escrita, ou da palavra, indigno dos Espíritos elevados. Todos os Espíritos, bons e maus, podem se servir dele, como dos diversos outros existentes. O que caracteriza os Espíritos superiores é a elevação das ideias e não o instrumento de que se utilizem para exprimi-las. Sem dúvida, eles preferem os meios mais cômodos e, sobretudo, mais rápidos; mas, em falta de lápis e papel, não temem usar da vulgar mesa falante e a prova é que, por esse meio, se obtém os mais sublimes ditados. Se dele não nos servimos, não é porque o consideremos desprezível, porém unicamente porque, como fenômeno, já nos ensinou tudo o que pudéramos vir a saber, nada mais lhe sendo possível acrescentar às nossas convicções, e porque a extensão das comunicações que recebemos exige uma rapidez com a qual é incompatível a tiptologia.

Assim, nem todos os Espíritos que se manifestam por pancadas são batedores. Este qualificativo deve ser reservado para os que poderíamos chamar batedores de profissão e que, por este meio, se deleitam em pregar peças para divertimentos de umas tantas pessoas e em aborrecer com as suas importunações. Pode-se esperar que algumas vezes façam coisas engraçadas; porém, coisas profundas, nunca. Seria perder tempo formular e eles questões de certo porte científico ou filosófico. A ignorância e a inferioridade que lhes são peculiares deram motivo a que, com justeza, os outros Espíritos os qualificassem de palhaços, ou gaiatos do mundo espírita. Acrescentemos que, além de agirem quase sempre por conta própria, muitas vezes também são instrumentos usados pelos Espíritos superiores, quando querem produzir efeitos materiais.

CAPÍTULO XII

DA PNEUMATOGRAFIA OU ESCRITA DIRETA. DA PNEUMATOFONIA

ESCRITA DIRETA

146. A **pneumatografia** é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum; difere da **psicografia**, por ser esta a transmissão do pensamento do Espírito, mediante a escrita feita com a mão do médium.

Não há como negar que o fenômeno da escrita direta é um dos mais extraordinários do Espiritismo; mas, por muito anormal que pareça à primeira vista, constitui hoje fato averiguado e incontestável. A teoria – sempre necessária, para nos inteirarmos da possibilidade dos fenômenos espíritas em geral – talvez se faz mais necessária ainda neste caso que, sem contestação, é um dos mais estranhos que se possam apresentar, porém que deixa de parecer sobrenatural, até que se compreenda seu princípio.

Da primeira vez que este fenômeno se produziu, a da dúvida foi a impressão dominante que deixou. Logo acudiu aos que o presenciaram a ideia de uma fraude. Mas todo mundo conhece a ação das tintas chamadas simpáticas, cujos traços – a princípio completamente invisíveis – aparecem ao cabo de algum tempo. Pois, podia ser que tivessem abusado da boa-fé dos assistentes por esse meio e longe nos achamos de afirmar que nunca o tenham feito. Estamos até convencidos de que algumas pessoas – seja com intuítos financeiros, seja apenas por amor-próprio e para fazer acreditar nas suas capacidades – têm empregado truques (veja capítulo das *Fraudes*).

Entretanto, do fato de se poder imitar uma coisa, seria absurdo concluirmos pela sua inexistência. Nestes últimos tempos, não se há encontrado meio de imitar a lucidez sonambúlica, ao ponto de causar ilusão? Mas, por que esse processo de enganação se tenha exibido em todas as feiras, deveríamos concluir que não haja verdadeiros sonâmbulos? Por que certos comerciantes vendem vinho falsificado, será uma razão para que não haja vinho puro? O mesmo sucede com a escrita direta. Aliás, as precauções a serem tomadas para garantir da realidade do fato eram bem simples e fáceis e, graças a essas precauções, hoje ele já não pode ser objeto da mais ligeira dúvida.

147. Uma vez que a possibilidade de escrever sem intermediário representa um dos atributos do Espírito; uma vez que os Espíritos sempre existiram desde todos os tempos e que desde todos os tempos se tem produzindo os diversos fenômenos que conhecemos, igualmente o da escrita direta há de ter sido operado na antiguidade, tanto quanto nos dias atuais. Deste modo é que se pode explicar o aparecimento das três palavras célebres na sala do festim de Baltazar³⁶. A Idade Média – tão farta em prodígios ocultos, mas que eram abafados por meio das fogueiras³⁷ – também conheceu necessariamente a escrita direta, e é possível que, na teoria das modificações como os Espíritos podem fazer passar a matéria – teoria que desenvolvemos no capítulo III – se encontre o fundamento da crença na transmutação dos metais.

Todavia, quaisquer que tenham sido os resultados obtidos em diversas épocas, só depois de popularizadas as manifestações espíritas foi que se tomou a sério a questão da escrita direta. Ao que parece, o primeiro a torná-la conhecida, estes últimos anos, em Paris, foi o barão de Guldenstube, que publicou sobre o assunto uma obra muito interessante, com grande número de cópias das escritas que obteve³⁸. O fenômeno já era conhecido na América, havia algum tempo. A posição social do Sr. Guldenstube, sua independência e a consideração de que goza nas mais elevadas rodas incontestavelmente afastam toda suspeita de fraude intencional, pois não havia nenhum motivo de interesse a que ele obedecesse. Quando muito, o que se poderia supor é que seria vítima de uma ilusão; a isto, porém, um fato responde peremptoriamente: o de haverem outras pessoas obtido o mesmo fenômeno, cercadas de todas as precauções necessárias para evitar qualquer trapaça e qualquer causa de erro.

148. Em geral, como a maior parte das manifestações espíritas *não espontâneas*, a escrita direta é obtida por meio da concentração, da prece e da evocação. Têm-se produzido em igrejas, sobre túmulos, no sopé de estátuas, ou imagens de personagens evocadas. Mas é evidente que o local não exerce nenhuma outra influência, exceto permitir maior recolhimento espiritual e maior concentração dos pensamentos; porque está provado que o fenômeno se obtém igualmente sem esses acessórios e nos lugares mais comuns, sobre um simples móvel caseiro, desde que os que desejam obtê-lo se achem nas devidas condições morais e que entre esses se encontre quem possua a necessária mediunidade.

A princípio, julgou-se ser preciso colocar aqui ou ali um lápis com o papel. O fato então podia ser explicado até certo ponto. É sabido que os Espíritos produzem o movimento e a deslocação dos objetos; que algumas vezes os tomam e atiram longe. Logo, bem podiam tomar também do lápis e servir-se dele para traçar letras. Visto que o impulsionam, utilizando-se da mão do médium, de uma prancheta, etc., podiam, do mesmo modo, impulsioná-lo diretamente. Não tardou, porém, se reconhecesse que o lápis era dispensável, que bastava um pedaço de papel

³⁶ O festim de Baltazar (normalmente escrito como Belsazar) é um episódio bíblico narrado no livro Daniel, cap. 5, em que uma mão se materializou e escreveu uma mensagem ao rei babilônico – N. D.

³⁷ Aqui, Kardec se refere ao Tribunal da Inquisição, onde médiuns eram queimados vivos – N. D.

³⁸ “A realidade dos Espíritos e de suas manifestações demonstrada mediante o fenômeno da escrita direta pelo barão de Guldenstube”, 1 vol. in-8o, com 15 estampas e 93 fac-símiles.

– dobrado ou não – para que ao fim de alguns minutos, se achassem nele grafadas letras. Aqui, o fenômeno muda completamente de aspecto e nos leva a uma ordem inteiramente nova de coisas: as letras hão de ter sido traçadas com uma substância qualquer e, sendo certo que ninguém forneceu ao Espírito essa substância, segue-se que ele próprio a compôs. Onde a tirou? Esse o problema.

Quem queira reportar-se às explicações dadas no capítulo VIII, nº 127 e 128, encontrará completa a teoria do fenômeno. Para escrever dessa maneira, o Espírito não se serve das nossas substâncias, nem dos nossos instrumentos. Ele próprio fabrica a matéria e os instrumentos de que precisa, tirando, para isso, os materiais necessários, do elemento primitivo universal que, pela ação da sua vontade, sofre as modificações necessárias à produção do efeito desejado. Portanto, é possível para ele fabricar tanto o lápis vermelho, a tinta de imprimir, a tinta comum, como o lápis preto, ou até caracteres tipográficos bastante resistentes para darem relevo à escrita, conforme temos tido ensejo de verificar. A filha de um senhor que conhecemos, menina de 12 a 13 anos, obteve páginas e páginas escritas com uma substância igual ao pastel.

149. Tal o resultado a que nos conduziu o fenômeno da tabaqueira, descrito no capítulo VII, nº 116, e sobre o qual nos estendemos longamente, porque nele percebemos oportunidade para averiguarmos uma das mais importantes leis do Espiritismo, lei cujo conhecimento pode esclarecer mais de um mistério, mesmo do mundo visível. Assim é que, de um fato aparentemente vulgar, pode sair a luz. Basta observar com cuidado e isso todos podem fazer como nós, desde que se não limitem a observar efeitos, sem lhes procurarem as causas. Se a nossa fé se fortalece de dia para dia é porque compreendemos. Então, tratem de compreender, se quiserem fazer seguidores sérios. Ainda outro resultado decorre da compreensão das causas: o de deixar riscada uma linha divisória entre a verdade e a superstição.

Considerando a escrita direta do ponto de vista das vantagens que possa oferecer, diremos que, até o presente, sua principal utilidade foi a comprovação material de um fato sério: a intervenção de um poder oculto que, nesse fenômeno, tem mais um meio de se manifestar. Todavia, raramente são extensas as comunicações que por essa forma se obtêm. Em geral espontâneas, elas se reduzem a algumas palavras ou proposições e, às vezes, a sinais ininteligíveis. Têm sido dadas em todas as línguas: em grego, em latim, em sírio, em caracteres hieroglíficos, etc., mas ainda se não prestaram às dissertações seguidas e rápidas, como permite a psicografia ou a escrita pela mão do médium.

PNEUMATOFONIA

150. Dado que podem produzir ruídos e pancadas, os Espíritos podem igualmente fazer que se ouçam gritos de toda espécie e sons vocais que imitam a voz humana, assim ao nosso lado, como nos ares. A este fenômeno é que damos o nome de **pneumatofonia**. Pelo que sabemos da natureza dos Espíritos, podemos supor que, dentre eles – alguns, de ordem inferior – se iludem e julgam falar como quando vivos (**REVISTA ESPÍRITA**, fev. de 1858: *História da aparição de Mlle. Clairon*).

Entretanto, devemos nos preservar de tomar por vozes ocultas todos os sons que não tenham causa conhecida, ou simples zumbidos, e, sobretudo, de dar o menor crédito à crença vulgar de que, quando o ouvido nos zune, é que nalguma parte estão falando de nós. Aliás, esses zumbidos não têm nenhuma significação, cuja causa é puramente fisiológica, ao passo que os sons pneumatofônicos exprimem pensamentos e nisso está o que nos faz reconhecer que são devidos a uma causa inteligente e não accidental. Podemos estabelecer como princípio que os efeitos *notoriamente inteligentes* são os únicos capazes de atestar a intervenção dos Espíritos. Quanto aos outros, há pelo menos cem probabilidades contra uma de serem produtos de causas fortuitas.

151. Acontece frequentemente ouvirmos, de modo distinto, quando nos achamos meio adormecidos, palavras, nomes, às vezes frases inteiras, ditas com tal intensidade que nos despertam, espantados. Se bem nalguns casos possa haver aí, na realidade, uma manifestação, esse fenômeno nada de bastante positivo apresenta, para que também possa ser atribuído a uma causa semelhante à que estudamos desenvolvidamente na teoria da alucinação, capítulo VI, nº 111 e seguintes. Demais, nenhuma sequência tem o que de tal maneira se escuta. No entanto, o mesmo não acontece quando se está inteiramente acordado, porque então, se é um Espírito que se faz ouvir, quase sempre se podem trocar ideias com ele e travar uma conversação regular.

Os sons espíritos, os pneumatofônicos se produzem de duas maneiras distintas: às vezes, é uma voz interior que repercute no nosso foro íntimo, nada tendo de material as palavras, ainda que sejam claramente perceptíveis; outras vezes, são exteriores e nitidamente articuladas, como se proviessem de uma pessoa que nos estivesse ao lado.

De um modo, ou de outro, o fenômeno da pneumatofonia é quase sempre espontâneo e só muito raramente pode ser provocado.

CAPÍTULO XIII

DA PSICOGRAFIA

- PSICOGRAFIA INDIRETA: CESTAS E PRANCHETAS
- PSICOGRAFIA DIRETA OU MANUAL

152. A ciência espírita tem progredido como todas as outras e mais rapidamente do que estas. Alguns anos apenas nos separam da época em que se empregavam esses meios primitivos e incompletos, a que trivialmente se dava o nome de “mesas falantes”, e já nos achamos em condições de comunicar com os Espíritos tão fácil e rapidamente, como o fazem os homens entre si e pelos mesmos meios: a escrita e a palavra. A escrita, sobretudo, tem a vantagem de assinalar, de modo mais material, a intervenção de uma força oculta e de deixar traços que se podem conservar, como fazemos com a nossa correspondência. O primeiro meio de que se usou foi o das pranchas e cestas munidas de lápis, com a disposição que passamos a descrever.

153. Já dissemos que uma pessoa dotada de aptidão especial pode imprimir movimento de rotação a uma mesa ou a outro objeto qualquer. Tomemos, em vez de uma mesa, uma cestinha de quinze a vinte centímetros de diâmetro (de madeira ou de vime, a substância pouco importa). Se fizermos passar pelo fundo dessa cesta um lápis e o prendermos bem, com a ponta de fora e para baixo; se mantivermos o aparelho assim formado em equilíbrio sobre a ponta do lápis, apoiado este sobre uma folha de papel, e apoiarmos os dedos nas bordas da cesta, ela se porá em movimento; mas, em vez de girar, fará que o lápis percorra o papel em diversos sentidos, traçando riscos sem significação ou letras. Caso se evoque um Espírito que queira comunicar-se, ele responderá não mais por meio de pancadas – como na tipologia – porém, escrevendo palavras. O movimento da cesta já não é automático, como no caso das mesas girantes; torna-se inteligente. Com esse dispositivo, o lápis, ao chegar à extremidade da linha, não volta ao ponto de partida para começar outra; continua a se mover circularmente, de sorte que a linha escrita forma uma espiral, tornando necessário voltar muitas vezes o papel para se ler o que está grafado. A escrita assim feita nem sempre é muito legível, por não ficarem separadas as palavras. Entretanto, por uma espécie de intuição, o médium facilmente a decifra. Por economia, o papel e o lápis comum podem ser substituídos por uma lousa com o respectivo lápis. Designaremos este gênero de cesta pelo nome de *cesta-pião*. Às vezes, em lugar da cesta, emprega-se um papelão muito semelhante às caixas de pastilhas, formando-lhe o lápis o eixo, como no brinquedo chamado carrapeta.

154. Muitos outros dispositivos se têm imaginado para a obtenção do mesmo resultado. O mais cômodo é aquele a que chamaremos **cesta de bico** e que consiste em adaptar-se à cesta uma haste inclinada, de madeira, prolongando-se dez a quinze centímetros para o lado de fora, na posição do mastro de gurupés, numa embarcação. Por um buraco aberto na extremidade dessa haste, ou bico, passa-se um lápis bastante comprido para que sua ponta assente no papel. Pondo o médium os dedos na borda da cesta, o aparelho todo se agita e o lápis escreve, como no caso anterior, com a diferença, porém de que, em geral, a escrita é mais legível, com as palavras separadas e as linhas sucedendo-se paralelas, como na escrita comum, por poder o médium levar facilmente o lápis de uma linha a outra. Obtêm-se assim dissertações de muitas páginas, tão rapidamente como se fossem escritas com a mão.

155. Ainda por outros sinais inequívocos muito se manifesta a inteligência que atua. Chegando ao fim da página, o lápis faz espontaneamente um movimento para virar o papel. Se ele se quer reportar a uma passagem já escrita, na mesma página, ou noutra, procura com a ponta do lápis, como qualquer pessoa o faria com a ponta do dedo, e a sublinha. Se, enfim, o Espírito quer dirigir-se a alguém, a extremidade da haste de madeira se dirige para esse alguém. Por abreviar, exprimem-se frequentemente as palavras *sim* e *não*, pelos sinais de afirmação e negação que fazemos com a cabeça. Se o Espírito quer exprimir cólera, ou impaciência, bate repetidas pancadas com a ponta do lápis e não raro a quebra.

156. Em vez de cesta, algumas pessoas se servem de uma espécie de mesa pequenina, feita de propósito, tendo de doze a quinze centímetros de comprimento, por cinco a seis de altura, e três pés a um dos quais se adapta um lápis. Os dois outros são arredondados ou munidos de uma bola de marfim, para deslizar mais facilmente sobre o papel. Outros se utilizam apenas de uma *prancheta* de quinze a vinte centímetros quadrados, triangular, oblonga, ou oval. Num dos bordos, há um furo *oblíquo* para introduzir-se o lápis. Colocada em posição de escrever, ela fica inclinada e se apoia por um dos lados no papel. Algumas trazem desse lado rodízios para lhe facilitarem o movimento. Em suma, é notável que todos esses dispositivos não têm nada de absoluto. O melhor é o que for mais cômodo.

Com qualquer desses aparelhos, quase sempre é preciso que os operadores sejam dois; mas, não é necessário que ambos sejam dotados de aptidões mediúnicas. Um serve unicamente para manter o equilíbrio e poupar ao médium excesso de fadiga.

157. Chamamos **psicografia indireta** à escrita assim obtida, em contraposição à *psicografia direta* ou *manual*, obtida pelo próprio médium. Para se compreender este último processo, é preciso levar em conta o que se passa na operação. O Espírito que se comunica atua sobre o médium que, debaixo dessa influência, move *maquinalmente* o braço e a mão para escrever, sem ter (é pelo menos o caso mais comum) a menor consciência do que escreve; a mão atua sobre a cesta e a cesta sobre o lápis. Assim, *não é a cesta que se torna inteligente*; ela não passa de um instrumento manejado por uma inteligência; realmente não passa de uma lapiseira, de um apêndice da mão, de um intermediário, entre a mão e o lápis. Suprima-se esse

intermediário, coloque-se o lápis na mão e o resultado será o mesmo, com um mecanismo muito mais simples, pois que o médium escreve como o faz nas condições normais. De sorte que toda pessoa que escreve com o auxílio de uma cesta, prancheta, ou qualquer outro objeto, pode escrever diretamente.

De todos os meios de comunicação, a *escrita manual*, que alguns denominam *escrita involuntária*, é, sem contestação, a mais simples, a mais fácil e a mais cômoda, porque nenhum preparativo exige e, como a escrita corrente, se presta aos maiores desenvolvimentos. Dela tornaremos a falar, quando tratarmos dos médiuns.

158. Nos primeiros tempos das manifestações, quando ainda ninguém tinha ideias exatas sobre o assunto, muitos escritos foram publicados com este título: *Comunicações de uma mesa, de uma cesta, de uma prancheta*, etc. Hoje, bem se percebe o que tais expressões têm de impróprias, ou errôneas, além do caráter pouco sério que revelam. Efetivamente, como acabamos de ver, as mesas, pranchetas e cestas não são mais do que instrumentos *sem inteligências*, embora animados momentaneamente de uma vida fictícia, que nada podem comunicar por si mesmos. Dizer o contrário é tomar o efeito pela causa, o instrumento pelo princípio. Seria o mesmo que um autor declarar, no título da sua obra, tê-la escrito com uma pena metálica ou com uma pena de pato. Ademais, esses instrumentos não são exclusivos. Conhecemos alguém que, em vez da *cesta-pião*, que acima descrevemos, se servia de um funil, em cujo gargalo introduzia o lápis. Teríamos então recebido comunicações de um funil, do mesmo modo que de uma caçarola ou de uma saladeira. Se elas são obtidas por meio de pancadas com uma cadeira, ou uma bengala, já não há uma mesa falante, mas uma cadeira, ou uma bengala falantes. O que importa se conheça não é a natureza do instrumento e, sim, o modo de obtenção. Se a comunicação vem por meio da escrita, qualquer que seja o aparelho que sustente o lápis, o que há, para nós, é *psicografia*; *tiptologia*, se por meio de pancadas. Tomando o Espiritismo as proporções de uma ciência, indispensável se lhe torna uma linguagem científica.

CAPÍTULO XIV

DOS MÉDIUNS

- MÉDIUNS DE EFEITOS FÍSICOS
- PESSOAS ELÉTRICAS
- MÉDIUNS SENSITIVOS OU IMPRESSIONÁVEIS
- MÉDIUNS AUDIENTES
- MÉDIUNS FALANTES
- MÉDIUNS VIDENTES
- MÉDIUNS SONAMBÚLICOS
- MÉDIUNS CURADORES
- MÉDIUNS PNEUMATÓGRAFOS

159. Todo aquele que sente a influência dos Espíritos, num grau qualquer, por esse fato, é médium. Essa capacidade é natural ao homem; portanto, não é um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, são raras as pessoas que não possuam nenhum dos rudimentos dela. Então, podemos dizer que todos são mais ou menos médiuns. Todavia, usualmente, só qualificamos assim aqueles em quem a mediunidade se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos evidentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. É notável, além disso, que essa faculdade não se revela em todos da mesma maneira. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações. As principais são: *a dos médiuns de efeitos físicos; a dos médiuns sensitivos, ou impressionáveis; a dos audientes; a dos videntes; a dos sonambúlicos; a dos curadores; a dos pneumatógrafos; a dos escreventes, ou psicógrafos.*

1. MÉDIUNS DE EFEITOS FÍSICOS

160. Os **médiuns de efeitos físicos** são particularmente aptos a produzir fenômenos materiais, como os movimentos dos corpos inertes, ou ruídos, etc. Podem se dividir em **médiuns facultativos** e **médiuns involuntários** (veja a 2ª parte, caps. II e IV).

Os **médiuns facultativos** são os que têm consciência do seu poder e que produzem fenômenos espíritas por ato da própria vontade. Ainda que pertencente à espécie humana – conforme já dissemos – semelhante faculdade está longe de existir em todos no mesmo grau. Porém, se há poucas pessoas em quem ela seja

absolutamente nula, mais raras ainda são as capazes de produzir os grandes efeitos tais como a suspensão de corpos pesados, a translação aérea e, sobretudo, as aparições. Os efeitos mais simples são a rotação de um objeto, pancadas produzidas mediante o levantamento desse objeto, ou na sua própria substância. Embora não demos importância capital a esses fenômenos, recomendamos, contudo, que não sejam desprezados. Podem proporcionar ensejo a observações interessantes e contribuir para a convicção dos que os observem. Entretanto, devemos ponderar que a habilidade de produzir efeitos materiais raramente existe nos que dispõem de mais perfeitos meios de comunicação, como a escrita e a palavra. Em geral, a faculdade diminui num sentido à proporção que se desenvolve em outro.

161. Os médiuns involuntários ou naturais são aqueles cuja influência se exerce sem a sua vontade própria. Nenhuma consciência têm do poder que possuem e, muitas vezes, o que de anormal se passa em torno deles não se lhes parece de modo algum extraordinário. Isso faz parte deles, exatamente como se dá com as pessoas que, sem suspeitarem, são dotadas de dupla vista. Esses indivíduos são muito dignos de observação e ninguém deve se descuidar de recolher e estudar os fatos deste gênero que lhe cheguem ao conhecimento. Manifestam-se em todas as idades e frequentemente em crianças ainda muito novas (veja acima, o capítulo V, *Das manifestações físicas espontâneas*).

Tal aptidão não é, em si mesma, indício de um estado patológico (doentio), pois não é incompatível com uma saúde perfeita. Se aquele que a possui sofre, esse sofrimento é devido a uma causa estranha, donde se segue que os meios terapêuticos são impotentes para fazê-la desaparecer. Nalguns casos, pode ser resultado de uma certa fraqueza física, porém, nunca é causa eficiente. Pois, não seria razoável tirar dela um motivo de inquietação, do ponto de vista higiênico. Só poderia acarretar inconveniente, se aquele que a possui abusasse dela, depois de se tornar médium facultativo, porque então se verificaria nele uma emissão demasiado abundante de fluido vital e, por conseguinte, enfraquecimento dos órgãos.

162. A razão se revolta à lembrança das torturas morais e corporais a que a ciência tem por vezes sujeitado criaturas fracas e delicadas, para se certificar da existência de fraude da parte delas. Tais *experimentações*, muitas vezes feitas maldosamente, são sempre prejudiciais às organizações sensitivas, podendo mesmo dar lugar a graves desordens na economia orgânica. Fazer semelhantes experiências é brincar com a vida. O observador de boa-fé não precisa lançar mão desses meios. Aliás, aquele que está familiarizado com os fenômenos desta espécie sabe que eles são mais de ordem moral, do que de ordem física e que será inútil procurar-lhes uma solução nas nossas ciências exatas.

Por isso mesmo que tais fenômenos são mais de ordem moral, devemos evitar com bastante cuidado tudo o que possa exaltar a imaginação. Sabe-se que de acidentes o medo pode ocasionar e muito menos imprudências se cometiam, caso se conhecessem todos os tipos de loucura e de epilepsia, cuja origem se encontra nos contos de lobisomens e papões. Que não será, se generalizarmos a persuasão de que o agente dos aludidos fenômenos é o *diabo*? Os que espelham semelhantes ideias não sabem a responsabilidade que assumem: *podem matar*. Ora, o perigo não existe

apenas para o paciente, mas também para os que o cercam, os quais podem ficar aterrorizados ao pensarem que a casa onde moram se tornou um covil de demônios. Esta crença terrível é que foi causa de tantos atos de atrocidade nos tempos de ignorância. Entretanto, se houvesse um pouco mais de discernimento, teria ocorrido aos que os praticaram que não queimavam o diabo, por queimarem o corpo que supunham possesso do diabo. Desde que queriam se livrar do diabo, ao diabo é que era preciso que matassem. Esclarecendo-nos sobre a verdadeira causa de todos esses fenômenos, a Doutrina Espírita lhe dá o golpe de misericórdia. *Longe, pois, de tratar para que tal ideia se forme, todos devem combatê-la onde exista, e este é um dever de moralidade e de humanidade.*

O que há de se fazer quando uma faculdade dessa natureza se desenvolve espontaneamente num indivíduo é deixar que o fenômeno siga o seu curso natural: a Natureza é mais prudente do que os homens. Acresce que a Providência tem seus desígnios e aos maiores destes pode servir de instrumento a mais pequenina das criaturas. Porém, é forçoso convir que por vezes o fenômeno assume proporções fatigantes e importunas para toda gente³⁹. Então, eis o que deve ser feito em todos os casos. No cap. V (*Das manifestações físicas espontâneas*) já demos alguns conselhos a este respeito, dizendo ser preciso entrar em comunicação com o Espírito, para sabermos dele o que quer. O meio seguinte também se funda na observação.

Em geral, os seres invisíveis que revelam sua presença por efeitos sensíveis são Espíritos de ordem inferior e que podem ser dominados pelo ascendente moral. O que se deve procurar é a aquisição desta superioridade.

Para alcançá-lo é preciso que o indivíduo passe do estado de **médium natural** ao de **médium voluntário**. Produz-se, então, efeito igual ao que se observa no sonambulismo. Como se sabe, o sonambulismo natural cessa geralmente, quando substituído pelo sonambulismo magnético. Não se deve suprimir a faculdade que a alma tem de se emancipar; devemos dar outra diretriz a ela. O mesmo acontece com a faculdade mediúnica. Para isso, em vez de pôr obstáculos ao fenômeno – coisa que raramente se consegue e que nem sempre deixa de ser perigosa –, o que se tem de fazer é convencer o médium a produzi-los à sua vontade, impondo-se ao Espírito. Por esse meio, o médium chega a sobrepujá-lo e, de um dominador às vezes tirânico, faz um ser submisso e, não raro, dócil. Fato digno de nota e que a experiência confirma é que, em tal caso, uma criança tem tanta e, por vezes, mais autoridade que um adulto: mais uma prova a favor deste ponto capital da Doutrina, que o Espírito só é criança pelo corpo; que tem por si mesmo um desenvolvimento necessariamente anterior à sua encarnação atual, desenvolvimento que lhe pode dar ascendente sobre

³⁹ Um dos fatos mais extraordinários desta natureza, pela variedade e particularidade dos fenômenos, é, sem contestação, o que ocorreu em 1852, no Palatinado (Baviera renana), em Bergzabern, perto de Wissemburg. É tanto mais notável, quanto denota reunidos no mesmo indivíduo quase todos os gêneros de manifestações espontâneas: estrondos de abalar a casa, derrubamento dos móveis arremesso de objetos ao longe por mãos invisíveis, visões e aparições, sonambulismo, êxtase, catalepsia, atração elétrica, gritos e sons aéreos, instrumentos tocando sem contato, comunicações inteligentes, etc. e, o que não é de menos importância, a comprovação destes fatos, durante quase dois anos, por inúmeras testemunhas oculares, dignas de crédito pelo saber e pelas posições sociais que ocupavam. A narração autêntica dos aludidos fenômenos foi publicada, naquela época, em muitos jornais alemães e, especialmente, numa brochura hoje esgotada e raríssima. Na **REVISTA ESPÍRITA** de 1858 se encontra a tradução completa dessa brochura, com os comentários e explicações indispensáveis. Essa, que saibamos, é a única publicação feita em francês do folheto a que nos referimos. Além do empolgante interesse que tais fenômenos despertam, eles são eminentemente instrutivos, do ponto de vista do estudo prático do Espiritismo.

Espíritos que lhe são inferiores.

A moralização de um Espírito, pelos conselhos de uma terceira pessoa influente e experiente – o médium não estando apto a fazer isso – frequentemente é um meio muito eficaz. Mais tarde voltaremos a tratar dele.

163. À primeira vista, nesta categoria parece que devíamos incluir as pessoas dotadas de certa dose de eletricidade natural, verdadeiros *torpedos humanos*⁴⁰, a produzirem, por simples contato, todos os efeitos de atração e repulsão. Mas seria errado considerá-las *médiuns*, pois a verdadeira mediunidade supõe a intervenção direta de um Espírito. Ora, no caso de que falamos, concludentes experiências não provado que a eletricidade é o agente único desses fenômenos. Esta estranha capacidade – que quase se poderia considerar uma enfermidade – pode às vezes estar aliada à mediunidade, como é fácil de verificar na história do *Espírito batedor de Bergzabern*. Porém, as mais das vezes, de todo independe de qualquer faculdade mediúnica. Conforme já dissemos, a única prova da intervenção dos Espíritos é o caráter inteligente das manifestações. Desde que este caráter não exista, fundamento há para serem atribuídas a causas puramente físicas. A questão é saber se as *pessoas elétricas* estarão ou não mais aptas, do que quaisquer outras, a se tornar médiuns de efeitos físicos. Cremos que sim, mas só a experiência poderia demonstrá-lo.

2. MÉDIUNS SENSITIVOS, OU IMPRESSIONÁVEIS

164. Chamam-se assim às pessoas capazes de sentir a presença dos Espíritos por uma impressão vaga, por uma espécie de leve arrepio sobre todos os seus membros, sensação que elas não podem explicar. Esta variedade não apresenta caráter bem definido. Todos os médiuns são necessariamente impressionáveis, sendo assim a impressionabilidade mais uma qualidade geral do que especial. É a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras. Difere da impressionabilidade puramente física e nervosa, com a qual é preciso que não seja confundida, pois há pessoas que não têm nervos delicados e que sentem mais ou menos o efeito da presença dos Espíritos, do mesmo modo que outras, muito irritáveis, absolutamente não os pressentem.

Esta faculdade se desenvolve pelo hábito e pode adquirir tal sutileza, que aquele que a possui, pela impressão que experimenta, reconhece não só a qualidade – boa ou má – do Espírito que lhe está ao lado, mas até a sua individualidade, como o cego reconhece, por um certo não sei o que, a aproximação de tal ou tal pessoa. Torna-se, com relação aos Espíritos, verdadeiro sensitivo. Um bom Espírito produz sempre uma impressão suave e agradável; a de um mau Espírito, ao contrário, é penosa, angustiosa, desagradável. Há como que um cheiro de impureza.

⁴⁰ No original francês está no grifo. *Torpilles humaines* (Vide página 240). *Torpille* é um peixe semelhante à raia, ou arraia, que tem órgãos capazes de emitir descargas elétricas. É o peixe-torpedo, à semelhança das denominações que damos, de “engua-elétrica” ou “peixe-elétrico”, ao peixe poraquê amazônico – Nota da Editora FEB.

3. MÉDIUNS AUDIENTES

165. Estes ouvem a voz dos Espíritos. Como dissemos ao falar da pneumatofonia, algumas vezes é uma voz interior que se faz ouvir no foro íntimo; doutras vezes, é uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva. Assim, os médiuns audientes podem conversar com os Espíritos. Quando têm o hábito de se comunicar com determinados Espíritos, eles os reconhecem imediatamente pela natureza da voz. Quem não seja dotado desta mediunidade pode igualmente comunicar com um Espírito se tiver um médium audiente a auxiliá-lo, que desempenhe a função de intérprete.

Esta habilidade é muito agradável quando o médium só ouve Espíritos bons, ou unicamente aqueles por quem chama. Entretanto, já não é assim quando um Espírito mau se agarra a ele, fazendo-lhe ouvir a cada instante as coisas mais desagradáveis e não raro as mais inconvenientes. Então, ele deve procurar se livrar desses Espíritos, pelos meios que indicaremos no capítulo da *Obsessão*.

4. MÉDIUNS FALANTES

166. Os médiuns audientes, que apenas transmitem o que ouvem, não são **médiuns falantes**. Estes últimos, na maioria das vezes, nada ouvem. Neles, o Espírito atua sobre os órgãos da palavra, como atua sobre a mão dos médiuns escreventes. Quando quer se comunicar, o Espírito se serve do órgão que lhe parece mais flexível no médium. A um, toma da mão; a outro, da palavra; a um terceiro, do ouvido. O médium falante geralmente se exprime sem ter consciência do que diz e muitas vezes diz coisas completamente estranhas às suas ideias habituais, aos seus conhecimentos e, até, fora do alcance de sua inteligência. Embora se ache perfeitamente acordado e em estado normal, raramente guarda lembrança do que diz. Em suma, nele, a palavra é um instrumento de que o Espírito se serve, com o qual uma terceira pessoa pode se comunicar, como pode com o auxílio de um médium audiente.

Porém, nem sempre a passividade do médium falante é tão completa. Alguns há que têm a intuição do que dizem, no momento mesmo em que pronunciam as palavras. Voltaremos a nos ocupar com esta espécie de médiuns quando tratarmos dos médiuns intuitivos.

5. MÉDIUNS VIDENTES

167. Os médiuns videntes são dotados da disposição de ver os Espíritos. Alguns possuem esse dom em estado normal, quando perfeitamente acordados, e conservam lembrança precisa do que viram. Outros só em estado sonambúlico, ou próximo do sonambulismo. Raro é que esta mediunidade se mostre permanente; quase sempre é efeito de uma crise passageira. Na categoria dos médiuns videntes se podem incluir todas as pessoas dotadas de dupla vista. Sem contestação, a possibilidade de ver Espíritos em sonho resulta de uma espécie de mediunidade, mas não é, propriamente

falando, o que se chama médium vidente. Explicamos esse fenômeno no capítulo VI – *Das manifestações visuais*.

O médium vidente julga ver com os olhos, como os que são dotados de dupla vista; mas na realidade é a alma quem vê e por isso é que eles tanto veem com os olhos fechados como com os olhos abertos; donde se conclui que um cego pode ver os Espíritos do mesmo modo que qualquer outro que tem perfeita a vista. Sobre este último ponto caberíamos fazer interessante estudo, o de saber se a faculdade de que tratamos é mais frequente nos cegos. Espíritos que na Terra foram cegos nos disseram que, quando vivos, tinham, pela alma, a percepção de certos objetos e que não se encontravam imersos em *negra escuridão*.

168. Devemos distinguir as aparições acidentais e espontâneas da capacidade propriamente dita de ver os Espíritos. As primeiras são frequentes, sobretudo no momento da morte das pessoas que aquele que vê amou ou conheceu e que o vêm prevenir de que já não são deste mundo. Há inúmeros exemplos de fatos deste gênero, sem falar das visões durante o sono. Doutras vezes, do mesmo modo, são parentes, ou amigos que, mesmo mortos há mais ou menos tempo, aparecem para avisar um perigo ou para dar um conselho, ou ainda, para pedir um serviço. O serviço que o Espírito pode solicitar é, em geral, a execução de uma coisa que lhe não foi possível fazer em vida, ou o auxílio das preces. Estas aparições constituem fatos isolados, que apresentam sempre um caráter individual e pessoal, e não efeito de uma faculdade propriamente dita. A faculdade consiste na possibilidade, senão permanente, pelo menos muito frequente de ver qualquer Espírito que se apresente, ainda que seja absolutamente estranho ao vidente. A posse desta faculdade é o que constitui, propriamente falando, o médium vidente.

Entre esses médiuns, há alguns que só veem os Espíritos evocados e cuja descrição podem fazer com exatidão minuciosa. Descrevem-lhes com as menores detalhes, os gestos, a expressão da fisionomia, os traços do semblante, as vestes e, até, os sentimentos de que parecem animados. Outros há em quem a faculdade da vidência é ainda mais ampla: veem toda a população espírita ambiente, a se mover em todos os sentidos, cuidando, poderíamos dizer, de seus afazeres.

169. Assistimos uma noite à representação da ópera *Oberon*, em companhia de um médium vidente muito bom. Havia na sala grande número de lugares vazios, muitos dos quais, no entanto, estavam ocupados por Espíritos, que pareciam se interessar pelo espetáculo. Alguns se colocavam junto de certos espectadores, como que a escutar a conversação. Cena diversa se desenrolava no palco: por detrás dos atores muitos Espíritos, de humor jovial, se divertiam em arremedá-los, imitando-lhes os gestos de modo grotesco; outros, mais sérios, pareciam inspirar os cantores e fazer esforços por lhes dar energia. Um deles se conservava sempre junto de uma das principais cantoras. Julgando-o animado de intenções um tanto levianas e tendo-o evocado após a terminação do ato, ele acudiu ao nosso chamado e nos repriminou com severidade, o temerário juízo: “Não sou o que julgas; sou o seu guia e seu Espírito protetor; sou encarregado de dirigi-la”. Depois de alguns minutos de uma palestra muito séria, deixou-nos, dizendo: “Adeus; ela está em seu camarim; é preciso que vá vigiá-la”. Em seguida, evocamos o Espírito Weber, autor da ópera, e

lhe perguntamos o que pensava da execução da sua obra. “Não de todo má; porém, frouxa; os atores cantam, eis tudo. Não há inspiração”. Acrescentou: “Espera, vou tentar dar-lhes um pouco do fogo sagrado”. Logo em seguida, foi visto no palco, pairando acima dos atores. Partindo dele, se derramava sobre os intérpretes um vigor. Então, houve nestes um visível aumento de energia.

170. Outro fato que prova a influência que os Espíritos exercem sobre os homens, sem a vontade destes: como nessa noite, assistíamos a uma representação teatral com outro médium vidente. Travando conversação com um *Espírito espectador*, disse-nos ele: “Vês aquelas duas damas sós, naquele camarote da primeira ordem? Pois bem, estou esforçando-me por fazer que deixem a sala”. Dizendo isso, o médium o viu ir colocar-se no camarote em questão e falar às duas. De súbito, estas, que se mostravam muito atentas ao espetáculo, se entreolharam, parecendo consultar-se mutuamente. Depois, vão-se e não mais voltam. O Espírito nos fez então um gesto cômico, querendo significar que cumpriu o que dissera. Não o tornamos a ver para pedir-lhe explicações mais amplas. É assim que muitas vezes fomos testemunha do papel que os Espíritos desempenham entre os vivos. Observamos isso em diversos lugares de reunião, em bailes, concertos, sermões, funerais, casamentos, etc., e por toda parte os encontramos atijando paixões más, soprando discórdias, provocando rixas e rejubilando-se com suas proezas. Outros, ao contrário, combatiam essas influências perniciosas, porém, raramente eram atendidos.

171. Sem dúvida, a faculdade de ver os Espíritos pode ser desenvolvida, mas é uma das de que convém esperar o desenvolvimento natural, para não ser juguete da própria imaginação. Quando a semente de uma mediunidade existe, ela se manifesta por si mesma. Em princípio, devemos nos contentar com as que Deus nos cedeu, sem procurarmos o impossível, por isso que, pretendendo ter muito, corremos o risco de perder o que possuímos.

Quando dissemos serem frequentes os casos de aparições espontâneas (nº 107), não quisemos dizer que são muito comuns. Quanto aos médiuns videntes, propriamente ditos, ainda são mais raros e há muito que desconfiar dos que se dizem possuidores dessa aptidão. É prudente não lhes dar crédito, senão diante de provas concretas. Não nos referimos sequer aos que se dão à ridícula ilusão de ver os Espíritos glóbulos, que descrevemos no nº 108; falamos apenas dos que dizem ver os Espíritos de modo racional. É fora de dúvida que algumas pessoas podem se enganar de boa-fé, porém, outras podem também simular esta capacidade por amor-próprio ou por interesse. Neste caso, é preciso especialmente levarem conta o caráter, a moralidade e a sinceridade habituais; todavia, sobretudo nas particularidades, é que se encontram meios de verificação mais segura, pois há algumas que não podem deixar suspeita, por exemplo, a exatidão no retratar Espíritos que o médium jamais conheceu quando encarnados. A esta categoria pertence o fato seguinte:

Uma senhora, viúva, cujo marido se comunica frequentemente com ela, estava certa vez em companhia de um médium vidente, que não a conhecia, como não lhe conhecia a família. Disse-lhe o médium, em dado momento: “Vejo um

Espírito perto da senhora”. Disse esta por sua vez: “Ah! É com certeza meu marido, que quase nunca me deixa”. Respondeu o médium: “Não, é uma mulher de certa idade; está penteada de modo singular; traz um bandó branco sobre a fronte”. Por essa particularidade e outros detalhes descritos – sem possibilidade de engano –, a senhora reconheceu sua avó, em quem naquele instante absolutamente não pensava. Se o médium quisesse simular a faculdade, seria fácil acompanhar o pensamento da dama. Entretanto, em vez do marido, com quem ela se achava preocupada, ele vê uma mulher, com uma particularidade no penteado, da qual coisa alguma lhe podia dar ideia. Este fato prova também que a vidência, no médium, não era reflexo de qualquer pensamento estranho (veja n° 102).

6. MÉDIUNS SONAMBÚLICOS

172. Podemos considerar o sonambulismo uma variedade da mediunidade, ou melhor, são duas ordens de fenômenos que frequentemente se acham reunidos. O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito; é sua alma que nos momentos de emancipação vê, ouve e percebe, além dos limites dos sentidos. O que ele exterioriza é o que tira de si mesmo; em geral, suas ideias são mais justas do que no estado normal, seus conhecimentos mais largos, porque tem a alma livre. Numa palavra, ele vive antecipadamente a vida dos Espíritos. O médium, ao contrário, é instrumento de uma inteligência estranha; é passivo e o que diz não vem de si. Em resumo, o sonâmbulo exprime o seu próprio pensamento, enquanto que o médium exprime o de alguém. Mas, o Espírito que se comunica com um médium comum também pode fazer o mesmo com um sonâmbulo; ocorre mesmo que muitas vezes o estado de emancipação da alma facilita essa comunicação. Muitos sonâmbulos veem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com tanta precisão, como os médiuns videntes. Podem conversar com eles e nos transmitir seus pensamentos. O que dizem, fora do âmbito de seus conhecimentos pessoais, com frequência é sugerido por outros Espíritos. Aqui está um exemplo notável, em que a dupla ação do Espírito do sonâmbulo e de outro Espírito se revela e de modo inequívoco:

173. Um de nossos amigos tinha um rapaz sonâmbulo de 14 a 15 anos, de inteligência muito restrita e instrução extremamente escassa. Entretanto, no estado de sonambulismo, deu provas de lucidez extraordinária e de grande perspicácia. Excelia, sobretudo, no tratamento das enfermidades e operou grande número de curas consideradas impossíveis. Certo dia, dando consulta a um doente, descreveu a enfermidade com absoluta exatidão. Disseram a ele: “Não basta, agora é preciso que indique o remédio”. Respondeu: “Não posso, *meu anjo doutor não está aqui*”. “Quem é esse anjo doutor de quem fala?” Replicou: “O que dita os remédios”. “Então, não é você que vê os remédios?” “Oh, Não! estou dizendo que é o meu anjo doutor quem mos dita”.

Assim, nesse sonâmbulo, a ação de ver o mal era do seu próprio Espírito que e para isso não precisava de assistência alguma; porém, a indicação dos remédios lhe era dada por outro. Não estando presente esse outro, ele nada podia dizer. Quando só, era apenas *sonâmbulo*; ajudado por aquele a quem chamava seu anjo doutor, era **sonâmbulo-médium**.

174. A lucidez sonambúlica é uma capacidade que se instala no organismo e que absolutamente independe da elevação, do adiantamento e mesmo do estado moral do indivíduo. Logo, um sonâmbulo pode ser muito lúcido e ao mesmo tempo incapaz de resolver certas questões, desde que seu Espírito seja pouco adiantado. Portanto, o que fala por si próprio pode dizer coisas boas ou más, exatas ou falsas, demonstrar mais ou menos delicadeza e escrúpulo nos processos de que use, conforme o grau de elevação, ou de inferioridade do seu próprio Espírito. Então, a cooperação de outro Espírito pode lhe suprir as deficiências. Mas, um sonâmbulo – tanto como os médiuns – pode ser ajudado por um Espírito mentiroso, leviano, ou mesmo mau. Aí, sobretudo, é que as qualidades morais exercem grande influência, para atraírem os bons Espíritos (veja O LIVRO DOS ESPÍRITOS, “Sonambulismo”, nº 425, e, aqui, adiante, o capítulo sobre a “Influência moral do médium”).

7. MÉDIUNS CURADORES

175. Unicamente para não deixar de mencioná-la, falaremos aqui desta espécie de médiuns, porque o assunto exigiria desenvolvimento excessivo para os limites em que precisamos nos ater. Ademias, sabemos que um de nossos amigos médico, se propõe a tratá-lo em obra especial sobre a medicina intuitiva. Diremos apenas que este gênero de mediunidade consiste, principalmente, no dom que certas pessoas possuem de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o apoio de qualquer medicação. Diríamos sem dúvida que isso mais não é do que magnetismo. Evidentemente, o fluido magnético desempenha aí importante papel; porém, quem examina cuidadosamente o fenômeno sem dificuldade reconhece que há mais alguma coisa. A magnetização comum é um verdadeiro tratamento seguido, regular e metódico; no caso que apreciamos, as coisas se passam de modo inteiramente diverso: todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, desde que saibam se conduzir convenientemente, ao passo que nos médiuns curadores a faculdade é espontânea e alguns até a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo. A intervenção de uma potência oculta – que é o que constitui a mediunidade – se faz manifesta, em certas circunstâncias, sobretudo se considerarmos que a maioria das pessoas que podem realmente ser qualificadas de médiuns curadores recorre à prece, que é uma verdadeira evocação (veja nº 131).

176. Eis aqui as respostas que os Espíritos nos deram sobre as perguntas que lhes dirigimos sobre este assunto:

1ª Podemos considerar as pessoas dotadas de força magnética como formando uma variedade de médiuns?

“Não há que duvidar”.

2ª Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, tirando de si mesmo a força de que se utiliza, não parece que seja intermediário de nenhuma potência estranha.

“É um erro; sem dúvida, a força magnética reside no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetiza com

o propósito de curar, por exemplo, e invoca um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias”.

3ª Entretanto, há bons magnetizadores que não creem nos Espíritos?

“Pensam então que os Espíritos só atuam nos que creem neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados por bons Espíritos. Todo homem que nutre o desejo do bem os atrai sem perceber, do mesmo modo que, pelo desejo do mal e pelas más intenções, chama os Espíritos atrasados”.

4ª Agiria com maior eficácia aquele que, tendo a força magnética, acreditasse na intervenção dos Espíritos?

“Faria coisas que considerariam milagre”.

5ª Há pessoas que verdadeiramente possuem o dom de curar pelo simples contato, sem o uso dos passes magnéticos?

“Certamente; vocês não têm múltiplos exemplos disso?”

6ª Nesse caso, há também ação magnética, ou apenas influência dos Espíritos?

“Uma e outra coisa. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, pois que atuam sob a influência dos Espíritos; porém, isso não quer dizer que sejam quais médiuns curadores, conforme o entendem”.

7ª Esse poder pode ser transmitido?

“O poder, não; mas sim o conhecimento necessário para exercê-lo, quem o possua. Não falta quem não suspeite sequer de que tem esse poder, se não acreditar que lhe foi transmitido”.

8ª Podemos obter curas unicamente por meio da prece?

“Sim, desde que Deus permita; no entanto, pode ser que o bem do doente esteja em sofrer por mais tempo e então julgam que a sua prece não foi ouvida”.

9ª Para isso, haverá algumas fórmulas de prece mais eficazes do que outras?

“Somente a superstição pode dar importância a certas palavras e somente Espíritos ignorantes ou mentirosos podem alimentar ideias semelhantes, prescrevendo fórmulas. Entretanto, pode acontecer que, em se tratando de pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, o uso de determinada fórmula contribua para lhes infundir confiança. Neste caso, porém, não é na fórmula que está a eficácia, mas na fé que aumenta por efeito da ideia ligada ao uso da fórmula”.

8. MÉDIUNS PNEUMATÓGRAFOS

177. Dá-se este nome aos médiuns que têm aptidão para obter a escrita direta, o que não é possível a todos os médiuns escreventes. Até agora, esta habilidade se mostra

muito rara. Provavelmente, desenvolve-se pelo exercício; mas como dissemos, sua utilidade prática se limita a uma comprovação evidente da intervenção de uma força invisível nas manifestações. Só a experiência é capaz de provar a qualquer pessoa se a possui. Portanto, pode-se experimentar, como também se pode consultar um Espírito protetor a respeito, pelos outros meios de comunicação. Conforme seja maior ou menor o poder do médium, obtêm-se simples traços, sinais, letras, palavras, frases e mesmo páginas inteiras. Basta colocar uma folha de papel dobrada num lugar qualquer, ou indicado pelo Espírito, durante dez ou quinze minutos, às vezes mais. A prece e o recolhimento são condições essenciais; é por isso que se pode considerar impossível a obtenção de coisa alguma, numa reunião de pessoas pouco sérias, ou não animadas de sentimentos de simpatia e benevolência (veja a teoria da escrita direta, capítulo VIII, *Laboratório do mundo invisível*, nº 127 e seguintes, e capítulo XII, *Pneumatografia*). Trataremos de modo especial dos médiuns escreventes nos capítulos que se seguem.

CAPÍTULO XV

DOS MÉDIUNS ESCRIVENTES OU PSICÓGRAFOS

- MÉDIUNS MECÂNICOS, INTUITIVOS, SEMIMECÂNICOS, INSPIRADOS OU INVOLUNTÁRIOS; DE PRESENTIMENTOS.

178. De todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, mais cômodo e sobretudo mais completo. Para ele devemos estender todos os esforços, pois permite que se estabeleçam relações tão continuadas e regulares com os Espíritos, como as que existem entre nós. Com tanto mais constância deve ser usado, quanto é por ele que os Espíritos revelam melhor sua natureza e o grau do seu aperfeiçoamento ou da sua inferioridade. Pela facilidade que encontram em exprimir-se por esse meio, eles nos revelam seus mais íntimos pensamentos e nos permitem julgar e apreciar o seu valor. Além disso, para o médium, a habilidade de escrever é a mais possível de ser desenvolvida pelo exercício.

MÉDIUNS MECÂNICOS

179. Quem examinar certos efeitos que se produzem nos movimentos da mesa, da cesta, ou da prancheta que escreve não poderá duvidar de uma ação diretamente exercida pelo Espírito sobre esses objetos. Por vezes a cesta se agita com tanta violência que escapa das mãos do médium e não raro se dirige a certas pessoas da plateia para bater nelas. Outras vezes seus movimentos dão mostra de um sentimento afetuosos. O mesmo ocorre quando o lápis está colocado na mão do médium; frequentemente é atirado longe com força, ou então, a mão, bem como a cesta, se agitam convulsivamente e batem na mesa de modo colérico, ainda quando o médium está possuído da maior calma e se admira de não ser senhor de si. Digamos, de passagem, que tais efeitos demonstram sempre a presença de Espíritos imperfeitos; os Espíritos superiores são constantemente calmos, dignos e bondosos; se não são escutados convenientemente, retiram-se e outros tomam o seu lugar. Aí, o Espírito pode dizer diretamente suas ideias, seja movimentando um objeto a que a mão do médium serve de simples ponto de apoio, seja acionando a própria mão.

Quando atua diretamente sobre a mão, o Espírito lhe dá uma impulsão de todo independente da vontade deste último. Ela se move sem interrupção e a contragosto do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa que dizer, e para, assim ele acaba.

Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve. No caso quando se dá a inconsciência absoluta, os médiuns são chamados **passivos** ou **mecânicos**. Esta mediunidade é preciosa por não permitir dúvidas sobre a independência do pensamento daquele que escreve.

MÉDIUNS INTUITIVOS

180. A transmissão do pensamento também se dá por meio do Espírito do médium, ou melhor, de sua alma, porque por este nome designamos o Espírito encarnado. Neste caso, o Espírito livre não atua sobre a mão para fazê-la escrever; não a toma e não a guia, mas atua sobre a alma, com a qual se identifica. A alma, sob esse impulso, dirige a mão e esta dirige o lápis. Notemos aqui uma coisa importante: é que o Espírito livre não se substitui à alma, visto que não a pode deslocar, se sim, domina-a, sem saber de si e imprime a sua vontade. Em tal circunstância, o papel da alma não é o de inteira passividade; ela recebe o pensamento do Espírito livre e o transmite. Nessa situação, o médium tem consciência do que escreve, embora não dite o seu próprio pensamento. É o que se chama **médium intuitivo**.

Mas sendo assim, dirão que nada prova ser um Espírito estranho quem escreve e não o do médium. Efetivamente, a distinção é às vezes difícil de ser feita, porém, pode acontecer que isso pouca importância apresente. Todavia, é possível reconhecer o pensamento sugerido, por não ser nunca premeditado; nasce à medida que a escrita vai sendo traçada e muitas vezes é contrário à ideia que se formou antecipadamente. Pode mesmo estar fora dos limites dos conhecimentos e capacidades do médium.

O papel do médium mecânico é o de uma máquina; o médium intuitivo age como faria um intérprete. De fato, para transmitir o pensamento, este precisa compreendê-lo, apropriar-se dele, de certo modo, para traduzi-lo fielmente e, no entanto, esse pensamento não é seu, apenas lhe atravessa o cérebro. Tal precisamente o papel do médium intuitivo.

MÉDIUNS SEMIMECÂNICOS

181. No médium puramente mecânico, o movimento da mão independe da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e opcional. O médium semimecânico participa de ambos esses gêneros. Sente que à sua mão uma impulsão é dada, contra sua vontade, mas ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam. No primeiro o pensamento vem depois do ato da escrita; no segundo, precede-o; no terceiro, acompanha-o. Estes últimos médiuns são os mais numerosos.

MÉDIUNS INSPIRADOS

182. Todo aquele que recebe pelo pensamento comunicações estranhas às suas

ideias planejadas – tanto no estado normal, como no de êxtase – pode ser incluído na categoria dos **médiuns inspirados**. Como se vê, estes formam uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma força oculta é aí muito menos sensível, por isso que, ao inspirado, ainda é mais difícil distinguir o pensamento próprio do que lhe é sugerido. Principalmente a espontaneidade é o que caracteriza o pensamento deste último gênero. A inspiração nos vem dos Espíritos que nos influenciam para o bem ou para o mal, porém, procede especialmente dos que querem o nosso bem e cujos conselhos quase sempre cometemos o erro de não seguir. Em todas as circunstâncias da vida, ela se aplica às decisões que devemos tomar. Sob esse aspecto, podemos dizer que todos são médiuns, pois não há quem não tenha seus Espíritos protetores e familiares a se esforçarem por sugerir ideias saudáveis aos protegidos. Se todos estivessem bem certos desta verdade, ninguém deixaria de recorrer com frequência à inspiração do seu anjo de guarda nos momentos em que se não sabe o que dizer ou fazer. Então, que cada um o invoque com *fervor e confiança* em caso de necessidade e muito frequentemente se admirará das ideias que lhe surgem como por encanto – quer se trate de uma resolução a tomar, quer de alguma coisa a compor. Se nenhuma ideia surge, é que é preciso esperar. A prova de que a ideia que vem é estranha à pessoa de quem se trate está em que, se tal ideia lhe existia na mente, essa pessoa seria senhora de a qualquer momento utilizá-la e não haveria razão para que ela se não manifestasse à vontade. Quem não é cego nada mais precisa fazer do que abrir os olhos para ver quando quiser. Do mesmo modo, aquele que possui ideias próprias tem estas sempre à disposição. Se elas não lhes vêm quando quer, é que está obrigado a buscá-las em algum lugar que não no seu íntimo.

Também podemos incluir nesta categoria as pessoas que, sem serem dotadas de inteligência fora do comum e sem saírem do estado normal, têm relâmpagos de uma lucidez intelectual que lhes dá momentaneamente desabitual facilidade de concepção e de linguagem e, em certos casos, o pressentimento de coisas futuras. Nesses momentos, que com acerto se chamam de inspiração, as ideias sobram, sob um impulso involuntário e quase febril. Parece que uma inteligência superior nos vem ajudar e que o nosso espírito se desembaraça de um fardo.

183. Os homens inteligentes, de todas as espécies – artistas, sábios, literatos, etc. – são sem dúvida Espíritos adiantados, capazes de compreender por si mesmos e de conceber grandes coisas. Ora, precisamente porque os julgamos capazes, é que os Espíritos lhes sugerem as ideias necessárias quando querem executar certos trabalhos e assim é que eles, as mais das vezes, são *médiuns sem saberem disso*. No entanto, têm vaga intuição de uma força estranha, visto que todo aquele que apela para a inspiração, mais não faz do que uma evocação. Se não esperasse ser atendido, por que exclamaria tão frequentemente: “meu bom gênio, vem em meu auxílio”?

As respostas seguintes confirmam esta asserção:

a) Qual a causa originária da inspiração?

“O Espírito que se comunica pelo pensamento”.

b) Não é a revelação das grandes coisas que determina o único objeto da inspiração?

“Não, muitas vezes a inspiração se verifica com relação às circunstâncias mais comuns da vida. Por exemplo, quer ir a alguma parte: uma voz secreta te diz que não vá, porque correrá perigo; ou então te diz que faça uma coisa em que não pensava: é a inspiração. Poucas pessoas há que não tenham sido mais ou menos inspiradas em certos momentos”.

c) Um autor, um pintor, um músico, por exemplo, poderiam ser considerados médiuns nos momentos de inspiração?

“Sim, pois nesses momentos a alma se lhes torna mais livre e como que despreendida da matéria; recobra uma parte das suas capacidades de Espírito e recebe mais facilmente as comunicações dos outros Espíritos que a inspiram”.

MÉDIUNS DE PRESENTIMENTOS

184. O pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras. Algumas pessoas têm essa competência mais ou menos desenvolvida. Pode ser devida a uma espécie de dupla vista, que lhes permite ver as consequências das coisas atuais e a filiação dos acontecimentos. Mas muitas vezes também é resultado de comunicações ocultas e, sobretudo neste caso, é que se pode dar aos que dela são dotados o nome de **médiuns de pressentimentos**, que constituem uma variedade dos médiuns inspirados.

CAPÍTULO XVI

DOS MÉDIUNS ESPECIAIS

- APTIDÕES ESPECIAIS DOS MÉDIUNS
- QUADRO RESUMIDO DAS DIFERENTES ESPÉCIES DE MÉDIUNS

185. Além das categorias de médiuns que acabamos de enumerar, a mediunidade apresenta uma variedade infinita de tipos que constituem os chamados **médiuns especiais**, dotados de aptidões particulares ainda não definidas, apesar das qualidades e conhecimentos do Espírito que se manifesta.

A qualidade das comunicações guarda sempre relação com a natureza do Espírito e traz a marca da sua elevação ou da sua inferioridade, de seu saber ou de sua ignorância. Mas em igualdade de merecimento, do ponto de vista hierárquico, incontestavelmente há nele uma propensão para se ocupar de uma coisa preferentemente a outra. Os Espíritos batedores, por exemplo, jamais saem das manifestações físicas e entre os que dão comunicações inteligentes há Espíritos poetas, músicos, desenhistas, moralistas, sábios, médicos, etc. Falamos dos Espíritos de mediana categoria, por isso que, chegando eles a certo grau, as aptidões se confundem na unidade da perfeição. Porém, além da aptidão do Espírito há a do médium, que para o primeiro é instrumento mais ou menos cômodo, mais ou menos flexível e no qual ele descobre qualidades particulares que não podemos medir.

Façamos uma comparação: um músico muito hábil tem ao seu alcance diversos violinos, que para alguém comum, são todos bons instrumentos, mas que são muito diferentes uns dos outros para o artista consumado, o qual descobre neles variedades de extrema delicadeza que o levam a escolher uns e a rejeitar outros, variações que ele percebe por intuição, visto que não pode defini-los. O mesmo se dá com relação aos médiuns. Em igualdade de condições quanto às forças mediúnicas, o Espírito preferirá um ou outro, conforme o gênero da comunicação que queira transmitir. Assim, por exemplo, há indivíduos que, como médiuns, escrevem admiráveis poesias, sendo certo que em condições normais jamais puderam ou souberam fazer dois versos; outros ao contrário, que são poetas e que como médiuns nunca puderam escrever senão prosa, apesar do desejo que nutrem de escrever poesias. Outro tanto sucede com o desenho, com a música, etc. há alguns que, sem possuírem conhecimentos científicos, demonstram especial aptidão para receber comunicações eruditas; outros para os estudos históricos; outros servem mais facilmente de intérpretes aos Espíritos moralistas. Numa palavra, qualquer que seja a qualidade do médium, as comunicações que ele recebe com mais facilidade

trazem geralmente um cunho especial; alguns existem mesmo que não saem de uma certa ordem de ideias e quando destas se afastam só obtêm comunicações incompletas, curtas e não raro falsas. Além das causas de aptidão, os Espíritos também se comunicam mais ou menos preferentemente por tal ou qual intermediário, de acordo com as suas simpatias. Assim, em perfeita igualdade de condições, o mesmo Espírito será muito mais explícito com certos médiuns, apenas porque estes lhe convêm mais.

186. Cairia em erro quem, simplesmente por ter ao seu alcance um bom médium – mesmo que este tivesse a maior facilidade para escrever – pretendesse obter por ele boas comunicações de todos os gêneros. Sem contestação, a primeira condição é se certificar a pessoa da fonte donde elas vêm, isto é, das qualidades do Espírito que as transmite; porém, não é menos necessário ter em vista as qualidades do instrumento oferecido ao Espírito. Portanto, é necessário estudar a qualidade do médium, como se estuda a do Espírito, pois são esses os dois elementos essenciais para a obtenção de um resultado satisfatório. Um terceiro existe, que desempenha papel igualmente importante: é a intenção, o pensamento íntimo, o sentimento mais ou menos louvável de quem interroga. Isto facilmente se concebe. *Para que uma comunicação seja boa, é preciso que proceda de um Espírito bom; para que esse bom Espírito a possa transmitir é indispensável um bom instrumento; para que **queira** transmiti-la, necessário se faz que o fim visado lhe convenha.* O Espírito – que pode ler o pensamento – julga se a questão proposta merece resposta séria e se a pessoa que lhe dirige é digna de recebê-la. A não ser assim, não perde seu tempo em lançar boas sementes em cima de pedras e é quando os Espíritos levianos e zombeteiros entram em ação, porque pouco lhes importando a verdade, não a levam a sério e se mostram geralmente pouco preocupados, seja quanto aos fins, seja quanto aos meios.

Vamos fazer um resumo dos principais gêneros de mediunidade, a fim de apresentarmos, por assim dizer, o quadro abreviado de todas, compreendidas as que já descrevemos nos capítulos precedentes, indicando o número onde tratamos de cada uma com mais detalhes.

Agrupamos as diferentes espécies de médiuns por semelhança de causas e efeitos, sem que esta classificação algo tenha de absoluto. Algumas se encontram com facilidade; outras ao contrário, são raras e excepcionais, o que teremos o cuidado de indicar. Estas últimas indicações foram todas feitas pelos Espíritos, que aliás, reviram este quadro com particular cuidado e o completaram por meio de numerosas observações e novas categorias, de sorte que o dito quadro, a bem dizer, é obra deles. Mediante aspas, destacamos as suas observações textuais, sempre que nos pareceu conveniente assiná-las. São, na sua maioria, de **Erasto** e de **Sócrates**.

187. Podemos dividir os médiuns em duas grandes categorias:

- **Médiuns de efeitos físicos:** os que têm o poder de provocar efeitos materiais, ou manifestações ostensivas (Nº 160).
- **Médiuns de efeitos intelectuais:** os que são mais aptos a receber e a transmitir comunicações inteligentes (Nº 65 e seguintes).

Todas as outras espécies se prendem mais ou menos diretamente a uma ou outra dessas duas categorias; algumas participam de ambas. Se analisarmos os diferentes fenômenos produzidos sob a influência mediúnica, veremos que, em todos, há um efeito físico e que aos efeitos físicos se alia quase sempre um efeito inteligente. Muitas vezes é difícil determinar o limite entre os dois, mas isso não apresenta nenhuma consequência. Sob a denominação de **médiuns de efeitos intelectuais** abrangemos mais particularmente os que podem servir de intermediários para as comunicações regulares e fluentes (Nº 133).

188. ESPÉCIES COMUNS A TODOS OS GÊNEROS DE MEDIUNIDADE

Médiuns sensitivos: pessoas suscetíveis de sentir a presença dos Espíritos, por uma impressão geral ou local, vaga ou material. A maioria dessas pessoas distingue os Espíritos bons dos maus pela natureza da impressão (Nº 164).

“Os médiuns delicados e muito sensitivos devem evitar as comunicações dos Espíritos violentos ou cuja impressão é pensosa, devido a fadiga que resulta daí”.

Médiuns naturais ou **inconscientes:** os que produzem espontaneamente os fenômenos, sem intervenção da própria vontade e, as mais das vezes, contra sua vontade (Nº 161).

Médiuns facultativos ou **voluntários:** os que têm o poder de provocar os fenômenos por ato da própria vontade (Nº 160).

“Qualquer que seja essa vontade, eles nada podem, se os Espíritos se recusam, o que prova a intervenção de uma força estranha”.

189. VARIEDADES ESPECIAIS PARA OS EFEITOS FÍSICOS

Médiuns típtólogos: aqueles por quem se produzem ruídos e pancadas. Variedade muito comum, com ou sem intervenção da vontade.

Médiuns motores: os que produzem o movimento dos corpos sem vida. Muito comuns (Nº 61).

Médiuns de translações e de suspensões: os que produzem a translação aérea e a suspensão dos corpos inertes no espaço, sem ponto de apoio. Entre eles há os que podem elevar a si mesmos. Mais ou menos raros, conforme a amplitude do fenômeno; muito raros, no último caso (Nº 75 e seguintes; nº 80).

Médiuns de efeitos musicais: provocam a execução de composições, em certos instrumentos de música, sem contato com estes. Muito raros (Nº 74, perg. 24).

Médiuns de aparições: os que podem provocar aparições fluídicas ou tangíveis, visíveis para os assistentes. Muito excepcionais (Nº 100, perg. 27; nº 104).

Médiuns de transporte: os que podem servir de auxiliares aos Espíritos para o transporte de objetos materiais. Variedade dos médiuns motores e de translações. Excepcionais (Nº 96).

Médiuns noturnos: os que só na escuridão obtêm certos efeitos físicos. A resposta que um Espírito nos deu à pergunta que fizemos sobre se podemos considerar esses médiuns como constituindo uma variedade foi a seguinte:

“Certamente se pode fazer disso uma especialidade, mas esse fenômeno é devido mais às condições ambientes do que à natureza do médium ou dos Espíritos. Devo acrescentar que alguns escapam a essa influência do meio e que os médiuns noturnos, em sua maioria, pelo exercício poderiam chegar a operar tão bem no claro, quanto na obscuridade. É pouco numerosa esta espécie de médiuns. E devemos dizer que graças a essa condição – que oferece plena liberdade ao emprego dos truques da ventriloquia e dos tubos acústicos –, é que os enganadores têm abusado muito da boa-fé, fazendo-se passar por médiuns, a fim de ganharem dinheiro. Mas, que importa? Os trampoloneiros de gabinete, como os da praça pública, serão cruelmente desmascarados e os Espíritos lhes provarão que andam mal, imiscuindo-se na obra deles. Repito: alguns trapaceiros receberão o castigo de modo bastante rude que os desgostará do ofício de falsos médiuns. Aliás, tudo isso pouco durará”.

Erasto

Médiuns pneumatógrafos: os que obtêm a escrita direta. Fenômeno muito raro e, sobretudo, muito fácil de ser imitado pelos trapaceiros (Nº 177).

Nota – Contra a nossa opinião, os Espíritos insistiram em incluir a escrita direta entre os fenômenos de ordem física, pela razão de que, segundo eles: “Os efeitos inteligentes são aqueles para cuja produção o Espírito se serve dos materiais existentes no cérebro do médium, o que não se dá na escrita direta. A ação do médium é aqui toda material, ao passo que no médium escrevente, ainda que completamente mecânico, o cérebro desempenha sempre um papel ativo”.

Médiuns curadores: os que têm o poder de curar ou de aliviar o doente, pela só imposição das mãos ou pela prece.

“Esta faculdade não é essencialmente mediúnic; todos os verdadeiros crentes a possuem, sejam médiuns ou não. As maioria das vezes é apenas uma exaltação do poder magnético, se necessário, fortalecido pelo auxílio de bons Espíritos” (Nº 175).

Médiuns excitadores: pessoas que, por sua influência, têm o poder de desenvolver nas outras a faculdade de escrever.

“Há aí mais um efeito magnético do que um caso de mediunidade propriamente dita, pois nada prova a intervenção de um Espírito. Como quer que seja, pertence à categoria dos efeitos físicos” (veja o capítulo *Da formação dos médiuns*).

190. MÉDIUNS ESPECIAIS PARA EFEITOS INTELLECTUAIS. APTIDÕES DIVERSAS

Médiuns audientes: os que ouvem os Espíritos. Muito comuns (Nº 165).

“Muitos há que imaginam ouvir o que apenas está na imaginação”.

Médiuns falantes: os que falam sob a influência dos Espíritos. Muito comuns (ver Nº 166).

Médiuns videntes: os que veem os Espíritos quando acordados. A visão acidental e fortuita de um Espírito, numa circunstância especial, é muito frequente; mas a visão

habitual, ou voluntária dos Espíritos, sem distinção, é excepcional (Nº 167).

“É uma aptidão a que o estado atual dos órgãos visuais se opõe. Por isso é que nem sempre devemos acreditar na palavra dos que dizem ver os Espíritos”.

Médiuns inspirados: aqueles a quem os Espíritos sugerem ideias, quase sempre sem que saibam – seja relativas aos atos comuns da vida, seja com relação aos grandes trabalhos da inteligência (Nº 182).

Médiuns de pressentimentos: pessoas que em dadas circunstâncias têm uma intuição vaga de coisas vulgares que ocorrerão no futuro (Nº 184).

Médiuns proféticos: variedade dos médiuns inspirados, ou de pressentimentos. Com mais precisão do que os médiuns de pressentimentos, estes recebem a revelação de futuras coisas de interesse geral, com a permissão de Deus, e são incumbidos de transmiti-las aos homens, para sua instrução.

“Se há profetas verdadeiros, há mais ainda os falsos, que consideram revelações os devaneios da própria imaginação, quando não são golpistas que, por ambição, se apresentam como tais” (veja em **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, o nº 624 — “Características do verdadeiro profeta”).

Médiuns sonâmbulos: os que são assessorados por Espíritos em estado de sonambulismo (Nº 172).

Médiuns extáticos: os que recebem revelações em estado de êxtase da parte dos Espíritos.

“Muitos extáticos são joguetes da própria imaginação e de Espíritos zombeteiros que se aproveitam da exaltação deles. São raríssimos os que mereçam inteira confiança”.

Médiuns pintores ou desenhistas: os que pintam ou desenham sob a influência dos Espíritos. Falamos dos que obtêm trabalhos sérios, visto não se poder dar esse nome a certos médiuns que Espíritos zombeteiros levam a fazer coisas grotescas, que desabonariam o mais atrasado estudante.

Os Espíritos levianos se alegram em imitar. Na época em que apareceram os notáveis desenhos de Júpiter, surgiu grande número de pretensos médiuns desenhistas, que Espíritos levianos induziram a fazer as coisas mais ridículas. Um deles, entre outros, querendo eclipsar os desenhos de Júpiter, ao menos nas dimensões, quando não fosse na qualidade, fez que um médium desenhasse um monumento que ocupava muitas folhas de papel para chegar à altura de dois andares. Muitos outros se divertiram fazendo que os médiuns pintassem supostos retratos, que eram verdadeiras caricaturas (REVISTA ESPÍRITA, agosto de 1858).

Médiuns músicos: os que executam, compõem, ou escrevem músicas, sob a influência dos Espíritos. Há médiuns músicos, mecânicos, semimecânicos, intuitivos e inspirados, como os há para as comunicações literárias (veja – *Médiuns para efeitos musicais*).

VARIEDADES DOS MÉDIUNS ESCRIVENTES

191. 1º — SEGUNDO O MODO DE EXECUÇÃO

Médiuns escreventes ou psicógrafos: os que têm a faculdade de escrever por si mesmos sob a influência dos Espíritos.

Médiuns escreventes mecânicos: aqueles que recebem um impulso involuntário na mão e que não têm nenhuma consciência do que escrevem. Muito raros (Nº 179).

Médiuns semimecânicos: aqueles cuja mão se move involuntariamente, mas que têm consciência instantânea das palavras ou das frases, à medida que escrevem. São os mais comuns (Nº 181).

Médiuns intuitivos: aqueles com quem os Espíritos se comunicam pelo pensamento e cuja mão é conduzida voluntariamente. Diferem dos médiuns inspirados em que estes últimos não precisam escrever, ao passo que o médium intuitivo escreve o pensamento que lhe é sugerido instantaneamente sobre um assunto determinado e provocado (Nº 180).

“São muito comuns, mas também muito sujeitos a erro, por muitas vezes não poderem discernir o que vêm dos Espíritos e do que emana deles próprios”.

Médiuns polígrafos: aqueles cuja escrita muda conforme o quem se comunica e que são aptos a reproduzir a escrita que o Espírito tinha em vida. O primeiro caso é muito vulgar; o segundo, o da identidade da escrita, é mais raro (Nº 219).

Médiuns políglotas: os que têm a aptidão de falar ou escrever em línguas desconhecidas deles. Muito raros.

Médiuns iletrados: os que escrevem, como médiuns, sem saberem ler, nem escrever, no estado comum.

“Mais raros do que os anteriores; há maior dificuldade material a vencer”.

192. 2º — SEGUNDO O DESENVOLVIMENTO DA FACULDADE

Médiuns novatos: aqueles cujas potencialidades ainda não estão completamente desenvolvidas e que carecem da necessária experiência.

Médiuns improdutivos: os que não chegam a obter mais do que coisas insignificantes, monossílabos, traços ou letras sem conexão (veja capítulo “Da formação dos médiuns”).

Médiuns feitos ou formados: aqueles cujas capacidades mediúnicas estão completamente desenvolvidas, que transmitem as comunicações com facilidade e presteza, sem hesitação. Concebe-se que este resultado só pode ser conseguido pelo hábito, pois nos médiuns novatos as comunicações são lentas e difíceis.

Médiuns lacônicos: aqueles cujas comunicações, embora recebidas com facilidade, são breves e sem desenvolvimento.

Médiuns explícitos: as comunicações que recebem têm toda a amplitude e toda a extensão que se podem esperar de um escritor consumado.

“Esta aptidão resulta da expansão e da facilidade de combinação dos fluidos. Os Espíritos os procuram para tratar de assuntos que comportam grandes desenvolvimentos”.

Médiuns experimentados: a facilidade de execução é uma questão de hábito e que muitas vezes se adquire em pouco tempo, enquanto que a experiência resulta de um estudo sério de todas as dificuldades que se apresentam na prática do Espiritismo. A experiência dá ao médium o tato necessário para apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam, para lhes apreciar as qualidades boas ou más, pelos mais minuciosos sinais, para distinguir a falsidade dos Espíritos zombeteiros, que se acobertam com as aparências da verdade. Facilmente se compreende a importância desta qualidade, sem a qual todas as outras ficam destituídas de real utilidade. O mal é que muitos médiuns confundem a experiência – fruto do estudo – com a aptidão – resultado da organização física. Julgam-se mestres, porque escrevem com facilidade; repelem todos os conselhos e se tornam presas de Espíritos mentirosos e hipócritas, que os captam, lisonjeando-lhes o orgulho (veja adiante o capítulo “Da obsessão”).

Médiuns maleáveis: aqueles cuja faculdade se presta mais facilmente aos diversos gêneros de comunicações e pelos quais todos os Espíritos – ou quase todos – podem se manifestar espontaneamente ou por evocação.

“Esta espécie de médiuns se aproxima muito da dos médiuns sensitivos”.

Médiuns exclusivos: aqueles por quem um Espírito se manifesta de preferência, até com exclusão de todos os demais, o qual responde pelos outros que são chamados.

“Isto resulta sempre de falta de maleabilidade. Quando o Espírito é bom, pode se ligar ao médium por simpatia ou com uma intenção louvável; quando mau, é sempre objetivando pôr o médium na sua dependência. É mais um defeito do que uma qualidade e muito próximo da obsessão” (veja capítulo “Da obsessão”).

Médiuns para evocação: os médiuns maleáveis são naturalmente os mais próprios para este gênero de comunicação e para as questões de pormenores que se podem propor aos Espíritos. Sob este aspecto, há médiuns inteiramente especiais.

“As respostas que dão não saem quase nunca de um quadro restrito, incompatível com o desenvolvimento dos assuntos gerais”.

Médiuns para ditados espontâneos: recebem comunicações espontâneas de Espíritos que se apresentam sem ser chamados. Quando esta faculdade é especial num médium, torna-se difícil – às vezes impossível mesmo – fazer uma evocação por ele.

“Entretanto, são mais bem aparelhados que os da classe precedente. Saibam que o aparelhamento de que aqui se trata é o de materiais do cérebro, pois frequentemente se faz necessário – direi mesmo, sempre – maior soma de inteligência para os ditados espontâneos do que para as evocações. Entendam por

ditados espontâneos os que verdadeiramente merecem essa denominação e não algumas frases incompletas ou algumas ideias corriqueiras, que se deparam em todos os escritos humanos”.

193. 3º — SEGUNDO O GÊNERO E A PARTICULARIDADE DAS COMUNICAÇÕES

Médiuns versejadores: mais facilmente do que outros, eles obtêm comunicações em verso. Muito comuns, para maus versos; muito raros, para versos bons.

Médiuns poéticos: sem serem versificadas, as comunicações que recebem têm qualquer coisa de vaporoso, de sentimental; nada que mostre rudeza. Mais do que os outros, são próprios para a expressão de sentimentos ternos e afetuosos. Nas suas comunicações, tudo é vago; seria inútil lhes pedir ideias precisas. Muito comuns.

Médiuns positivos: suas comunicações geralmente têm um cunho de nitidez e precisão, que muito se presta aos detalhes circunstanciados aos informes exatos. Muito raros.

Médiuns literários: não apresentam nem o que há de impreciso nos médiuns poéticos, nem o corriqueiro dos médiuns positivos; porém, dissertam com sagacidade. Têm o estilo correto, elegante e frequentemente de notável eloquência.

Médiuns incorretos: podem obter excelentes coisas, pensamentos de inatacável moralidade, mas num estilo carrancudo, incorreto, sobrecarregado de repetições e de termos impróprios.

“A incorreção material do estilo decorre geralmente de falta de cultura intelectual do médium que então, sob esse aspecto, não é um bom instrumento para o Espírito, que, aliás, pouca dá importância a isso. Tendo como essencial o pensamento, ele deixa a vocês a liberdade de dar a forma que convenha. Já assim não é com relação às ideias falsas e ilógicas que uma comunicação possa conter, as quais constituem sempre um índice da inferioridade do Espírito que se manifesta”.

Médiuns historiadores: os que revelam aptidão especial para comentários históricos. Esta mediunidade, como todas as demais, independe dos conhecimentos do médium, porque não é raro vermos pessoas sem instrução e até crianças tratar de assuntos que não estão ao seu alcance. Variedade rara dos médiuns positivos.

Médiuns científicos: não dizemos *sábios*, porque podem ser muito ignorantes e, apesar disso, se mostram especialmente aptos para comunicações relativas às ciências.

Médiuns receitistas: têm a especialidade de servirem mais facilmente de intérpretes aos Espíritos para as prescrições médicas. Importante não confundir com os médiuns curadores, visto que absolutamente não fazem mais do que transmitir o pensamento do Espírito, sem exercerem influência alguma por si mesmos. Muito comuns.

Médiuns religiosos: recebem especialmente comunicações de caráter religioso, ou que tratam de questões religiosas, independentemente de suas crenças ou hábitos.

Médiuns filósofos e moralistas: as comunicações que recebem têm geralmente por objeto as questões de moral e de alta filosofia. Muito comuns, quanto à moral.

“Todos estes graus constituem variedades de aptidões dos médiuns bons. Quanto aos que têm uma aptidão especial para comunicações científicas, históricas, médicas e outras – fora do alcance de suas especialidades atuais – fiquem certos de que possuíram esses conhecimentos em anterior existência, que permaneceram neles em estado latente, fazendo parte dos materiais cerebrais de que o Espírito necessita para se manifestar; são os elementos que a este abrem caminho para a transmissão de ideias que lhe são próprias, pois em tais médiuns ele encontra instrumentos mais inteligentes e mais maleáveis do que num ignaro”.

Erasto

Médiuns de comunicações triviais e obscenas: estas palavras indicam o tipo de comunicações que alguns médiuns recebem habitualmente e a natureza dos Espíritos que as dão. Quem tenha estudado o mundo espírita, em todos os graus da escala, sabe que há Espíritos, cuja perversidade iguala à dos homens mais depravados e que se comprazem em exprimir seus pensamentos nos mais grosseiros termos. Outros – menos detestáveis – se contentam com expressões tolas. É natural que esses médiuns sintam o desejo de se verem livres da preferência de que são objeto por parte de semelhantes Espíritos e que devem invejar os que jamais escreveram uma palavra inconveniente nas comunicações que recebem. Seria necessário uma estranha aberração de ideias e estar desprovido do bom-senso para acreditar que semelhante linguagem possa ser usada por Espíritos bons.

194. 4º — SEGUNDO AS QUALIDADES FÍSICAS DO MÉDIUM

Médiuns calmos: escrevem sempre com certa lentidão e sem experimentar a mais ligeira agitação.

Médiuns velozes: escrevem com rapidez maior do que poderiam voluntariamente no estado normal. Os Espíritos se comunicam por meio deles com a rapidez do relâmpago. Diríamos haver neles uma superabundância de fluido, que lhes permite se identificarem instantaneamente com o Espírito. Esta qualidade apresenta às vezes seu inconveniente: o de que a rapidez da escrita a torna muito difícil de ser lida, por quem quer que não seja o médium.

“É mesmo muito fatigante, porque gasta muito fluido inutilmente”.

Médiuns convulsivos: ficam num estado de exaltação quase febril. A mão e algumas vezes todo o corpo deles se agitam num tremor que é impossível dominar. A causa primária desse fato está sem dúvida na organização, mas também depende muito da natureza dos Espíritos que se comunicam por eles. Os bons e benévolos produzem sempre uma impressão suave e agradável; os maus, ao contrário, produzem-na penosa.

“É preciso que esses médiuns só se sirvam de sua faculdade mediúnica raramente, cujo uso frequente poderia lhes afetar o sistema nervoso” (capítulo “Da identidade dos Espíritos”, diferenciação dos bons e maus Espíritos).

195. 5º — SEGUNDO AS QUALIDADES MORAIS DOS MÉDIUNS

Vamos mencioná-las rapidamente e de memória, apenas para completar o quadro, visto que serão desenvolvidas adiante, nos capítulos: *Da influência moral do médium*, *Da obsessão*, *Da identidade dos Espíritos* e outros, para os quais chamamos particularmente a atenção do leitor. Aí se verá a influência que as qualidades e os defeitos dos médiuns podem exercer na segurança das comunicações e quais os que de fato podemos considerar **médiuns imperfeitos** ou **bons médiuns**.

196. MÉDIUNS IMPERFEITOS

Médiuns obsidiados: os que não podem se desembaraçar de Espíritos importunos e enganadores, mas não se iludem.

Médiuns fascinados: os que são iludidos por Espíritos enganadores e se iludem sobre a qualidade das comunicações que recebem.

Médiuns subjugados: os que sofrem da parte de maus Espíritos uma dominação moral e muitas vezes material.

Médiuns levianos: os que não tomam a sério seus dons e deles só se servem por divertimento ou futilidades.

Médiuns indiferentes: os que não tiram nenhum proveito moral das instruções que obtêm e em nada modificam o proceder e os hábitos.

Médiuns presunçosos: os que têm a pretensão de se acharem em relação somente com Espíritos superiores. Creem ser infalíveis e consideram inferior e errôneo tudo o que não venha deles.

Médiuns orgulhosos: os que se envaidecem das comunicações que lhes são dadas; julgam que nada mais têm que aprender no Espiritismo e não tomam para si as lições que recebem frequentemente dos Espíritos. Não se contentam com as faculdades que possuem e querem ter todas.

Médiuns suscetíveis: variedade dos médiuns orgulhosos, irritam-se com as críticas que suas comunicações recebem; zangam-se com a menor contradição e, quando mostram o que obtêm, é para que seja admirado e não para que se dê uma opinião. Geralmente, tomam aversão às pessoas que os não aplaudem sem restrições e fogem das reuniões onde não possam dominar.

“Deixem irem se exhibir noutros lugares e procurar ouvidos mais complacentes, ou que se isolem; nada perdem as reuniões que da presença deles ficam livres”.

Erasto

Médiuns mercenários: os que vendem suas faculdades.

Médiuns ambiciosos: os que, embora não negociem a mediunidade que possuem, esperam tirar dela quaisquer vantagens.

Médiuns de má-fé: os que, possuindo dons reais, simulam as de que carecem, para se darem importância. Não se podem designar pelo nome de médium as pessoas que, não possuindo nenhuma faculdade mediúnica, só produzem certos efeitos por meio da enganação.

Médiuns egoístas: os que somente no seu interesse pessoal se servem de suas capacidades e guardam para si as comunicações que recebem.

Médiuns invejosos: os que se mostram enciumados com o maior apreço dado a outros médiuns, que lhes são superiores.

Todas estas más qualidades têm necessariamente seu oposto no bem.

197. BONS MÉDIUNS

Médiuns sérios: os que se servem de suas faculdades unicamente para o bem e para fins verdadeiramente úteis. Acreditam profaná-las, utilizando-se delas para satisfação de curiosos e de indiferentes ou para futilidades.

Médiuns modestos: os que não fazem nenhum exibicionismo das comunicações que recebem, por mais belas que sejam. Consideram-se estranhos a elas e não se julgam ao abrigo das mistificações. Longe de evitarem as opiniões sinceras, solicitam-nas.

Médiuns devotados: os que compreendem que o verdadeiro médium tem uma missão a cumprir e deve, quando necessário, sacrificar gostos, hábitos, prazeres, tempo e mesmo interesses materiais ao bem dos outros.

Médiuns seguros: os que, além da facilidade de execução, merecem toda a confiança, pelo próprio caráter, pela natureza elevada dos Espíritos que os assistem; portanto, os que se acham menos expostos a ser iludidos. Veremos mais tarde que esta segurança de modo algum depende dos nomes mais ou menos respeitáveis com que os Espíritos se manifestem.

“Como podem bem sentir, é incontestável que catalogando assim as qualidades e os defeitos dos médiuns, isto suscitará contrariedades e até a

adversidade de alguns; mas que importa? A mediunidade se espalha cada vez mais e o médium que levasse a mal estas reflexões, apenas uma coisa provaria: que não é bom médium, isto é, que tem Espíritos maus a cercá-lo. Ao demais, como já disse, tudo isto será passageiro e os médiuns imperfeitos – os que abusam, ou usam mal de sua mediunidade – experimentarão tristes consequências, conforme já se tem dado com alguns. Aprenderão à sua custa o que resulta de aplicarem, no interesse de suas paixões terrenas, um dom que Deus lhes cedeu unicamente para o adiantamento moral deles. Se não puderem reconduzi-los ao bom caminho, lamentem por eles, porque posso dizer: Deus os reprova”.

Erasto

“Este quadro é de grande importância, não só para os médiuns sinceros que, lendo-o, procurarem se preservar de boa-vontade dos perigos a que estão expostos, mas também para todos os que se servem dos médiuns, porque lhes dará a medida do que podem racionalmente esperar. Ele deverá estar constantemente sob as vistas de todo aquele que se ocupa de manifestações, do mesmo modo que a *escala espirita*, a que serve de complemento. Esses dois quadros reúnem todos os princípios da Doutrina e contribuirão – mais do que vocês supõem – para trazer o Espiritismo ao verdadeiro caminho”.

Sócrates

198. Todas estas variedades de médiuns apresentam uma infinidade de graus em sua intensidade. Muitas há que, a bem dizer, apenas constituem graus, mas que, nem por isso, deixam de ser efeito de aptidões especiais. Cremos que há de ser muito raro que a faculdade de um médium esteja rigorosamente limitada a um só gênero. Sem dúvida, um médium pode ter muitas aptidões, porém, havendo sempre uma dominante. Ao cultivo desta é que, se for útil, ele deve se aplicar. Cairia em erro grave quem quisesse forçar de todo modo o desenvolvimento de uma faculdade que não possua. A pessoa deve cultivar todas aquelas de que reconheça possuir os germens. Procurar ter as outras é, acima de tudo, perder tempo e, em segundo lugar, perder talvez, enfraquecer com certeza, as de que seja dotado.

“Quando existe o princípio – o gérmen de uma mediunidade – esta se manifesta sempre por sinais inequívocos. Limitando-se à sua especialidade, o médium pode se tornar excelente e obter grandes e belas coisas; ocupando-se de todo, nada de bom obterá. Notem, de passagem, que o desejo de ampliar indefinidamente o âmbito de seus dons é uma pretensão orgulhosa que os Espíritos nunca deixam impune. Os bons abandonam o presunçoso, que se torna então juguete dos mentirosos. Infelizmente, não é raro vermos médiuns que, não contentes com os dons que receberam, desejam possuir, por amor-próprio ou ambição, aptidões excepcionais, capazes de os tornarem notados. Essa pretensão lhes tira a qualidade mais preciosa: a de **médiuns seguros**”.

Sócrates

199. O estudo da especialidade dos médiuns não só é necessário para eles, como também ao evocador. Conforme a natureza do Espírito que se deseja chamar e as perguntas que se quer dirigir a eles, convém se escolha o médium mais apto ao que se tem em vista. Interrogar o primeiro que apareça é se expor a receber respostas incompletas ou errôneas. Tomemos aos fatos comuns um exemplo. Ninguém

confiará a redação de qualquer trabalho – nem mesmo uma simples cópia – ao primeiro que encontre, apenas porque saiba escrever. Suponhamos um músico, que queira seja executado um trecho de canto por ele composto: muitos cantores hábeis se acham à sua disposição; entretanto, ele não escolherá ao acaso: tomará para seu intérprete aquele cuja voz, expressão, e demais qualidades correspondam melhor com a natureza do trecho musical. O mesmo fazem os Espíritos com relação aos médiuns, e nós devemos fazer como os Espíritos.

Além disso, devemos notar que os níveis que a mediunidade apresenta e aos quais outros mais se poderiam acrescentar, nem sempre guardam relação com o caráter do médium. Assim, por exemplo, um médium naturalmente alegre, jovial, pode obter comumente comunicações graves, mesmo severas e vice-versa. É ainda uma prova evidente de que ele age sob a impulsão de uma influência estranha. Voltaremos ao assunto, no capítulo que trata da *influência moral do médium*.

CAPÍTULO XVII

DA FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

- DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE
- MUDANÇA DE CALIGRAFIA
- PERDA E SUSPENSÃO DA MEDIUNIDADE

DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

200. Aqui vamos nos ocupar especialmente com os médiuns escreventes, por ser o tipo de mediunidade mais comum e, além disso, porque ao mesmo tempo é o mais simples, o mais cômodo, o que dá resultados mais satisfatórios e completos. É também o que toda gente almeja possuir. Infelizmente, até hoje, por nenhum diagnóstico se pode certificar – ainda que aproximadamente – que alguém possua essa mediunidade. Os sinais físicos, em os quais algumas pessoas julgam ver indícios, nada têm de infalíveis. Ela se manifesta nas crianças e nos velhos, em homens e mulheres, quaisquer que sejam o temperamento, o estado de saúde, o grau de desenvolvimento intelectual e moral. Só existe um meio de se comprovar a sua existência: é experimentar.

Como já vimos, podemos obter a escrita com o auxílio das cestas e pranchetas ou diretamente com a mão. Sendo o mais fácil e, podemos dizer, o único empregado hoje, este último modo é o que recomendamos à preferência de todos. O processo é dos mais simples: consiste unicamente em a pessoa tomar de um lápis e de papel e se colocar na posição de quem escreve, sem qualquer outro preparativo. Entretanto, para que alcance bom êxito, fazemos muitas recomendações indispensáveis.

201. Como disposição material, recomendamos que se evite tudo o que possa embarçar o movimento da mão. É mesmo preferível que esta não descance no papel. A ponta do lápis deve encostar neste o bastante para traçar alguma coisa, mas não tanto que ofereça resistência. Todas essas precauções se tornam inúteis, desde que se tenha chegado a escrever correntemente, porque então nenhum obstáculo detém mais a mão. São meras preliminares para o aprendiz.

202. É indiferente que se use da pena ou do lápis⁴¹. Alguns médiuns preferem a pena que, todavia, só pode servir para os que estejam formados e escrevem pausadamente. Outros, porém, escrevem com tal velocidade, que o uso da pena seria

⁴¹ Nos tempos de Kardec, era comum o uso da escrita através da pena e tinta nanquim – N. D.

quase impossível, ou pelo menos, muito incômodo. O mesmo sucede quando a escrita é feita às arrancadas e irregularmente, ou quando se manifestam Espíritos violentos, que batem com a ponta do lápis e a quebram, rasgando o papel.

203. O desejo natural de todo aspirante a médium é o de poder conversar com os Espíritos das pessoas queridas; porém, deve moderar a sua impaciência, porque a comunicação com determinado Espírito apresenta muitas vezes dificuldades materiais que a tornam impossível ao principiante. Para que um Espírito possa se comunicar é preciso que haja entre ele e o médium relações fluídicas, que nem sempre se estabelecem instantaneamente. Só à medida que a habilidade se desenvolve é que o médium adquire pouco a pouco a aptidão necessária para se pôr em comunicação com o Espírito que se apresenta. Pode ser que aquele com quem o médium deseje se comunicar, não esteja em condições propícias a fazê-lo, *embora se ache presente*, como também pode acontecer que não tenha possibilidade, nem permissão para responder ao chamado que lhe é dirigido. Por isso, convém que no começo ninguém teime em chamar determinado Espírito, com exclusão de qualquer outro, pois muito acontece não ser com esse que as relações fluídicas se estabelecem mais facilmente, por maior que seja a simpatia que o encarnado lhe dedique. Antes, pois, de pensar em obter comunicações de tal ou tal Espírito, importa que o aspirante pratique o desenvolvimento da sua faculdade, para o que deve fazer um apelo geral é se dirigir principalmente ao seu anjo guardião.

Para esse fim, não há nenhuma fórmula sacramental. Quem quer que pretenda indicar alguma pode – sem receio – ser tachado de impostor, visto que para os Espíritos a forma nada vale. Contudo, a evocação deve sempre ser feita em nome de Deus. Poderá ser feita nos termos seguintes, ou outros equivalentes: ***Rogo a Deus Todo-poderoso que permita que um bom Espírito venha se comunicar comigo e me fazer escrever; peço também ao meu anjo de guarda se digne de me assistir e de afastar os maus Espíritos.*** Formulada a súplica, é esperar que um Espírito se manifeste e escreva alguma coisa. Pode acontecer que venha aquele que o solicitante deseja, como pode ocorrer também venha um Espírito desconhecido ou o anjo de guarda. Qualquer que seja ele, em todo caso, fará sua apresentação escrevendo o seu nome. Mas, então surge a questão da *identidade*, uma das que mais experiência requerem, por isso que poucos principiantes haverá que não estejam expostos a ser enganados. Dela trataremos adiante, em capítulo especial.

Quando queira chamar determinados Espíritos, é essencial que o médium comece por se dirigir somente aos que ele sabe serem bons e simpáticos e que podem ter motivo para acudir ao apelo, como parentes ou amigos. Neste caso, a evocação pode ser formulada assim: ***Em nome de Deus Todo-poderoso peço que tal Espírito se comunique comigo***, ou então: ***Peço a Deus Todo-poderoso que permita que tal Espírito se comunique comigo***; ou qualquer outra fórmula que corresponda ao mesmo pensamento. É muito necessário que as primeiras perguntas sejam concebidas de tal maneira que as respostas possam ser dadas por um *sim* ou um *não*, como por exemplo: *Estas aí? Queres responder-me? Podes fazer-me escrever? E etc.* Mais tarde essa precaução se torna inútil. No princípio, trata-se de estabelecer assim uma relação. O essencial é que a pergunta não seja fútil, não diga respeito a coisas de interesse particular e, sobretudo, seja a expressão de um sentimento de

bondade e simpatia para com o Espírito a quem é dirigida (veja adiante o capítulo especial sobre as *Evocações*).

204. Coisa ainda mais importante a ser observada do que o modo da evocação são a calma e o recolhimento, juntas ao desejo ardente e à firme vontade de conseguir o objetivo. Por vontade, não entendemos aqui uma vontade passageira, que age com interrupções e que outras preocupações atrapalhem a cada momento; mas, uma vontade séria, perseverante, contínua, *sem impaciência, sem exaltação*. A solidão, o silêncio e o afastamento de tudo o que possa ser causa de distração favorecem o recolhimento. Então, só uma coisa resta a fazer: renovar todos os dias a tentativa, por dez ou quinze minutos, no máximo de cada vez, durante quinze dias, um mês, dois meses e mais – se for preciso. Conhecemos médiuns que só se formaram depois de seis meses de exercício, ao passo que outros escrevem correntemente logo da primeira vez.

205. Para se evitarem tentativas inúteis, é possível consultar um Espírito sério e adiantado por outro médium. Porém, devemos notar que, quando alguém inquirir dos Espíritos se é médium ou não, eles quase sempre respondem afirmativamente – o que não impede que os ensaios não resultem em nada. Isso se explica naturalmente. Desde que se faça uma pergunta de ordem geral ao Espírito, ele responde de modo geral. Ora, como se sabe, nada é mais flexível do que a mediunidade, pois que pode se apresentar sob as mais variadas formas e em graus muito diferentes. Portanto, uma pessoa pode ser médium sem dar saber disso e num sentido diverso daquele que imagina. A esta pergunta vaga: Sou médium? O Espírito pode responder: *Sim*. A esta outra mais precisa: Sou médium escrevente? Pode responder: *Não*.

Devemos também levar em conta a natureza do Espírito a quem é feita a pergunta. Há os tão levianos e ignorantes que respondem a torto e a direito, como verdadeiros desajuizados. Por isso aconselhamos que o interrogante se dirija a Espíritos esclarecidos, que geralmente respondem de boa vontade a essas perguntas e indicam o melhor caminho, desde que haja possibilidade de bom êxito.

206. Um meio que muito frequentemente dá bom resultado consiste em colocar um bom médium escrevente – que seja maleável e já formado – como auxiliar de ocasião. Pondo ele a mão ou os dedos sobre a mão do que deseja escrever, é raro que este último também não escreva imediatamente. Compreende-se o que se passa em tal circunstância: a mão que segura o lápis se torna, de certo modo, um suplemento da mão do médium – como seria uma cesta, ou uma prancheta. Isto, porém, não impede que esse exercício seja muito útil, quando é possível empregá-lo, visto que, muito repetido e regularmente, ajuda a vencer o obstáculo material e provoca o desenvolvimento da faculdade. Algumas vezes, basta mesmo que o médium magnetize a mão e o braço daquele que quer escrever com essa intenção. Não raro até limitando-se o magnetizador a colocar a mão no ombro daquele, temo-lo visto escrever prontamente sob essa influência. Efeito idêntico pode também se produzir sem nenhum contato, apenas por ato da vontade do auxiliar. Concebe-se facilmente que a confiança do magnetizador no seu poder, para produzir tal resultado, há de desempenhar aí papel importante e que um magnetizador incrédulo exercerá fraca ação ou nenhuma.

Além do mais, às vezes o apoio de um guia experimentado é muito útil para apontar ao principiante uma porção de pequenas precauções que ele frequentemente despreza, em prejuízo da rapidez de seus progressos. Sobretudo é bom para esclarecê-lo sobre a natureza das primeiras questões e sobre a maneira de propô-las. Seu papel é o de um professor que o aprendiz dispensará logo que esteja bem habilitado.

207. Outro meio que também pode contribuir fortemente para desenvolver a mediunidade consiste em reunir certo número de pessoas, todas animadas do mesmo desejo e alimentando a mesma intenção. Feito isso, todas simultaneamente, guardando absoluto silêncio e num recolhimento rigoroso, tentem escrever, apelando cada um para o seu anjo de guarda ou para qualquer Espírito simpático. Ou então, uma delas poderá dirigir, sem designação especial e por todos os presentes, um apelo aos bons Espíritos em geral, dizendo por exemplo: *Em nome de Deus Todo-poderoso, pedimos aos bons Espíritos que se dignem de se comunicar por intermédio das pessoas aqui presentes.* É raro que entre estas não haja algumas que deem prontos sinais de mediunidade, ou que até escrevam correntemente em pouco tempo.

Compreende-se o que ocorre em tal caso: os que se reúnem com um intento comum formam um todo coletivo, cuja força e sensibilidade se encontram acrescidas por uma espécie de influência magnética, que auxilia o desenvolvimento da mediunidade. Entre os Espíritos atraídos por esse auxílio de vontades provavelmente estarão alguns que descobrirão nos assistentes o instrumento que lhes convenha. Se não for este, será outro e eles se aproveitarão desse.

Sobretudo, este meio deve ser empregado nos grupos espíritas a que faltam médiuns ou que não os possuam em número suficiente.

208. Procuram processos para a formação dos médiuns como se têm procurado diagnósticos; mas até hoje, não conhecemos nenhum mais eficaz do que os que indicamos. Na certificação de o obstáculo que o desenvolvimento da faculdade encontra ser uma resistência de ordem toda material, algumas pessoas pretendem vencê-la por meio de uma espécie de ginástica quase deslocadora do braço e da cabeça. Não descrevemos esse processo, que nos vem do outro lado do Atlântico, não só porque nenhuma prova possuímos da sua eficiência, como também pela convicção que nutrimos de que há de oferecer perigo para os de aparência delicada, pelo abalo do sistema nervoso. Se não existirem rudimentos da faculdade, nada poderá produzi-los, nem mesmo a eletrização – que já foi empregada sem êxito com o mesmo objetivo.

209. No médium aprendiz, a fé não é a condição rigorosa; sem dúvida aumenta seus esforços, mas não é indispensável; a pureza de intenção, o desejo e a boa vontade bastam. Têm-se visto pessoas inteiramente incrédulas ficarem espantadas de escrever a contragosto, enquanto que crentes sinceros não o conseguem, o que prova que esta habilidade se prende a uma disposição orgânica.

210. O primeiro indício de disposição para escrever é uma espécie de arrepio no

braço e na mão. Pouco a pouco, a mão é arrastada por uma impulsão que ela não domina. Muitas vezes, não traça senão riscos insignificantes; depois, os caracteres se desenhavam cada vez mais nitidamente e a escrita acaba por adquirir a rapidez da escrita comum. Em todos os casos, deve-se entregar a mão ao seu movimento natural e não oferecer resistência, nem impulsioná-la.

Alguns médiuns escrevem correntemente desde o princípio com facilidade, às vezes mesmo desde a primeira sessão – o que é muito raro. Outros, durante muito tempo traçam riscos e fazem verdadeiros exercícios caligráficos. Dizem os Espíritos que é para lhes soltar a mão. Em se prolongando demasiado esses exercícios, ou degenerando na grafia de sinais ridículos, não há dúvidas de que se trata de um Espírito que se diverte, pois os bons Espíritos nunca fazem nada que seja inútil. Nesse caso, é bom redobrar de fervor no apelo à assistência destes. Se, apesar de tudo não houver nenhuma alteração o médium deve parar, uma vez reconheça que nada de sério obtém. A tentativa pode ser feita todos os dias, mas convém cesse aos primeiros sinais equívocos, a fim de não ser dada satisfação aos Espíritos zombeteiros.

A estas observações, acrescenta um Espírito: “Há médiuns cuja faculdade não pode produzir senão esses sinais. Quando, ao fim de alguns meses, nada mais obtém do que coisas insignificantes, ora um *sim*, ora um *não* ou letras sem conexão, é inútil continuarem, será gastar papel em pura perda. São médiuns, mas **médiuns improdutivos**. Ademais, as primeiras comunicações obtidas devem ser consideradas meros exercícios, tarefa que é confiada a Espíritos secundários. Não se deve lhes dar muita importância, visto que procedem de Espíritos empregados, por assim dizer, como mestres de escrita, para desembaraçarem o médium principiante. Não creiam que os que se aplicam a fazer esses exercícios preparatórios com o médium sejam alguma vez Espíritos elevados; acontece, porém, que, se o médium não visa um fim sério, esses Espíritos continuam e acabam por se ligarem a ele. Quase todos os médiuns passaram por este cadinho para se desenvolverem; cabe-lhes fazer o que seja preciso a captarem a simpatia dos Espíritos verdadeiramente superiores”.

211. O perigo com que a maioria dos médiuns principiantes topa é o de terem de se deparar com Espíritos inferiores e devem dar-se por felizes quando são apenas Espíritos levianos. Precisam pôr toda atenção em que tais Espíritos não assumam predomínio, porque acontecendo isso, nem sempre será fácil se desembaraçar deles. Este é um ponto tão importante – sobretudo no começo – que, não sendo tomadas as precauções necessárias, podem perder-se os frutos das mais belas faculdades.

A primeira condição é o médium se colocar com fé sincera sob a proteção de Deus e solicitar a assistência do seu anjo de guarda – que é sempre bom – ao passo que os Espíritos familiares, por simpatizarem com as suas boas ou más qualidades, podem ser levianos ou mesmo maus.

A segunda condição é se esforçar para reconhecer, com meticoloso cuidado – por todos os indícios que a experiência permite –, de que natureza são os primeiros Espíritos que se comunicam e dos quais a prudência manda sempre que se desconfie. Se forem suspeitos esses indícios, dirigir fervoroso apelo ao seu anjo de guarda e repelir o Espírito maldoso com todas as forças, provando-lhe que não conseguirá enganar, a fim de que ele desanime. Por isso é que indispensável se faz o estudo

prévio da teoria, para todo aquele que queira evitar os inconvenientes peculiares à experiência. A este respeito, instruções muito desenvolvidas se encontram nos capítulos *Da obsessão* e *Da identidade dos Espíritos*. Vamos nos limitar aqui a dizer que, além da linguagem, podemos considerar provas *infalíveis* da inferioridade dos Espíritos: todos os sinais, figuras, emblemas inúteis, ou infantis; toda escrita extravagante, irregular, intencionalmente torturada, de exageradas dimensões, apresentando formas ridículas e desusadas. A escrita pode ser muito má, mesmo pouco legível, sem que isso tenha o que quer que seja de incomum, pois é mais questão do médium que do Espírito. Temos visto médiuns enganados de tal maneira, que medem a superioridade dos Espíritos pelas dimensões das letras e que dão grande importância às letras bem decoradas, como se foram letras de imprensa – infantilidade evidentemente incompatível com uma superioridade real.

212. Se é importante o médium não cair na dependência dos maus Espíritos, sem querer, ainda mais importante é que não caia por espontânea vontade. Então, se torna preciso que imoderado desejo de escrever não o leve a considerar indiferente dirigir-se ao primeiro que apareça para mais tarde se livrar dele, caso não convenha, por isso que ninguém pedirá impunemente a assistência de um Espírito maldoso, seja para o que for, o qual pode fazer que o imprudente lhe pague caro os serviços.

Algumas pessoas, na impaciência de verem se desenvolver em si as faculdades mediúnicas – desenvolvimento que consideram muito demorado – se lembram de buscar o auxílio de um Espírito qualquer, *ainda que atrasado*, contando despedi-lo logo. Muitas têm tido seus desejos plenamente satisfeitos e psicografado imediatamente. Porém, pouco se incomodando em ter sido chamado na pior das hipóteses, o Espírito se mostrou menos dócil em ir-se do que em vir. Conhecemos diversas que foram punidas da presunção de se julgarem bastante fortes para afastá-los quando o quisessem, por anos de obsessões de toda espécie, pelas mais ridículas mistificações, por uma fascinação persistente e, até, por desgraças *materiais* e pelas mais cruéis decepções. A princípio o Espírito se mostrou abertamente mau, depois hipócrita, a fim de fazer crer na sua conversão, ou no pretendido poder do seu subjogado, para repeli-lo à vontade.

213. A escrita é algumas vezes legível, as palavras e as letras bem destacadas; mas com certos médiuns, é difícil que alguém a decifre – a não ser ele – antes de haver adquirido esse hábito. Frequentemente é formada de grandes traços; os Espíritos não costumam economizar papel. Quando uma palavra ou uma frase é quase de todo ilegível, pede-se ao Espírito que aceite recomeçar, ao que em geral ele atende de boa vontade. Quando a escrita é habitualmente ilegível – mesmo para o médium –, este chega quase sempre a obtê-la mais nítida por meio de exercícios frequentes e demorados, *pondo nisso uma vontade forte* e rogando com fervor ao Espírito que seja mais correto. Alguns Espíritos adotam sinais convencionais, que passam a ser de uso nas reuniões do costume. Para assinalarem que uma pergunta lhes desagrade e que não querem responder a ela, fazem, por exemplo, um risco longo ou coisa equivalente.

Quando o Espírito conclui o que tinha a dizer, ou não quer continuar a responder, a mão fica imóvel e o médium não obtém nem mais uma palavra –

quaisquer que sejam seu poder e sua vontade. Ao contrário, enquanto o Espírito não conclui, o lápis se move sem que seja possível para a mão detê-lo. Se o Espírito quer espontaneamente dizer alguma coisa, a mão toma convulsivamente o lápis e se põe a escrever, sem poder impedir a isso. Aliás, o médium sente quase sempre em si alguma coisa que lhe indica ser momentânea a parada, ou o Espírito ter concluído. É raro que não sinta o afastamento deste último.

Estas são as explicações essenciais que temos para ministrar no tocante ao desenvolvimento da psicografia. A experiência revelará na prática alguns pormenores de que seria inútil tratar aqui e a cujo respeito os princípios gerais servirão de guia. Se muitos forem os que experimentarem, haverá mais médiuns do que em geral se pensa.

214. Tudo o que acabamos de dizer se aplica à escrita mecânica. É a que todos os médiuns com razão procuram conseguir. Porém, raríssimo é o mecanismo puro; frequentemente a ele se acha mais ou menos associada a intuição. Tendo consciência do que escreve, o médium é naturalmente levado a duvidar da sua aptidão; não sabe se o que lhe sai do lápis vem do seu próprio Espírito ou de outro. Não tem absolutamente que se preocupar com isso e apesar disso deve prosseguir. Caso observe a si mesmo com atenção, facilmente descobrirá no que escreve uma porção de coisas que não passavam pela sua mente e que até são contrárias às suas ideias, prova evidente de que tais coisas não vêm do seu Espírito. Portanto, continue e a dúvida se acabará com a experiência.

215. Se não foi concedido ao médium ser exclusivamente mecânico, todas as tentativas para chegar a esse resultado serão infrutíferas; como consequência, seria erro seu julgar-se não beneficiado. Se apenas é dotado de mediunidade intuitiva, cumpre que com isso se contente e ela não deixará de lhe prestar grandes serviços, se souber aproveitar e não a rejeitar.

Desde que efetuadas seguidamente durante algum tempo, após inúteis experimentações, nenhum indício de movimento involuntário se produz, ou os que se produzem são por demais fracos para dar resultados, ele não deve hesitar em escrever o primeiro pensamento que lhe for sugerido, sem se preocupar com o saber se esse pensamento nasce do seu Espírito ou de uma fonte diferente: a experiência lhe ensinará a distinguir. Aliás, é frequente acontecer que o movimento mecânico se desenvolva posteriormente.

Dissemos acima haver casos em que é indiferente saber o médium se o pensamento vem de si próprio ou de outro Espírito. Isso ocorre quando ele – sendo puramente intuitivo ou inspirado – executa por si mesmo um trabalho de imaginação. Pouco importa atribua a si próprio um pensamento que lhe foi sugerido; se lhe acodem boas ideias, agradeça ao seu bom gênio, que não deixará de lhe sugerir outros. Tal é a inspiração dos poetas, dos filósofos e dos sábios.

216. Suponhamos agora que a mediunidade esteja completamente desenvolvida; que o médium escreva com facilidade; que em suma seja o que se chama um médium feito. Seria grande erro de sua parte crer-se dispensado de qualquer instrução mais, pois apenas terá vencido uma resistência material. Do ponto a que chegou é que

começam as verdadeiras dificuldades, é que ele mais do que nunca precisa dos conselhos da prudência e da experiência, se não quiser cair nas mil armadilhas que lhe vão ser preparadas. Se pretender muito cedo voar com suas próprias asas, não tardará em ser vítima de Espíritos mentirosos, que não hesitarão de lhe explorar a presunção.

217. Uma vez desenvolvida a mediunidade, é essencial que o médium não abuse dela. O contentamento que daí vem a alguns principiantes lhes provoca um entusiasmo que muito importa moderar. Devem lembrar-se de que ela lhes foi dada para o bem e não para satisfação de vã curiosidade. Portanto, convém que só se utilizem dela nas ocasiões oportunas e não a todo o momento. Não estando os Espíritos ao seu dispor a toda hora, correm o risco de ser enganados por mistificadores. Para evitarem esse mal, é bom que adotem o sistema de só trabalhar em dias e horas determinados, porque assim se entregarão ao trabalho em condições de maior recolhimento e os Espíritos que os queiram auxiliar, estando prevenidos, se disporão melhor a prestar esse auxílio.

218. Apesar de todas as tentativas, se a mediunidade não se revelar de modo algum, o aspirante deverá renunciar a ser médium, como quem reconhece não ter voz renuncia ao canto. Do mesmo modo que aquele que ignora uma língua se vale de um tradutor, o recurso para o dito aspirante será servir-se de outro médium. Mas, se não puder recorrer a nenhum – na falta de médiuns –, nem por isso deverá se considerar privado da ajuda dos Espíritos. Para estes, a mediunidade constitui um meio de se exprimirem, porém, não um meio exclusivo de serem atraídos. Os que nos consagram afeição se acham ao nosso lado, sejamos ou não médiuns. Um pai não abandona um filho porque, sendo surdo e cego, não o pode ouvir nem ver; ao contrário, cerca-o de toda a solicitude. Os bons Espíritos fazem o mesmo conosco. Se não podem nos transmitir materialmente seus pensamentos, auxiliam-nos por meio da inspiração.

MUDANÇA DE CALIGRAFIA

219. Um fenômeno muito comum nos médiuns escreventes é a mudança da caligrafia, conforme os Espíritos que se comunicam. E o que há de mais notável é que uma determinada caligrafia se reproduz constantemente com determinado Espírito, sendo às vezes idêntica à que este tinha em vida. Veremos mais tarde as consequências que se podem tirar daí com relação à identidade dos Espíritos. A mudança da caligrafia só se dá com os médiuns mecânicos ou semimecânicos, porque neles é involuntário o movimento da mão e dirigido unicamente pelo Espírito. O mesmo já não sucede com os médiuns puramente intuitivos, visto que, neste caso, o Espírito apenas atua sobre o pensamento, sendo a mão dirigida, como nas circunstâncias comuns, pela vontade do médium. Mas, a uniformidade da caligrafia – mesmo em se tratando de um médium mecânico – nada absolutamente prova contra a sua faculdade, pois a variação da forma da escrita não é condição absoluta, na manifestação dos Espíritos: deriva de uma aptidão especial, de que nem

sempre são dotados os médiuns, ainda os mais mecânicos. Aos que a possuem damos a denominação de **Médiuns polígrafos**.

PERDA E SUSPENSÃO DA MEDIUNIDADE

220. A mediunidade está sujeita a intervalos e a suspensões temporárias – seja para as manifestações físicas, seja para a escrita. A seguir damos as respostas que obtivemos dos Espíritos a algumas perguntas feitas sobre este ponto:

1ª Os médiuns podem perder a faculdade que possuem?

“Isso frequentemente acontece, qualquer que seja o gênero da mediunidade. Mas, também, muitas vezes apenas se verifica uma interrupção passageira, que cessa com a causa que a produziu”.

2ª A causa da perda da mediunidade estará no esgotamento do fluido?

“Seja qual for a faculdade que o médium possua, ele nada pode sem a cooperação simpática dos Espíritos. Quando nada mais obtém, nem sempre é porque lhe falta a faculdade; geralmente isso se dá porque os Espíritos não mais querem, ou não podem se servir dele”.

3ª O que pode causar os Espíritos abandonarem um médium?

“O que mais influi para que assim os bons Espíritos procedam é o uso que o médium faz das suas aptidões. Podemos abandoná-lo, quando dela se serve para coisas tolas ou com propósitos ambiciosos; quando se nega a transmitir as nossas palavras ou os fatos por nós produzidos, aos encarnados que para ele apelam, ou que têm necessidade de ver para se convencerem. Este dom de Deus não é concedido ao médium para seu prazer e, ainda menos, para satisfação de suas ganâncias, mas para o fim da sua melhora espiritual e para fazer os homens conhecerem a verdade. Se o Espírito verifica que o médium já não corresponde às suas vistas e já não aproveita das instruções nem dos conselhos que lhe dá, afasta-se, em busca de um protegido mais digno”.

4ª O Espírito que se afasta não pode ser substituído e, neste caso, não se conceberia a suspensão da mediunidade?

“Não faltam Espíritos que outra coisa não desejam senão se comunicar e que, portanto, estão sempre prontos a substituir os que se afastam; mas, quando o que abandona o médium é um Espírito bom, pode suceder que o seu afastamento seja apenas temporário, para privá-lo de toda comunicação durante certo tempo, a fim de lhe provar que a sua capacidade *não depende dele médium* e que, assim, não há razão para dela se envaidecer. Essa impossibilidade temporária também serve para dar ao médium a prova de que ele escreve sob uma influência estranha, pois, de outro modo, não haveria interrupções”.

“Em suma, a suspensão da faculdade nem sempre é uma punição; às vezes demonstra o cuidado do Espírito para com o médium a quem dedica afeição, tendo por objetivo lhe proporcionar um repouso material de que o julgou necessitado, caso em que não permite que outros Espíritos o substituam”.

5ª No entanto, vemos médiuns de muito mérito – moralmente falando – que não sentem nenhuma necessidade de repouso e que muito se contrariam com essas interrupções, cujo fim lhes escapa.

“Servem para provar a paciência e a perseverança deles. Por isso que em geral os Espíritos não assinam nenhum fim à suspensão da faculdade mediúnica; é para verem se o médium desanima. É também para lhe dar tempo de meditar as instruções recebidas. Por essa meditação dos nossos ensinamentos é que reconhecemos os espíritos verdadeiramente sérios. Não podemos dar esse nome aos que na realidade não passam de amadores de comunicações”.

6ª Será preciso então que nesse caso o médium prossiga nas suas tentativas para escrever?

“Se o Espírito lhe aconselhar isto, deve; se lhe disser que evite, não deve”.

7ª Haveria meio de abreviar essa prova?

“A resignação e a prece. Demais, basta que faça cada dia uma tentativa de alguns minutos, visto que inútil lhe será perder o tempo em ensaios infrutíferos. A tentativa só deve ter por fim verificar se já recobrou ou não a mediunidade”.

8ª A suspensão da faculdade não implica o afastamento dos Espíritos que habitualmente se comunicam?

“De modo algum. O médium se encontra então na situação de uma pessoa que perdesse temporariamente a vista, a qual, por isso, não deixaria de estar rodeada de seus amigos, embora impossibilitada de vê-los. Portanto, o médium pode e até mesmo deve continuar a se comunicar pelo pensamento com seus Espíritos familiares e se convencer de que é ouvido. Se é certo que a falta da mediunidade pode privá-lo das comunicações ostensivas com certos Espíritos, também certo é que não o pode privar das comunicações morais”.

9ª Assim, a interrupção da mediunidade nem sempre traduz uma censura da parte do Espírito?

“Não, sem dúvida, pois que pode ser uma prova de benevolência”.

10ª Por qual sinal se pode reconhecer a censura nesta interrupção?

“Interrogue o médium a sua consciência e inquiria de si mesmo qual o uso que tem feito da sua faculdade, qual o bem que dela tem resultado para os outros, *que proveito tem tirado dos conselhos que se têm dado a ele* e terá a resposta”.

11ª O médium que ficou impossibilitado de escrever poderá recorrer a outro médium?

“Depende da causa da interrupção, que muitas vezes tem por fim lhes deixar algum tempo sem comunicações, depois de se terem dado conselhos, a fim de que não se habituem a nada fazer senão com o nosso auxílio. Se este for o caso, ele nada obterá recorrendo a outro médium, o que também ocorre com o fim de prová-los que os Espíritos são livres e que não está em suas mãos obrigá-los a fazer o que queiram. Ainda por esta razão é que os que não são médiuns nem sempre recebem

todas as comunicações que desejam”.

Nota – Deve-se efetivamente observar que aquele que recorre a terceiro para obter comunicações, apesar da qualidade do médium, muitas vezes nada de satisfatório consegue, ao passo que doutras vezes as respostas são muito explícitas. Isso tanto depende da vontade do Espírito, que ninguém coisa alguma adianta mudando de médium. Os próprios Espíritos como que dão uns aos outros a palavra de ordem a esse respeito, pois o que não se obtiver de um, de nenhum mais se obterá. Cumpre então que nos abstenhamos de insistir e de nos impacientar, se não quisermos ser vítimas de Espíritos enganadores, que responderão, dado procuremos à viva força uma resposta, deixando os bons que eles o façam, para nos punirem a insistência.

12ª Com que fim a Providência concedeu de maneira especial o dom da mediunidade a certos indivíduos?

“É uma missão de que se incumbiram e cujo desempenho os faz ditosos. São os intérpretes dos Espíritos com os homens”.

13ª Entretanto, há médiuns que manifestam repugnância ao uso de suas faculdades.

“São médiuns imperfeitos; desconhecem o valor da graça que é concedida a eles”.

14ª Se é uma missão, como se explica que não constitua privilégio dos homens de bem e que semelhante faculdade seja concedida a pessoas que não merecem nenhuma estima e que dela podem abusar?

“A faculdade lhes é concedida, porque precisam dela para se melhorarem, para ficarem em condições de receber bons ensinamentos. Se não aproveitam da concessão, sofrerão as conseqüências. Jesus não pregava de preferência aos pecadores, dizendo ser preciso dar àquele que não tem?”

15ª As pessoas que desejam muito escrever como médiuns, e que não conseguem, poderão concluir daí que há alguma coisa contra si mesmas, no tocante à benevolência dos Espíritos para com elas?

“Não, pois pode ser que Deus lhe tenha negado essa faculdade, como tenha negado o dom da poesia, ou da música. Porém, se não forem objeto desse favor, podem ter sido de outros”.

16ª Como um homem pode se aperfeiçoar mediante o ensino dos Espíritos quando não tem, nem por si mesmo, nem com o auxílio de outros médiuns, os meios de receber de modo direto esse ensinamento?

“Ele não tem os livros, como o cristão tem o Evangelho? Para praticar a moral de Jesus, não é preciso que o cristão tenha ouvido as palavras ao lhe saírem da boca”.

CAPÍTULO XVIII

DOS INCONVENIENTES E PERIGOS DA MEDIUNIDADE

- INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO DA MEDIUNIDADE SOBRE A SAÚDE
- IDEM SOBRE O CÉREBRO
- IDEM SOBRE AS CRIANÇAS

221. 1ª A mediunidade será indício de um estado patológico (doentio) qualquer, ou de um estado simplesmente anormal?

“Anormal, às vezes, porém, não patológico; há médiuns de saúde robusta; os doentes o são por outras causas.”

2ª O exercício da faculdade mediúnica pode causar fadiga?

“O exercício muito prolongado de qualquer faculdade acarreta fadiga; a mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica aos efeitos físicos, ela necessariamente ocasiona um gasto de fluido que traz a fadiga, mas que se repara pelo repouso”.

3ª A prática da mediunidade pode ter, de si mesmo, inconveniente, do ponto de vista higiênico, exceção feita do abuso?

“Há casos em que é prudente – necessária mesmo – a abstenção, ou pelo menos, o exercício moderado, tudo dependendo do estado físico e moral do médium. Aliás, em geral, o médium sente isso e, desde que experimente fadiga, deve se reservar”.

4ª Haverá pessoas para quem esse exercício seja mais inconveniente do que para outras?

“Já eu disse que isso depende do estado físico e moral do médium. Há pessoas relativamente às quais se devem evitar todas as causas de excitação e o exercício da mediunidade é uma delas” (Nº 188 e 194).

5ª A mediunidade poderia produzir a loucura?

“Não mais do que qualquer outra coisa, desde que não haja predisposição para isso, em virtude de fraqueza cerebral. A mediunidade não produzirá a loucura, quando esta já não exista em gérmen; porém, existindo este, o bom-senso está a

dizer que se deve usar de cautelas, sob todos os pontos de vista, pois qualquer abalo pode ser prejudicial”.

6ª Haverá inconveniente em desenvolver a mediunidade nas crianças?

“Certamente e sustento mesmo que é muito perigoso, pois que, dessa forma, esses organismos frágeis e delicados sofreriam grandes abalos, e as respectivas imaginações sofreriam excessiva sobre-excitação. Assim, os pais prudentes devem afastá-las dessas ideias, ou quando nada, não lhes falar do assunto, senão do ponto de vista das consequências morais”.

7ª No entanto, há crianças que são médiuns naturalmente – tanto de efeitos físicos, como de escrita e de visões. Isto apresenta o mesmo inconveniente?

“Não; quando a faculdade se mostra espontânea numa criança é que está na sua natureza e que a sua constituição se presta a isso. O mesmo não acontece, quando é provocada e incitada. Notem que a criança que tem visões geralmente não se impressiona com estas, que lhe parecem coisa muito natural, a que dá muito pouca atenção e quase sempre esquece. Mais tarde, o fato lhe volta à memória e ela o explica facilmente, quando conhece o Espiritismo”.

8ª Em que idade se pode ocupar-se de mediunidade sem inconvenientes?

“Não há idade precisa, tudo dependendo inteiramente do desenvolvimento físico e ainda mais do desenvolvimento moral. Há crianças de doze anos a quem tal coisa afetará menos do que a algumas pessoas já feitas. Falo da mediunidade, em geral; porém, a de efeitos físicos é mais fatigante para o corpo; a da escrita tem outro inconveniente, derivado da inexperiência da criança, devido o caso de ela querer entregar-se a sós ao exercício da sua faculdade e fazer disso um brinquedo”.

222. Como veremos mais adiante, a prática do Espiritismo requer muito sensibilidade para a inutilização das tramas dos Espíritos enganadores. Se estes iludem a homens feitos, é claro que a infância e a juventude ficam mais expostas a serem vítimas deles. Além disso, sabemos que o recolhimento é uma condição sem a qual não se pode lidar com Espíritos sérios. As evocações feitas desajuizadamente e por gracejo constituem verdadeira profanação, que facilita o acesso aos Espíritos zombeteiros ou malfazejos. Ora, não se podendo esperar de uma criança a seriedade necessária a semelhante ato, é realmente de temer que ela faça disso um brinquedo, se ficar entregue a si mesma. Ainda nas condições mais favoráveis, é de desejar que uma criança dotada de mediunidade não a exercite, senão sob a vigilância de pessoas experientes, que lhe ensinem, pelo exemplo, o respeito devido às almas dos que viveram no mundo. Por aí se vê que a questão de idade está subordinada às circunstâncias, tanto de temperamento, como de caráter. Todavia, o que ressalta com clareza das respostas acima é que não se deve forçar o desenvolvimento dessas capacidades nas crianças, quando não é espontânea, e que em todos os casos se deve proceder com grande seriedade, não sendo bom nem excitá-las, nem animá-las nas pessoas frágeis. Por todos os meios possíveis, devemos afastar de sua prática as que apresentem sintomas – ainda que mínimos – de excentricidade nas ideias, ou de enfraquecimento das capacidades mentais, porque há nessas pessoas predisposição

evidente para a loucura, que se pode manifestar por efeito de qualquer exaltação. A esse respeito, as ideias espíritas não têm maior influência do que outras, mas, vindo a loucura, tomará o caráter de preocupação dominante, como tomaria o caráter religioso, se a pessoa se entregasse em excesso às práticas de devoção, e a responsabilidade seria lançada ao Espiritismo. O que de melhor se tem a fazer com todo indivíduo que mostre tendência à ideia fixa é dar outra diretriz às suas preocupações, a fim de lhe proporcionar repouso aos órgãos enfraquecidos.

Chamamos, a propósito deste assunto, a atenção dos nossos leitores para o parágrafo XII da “Introdução” de **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**.

CAPÍTULO XIX

DO PAPEL DOS MÉDIUNS NAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS

- INFLUÊNCIA PESSOAL DO ESPÍRITO DO MÉDIUM
- SISTEMA DOS MÉDIUNS INERTES
- APTIDÃO DE CERTOS MÉDIUNS PARA COISAS DE QUE NADA ACONTECEM: LÍNGUAS, MÚSICA, DESENHO, ETC.
- DISSERTAÇÃO DE UM ESPÍRITO SOBRE O PAPEL DOS MÉDIUNS

223. 1ª No momento em que pratica a sua mediunidade, o médium está em estado perfeitamente normal?

“Às vezes, está num estado mais ou menos acentuado de crise. É o que o fadiga e é por isso que necessita de repouso. Porém, habitualmente, seu estado não difere de modo sensível do estado normal, sobretudo quando se trata de médiuns escreventes”.

2ª As comunicações escritas ou verbais também podem emanar do próprio Espírito encarnado no médium?

“A alma do médium pode se comunicar como a de qualquer outro. Se goza de certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de Espírito. Vocês têm a prova disso nas visitas que as almas de pessoas vivas lhes fazem, as quais muitas vezes se comunicam convosco pela escrita, sem que as chamem. Fiquem sabendo que entre os Espíritos que evocam, há alguns que estão encarnados na Terra. *Eles então lhes falam como Espíritos e não como homens.* Por que não havia de ser o mesmo com o médium?”

a) Não parece que esta explicação confirma a opinião dos que entendem que todas as comunicações vêm do Espírito do médium e não de Espírito estranho?

“Os que assim pensam só erram em darem caráter absoluto à opinião que sustentam, porque é fora de dúvida que o Espírito do médium pode agir por si mesmo. Isso, porém, não é razão para que outros não atuem igualmente por seu intermédio”.

3ª Como distinguir se o Espírito que responde é o do médium ou outro?

“Pela natureza das comunicações. Estuda as circunstâncias e a linguagem e distinguirão. No estado de sonambulismo (ou de êxtase) é que principalmente o Espírito do médium se manifesta, porque então se encontra mais livre. No estado normal é mais difícil. Aliás, há respostas que não se podem atribuir de modo algum a ele. Por isso é que digo: estudem e observem”.

Nota – Quando uma pessoa nos fala, distinguimos facilmente o que vem dela daquilo de que ela é apenas o eco. O mesmo se verifica com os médiuns.

4ª Desde que o Espírito do médium pôde adquirir em existências anteriores conhecimentos que esqueceu debaixo do envoltório corporal, mas de que se lembra como Espírito, ele não poderá buscar nas profundezas do seu próprio eu as ideias que parecem fora do alcance da sua instrução?

“Isso acontece frequentemente no estado de crise sonambúlica (ou extática), porém, ainda uma vez repito: há circunstâncias que não permitem dúvida. Estudem *longamente* e meditem”.

5ª As comunicações que vêm do Espírito do médium são sempre inferiores às que possam ser dadas por outros Espíritos?

“Sempre, não; pois um Espírito, que não o do médium, pode ser de ordem inferior à deste e, então, falar menos sensatamente. É o que se vê no sonambulismo. Aí, as mais das vezes, quem se manifesta é o Espírito do sonâmbulo, o qual geralmente diz coisas muito boas”.

6ª O Espírito que se comunica por um médium transmite diretamente seu pensamento ou este tem por intermediário o Espírito encarnado no médium?

“O Espírito do médium é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para falar e por ser necessária uma cadeia entre vocês e os Espíritos que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para comunicar à grande distância uma notícia e, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente, que a receba e transmita”.

7ª O Espírito encarnado no médium exerce alguma influência sobre as comunicações que deva transmitir, vindas de outros Espíritos?

“Exerce, porque se estes não lhe são simpáticos, ele pode alterar as suas respostas e assimilá-las às suas próprias ideias e a suas tendências; porém, *não influencia os próprios Espíritos, autores das respostas*; constitui-se apenas em mau intérprete”.

8ª Será essa a causa da preferência dos Espíritos por certos médiuns?

“Não há outra. Os Espíritos procuram o intérprete que mais simpatize com eles e que lhes exprima com mais exatidão os pensamentos. Não havendo entre eles simpatia, o Espírito do médium é um adversário que oferece certa resistência e se torna, um intérprete de má qualidade e muitas vezes infiel. É o que se dá entre vocês, quando a opinião de um sábio é transmitida por intermédio de um estonteado, ou de uma pessoa de má-fé”.

9ª Compreende-se que seja assim, tratando-se dos médiuns intuitivos, porém, não,

relativamente aos médiuns mecânicos.

“É que vocês ainda não perceberam bem o papel que o médium desempenha. Há aí uma lei que ainda não captaram. Lembrem-se de que para produzir o movimento de um corpo inerte, o Espírito precisa se utilizar de uma parcela de fluido animalizado – que toma ao médium – para animar a mesa momentaneamente, a fim de que esta lhe obedeça à vontade. Pois bem: compreendam também que para uma comunicação inteligente ele precisa de um intermediário inteligente e que esse intermediário é o Espírito do médium”.

a) Isto parece que não tem aplicação ao que se chama *mesas falantes*, visto que quando objetos inertes (como as mesas, pranchetas e cestas) dão respostas inteligentes, o Espírito do médium, ao que se nos parece, não toma nenhuma parte no fato.

“É um erro; o Espírito pode dar ao corpo inerte uma vida fictícia momentânea, mas não lhe pode dar, inteligência. Jamais um corpo inerte foi inteligente. Pois, é o Espírito do médium quem recebe o pensamento, fora de sua vontade, e o transmite sucessivamente com o auxílio de diversos intermediários”.

10ª Ao que parece, resulta dessas explicações que o Espírito do médium nunca é completamente passivo?

“É passivo, quando não mistura suas próprias ideias com as do Espírito que se comunica, mas nunca é inteiramente nulo. Sua participação é sempre indispensável – como o de um intermediário –, embora se trate dos que chamam médiuns mecânicos”.

11ª Não haverá maior garantia de independência no médium mecânico do que no médium intuitivo?

“Sem dúvida alguma e para certas comunicações é preferível um médium mecânico; mas, quando se conhecem as capacidades de um médium intuitivo, torna-se indiferente, conforme as circunstâncias. Quero dizer que há comunicações que exigem menos precisão”.

12ª Entre as diferentes teorias que se tem concebido para explicar os fenômenos espíritas, há uma que proclama que a verdadeira mediunidade esteja num corpo completamente inerte (na cesta, ou no papelão, por exemplo) que serve de instrumento; que o Espírito manifestante se identifica com esse objeto e o torna, além de vivo, inteligente, donde o nome de **médiuns inertes** dado a esses objetos. Que pensam dessa teoria?

“Pouco há que dizer a tal respeito e é que, se o Espírito transmitisse ao papelão inteligência, ao mesmo tempo em que a vida, aquele escreveria sozinho, sem o auxílio do médium. Seria estranho que o homem inteligente se mudasse em máquina e que um objeto inerte se tornasse inteligente. Esse é um dos muitos sistemas originários de ideias preconcebidas e que caem diante da experiência e da observação – como tantos outros”.

13ª Um fenômeno bem conhecido poderia abonar a opinião de que nos corpos inertes animados há mais do que a vida: o das mesas, cestas, etc. que, pelos seus movimentos, exprimem a antipatia ou a afeição?

“Quando um homem raivoso agita um pau, não é o pau que presa de cólera, nem mesmo a mão que o segura, mas o pensamento que dirige a mão. As mesas e as cestas não são mais inteligentes do que o pau, nenhum sentimento inteligente apresentam; apenas obedecem a uma inteligência. Numa palavra, o Espírito não se transforma em cesta, nem nela se domicilia”.

14ª Desde que não é racional atribuir inteligência a esses objetos, poderíamos considerá-los como uma categoria de médiuns, dando a ele o nome de **médiuns inertes**?

“É uma questão de palavras que pouco nos importa, desde que entendam. São livres para dar a um boneco o nome de homem”.

15ª Os Espíritos só têm a linguagem do pensamento; não dispõem da linguagem articulada, pelo que só há para eles uma língua. Assim sendo, um Espírito poderia se exprimir por via mediúmica numa língua que jamais falou quando vivo? E, nesse caso, de onde tira as palavras de que se serve?

“Tu mesmo acabou de responder à pergunta que formulou, dizendo que os Espíritos só têm uma língua – que é a do pensamento. Essa língua todos a compreendem, tanto os homens como os Espíritos. O Espírito errante, quando se dirige ao Espírito encarnado do médium, não lhe fala francês, nem inglês, porém, a língua universal que é a do pensamento. Para exprimir suas ideias numa língua articulada, transmissível, toma as palavras ao vocabulário do médium”.

16ª Se é assim, só na língua do médium deveria ser possível ao Espírito se expressar. Entretanto, é sabido que escreve em idiomas que o médium desconhece. Não há aí uma contradição?

“Notem primeiramente que nem todos os médiuns são aptos a esse gênero de exercício e, depois, que os Espíritos só acidentalmente a ele se prestam, quando julgam que isso pode ter alguma utilidade. Para as comunicações usuais e de certa extensão, preferem servir-se de uma língua que seja familiar ao médium, porque apresenta a eles menos dificuldades materiais a vencer”.

17ª A aptidão de certos médiuns para escrever numa língua que lhes é estranha não provirá da circunstância de lhes ter sido familiar essa língua em outra existência e de haverem guardado a intuição dela?

“É certo que isto se pode dar, mas não é regra. Com algum esforço, o Espírito pode vencer momentaneamente a resistência material que encontra. É o que acontece quando o médium escreve palavras que não conhece na língua que lhe é própria”.

18ª Uma pessoa analfabeta poderia escrever como médium?

“Sim, mas é fácil de compreender que terá de vencer grande dificuldade mecânica, por faltar à mão o hábito do movimento necessário a formar letras. O mesmo sucede com os médiuns desenhistas, que não sabem desenhar”.

19ª Um médium muito pouco inteligente poderia transmitir comunicações de ordem elevada?

“Sim, pela mesma razão por que um médium pode escrever numa língua que lhe seja desconhecida. A mediunidade propriamente dita independe da inteligência, bem como das qualidades morais. Em falta de instrumento melhor, o Espírito pode se servir daquele que tem à disposição. Porém, é natural que para as comunicações de certa ordem ele prefira o médium que lhe ofereça menos obstáculos materiais. Acresce outra consideração: o deficiente mental muitas vezes só é assim pela imperfeição de seus órgãos, podendo, entretanto, seu Espírito ser mais adiantado do que o julguem. Tens a prova disso em certas evocações de débeis – mortos ou vivos”.

Nota – Este é um fato que a experiência comprova. Por muitas vezes temos evocado débeis vivos que têm dado provas evidentes de identidade e responderam com muita sensatez e mesmo de modo superior. Esse estado é uma punição para o Espírito, que sofre com o constrangimento em que se vê. Logo, um médium débilmental pode oferecer ao Espírito que queira se manifestar mais recursos de que se supunha. (veja: REVISTA ESPÍRITA, julho de 1860, artigo sobre a Frenologia e a Fisiognomia).

20ª Onde vem a aptidão de alguns médiuns para escrever em verso?

“A poesia é uma linguagem. Eles podem escrever em verso, como podem escrever numa língua que desconheçam. Depois, é possível que tenham sido poetas em outra existência e, como já te dissemos, os conhecimentos adquiridos jamais é perdido pelo Espírito, que tem de chegar à perfeição em todas as coisas. Nesse caso, o que eles têm sabido lhes dá uma aptidão de que não dispõem no estado comum”.

21ª O mesmo ocorre com os que têm habilidade especial para o desenho e a música?

“Sim; o desenho e a música também são maneiras de se exprimirem os pensamentos. Os Espíritos se servem dos instrumentos que mais lhes oferecem facilidade”.

22ª A expressão do pensamento pela poesia, pelo desenho, ou pela música depende unicamente da aptidão especial do médium, ou também da do Espírito que se comunica?

“Às vezes, do médium; às vezes, do Espírito. Os Espíritos superiores possuem todas as aptidões. Os Espíritos inferiores só dispõem de conhecimentos limitados”.

23ª Por que é que um homem de extraordinário talento numa existência já não tem o mesmo na existência seguinte?

“Nem sempre é assim, pois muitas vezes ele aperfeiçoa numa existência o que começou na anterior. Mas, pode acontecer que uma faculdade extraordinária dormite durante certo tempo, para deixar que outra se desenvolva. É um gérmen latente, que tornará a ser encontrado mais tarde e do qual alguns traços, ou, pelo menos, uma vaga intuição sempre permanecem”.

224. Sem dúvida, o Espírito que quer se comunicar compreende todas as línguas, pois que as línguas são a expressão do pensamento e é pelo pensamento que o Espírito tem a compreensão de tudo; mas, para exprimir esse pensamento, torna-se

necessário para ele um instrumento e este é o médium. A alma do médium, que recebe a comunicação de um terceiro, não pode transmiti-la senão pelos órgãos de seu corpo. Ora, esses órgãos não podem ter para uma língua que o médium desconheça a flexibilidade que apresentam para a que lhe é familiar.

Um médium que apenas saiba o francês poderá acidentalmente dar uma resposta em inglês, por exemplo, se ao Espírito agrada fazê-lo; porém, os Espíritos – que já acham muito lenta a linguagem humana, em confronto com a rapidez do pensamento, tanto assim que a abreviam quanto podem, se impacientam com a resistência mecânica que encontram; daí, nem sempre o fazem. Essa também a razão por que um médium novato, que escreve penosa e lentamente, ainda que na sua própria língua, em geral não obtém mais do que respostas breves e sem desenvolvimento. Por isso, os Espíritos recomendam que, com um médium assim, só se lhes dirijam perguntas simples. Para as de grande alcance, faz-se preciso um médium desenvolvido, que não ofereça nenhuma dificuldade mecânica. Ninguém tomaria para seu ledor um estudante que estivesse aprendendo a soletrar. Um bom operário não gosta de se servir de maus instrumentos.

Acrescentemos outra consideração de muita gravidade no que se refere às línguas estrangeiras: os ensaios deste gênero são sempre feitos por curiosidade e por experiência. Ora, nada mais antipático aos Espíritos do que as provas a que tentem sujeitá-los. A elas jamais os Espíritos superiores se prestam, os quais se afastam, logo que se pretende entrar por esse caminho. Tanto se agradam nas coisas úteis e sérias, quanto lhes repugna ocuparem-se com coisas fúteis e sem objetivo. É, dirão os incrédulos, para nos convencerem e esse fim é útil, porque pode granjear adeptos para a causa dos Espíritos. A isto respondem os Espíritos: “A nossa causa não precisa dos que têm orgulho bastante para se suporem indispensáveis. Chamamos a nós os que *queremos* e estes são quase sempre os mais pequeninos e os mais humildes. Fez Jesus os milagres que lhe pediam os escribas? E de que homens se serviu para revolucionar o mundo? Se quiserem se convencer de outros meios dispõem, menos com a força; comecem por se submeter; não é regular que o discípulo imponha sua vontade ao mestre”.

Daí decorre que, salvo algumas exceções, o médium exprime o pensamento dos Espíritos pelos meios mecânicos que lhe estão à disposição e também que a expressão desse pensamento pode e deve mesmo, as mais das vezes, ressentir-se da imperfeição de tais meios. Assim, o homem inculto, o campônio, poderá dizer as mais belas coisas, expressar as mais elevadas e as mais filosóficas ideias, falando como campônio, porquanto, conforme se sabe, para os Espíritos o pensamento a tudo sobrepuja. Isto responde a certas críticas a propósito das incorreções de estilo e de ortografia, que se imputam aos Espíritos, mas que tanto podem provir deles, como do médium. Apegar-se a tais coisas não passa de futilidade. Não é menos pueril que se atenham a reproduzir essas incorreções com exatidão minuciosa, conforme o temos visto fazerem algumas vezes. Portanto, é lícito corrigi-las, sem o mínimo escrúpulo, a menos que caracterizem o Espírito que se comunica, caso em que é bom conservá-las, como prova de identidade. Assim é, por exemplo, que temos visto um Espírito escrever constantemente *Jule* (sem o *s*), falando de seu neto, porque, quando vivo, escrevia desse modo, muito embora o neto, que lhe servia de médium, soubesse perfeitamente escrever o seu próprio nome.

225. A dissertação que se segue, dada espontaneamente por um Espírito superior – que se revelou mediante comunicações de ordem elevadíssima – resume a questão do papel do médium de modo claro e completo:

“Qualquer que seja a natureza dos médiuns escreventes – quer mecânicos ou semimecânicos, quer simplesmente intuitivos – não variam essencialmente os nossos processos de comunicação com eles. De fato, nós nos comunicamos com os Espíritos encarnados dos médiuns da mesma forma que com os Espíritos propriamente ditos, somente pela irradiação do nosso pensamento.

“Os nossos pensamentos não precisam da vestidura da palavra para serem compreendidos pelos Espíritos e todos os Espíritos percebem os pensamentos que desejamos lhes transmitir, sendo suficiente que lhes dirijamos esses pensamentos e isto em razão de suas potências intelectuais. Quer dizer que tal pensamento tais ou quais Espíritos o podem compreender, em virtude do adiantamento deles, ao passo que, para tais outros – por não despertarem nenhuma lembrança – nenhum conhecimento que lhes dormitem no fundo do coração ou do cérebro, esses mesmos pensamentos não lhes são perceptíveis. Neste caso, o Espírito encarnado – que nos serve de médium – é mais apto a exprimir o nosso pensamento a outros encarnados, se bem não o compreenda, do que um Espírito desencarnado, mas pouco adiantado, se fôssemos forçados a nos servir dele, porque o ser terreno põe seu corpo como instrumento à nossa disposição, o que o Espírito errante não pode fazer.

“Assim, quando encontramos em um médium o cérebro povoado de conhecimentos adquiridos na sua vida atual e o seu Espírito rico de adormecidos conhecimentos obtidos em vidas anteriores de natureza a nos facilitarem as comunicações, de preferência nos servimos dele porque o fenômeno da comunicação se torna muito mais fácil para nós do que com um médium de inteligência limitada e de escassos conhecimentos anteriormente adquiridos. Vamos nos fazer compreensíveis por meio de algumas explicações claras e precisas.

“Com um médium – cuja inteligência atual ou anterior se ache desenvolvida –, o nosso pensamento se comunica instantaneamente de Espírito a Espírito por uma capacidade natural da essência mesma do Espírito. Nesse caso, encontramos no cérebro do médium os elementos próprios a dar ao nosso pensamento a vestidura da palavra que lhe corresponda e isto – seja o médium intuitivo, seja semimecânico, ou inteiramente mecânico. Essa a razão por que, independentemente da diversidade dos Espíritos que se comunicam com um médium, os ditados que este obtém – embora procedendo de Espíritos diferentes – trazem o caráter que lhe é pessoal quanto à forma e ao estilo. Com efeito, se bem o pensamento lhe seja de todo estranho, se bem o assunto esteja fora do âmbito em que ele habitualmente se move, se bem o que nós queremos dizer não provenha dele, nem por isso o médium deixa de exercer influência na forma, pelas qualidades e propriedades pertencentes à sua individualidade. É exatamente como quando observam panoramas diversos, com lentes coloridas, verdes, brancas, ou azuis; embora os panoramas ou objetos observados, sejam inteiramente opostos e independentes, em absoluto, uns dos outros, não deixam por isso de afetar uma tonalidade que vem das cores das lentes. Ou, melhor: comparemos os médiuns a esses bocais cheios de líquidos coloridos e transparentes, que se veem nos mostruários dos laboratórios farmacêuticos. Pois bem, nós somos como luzes que

clareiam certos panoramas morais, filosóficos e internos, através dos médiuns, azuis, verdes, ou vermelhos, de tal sorte que os nossos raios luminosos, obrigados a passar através de vidros mais ou menos bem facetados, mais ou menos transparentes, isto é, de médiuns mais ou menos inteligentes, só chegam aos objetos que desejamos iluminar, tomando a coloração, ou melhor, a forma de dizer própria e particular desses médiuns. Enfim, para terminar com uma última comparação: nós os Espíritos somos como compositores de música, que têm composto ou querem improvisar uma ária e que só têm à mão ou um piano, um violino, uma flauta, um fagote ou uma gaita de dez centavos. É incontestável que, com o piano, o violino, ou a flauta, executaremos a nossa composição de modo muito compreensível para os ouvintes. Se bem sejam muito diferentes uns dos outros os sons produzidos pelo piano, pelo fagote ou pela clarineta, nem por isso ela deixará de ser idêntica em qualquer desses instrumentos, com exceção feita dos timbres do som. Mas, se só tivermos à nossa disposição uma gaita de dez centavos, aí está para nós a dificuldade.

“Efetivamente, quando somos obrigados a nos servir de médiuns pouco adiantados, muito mais longo e penoso se torna o nosso trabalho porque nos vemos forçados a lançar mão de formas incompletas, o que é para nós uma complicação, pois somos constrangidos a decompor os nossos pensamentos e a ditar palavra por palavra, letra por letra, constituindo isso uma fadiga e um aborrecimento, assim como um entrave real à presteza e ao desenvolvimento das nossas manifestações.

“Por isso é que gostamos de achar médiuns bem formados, bem aparelhados, munidos de materiais prontos a serem utilizados, numa palavra: bons instrumentos, porque então o nosso perispírito, atuando sobre o daquele a quem *mediunizamos*, nada mais tem que fazer senão impulsionar a mão que nos serve de lapiseira, ou caneta, enquanto que, com os médiuns insuficientes, somos obrigados a um trabalho igual ao que temos quando nos comunicamos mediante pancadas, isto é, formando, letra por letra, palavra por palavra, cada uma das frases que traduzem os pensamentos que queiramos transmitir a vocês.

“É por estas razões que, para a divulgação do Espiritismo e para o desenvolvimento das faculdades mediúnicas escreventes, de preferência nos dirigimos às classes cultas e instruídas – embora seja nessas classes que se encontram os indivíduos mais incrédulos, mais rebeldes e mais imorais. É que, assim como deixamos hoje o exercício das comunicações tangíveis, de pancadas e transportes aos Espíritos galhofeiros e pouco adiantados, assim também os homens pouco sérios preferem o espetáculo dos fenômenos que lhes afetam os olhos ou os ouvidos, aos fenômenos puramente espirituais, puramente psicológicos.

“Quando queremos transmitir mensagens espontâneas, atuamos sobre o cérebro, sobre os arquivos do médium e preparamos os nossos materiais com os elementos que ele nos fornece e isto à sua revelia. É como se lhe tomássemos à bolsa as somas que ele aí possa ter e puséssemos as moedas que as formam na ordem que mais conveniente nos parecesse.

“Mas, quando o próprio médium é quem nos quer interrogar, é bom que reflita nisso seriamente a fim de nos fazer as suas perguntas com método, facilitando-nos assim o trabalho de responder a elas. Porque, como já te dissemos em instrução anterior, o cérebro humano está frequentemente em insolúvel desordem e, não só difícil, como também penoso se torna para nós mover-nos no

labirinto dos seus pensamentos. Quando seja um terceiro quem nos interroga, é bom e conveniente que a série de perguntas seja comunicada de antemão ao médium, para que este se identifique com o Espírito do evocador e dele, por assim dizer, se carregue, porque então, nós teremos mais facilidade para responder, por efeito da afinidade existente entre o nosso perispírito e o do médium que nos serve de intérprete.

“Sem dúvida, podemos falar de matemáticas nos servindo de um médium a quem estas sejam absolutamente estranhas; porém, quase sempre o Espírito desse médium possui em estado latente o conhecimento do assunto, isto é, conhecimento peculiar ao ser fluídico e não ao ser encarnado, por seu corpo atual ser um instrumento rebelde ou contrário a esse conhecimento. O mesmo se dá com a astronomia, com a poesia, com a medicina, com as diversas línguas, assim como com todos os outros conhecimentos relativos à espécie humana.

“Finalmente, ainda temos como meio penoso de elaboração, para ser usado com médiuns completamente estranhos ao assunto de que se trate, o da reunião das letras e das palavras, uma a uma, como em tipografia.

“Conforme acima dissemos, os Espíritos não precisam vestir seus pensamentos; eles os percebem e transmitem, reciprocamente, só pelo fato de os pensamentos existirem neles. Ao contrário, os seres corporais só podem perceber os pensamentos, quando revestidos. Enquanto que a letra, a palavra, o substantivo, o verbo, a frase, em suma, lhes são necessários para perceberem as ideias, mesmo mentalmente, nenhuma forma visível ou tangível nos é necessária a nós”.

ERASTO E TIMÓTEO.

Nota – Esta análise do papel dos médiuns e dos processos pelos quais os Espíritos se comunicam é tão clara quanto lógica. Como princípio, dela decorre que o Espírito busque, não as suas ideias, porém, os materiais de que necessita para expressá-las no cérebro do médium e que, quanto mais rico em materiais for esse cérebro, tanto mais fácil será a comunicação. Quando o Espírito se exprime num idioma familiar ao médium, encontra neste as palavras necessárias ao revestimento da ideia inteiramente formadas; se o faz numa língua estranha ao médium, não encontra neste as palavras, mas apenas as letras. Por isso é que o Espírito se vê obrigado a ditar, por assim dizer, letra a letra, tal qual como quem quisesse fazer que uma pessoa escrevesse em alemão quando desse idioma não conhecesse uma só palavra. Se o médium é analfabeto e não fornece nem mesmo as letras ao Espírito, se torna preciso a este lhe conduzir a mão, como se faz a uma criança que começa a aprender. Ainda maior dificuldade a vencer o Espírito encontra aí. Estes fenômenos são possíveis e há deles numerosos exemplos; compreende-se, no entanto, que semelhante maneira de proceder pouco apropriada se mostra para comunicações extensas e rápidas e que os Espíritos não de preferir os instrumentos de manejo mais fácil, ou como eles dizem, os médiuns bem aparelhados do ponto de vista deles. Se os que reclamam esses fenômenos – como meio de se convencerem – estudassem previamente a teoria, haviam de saber em que condições excepcionais eles se produzem.

CAPÍTULO XX

DA INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM

- QUESTÕES DIVERSAS
- DISSERTAÇÃO DE UM ESPÍRITO SOBRE A INFLUÊNCIA MORAL

226. 1ª O desenvolvimento da mediunidade tem relação com o desenvolvimento moral dos médiuns?

“Não; a mediunidade propriamente dita se instala no organismo e não depende do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso – que pode ser bom ou mau, conforme as qualidades do médium”.

2ª Sempre se diz que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor. Por que então não é um privilégio dos homens de bem e por que vemos pessoas indignas que a possuem no mais alto grau e que dela usam mal?

“Todas as capacidades são favores pelos quais a criatura deve render graças a Deus, pois que há homens privados delas. Poderiam igualmente perguntar por que Deus concede visão magnífica a malfeitores, destreza a gatunos, eloquência aos que dela se servem para dizer coisas nocivas. O mesmo se dá com a mediunidade. Se há pessoas indignas que a possuem, é que disso precisam mais do que as outras para se melhorarem. Pensam que Deus recusa meios de salvação aos culpados? Ao contrário, multiplica-os no caminho que eles percorrem; *põe-nos nas mãos deles*. Cabe-lhes aproveitá-los. Judas, o traidor, não fez milagres e não curou doentes, como apóstolo? Deus permitiu que ele tivesse esse dom, para mais odiosa tornar aos seus próprios olhos a traição que praticou”.

3ª Os médiuns, que fazem mau uso das suas aptidões, que não se servem delas para o bem, ou que não as aproveitam para se instruírem, sofrerão as consequências dessa falta?

“Serão punidos duplamente se fizerem mau uso delas, porque têm um meio a mais de se esclarecerem e o não aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso”.

4ª Há médiuns aos quais, espontaneamente e quase constantemente, são dadas comunicações sobre o mesmo assunto, sobre certas questões morais, por exemplo,

sobre determinados defeitos. Terá isso algum fim?

“Tem e esse fim é esclarecê-lo sobre o assunto frequentemente repetido, ou corrigi-los de certos defeitos. Por isso é que a uns falarão continuamente do orgulho, a outros, da caridade. É que só a saciedade lhes poderá afinal abrir os olhos. Não há médium que faça mau uso do seu dom – por ambição ou interesse, ou que a comprometa por causa de um defeito capital, como o orgulho, o egoísmo, a leviandade, etc. – e que de tempos a tempos não receba conselhos dos Espíritos. O pior é que as mais das vezes eles não as tomam como dirigidas a si próprios”.

Nota – É frequente os Espíritos usarem de rodeios em suas lições, dando-as de modo indireto para não tirarem o mérito àquele que as sabe aproveitar e aplicar. Porém, tais são a cegueira e o orgulho de algumas pessoas, que elas não se reconhecem no quadro que se põe diante dos seus olhos. Ainda mais: se o Espírito lhes dá a entender que é delas que se trata, zangam-se e o qualificam de mentiroso ou malicioso. Só isto basta para provar que o Espírito tem razão.

5ª De modo geral, nas lições ditadas sem aplicação pessoal ao médium ele não figura como instrumento passivo para instrução de alguém?

“Muitas vezes, os avisos e conselhos não lhe são dirigidos pessoalmente, mas a outros a quem não nos podemos dirigir, senão por intermédio dele, que, entretanto, deve tomar a parte que lhe caiba em tais avisos e conselhos, se não o amor-próprio o cega.

“Não creiam que a mediunidade seja dada somente para correção de uma ou duas pessoas, não! O objetivo é mais alto: trata-se da Humanidade. Um médium é um instrumento pouquíssimo importante, como indivíduo. Por isso é que, quando damos instruções que devem aproveitar à generalidade dos homens, nos servimos dos que oferecem as competências necessárias. Porém, tenham como certo que tempo virá em que os bons médiuns serão muito comuns, de sorte que os bons Espíritos não precisarão se servir de instrumentos maus”.

6ª Visto que as qualidades morais do médium afastam os Espíritos imperfeitos, como é que um médium dotado de boas qualidades transmite respostas falsas ou grosseiras?

“Por acaso vocês conhecem todos os mistérios da alma humana? Ademais, a criatura pode ser leviana e frívola sem que seja viciosa. Também isso se dá, porque às vezes ele necessita de uma lição, a fim de manter-se em guarda”.

7ª Por que os Espíritos superiores permitem que pessoas dotadas de grande poder, como médiuns, e que muito de bom poderiam fazer, sejam instrumentos do erro?

“Os Espíritos de que falam procuram influenciá-las; mas, quando essas pessoas consentem em ser arrastadas para mau caminho, eles as deixam ir. Daí o fato de se servirem delas com repugnância, visto que a *verdade não pode ser interpretada pela mentira*”.

8ª Será absolutamente impossível obter boas comunicações por um médium imperfeito?

“Um médium imperfeito pode algumas vezes obter boas coisas, porque se dispõe de uma bela faculdade, não é raro que os bons Espíritos se sirvam dele em circunstâncias especiais – na falta de outro; porém, isso só acontece

momentaneamente, porque desde que os Espíritos encontrem um que mais lhes convenha, dão preferência a este”.

Nota – Deve-se observar que, quando os bons Espíritos veem que um médium deixa de ser bem assistido e pelas suas imperfeições se torna presa dos Espíritos enganadores, quase sempre fazem surgir circunstâncias que lhes desvendam os defeitos e o afastam das pessoas sérias e bem-intencionadas, cuja boa-fé poderia ser confundida. Neste caso, quaisquer que sejam as faculdades que possua, seu afastamento não é de causar saudades.

9ª Qual o médium que se poderia qualificar de perfeito?

“Perfeito, ah! Bem sabes que a perfeição não existe na Terra, sem o que não estaríeis nela. Portanto, digam “bom médium” e já é muito, por isso que eles são raros. Médium perfeito seria aquele contra o qual os maus Espíritos jamais *ousassem* uma tentativa de enganá-lo. O melhor é aquele que, simpatizando somente com os bons Espíritos, tem sido o menos enganado”.

10ª Se ele só simpatiza com os bons Espíritos, como estes permitem que o médium seja enganado?

“Às vezes, os bons Espíritos permitem que isso aconteça com os melhores médiuns, para lhes exercitar a ponderação e para lhes ensinar a discernir o verdadeiro do falso. Depois, por muito bom que seja, um médium jamais é tão perfeito que não possa ser atacado por algum lado fraco. Isto lhe deve servir de lição. As falsas comunicações que ele recebe de tempos a tempos são avisos para que não se considere infalível e não se envaideça. Porque, o médium que receba as coisas mais notáveis não tem que se gloriar disso, como não tem o tocador de realejo que obtém belas árias movendo a manivela do seu instrumento”.

11ª Quais as condições necessárias para que a palavra dos Espíritos superiores nos chegue livre de qualquer alteração?

“Querer o bem; repulsar o *egoísmo* e o *orgulho*. Ambas essas coisas são necessárias”.

12ª Uma vez que a palavra dos Espíritos superiores não nos chega pura, senão em condições difíceis de se encontrarem preenchidas, esse fato não constitui um obstáculo à propagação da verdade?

“Não, porque a luz sempre chega ao que a deseja receber. Todo aquele que queira se esclarecer deve fugir das trevas e as trevas se encontram na impureza do coração.

“Os Espíritos, que consideram como personificações do bem, não atendem de boa vontade ao apelo dos que trazem o coração manchado pelo orgulho, pela ganância e pela falta de caridade.

“Então, que se limpem de toda a vaidade humana os que desejam se esclarecer e humilhem a sua inteligência ante o infinito poder do Criador. Esta a melhor prova que poderão dar da sinceridade do desejo que os anima. É uma condição a que todos podem satisfazer”.

227. Do ponto de vista da execução, se o médium não passa de um instrumento, todavia, exerce influência muito grande, sob o aspecto moral. Pois que, para se

comunicar, o Espírito desencarnado se identifica com o Espírito do médium, esta identificação não se pode verificar, senão havendo entre um e outro a simpatia e – se assim é lícito se dizer – afinidade. A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração ou de repulsão, conforme o grau da semelhança existente entre eles. Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por ele se comunicam. Se o médium é vicioso, em torno dele se vêm grupar os Espíritos inferiores, sempre prontos a tomar o lugar aos bons Espíritos evocados. As qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor do próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria.

228. Todas as imperfeições morais são outras tantas portas abertas ao acesso dos Espíritos maldosos. Mas a que eles exploram com mais habilidade é o orgulho, porque é a que a criatura menos confessa ter. O orgulho tem perdido muitos médiuns dotados das mais belas faculdades e que, se não fosse essa imperfeição, teriam se tornado instrumentos notáveis e muito úteis, ao passo que, presas de Espíritos mentirosos, suas capacidades se aniquilaram depois de se haverem pervertido e mais de um se viu humilhado por amargas decepções.

O orgulho nos médiuns se traduz por sinais inequívocos, a cujo respeito tanto mais necessário é que se insista, quanto constitui uma das causas mais fortes de suspeição, referente à veracidade de suas comunicações. Começa por uma confiança cega nessas mesmas comunicações e na infalibilidade do Espírito que lhes dá. Daí um certo desdém por tudo o que não venha deles: é que julgam ter o privilégio da verdade. O prestígio dos grandes nomes, com que os Espíritos tidos por seus protetores se enfeitam os deslumbra e como neles o amor-próprio sofreria se houvessem de confessar que são ludibriados, rejeitam todo e qualquer conselho; até nos evitam, afastando-se de seus amigos e de quem quer que lhes possa abrir os olhos. Quando resolvem escutá-los, não dão nenhum apreço às suas opiniões, porque duvidar do Espírito que os assiste seria quase uma profanação. Aborrecem-se com a menor contradita, com uma simples observação crítica e vão às vezes ao ponto de tomar ódio às próprias pessoas que lhes têm prestado serviço. Por favorecerem a esse isolamento a que os Espíritos que não querem contraditores os arrastam, esses mesmos Espíritos se comprazem em lhes conservar as ilusões para fazê-los considerar coisas sublimes as mais polpudas absurdidades. Estas são as características dos médiuns orgulhosos: confiança absoluta na superioridade do que obtém, desprezo pelo que não venha deles, irrefletida importância dada aos grandes nomes, recusa de todo conselho, suspeição sobre qualquer crítica, afastamento dos que podem emitir opiniões desinteressadas, crédito em suas aptidões, apesar de inexperientes.

Devemos também concordar em que muitas vezes o orgulho é despertado no médium pelos que o cercam. Se ele tem potencialidades um pouco transcendentais, é procurado e gabado e se julga indispensável. Logo toma ares de importância e indiferença quando presta ajuda a alguém. Mais de uma vez tivemos

motivo de deplorar elogios que dispensamos a alguns médiuns, com o intuito de animá-los.

229. Além disto, ponhamos em evidência o quadro do médium verdadeiramente bom, daquele em que se pode confiar. Vamos supô-los, antes de tudo, uma grandíssima facilidade de execução, que permita os Espíritos comunicarem livremente, sem encontrarem qualquer obstáculo material. Isto posto, o que mais importa considerar é de que natureza são os Espíritos que habitualmente o auxiliam, para o que não nos devemos ater aos nomes, porém, à linguagem. Jamais ele deverá perder de vista que a simpatia que os bons Espíritos lhe dispensam estará na razão direta de seus esforços por afastar os maus. Persuadido de que a sua mediunidade é um dom que só lhe foi entregue para o bem, de nenhum modo procura se prevalecer dela, nem apresentá-la como demonstração de mérito seu. Aceita as boas comunicações que lhe são transmitidas como uma graça de que deve tornar cada vez mais digno, pela sua bondade, pela sua benevolência e pela sua modéstia. O primeiro se orgulha de suas relações com os Espíritos superiores; este outro se humilha, por se considerar sempre abaixo desse favor.

230. A seguinte instrução sobre o assunto um Espírito – de quem temos inserido muitas comunicações – nos deu:

“Já dissemos: os médiuns, apenas como tais, só exercem influência secundária nas comunicações dos Espíritos; o papel deles é o de uma máquina elétrica, que transmite os despachos telegráficos, de um ponto da Terra a outro ponto distante. Assim, quando queremos ditar uma comunicação, agimos sobre o médium como o empregado do telégrafo sobre o aparelho, isto é, do mesmo modo que o tique-taque do telégrafo traça os sinais reprodutores do despacho sobre uma tira de papel, a milhares de léguas, também nós comunicamos, por meio do aparelho mediúnico, através das distâncias incomensuráveis que separam o mundo visível do mundo invisível, o mundo imaterial do mundo carnal, o que queremos lhes ensinar. Mas, assim como as influências atmosféricas atuam, perturbando, muitas vezes, as transmissões do telégrafo elétrico, igualmente a influência moral do médium atua e às vezes perturba a transmissão dos nossos despachos de além-túmulo, porque somos obrigados a fazê-los passar por um meio que lhes é contrário. Entretanto, muito dessa influência se anula pela nossa energia e vontade, e nenhum ato perturbador se manifesta. Com efeito, os ditados de alto alcance filosófico, as comunicações de perfeita moralidade são transmitidas algumas vezes por médiuns impróprios a esses ensinamentos superiores; enquanto que, por outro lado, comunicações pouco edificantes chegam também às vezes por médiuns que se envergonham de lhes haverem servido de condutores.

“Em tese geral, pode-se afirmar que os Espíritos atraem Espíritos que lhes são similares e que raramente os Espíritos das camadas elevadas se comunicam por aparelhos maus condutores, quando têm à mão bons aparelhos mediúnicos, bons médiuns, numa palavra.

“Longo, os médiuns levianos e pouco sérios atraem Espíritos da

mesma natureza; por isso é que suas comunicações se mostram cheias de banalidades, frivolidades, ideias truncadas e, não raro, muito heterodoxas, espiriticamente falando. Certamente, eles podem dizer – e às vezes dizem – coisas aproveitáveis; mas nesse caso é que principalmente se faz necessário um exame severo e escrupuloso, pois de envolta com essas coisas aproveitáveis, Espíritos hipócritas insinuam – com habilidade e falsidade premeditada – fatos de pura invencionice, asserções mentirosas, a fim de iludir a boa-fé dos que lhes dispensam atenção. Então, sem piedade devem riscar toda palavra, toda frase equívoca e só conservar do ditado o que a lógica possa aceitar, ou o que a Doutrina já ensinou. As comunicações desta natureza só são de temer para os espíritas que trabalham isolados, para os grupos novos ou pouco esclarecidos, visto que, nas reuniões onde os adeptos estão adiantados e já adquiriram experiência, o corvo perde o seu tempo a se adornar com as penas do pavão: acaba sempre desmascarada.

“Não falarei dos médiuns que se comprazem em solicitar e receber comunicações obscenas. Deixemos que se deleitem na companhia dos Espíritos cínicos. Aliás, os autores das comunicações desta ordem buscam a solidão e o isolamento por si mesmos; porque só poderão causar desprezo e nojo entre os membros dos grupos filosóficos e sérios. Porém, onde a influência moral do médium se faz realmente sentir, é quando ele substitui as ideias que os Espíritos se esforçam por lhe sugerir pelas que lhe são pessoais e também quando tira da sua imaginação teorias fantásticas que de boa-fé julga resultarem de uma comunicação intuitiva. É de apostar então mil contra um que isso não passa de reflexo do próprio Espírito do médium. Ocorre mesmo o fato curioso de a mão do médium se mover quase mecanicamente às vezes, motivada por um Espírito atrasado e zombeteiro. É esse o ponto principal contra o qual vêm se quebrar as imaginações ardentes, por isso que, arrebatados pelo ímpeto de suas próprias ideias, pelos enfeites de seus conhecimentos literários, os médiuns desconhecem o ditado modesto de um Espírito criterioso e, abandonando a presa pela sombra, o substituem por uma má interpretação. Contra este terrível perigo as personalidades ambiciosas vêm igualmente chocar-se que, em falta das comunicações que os bons Espíritos lhes recusam, apresentam suas próprias obras como sendo desses Espíritos. Daí a necessidade de os diretores dos grupos espíritas serem dotados de fino tato, de rara sagacidade, para discernir as comunicações autênticas das que não o são e para não ferir os que se iludem a si mesmos.

“*Na dúvida, abstenham-se* – diz um dos seus velhos provérbios. Não admitam, portanto, senão o que seja de real evidência aos olhos. Desde que uma opinião nova venha a ser levantada, por pouco que pareça duvidosa, façam que ela passe pelo crivo da razão e da lógica e rejeitem sem temer o que a razão e o bom-senso reprovarem. Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea. Efetivamente, sobre essa teoria poderiam edificar um sistema completo, que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre areia movediça, ao passo que, se rejeitarem hoje algumas

verdades – porque não lhes são demonstradas clara e logicamente –, mais tarde um fato brutal, ou uma demonstração irrefutável virá lhes afirmar a sua autenticidade.

“Lembrem-se, no entanto, ó espíritas! de que para Deus e para os bons Espíritos só há um impossível: a injustiça e a iniquidade.

“O Espiritismo já está bastante espalhado entre os homens e já moralizou suficientemente os adeptos sinceros da sua santa doutrina, para que os Espíritos já não se vejam constrangidos a usar de maus instrumentos, de médiuns imperfeitos. Se agora um médium – qualquer que ele seja – se tornar objeto de legítima suspeição, pelo seu proceder, pelos seus costumes, pelo seu orgulho, pela sua falta de amor e de caridade, rejeitem, rejeitem suas comunicações, porque aí estará uma serpente oculta entre as ervas. É esta a conclusão a que chego sobre a influência moral dos médiuns”.

ERASTO

CAPÍTULO XXI

DA INFLUÊNCIA DO MEIO

231. 1ª O meio em que se acha o médium exerce alguma influência nas manifestações?

“Todos os Espíritos que cercam o médium o auxiliam – para o bem ou para o mal”.

2ª Os Espíritos superiores não podem triunfar da má vontade do Espírito encarnado que lhes serve de intérprete e dos que o cercam?

“Podem, quando julgam conveniente e conforme a intenção da pessoa que a eles se dirige. Já o dissemos: os Espíritos mais elevados se comunicam, às vezes, por uma graça especial, apesar da imperfeição do médium e do meio, mas então, estes se conservam completamente estranhos ao fato”.

3ª Os Espíritos superiores procuram encaminhar as reuniões fúteis para uma corrente de ideias sérias?

“Os Espíritos superiores não vão às reuniões onde sabem que a presença deles é inútil. Nos meios pouco instruídos, mas onde há sinceridade, de boa mente vamos, ainda mesmo que aí só encontremos instrumentos medíocres. Não vamos, porém, aos meios instruídos onde domina a ironia. Em tais meios, é necessário se fale aos ouvidos e aos olhos: esse o papel dos Espíritos batedores e zombeteiros. Convém que aqueles que se orgulham da sua ciência sejam humilhados pelos Espíritos menos instruídos e menos adiantados”.

4ª Aos Espíritos inferiores é interdito o acesso às reuniões sérias?

“Não, algumas vezes lhes é permitido assistir a elas, a fim de aproveitarem os ensinamentos que lhes são dados; mas, conservam-se silenciosos, *como ignorantes numa assembleia de gente sabida*”.

232. Seria erro acreditar em alguém que precisa ser médium para atrair a si os seres do mundo invisível. Eles povoam o espaço; temos eles incessantemente em torno de nós, ao nosso lado, vendo-nos, observando-nos, intervindo em nossas reuniões, seguindo-nos ou evitando-nos – conforme os atraímos ou repelimos. A faculdade mediúnica em nada influi para isto: ela mais não é do que um meio de comunicação. De acordo com o que dissemos acerca das causas de simpatia ou antipatia dos Espíritos, facilmente se compreenderá que devemos estar cercados daqueles que têm

afinidade com o nosso próprio Espírito, conforme é este graduado ou degradado. Consideremos agora o estado moral do nosso planeta e compreenderemos de que gênero devem ser os que predominam entre os Espíritos errantes. Se tomarmos cada povo em particular, poderemos dizer de que tipo são os Espíritos que de preferência se reúnem no seio dele; pelo caráter dominante dos habitantes, pelas suas preocupações, seus sentimentos mais ou menos morais e *humanitários*.

Partindo deste princípio, suponhamos uma reunião de homens levianos, inconsequentes, ocupados com seus prazeres; quais serão os Espíritos que preferentemente os cercarão? Não serão de certo Espíritos superiores, do mesmo modo que não seriam os nossos sábios e filósofos os que iriam passar o seu tempo em semelhante lugar. Assim, onde quer que haja uma reunião de homens, há igualmente em torno deles uma assembleia invisível que simpatiza com suas qualidades ou com seus defeitos, exceção *feita completa de toda ideia de evocação*. Admitamos agora que tais homens tenham a possibilidade de se comunicar com os seres do mundo invisível por meio de um intérprete, isto é, por um médium; quais serão os que lhes responderão ao chamado? Evidentemente, os que os estão rodeando de muito perto, à espera de uma ocasião para se comunicarem. Se, numa assembleia fútil chamarem um Espírito superior, este poderá vir e até proferir algumas palavras ponderosas, como um bom pastor que acode ao chamamento de suas ovelhas desgarradas. Porém, desde que não se veja compreendido, nem ouvido, retira-se, como em seu lugar o faria qualquer de nós, ficando os outros com o campo livre.

233. Nem sempre basta que uma assembleia seja séria para receber comunicações de ordem elevada. Há pessoas que nunca riem e cujo coração nem por isso é puro. Ora, sobretudo o coração é que atrai os bons Espíritos. Nenhuma condição moral exclui as comunicações espíritas; os que, porém, estão em más condições, esses se comunicam com os que lhes são semelhantes, os quais não deixam de enganar e de lisonjear os preconceitos. Por aí se vê a influência enorme que o meio exerce sobre a natureza das manifestações inteligentes. Essa influência, entretanto, não se exerce como algumas pessoas pretenderam, quando ainda se não conhecia o mundo dos Espíritos igual se conhece hoje, e antes que experiências mais concludentes houvessem esclarecido as dúvidas. Quando as comunicações concordam com a opinião dos assistentes, não é que essa opinião se reflita no Espírito do médium, como num espelho; é que com os assistentes estão Espíritos que lhes são simpáticos – para o bem, tanto quanto para o mal –, e que fartam nos seus modos de ver. A prova está no fato de que se tiverem a força de atrair outros Espíritos, que não os que lhes cercam, o mesmo médium usará de linguagem absolutamente diversa e dirá coisas muito distanciadas das suas ideias e das suas convicções.

Em resumo: as condições do meio serão tanto melhores, quanto mais igualdade houver para o bem, mais sentimentos puros e elevados, mais desejo sincero de instrução, sem ideias preconcebidas.

CAPÍTULO XXII

DA MEDIUNIDADE DOS ANIMAIS

234. Os animais podem ser médiuns? Muitas vezes esta pergunta tem sido formulada, à qual parece que alguns fatos respondem afirmativamente. O que tem autorizado a opinião dos que pensam assim são principalmente os notáveis sinais de inteligência de alguns pássaros que, educados, parecem adivinhar o pensamento e tiram de um maço de cartas as que podem responder com exatidão a uma pergunta feita. Observamos com especial atenção tais experiências e o que mais admiramos foi a arte que houve de ser empregada para a instrução dos ditos pássaros. Incontestavelmente, não se pode recusar neles certa dose de inteligência relativa, mas se torna preciso convir em que nesta circunstância a perspicácia deles ultrapassaria de muito a do homem, pois ninguém há que possa lisonjear-se de fazer o que eles fazem. Seria mesmo necessário supor-lhes um dom de segunda vista para algumas experiências, superior ao dos sonâmbulos mais lúcidos. Com efeito, sabemos que a lucidez é essencialmente variável e sujeita a frequentes intervalos, ao passo que nesses animais seria permanente e funcionaria com uma regularidade e precisão que em nenhum sonâmbulo se veem.

Numa palavra: ela nunca lhes faltaria. Na sua maior parte, as experiências que presenciamos são da natureza das que fazem os enganadores e não podiam nos deixar em dúvida sobre o emprego de alguns dos meios de que estes usam, notadamente o das cartas forçadas. A arte da prestidigitação⁴² consiste em simular esses meios, sem o que o efeito não teria graça. Todavia, mesmo reduzido a estas proporções, o fenômeno não se apresenta menos interessante e há sempre que admirar o talento do instrutor, tanto quanto a inteligência do aluno, pois que a dificuldade a vencer é bem maior do que seria se o pássaro agisse apenas em virtude de suas próprias capacidades. Ora, levá-lo a fazer coisas que excedem o limite do possível para a inteligência humana é provar, por este simples fato, o emprego de um processo secreto. Aliás, há uma circunstância que jamais deixa de verificar-se: a de que os pássaros só chegam a tal grau de habilidade, ao cabo de certo tempo e mediante cuidados especiais e perseverantes, o que não seria necessário, se apenas a inteligência deles estivesse em jogo. Não é mais extraordinário educá-los para tirar cartas, do que os habituar a repetir árias, ou palavras.

⁴² **Prestidigitação:** enganação, ilusionismo – N. D.

O mesmo se verificou, quando a prestidigitação pretendeu imitar a segunda vista. Obrigava-se o paciente a ir ao extremo, para que a ilusão durasse longo tempo. Desde a primeira vez que assistimos a uma sessão deste gênero, nada mais vimos do que muito imperfeita imitação do sonambulismo, revelando ignorância das condições essenciais dessa faculdade.

235. Como quer que seja, em relação às experiências de que acima falamos, não permanece menos integral, de outro ponto de vista, a questão principal, por isso que, assim como a imitação do sonambulismo não impede que a faculdade exista, também a imitação da mediunidade por meio dos pássaros nada prova contra a possibilidade da existência neles, ou em outros animais, de uma habilidade igual.

Assim, trata-se de saber se, como os homens, os animais são aptos a servir de intermediários aos Espíritos para suas comunicações inteligentes. Muito lógico parece mesmo se suponha que um ser vivo, dotado de certa dose de inteligência, seja mais apto para esse efeito do que um corpo inerte, sem vitalidade, qual, por exemplo, uma mesa. É, entretanto, o que não se dá.

236. A questão da mediunidade dos animais se acha completamente resolvida na dissertação seguinte, feita por um Espírito cuja profundidade e sagacidade os leitores poderão apreciar nas citações, que temos tido ocasião de fazer, de instruções suas. Para bem se apreender o valor da sua demonstração, é essencial que se tenha em vista a explicação por ele dada do papel do médium nas comunicações, explicação que atrás reproduzimos (Nº 225).

Esta comunicação ele deu em seguida a uma discussão que se travara sobre o assunto, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos:

“Explicarei hoje a questão da mediunidade dos animais, levantada e sustentada por um dos seus mais fervorosos adeptos. em virtude deste ditado: *Quem pode o mais pode o menos*, ele pretende que podemos ‘mediunizar’ os pássaros e os outros animais e nos servir deles nas nossas comunicações com a espécie humana. É o que em filosofia – ou antes, em lógica – chamam pura e simplesmente um *sofisma*. Diz ele: ‘Podem animar a matéria inerte, isto é, uma mesa, uma cadeira, um piano; *a fortiori*⁴³, devem poder animar a matéria já animada e particularmente pássaros”. Pois bem! No estado normal do Espiritismo, não é assim, não pode ser assim.

“Primeiramente, vamos nos entender bem acerca dos fatos. O que é um médium? É o ser, é o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, para que estes possam se comunicar facilmente com os homens: Espíritos encarnados. Por conseguinte, sem médium, não há comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas, de qualquer natureza que seja.

“Estou certo que há um princípio – que todos os espíritas admitem – que os semelhantes atuam com seus semelhantes e como seus semelhantes. Ora, quais são os semelhantes dos Espíritos, senão os Espíritos, encarnados ou não? Será preciso repetir incessantemente? Pois bem! Repetirei ainda: o seu perispírito e o nosso procedem do mesmo meio,

⁴³ **A fortiori:** aquilo que é baseado na experiência prática e comprovada por fatos – N. D.

são de natureza idêntica – numa palavra, são semelhantes. Possuem uma propriedade de assimilação mais ou menos desenvolvida, de magnetização mais ou menos vigorosa, que nos permite a nós – Espíritos desencarnados e encarnados – nos colocarmos em comunicação muito pronta e facilmente. Enfim, o que é próprio aos médiuns, o que é da essência mesma da individualidade deles, é uma afinidade especial e, ao mesmo tempo, uma força de expansão particular que lhes suprimem todo impedimento e estabelecem entre eles e nós uma espécie de corrente, uma espécie de fusão, que nos facilita as comunicações. É, em suma, esse impedimento da matéria que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade, na maior parte dos que não são médiuns.

“Os homens se mostram sempre propensos a exagerar em tudo; uns, negam alma aos animais (não falo aqui dos materialistas), outros de boa mente lhes atribuem uma, por assim dizer, igual à nossa. Por que hão de pretender deste modo confundir o perfectível com o imperfectível? Não, não, fiquem certos! O fogo que anima os irracionais, o sopro que os faz agir, mover e falar na linguagem que lhes é própria, quanto ao presente, não tem nenhuma aptidão para se mesclar, unir, fundir com o sopro divino, a alma etérea – o Espírito em uma palavra –, que anima o ser essencialmente perfectível: o homem, o rei da criação. Ora, não é essa condição fundamental de perfectibilidade o que constitui a superioridade da espécie humana sobre as outras espécies terrestres? Então, reconheçam que não se pode assimilar ao homem, que só ele é perfectível em si mesmo e nas suas obras, nenhum indivíduo das outras raças que vivem na Terra.

“O cão – que pela sua inteligência superior entre os animais, se tornou o amigo e o companheiro do homem – será perfectível por si mesmo, por sua iniciativa pessoal? Ninguém ousaria afirmá-lo, pois o cão não faz progredir o cão. Aquele entre eles que se mostre mais bem-educado, sempre foi assim pelo seu dono. Desde que o mundo é mundo, a lontra sempre construiu sua choça em cima d’água, seguindo as mesmas proporções e uma regra invariável; os rouxinóis e as andorinhas jamais construíram os respectivos ninhos senão do mesmo modo que seus pais fizeram. Um ninho de pardais de antes do dilúvio, como um ninho de pardais dos tempos modernos, é sempre um ninho de pardais, edificado nas mesmas condições e com o mesmo sistema de entrelaçamento das palhinhas e dos fragmentos apanhados na primavera, na época dos amores. As abelhas e formigas, que formam pequeninas repúblicas bem administradas, jamais mudaram seus hábitos de abastecimento, sua maneira de proceder, seus costumes, suas produções. A aranha, finalmente, tece a sua teia sempre do mesmo modo.

“Por outro lado, se procurarem as cabanas de folhagens e as tendas das primeiras idades do mundo, encontrarão, em lugar de umas e outras, os palácios e os castelos da civilização moderna. Às vestes de peles brutas sucederam os tecidos de ouro e seda. Enfim, a cada passo vocês acham a prova da marcha incessante da Humanidade pela senda do progresso.

“Desse progresso constante, invencível e irrecusável do Espírito

humano e desse estacionamento indefinido das outras espécies animais, haverão de concluir comigo que, se é certo que existem princípios comuns a tudo o que vive e se move na Terra: o sopro e a matéria, não é menos certo que somente vocês, Espíritos encarnados, estão submetidos a inevitável lei da evolução, que os leva fatalmente para diante e sempre para diante. Deus colocou os animais ao seu lado como auxiliares, para lhes alimentarem, para lhes vestirem, para lhes ajudarem. Deu-lhes uma certa dose de inteligência, porque para lhes servirem eles precisavam compreender, porém lhes cedeu inteligência apenas proporcionada aos serviços que são chamados a prestar. Mas, em Sua sabedoria, Ele não quis que estivessem sujeitos à mesma lei do progresso. Tais como foram criados se conservaram e se conservarão até à extinção de suas raças.

“Dizem: os Espíritos ‘mediunizam’ a matéria inerte e fazem que se movam cadeiras, mesas, pianos. Fazem que se movam, sim, ‘mediunizam’, não! Pois, mais uma vez o digo: sem médium, nenhum desses fenômenos pode se produzir. Que há de extraordinário em que, com o auxílio de um ou de muitos médiuns, façamos que a matéria inerte e passiva se mova, que precisamente em virtude da sua passividade, da sua inércia, é apropriada a executar os movimentos e as impulsões que lhe queiramos imprimir? Para isso, precisamos de médiuns, é fato; mas, não é necessário que o médium esteja presente ou *consciente*, pois que podemos atuar com os elementos que ele nos fornece, fora de sua vontade e ausente, sobretudo para produzir os fatos de tangibilidade e o de transportes. O nosso envoltório fluídico, mais imponderável e mais sutil do que o mais sutil e o mais imponderável dos gases de vocês, com uma propriedade de expansão e de penetrabilidade inapreciável para os seus sentidos grosseiros e quase inexplicável para vocês, unindo-se, casando-se, combinando-se com o envoltório fluídico, porém *animalizado*, do médium, nos permite executar movimento a móveis quaisquer e até quebrá-los em aposentos desabitados.

“É certo que os Espíritos podem se tornar visíveis e tangíveis aos animais e muitas vezes o terror súbito que eles denotam, sem que lhe percebais a causa, é determinado pela visão de um ou de muitos Espíritos, mal-intencionados com relação aos indivíduos presentes, ou com relação aos donos dos animais. Ainda com mais frequência veem cavalos que se negam a avançar ou a recuar, ou que empinam diante de um obstáculo imaginário. Pois bem! Tenham como certo que o obstáculo imaginário é quase sempre um Espírito ou um grupo de Espíritos que se comprazem em impedi-los de se mover. Lembrem-se da mula de Balaão que, vendo um anjo diante de si e temendo a sua espada flamejante, teimava em não dar um passo. É que antes de se manifestar visivelmente a Balaão, o anjo quisera se tornar visível somente para o animal. Mas, repito, não mediunizamos diretamente nem os animais, nem a matéria inerte. É-nos sempre necessário o auxílio *consciente* ou *inconsciente* de um médium humano, porque precisamos da união de fluidos similares – o que não achamos nem nos animais, nem na matéria bruta.

“Dizem que o Sr. T... magnetizou o seu cão. A que resultado

chegou? Matou-o, porque o infeliz animal morreu, depois de haver caído numa espécie de atonia, de langor, conseqüentes à sua magnetização. Com efeito, saturando-o de um fluido haurido numa essência superior à essência especial da sua natureza de cão, ele o esmagou, agindo sobre o animal como um raio, ainda que mais lentamente. Assim, pois, como não há assimilação possível entre o nosso perispírito e o envoltório fluídico dos animais, propriamente ditos, nós os aniquilaríamos instantaneamente, se os mediunizássemos.

“Isto posto, reconheço perfeitamente que há nos animais aptidões diversas; que certos sentimentos, certas paixões, idênticas às paixões e aos sentimentos humanos, se desenvolvem neles; que são sensíveis e reconhecidos, vingativos e odientos – conforme se procede bem ou mal com eles. E que Deus – que nada fez incompleto – deu aos animais, os companheiros ou servidores do homem, qualidades de sociabilidade, que faltam inteiramente aos animais selvagens, habitantes das solidões. Mas, daí a poderem servir de intermediários para a transmissão do pensamento dos Espíritos, há um abismo: a diferença das naturezas.

“Sabem que tomamos ao cérebro do médium os elementos necessários a dar ao nosso pensamento uma forma que lhes seja sensível e apreensível; é com o auxílio dos materiais que possui que o médium traduz o nosso pensamento em linguagem vulgar. Ora bem! Que elementos encontraríamos no cérebro de um animal? Ele tem ali palavras, números, letras, sinais quaisquer, semelhantes aos que existem no homem, mesmo o menos inteligente? Entretanto, dirão que os animais compreendem o pensamento do homem e até o adivinham. Os animais educados compreendem certos pensamentos, mas já os vistes alguma vez reproduzi-los? Não. Devem então concluir que os animais não nos podem servir de intérpretes.

“Resumindo: os fatos mediúnicos não podem acontecer sem a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns; e somente entre os encarnados, Espíritos como nós, podemos encontrar os que nos sirvam de médiuns. Quanto a educar cães, pássaros, ou outros animais, para fazerem tais ou tais exercícios, é trabalho de vocês e não nosso”.

ERASTO

Nota --- Na REVISTA ESPÍRITA, de setembro de 1861, encontra-se, em detalhes, um processo empregado pelos educadores de pássaros sábios, com o fim de fazê-los tirar de um maço de cartas as que se queiram.

CAPÍTULO XXIII

DA OBSESSÃO

- OBSESSÃO SIMPLES
- FASCINAÇÃO
- SUBJUGAÇÃO
- CAUSAS DA OBSESSÃO
- MEIOS DE COMBATÊ-LA

237. Entre os perigos que a prática do Espiritismo apresenta, devemos colocar na primeira linha a **obsessão**, isto é, o domínio que alguns Espíritos adquirem sobre certas pessoas. Sempre é praticada pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons Espíritos não infligem nenhum constrangimento, mas aconselham, combatem a influência dos maus e, se não os ouvem, retiram-se. Os maus, ao contrário, se agarram àqueles de quem podem fazer suas presas. Se chegam a dominar algum, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fosse verdadeira criança.

A obsessão apresenta diversos tipos, que é preciso distinguir e que resultam do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. De certo modo, a palavra *obsessão* é um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de fenômeno, cujas principais variedades são: a **obsessão simples**, a **fascinação** e a **subjugação**.

238. A **obsessão simples** acontece quando um Espírito malvado se impõe contra a vontade do médium, se intromete nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados.

Ninguém está obsidiado pelo simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso e o melhor médium se acha exposto a isso – sobretudo no começo, quando ainda lhe falta a experiência necessária –, do mesmo modo que, entre nós homens, os mais honestos podem ser enganados por velhacos. Desta forma, podemos ser enganados sem estarmos obsidiados. A obsessão consiste na persistência de um Espírito, do qual não consegue se desembaraçar, a pessoa sobre quem ele atua.

Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que se acha vítima de um Espírito mentiroso e este não se disfarça; não dissimula nenhuma forma suas más intenções e o seu propósito de contrariar. O médium reconhece sem dificuldade a crueldade e, como se mantém em guarda, raramente é enganado. Este gênero de obsessão é, portanto, apenas desagradável e não tem outro inconveniente, além do

de opor obstáculo às comunicações que se desejara receber de Espíritos sérios, ou dos afeiçoados. Podemos incluir nesta categoria os casos de **obsessão física**, isto é, a que consiste nas manifestações ruidosas e obstinadas de alguns Espíritos, que fazem que se ouçam pancadas ou outros ruídos espontaneamente. Pelo que se refere a este fenômeno, consulte o capítulo *Das manifestações físicas espontâneas* (Nº 82).

239. A fascinação tem consequências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que de certa maneira lhe paralisa o raciocínio relativamente às comunicações. O médium fascinado não acredita que alguém o esteja enganando: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver a falsidade e de compreender o absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de toda gente. A ilusão pode mesmo ir até ao ponto de fazê-lo achar sublime a linguagem mais ridícula. Seria erro acreditar que só as pessoas simples, as ignorantes e as com faltas de senso estão sujeitas a este gênero de obsessão. Dela não se acham isentos nem os homens experientes, os mais instruídos e os mais inteligentes sob outros aspectos – o que prova que tal aberração é efeito de uma causa estranha, cuja influência eles sofrem.

Já dissemos que as consequências da fascinação são efetivamente muito mais graves, graças à ilusão que dela decorre, o Espírito conduz o indivíduo de quem ele chegou a se apoderar como faria com um cego e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade. Ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas.

Compreende-se facilmente toda a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação; compreende-se também que os Espíritos que produzem esses dois efeitos devem diferir de caráter. Na primeira, o Espírito que se agarra à pessoa não passa de um importuno pela sua tenacidade e de quem aquela se impacienta por se desembaraçar. Na segunda, a coisa é muito diversa: para chegar a tais fins, é preciso que o Espírito seja esperto, ardiloso e profundamente hipócrita, porque não pode operar a mudança e fazer-se acolhido senão por meio da máscara que toma e de um falso aspecto de virtude. Os grandes termos – caridade, humildade, amor de Deus – lhe servem como que de carta de crédito, porém, através de tudo isso, deixa passar sinais de inferioridade que só o **fascinado** é incapaz de perceber. Por isso mesmo, aquilo que o fascinador mais teme são as pessoas que veem claro. Daí o fato de em sua tática consistir quase sempre em inspirar ao seu intérprete o afastamento de quem quer que lhe possa abrir os olhos. Por esse meio, evitando toda contradição, fica certo de ter razão sempre.

240. A subjugação é uma pressão que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a contragosto. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro *jugo*.

A subjugação pode ser *moral* ou *corporal*. No primeiro caso, o subjugado é constringido a tomar decisões muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é uma como fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. No médium escrevente, traduz-se por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos. Vimos alguns que, à falta de pena ou lápis, simulavam

escrever com o dedo, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas, nas paredes.

Às vezes, a subjugação corporal vai mais longe; pode levar aos mais ridículos atos. Conhecemos um homem, que não era jovem, nem belo e que, sob o império de uma obsessão dessa natureza, se via constringido por uma força irresistível a pôr-se de joelhos diante de uma moça a cujo respeito nenhuma pretensão nutria e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e nos jarretes uma pressão enérgica que o forçava a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e em presença da multidão – apesar da resistência que lhe opunha. Esse homem passava por louco entre as pessoas de suas relações; mas estamos convencidos de que absolutamente não era loucura, pois tinha consciência plena do ridículo do que fazia contra a sua vontade e com isso sofria horrivelmente.

241. Dava-se antigamente o nome de **possessão** ao império exercido por maus Espíritos, quando a influência deles ia até à aberração das faculdades da vítima. A possessão seria para nós sinônimo da subjugação. Por dois motivos deixamos de adotar esse termo: primeiro, porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente dedicados ao mal, enquanto que não há senão seres mais ou menos imperfeitos, os quais todos podem se melhorar; segundo, porque implica igualmente a ideia do apoderamento de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, ao passo que o que há é apenas constringimento. A palavra *subjugação* exprime perfeitamente a ideia. Assim, para nós, não há *possessos*, no sentido vulgar do termo, há somente **obsidiados**, **subjugados** e **fascinados**.

242. A obsessão, como dissemos, é um dos maiores empecilhos da mediunidade e também um dos mais frequentes. Por isso mesmo não serão demais todos os esforços que se empreguem para combatê-la, pois além dos inconvenientes pessoais que acarreta, é um obstáculo absoluto à bondade e à veracidade das comunicações. A obsessão, de qualquer grau – sendo sempre efeito de um constringimento e este não podendo jamais ser exercido por um bom Espírito –, segue-se que toda comunicação dada por um médium obsidiado é de origem suspeita e nenhuma confiança merece. Se nelas alguma coisa de bom se encontrar, guarde-se isso e rejeite-se tudo o que for simplesmente duvidoso.

243. Reconhece-se a obsessão pelas seguintes características:

1ª Persistência de um Espírito em se comunicar, de boa ou má vontade, pela escrita, pela audição, pela tiptologia, etc., opondo-se a que outros Espíritos o façam;

2ª Ilusão que, apesar da inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe;

3ª Crença na infalibilidade e na identidade absoluta dos Espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem coisas falsas ou absurdas;

4ª Confiança do médium nos elogios que lhe dispensam os Espíritos que por ele se comunicam;

5ª Disposição para se afastar das pessoas que podem emitir opiniões aproveitáveis;

6ª Tomar a mal a crítica das comunicações que recebe;

7ª Necessidade incessante e inoportuna de escrever;

8ª Constrangimento físico qualquer, dominando-lhe a vontade e forçando-o a agir ou falar contra sua vontade;

9ª Rumores e desordens persistentes ao redor do médium, sendo ele de tudo a causa, ou o objeto.

244. Diante do perigo da obsessão, ocorre perguntar se não é lastimável ser médium. Não é a mediunidade que a provoca? Numa palavra, isso não é uma prova de inconveniência das comunicações espíritas? A resposta se apresenta fácil para nós e pedimos que a meditem cuidadosamente:

Não foram os médiuns, nem os espíritas que criaram os Espíritos; ao contrário: foram os Espíritos que fizeram que haja espíritas e médiuns. Não sendo os Espíritos mais do que as almas dos homens, é claro que há Espíritos desde quando há homens; por conseguinte, desde todos os tempos eles exerceram influência saudável ou perniciosa sobre a Humanidade. A mediunidade não lhes é mais que um meio de se manifestarem. Em falta dessa ferramenta, fazem-no por mil outras maneiras, mais ou menos ocultas. Logo, seria erro crer que só por meio das comunicações escritas ou verbais os Espíritos exercem sua influência. Esta influência é de todos os instantes e mesmo os que não se ocupam com os Espíritos ou até não creem neles estão expostos a sofrê-la, como os outros e mesmo mais do que os outros, porque não têm com que a contrabalançam. A mediunidade é, para o Espírito, um meio de se fazer conhecido. Se ele é mau, sempre se trai, por mais hipócrita que seja. Então, podemos dizer que a mediunidade permite vermos o inimigo face a face – se assim nos podemos exprimir – e combatê-lo com suas próprias armas. Sem essa faculdade, ele age na sombra e, tendo a seu favor a invisibilidade, pode fazer e faz realmente muito mal. A quantos atos o homem não é incitado, para desgraça sua, e que teria evitado se dispusesse de um meio de se esclarecer! Os incrédulos não imaginam enunciar uma verdade, quando dizem de um homem que se transvia teimosamente: “É o seu mau mentor que o leva à própria perda”. Sendo isto, o conhecimento do Espiritismo, ao contrário de facilitar o predomínio dos maus Espíritos, há de ter como resultado, em tempo mais ou menos próximo, e quando se achar propagado, *destruir esse predomínio*, dando a cada um os meios de se pôr em guarda contra as sugestões deles. Aquele então que cair só terá que se queixar de si.

Regra geral: quem quer que receba más comunicações espíritas – escritas ou verbais – está sob má influência; essa influência se exerce sobre ele, quer escreva, quer não, isto é, seja ou não seja médium, creia ou não creia. A escrita permite um meio de ser apreciada a natureza dos Espíritos que sobre ele atuam e de serem combatidos, se forem maus, o que se consegue com mais êxito quando se chega a conhecer os motivos da ação que desenvolvem. Se bastante cego é ele para o

não compreender, podem outros abrir-lhe os olhos.

Em resumo: o perigo não está no Espiritismo em si mesmo, pois que este pode, ao contrário, servir-nos de direção e nos preservar do risco que corremos incessantemente à nossa revelia. O perigo está na orgulhosa propensão de certos médiuns para muito levemente se julgarem instrumentos exclusivos de Espíritos superiores e nessa espécie de fascinação que lhes não permite compreender as tolices de que são intérpretes. Mesmo os que não são médiuns podem deixar-se apanhar. Façamos uma comparação: um homem tem um inimigo secreto, a quem não conhece e que contra ele espalha rasteiramente a calúnia e tudo o que a mais negra maldade possa inventar; o infeliz vê a sua fortuna se perder, afastarem-se seus amigos, perturbada a sua ventura íntima; não podendo descobrir a mão que o fere, se acha impossibilitado de se defender e tomba. Mas, um belo dia, esse inimigo oculto lhe escreve e se trai, apesar de todas as emboscadas de que se vale. Eis descoberto o perseguidor do pobre homem, que desde então pode confundi-lo e se reabilitar. Tal o papel dos maus Espíritos, que o Espiritismo nos proporciona a possibilidade de conhecer e desmascarar.

245. As causas da obsessão variam de acordo com o caráter do Espírito. Às vezes, é uma vingança que este toma de um indivíduo de quem guarda queixas da sua vida presente ou do tempo de outra existência. Muitas vezes também não há mais do que o desejo de fazer mal: o Espírito, como sofre, deseja fazer que os outros sofram; encontra uma espécie de prazer em atormentá-los e vexá-los, e a impaciência que a vítima demonstra por isso mais o aguça, porque esse é o objetivo que visa, ao passo que a paciência o leva a se cansar. Com o fato de se irritar e se mostrar ressentido, o perseguido faz exatamente o que o seu perseguidor quer. Esses Espíritos agem, não raro por ódio e inveja do bem; daí o fato de lançarem suas vistas maldosas sobre as pessoas mais honestas. Um deles se apegou como “tinha” a uma honrada família do nosso conhecimento, à qual, aliás, não teve a satisfação de enganar. Interrogado acerca do motivo por que se agarrara a pessoas distintas, em vez de fazer a homens maus como ele, respondeu: estes não me causam inveja. Outros são guiados por um sentimento de covardia, que os induz a se aproveitarem da fraqueza moral de certos indivíduos, que eles sabem incapazes de lhes resistirem. Um destes últimos, que subjugava um rapaz de inteligência muito apoucada, interrogado sobre os motivos dessa escolha, respondeu: *Tenho grandíssima necessidade de atormentar alguém; uma pessoa criteriosa me repeliria; ligo-me a um idiota, que não me oferece nenhuma força de defesa.*

246. Há Espíritos obsessores sem maldade, que mesmo denotam alguma coisa de bom, mas dominados pelo orgulho do falso saber. Têm suas ideias, suas teorias sobre as ciências, a economia social, a moral, a religião, a filosofia, e querem fazer que suas opiniões prevaleçam. Para esse efeito, procuram médiuns bastante crédulos para aceitá-los de olhos fechados e que eles fascinem, a fim de impedi-los de discernirem o verdadeiro do falso. São os mais perigosos, porque os sofismas nada lhes custam e podem tornar fieis as mais ridículas utopias. Como conhecem o prestígio dos grandes nomes, não se envergonham em se enfeitarem com um daqueles diante dos quais todos se inclinam, e não recuam sequer ante o sacrilégio

de se dizerem Jesus, a Virgem Maria, ou um santo venerado. Procuram deslumbrar por meio de uma linguagem exaltada – mais pretensiosa do que profunda – cheias de termos técnicos e recheada das palavras retumbantes *caridade* e *moral*. Cuidadosamente evitarão dar um mau conselho, porque bem sabem que seriam repelidos. Daí vem que os que são por eles enganados os defendem, dizendo que bem veem que nada dizem de mau. Porém, a moral para esses Espíritos é simples passaporte, é o que menos os preocupa. O que querem, acima de tudo, é impor suas ideias por mais disparatadas que sejam.

247. Os Espíritos dados a teorias são geralmente escrevinhadores e por isso buscam os médiuns que escrevem com facilidade e dos quais tratam de fazer instrumentos dóceis e, sobretudo, entusiastas, fascinando-os. São quase sempre verbosos, muito faladores, procurando compensar a qualidade pela quantidade. Comprazem-se em ditar volumosos escritos indigestos aos seus intérpretes e frequentemente pouco compreensíveis, que felizmente, têm por antídoto a impossibilidade material de serem lidos pelas massas. Os Espíritos verdadeiramente superiores são sóbrios de palavras; dizem muita coisa em poucas frases. Segue-se que aquela fecundidade prodigiosa deve sempre ser suspeita.

Nunca será demais toda a cautela quando se trata de publicar semelhantes escritos. As utopias e as excentricidades, que neles por vezes abundam e chocam o bom-senso, produzem lamentável impressão nas pessoas ainda noviças na Doutrina, dando-lhes uma ideia falsa do Espiritismo, sem mesmo se levar em conta que são armas de que seus inimigos se servem, para ridicularizá-lo. Entre tais publicações, algumas há que, sem serem más e sem provirem de um obsessão, podem considerar-se imprudentes, *intempestivas*, ou desajuizadas.

248. Acontece muito frequentemente que um médium só se pode comunicar com um único Espírito, que a ele se liga e responde pelos que são chamados por seu intermédio. Nem sempre há nisso uma obsessão, porque o fato pode vir da falta de maleabilidade do médium, de uma afinidade especial sua com tal ou tal Espírito. Somente há obsessão propriamente dita quando o Espírito se impõe e afasta intencionalmente os outros – o que jamais é obra de um Espírito bom. Geralmente, o Espírito que se apodera do médium para dominá-lo, não suporta o exame crítico das suas comunicações; quando vê que não são aceitas, que as discutem, não se retira, mas inspira ao médium o pensamento de se isolar, chegando mesmo a ordená-lo. Todo médium que se melindra com a crítica das comunicações que obtém se faz eco do Espírito que o domina, Espírito esse que não pode ser bom, desde que lhe inspira um pensamento ilógico, qual o de se recusar ao exame. O isolamento do médium é sempre coisa deplorável para ele, porque fica sem uma verificação das comunicações que recebe. Não somente deve buscar a opinião de terceiros para esclarecer-se, como também necessário lhe é estudar todos os gêneros de comunicações, a fim de compará-las. Restringindo-se às que lhe são transmitidas, expõe-se a se iludir sobre o valor destas, sem considerar que não lhe é dado tudo saber e que elas giram quase sempre dentro do mesmo círculo (Nº 192 – *Médiuns exclusivos*).

249. Os meios de se combater a obsessão variam de acordo com o caráter que ela reveste. Não existe realmente perigo para o médium que se ache bem convencido de que está a se haver com um Espírito mentiroso – como sucede na obsessão simples; esta não passa então, para ele, de fato desagradável. Mas, precisamente porque lhe é desagradável constitui uma razão de mais para que o Espírito se encarnice em vexá-lo. Duas coisas essenciais se têm que fazer nesse caso: provar ao Espírito que não está iludido por ele e que lhe é *impossível* enganar; depois, cansar-lhe a paciência, mostrando-se mais paciente que ele. Desde que se convença de que está a perder o tempo, retirar-se-á – como fazem os importunos a quem não se dá ouvidos.

Isto, porém, nem sempre basta e pode levar muito tempo, porque há Espíritos teimosos, para os quais meses e anos não são nada. Por isso, o médium deve dirigir um apelo fervoroso ao seu anjo bom, assim como aos bons Espíritos que lhe são simpáticos, pedindo-lhes que o ajudem. Quanto ao Espírito obsessivo – por mau que seja –, deve tratá-lo com severidade, mas com benevolência e vencê-lo pelos bons processos, orando por ele. Se for realmente perverso, a princípio zombará desses meios; porém, moralizado com perseverança, acabará por se emendar. É uma conversão a empreender, tarefa muitas vezes penosa, ingrata, mesmo desagradável, mas cujo mérito está na dificuldade que ofereça e que, se bem desempenhada, dá sempre a satisfação de se ter cumprido um dever de caridade e, quase sempre, a de ter-se reconduzido ao bom caminho uma alma perdida.

Convém igualmente que se interrompa toda comunicação escrita, desde que se reconheça que procede de um Espírito mau, que a nenhuma razão quer atender, a fim de se lhe não dar o prazer de ser ouvido. Em certos casos, pode até convir que o médium deixe de escrever por algum tempo, regulando-se então pelas circunstâncias. Entretanto, se o médium escrevente pode evitar essas confabulações, outro tanto já não se dá com o médium audiente, que o Espírito obsessivo persegue às vezes a todo instante com as suas proposições grosseiras e obscenas e que nem sequer dispõe do recurso de tapar os ouvidos. Aliás, devemos reconhecer que algumas pessoas se divertem com a linguagem trivial dessa espécie de Espíritos, que os animam e provocam com o fato de rirem de suas tolices, em vez de lhes imporem silêncio e de os moralizarem. Os nossos conselhos não podem servir a esses, que desejam se afogar.

250. Assim sendo, apenas há aborrecimento – e não perigo – para todo médium que não se deixe ludibriar, porque não poderá ser enganado. Muito diverso é o que se dá com a *fascinação*, porque então não tem limites o domínio que o Espírito assume sobre o encarnado de quem se apoderou. A única coisa a fazer com a vítima é convencê-la de que está sendo ludibriada e reconduzir-lhe a obsessão ao caso da obsessão simples. Isto, porém, nem sempre é fácil, dado que algumas vezes não seja mesmo impossível. Pode ser tal o ascendente do Espírito, que torne o fascinado surdo a toda sorte de raciocínio, podendo chegar até a pô-lo em dúvida sobre se não é a ciência que se acha em erro – quando o Espírito comete alguma grossa heresia científica. Como já dissemos, o fascinado geralmente acolhe mal os conselhos; a crítica o aborrece, irrita e o faz tomar ira dos que não partilham da sua admiração. Suspeitar do Espírito que o acompanha, aos seus olhos, é quase uma profanação e outra coisa não quer o dito Espírito, pois tudo a que aspira é que todos se curvem

diante da sua palavra.

Um deles exercia sobre uma pessoa do nosso conhecimento, uma fascinação extraordinária. Evocamos esse Espírito e depois de umas tantas fanfarrices, vendo que não conseguia mistificar-nos quanto à sua identidade, acabou por confessar que não era quem se dizia. Sendo-lhe perguntado por que ludibriava de tal modo aquela pessoa, respondeu com estas palavras, que pintam claramente o caráter desse gênero de Espírito: *Eu procurava um homem que me fosse possível manejar; encontrei-o, não o largo.* Mas se lhe mostram as coisas como são, ele lhes soltará isto: — *É o que veremos!* Como não há cego pior do que aquele que não quer ver, reconhecida a inutilidade de toda tentativa para abrir os olhos ao fascinado, o que se tem de melhor a fazer é deixá-lo com as suas ilusões. Ninguém pode curar um doente que se insiste em conservar o seu mal e nele se compraz.

251. A subjugação corporal tira muitas vezes ao obsidiado a energia necessária para dominar o mau Espírito. Daí o fato de se tornar preciso a intervenção de um terceiro, que atue, ou pelo magnetismo, ou pelo império da sua vontade. Em falta do auxílio do obsidiado, essa terceira pessoa deve tomar ascendente sobre o Espírito; porém, como este ascendente só pode ser moral, só a um ser *moralmente superior* ao Espírito é dado assumi-lo e seu poder será tanto maior, quanto maior for a sua superioridade moral, porque, então, se impõe àquele, que se vê forçado a se inclinar diante dele. Por isso é que Jesus tinha tão grande poder para expulsar o a que naquela época se chamava demônio, isto é, os maus Espíritos obsessores.

Aqui, não podemos oferecer mais do que conselhos gerais, porque nenhum processo material existe, como, sobretudo, nenhuma fórmula, nenhuma palavra sacramental, com o poder de expelir os Espíritos obsessores. Às vezes, o que falta ao obsidiado é força fluídica suficiente; nesse caso, a ação magnética de um bom magnetizador lhe pode ser de grande proveito. Contudo, é sempre conveniente procurar, por um médium de confiança, os conselhos de um Espírito superior, ou do anjo guardião.

252. As imperfeições morais do obsidiado frequentemente são um obstáculo à sua libertação. Aqui vai um exemplo notável, que pode servir para instrução de todos:

Havia umas irmãs que se encontravam desde alguns anos vítimas de depredações muito desagradáveis. Suas roupas eram incessantemente espalhadas por todos os cantos da casa e até pelos telhados, cortadas, rasgadas e crivadas de buracos, por mais cuidado que tivessem em guardá-las à chave. Essas senhoras, vivendo numa pequena localidade de província, nunca tinham ouvido falar de Espiritismo. A primeira ideia que lhes veio foi naturalmente a de que estavam às voltas com brincalhões de mau gosto. Porém, a persistência e as precauções que tomavam lhes tiraram essa ideia. Só muito tempo depois, por algumas indicações, acharam que deviam procurar-nos, para saberem a causa de tais depredações e lhes darem remédio, se fosse possível. Sobre a causa não havia dúvida; o remédio era mais difícil. O Espírito que se manifestava por semelhantes atos era evidentemente malvado. Evocado, mostrou-se de grande perversidade e inacessível a qualquer sentimento bom. No entanto, a prece pareceu exercer sobre ele uma influência salutar. Mas, após algum tempo de interrupção, recommençaram as depredações. Eis o

conselho que a propósito um Espírito superior nos deu:

“O que essas senhoras têm de melhor a fazer é rogar aos Espíritos seus protetores que não as abandonem. Nenhum conselho melhor lhes posso dar do que o de dizer-lhes que desçam ao fundo de suas consciências, para se confessarem a si mesmas e verificarem se sempre praticaram o amor do próximo e a caridade. Não falo da caridade que consiste em dar e distribuir, mas da caridade da língua; pois, infelizmente, elas não sabem conter as suas e não demonstram, por atos de piedade, o desejo que têm de se livrarem daquele que as atormenta. Gostam muito de maldizer do próximo e o Espírito que as obsidia toma sua vingança, porque em vida, foi para elas um burro de carga. Pesquisem na memória e logo descobrirão quem ele é.

“Entretanto, se conseguirem se melhorar, seus anjos guardiães se aproximarão e a simples presença deles bastará para afastar o mau Espírito, que não se agarrou a uma delas em particular, senão porque o seu anjo guardião teve que se afastar, por efeito de atos repreensíveis, ou maus pensamentos. O que precisam é fazer preces fervorosas pelos que sofrem e, principalmente, praticar as virtudes impostas por Deus a cada um, de acordo com a sua condição”.

Como pesássemos que essas palavras pareciam um tanto severas e que talvez fosse conveniente adoçá-las, para serem transmitidas, o Espírito acrescentou:

“Devo dizer o que digo e como digo, por que as pessoas de quem se trata têm o hábito de supor que nenhum mal fazem com a língua, quando o fazem muitíssimo. Por isso, é preciso ferir-lhes o Espírito, de maneira que lhes sirva de advertência séria”.

Ressalta do que fica dito um ensinamento de grande alcance: que as imperfeições morais dão oportunidade à ação dos Espíritos obsessores e que o mais seguro meio de a pessoa se livrar deles é atrair os bons pela prática do bem. Sem dúvida, os bons Espíritos têm mais poder do que os maus e a vontade deles basta para afastar estes últimos; eles, porém, só assistem os que os ajudam pelos esforços que fazem por se melhorar, sem o que se afastam e deixam o campo livre aos maus, que se tornam assim, em certos casos, instrumentos de punição, visto que os bons permitem que ajam para esse fim.

253. Todavia, não devemos atribuir todas as contrariedades que experimentamos à ação direta dos Espíritos; essas contrariedades quase sempre decorrem da negligência ou do descuido. Certo dia, um agricultor nos escreveu que há doze anos toda sorte de infelicidades acontecia em relação ao seu gado; ora eram as vacas que morriam ou deixavam de dar leite, ora eram os cavalos, os carneiros ou os porcos que sucumbiam. Fez muitas novenas, que em nada remediaram o mal, do mesmo modo que nada obteve com as missas que mandou celebrar, nem com os exorcismos que mandou praticar. Então, de acordo com o preconceito dos campos, ficou convencido de que haviam enfeitado os seus animais. Supondo que fôssemos dotados de um poder de exorcismo maior do que o do sacerdote da sua aldeia, pediu

o nosso parecer. Foi a seguinte a resposta que obtivemos:

“A mortalidade ou as enfermidades do gado desse homem provêm de que seus currais estão infetados e ele não os repara, porque *custa dinheiro*”.

254. Terminaremos este capítulo inserindo as respostas que os Espíritos deram a algumas perguntas e que vêm em apoio do que dissemos.

1ª Por que certos médiuns não podem se livrar de Espíritos maus que se ligam a eles e como é que os bons Espíritos que eles chamam não se mostram bastante poderosos para afastar os outros e se comunicar diretamente?

“Não é que falte poder ao Espírito bom; as mais das vezes é que o médium não é bastante forte para ajudá-lo; é que sua natureza se presta melhor a outras relações; é que seu fluido se identifica mais com o de um Espírito do que com o de outro. Isso o que dá tão grande império aos que entendem de ludibriá-los”.

2ª Entretanto, parece que há pessoas de muito mérito, de irrepreensível moralidade e que, apesar de tudo, se veem impedidas de comunicar com os bons Espíritos.

“É uma provação. E quem te diz que elas não trazem o coração manchado de um pouco de mal e que o orgulho não domina um pouco a aparência de bondade? Mostrando a fraqueza ao obsidiado, essas provas devem fazê-lo inclinar-se para a humildade.

“Haverá na Terra alguém que possa dizer-se perfeito? Ora, um que tem todas as aparências da virtude pode ter ainda muitos defeitos ocultos, um velho fermento de imperfeição. Assim, por exemplo, dizem daquele que nenhum mal pratica, que é leal em suas relações sociais: é um bravo e digno homem. Mas, porventura, sabem se as suas boas qualidades não são mascaradas pelo orgulho; se não há nele um fundo de egoísmo; se não é avaro, ciumento, rancoroso, maldizente e mil outras coisas que não percebem, por que as suas relações com ele não os deram lugar a descobri-las? O mais poderoso meio de combater a influência dos maus Espíritos é se aproximar o mais possível da natureza dos bons”.

3ª A obsessão, que impede um médium de receber as comunicações que deseje, é sempre um sinal de indignidade da sua parte?

“Eu não disse que é um sinal de indignidade, mas que um obstáculo pode se opor a certas comunicações; em remover o obstáculo que está nele, é aquilo a que deve aplicar-se; sem isso, suas preces, suas súplicas nada farão. Não basta que um doente diga ao seu médico: dê-me saúde, quero passar bem. O médico não pode nada se o doente não faz o que é preciso”.

4ª Assim, a impossibilidade de se comunicar com os bons Espíritos seria uma espécie de punição?

“Em certos casos, pode ser uma verdadeira punição, como a possibilidade de se comunicar com eles é uma recompensa que devem se esforçar por merecer”. (veja: *Perda e suspensão da mediunidade*, nº 220).

5ª Não se pode também combater a influência dos maus Espíritos doutrinando-os?

“Sim, mas é o que não se faz e é o que não se deve descuidar de fazer, porque muitas vezes isso é uma tarefa que lhes é dada e que devem desempenhar caridosa e religiosamente. Por meio de sábios conselhos, é possível induzi-los ao arrependimento e apressar-lhes o progresso”.

— Como pode um homem ter a esse respeito mais influência do que a têm os próprios Espíritos?

“Os Espíritos perversos se aproximam antes dos homens que eles procuram atormentar do que dos Espíritos, dos quais se afastam o mais possível. Nessa aproximação dos humanos, quando encontram algum que os moralize, a princípio não o escutam e até riem dele; depois, se aquele os sabe prender, acabam por se deixarem tocar. Os Espíritos elevados só podem lhes falar em nome de Deus e isto os apavora. Sem dúvida, o homem não dispõe de mais poder do que os Espíritos superiores, porém, sua linguagem se identifica melhor com a natureza daqueles outros e, ao verem a superioridade que o homem pode exercer sobre os Espíritos inferiores, melhor compreendem a solidariedade que existe entre o céu e a terra.

“Ademais, a superioridade que o homem pode exercer sobre os Espíritos está na razão da sua superioridade moral. Ele não domina os Espíritos superiores, nem mesmo os que, sem serem superiores, são bons e benevolentes, mas pode dominar os que lhe são inferiores em moralidade” (veja o nº 279).

6ª A subjugação corporal, levada a certo grau, poderá ter como consequência a loucura?

“Pode: a uma espécie de loucura cuja causa o mundo desconhece, mas que não tem relação alguma com a loucura comum. Entre os que são tidos por loucos, há muitos que apenas são subjugados; precisariam de um tratamento moral, enquanto que com os tratamentos corporais os tornamos verdadeiros loucos. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão mais doentes do que com as duchas” (Nº 221).

7ª Que se deve pensar dos que, vendo um perigo qualquer no Espiritismo, julgam que o meio de preveni-lo seria proibir as comunicações espíritas?

“Se podem proibir a certas pessoas que se comuniquem com os Espíritos, não podem impedir que manifestações espontâneas sejam feitas a essas mesmas pessoas, pois não podem suprimir os Espíritos, nem lhes impedir que exerçam sua influência oculta. Esses tais se assemelham às crianças que tapam os olhos e ficam crentes de que ninguém vê. Seria loucura querer reprimir uma coisa que oferece grandes vantagens só porque alguns imprudentes podem abusar dela. Ao contrário, o meio de prevenirem os inconvenientes consiste em torná-la conhecida a fundo”.

CAPÍTULO XXIV

DA IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

- PROVAS POSSÍVEIS DE IDENTIDADE
- MODO DE SE DISTINGUIREM OS BONS DOS MAUS ESPÍRITOS
- QUESTÕES SOBRE A NATUREZA E IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

PROVAS POSSÍVEIS DE IDENTIDADE

255. A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. É que na prática, os Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade e sabemos com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. Por isso mesmo, depois da obsessão, esta é uma das maiores dificuldades do exercício do Espiritismo. Todavia, em muitos casos, a identidade absoluta não passa de questão secundária e sem importância real.

A identidade dos Espíritos das personagens antigas é a mais difícil de se conseguir, tornando-se muitas vezes impossível, pelo que ficamos limitados a uma apreciação puramente moral. Assim como os homens, julgam-se os Espíritos pela sua linguagem: se um Espírito se apresenta com o nome de Fénelon, por exemplo, e diz trivialidades e tolices, está claro que não pode ser ele. Porém, se somente diz coisas dignas do caráter de Fénelon e que este não se furtaria a subscrever, se não há prova material, pelo menos há toda probabilidade moral de que seja de fato ele. Nesse caso, sobretudo, é que a identidade real se torna uma questão irrelevante. Desde que o Espírito só diz coisas aproveitáveis, pouco importa o nome sob o qual as diga.

Questionarão, sem dúvida, que o Espírito que tome um nome suposto – ainda que só para o bem – não deixa de cometer uma fraude: portanto, não pode ser um Espírito bom. Aqui, há delicadezas de variações muito difíceis de determinar e que vamos tentar desenvolver.

256. À medida que os Espíritos se purificam e elevam na hierarquia, de certo modo, as características distintas de suas personalidades se apagam na uniformidade da perfeição; nem por isso, entretanto, eles conservam menos suas individualidades. É

o que se dá com os Espíritos superiores e os Espíritos puros. Nessa culminância, o nome que tiveram na Terra, em uma das mil existências corporais passageiras por que passaram é coisa absolutamente insignificante. Notemos mais que os Espíritos são atraídos uns para os outros pela semelhança de suas qualidades e formam assim grupos ou famílias, por simpatia. De outro lado, se considerarmos o número imenso de Espíritos que desde a origem dos tempos devem ter galgado as fileiras mais altas e se o compararmos ao número tão restrito dos homens que têm deixado um grande nome na Terra, compreenderemos que entre os Espíritos superiores – que podem se comunicar –, a maioria deve carecer de nomes para nós. Porém, como precisamos de nomes para fixarmos as nossas ideias, eles podem tomar o de uma personagem conhecida, cuja natureza mais identificada seja com a deles. É assim que os nossos anjos guardiães se fazem as mais das vezes conhecer pelo nome de um dos santos que veneramos e, geralmente, pelo daquele que nos inspira mais simpatia. Segue-se daí que, se o anjo guardião de uma pessoa se dá como sendo S. Pedro, por exemplo, ela nenhuma prova material pode ter de que seja exatamente o apóstolo desse nome. Tanto pode ser ele, como um Espírito desconhecido inteiramente, mas pertencente à família de Espíritos de que faz parte São Pedro. Segue-se ainda que, seja qual for o nome sob que alguém invoque o seu anjo guardião, este acudirá ao apelo que lhe é dirigido, porque o que o atrai é o pensamento, sendo-lhe indiferente o nome.

O mesmo ocorre todas as vezes que um Espírito superior se comunica espontaneamente, sob o nome de uma personagem conhecida. Nada prova que seja exatamente o Espírito dessa personagem; porém, se ele nada diz que desminta o caráter desta última, há *presunção* de ser o próprio e, em todos os casos, se pode dizer que, se não é ele, é um Espírito do mesmo grau de elevação, ou talvez até um enviado seu. Em resumo, a questão de nome é sem importância, podendo-se considerar o nome como simples indício da categoria que o Espírito ocupa na escala espírita.

O caso muda de figura quando um Espírito de ordem inferior se disfarça com um nome respeitável, para que suas palavras mereçam crédito e este caso é de tal modo frequente que toda precaução não será demasiada contra semelhantes substituições. Graças a esses nomes de empréstimo e, sobretudo, com o auxílio da fascinação, é que alguns Espíritos sistemáticos – mais orgulhosos do que sábios – procuram tornar aceitas as mais ridículas ideias.

Como dissemos, a questão da identidade é quase indiferente quando se trata de instruções gerais, uma vez que os melhores Espíritos podem se substituir mutuamente sem maiores consequências. Os Espíritos superiores formam, por assim dizer, um todo coletivo, cujas individualidades nos são desconhecidas – com exceções raras. Não é a pessoa deles o que nos interessa, mas o ensino que nos proporcionam. Ora, desde que esse ensino é bom, pouco importa que aquele que o deu se chame Pedro ou Paulo. Deve ele ser julgado pela sua qualidade e não pelas suas insígnias. Se um vinho é mau, não será a etiqueta que o tornará melhor. Outro tanto já não sucede com as comunicações íntimas, porque aí é o indivíduo, a sua pessoa mesma que nos interessa; portanto, é muito razoável que nessas circunstâncias procuremos nos certificar de que o Espírito que atende ao nosso chamado é realmente aquele que desejamos.

257. Muito mais fácil de se comprovar é a identidade, quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujas características e hábitos se conhecem, porque, precisamente, esses hábitos, de que eles ainda não tiveram tempo de se desfazer, são que os fazem reconhecíveis e desde logo dizemos que isso constitui um dos sinais mais seguros de identidade. Sem dúvida, o Espírito pode dar provas desta, atendendo ao pedido que se faça a ele; mas, só procede assim quando lhe convenha. Geralmente, semelhante pedido o magoa e deve ser evitado. Com o ato de deixar seu corpo, o Espírito não se livra de seu melindre; toda questão que tenha por fim colocá-lo à prova o irrita. *Perguntas há que ninguém ousaria dirigir-lhe, se ele se apresentasse vivo, pelo receio de faltar às conveniências; por que há de se dispensar menos consideração depois da sua morte? A um homem que se apresente num salão declarando o seu nome, de imediato alguém irá lhe pedir que prove ser quem diz que é, sob o pretexto de haver impostores? Certamente, esse homem teria o direito de lembrar ao interrogante as regras de civilidade. É o que fazem os Espíritos, não respondendo ou se retirando. Façamos, para exemplo, uma comparação. Suponhamos que o astrônomo Arago, quando vivo, se apresentasse numa casa onde ninguém o conhecesse e que o desafiar deste modo: *Você diz que é Arago, mas, não o conhecemos; tenha a bondade de provar, respondendo às nossas perguntas. Resolva tal problema de Astronomia; diga-nos o seu nome, sobrenome, os de seus filhos, o que fazia em tal dia, a tal hora, etc..* Que responderia ele? Pois bem: como Espírito, fará o que teria feito em vida e os outros Espíritos procedem da mesma maneira.*

258. Ao passo que se recusam a responder a perguntas tolas e extravagantes, que todo mundo teria vergonha em lhes dirigir se vivos fossem, os Espíritos dão espontaneamente provas irrecusáveis de sua identidade, por seus caracteres, que se revelam na linguagem de que usam, pelo emprego das palavras que lhes eram familiares, pela citação de certos fatos, de particularidades de suas vidas, às vezes desconhecidas dos assistentes e cuja exatidão se pode verificar. As provas de identidade ressaltam, além disso, de um sem-número de circunstâncias imprevistas, que nem sempre se apresentam na primeira ocasião, mas que surgem com a continuação das manifestações. Pois então, convém esperá-las sem provocar, observando-se cuidadosamente todas as que possam decorrer da natureza das comunicações (veja o fato referido em o nº 70).

259. Um meio usado – às vezes com êxito – para se conseguir identificar um Espírito que se comunica, quando ele se torna suspeito, consiste em fazê-lo afirmar, em *nome de Deus todo-poderoso*, que é realmente quem diz ser. Sucede frequentemente que o que se apresentou com um nome usurpado recua diante do sacrilégio e que, tendo começado a dizer: *Afirmo, em nome de...* interrompe e, colérico, traça riscos sem valor no papel, ou quebra o lápis. Se é mais hipócrita, disfarça a questão, mediante uma restrição mental, escrevendo, por exemplo: *Certifico-lhes que digo a verdade*, ou então: *Atesto, em nome de Deus, que sou mesmo eu quem lhes fala*, etc. Alguns há, entretanto, nada escrupulosos, que juram tudo o que se exigir deles. Um desses se comunicou a um médium se dizendo *Deus*, e o médium, honrado com tão alta distinção, não hesitou em acreditar nele. Evocado por nós, não ousou sustentar a sua impostura e disse: *Não sou Deus, mas sou seu*

filho. – Então é Jesus? Isto não é provável, porque Jesus está muito altamente colocado para empregar um subterfúgio. Apesar disso, ousa afirmar que é o Cristo? – *Não digo que sou Jesus; digo que sou filho de Deus, porque sou uma de suas criaturas.*

Deve-se concluir daí que o fato de um Espírito recusar afirmar a sua identidade *em nome de Deus* é sempre uma prova manifesta de que o nome que ele tomou é uma impostura; mas também que, se ele o afirma, essa afirmação não passa de uma presunção, não sendo prova certa.

260. Igualmente se pode incluir entre as provas de identidade a semelhança da caligrafia e da assinatura; mas, além de que nem a todos os médiuns é dado obter esse resultado, ele não representa, invariavelmente, uma garantia bastante. Há falsários no mundo dos Espíritos, como há neste. Aí pois, não se tem mais do que uma presunção de identidade, que só adquire valor pelas circunstâncias que a acompanhem. O mesmo ocorre com todos os sinais materiais, que algumas pessoas têm como talismãs inimitáveis para os Espíritos mentirosos. Para os que ousam perjurar ao nome de Deus, ou falsificar uma assinatura, nenhum sinal material pode oferecer obstáculo maior. A melhor de todas as provas de identidade está na linguagem e nas circunstâncias fortuitas.

261. Dirão, sem dúvida, que se um Espírito pode imitar uma assinatura, também pode perfeitamente imitar a linguagem. É exato; temos visto alguns tomar atrevidamente o nome do Cristo e para impingirem a mistificação, simulavam o estilo evangélico e pronunciavam a torto e a direito estas bem conhecidas palavras: *Em verdade, em verdade lhes digo.* Estudando, porém, *sem prevenção*, o ditado, em seu conjunto, analisando o fundo das ideias, o alcance das expressões, quando, ao lado de belas máximas de caridade vemos recomendações infantis e ridículas, seria preciso estar *fascinado* para que alguém se equivocasse. Sim, certas partes da forma material da linguagem podem ser imitadas, mas não o pensamento. Jamais a ignorância imitará a verdadeira sabedoria e jamais o vício imitará a verdadeira virtude. Em qualquer ponto, sempre aparecerá a pontinha da orelha. É então que o médium, assim como o evocador, precisam de toda a perspicácia e de toda a ponderação para destrinçar a verdade da impostura. Devem convencer-se de que os Espíritos perversos são capazes de todos os truques e de que, quanto mais venerável for o nome com que um Espírito se apresente, tanto maior desconfiança deve inspirar. Quantos médiuns têm tido comunicações falsas assinadas por Jesus, Maria, ou um santo venerado!

MODO DE SE DISTINGUIREM OS BONS DOS MAUS ESPÍRITOS

262. Se a identidade absoluta dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão acessória e sem importância, o mesmo já não se dá com a distinção a ser feita entre bons e maus Espíritos. Para nós, pode ser indiferente a individualidade deles; mas suas qualidades, nunca. Em todas as comunicações instrutivas, é sobre este ponto que se deve fixar a atenção, porque só ele nos pode dar a medida da confiança que

devemos ter no Espírito que se manifesta, seja qual for o nome sob que o faça. O Espírito que se comunica é bom ou mau? Em que grau da escala espírita se encontra? Eis as questões capitais (veja: “Escala espírita”, em **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, nº 100).

263. Já dissemos que, como os homens, os Espíritos devem ser julgados pela linguagem de que usam. Suponhamos que um homem receba vinte cartas de pessoas que lhe são desconhecidas; pelo estilo, pelas ideias, por uma imensidade de indícios, enfim, verificará se aquelas pessoas são instruídas ou ignorantes, polidas ou mal-educadas, superficiais, profundas, frívolas, orgulhosas, sérias, levianas, sentimentais, etc. Assim também é com os Espíritos: devemos considerá-los correspondentes que nunca vimos e procurar conhecer o que pensaríamos do saber e do caráter de um homem que dissesse ou escrevesse tais coisas. Pode estabelecer-se como regra invariável e sem exceção que – *a linguagem dos Espíritos está sempre em relação com o grau de elevação a que já tenham chegado*. Os Espíritos realmente superiores não só dizem unicamente coisas boas, como também as dizem em termos absolutamente isentos de toda trivialidade. Por melhores que sejam essas coisas, se uma única expressão denotando baixeza as mancha, isto é um sinal indubitável de inferioridade; com mais forte razão, se o conjunto do ditado fere as conveniências pela sua grosseria. A linguagem revela sempre a sua procedência, quer pelos pensamentos que exprime, quer pela forma, e, ainda mesmo que algum Espírito queira iludir-nos sobre a sua pretensa superioridade, bastará conversarmos algum tempo com ele para a apreciarmos.

264. A bondade e a afabilidade são atributos essenciais dos Espíritos depurados. Não têm ódio – nem aos homens, nem aos outros Espíritos. Lamentam as fraquezas, criticam os erros, mas sempre com moderação, sem fel e sem irritação. Admita-se que os Espíritos verdadeiramente bons não podem querer senão o bem e dizer senão coisas boas e se concluirá que tudo o que denote, na linguagem dos Espíritos, falta de bondade e de benignidade não pode provir de um bom Espírito.

265. A inteligência está longe de ser um indício certo de superioridade, porque a inteligência e a moral nem sempre andam emparelhadas. Um Espírito pode ser bom, afável, e ter conhecimentos limitados, ao passo que outro, inteligente e instruído, pode ser muito inferior em moralidade.

É crença bastante comum que, interrogando o Espírito de um homem que na Terra foi sábio em certa especialidade, com mais segurança se obterá a verdade. Isto é lógico; entretanto, nem sempre é o que se dá. A experiência demonstra que os sábios, tanto quanto os demais homens, sobretudo os desencarnados de pouco tempo, ainda se acham sob o império dos preconceitos da vida corporal; eles não se despojam imediatamente do estilo de teoria. Pode acontecer que, sob a influência das ideias que esposaram em vida e das quais fizeram para si um título de glória, vejam com menos clareza do que supomos. Não apresentamos este princípio como regra; longe disso: dizemos apenas que o fato se dá e que, por conseguinte, a ciência humana que eles possuem não constitui sempre uma prova da sua infalibilidade, como Espíritos.

266. Submetendo todas as comunicações a um exame escrupuloso, averiguando e analisando o pensamento e as expressões – como é de uso se fazer quando se trata de julgar uma obra literária, rejeitando-se, *sem hesitação*, tudo o que peque contra a lógica e o bom-senso –, tudo o que desminta o caráter do Espírito que se supõe ser o que se está manifestando, leva-se o desânimo aos Espíritos mentirosos, que acabam por se retirar, uma vez fiquem bem convencidos de que não conseguirão iludir. Repetimos: este meio é único, mas é infalível, porque não há comunicação má que resista a uma crítica rigorosa. Os bons Espíritos nunca se ofendem com esta, pois que eles próprios a aconselham e porque nada têm que temer do exame. Apenas os maus se formalizam e procuram evitá-lo, porque tudo têm a perder. Só com isso provam o que são. Eis aqui o conselho que a tal respeito nos deu São Luís:

“Qualquer que seja a confiança legítima que os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos lhes inspirem, há uma recomendação que nunca será demais repetir e que deveriam ter presente sempre na lembrança, quando se entregam aos seus estudos: é a de pesar e meditar, é a de submeter todas as comunicações que receberem ao cadinho da razão mais severa; é a de não deixarem de pedir as explicações necessárias a formarem opinião segura, desde que um ponto lhes pareça suspeito, duvidoso ou obscuro”.

267. Podemos resumir nos princípios seguintes os meios de se reconhecer a qualidade dos Espíritos:

1º Não há outro critério para se medir do valor dos Espíritos senão o bom-senso. Será absurda qualquer fórmula que eles próprios deem para esse efeito e não poderá vir de Espíritos superiores.

2º Apreciam-se os Espíritos pela linguagem de que usam e pelas suas ações. Estas se traduzem pelos sentimentos que eles inspiram e pelos conselhos que dão.

3º Admitido que os bons Espíritos só podem dizer e fazer o bem, de um bom Espírito não pode vir o que tenda para o mal.

4º Os Espíritos superiores usam sempre de uma linguagem digna, nobre, elevada, sem eiva de trivialidade; tudo dizem com simplicidade e modéstia, jamais se vangloriam, nem se gabam de sua sabedoria ou da posição que ocupam entre os outros. A dos Espíritos inferiores ou vulgares sempre refletem algo das paixões humanas. Toda expressão que denote baixaza, pretensão, arrogância, fanfarronice, grosseria, é indício característico de inferioridade e de falsidade, se o Espírito se apresenta com um nome respeitável e venerado.

5º Não se deve julgar da qualidade do Espírito pela forma material, nem pela correção do estilo. É preciso sondar o seu íntimo, analisar-lhe as palavras, pesá-las friamente, maduramente e sem prevenção. Qualquer ofensa à lógica, à razão e à ponderação não pode deixar dúvida sobre a sua procedência, seja qual for o nome com que se ostente o Espírito (Nº 224).

6° A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica – senão quanto à forma, pelo menos quanto à essência. Os pensamentos são os mesmos, em qualquer tempo e em todo lugar. Podem ser mais ou menos desenvolvidos, conforme as circunstâncias, as necessidades e as faculdades que encontrem para se comunicar; porém, jamais serão contraditórios. Se duas comunicações firmadas pelo mesmo nome se mostram em contradição, uma das duas é evidentemente falsa e a verdadeira será aquela em que nada desminta o conhecido caráter da personagem. Sobre duas comunicações assinadas, por exemplo, com o nome de São Vicente de Paulo, uma das quais propendendo para a união e a caridade e a outra tendendo para a discórdia, nenhuma pessoa sensata poderá se equivocar.

7° Os bons Espíritos só dizem o que sabem; calam-se ou confessam a sua ignorância sobre o que não sabem. Os maus falam de tudo com desassombro, sem se preocuparem com a verdade. Toda heresia científica notória, todo princípio que choque o bom-senso, aponta a fraude, desde que o Espírito se dê por ser um Espírito esclarecido.

8° Reconhecem-se ainda os Espíritos levianos pela facilidade com que predizem o futuro e datam fatos materiais de que não nos é dado ter conhecimento. Os bons Espíritos fazem que as coisas futuras sejam pressentidas, quando esse pressentimento convenha; nunca, porém, determinam datas. A previsão de qualquer acontecimento para uma época determinada é indício de mistificação.

9° Os Espíritos superiores se exprimem com simplicidade, sem redundância. Têm o estilo conciso, sem exclusão da poesia das ideias e das expressões, claro, compreensível a todos, sem demandar esforço para ser interpretado. Têm a arte de dizer muitas coisas em poucas palavras, porque cada palavra é empregada com exatidão. Os Espíritos inferiores, ou falsos sábios, ocultam sob o enfeite ou a ênfase, o vazio de suas ideias. Usam de uma linguagem pretensiosa, ridícula, ou obscura, à força de quererem pareça profunda.

10° Os bons Espíritos nunca ordenam; não se impõem, aconselham e, se não são escutados, retiram-se. Os maus são imperiosos; dão ordens, querem ser obedecidos e não se afastam, haja o que houver. Todo Espírito que impõe trai a sua inferioridade. São exclusivistas e absolutos em suas opiniões; pretendem ter o privilégio da verdade. Exigem crença cega e jamais apelam para a razão, por saberem que a razão os desmascararia.

11° Os bons Espíritos não bajulam; aprovam o bem feito, mas sempre com reserva. Os maus gastam elogios exagerados, estimulam o orgulho e a vaidade, embora pregando a humildade, e procuram *exaltar a importância pessoal* daqueles a quem desejam captar.

12° Os Espíritos superiores *em tudo* desprezam as besteiras da forma. Só os Espíritos vulgares dão importância a particularidades mesquinhas, incompatíveis com ideias verdadeiramente elevadas. *Toda receita meticulosa* é sinal certo de inferioridade e de fraude da parte de um Espírito que tome um nome imponente.

13º Devemos desconfiar dos nomes estranhos e ridículos que alguns Espíritos adotam quando querem se impor à fé; seria soberanamente absurdo tomar a sério semelhantes nomes.

14º Deve-se igualmente desconfiar dos Espíritos que com muita facilidade se apresentam dando nomes extremamente venerados, e não aceitar o que eles digam, senão com muita reserva. Aí, sobretudo, é que uma verificação severa se faz indispensável, pois isso não passa muitas vezes de uma máscara que eles tomam, para dar a crer que se acham em relações íntimas com os Espíritos excelsos. Por esse meio, lisonjeiam a vaidade do médium e dela se aproveitam frequentemente para induzi-lo a atitudes lamentáveis e ridículas.

15º Os bons Espíritos são muito respeitosos no tocante às atitudes que tenha de aconselhar. Qualquer que seja o caso, eles nunca deixam de objetivar um *fim sério e eminentemente* útil. Devemos suspeitar de todas as que não apresentam este caráter, ou sejam condenáveis perante a razão, e cumpre refletir maduramente antes de tomá-las, a fim de evitarem-se mistificações desagradáveis.

16º Também se reconhecem os bons Espíritos pela prudente reserva que guardam sobre todos os assuntos que possam trazer comprometimento. Repugna-lhes desvendar o mal, enquanto que aos Espíritos levianos, ou malfazejos se agradam em pô-lo em evidência. Ao passo que os bons procuram atenuar os erros e pregam a indulgência, os maus os exageram e sopram a disputa, por meio de insinuações traiçoeiras.

17º Os bons Espíritos só recebem o bem. Máxima nenhuma, nenhum conselho, *que se não conformem estritamente com a pura caridade evangélica*, podem ser obra de bons Espíritos.

18º Jamais os bons Espíritos aconselham senão o que seja perfeitamente racional. Qualquer recomendação que se afaste da *linha reta do bom-senso, ou das leis imutáveis da Natureza*, denuncia um Espírito atrasado e, portanto, pouco merecedor de confiança.

19º Os Espíritos maus – ou simplesmente imperfeitos – ainda se traem por indícios materiais, a cujo respeito ninguém se pode enganar. A ação deles sobre o médium é às vezes violenta e provoca movimentos bruscos e intermitentes, uma agitação febril e convulsiva, que destoa da calma e da doçura dos bons Espíritos.

20º Muitas vezes, os Espíritos imperfeitos se aproveitam dos meios de que dispõem, para se comunicar e dar conselhos desleais. Excitam a desconfiança e a ira contra os que lhes são antipáticos. Especialmente os que lhes podem desmascarar as imposturas são objeto da maior animadversão da parte deles. Miram os homens fracos para induzi-los ao mal. Empregando alternativamente para melhor convencê-los, os sofismas, os sarcasmos, as injúrias e até demonstrações materiais do poder oculto de que dispõem, se empenham em desviá-los da senda da verdade.

21° Os Espíritos dos que na Terra tiveram uma única preocupação – material ou moral –, caso não se tenham desprendido da influência da matéria, continuam sob o império das ideias terrenas e trazem consigo uma parte dos preconceitos, das predileções *e mesmo das manias* que tinham neste mundo. Isso é fácil de se reconhecer pela linguagem de que se servem.

22° Os conhecimentos de que alguns Espíritos se enfeitam – às vezes, com uma espécie de ostentação — não são sinal da superioridade deles. A inalterável pureza dos sentimentos morais a esse respeito é a verdadeira medida.

23° Não basta interrogar um Espírito para conhecer a verdade. Precisamos, antes de tudo, saber a quem nos dirigimos; porque os Espíritos inferiores – ignorantes que são – tratam futilmente as questões mais sérias. Também não basta que um Espírito tenha sido na Terra um grande homem para que no mundo espírita se ache de posse da soberana ciência. Só a virtude, purificando-o, pode aproximá-lo de Deus e aumentar-lhe os conhecimentos.

24° Da parte dos Espíritos superiores, o humor é muitas vezes fino e vivo, porém, nunca gaiato. Nos Espíritos zombadores, quando não são grosseiros, a sátira mordaz é comumente muito inoportuna.

25° Estudando-se cuidadosamente o caráter dos Espíritos que se apresentam – sobretudo do ponto de vista moral – reconhecemos neles a natureza e o grau de confiança que devem merecer. O bom-senso não poderia enganar.

26° Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, primeiro é preciso que cada um saiba julgar-se a si mesmo. Infelizmente, há muita gente que toma suas próprias opiniões pessoais como modelo exclusivo do bom e do mau, do verdadeiro e do falso; tudo o que lhes contradiga a maneira de ver, a suas ideias e à teoria que conceberam ou adotaram, lhes parece mau. A semelhante gente evidentemente falta a qualidade primacial para uma apreciação sã: a retidão do juízo. Disso, porém, nem suspeitam. É o defeito sobre que mais se iludem os homens.

Todas estas instruções decorrem da experiência e dos ensinamentos dos Espíritos. Vamos completá-las com as próprias respostas que eles deram, sobre os pontos mais importantes.

268. QUESTÕES SOBRE A NATUREZA E IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

1ª Por quais sinais reconheceremos a superioridade ou inferioridade dos Espíritos?

“Pela linguagem, como distinguis um doido de um homem sensato. Já dissemos que os Espíritos superiores não se contradizem nunca e só dizem coisas aproveitáveis. Só querem o bem, que lhes constitui a única preocupação.

“Os Espíritos inferiores ainda se encontram sob o influxo das ideias materiais; seus discursos se ressentem da ignorância e da imperfeição que lhes são

características. Somente aos Espíritos superiores é permitido conhecer todas as coisas e julgá-las sem paixão”.

2ª A ciência é sempre sinal certo de elevação de um Espírito?

“Não, pois se ele ainda está sob a influência da matéria, pode ter os seus vícios e prejuízos. Há pessoas que neste mundo são excessivamente invejosas e orgulhosas; julgam que perdem esses defeitos apenas por deixar a Terra? Após a partida daqui, os Espíritos permanecem envoltos numa espécie de atmosfera que lhes conserva todas as coisas más de que se impregnaram – sobretudo os que alimentaram paixões bem definidas.

“Esses Espíritos semi-imperfeitos são mais de temer do que os maus Espíritos, porque na sua maioria, reúnem a astúcia e o orgulho com a inteligência. Pela pretensa sabedoria de que se gabam, eles se impõem aos simples e aos ignorantes, que aceitam suas teorias absurdas e mentirosas sem exames. Embora tais teorias não possam prevalecer contra a verdade, nem por isso deixam de produzir um mal passageiro, pois que dificultam a marcha do Espiritismo e os médiuns voluntariamente se fazem cegos sobre o mérito do que lhes é comunicado. Esse um ponto que requer grande estudo da parte dos espíritas esclarecidos e dos médiuns. Para distinguir o verdadeiro do falso é que se deve fazer convergir toda a atenção”.

3ª Muitos Espíritos protetores se designam pelos nomes de santos ou de personagens conhecidas. Que se deve pensar a esse respeito?

“Nem todos os nomes de santos e de personagens conhecidas bastariam para fornecer um protetor a cada homem. Entre os Espíritos, há poucos que tenham nome conhecido na Terra. Por isso é que, as mais das vezes, eles não usam nenhum nome. Porém, vocês quase sempre querem um nome; então, para satisfazê-los, o espírito toma o de um homem que conheceram e a quem respeitam”.

4ª O uso desse nome não pode ser considerado uma fraude?

“Seria uma fraude da parte de um Espírito mau, que quisesse enganar; mas, quando é para o bem, Deus permite que assim os Espíritos da mesma categoria procedam, porque há entre eles solidariedade e igualdade de pensamentos”.

5ª Assim, quando um Espírito protetor diz ser São Paulo, por exemplo, não é certo que seja o Espírito mesmo ou a alma do apóstolo que teve esse nome?

“Exatamente, pois há milhares de pessoas às quais foi dito que têm por anjo guardião São Paulo, ou qualquer outro. Mas que importa isso, desde que o Espírito que lhes protege é tão elevado quanto São Paulo? Eu já o disse: como precisam de um nome, eles tomam um para que possam chamá-lo e reconhecê-lo – do mesmo modo que tomam os nomes de batismo para se distinguirem dos outros membros da família. Podem tomar igualmente os dos arcanjos Rafael, Miguel, etc., sem que daí nada de mais resulte.

“Acresce que, quanto mais elevado é um Espírito, tanto mais dilatada é a sua irradiação. Segue-se, portanto, que um Espírito protetor de ordem muito elevada pode ter sob a sua tutela centenas de encarnados. Entre vocês na Terra, há notários que se encarregam dos negócios de cem e duzentas famílias; por que haveriam de

supor que nós fôssemos menos aptos – espiritualmente falando – para a direção moral dos homens, do que aqueles o são para a direção material de seus interesses?”

6ª Por que é que os Espíritos que se comunicam tomam frequentemente nomes de santos?

“Identificam-se com os hábitos daqueles a quem falam e adotam os nomes mais apropriados a causar forte impressão nos homens por efeito de suas crenças”.

7ª Quando evocados, os Espíritos superiores vêm sempre em pessoa ou, como alguns supõem, se fazem representar por mensageiros incumbidos de lhes transmitir os pensamentos?

“Por que não virão em pessoa, se o podem? Se, porém, o Espírito evocado não pode vir, o que se apresenta é obviamente um mensageiro”.

8ª E o mensageiro é sempre suficientemente esclarecido para responder como faria o Espírito que o envia?

“Os Espíritos superiores sabem a quem confiam o encargo de substituí-los. Além disso, quanto mais elevados são os Espíritos, mais se confundem pela comunhão dos pensamentos, de tal sorte que para eles, a personalidade é coisa indiferente – como deve ser também para vocês. Então, pensam que no mundo dos Espíritos superiores não haja senão os que conheceram na Terra, como capazes de lhes instruírem? De tal modo são propensos a se considerar como os tipos do universo, que sempre supõem nada mais haver fora do seu mundo. Em verdade se assemelham a esses selvagens que, nunca tendo saído da ilha em que habitam, acreditam que o mundo não vai além dela”.

9ª Compreendemos que seja assim, quando se trate de um ensino sério; mas, como os Espíritos superiores permitem que outros de baixo estalão adotem nomes respeitáveis, para induzirem os homens em erro por meio de máximas geralmente perversas?

“Não é com a permissão dos superiores que eles fazem isso. O mesmo não ocorre entre vocês? Os que desse modo enganam os homens serão punidos, fiquem certos; a punição deles será proporcionada à gravidade da impostura. Ao demais, se vocês não fossem imperfeitos, não teriam ao seu redor senão bons Espíritos; se são enganados, só de vocês mesmos devem se queixar. Deus permite que assim aconteça, para experimentar a perseverança e o discernimento e para lhes ensinar a distinguir a verdade do erro. Se não o fazem, é que não estão bastante elevados e precisam ainda das lições da experiência”.

10ª Não acontece de os Espíritos pouco adiantados, porém, animados de boas intenções e do desejo de progredir, se veem designados às vezes para substituir um Espírito superior, a fim de que tenham o ensejo de se exercitarem no ensinar aos seus irmãos?

“Nunca, nos grandes centros; quero dizer, nos centros sérios e quando se trate de ministrar um ensinamento geral. Os que aí se apresentam o fazem por sua própria conta – como dizem, para se exercitarem. Por isso é que suas comunicações,

ainda que boas, trazem o cunho da inferioridade deles. Só são designados para as comunicações pouco importantes e para as que se podem chamar pessoais”.

11ª Notem que às vezes as comunicações espíritas ridículas se mostram entremeadas de excelentes máximas. Como explicar esta anormalidade, que parece indicar a presença simultânea de bons e maus Espíritos?

“Os Espíritos maus ou levianos também se metem a enunciar sentenças, sem perceberem bem o alcance ou a significação. Entre vocês, serão homens superiores todos os que as enunciam? Não; os bons e os maus Espíritos não andam juntos; pela uniformidade constante das boas comunicações é que reconhecerão a presença dos bons Espíritos”.

12ª Os Espíritos que nos induzem em erro procedem sempre cientes do que fazem?

“Não; há Espíritos bons, mas ignorantes e que podem se enganar de boa-fé. Desde que tenham consciência da sua ignorância, convém nisso e só dizem o que sabem”.

13ª O Espírito que dá uma comunicação falsa sempre faz com intenção maléfica?

“Não; se é um Espírito leviano, diverte-se em mistificar, sem outro intuito”.

14ª Se alguns Espíritos podem enganar pela linguagem de que usam, segue-se que também podem tomar uma falsa aparência aos olhos de um médium vidente?

“Isso se dá, porém, mais dificilmente. Todavia, só se verifica com um fim que os próprios Espíritos maus desconhecem. Eles então servem de instrumentos para uma lição. O médium vidente pode ver Espíritos levianos e mentirosos, como outros os ouvem, ou escrevem sob a influência deles. Os Espíritos levianos podem se aproveitar dessa disposição para enganá-lo por meio de falsas aparências; isso depende das qualidades do Espírito do próprio médium”.

15ª Para não ser enganado, basta que alguém esteja cheio de boas intenções? E os homens sérios, que não mesclam de vã curiosidade seus estudos, também se acham sujeitos a ser enganados?

“Evidentemente, menos do que os outros; mas, o homem tem sempre alguns pontos fracos que atraem os Espíritos zombeteiros. Ele se julga forte e muitas vezes não o é. Logo, deve desconfiar sempre da fraqueza que nasce do orgulho e dos preconceitos. Ninguém leva bastante em conta estas duas causas de queda, de que se aproveitam os Espíritos que, lisonjeando as manias, têm a certeza do bom êxito”.

16ª Por que Deus permite que maus Espíritos se comuniquem e digam coisas ruins?

“Sempre se colhe um ensinamento – ainda mesmo no que haja de pior. Cabe a vocês saber colhê-lo. Se faz necessário que haja comunicações de todas as espécies, para que aprendam a distinguir os bons Espíritos dos maus e para que se sirvam de espelho a vocês mesmos”.

17ª Os Espíritos podem inspirar desconfianças infundadas contra certas pessoas e causar dissídios entre amigos por meio de comunicações escritas?

“Espíritos perversos e invejosos podem fazer, no terreno do mal, o que os homens fazem. Por isso é que estes devem estar em guarda. Os Espíritos superiores são sempre prudentes e reservados, quando têm de censurar; nada de mal dizem: advertem cautelosamente. No interesse delas, se querem que duas pessoas deixem de se ver, darão causa a incidentes que as separarão de modo todo natural. Uma linguagem própria a semear a discórdia e a desconfiança é sempre obra de um mau Espírito, qualquer que seja o nome com que se adorne. Assim, pois, usem de muita cautela no acolher o que de mal um Espírito possa dizer de um de vocês, sobretudo quando um bom Espírito lhes tenha falado bem da mesma pessoa, e desconfiem também de si mesmos e das próprias prevenções. Das comunicações dos Espíritos, guardam apenas o que haja de belo, de grande, de racional, e o que a sua consciência aprove”.

18ª Pela facilidade com que os maus Espíritos se intrometem nas comunicações, parece legítimo concluir que nunca estaremos certos de ter a verdade?

“Não é assim, pois que vocês têm um juízo para julgar. Pela leitura de uma carta, sabem perfeitamente reconhecer se foi um tipo sem educação ou um homem bem-educado, um ignorante ou um sábio que a escreveu; por que não poderiam conseguir isso, quando são os Espíritos que escrevem? Ao receberem uma carta de um amigo ausente, o que é que lhes assegura que ela vem dele? A caligrafia, dirão; mas, não há falsários que imitam todas as caligrafias; tratantes que podem conhecer os seus negócios? Entretanto, há sinais que não lhes permitirão qualquer equívoco. O mesmo sucede com relação aos Espíritos. Pois bem, imaginem que é um amigo quem escreve ou que leem a obra de um escritor, e julguem pelos mesmos meios”.

19ª Os Espíritos superiores poderiam impedir que os maus Espíritos tomassem falsos nomes?

“Certamente que o podem; porém, quanto piores são os Espíritos, mais se mostram teimosos e muitas vezes resistem a todas as injunções. Também é preciso saber que há pessoas pelas quais os Espíritos superiores se interessam mais do que outras e, quando eles julgarem conveniente, as preservam dos ataques da mentira. Contra essas pessoas os Espíritos enganadores nada podem”.

20ª Qual o motivo de semelhante parcialidade?

“Não há parcialidade, há justiça. Os bons Espíritos se interessam pelos que usam criteriosamente da capacidade de discernir e trabalham seriamente por se melhorar. Dão a esses suas preferências e os ajudam; porém, poucos se incomodam com aqueles junto dos quais perdem o tempo em belas palavras”.

21ª Por que Deus permite que os Espíritos cometam o sacrilégio de usar falsamente de nomes venerados?

“Poderiam também perguntar por que Deus permite que os homens mintam e blasfemem. Os Espíritos, assim como os homens, têm o seu livre-arbítrio para o bem, tanto quanto para o mal; porém, nem a uns nem a outros a justiça de Deus deixará de atingir”.

22ª Haverá fórmulas eficazes para expulsar os Espíritos enganadores?

“Fórmula é matéria; vale muito mais um bom pensamento dirigido a Deus”.

23ª Alguns Espíritos dizem que têm sinais gráficos inimitáveis – espécies de emblemas – pelos quais podem ser conhecidos e comprovarem a sua identidade; é verdade?

“Os Espíritos superiores não têm nenhum outro sinal para se fazerem reconhecer além da superioridade das suas ideias e de sua linguagem. Qualquer Espírito pode imitar um sinal material. Quanto aos Espíritos inferiores, esses se traem de tantos modos, que seria preciso ser cego para deixar-se iludir”.

24ª Os Espíritos enganadores não podem também adulterar o pensamento?

“Adulteram o pensamento, como os cenógrafos contrafazem a Natureza”.

25ª Parece sempre fácil assim descobrir a fraude por meio de um estudo atento?

“Não duvidem disso. Os Espíritos só enganam os que se deixam enganar. Mas, é preciso ter olhos de mercador de diamantes para distinguir a pedra verdadeira da falsa. Ora, aquele que não sabe diferenciar a pedra fina da falsa se dirige ao lapidário”.⁴⁴

26ª Há pessoas que se deixam ser seduzidas por uma linguagem enfática – que apreciam mais as palavras do que as ideias –, que até tomam ideias falsas e vulgares por sublimes. Como essas pessoas, que não estão aptas a julgar as obras dos homens, podem julgar as dos Espíritos?

“Quando essas pessoas são bastante modestas para reconhecer a sua incapacidade, não se fiam de si mesmas; quando se julgam mais capazes do que o são, por orgulho, trazem consigo a pena da vaidade tola que alimentam. Os Espíritos enganadores sabem perfeitamente a quem se dirigem. Há pessoas simples e pouco instruídas mais difíceis de enganar do que outras, que têm finura e sabedoria. Lisonjeando-lhes as paixões, fazem eles do homem o que querem”.

27ª Na escrita, aconteceria que os maus Espíritos algumas vezes se traíam por sinais materiais involuntários?

“Os hábeis, não; os desajuizados se desencaminham. Todo sinal inútil e tolo é indício certo de inferioridade. Os Espíritos elevados nada fazem de inútil”.

28ª Muitos médiuns reconhecem os bons e os maus Espíritos pela impressão agradável ou penosa que experimentam na aproximação deles. Perguntamos se a impressão desagradável, a agitação convulsiva, o mal-estar são sempre indícios da má natureza dos Espíritos que se manifestam?

“O médium experimenta as sensações do estado em que se encontra o Espírito que se aproxima dele. Quando feliz, o Espírito é tranquilo, leve, refletido; quando infeliz, é agitado, febril, e essa agitação se transmite naturalmente ao sistema nervoso do médium. Em suma, acontece o que se dá com o homem na Terra: o bom é calmo, tranquilo; o mau está constantemente agitado”.

⁴⁴ **Lapidário:** aquele que sabe avaliar o valor de um diamante – N. D.

Nota – Há médiuns de maior ou menor impressionabilidade nervosa, pelo que a agitação não se pode considerar como regra absoluta. Aqui, como em tudo, devemos ter em conta as circunstâncias. O caráter penoso e desagradável da impressão é um efeito de contraste, porque, se o Espírito do médium simpatiza com o mau Espírito que se manifesta, nada ou muito pouco a proximidade deste o afetará. Todavia, é preciso se não confunda a rapidez da escrita – que deriva da extrema flexibilidade de certos médiuns – com a agitação convulsiva que os médiuns mais lentos podem experimentar ao contato dos Espíritos imperfeitos.

CAPÍTULO XXV

DAS EVOCAÇÕES

- CONSIDERAÇÕES GERAIS
- ESPÍRITOS QUE SE PODE EVOCAR
- LINGUAGEM DE QUE SE DEVE USAR COM OS ESPÍRITOS
- UTILIDADE DE EVOCAÇÕES PARTICULARES
- QUESTÕES SOBRE AS EVOCAÇÕES
- EVOCAÇÕES DOS ANIMAIS
- EVOCAÇÕES DAS PESSOAS VIVAS
- TELEGRAFIA HUMANA

CONSIDERAÇÕES GERAIS

269. Os Espíritos podem se comunicar espontaneamente ou atender ao nosso chamado, isto é, vir por evocação. Algumas pessoas pensam que todos devem evitar evocar tal ou tal Espírito e ser preferível que espere aquele que queira se comunicar. Baseiam-se em que, chamando determinado Espírito, não podemos ter a certeza de ser ele quem se apresente, ao passo que aquele que vem espontaneamente melhor prova a sua identidade, pois que manifesta assim o desejo que tem de se estar conosco. Em nossa opinião, isso é um erro: primeiramente, porque há sempre em torno de nós Espíritos – muitas vezes na condição inferior – que outra coisa não querem senão se comunicar; em segundo lugar e mesmo por esta última razão, não chamar a nenhum em particular é abrir a porta a todos os que queiram entrar. Não dar a palavra a ninguém numa reunião é deixá-la livre a toda mundo e sabemos o que daí resulta. A chamada direta de determinado Espírito constitui um laço entre ele e nós; chamamos a ele pelo nosso desejo e opomos assim uma espécie de barreira aos intrusos. Sem uma chamada direta, é comum que um Espírito não tenha nenhum motivo para vir conversar conosco, a menos que seja nosso familiar.

Cada uma destas duas maneiras de operar tem suas vantagens e nenhuma desvantagem haveria, senão na exclusão absoluta de uma delas. As comunicações espontâneas não nenhum apresentam inconveniente quando se está ciente dos Espíritos e certo de não deixar que os maus tomem a dianteira. Então, é quase sempre bom aguardar a boa vontade dos que se disponham a se comunicar, porque nenhum constrangimento sofre o pensamento deles e dessa maneira se podem obter coisas admiráveis; entretanto, pode ser que o Espírito por quem se chama não esteja disposto a falar ou não seja capaz de fazê-lo no sentido desejado. O exame

cuidadoso que temos aconselhado é, aliás, uma garantia contra as comunicações maldosas. Nas reuniões regulares, sobretudo, naquelas em que se faz um trabalho continuado, há sempre Espíritos habituais que a elas comparecem, sem que sejam chamados, por estarem prevenidos, em virtude mesmo da regularidade das sessões. Assim, frequentemente tomam a palavra de modo espontâneo para tratar de um assunto qualquer, desenvolver uma proposição ou prescrever o que se deva fazer, caso em que são facilmente reconhecíveis, quer pela forma da linguagem – que é sempre idêntica – quer pela escrita, quer por certos hábitos que lhes são peculiares.

270. Quando se deseja comunicar com *determinado* Espírito, é de toda necessidade evocá-lo (Nº 203). Se ele pode vir, a resposta é geralmente *Sim* ou *Estou aqui*, ou ainda *Que quereis de mim?* Às vezes, entra diretamente em matéria, respondendo de antemão às perguntas que se lhe queria dirigir.

Quando um Espírito é evocado pela primeira vez, convém designá-lo com alguma precisão. Nas perguntas que se façam a ele, devem ser evitadas as fórmulas secas e imperativas, que seriam um motivo de afastamento dele. As fórmulas devem ser afetuosas e respeitosas, conforme o Espírito, e, em todos os casos, cumpre que o evocador lhe dê prova da sua benevolência.

271. Quase sempre surpreende a prontidão com que um Espírito evocado se apresenta – mesmo da primeira vez. Diríamos que estava prevenido. É o que se dá na prática, quando com a sua evocação se preocupa de antemão aquele que o evoca. Essa preocupação é uma espécie de evocação antecipada e, como temos sempre conosco os nossos Espíritos familiares que se identificam com o nosso pensamento, eles preparam o caminho de tal sorte que, se nenhum obstáculo surge, o Espírito que desejamos chamar já se acha presente ao ser evocado. Quando assim não acontece, é o Espírito familiar do médium, ou o do interrogante, ou ainda um dos que costumam frequentar as reuniões que vai buscá-lo, para o que não precisa de muito tempo. Se o Espírito evocado não pode vir de pronto, o mensageiro (os pagãos diriam *Mercúrio*)⁴⁵ marca um prazo, às vezes de cinco minutos, um quarto de hora e até muitos dias. Logo que ele chega, diz *Aqui estou*. Podem então começar a ser feitas as perguntas que se quer dirigir-lhe.

O mensageiro nem sempre é um intermediário indispensável, pois o Espírito pode ouvir diretamente o chamado do evocador, conforme ficou dito em o nº 282, pergunta 5, sobre o modo de transmissão do pensamento.

Quando dizemos que se faça a evocação em nome de Deus, queremos que a nossa recomendação seja tomada a sério e não levianamente. Os que nisso vejam o emprego de uma fórmula sem consequências farão melhor contendo-se.

272. Frequentemente, as evocações oferecem mais dificuldades aos médiuns do que os ditados espontâneos, sobretudo quando se trata de obter respostas precisas a questões circunstanciadas. Para isto, são necessários médiuns especiais, ao mesmo tempo *flexíveis* e *positivos* e já no nº 193 vimos que estes últimos são bastante raros, por isso que, conforme dissemos, as relações fluídicas nem sempre se estabelecem

⁴⁵ **Mercúrio** aqui se refere à tradução latina de **Hermes**, deus da mitologia grega, encarregado de levar mensagens aos mortais – N. D.

instantaneamente com o primeiro Espírito que se apresente. Daí por que convir que os médiuns não se entreguem às evocações detalhadas, senão depois de estarem certos do desenvolvimento de suas aptidões e da natureza dos Espíritos que os assistem, visto que com os mal assistidos as evocações nenhum caráter podem ter de autenticidade.

273. Os médiuns são geralmente muito mais procurados para as evocações de interesse particular do que para comunicações de interesse geral; isto se explica pelo desejo muito natural que todos têm de conversar com seus entes queridos. Julgamos dever fazer algumas recomendações importantes aos médiuns sobre este propósito. Primeiramente que não atendam a esse desejo, senão com muita reserva, quando se tratar de pessoas de cuja sinceridade não estejam completamente seguros e que se cuidem das armadilhas que pessoas malvadas lhes possam preparar. Em segundo lugar, que não se prestem a tais evocações sob fundamento algum se perceberem um fim de simples curiosidade, ou de interesse, e não uma intenção séria da parte do evocador; que se recusem a fazer qualquer pergunta inútil ou que sai do âmbito das que racionalmente se podem dirigir aos Espíritos. As perguntas devem ser formuladas com clareza, precisão e sem preconceitos – se querendo respostas categóricas. Pois então, devem rejeitar todas as que tenham caráter malicioso, porque é sabido que os Espíritos não gostam das que têm por objetivo pô-los à prova. Insistir em questões desta natureza é querer ser enganado. O evocador deve ir ao ponto visado franca e abertamente, sem subterfúgios e sem rodeios. Se receia se explicar, melhor será que se abstenha.

Na ausência das pessoas que as pediram, convém igualmente que só se façam evocações com muita prudência, sendo mesmo preferível que não sejam feitas nessas condições, visto que somente aquelas pessoas se acham aptas a analisar as respostas, a julgar da identidade, a provocar esclarecimentos, se for oportuno, e a formular questões incidentais que as circunstâncias indiquem. Além disso, a presença delas é um laço que atrai o Espírito, quase sempre pouco disposto a se comunicar com estranhos, que não lhes inspiram nenhuma simpatia. Por fim, o médium deve evitar tudo o que possa transformá-lo em agente de consultas, o que, aos olhos de muitas pessoas, é sinônimo de ledor da “sorte”.

ESPÍRITOS QUE SE PODEM EVOCAR

274. Todos os Espíritos – qualquer que seja o grau em que se encontrem na escala espiritual – podem ser evocados: assim os bons, como os maus, tanto os que deixaram a vida de pouco, como os que viveram nas épocas mais remotas, os que foram homens ilustres, como os mais obscuros, os nossos parentes e amigos, como os que nos são indiferentes. Porém, isto não quer dizer que eles sempre queiram ou possam responder ao nosso chamado. Independente da própria vontade ou da permissão – que lhes pode ser recusada por uma potência superior – é possível se achem impedidos de fazê-lo, por motivos que nem sempre nos é dado conhecer. Queremos dizer que não há impedimento absoluto que se oponha às comunicações, salvo o que dentro em pouco diremos. Os obstáculos capazes de impedir que um Espírito se manifeste são quase sempre individuais e derivam das circunstâncias.

275. Entre as causas que podem impedir a manifestação de um Espírito, umas lhe são pessoais e outras, estranhas. Entre as primeiras, devemos colocar as ocupações ou as missões que esteja desempenhando e das quais não pode se afastar para ceder aos nossos desejos. Neste caso, sua visita apenas fica adiada.

Há também a sua própria situação. Se bem que o estado de encarnação não constitua obstáculo absoluto, pode representar um impedimento, em certas ocasiões, sobretudo quando aquela se dá nos mundos inferiores e quando o próprio Espírito está pouco desmaterializado. Nos mundos superiores – naqueles em que os laços entre o Espírito e a matéria são muito fracos – a manifestação é quase tão fácil quanto no estado errante, mais fácil, em todo caso, do que nos mundos onde a matéria corporal é mais compacta.

As causas estranhas residem principalmente na qualidade do médium, na da pessoa que evoca, no meio em que se faz a evocação, enfim, no objetivo que se tem em vista. Alguns médiuns recebem mais particularmente comunicações de seus Espíritos familiares – que podem ser mais ou menos elevados; outros se mostram aptos a servir de intermediários a todos os Espíritos, dependendo isto da simpatia ou da antipatia, da atração ou da repulsão que o Espírito pessoal do médium exerce sobre o Espírito chamado, o qual pode tomá-lo por intérprete, prazerosamente ou com repugnância. Isto também depende do desenvolvimento da faculdade mediúnica – com exceção das qualidades íntimas do médium. Os Espíritos vêm com a melhor vontade e, sobretudo, são mais explícitos com um médium que não lhes oferece nenhum obstáculo material. Aliás, em igualdade de condições morais, quanto mais facilidade tenha o médium para escrever ou para se exprimir, tanto mais se generalizam suas relações com o mundo espírita.

276. Ainda devemos levar em conta a facilidade que deve resultar do hábito da comunicação com tal ou qual Espírito. Com o tempo, o Espírito estranho se identifica com o do médium e também com aquele que o chama. Posta de parte a questão da simpatia, entre eles se estabelecem relações fluídicas que tornam mais prontas as comunicações. Por isso é que uma primeira conversação nem sempre é tão satisfatória quanto se desejaria e que os próprios Espíritos pedem frequentemente que os chamem de novo. O Espírito que vem habitualmente está como em sua casa: fica familiarizado com seus ouvintes e intérpretes, fala e age livremente.

277. Em resumo, do que acabamos de dizer resulta: que a capacidade de evocar todo e qualquer um não implica que o Espírito esteja à nossa disposição; que ele pode vir em certa ocasião e não vir noutra, com um médium ou um evocador que lhe agrade e não com outro; dizer o que quer, sem poder ser constrangido a dizer o que não queira; ir quando lhe aprouver; enfim, que por causas dependentes ou não da sua vontade, depois de se haver mostrado assíduo durante algum tempo, pode de repente deixar de vir.

Por todos estes motivos é que, quando se deseja chamar um Espírito que ainda não se apresentou, é necessário perguntar ao seu guia protetor se a evocação é possível; caso não seja, ele geralmente dá as razões e então é inútil insistir.

278. Uma questão importante se apresenta aqui: a de saber se há ou não inconveniente em evocar maus Espíritos. Isto depende do fim que se tenha em vista e da superioridade que se possa exercer sobre eles. O inconveniente é nulo quando são chamados com um fim sério, qual o de instruí-los e melhorar; é, ao contrário, muito grande, quando chamados por mera curiosidade ou por divertimento, ou ainda quando quem os chama se põe na dependência deles, pedindo-lhes um serviço qualquer. Neste caso, os bons Espíritos podem muito bem lhes dar o poder de fazerem o que se pede a eles, o que não exclui que seja severamente punido mais tarde o temerário que ousou solicitar o auxílio e supô-los mais poderosos do que Deus. Para quem proceda assim, será em vão que prometa a si mesmo fazer dali em diante bom uso do auxílio pedido e despedir o servidor, uma vez prestado o serviço. Esse mesmo serviço que se solicitou – por mínimo que seja – é um verdadeiro pacto firmado com o mau Espírito e este não larga facilmente a sua presa. (veja nº 212).

279. Ninguém exerce domínio sobre os Espíritos inferiores, senão pela *superioridade moral*. Os Espíritos perversos sentem que os homens de bem os superam. Contra quem só lhes oponha a energia da vontade, espécie de força bruta, eles lutam e muitas vezes são os mais fortes. A alguém que procurava domar um Espírito rebelde unicamente pela ação da sua vontade, respondeu àquele: *Deixa-me em paz, com teus ares de valentão, que não vale mais do que eu; não passa de um ladrão a pregar moral a outro ladrão*.

Há quem se espante de que o nome de Deus, invocado contra eles, não produza nenhum efeito. A razão desse fato São Luís nos deu, na resposta seguinte:

“O nome de Deus só tem influência sobre os Espíritos imperfeitos, quando proferido por quem, pelas suas virtudes, possa se servir dele com autoridade. Pronunciado por quem não tenha nenhuma superioridade moral com relação ao Espírito, é uma palavra como qualquer outra. O mesmo se dá com as coisas santas com que se procure dominá-los. A mais terrível das armas se torna inofensiva em mãos inábeis a se servirem dela, ou incapazes de manejá-la”.

LINGUAGEM DE QUE SE DEVE USAR COM OS ESPÍRITOS

280. O grau de superioridade ou inferioridade dos Espíritos indica naturalmente em que tom convém que se fale com eles. É evidente que quanto mais elevados sejam, tanto mais direito eles têm ao nosso respeito, às nossas atenções e à nossa submissão. Não lhes devemos demonstrar menos respeito do que demonstraríamos – embora por outros motivos – se estivessem vivos. Na Terra, levaríamos em consideração a categoria e a posição social deles; no mundo dos Espíritos, o nosso respeito tem que ser motivado pela superioridade moral de que desfrutam. A própria elevação que possuem os coloca acima das infantilidades das nossas fórmulas bajulatórias. Não é com palavras que podemos captar a benevolência deles, mas pela sinceridade dos sentimentos. Logo, seria ridículo estarmos a lhes dar os títulos que os nossos usos consagram, para distinção das categorias, e que porventura lhes exaltariam a vaidade, quando vivos. Se são realmente superiores, não somente

nenhuma importância dão a esses títulos, como até lhes desagradam que os empreguemos. Um bom pensamento lhes é mais agradável do que os mais elogiosos rótulos; se assim não fosse, eles não estariam acima da Humanidade.

O Espírito de venerável eclesiástico – que foi na Terra um príncipe da Igreja, homem de bem, praticante da lei de Jesus –, respondeu certa vez a alguém que o evocara dando-lhe o título de Monsenhor: “Deveria, ao menos, dizer: ex-Monsenhor, porque aqui só há um Senhor: Deus. Fique sabendo: vejo muitos que na Terra se ajoelhavam na minha presença, diante dos quais hoje me inclino”.

Quanto aos Espíritos inferiores, o caráter que nos revelam é que determina a linguagem de que devemos usar para com eles. Há os que, embora inofensivos e até delicados, são levianos, ignorantes, estouvados. Dar-lhes tratamento igual ao que dispensamos aos Espíritos sérios, como o fazem certas pessoas, seria o mesmo que nos inclinarmos diante de um colegial ou diante de um asno que se vestisse de doutor. O tom de familiaridade não seria descabido entre eles, que por isso não se formalizam; ao contrário, acolhem-no de muito boa vontade.

Entre os Espíritos inferiores, há muitos que são infelizes. Quaisquer que sejam as faltas que estejam expiando, seus sofrimentos constituem títulos tanto maiores à nossa comiseração, quanto é certo que ninguém pode lisonjear-se de lhe não caberem estas palavras do Cristo: “Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado”. A bondade que testemunhemos neles representa um alívio para eles. Na falta de simpatia, precisam encontrar em nós a indulgência que desejaríamos que tivessem conosco.

Os Espíritos que revelam a sua inferioridade pelo cinismo da linguagem, pelas mentiras, pela baixaza dos sentimentos, pela infidelidade dos conselhos, são sem dúvidas menos dignos do nosso interesse do que aqueles cujas palavras atestam o seu arrependimento; mas, pelo menos, devemos a eles a piedade que nos inspiram os maiores criminosos e o meio de os reconduzirmos ao silêncio consiste em nos mostrarmos superiores a eles, que não confiam senão nas pessoas de quem julgam nada terem que temer, pois os Espíritos perversos sentem que os homens de bem são seus superiores – como os Espíritos elevados.

Em resumo, tão irreverente seria tratarmos de igual para igual os Espíritos superiores, quanto ridículo seria dispensarmos a todos o mesmo respeito – sem exceção. Tenhamos veneração para os que a merecem, reconhecimento para os que nos protegem e nos assistem e, para todos os demais, a benignidade de que talvez um dia venhamos a necessitar. Penetrando no mundo incorpóreo, aprendemos a conhecê-lo e esse conhecimento nos deve guiar em nossas relações com os que o habitam. Os Antigos, na sua ignorância, levantaram-lhes altares; para nós, eles são apenas criaturas mais ou menos perfeitas, e altares só a Deus se levantam.

UTILIDADE DAS EVOCAÇÕES PARTICULARES

281. As comunicações que obtemos dos Espíritos muito elevados ou dos que animaram grandes personagens da antiguidade são preciosas, pelos altos ensinamentos que trazem. Esses Espíritos conquistaram um grau de perfeição que lhes permite abranger um campo de ideias muito mais extenso, penetrar mistérios

além do alcance comum da Humanidade e, por isso, iniciar-nos melhor do que outros em certas coisas. Não se segue daí que as comunicações dos Espíritos de ordem menos elevada sejam inúteis: muita instrução o observador colhe delas. Para conhecermos os costumes de um povo, se faz preciso estudá-los em todos os graus da escala. Quem não o tenha visto senão por uma face mal o conhece. A história de um povo não é a dos seus reis, nem a das suas sumidades sociais; para julgá-lo, é preciso vê-lo na vida íntima, nos hábitos particulares.

Ora, os Espíritos superiores são as sumidades do mundo espírita; a própria elevação em que se acham os coloca acima de nós de tal modo que a distância a que deles estamos nos assombra. Espíritos mais burgueses (nos perdoem por esta expressão) nos tornam mais acessíveis as circunstâncias da nova existência em que se encontram. Neles, a ligação entre a vida corporal e a vida espírita é mais íntima e a compreendemos melhor, porque ela nos toca mais de perto. Pelo que eles nos dizem, aprendendo em que se tornaram, o que pensam e o que experimentam os homens de todas as condições e de todos os caracteres, assim os de bem como os viciosos, os grandes e os pequenos, os felizes e os desgraçados do século, numa palavra: os que viveram entre nós, os que vimos e conhecemos, os de quem sabemos a vida real, as virtudes e os erros, bem lhes compreendemos as alegrias e os sofrimentos, a umas e outros nos associamos e destes e daquelas tiramos um ensinamento moral, tanto mais proveitoso quanto forem mais estreitas as nossas relações com eles. Mais facilmente nos pomos no lugar daquele que foi nosso igual do que no de outro que apenas vemos através da miragem de uma glória celestial. Os Espíritos comuns nos mostram a aplicação prática das grandes e sublimes verdades, cuja teoria os Espíritos superiores nos ministram. Aliás, nada é inútil no estudo de uma ciência. Newton achou a lei das forças do Universo, no mais simples dos fenômenos⁴⁶.

Além disso, a evocação dos Espíritos comuns tem a vantagem de nos pôr em contato com Espíritos sofredores, que podemos aliviar e cujo adiantamento podemos facilitar por meio de bons conselhos. Então, todos podemos nos tornar úteis ao mesmo tempo em que nos instruímos. Há egoísmo naquele que procura nas manifestações dos Espíritos somente a sua própria satisfação, e dá prova de orgulho aquele que deixa de estender a mão em socorro dos desgraçados. De que lhe serve obter delas comunicações de Espíritos elevados se isso não o faz melhor para consigo mesmo, nem mais caridoso e benévolo para com seus irmãos deste mundo e do outro? Que seria dos pobres doentes se os médicos se recusassem a tratar de suas chagas?

282. QUESTÕES SOBRE AS EVOCAÇÕES

1ª Alguém pode evocar os Espíritos sem ser médium?

“Todo mundo pode evocar os Espíritos e, se aqueles que forem chamados não puderem se manifestar materialmente, nem por isso deixarão de estar junto de ti e de te escutar”.

⁴⁶ Kardec refere-se ao cientista inglês **Isaac Newton** (1643-1727) e o “fenômeno” referido é a queda da maçã, que o inspirou para o estudo da **Lei de Gravidade** – N. D.

2ª O Espírito evocado atende sempre ao chamado dirigido a ele?

“Isso depende das condições em que se encontre, porque há circunstâncias em que não pode atender”.

3ª Quais as causas que podem impedir um Espírito atender ao nosso chamado?

“Em primeiro lugar, a sua própria vontade; depois o seu estado corporal, caso se ache encarnado, as missões de que esteja encarregado, ou ainda o fato de lhe ser negada a permissão para isso.

“Há Espíritos que nunca podem se comunicar: os que – por sua natureza – ainda pertencem a mundos inferiores à Terra. Muito menos os que se acham nas dimensões de punição, a menos que uma permissão especial lhes seja dada, com um fim de utilidade geral. Para que um Espírito possa se comunicar é preciso tenha alcançado o grau de adiantamento do mundo onde o chamam, pois do contrário, estranho que ele é às ideias desse mundo, nenhum ponto de comparação terá para se expressar. O mesmo já não se dá com os que estão nos mundos inferiores em missão ou em expiação. Esses têm as ideias necessárias para responder ao chamado”.

4ª Por qual motivo a permissão para se comunicar pode ser negada a um Espírito?

“Pode ser uma prova ou uma punição, para ele ou àquele que o chama”.

5ª Como os Espíritos que estão dispersos pelo espaço ou pelos diferentes mundos podem ouvir as evocações que lhes são dirigidas de todos os pontos do Universo?

“Muitas vezes são prevenidos pelos Espíritos familiares que os cercam e que os vão procurar. Porém, aqui se passa um fenômeno difícil de ser explicado a vocês porque ainda não podem compreender o modo de transmissão do pensamento entre os Espíritos. O que te posso afirmar é que o Espírito evocado, por muito afastado que esteja, recebe, por assim dizer, o choque do pensamento como uma espécie de choque elétrica que lhe chama a atenção para o lado de onde vem o pensamento que o atinge. Podemos dizer que ele ouve o pensamento, como na Terra se ouve a voz”.

a) Será o fluido universal o veículo do pensamento, como o ar é o do som?

“Sim, com a diferença de que o som não pode se fazer ouvir senão dentro de um espaço muito limitado, enquanto que o pensamento alcança o infinito. O Espírito, no Além, é como o viajante que em meio de vasta planície, ouvindo pronunciar o seu nome, se dirige para o lado de onde o chamam”.

6ª Sabemos que as distâncias nada são para os Espíritos; contudo, causa espanto ver que respondem tão prontamente ao chamado, como se estivessem muito perto.

“É que, na prática, às vezes estão mesmo. Se a evocação é premeditada, o Espírito se acha de antemão prevenido e frequentemente se encontra no lugar onde o vão evocar antes que o chamem”.

7ª Poderia acontecer de o pensamento do evocador ser mais ou menos facilmente percebido, conforme as circunstâncias?

“Sem dúvida alguma. O Espírito é mais vivamente atingido, quando chamado por um sentimento de simpatia e de bondade. É como uma voz amiga que ele reconhece. A não ser isso, acontece com frequência que a evocação *não produz nenhum efeito*. O pensamento que se emite na evocação toca o Espírito; se é mal dirigido, perde-se no vazio. Ocorre com os Espíritos o que se dá com os homens; se aquele que os chama lhes é indiferente ou antipático, podem ouvi-lo, porém, as mais das vezes, não o atendem”.

8ª O Espírito evocado vem espontaneamente ou constrangido?

“Obedece à vontade de Deus, isto é, à lei geral que rege o Universo. Todavia, a palavra “constrangido” não se ajusta ao caso, pois o Espírito julga da utilidade de vir ou não – ainda aí exerce o livre-arbítrio. O Espírito superior vem sempre que chamado com um fim útil; não se nega a responder, senão a pessoas pouco sérias e que tratam destas coisas por divertimento”.

9ª O Espírito evocado pode se negar a atender ao chamado que lhe é dirigido?

“Perfeitamente; onde estaria o seu livre-arbítrio, se não fosse assim? Pensam que todos os seres do Universo estão às suas ordens? Vocês mesmos se consideram obrigados a responder a todos os que pronunciam seus nomes? Quando digo que o Espírito pode se recusar, refiro-me ao pedido do evocador, visto que um Espírito inferior pode ser constrangido a vir por um Espírito superior”.

10ª Haverá meio para o evocador obrigar um Espírito a vir contra a vontade?

“Nenhum, desde que o Espírito lhe seja igual ou superior, em moralidade. Digo em *moralidade* e não em *inteligência*, porque então, nenhuma autoridade o evocador tem sobre ele. Se lhe é inferior, o evocador pode consegui-lo, desde que seja para bem do Espírito, porque nesse caso outros Espíritos o ajudarão” (Nº 279).

11ª Haverá inconveniente em se evocar Espíritos inferiores e será de temer que, chamando-os, o evocador fique sob o domínio deles?

“Eles não dominam senão os que se deixam dominar. Aquele que é auxiliado por bons Espíritos nada tem que temer. Impõe-se aos Espíritos inferiores e não o contrário. Isolados, os médiuns devem evitar tais evocações – sobretudo os que começam (Nº 278).

12ª Serão necessárias algumas disposições especiais para as evocações?

“Quando se deseja entrar em comunicação com Espíritos sérios, a mais essencial de todas as disposições é o recolhimento. Com fé e com o desejo do bem, tem-se mais força para evocar os Espíritos superiores. Elevando sua alma, por alguns instantes de recolhimento, quando da evocação, o evocador se identifica com os bons Espíritos e os dispõe a virem”.

13ª É preciso ter fé para as evocações?

“A fé em Deus, sim; para o mais, a fé virá, se desejarem o bem e tiverem o propósito de se instruir”.

14ª Reunidos em comunhão de pensamentos e de intenções, os homens dispõem de mais poder para evocar os Espíritos?

“Quando todos estão reunidos pela caridade e para o bem, alcançam grandes coisas. Nada mais prejudicial ao resultado das evocações do que a divergência de ideias”.

15ª Será conveniente o cuidado de se formar uma cadeia, todos dando as mãos, alguns minutos antes de começar a reunião?

“A cadeia é um meio material, que não estabelece a união entre vocês, se esta não existe nos pensamentos; mais conveniente do que isso é unirem-se todos por um pensamento comum, chamando os bons Espíritos cada um, de seu lado. Não imaginam o que se pode obter numa reunião séria, de onde se haja banido todo sentimento de orgulho e de vaidade e onde reine perfeito o de mútua cordialidade”.

16ª São preferíveis as evocações em dias e horas determinados?

“Sim e se for possível no mesmo lugar: os Espíritos aí atendem com mais satisfação. O desejo constante que têm é que auxilia os Espíritos a se porem em comunicação com vocês. Eles têm ocupações que não podem deixar *de improviso*, para satisfação pessoal. Digo *no mesmo lugar*, mas não julguem que isso deva ser uma obrigação absoluta, pois os Espíritos vão a toda parte. Quero dizer que um lugar reservado às reuniões é preferível porque o recolhimento se faz mais perfeito”.

17ª Certos objetos como medalhas e talismãs têm a propriedade de atrair ou repelir os Espíritos conforme alguns acreditam?

“Esta pergunta era dispensada, porque sabem bem que a matéria não exerce nenhuma ação sobre os Espíritos. Fiquem bem certos de que nunca um bom Espírito aconselhará semelhantes absurdos. Qualquer natureza que sejam, a virtude dos talismãs jamais existiu senão na imaginação das pessoas crédulas”.

18ª Que se deve pensar dos Espíritos que marcam encontros em lugares sombrios e a horas indevidas?

“Esses Espíritos se divertem à custa dos que lhes dão ouvidos. É sempre inútil e não raro perigoso ceder a tais sugestões: inútil, porque nada absolutamente se ganha em ser mistificado; perigoso, não pelo mal que os Espíritos possam fazer, mas pela influência que isso pode ter sobre cérebros fracos”.

19ª Haverá dias e horas mais propícias para as evocações?

“Para os Espíritos isso é completamente indiferente, como tudo o que é material, e seria superstição acreditar na influência dos dias e das horas. Os momentos mais propícios são aqueles em que o evocador possa estar menos distraído pelas suas ocupações habituais, em que se ache mais calmo de corpo e de espírito”.

20ª Para os Espíritos, a evocação é coisa agradável ou penosa? Eles vêm de boa vontade, quando chamados?

“Isso depende do caráter deles e do motivo com que são chamados. Quando

é louvável o objetivo e quando o meio lhes é simpático, a evocação constitui para eles coisa agradável e mesmo atraente; os Espíritos se sentem sempre contentes com a afeição que se demonstre a eles. Há alguns para os quais representa grande felicidade se comunicarem com os homens e que sofrem com o abandono em que são deixados. Mas como já disse, isto igualmente depende das qualidades deles. Entre os Espíritos, também há misantropos, que não gostam de ser incomodados e cujas respostas se ressentem do mau humor em que vivem, sobretudo quando chamados por pessoas que lhes são indiferentes, pelas quais não se interessam. Muitas vezes, um Espírito não tem nenhum motivo para atender ao chamado de um desconhecido, que lhe é indiferente e que quase sempre tem a inspirá-lo a curiosidade. Se vem, em geral suas aparições são curtas, a menos que a evocação vise a um fim sério e instrutivo”.

Nota – Há pessoas que só evocam seus parentes para lhes perguntar as coisas mais vulgares da vida material, por exemplo: um, para saber se alugará ou venderá sua casa; outro, para saber que lucro tirará da sua mercadoria, o lugar em que há dinheiro escondido, se tal negócio será ou não vantajoso. Nossos parentes de além-túmulo por nós só se interessam em virtude da afeição que lhes dedicamos. Se os nossos pensamentos com relação a eles se limitam a supôlos feiticeiros, se neles só pensamos para lhes pedir informações, é claro que não nos podem ter grande simpatia e ninguém deve surpreender-se com a pouca benevolência que lhes demonstrem.

21ª Há alguma diferença entre os bons e os maus Espíritos, sobre a dedicação em atender ao nosso chamado?

“Há uma bem grande: os maus Espíritos não vêm de boa vontade, senão quando esperam dominar e enganar; experimentam viva contrariedade, quando forçados a vir, para confessarem suas faltas, e outra coisa não procuram senão ir embora, como um colegial repreendido. Podem ser constrangidos a isso por Espíritos superiores, como castigo e para instrução dos encarnados. A evocação é penosa para os bons Espíritos quando são chamados inutilmente, para futilidades. Então, ou não vêm, ou se retiram logo.

“A princípio, podem dizer que os Espíritos – quaisquer que eles sejam – não gostam de servir de distração a curiosos – exatamente como vocês. Frequentemente, evocando um Espírito, vocês não têm outro fim senão ver o que ele dirá ou interrogá-lo sobre particularidades de sua vida, que ele não deseja revelar, porque nenhum motivo tem para lhes fazer confidências. Julgam que ele se vá colocar na berlinda, somente para lhes dar prazer? Desenganem-se; o que ele não faria em vida tampouco não fará como Espírito”.

Nota – A experiência prova que a evocação é sempre agradável aos Espíritos, quando feita com fim sério e útil. Os bons vêm prazerosamente nos instruir; os que sofrem encontram alívio na simpatia que se demonstra para com eles; os que conhecemos ficam satisfeitos em serem lembrados, os levianos gostam de ser evocados pelas pessoas frívolas, porque isso lhes proporciona ensejo de se divertirem à custa delas; sentem-se pouco à vontade com pessoas sérias.

22ª Para se manifestarem, os Espíritos têm sempre necessidade de ser evocados?

“Não; muito frequentemente eles se apresentam sem serem chamados, o que prova que vêm de boa vontade”.

23ª Quando um Espírito se apresenta por si mesmo, podemos estar certo da sua identidade?

“De maneira alguma, pois os Espíritos enganadores também empregam esse meio, para melhor mistificarem”.

24ª Quando se evoca pelo pensamento o Espírito de uma pessoa, esse Espírito vem, ainda mesmo que não haja manifestação pela escrita ou de outro modo?

“A escrita é um meio material para o Espírito atestar a sua presença, mas o pensamento é que o atrai e não o fato da escrita”.

25ª Quando um Espírito inferior se manifestar, poderemos obrigá-lo a se retirar?

“Sim, não se lhe dando atenção. Mas, como querem que se retire quando se divertem com as torpezas? Os Espíritos inferiores se ligam aos que os escutam com complacência, como os tolos entre vocês”.

26ª A evocação feita em nome de Deus é uma garantia contra a intromissão dos maus Espíritos?

“O nome de Deus não é freio para todos os Espíritos, mas contém muitos deles; por esse meio, sempre afastarão alguns e muitos mais afastarão se ela for feita do fundo do coração e não como fórmula banal”.

27ª Poderemos evocar nominativamente muitos Espíritos ao mesmo tempo?

“Não há nisso dificuldade alguma e se tivessem três ou quatro mãos para escrever, três ou quatro Espíritos lhes responderiam ao mesmo tempo; é o que ocorre quando se dispõe de muitos médiuns”.

28ª Quando muitos Espíritos são evocados simultaneamente, não havendo mais de um médium, qual o que responde?

“Um deles responde por todos e exprime o pensamento coletivo”.

29ª Poderia o mesmo Espírito se comunicar simultaneamente durante uma sessão, por dois médiuns diferentes?

“Tão facilmente quanto, entre vocês, os que ditam várias cartas ao mesmo tempo”.

Nota – Vimos um Espírito, servindo-se de dois médiuns ao mesmo tempo, responder às perguntas que lhe eram dirigidas, por um em francês, por outro em inglês, sendo idênticas as respostas quanto ao sentido; algumas até eram a tradução literal de outras. Dois Espíritos, evocados simultaneamente por dois médiuns, podem travar entre si uma conversação. Sem que este modo de comunicação lhes seja necessário, pois que reciprocamente um lê os pensamentos do outro, eles se prestam a isso, algumas vezes, para nossa instrução. Se são Espíritos inferiores, como ainda estão imbuídos das paixões terrenas e das ideias corpóreas, pode acontecer que disputem e se apostrofem com palavras pesadas, que se reprochem mutuamente os erros e até que atirem os lápis, as cestas, as pranchetas, etc., um contra o outro.

30ª O Espírito evocado simultaneamente em muitos pontos pode responder ao mesmo tempo às perguntas que lhe são dirigidas?

“Pode, se for um Espírito elevado”.

a) Nesse caso, o Espírito se divide ou tem o dom da ubiquidade?

“O Sol é um só e, no entanto, irradia ao seu redor, levando longe seus raios, sem se dividir. Do mesmo modo, os Espíritos: o pensamento do Espírito é como uma centelha que projeta longe a sua claridade e pode ser vista de todos os pontos do horizonte. Quanto mais

puro é o Espírito tanto mais o seu pensamento se *irradia* e se estende, como a luz. Os Espíritos inferiores são muito materiais; não podem responder senão a uma única pessoa de cada vez, nem vir a um lugar, se são chamados em outro.

“Um Espírito superior, chamado ao mesmo tempo em pontos diferentes, responderá a ambas as evocações, se forem ambas sérias e fervorosas. No caso contrário, dá preferência à mais séria”.

Nota – É o que acontece com um homem que, sem mudar de lugar, pode transmitir seu pensamento por meio de sinais perceptíveis de diferentes lados.

Numa sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, em a qual fora discutida a questão da ubiquidade, um Espírito ditou espontaneamente a comunicação seguinte:

“Perguntaram esta noite qual a hierarquia dos Espíritos, no tocante à ubiquidade. Comparem-se a um aeróstato⁴⁷ que se eleva pouco a pouco nos ares. Enquanto ele rasteja na terra, só os que estão dentro de um pequeno círculo o podem perceber; à medida que se eleva, o círculo se alarga e, em chegando a certa altura, se torna visível a uma infinidade de pessoas. É o que se dá conosco; um mau Espírito, que ainda se acha preso à Terra, permanece num círculo restrito, entre as pessoas que o veem. Suba ele na graça, melhore-se e poderá conversar com muitas pessoas. Quando se haja tornado Espírito superior, pode irradiar como a luz do Sol, mostrar-se a muitas pessoas e em muitos lugares ao mesmo tempo”.

Channing

31ª Podem ser evocados os puros Espíritos, os que não terminado a série de suas encarnações?

“Podem, mas muito raramente atenderão. Eles só se comunicam com os de coração puro e sincero e não *com os orgulhosos e egoístas*. Por isso mesmo, é preciso desconfiar dos Espíritos inferiores que alardeiam essa qualidade, para se darem importância aos seus olhos”.

32ª Como é que os Espíritos dos homens mais ilustres acodem tão facilmente e tão familiarmente ao chamado dos homens mais obscuros?

“Os homens julgam os Espíritos por si – o que é um erro. Após a morte do corpo, as categorias terrenas deixam de existir. Só a bondade estabelece distinção entre eles e os que são bons vão a toda parte onde haja um bem a se fazer”.

33ª Depois da morte, quanto tempo deve decorrer para que se possa evocar um Espírito?

“Podem fazer no instante mesmo da morte; mas, como nesse momento o Espírito ainda está em perturbação, só muito imperfeitamente responde”.

Nota – Sendo variável o tempo que dura a perturbação, não pode haver prazo fixo para fazer a evocação. Entretanto, é raro que ao fim de oito dias o Espírito já não tenha conhecimento do seu estado para poder responder. Algumas vezes, isso lhe é possível dois ou três dias depois da morte. Em todos os casos se pode experimentar com prudência.

34ª A evocação no momento da morte é mais penosa para o Espírito do que algum tempo depois?

⁴⁷ **Aeróstato:** veículo que se eleva e se mantém no espaço por efeito da ação da força ascensional de um gás mais leve que o ar, como os balões e dirigíveis – N. D.

“Algumas vezes. É como se fossem arrancados do sono antes que estivessem completamente acordados. Mas há alguns que de nenhum modo se contrariam com isso e aos quais a evocação até ajuda a sair da perturbação”.

35ª Como pode o Espírito de uma criança, que morreu com pouca idade, responder com conhecimento de causa, se quando viva ainda não tinha consciência de si mesma?

“A alma da criança é um *Espírito ainda envolto nas faixas da matéria*; porém, desprendido desta, desfruta de suas capacidades de Espírito, pois os Espíritos não têm idade – o que prova que o da criança já viveu. Entretanto, até que se ache completamente desligado da matéria, pode conservar na linguagem, traços do caráter da criança”.

Nota – A influência corpórea, que se faz sentir, por mais ou menos tempo, sobre o Espírito da criança, igualmente é notada, às vezes, no Espírito dos que morreram em estado de loucura. O Espírito, em si mesmo, não é louco; sabe-se, porém, que certos Espíritos julgam, durante algum tempo, que ainda pertencem a este mundo. Não é, pois, de admirar que, no louco, o Espírito ainda se ressinta dos entraves que, durante a vida, se opunham à livre manifestação de seus pensamentos, até que se encontre completamente desprendido da matéria. Este efeito varia, conforme as causas da loucura, porquanto há loucos que, logo depois da morte, recobram toda a sua lucidez.

283. EVOCAÇÕES DOS ANIMAIS

36ª Podemos evocar o Espírito de um animal?

“Depois da morte do animal, o princípio inteligente que nele havia se acha em estado adormecido e é logo utilizado por certos Espíritos encarregados disso, para animar novos seres, em os quais continua ele a obra de sua elaboração. Assim, no mundo dos Espíritos, não há Espíritos de animais errantes, porém unicamente Espíritos humanos”.

a) Como é então que, tendo evocado animais, algumas pessoas têm obtido resposta?

“Evoca um rochedo e ele te responderá. Há sempre uma multidão de Espíritos prontos a tomar a palavra, sob qualquer pretexto”.

Nota – Pela mesma razão, quando se evoca um mito, ou uma personagem alegórica, ela responderá, isto é, responderão por ela, e o Espírito que se apresentar como sendo ela lhe tomará o caráter e as maneiras. Alguém teve um dia a ideia de evocar Tartufo. Tartufo veio logo. Mais ainda: falou de Orgon, de Elmira, de Dâmide e de Valéria, de quem deu notícias⁴⁸. Quanto a si próprio, imitou o hipócrita com tanta arte, que se diria o próprio Tartufo, se este houvesse existido. Disse mais tarde ser o Espírito de um ator que desempenhara esse papel. Os Espíritos levianos se aproveitaram sempre da inexperiência dos interrogantes; guardam-se, porém, de dirigir-se aos que eles sabem bastante esclarecidos para lhes descobrir as imposturas e que não lhes dariam crédito aos contos. O mesmo sucede entre os homens.

Um senhor tinha em seu jardim um ninho de pintassilgos, pelos quais se interessava muito. Certo dia, desapareceu o ninho. Tendo-se certificado de que ninguém da sua casa era culpado do delito, como era médium, teve a ideia de evocar a mãe das avezinhas. Ela veio e lhe disse em muito bom francês: “A ninguém acuses e tranquiliza-te quanto à sorte de meus filhinhos; foi o gato que, saltando, derrubou o ninho; o encontrará debaixo dos arbustos, assim como os passarinhos, que não foram comidos”. Feita a verificação, reconheceu ele exato o que lhe foi dito. Deveríamos concluir ter sido o pássaro quem respondeu? Certamente que não; mas, apenas, um Espírito que conhecia a história. Isso prova quanto se deve desconfiar das aparências e quanto é preciosa a resposta acima: evoca um rochedo e ele te responderá (Veja-se atrás o capítulo Da Mediunidade nos animais, nº 234).

⁴⁸ **Tartufo, Orgon, Dâmide e Valéria:** personagens da peça “Tartuffe”, do dramaturgo francês **Molière** – N. D.

284. EVOCAÇÕES DAS PESSOAS VIVAS

37ª A encarnação do Espírito é obstáculo para sua evocação?

“Não, mas é necessário que o estado do corpo permita que no momento da evocação o Espírito se desprenda. Com tanto mais facilidade vem o Espírito encarnado, quanto mais elevado for em categoria o mundo onde ele está, porque os corpos lá são menos materiais”.

38ª Podemos evocar o Espírito de uma pessoa viva?

“Podemos, visto que se pode evocar um Espírito encarnado. O Espírito de um vivo também pode, em seus momentos de liberdade, se apresentar *sem ser evocado*; isto depende da simpatia que tenha pelas pessoas com quem se comunica”. (veja no nº 116, a *História do homem da tabaqueira*).

39ª Em que estado se acha o corpo da pessoa cujo Espírito é evocado?

“Dorme, ou cochila; é quando o Espírito está livre”.

a) O corpo poderia despertar enquanto o Espírito está ausente?

“Não; o Espírito é *forçado a reentrar na sua habitação*; se, no momento, ele estiver conversando com vocês, deixa-os e às vezes diz por que motivo”.

40ª Ausente do corpo, como o Espírito é avisado da necessidade da sua presença?

“O Espírito jamais está completamente separado do corpo vivo em que habita; qualquer que seja a distância a que se transporte, a ele se conserva ligado por um laço fluídico que serve para chamá-lo, quando se torne preciso. Esse laço só é rompido com a morte”.

Nota – Esse laço fluídico tem sido muitas vezes percebido por médiuns videntes. É uma espécie de cauda fosforescente que se perde no Espaço e na direção do corpo. Alguns Espíritos dizem que por aí é que reconhecem os que ainda se acham presos ao mundo corporal.

41ª Que aconteceria se durante o sono e na ausência do Espírito o corpo fosse mortalmente ferido?

“O Espírito seria avisado e voltaria antes que a morte se consumasse”.

a) Assim, não poderá ser que o corpo morra na ausência do Espírito e que este, ao voltar, não possa entrar?

“Não; seria contrário à lei que rege a união da alma e do corpo”.

b) Mas, se o golpe for dado subitamente e de improviso?

“O Espírito será prevenido antes que o golpe mortal seja vibrado”.

Nota – Interrogado sobre este fato, respondeu o Espírito de um vivo: “Se o corpo pudesse morrer na ausência do Espírito, este seria um meio muito cômodo de se cometerem suicídios hipócritas”.

42ª O Espírito de uma pessoa evocada durante o sono é tão livre de se comunicar como o de uma pessoa morta?

“Não; a matéria sempre o influencia mais ou menos.”

Nota – Uma pessoa, que se achava nesse estado e a quem foi feita essa pergunta, respondeu: Estou sempre ligada à grilheta que arrasto comigo.

a) Nesse estado, o Espírito poderia ser impedido de vir, por se achar em outra parte?

“Sim, pode acontecer que o Espírito esteja num lugar onde lhe agrada permanecer e então não responde à evocação, sobretudo quando feita por quem não o interesse”.

43ª É absolutamente impossível evocar o Espírito de uma pessoa acordada?

“Ainda que difícil, não é absolutamente impossível, pois se a evocação *produz efeito*, pode ser que a pessoa adormeça; mas, o Espírito não pode comunicar-se, como Espírito, senão nos momentos em que a sua presença não é necessária à atividade inteligente do corpo”.

Nota – A experiência prova que a evocação feita durante o estado de vigília pode provocar o sono, ou pelo menos, uma tontura aproximada do sono, mas semelhante efeito não se pode produzir senão por ato de uma vontade muito enérgica e se existirem laços de simpatia entre as duas pessoas; de outro modo, a evocação nenhum resultado dá. Mesmo no caso de a evocação poder provocar o sono, se o momento é inoportuno, a pessoa, não querendo dormir, oporá resistência e, se cair, seu Espírito ficará perturbado e dificilmente responderá. Segue-se daí que o momento mais favorável para a evocação de uma pessoa viva é o do sono natural, porque, estando livre, seu Espírito pode vir ter com aquele que o chama, do mesmo modo que poderá ir a algum lugar.

Quando a evocação é feita com consentimento da pessoa e esta procura dormir para esse efeito, pode acontecer que essa preocupação retarde o sono e perturbe o Espírito. Por isso, o sono não forçado é sempre preferível.

44ª Evocada, uma pessoa viva conserva a lembrança da evocação, depois de despertar?

“Não; vocês mesmos frequentemente são mais evocados do que pensam. Só o Espírito sabe, podendo às vezes deixar do fato uma impressão vaga, qual a de um sonho”.

a) Quem pode nos evocar, sendo nós como somos, seres obscuros?

“Pode ser que noutras existências tenham sido pessoas conhecidas nesse mundo, ou em outros. Podem fazê-lo igualmente seus parentes e amigos nesse mundo, ou em outros. Suponhamos que teu Espírito tenha animado o corpo do pai de outra pessoa. Pois bem, quando essa pessoa evocar seu pai, é teu Espírito que será evocado e quem responderá”.

45ª Evocado o Espírito de uma pessoa viva, ele responde como Espírito ou com as ideias que tem no estado de vigília?

“Isso depende da sua elevação; porém, sempre julga com mais ponderação e tem menos prejuízos, exatamente como os sonâmbulos; é um estado quase semelhante”.

46ª Se fosse evocado no estado de sono magnético, o Espírito de um sonâmbulo seria mais lúcido do que o de qualquer outra pessoa?

“Responderia sem dúvida mais facilmente, por estar mais desprendido; tudo decorre do grau de independência do Espírito com relação ao corpo”.

a) o Espírito de um sonâmbulo poderia responder a uma pessoa que o evocasse a distância, ao mesmo tempo em que respondesse verbalmente a outra pessoa?

“A capacidade de se comunicar simultaneamente em dois pontos diferentes é só para os Espíritos completamente desprendidos da matéria”.

47ª Poderíamos modificar as ideias de uma pessoa acordada, atuando-se sobre o seu Espírito durante o sono?

“Algumas vezes, será possível. Não estando então preso à matéria por laços tão estreitos, o Espírito se acha mais acessível às impressões morais e essas impressões podem influir sobre a sua maneira de ver no estado ordinário. Infelizmente, acontece com frequência que, ao despertá-lo, a natureza corporal predomina e lhe faz esquecer as boas resoluções que tenha tomado”.

48ª O Espírito de uma pessoa viva é livre para dizer o que queira?

“Ele tem suas faculdades de Espírito e, por conseguinte, seu livre-arbítrio; e, como então dispõe de mais perspicácia, se mostra mais reservado do que no estado acordado”.

49ª Pela evocação, poderíamos constranger uma pessoa a dizer o que quisesse calar?

“Eu disse que o Espírito tem o seu livre-arbítrio; porém, pode ser que, como Espírito, a pessoa dê menos importância a certas coisas do que no estado comum, podendo então sua consciência falar mais livremente. Demais, se ela não quiser falar, poderá sempre fugir às importunações, indo-se o seu Espírito embora, porque ninguém pode reter um Espírito, como se lhe retém o corpo”.

50ª O Espírito de uma pessoa viva poderia ser obrigado por outro Espírito a vir e falar, como se dá com os Espíritos errantes?

“Entre os Espíritos – sejam de mortos, ou de vivos – não há supremacia senão por efeito da superioridade moral e bem deves compreender que um Espírito superior jamais prestaria apoio a uma indiscrição covarde”.

Nota – Este abuso de confiança seria efetivamente uma ação má, mas que nenhum resultado poderia produzir, pois que não há meio de arrancar um segredo ao Espírito que o queira guardar, a menos que, dominado por um sentimento de justiça, confessasse o que em outras circunstâncias calaria.

Por esse modo, uma pessoa quis saber de um de seus parentes, se o testamento que por este foi feito era a seu favor. O Espírito respondeu: “Sim, minha cara sobrinha, e terá em breve a prova”. A coisa era, de fato, real; mas, poucos dias depois, o parente destruiu seu testamento e teve a malícia de fazer disso ciente a pessoa, sem que, entretanto, soubesse que esta o evocara. Um sentimento instintivo o levou sem dúvida a executar a resolução que seu Espírito tomara, de acordo com a pergunta que lhe foi feita. Há covardia em perguntar ao Espírito de um morto ou de um vivo o que se não ousaria perguntar à sua pessoa, covardia essa que nem mesmo tem, por compensação, o resultado que se pretende.

51ª Podemos evocar um Espírito cujo corpo ainda se ache no seio materno?

“Não; bem sabem que nesse momento o Espírito está em completa perturbação”.

Nota – A encarnação não se torna definitiva senão no momento em que a criança respira; porém, desde a concepção do corpo, o Espírito designado para animá-lo é presa de uma perturbação que aumenta à medida que o nascimento se aproxima e lhe tira a consciência de si mesmo e, por isso, a capacidade de responder (veja o LIVRO DOS ESPÍRITOS: “Da volta do Espírito à vida corporal. — União da alma e do corpo”, nº 344).

52ª Poderia um Espírito mistificador tomar o lugar de uma pessoa viva que se evocasse?

“É fora de dúvida que sim e isso acontece frequentemente, sobretudo quando não é pura a intenção do evocador. Em suma, a evocação das pessoas vivas só tem interesse como estudo psicológico. Convém que dela se abstenham sempre que não possa ter um resultado instrutivo”.

Nota – Se a evocação dos Espíritos errantes nem sempre dá resultado, conforme expressão usada por eles, muito mais frequente é que assim aconteça com a dos que estão encarnados. Então, sobretudo, é que os Espíritos mistificadores se apresentam, em lugar dos evocados.

53ª A evocação de uma pessoa viva tem inconvenientes?

“Nem sempre é sem perigo, dependendo isso das condições em que se ache a pessoa, porque se estiver doente, poderá aumentar-lhe os sofrimentos”.

54ª Em que caso será mais inconveniente a evocação de uma pessoa viva?

“Não devem evocar as crianças de pouca idade, nem as pessoas gravemente doentes, nem ainda os velhos enfermos. Numa palavra, ela pode ter inconvenientes todas as vezes que o corpo esteja muito enfraquecido”.

Nota – A brusca suspensão das qualidades intelectuais, durante o estado de vigília, também poderia oferecer perigo, se a pessoa nesse momento precisasse de toda a sua presença de espírito.

55ª Durante a evocação de uma pessoa viva, seu corpo – embora ausente – experimenta fadiga por efeito do trabalho a que se entrega seu Espírito? Uma pessoa, que se encontrava nesse estado e que pretendia que seu corpo se fatigava, respondeu assim a essa pergunta:

“Meu Espírito é como um balão cativo preso a um poste; meu corpo é o poste, que as oscilações do balão sacodem”.

56ª Pois que a evocação das pessoas vivas pode ter inconvenientes, quando feitas sem precaução, deixa de existir perigo quando se evoca um Espírito que não se sabe se está encarnado e que poderia não se encontrar em condições favoráveis?

“Não, as circunstâncias não são as mesmas. Ele só virá, se estiver em condições de fazê-lo. Aliás, eu já não disse que perguntassem antes de fazer uma evocação, se ela é possível?”

57ª Quando experimentamos irresistível vontade de dormir nos momentos mais inoportunos, isso virá de estarmos sendo evocados nalguma parte?

“Sem dúvida, pode acontecer que assim seja; porém, as mais das vezes, não há nisso senão um efeito físico, quer porque o corpo tenha necessidade de repouso, quer porque o Espírito precise da sua liberdade”.

Nota – Uma médium de nosso conhecimento teve um dia a ideia de evocar o Espírito de seu neto, que dormia no mesmo quarto. A identidade foi comprovada pela linguagem, pelas expressões habituais da criança e pela narração exatíssima de muitas coisas que lhe tinham sucedido no colégio; mas, ainda uma circunstância a veio confirmar. De repente, a mão da médium esbarra em meio de uma frase, sem que seja possível obter-se mais coisa alguma. Nesse momento, a criança, meio despertada, fez diversos movimentos na sua cama. Alguns instantes depois, tendo novamente adormecido, a mão da médium começou a mover-se outra vez, continuando a conversa interrompida. A

evocação das pessoas vivas, feita em boas condições, prova, da maneira menos contestável, a ação do Espírito distinta da do corpo e, por conseguinte, a existência de um princípio inteligente independente da matéria (veja na REVISTA ESPIRITA de 1860, páginas 11 e 81, muitos exemplos notáveis de evocação de pessoas vivas).

285. TELEGRAFIA HUMANA

58ª Evocando-se reciprocamente, poderiam duas pessoas transmitir de uma a outra seus pensamentos e se corresponder?

“Certamente, *e essa telegrafia humana será um dia um meio universal de correspondência*”.

a) Por que não será praticada desde já?

“É praticável para certas pessoas, mas não para toda gente. É preciso que os homens *se depurem*, a fim de que seus espíritos se desprendam da matéria e isso constitui uma razão a mais para que a evocação se faça em nome de Deus. Até lá, continuará limitada *às almas elevadas* e desmaterializadas, o que raramente se encontra nesse mundo, dado o estado dos habitantes da Terra”.

CAPÍTULO XXVI

DAS PERGUNTAS QUE PODEMOS FAZER AOS ESPÍRITOS

- OBSERVAÇÕES PRELIMINARES
- PERGUNTAS SIMPÁTICAS E ANTIPÁTICAS AOS ESPÍRITOS
- PERGUNTAS SOBRE O FUTURO
- SOBRE AS EXISTÊNCIAS PASSADAS E FUTURAS
- SOBRE INTERESSES MORAIS E MATERIAIS
- SOBRE A SORTE DOS ESPÍRITOS
- SOBRE A SAÚDE
- SOBRE AS INVENÇÕES E DESCOBERTAS
- SOBRE OS TESOUROS OCULTOS
- SOBRE OUTROS MUNDOS

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

286. Nunca será excessiva a importância que se dê à maneira de formular as perguntas e, ainda mais, ao tipo das perguntas. Duas coisas devemos considerar nas que se dirigem aos Espíritos: a **forma** e a **essência**. Sobre a forma, devem ser redigidas com clareza e precisão, evitando as questões complexas. Mas outro ponto há não menos importante: a ordem que deve presidir à disposição das perguntas. Quando um assunto requer uma série delas, é essencial que se encadeiem com método, de modo a decorrerem naturalmente umas das outras. Nesse caso, os Espíritos respondem muito mais facilmente e mais claramente do que quando elas se dão ao acaso, passando sem transição de um assunto para outro. Esta a razão por que é sempre muito conveniente prepará-las antes, salvo o direito de, durante a sessão, intercalar as que as circunstâncias tornem necessárias. Além de que a redação será melhor quando feita prévia e descansadamente, esse trabalho preparatório, como já dissemos, é uma espécie de evocação antecipada, a que o Espírito pode ter assistido e que dispõe a responder. É notável que muito frequentemente o Espírito responde por antecipação a algumas perguntas, o que prova que já as conhecia.

A essência da questão exige atenção ainda mais séria, pois muitas vezes é a natureza da pergunta que provoca uma resposta exata ou falsa. Algumas há a que os Espíritos não podem ou não devem responder – por motivos que desconhecemos. Assim, será inútil insistir. Porém, o que sobretudo se deve evitar são as perguntas feitas com o fim de lhes pôr a espreiteza à prova. Dizem que quando uma coisa

existe, eles a conhecem. Ora, precisamente porque conhecem a coisa, ou porque têm os meios de verificá-la, é que eles não se dão ao trabalho de responder. Essa suspeita os irrita e nada se obtém de satisfatório. Não temos todos os dias exemplos disso entre nós, criaturas humanas? Homens superiores, conscientes do seu valor, gostariam de responder a todas as perguntas tolas, que objetivassem submetê-los a um exame, como se fossem estudantes? O desejo de fazer de tal ou tal pessoa um adepto não é, para os Espíritos, motivo de atenderem a uma vã curiosidade. Eles sabem que a convicção virá – cedo ou tarde – e os meios que empregam para produzi-la nem sempre são os que supomos melhores.

Imaginem um homem sério, ocupado em coisas úteis e importantes, incessantemente importunado pelas perguntas bobas de uma criança e terão ideia do que devem pensar os Espíritos superiores de todas as futilidades que lhes perguntam.

Não se segue daí que dos Espíritos não se possam obter úteis esclarecimentos e sobretudo bons conselhos; porém, respondem mais ou menos bem, conforme os conhecimentos que possuem, o interesse que nos têm, a afeição que nos dedicam e, finalmente, o fim a que nos propomos e a utilidade que vejam no que lhes pedimos. Se, entretanto, os inquirimos unicamente porque os julgamos mais capazes do que outros de nos esclarecerem melhor sobre as coisas deste mundo, claro é que não nos poderão dispensar grande simpatia. Nesse caso, suas aparições serão curtas e muitas vezes, conforme o grau da imperfeição de que ainda se ressintam, manifestarão mau humor, por terem sido inutilmente incomodados.

287. Algumas pessoas pensam ser preferível que todos se abstenham de formular perguntas e que convém esperar o ensino dos Espíritos sem procurá-lo. É um erro. Os Espíritos dão instruções espontâneas de alto alcance e que errado seria desprezar. Mas há explicações que frequentemente se teriam de esperar longo tempo, se não fossem solicitadas. Sem as questões que propusemos, **O LIVRO DOS ESPÍRITOS** e **O LIVRO DOS MÉDIUNS** ainda estariam por se fazer, ou pelo menos, muito incompletos e sem solução uma imensidade de problemas de grande importância. Longe de terem qualquer inconveniente, as questões são de grandíssima utilidade – do ponto de vista da instrução – quando quem as propõe sabe colocá-las nos devidos limites.

Têm ainda outra vantagem: a de cooperarem para o desmascaramento dos Espíritos mistificadores que, sendo mais pretensiosos do que sábios, raramente suportam a prova das perguntas feitas com cerrada lógica, por meio das quais o interrogante os leva aos seus últimos redutos. Os Espíritos superiores – como nada têm que temer de semelhante questionário – são os primeiros a provocar explicações sobre os pontos obscuros. Os outros, ao contrário, receando ter que se haver com opositores mais fortes, cuidadosamente as evitam. Por isso mesmo, em geral recomendam aos médiuns que eles desejam dominar e aos quais querem impor suas utopias, que se abstenham de toda controvérsia a propósito de seus ensinamentos.

Quem compreendeu bem o que até aqui temos dito nesta obra, já pode fazer ideia do círculo em que convém se encerrem as perguntas a serem dirigidas aos Espíritos. Todavia, para maior segurança, inserimos abaixo as respostas que eles nos deram acerca dos assuntos principais sobre que as pessoas pouco experientes se mostram em geral dispostas a interrogá-los.

288. PERGUNTAS SIMPÁTICAS OU ANTIPÁTICAS AOS ESPÍRITOS

1ª Os Espíritos respondem de boa vontade às perguntas que lhes são dirigidas?

“Conforme as perguntas. Os Espíritos sérios sempre respondem com prazer às que têm por objetivo o bem e os meios de progredirem. Não atendem às fúteis”.

2ª Basta que uma pergunta seja séria para obter uma resposta séria?

“Não; isso depende do Espírito que responde”.

a) Mas, uma pergunta séria não afasta os Espíritos levianos?

“Não é a pergunta que afasta os Espíritos levianos, é o caráter daquele que a formula”.

3ª Quais as perguntas com que mais antipatizam os bons Espíritos?

“Todas as que sejam inúteis ou feitas por pura curiosidade e para experimentá-los. Nesses casos, não respondem e se afastam”.

a) Haverá questões que sejam antipáticas aos Espíritos imperfeitos?

“Unicamente as que possam pôr-lhes de manifesto a ignorância ou a fraude, quando procuram enganar; a não ser isso, respondem a tudo, sem se preocuparem com a verdade”.

4ª Que se deve pensar das pessoas que veem nas manifestações espíritas apenas uma distração e um passatempo, ou um meio de obterem revelações sobre o que as interessa?

“Essas pessoas agradam muito aos Espíritos inferiores que, do mesmo modo que elas, gostam de se divertir e rejubilam quando as têm mistificado”.

5ª Quando os Espíritos não respondem a certas perguntas, será por que não queiram ou por que uma força superior se opõe a certas revelações?

“Por ambas essas causas. Há coisas que não podem ser reveladas e outras que o próprio Espírito não conhece”.

a) Insistindo-se fortemente, o Espírito acabaria respondendo?

“Não; o Espírito que não quer responder tem sempre a facilidade de ir embora. Por isso é que se torna necessário esperar quando se diz para fazer, e, sobretudo, não se teimem em querer nos forçar a responder. Insistir, para obter uma resposta que se não quer dar, é um meio certo de ser enganado”.

6ª Todos os Espíritos são aptos a compreender as questões que se lhes proponham?

“Muito ao contrário: os Espíritos inferiores são incapazes de compreender certas questões, o que não impede que respondam bem ou mal, como acontece entre vocês mesmos”.

Nota – Nalguns casos e quando seja conveniente, ocorre com frequência que um Espírito esclarecido vem em auxílio do Espírito ignorante e lhe sopra o que deva dizer. Isso se reconhece facilmente pelo contraste de certas respostas e além do mais, porque o próprio Espírito quase sempre o diz. O fato, entretanto, só ocorre com os Espíritos ignorantes, mas de boa-fé; nunca com os que fazem alarde de falso saber.

289. PERGUNTAS SOBRE O FUTURO

7ª Os Espíritos podem nos revelar o futuro?

“Se o homem conhecesse o futuro, descuidaria do presente.

“É esse ainda um ponto sobre o qual insistem sempre, no desejo de obter uma resposta precisa. Há grande erro nisso, pois a manifestação dos Espíritos não é um meio de adivinhação. Se fizerem questão absoluta de uma resposta, as receberão de um Espírito doidivasas, como temos dito a todo momento” (veja **O LIVRO DOS ESPÍRITOS** – “Conhecimento do futuro”, nº 868).

8ª, Entretanto, não é certo que às vezes alguns acontecimentos futuros são anunciados espontaneamente e com verdade pelos Espíritos?

“Pode ser que o Espírito preveja coisas que julgue conveniente revelar, ou que ele tem por missão tornar conhecidas; porém, nesse terreno, ainda são mais de temer os Espíritos enganadores, que se divertem em fazer previsões. Só o conjunto das circunstâncias permite que se verifique o grau de confiança que elas merecem”.

9ª De que gênero são as previsões de que mais se deve desconfiar?

“Todas as que não tiverem um fim de utilidade geral. As predições pessoais podem quase sempre ser consideradas apócrifas”.⁴⁹

10ª Qual o objetivo dos Espíritos que anunciam fatos que não se realizam?

“Fazem isso muitas vezes para se divertirem com a fé, o terror, ou a alegria que provocam; depois, riem do desapontamento. No entanto, algumas vezes, essas predições mentirosas trazem um fim sério, qual o de pôr à prova aquele a quem são feitas, mediante uma apreciação da maneira por que toma o que lhe é dito e dos sentimentos bons ou maus que isso lhe desperta”.

Nota – É o que se daria, por exemplo, com a predição do que possa lisonjear a vaidade, ou a ambição, como a morte de uma pessoa, a perspectiva de uma herança, etc.

11ª Por que quando fazem pressentir um acontecimento os Espíritos sérios geralmente não determinam a data? Será porque não possam ou porque não queiram?

“Por uma e outra coisa. em certos casos eles podem fazer que um acontecimento *seja pressentido*: nessa hipótese, é um aviso que lhes dão. Quanto a determinar a época, é frequente que não devem fazer. Também acontece com frequência não o poderem, por não o saberem eles próprios. O Espírito pode prever que um fato se dará, mas o momento exato pode depender de acontecimentos que ainda se não verificaram e que só Deus conhece. Os Espíritos levianos, que não se importam de lhes enganar, esses determinam os dias e as horas, sem se preocuparem com que o fato predito ocorra ou não. Por isso é que toda predição *circunstanciada* deve ser suspeita”.

“Ainda uma vez: a nossa missão consiste em fazê-los progredir; para isso os auxiliamos tanto quanto podemos. Jamais será enganado aquele que pedir

⁴⁹ **Apócrifas**: que não é oficial, algo duvidoso – N. D.

sabedoria aos Espíritos superiores; porém, não acreditem que percam o nosso tempo em ouvir as futilidades humanas e em lhes predizer a boa fortuna. Deixamos esse encargo aos Espíritos levianos, que com isso se divertem, como crianças travessas.

“A Providência pôs limite às revelações que podem ser feitas ao homem. Os Espíritos sérios guardam silêncio sobre tudo aquilo que lhes é lhes proibido revelar. Aquele que insista por uma resposta se expõe às enganações dos Espíritos inferiores, sempre prontos a se aproveitarem das ocasiões que tenham de armar laços à sua fé”.

Nota – Os Espíritos veem ou pressentem os acontecimentos futuros por indução; veem-nos a se realizarem num tempo que eles não medem como nós. Para que lhes determinassem a época, seria preciso que se identificassem com a nossa maneira de calcular a duração, o que nem sempre consideram necessário. Daí, não raro, uma causa de erros aparentes.

12ª Não há homens dotados de uma faculdade especial, que os faz entrever o futuro?

“Há sim, aqueles cuja alma se desprende da matéria. Então, é o Espírito que vê. E quando é conveniente, Deus lhes permite revelarem certas coisas – para o bem. Todavia, mesmo entre esses, são em maior número os impostores e os charlatães. Nos tempos futuros, essa faculdade se tornará mais comum”.

13ª Que pensar dos Espíritos que gostam de predizer a alguém o dia e hora certa em que morrerá?

“São Espíritos de mau gosto, de muito mau gosto mesmo, que outro fim não têm, senão gozar com o medo que causam. Ninguém se deve preocupar com isso”.

14ª Como é então que certas pessoas são avisadas, por pressentimento, da época em que morrerão?

“As mais das vezes, é o próprio Espírito delas que vem a saber disso em seus momentos de liberdade e ao despertar guardam a intuição do que entrevia. Essas pessoas, por estarem preparadas para isso, não se amedrontam, nem se emocionam. Não veem nessa separação da alma e do corpo mais do que uma mudança de situação, ou se preferirem e para usarmos de uma linguagem mais simples, a troca de uma veste de pano grosseiro por uma de seda. O temor da morte irá diminuindo, à medida que as crenças espíritas se forem dilatando”.

290. SOBRE AS EXISTÊNCIAS PASSADAS E FUTURAS

15ª Os Espíritos podem nos revelar as nossas existências passadas?

“Deus algumas vezes permite que elas sejam reveladas, conforme o objetivo. Se for para edificação e instrução humana, as revelações serão verdadeiras e, nesse caso, feitas quase sempre espontaneamente e de modo inteiramente imprevisto. Ele, porém, não o permite nunca para satisfação de vã curiosidade”.

a) Por que é que alguns Espíritos nunca se recusam a fazer esta espécie de revelações?

“São Espíritos brincalhões, que se divertem à vossa custa. Em geral, devem considerar falsas, ou pelo menos, suspeitas, todas as revelações desta natureza que não tenham um fim eminentemente sério e útil. Aos Espíritos zombeteiros agrada lisonjear o amor-próprio, por meio de pretendidas origens. Há médiuns e crentes que aceitam como boa moeda o que lhes é dito a esse respeito e que não veem que o estado atual de seus Espíritos em nada justifica a categoria que pretendem ter ocupado. Vaidadezinha que serve de divertimento aos Espíritos brincalhões, tanto quanto para os homens. Seria mais lógico e mais concorde com a marcha progressiva dos seres que tais pessoas houvessem subido, em vez de terem descido, o que sem dúvida lhes seria mais honroso. Para que se pudesse dar crédito a essa espécie de revelações, necessário seria que fossem feitas espontaneamente, por diversos médiuns estranhos uns aos outros e ao que anteriormente já fora revelado. Então, sim, razão evidente haveria para crermos”.

b) Assim como não podemos conhecer a nossa individualidade anterior, segue-se que também nada podemos saber do gênero de existência que tivemos, da posição social que ocupamos, das virtudes e dos defeitos que em nós predominaram?

“Não, isso pode ser revelado, porque dessas revelações podem tirar proveito para se melhorarem. Aliás, estudando o seu presente, podem vocês mesmos deduzir o passado” (veja: O LIVRO DOS ESPÍRITOS, “Esquecimento do passado”, nº 392).

16ª Alguma coisa nos pode ser revelada sobre as nossas existências futuras?

“Não; tudo o que alguns Espíritos disserem a tal respeito não passará de gracejo e isso se compreende: a sua existência futura não pode ser de antemão determinada, pois que será conforme a preparar pelo seu proceder na Terra e pelas resoluções que tomarem quando forem Espíritos. Quanto menos tiverem que expiar tanto mais alegre será ela. Saber, porém, onde e como transcorrerá essa existência, repetimo-lo, é impossível, salvo o caso especial e raro dos Espíritos que só estão na Terra para desempenhar uma missão importante, porque então o caminho se lhes acha, de certo modo, traçado previamente”.

291. SOBRE INTERESSES MORAIS E MATERIAIS

17ª Podemos pedir conselhos aos Espíritos?

“Certamente. Os bons Espíritos jamais recusam auxílio aos que os invocam com confiança, principalmente no que concerne à alma. Repelem, porém, os hipócritas, *os que simulam pedir a luz e se comprazem nas trevas*”.

18ª Os Espíritos podem dar conselhos sobre coisas de interesse privado?

“Algumas vezes – conforme o motivo –. Isso também depende daqueles a quem tais conselhos são pedidos. Os que se relacionam com a vida privada são

dados com mais exatidão pelos Espíritos familiares, que são os que se acham mais ligados à pessoa que os pede e se interessam pelo que lhes diz respeito; é o amigo, o confidente dos seus mais secretos pensamentos. Mas é tão frequente os cansarem com perguntas banais, que eles vos deixam. Tão absurdo seria perguntarem sobre coisas íntimas, Espíritos que lhes são estranhos, como seria o fato de se dirigirem, para isso, ao primeiro indivíduo que encontrasse, no seu caminho. Jamais deveriam esquecer que a puerilidade das perguntas é incompatível com a superioridade dos Espíritos. Preciso igualmente é levem em conta as qualidades do Espírito familiar, que pode ser bom, ou mau, conforme suas simpatias pela pessoa a quem se ligue. O Espírito familiar de um homem mau é mau Espírito, cujos conselhos podem ser perniciosos, mas que se afasta e cede o lugar a um Espírito melhor, se o próprio homem se melhora. Unem-se os que se assemelham”.

19ª Os Espíritos familiares podem favorecer os interesses materiais por meio de revelações?

“Podem e algumas vezes fazem isso, de acordo com as circunstâncias; mas, fiquem certos de que os bons Espíritos nunca se prestam a servir à ganância. Os maus fazem brilhar mil atrativos diante dos seus olhos, a fim de lhes incitarem e depois mistificarem, pela decepção. Fiquem sabendo também que se é da prova de vocês passar por essa ou aquela dificuldade, os seus Espíritos protetores poderão ajudar a suportá-la com mais resignação, poderão mesmo às vezes suavizá-la; mas, no próprio interesse do seu futuro, não é permitido a eles isentá-los dela. Um bom pai não concede ao filho tudo o que este deseja”.

Nota – Em muitas circunstâncias, os nossos Espíritos protetores podem nos indicar o melhor caminho, entretanto, sem nos conduzirem pela mão, porque se assim fizessem, perderíamos o mérito da iniciativa e não ousaríamos dar um passo sem recorrermos a eles, com prejuízo do nosso aperfeiçoamento. Para progredir, o homem precisa muitas vezes adquirir experiência à sua própria custa. Por isso é que os Espíritos prudentes nos aconselham, mas quase sempre nos deixam entregues às nossas próprias forças, como o educador hábil faz com seus alunos. Nas circunstâncias comuns da vida, eles nos aconselham pela inspiração, deixando-nos assim todo o mérito do bem que façamos, como toda a responsabilidade do mal que pratiquemos.

Seria abusar da bondade dos Espíritos familiares e se equivocar quanto à missão que lhes cabe o ato de interrogá-los a cada instante sobre as coisas mais vulgares, como certos médiuns fazem. Há alguns que por um **sim**, por um **não**, tomam o lápis e pedem conselho para o ato mais simples. Esta mania denota pequenez nas ideias, ao mesmo tempo em que a presunção de supor que tem sempre um Espírito servidor às suas ordens – quem quer que seja –, sem outra coisa mais a fazer senão cuidar dele e dos seus mínimos interesses. Além disso, quem assim procede aniquila o seu próprio juízo e se reduz a um papel passivo, sem utilidade para a vida presente e indubitavelmente prejudicial ao adiantamento futuro. Se há tolice em interrogarmos os Espíritos sobre coisas fúteis, menos tolice não há da parte dos Espíritos que se ocupam espontaneamente com o que se pode chamar “negócios caseiros”. Em tal caso, eles poderão ser bons, mas, inquestionavelmente, ainda são muito terrestres.

20ª Se ao morrer, uma pessoa deixar seus negócios embaraçados, poderia pedir a seu Espírito que ajude a desembaraçá-los? Poderia também interrogá-lo sobre o quanto dos haveres que deixou, dado o caso de se não conhecer esse quanto, desde que isso se faça no interesse da justiça?

“Esquecem que a morte é a libertação dos cuidados terrenos. Julgam então que o Espírito, feliz com a liberdade de que goza, venha de boa vontade retomar a cadeia de que se livrou para se ocupar com coisas que já não o interessam, apenas para satisfazer à ambição de seus herdeiros, que talvez tenham rejubilado com a sua morte, na esperança de que ela lhes fosse proveitosa? Falam de justiça; mas, a

justiça, para esses herdeiros, está na decepção que lhes sofre a cobiça. É o começo das punições que Deus lhes reserva à avidez dos bens da Terra. Demais, os embaraços em que às vezes a morte de uma pessoa deixa seus herdeiros, fazem parte das provas da vida, e não está no poder de nenhum Espírito a libertação delas, porque se acham compreendidas nos decretos de Deus”.

Nota – A resposta acima desapontará sem dúvida os que imaginam que os Espíritos nada de melhor tem a fazer do que nos servirem de auxiliares clarividentes e nos ajudarem, não a subirmos para o Céu, mas a nos prendermos à Terra. Outra consideração vem em apoio dessa resposta. Se um homem deixou seus negócios em desordem, por descuido durante a vida,, não é de crer que depois da morte tenha com eles mais cuidados, porque feliz deve se sentir de estar livre dos aborrecimentos que tais negócios lhe causavam e, por pouco elevado que seja, ainda menos importância lhes dará como Espírito do que como homem. Quanto aos bens desconhecidos que pode deixar, nenhum motivo lhe dão para que se interesse por herdeiros gananciosos, que provavelmente já não pensariam nele, se alguma coisa não esperassem colher. Se estiver ainda imbuído das paixões humanas, poderá mesmo encontrar malicioso prazer no desapontamento dos que lhe cobiçavam a herança.

Seum Espírito julgar conveniente fazer revelações deste gênero, no interesse da justiça e das pessoas que lhe são caras, falará espontaneamente e, para obtê-las, ninguém precisa ser médium nem recorrer a um médium. O próprio Espírito dará conhecimento das coisas, por meio de circunstâncias fortuitas, todavia, jamais por efeito de pedidos que lhe façam, visto que semelhantes pedidos de modo algum podem mudar a natureza das provas que os encarnados devam sofrer. Eles constituiriam antes uma maneira de agravá-las, porque são quase sempre indício de cupidez e dão a ver ao Espírito que os que os formulam só se ocupam com ele por interesse (veja nº 295).

292. SOBRE A SORTE DOS ESPÍRITOS

21ª Podemos pedir aos Espíritos esclarecimentos sobre a situação em que se encontram no mundo espiritual?

“Sim, e eles os dão de boa vontade, quando é a simpatia que dita o pedido, ou o desejo de ser útil, e não a simples curiosidade”.

22ª Eles podem descrever a natureza de seus sofrimentos ou da felicidade de que desfrutam?

“Perfeitamente e as revelações desta espécie são um grande ensinamento para vocês, pois os iniciam no conhecimento da verdadeira natureza das penas e das recompensas futuras. Destruindo as falsas ideias que tenham formado a tal respeito, elas tendem a reanimar a fé e a confiança de vocês na bondade de Deus. Os bons Espíritos se sentem felizes em descreverem a felicidade dos eleitos; os maus podem ser constrangidos a descrever seus sofrimentos, a fim de que o arrependimento convença a todos. Nisso, às vezes eles encontram até uma espécie de alívio: é o desgraçado que se lamenta, na esperança de obter compaixão.

“Não esqueçam que o fim essencial e exclusivo do Espiritismo é a melhora humana e que, para alcançarem isso, é que os Espíritos têm a permissão de lhes iniciarem na vida futura, oferecendo-lhes dela exemplos de que podem aproveitar. Quanto mais se identificarem com o mundo que os espera, tanto menos saudosos se sentirão desse onde agora estão. Eis em suma, o objetivo atual da revelação”.

23ª Evocando-se uma pessoa, cuja sorte seja desconhecida, poderíamos saber dela mesma se ainda existe?

“Sim, se a incerteza de sua morte não for uma *necessidade*, ou uma prova para os que tenham interesse em saber dela”.

a) Se estiver morta, poderá revelar as circunstâncias de sua morte, de modo que esta possa ser verificada?

“Se der alguma importância a isso, revelará. Se assim não for, pouco se incomodará com semelhante fato”.

Nota – A experiência demonstra que nesse caso o Espírito de nenhum modo se acha empolgado pelos motivos do interesse que possam ter os vivos de conhecerem as circunstâncias em que se deu a sua morte. Se ele tiver empenho em revelá-las, fará por si mesmo – quer mediunicamente, quer por meio de visões ou aparições. No caso contrário, pode perfeitamente um Espírito mistificador enganar os inquiridores e se divertir induzindo-os a procederem a pesquisas inúteis.

Acontece frequentemente que o desaparecimento de uma pessoa, cuja morte não pode ser oficialmente comprovada, traz embaraços aos negócios da família. Só excepcionalmente – em casos muito raros – temos visto os Espíritos indicarem a pista da verdade, nesse terreno, atendendo a pedidos que lhes são feitos. Se o quisessem, é fora de dúvida que o poderiam; porém, as mais das vezes, isso não lhes é permitido, desde que tais embaraços representem provas para os que anseiam por vê-los removidos.

Então, é se levar em esperança ilusória a ideia de alguém pretender conseguir por esse meio entrar na posse de heranças – das quais o único traço positivo que lhes fica é o dinheiro despedindo para tal fim.

Não faltam Espíritos dispostos a alimentar semelhantes esperanças e que nenhum escrúpulo têm em induzir os que lhes dão crédito a pesquisas, com as quais os que a elas se entregam devem dar-se por muito felizes, quando daí lhes resulte apenas um pouquinho de ridículo.

293. SOBRE A SAÚDE

24ª Os Espíritos podem dar conselhos relativos à saúde?

“A saúde é uma condição necessária para o trabalho que se deve executar na Terra, pelo que os Espíritos se ocupam de boa vontade com ela. Mas, como há ignorantes e sábios entre eles, convém que para isso, como para qualquer outra coisa, ninguém se dirija ao primeiro que apareça”.

25ª Se nos dirigirmos ao Espírito de uma celebridade médica, poderemos estar mais certos de obter um bom conselho?

“As celebridades terrenas não são infalíveis e às vezes alimentam ideias sistemáticas, que nem sempre são justas e das quais a morte não as liberta imediatamente. A ciência terrestre é bem pequena em comparação à ciência celeste. Só os Espíritos superiores possuem esta última ciência. Sem usarem de nomes que conheçam, eles podem saber sobre todas as coisas, muito mais do que os sábios humanos. Não é só a ciência o que torna superiores os Espíritos e muito espantados ficarão da categoria que alguns sábios ocupam entre nós. Dessa forma, o Espírito de um sábio pode não saber mais do que quando estava na Terra, desde que não tenha progredido como Espírito”.

26ª O sábio, ao se tornar Espírito, reconhece seus erros científicos?

“Se chegou a um grau bastante elevado, para se achar livre da sua vaidade e compreender que o seu desenvolvimento não é completo, reconhece-os e os confessa sem pudor. Mas, se ainda se não desmaterializou bastante, pode conservar alguns dos preconceitos de que se achava cheio na Terra”.

27ª Poderia um médico, evocando os Espíritos de seus clientes que morreram, obter esclarecimentos sobre o que lhes determinou a morte, sobre as faltas que porventura

tenha cometido no tratamento deles e adquirir assim um acréscimo de experiência?

“Pode e isso lhe seria muito útil, sobretudo se conseguisse a assistência de Espíritos esclarecidos, que supririam a falta de conhecimentos de certos doentes. Mas para isso seria preciso que ele fizesse esse estudo de modo sério, assíduo, com um fim humanitário e não como meio de adquirir sabedoria e riqueza sem trabalho”.

294. SOBRE AS INVENÇÕES E DESCOBERTAS

28ª Os Espíritos podem guiar os homens nas pesquisas científicas e nas descobertas?

“A ciência é obra do gênio; só pelo trabalho deve ser adquirida, pois só pelo trabalho é que o homem se adianta no seu caminho. Que mérito teria ele, se não lhe fosse preciso mais do que interrogar os Espíritos para saber tudo? A esse preço, qualquer imbecil poderia se tornar sábio. O mesmo se dá com as invenções e descobertas que interessam à indústria. Há ainda outra consideração e é que cada coisa tem que vir a seu tempo e quando as ideias estão maduras para recebê-la. Se o homem dispusesse desse poder, subverteria a ordem das coisas, fazendo que os frutos brotassem antes da estação própria.

“Deus disse ao homem: *tirará da terra o teu alimento, com o suor do teu rosto*. Admirável figura, que pinta a condição em que ele se encontra nesse mundo. Tem que progredir em tudo, pelo esforço no trabalho. Se lhe dessem as coisas inteiramente prontas, de que lhe serviria a inteligência? Seria como o estudante entregar seus deveres para outro”.

29ª. O sábio e o inventor nunca são auxiliados pelos Espíritos em suas pesquisas?

“Oh! isto é muito diferente. Quando é chegado o tempo de uma descoberta, os Espíritos encarregados de lhe dirigirem a marcha procuram o homem capaz de levá-la a efeito e lhe inspiram as ideias necessárias, mas de maneira a lhe deixarem todo o mérito da obra, pois é preciso que ele mesmo elabore essas ideias e as ponha em execução. O mesmo se dá com todos os grandes trabalhos da inteligência humana. Os Espíritos deixam cada homem na sua esfera. Daquele que só é apto a cavar a terra, não farão receptores dos segredos de Deus; mas, sabem tirar da obscuridade aquele que seja capaz de lhes promover os desígnios. Pois, não deixem que a curiosidade ou a ambição os arrastem por um caminho que não corresponde aos fins do Espiritismo e que os conduziria às mais ridículas mistificações”.

Nota – O conhecimento mais aprofundado do Espiritismo acalmou a febre das descobertas que, no princípio, todo mundo imaginava poder fazer por meio dele. Houve até quem chegasse a pedir aos Espíritos receitas para tingir e fazer nascer os cabelos, curar os calos dos pés, etc. Conhecemos muitas pessoas que, convencidas de que assim fariam fortuna, nada conseguiram senão processos mais ou menos ridículos. O mesmo acontece quando se pretende, com a ajuda dos Espíritos, penetrar os mistérios de origem das coisas. Alguns deles têm, sobre essas matérias, seus sistemas, que não valem mais do que os dos homens e aos quais é prudente não dar acolhida, senão com a maior reserva.

295. SOBRE OS TESOUROS OCULTOS

30ª Os Espíritos podem fazer que se descubram tesouros?

“Os Espíritos superiores não se ocupam com essas coisas; mas, os

zombeteiros frequentemente indicam tesouros que não existem, ou se comprazem em apontá-los num lugar, quando se acham em lugar oposto. Isso tem a sua utilidade, para mostrar que a verdadeira riqueza está no trabalho. Se a Providência destina tesouros ocultos a alguém, esse os achará naturalmente; não de outra forma”.

31ª Que se deve pensar da crença nos Espíritos guardiães de tesouros ocultos?

“Os Espíritos que ainda não estão desmaterializados se apegam às coisas. Avarentos, que ocultaram seus tesouros, depois de mortos podem vigiá-los e guardá-los; e o temor de que alguém venha buscá-los é um de seus castigos, até que compreendam a inutilidade dessa atitude. Também há os Espíritos da Terra, incumbidos de lhe dirigirem as transformações interiores, dos quais, por alegoria, tem feito guardas das riquezas naturais”.

Nota – A questão dos tesouros escondidos está na mesma categoria da das heranças desconhecidas. Bem louco seria aquele que conteste com as pretendidas revelações, que lhe possam fazer os gaiatos do mundo invisível. Já tivemos ocasião de dizer que, quando os Espíritos querem ou podem fazer semelhantes revelações, eles fazem espontaneamente, sem precisarem de médiuns para isso. Aqui está um exemplo:

Uma senhora acabava de perder o marido depois de trinta anos de vida conjugal e se encontrava prestes a ser despejada do seu domicílio pelos enteados, sem nenhum recurso, para com os quais desempenhara o papel de mãe. Chegara ao cúmulo o seu desespero, quando, uma noite, o marido lhe apareceu e disse que ela o acompanhasse ao seu gabinete. Lá lhe mostrou a secretária, que ainda estava selada com os selos judiciais, e, por um efeito de dupla vista, lhe fez ver o interior, indicando-lhe uma gaveta secreta que ela não conhecia e cujo mecanismo lhe explica, acrescentando: Previ o que está acontecendo e quis assegurar a tua sorte; nessa gaveta estão as minhas últimas disposições. Deixei-te o usufruto desta casa e uma renda de... Depois, desapareceu. No dia em que foram levantados os selos, ninguém pôde abrir a gaveta. A Senhora, então, narrou o que lhe sucedera. Abriu-a, de acordo com as indicações de seu marido, e lá estava o testamento, conforme ao que ele lhe anunciara.

296. SOBRE OUTROS MUNDOS

32ª Que confiança se pode depositar nas descrições que os Espíritos fazem dos diferentes mundos?

“Depende do grau de adiantamento *real* dos Espíritos que dão essas descrições, pois bem devem compreender que Espíritos vulgares são tão incapazes de lhes informarem a esse respeito, quanto entre vós é um ignorante, de descrever todos os países da Terra. Muitas vezes, sobre esses mundos, formulam questões científicas que tais Espíritos não podem resolver. Se eles estiverem de boa-fé falarão disso de acordo com suas ideias pessoais; se forem Espíritos levianos vão se divertir em lhes dar descrições estranhas e fantásticas, tanto mais facilmente quanto esses Espíritos, que na erraticidade não são menos providos de imaginação do que na Terra, tiram dessa faculdade a narração de muitas coisas que nada têm de real. Entretanto, não julguem absolutamente impossível obterem alguns esclarecimentos sobre os outros mundos. Os bons Espíritos se alegram mesmo em descrever os que eles habitam, como ensino tendente a lhes melhorar, induzindo-os a seguir o caminho que conduzirá vocês a esses mundos. É um meio de lhes fixarem as ideias sobre o futuro e não lhes deixarem na incerteza”.

a) Como se pode verificar a exatidão dessas descrições?

“A melhor verificação reside na concordância que haja entre elas. Porém, lembrem-se de que semelhantes descrições têm por objetivo o

melhoramento moral humano e que, por conseguinte, é sobre o estado moral dos habitantes dos outros mundos que podem ser mais bem informados e não sobre o estado físico ou geológico de tais esferas. Com os seus conhecimentos atuais, não poderiam mesmo compreendê-lo; semelhante estudo de nada serviria para o progresso de vocês na Terra e toda a possibilidade terão de fazê-lo, quando nelas estiverem”.

Nota – As questões sobre a constituição física e os elementos astronômicos dos mundos se compreendem no campo das pesquisas científicas, para cuja efetivação os Espíritos não devem nos poupar os trabalhos que demandam. Se não fosse assim, muito cômodo se tornaria para um astrônomo pedir aos Espíritos que lhe fizessem os cálculos, o que, no entanto, depois, sem dúvida, esconderia. Se por meio da revelação os Espíritos pudessem evitar o trabalho de uma descoberta é provável que o fizessem para um sábio que, por bastante modesto, não hesitaria em proclamar abertamente o meio pelo qual o alcançara e não para os orgulhosos que os renegam e a cujo amor-próprio, ao contrário, eles muitas vezes poupam decepções.

CAPÍTULO XXVII

DAS CONTRADIÇÕES E MISTIFICAÇÕES

DAS CONTRADIÇÕES

297. Os adversários do Espiritismo não deixam de contestar que seus adeptos não se acham de acordo entre si; que nem todos partilham das mesmas crenças; numa palavra: que se contradizem. Ponderam eles: se o ensino lhes é dado pelos espíritos, como não se apresenta idêntico? Só um estudo sério e aprofundado da ciência pode reduzir estes argumentos ao seu justo valor.

Apressemos-nos em dizer desde logo que essas contradições de que algumas pessoas fazem grande alarde, em regra, são mais aparentes que reais; que elas quase sempre existem mais na superfície do que no fundo mesmo das coisas e que, por consequência, carecem de importância. Elas vêm de duas fontes: dos homens e dos Espíritos.

298. As contradições de origem humana já foram suficientemente explicadas no capítulo referente aos *Sistemas*, nº 36, ao qual nos reportamos. Todos compreenderão que no princípio, quando as observações ainda eram incompletas, tenham surgido opiniões divergentes sobre as causas e as consequências dos fenômenos espíritas, opiniões cujos três quartos já caíram diante de um estudo mais sério e mais aprofundado. Com poucas exceções e postas de lado certas pessoas que não se desprendem facilmente das ideias que hão acariciado ou gerado, podemos dizer que hoje há unidade de opiniões na imensa maioria dos espíritas, ao menos quanto aos princípios gerais, salvo pequenos detalhes insignificantes.

299. Para se compreenderem a causa e o valor das contradições de origem espírita é preciso estar identificado com a natureza do mundo invisível e tê-lo estudado por todas as suas faces. À primeira vista, parecerá talvez estranho que os Espíritos não pensem todos da mesma maneira, mas isso não pode surpreender a quem quer que tenha se convencido de que são infinitos os degraus que eles têm de percorrer antes de chegarem ao alto da escada. Supor-lhes igual apreciação das coisas seria imaginá-los todos no mesmo nível; pensar que todos devam ver com justeza seria admitir que todos já chegaram à perfeição, o que não é exato e não pode ser, desde que se considere que eles não são mais do que a Humanidade despida do envoltório

corporal. Podendo se manifestar Espíritos de todas as categorias, resulta que suas comunicações trazem o cunho da ignorância ou do saber que lhes seja particular no momento – o da inferioridade, ou da superioridade moral que alcançaram. A distinguir o verdadeiro do falso e o bom do mau, é a que devem conduzir as instruções que temos dado.

Não nos esqueçamos que entre há os Espíritos – assim como há entre os homens – falsos sábios e semissábios, orgulhosos, presunçosos e sistemáticos. Como só aos Espíritos perfeitos é dado conhecerem tudo, para há os outros – do mesmo modo que para nós – mistérios que eles explicam à sua maneira, segundo suas ideias, e a cujo respeito podem formar opiniões mais ou menos exatas, que se empenham, levados pelo amor-próprio, por que prevaleçam e que gostam de reproduzir em suas comunicações. O erro está em alguns de seus intérpretes terem tomando muito levemente opiniões contrárias ao bom-senso e se terem feito os editores responsáveis delas. Assim, as contradições de origem espírita não derivam de outra causa senão da diversidade, quanto à inteligência, aos conhecimentos, ao juízo e à moralidade de alguns Espíritos que ainda não estão aptos a conhecerem tudo e a tudo compreenderem (veja **O LIVRO DOS ESPÍRITOS** – “Introdução”, § XIII; “Conclusão”, § IX).

300. De que serve o ensino dos Espíritos – dirão alguns – se não nos oferece mais certeza do que o ensino humano? A resposta é fácil: não aceitamos com igual confiança o ensino de todos os homens e, entre duas doutrinas, preferimos aquela cujo autor nos parece mais esclarecido, mais capaz, mais judicioso, menos acessível às paixões. Do mesmo modo se deve proceder com os Espíritos. Se entre eles há os que não estão acima da Humanidade, muitos há que a ultrapassaram e estes nos podem dar ensinamentos que em vão buscaríamos com os homens mais instruídos. De distingui-los é do que deve tratar com cuidado quem queira se esclarecer e a fazer essa distinção é para onde o Espiritismo conduz. Porém, mesmo esses ensinamentos têm um limite e se aos Espíritos não é dado saberem tudo, com mais forte razão isso se verifica relativamente aos homens. Portanto, há coisas sobre as quais será inútil interrogar os Espíritos, ou porque lhes seja proibido revelá-las, ou porque eles próprios as ignoram e a cujo respeito apenas podem dar suas opiniões pessoais. Ora, são essas opiniões pessoais que os Espíritos orgulhosos apresentam como verdades absolutas. Sobretudo, acerca do que deva permanecer oculto, como o futuro e o princípio das coisas, é que eles mais insistem, a fim de insinuarem que se acham de posse dos segredos de Deus. Por isso mesmo, sobre esses pontos é que mais contradições se observam (veja o capítulo anterior).

301. Eis as respostas que os Espíritos deram a perguntas feitas acerca das contradições:

1ª Comunicando-se em dois centros diferentes, um Espírito pode dar respostas contraditórias sobre o mesmo ponto?

“Se nos dois centros as opiniões e as ideias diferirem, as respostas poderão chegar desfiguradas, por eles se acharem sob a influência de diferentes colunas de Espíritos. Então, não é a resposta que é contraditória, mas a maneira como é dada”.

2ª Compreendemos que uma resposta possa ser alterada; mas, quando as qualidades do médium excluem toda ideia de má influência, como se explica que Espíritos superiores usem de linguagens diferentes e contraditórias sobre o mesmo assunto, para com pessoas perfeitamente sérias?

“Os Espíritos realmente superiores jamais se contradizem e a linguagem de que usam é sempre a mesma, *com as mesmas pessoas*. Entretanto, pode diferir de acordo com as pessoas e os lugares. Porém, é bom que se atenda que a contradição às vezes é apenas aparente; está mais nas palavras do que nas ideias; pois quem reflita verificará que a ideia fundamental é a mesma. Acresce que o mesmo Espírito pode responder diversamente sobre a mesma questão, segundo o grau de adiantamento dos que o evocam, pois nem sempre convém que todos recebam a mesma resposta, por não estarem todos igualmente adiantados. É exatamente como se uma criança e um sábio te fizessem a mesma pergunta. De certo, responderiam a uma e a outro de modo que te compreendessem e ficassem satisfeitos. As respostas nesse caso, embora diferentes, seriam fundamentalmente idênticas”.

3ª Com que fim os Espíritos sérios, junto de certas pessoas, parecem aceitar ideias e preconceitos que combatem junto de outras?

“Devemos nos fazer compreensíveis: se alguém tem uma convicção bem firmada sobre uma doutrina, ainda que falsa, é necessário que lhe tiremos essa convicção, mas pouco a pouco. Por isso é que muitas vezes nos servimos de *seus termos* e aparentamos concordar com suas ideias: é para que não fique de súbito ofuscado e não deixe de se instruir conosco.

“Aliás, não é de bom aviso atacar bruscamente os preconceitos. Esse o melhor meio de não se ser ouvido. Por essa razão é que os Espíritos muitas vezes falam no sentido da opinião dos que os ouvem: é para trazê-los pouco a pouco à verdade. Apropriam sua linguagem às pessoas, como tu mesmo farás, se fores um orador mais ou menos hábil. Daí o fato de não falarem a um chinês, ou a um maometano, como falarão a um francês, ou a um cristão. É que têm a certeza de que seriam repelidos.

“Não se deve tomar como contradição o que muitas vezes não é senão parte da elaboração da verdade. Todos os Espíritos têm a sua tarefa designada por Deus. Desempenham-na dentro das condições que julgam convenientes ao bem dos que lhes recebem as comunicações”.

4ª As contradições, mesmo aparentes, podem lançar dúvidas na consciência de algumas pessoas. Que meio de verificação se pode ter, para conhecer a verdade?

“Para se discernir a verdade do erro se faz preciso que as respostas sejam aprofundadas e meditadas longa e seriamente. É um estudo completo a se fazer. Para isso, é necessário tempo, como para estudar todas as coisas. Estudem, comparem, aprofundem! Incessantemente lhes dizemos que o conhecimento da verdade só se obtém a esse preço. Como queriam chegar à verdade quando tudo interpretam segundo as suas ideias acanhadas que, no entanto, tomam por grandes ideias? Porém, não está longe o dia em que o ensino dos Espíritos será uniforme por toda parte, assim nos detalhes, como nos pontos principais. A missão deles é destruir o erro, mas isso só se pode efetuar gradativamente”.

5ª Há pessoas que não têm nem tempo nem a aptidão necessária para um estudo sério e aprofundado e que aceitam sem exame o que se lhes ensina. Não haverá para elas inconveniente em acatar erros?

“O essencial é que pratiquem o bem e não façam o mal. Para isso, não há duas doutrinas: o bem é sempre o bem, quer feito em nome de Alá, quer em nome de Jeová, visto que há apenas um só Deus para o Universo”.

6ª Como é que Espíritos, que parecem desenvolvidos em inteligência, podem ter ideias evidentemente falsas sobre certas coisas?

“É que têm suas doutrinas. Os que não são bastante adiantados, e julgam que são, tomam suas ideias pela própria verdade. Tal qual entre vocês”.

7ª Que se deve pensar de doutrinas segundo as quais um só Espírito poderia se comunicar e que esse Espírito seria Deus ou Jesus?

“O que isto ensina é um Espírito que quer dominar, pelo que procura fazer crer que é o único a se manifestar. Mas o infeliz que ousa tomar o nome de Deus duramente expiará o seu orgulho. Quanto a essas doutrinas, elas se refutam a si mesmas, porque estão em contradição com os fatos mais bem averiguados. Não merecem exame sério, pois que carecem de raízes.

“A razão diz que o bem procede de uma fonte boa e o mal de uma fonte má; por que haveriam de querer que uma boa árvore gerasse maus frutos? Já colheram uvas em macieira? A diversidade das comunicações é a prova mais evidente da variedade das fontes donde elas precedem. Aliás, os Espíritos que pretendem ser eles os únicos que podem se comunicar esquecem-se de dizer por que os outros não podem. A pretensão que manifestam é a negação do que o Espiritismo tem de mais belo e de mais consolador: as relações do mundo visível com o mundo invisível, dos homens com os seres que lhes são caros e que assim estariam para eles sem remissão perdidos. São essas relações que identificam o homem com o seu futuro, que o desprendem do mundo material. Suprimi-las é remergulhá-lo na dúvida, que constitui o seu tormento; é alimentar-lhe o egoísmo. Examinando-se com cuidado a doutrina de tais Espíritos, nela se descobrirão a cada passo contradições injustificáveis, marcas da ignorância deles sobre as coisas mais evidentes e, por conseguinte, sinais certos da sua inferioridade”.

O Espírito de Verdade.

8ª De todas as contradições que se notam nas comunicações dos Espíritos, uma das mais frisantes é a que diz respeito à reencarnação. Se a reencarnação é uma necessidade da vida espírita, como se explica que nem todos os Espíritos a ensinam?

“Não sabem que há Espíritos cujas ideias se acham limitadas ao presente, como se dá com muitos homens na Terra? Julgam que a condição em que se encontram tem que durar sempre: nada veem além do círculo de suas percepções e não se preocupam com o saberem donde vêm, nem para onde vão e, no entanto, devem sofrer a ação da lei da necessidade. A reencarnação é para eles uma necessidade em que não pensam, senão quando chega até eles. Sabem que o Espírito progride, mas de que maneira? Têm isso como um problema. Então, se os interrogarem a respeito, lhes falarão dos sete céus superpostos como andares.

Alguns mesmo falarão da esfera do fogo, da esfera das estrelas, depois da cidade das flores, da dos eleitos”.

9ª Concebemos que os Espíritos pouco adiantados possam deixar de compreender esta questão; mas como é que Espíritos de uma inferioridade moral e intelectual notória falam espontaneamente de suas diferentes existências e do desejo que têm de reencarnar para resgatarem o passado?

“Passam-se no mundo dos Espíritos coisas bem difíceis de compreenderem. Não há entre vocês pessoas muito ignorantes sobre certos assuntos e esclarecidas acerca de outros; pessoas que têm mais juízo do que instrução e outras que têm mais inteligência que juízo? Não sabem também que alguns Espíritos se comparam em conservar os homens na ignorância, aparentando instruí-los, e que aproveitam da facilidade com que suas palavras são acreditadas? Podem seduzir os que não descem ao fundo das coisas; mas, quando pelo raciocínio são levados à parede, não sustentam por muito tempo o papel.

“Além disso, devemos ter em conta a prudência de que, em geral, os Espíritos usam na promulgação da verdade: uma luz muito viva e muito repentina ofusca e não esclarece. Então, em certos casos, eles podem julgar conveniente não a espalharem senão gradativamente, de acordo com os tempos, com os lugares e as pessoas. Moisés não ensinou tudo o que o Cristo ensinou e o próprio Cristo muitas coisas disse, cuja inteligência ficou reservada às gerações futuras. Falam da reencarnação e lhes admiram de que este princípio não tenha sido ensinado em alguns países. Lembrem-se, porém, de que num país onde o preconceito da cor impera soberanamente, onde a escravidão criou raízes nos costumes, o Espiritismo teria sido repellido só por proclamar a reencarnação, pois que monstruosa pareceria àquele que é padrão, a ideia de vir a ser escravo e reciprocamente. Não era melhor tornar aceite primeiro o princípio geral, para mais tarde se lhe tirem as consequências? Oh, homens! Como é curta a sua vista para apreciar os desígnios de Deus! Saibam que nada se faz sem a sua permissão e sem um fim que as mais das vezes não podem entender. Temos dito que a unidade se fará na crença espírita; fiquem certos de que assim será; que as separações – já menos profundas – se apagarão pouco a pouco, à medida que os homens se esclarecerem e que acabarão por desaparecer completamente. Essa é a vontade de Deus, contra a qual o erro não pode prevalecer”.

O Espírito de Verdade

10ª As doutrinas errôneas que certos Espíritos podem ensinar não têm por efeito retardar o progresso da verdadeira ciência?

“Desejam obter tudo sem trabalho. Pois saibam que não há campo onde não cresçam as ervas más, cuja extirpação cabe ao lavrador. Essas doutrinas errôneas são uma consequência da inferioridade do mundo terreno. Se os homens fossem perfeitos, só aceitariam o que é verdadeiro. Os erros são como as pedras falsas, que só um olhar experiente pode distinguir. Portanto, precisam de um aprendizado para distinguirem o verdadeiro do falso. Pois bem! As falsas doutrinas têm a utilidade de lhes exercitarem em fazerem a distinção entre o erro e a verdade”.

a) — Os que adotam o erro não retardam o seu adiantamento?

“Se adotam o erro, é que não estão bastante adiantados para compreender a verdade”.

302. À espera de que a unidade se faça, cada um julga ter consigo a verdade e sustenta que o verdadeiro é só o que ele sabe, ilusão que os Espíritos enganadores não se descuidam de entreter. Assim sendo, em que pode o homem imparcial e desinteressado basear-se, para formar juízo?

“Nenhuma nuvem obscurece diante da luz mais pura; o diamante sem mácula é o que tem mais valor; pois julguem os Espíritos pela pureza de seus ensinamentos. A unidade se fará do lado onde ao bem jamais se haja misturado o mal; desse lado é que os homens se ligarão, pela força mesma das coisas, porque considerarão que aí está a verdade. Ao demais, notem que os princípios fundamentais são por toda parte os mesmos e têm que lhes unir numa ideia comum: o amor de Deus e a prática do bem. Qualquer que seja, conseqüentemente, o modo de progressão que se imagine para as almas, o objetivo final é um só e um só o meio de alcançá-lo: fazer o bem. Ora, não há duas maneiras de fazê-lo. Se divergências capitais se levantam, quanto ao princípio mesmo da Doutrina, de uma regra certa dispõem para apreciá-las, esta: a melhor doutrina é a que melhor satisfaz ao coração e à razão e a que mais elementos traz para levar os homens ao bem. Eu lhes afirmo que essa é a que prevalecerá”.

O Espírito de Verdade

Nota – Das causas seguintes podem derivar as contradições que se notam nas comunicações espíritas: da ignorância de certos Espíritos; da falsidade dos Espíritos inferiores que, por malícia ou maldade, dizem o contrário do que disse noutro lugar o Espírito cujo nome eles usurpam; da vontade do próprio Espírito, que fala segundo os tempos, os lugares e as pessoas, e que pode julgar conveniente não dizer tudo a todo mundo; da insuficiência da linguagem humana, para exprimir as coisas do mundo espiritual; da insuficiência dos meios de comunicação, que nem sempre permitem ao Espírito expressar todo o seu pensamento; enfim, da interpretação que cada um pode dar a uma palavra ou a uma explicação, segundo suas ideias, seus preconceitos, ou o ponto de vista donde considere o assunto. Só o estudo, a observação, a experiência e a isenção de todo sentimento de amor-próprio podem ensinar a distinguir estes diversos matizes.

DAS MISTIFICAÇÕES

303. Se ser enganado é desagradável, ainda mais é ser mistificado. Aliás, esse é um dos inconvenientes de que mais facilmente nos podemos preservar. De todas as instruções anteriores ressaltam os meios de se frustrarem as tramas dos Espíritos enganadores. Por essa razão, diremos pouca coisa a tal respeito. Sobre o assunto, foram estas as respostas que nos deram os Espíritos:

1ª As mistificações constituem um dos perigos mais desagradáveis do Espiritismo prático. Haverá meio de nos preservarmos deles?

“Parece-me que podem achar a resposta em tudo quanto tem sido ensinado a vocês. Certamente que há para isso um meio simples: o de não pedirem ao Espiritismo senão o que ele possa lhes dar. Seu fim é o melhoramento moral da Humanidade; se não se afastarem desse objetivo, jamais serão enganados, porque

não há duas maneiras de se compreender a verdadeira moral, a que todo homem de bom-senso pode admitir.

“Os Espíritos vêm lhes instruir e guiar no caminho do bem e não no das honras e das riquezas, nem vêm para atender às paixões humanas mesquinhas. Se nunca lhes pedissem nada de fútil, ou que esteja fora de suas atribuições, nenhuma superioridade encontrariam jamais os enganadores; donde devem concluir que aquele que é mistificado só o é porque merece.

“O papel dos Espíritos não consiste em lhes informar sobre as coisas desse mundo, mas em guiá-los com segurança no que possa ser útil a vocês para o outro mundo. Quando falam do que diz respeito a esse mundo é que o julgam necessário, porém não porque o peçam. Se acham nos Espíritos os substitutos dos adivinhos e dos feiticeiros, então é certo que serão enganados”.

“Se os homens não tivessem mais do que se dirigirem aos Espíritos para tudo saberem, estariam privados do livre-arbítrio e fora do caminho traçado por Deus à Humanidade. O homem deve agir por si mesmo. Deus não manda os Espíritos para que lhe aplinam a estrada material da vida, mas para que lhe preparem a do futuro”.

a) Porém, há pessoas que nada perguntam e que são indignamente enganadas por Espíritos que vêm espontaneamente, sem serem chamados.

“Elas nada perguntam, mas se comprazem em ouvir, o que dá no mesmo. Se acolhessem com reserva e desconfiança tudo o que se afasta do objetivo essencial do Espiritismo, os Espíritos levianos não as tomariam tão facilmente para juguete”.

2ª Por que Deus permite que pessoas sinceras e que aceitam o Espiritismo de boa-fé sejam mistificadas? Não poderia isto ter o inconveniente de lhes abalar a crença?

“Se isso lhes abalasse a crença é que não tinham a fé muito sólida. Os que renunciassessem ao Espiritismo por um simples desapontamento, provariam não que compreenderam e não se atentaram na parte séria. Deus permite as mistificações, para experimentar a perseverança dos verdadeiros adeptos e punir os que do Espiritismo fazem objeto de divertimento”.

Nota – A astúcia dos Espíritos mistificadores ultrapassa às vezes tudo o que se possa imaginar. A arte com que dispõem as suas baterias e combinam os meios de convencer seria uma coisa curiosa se eles nunca passassem dos simples gracejos; porém, as mistificações podem ter consequências desagradáveis para os que não se achem em guarda. Sentimo-nos felizes por termos podido abrir a tempo os olhos a muitas pessoas que se dignaram de pedir o nosso parecer e por lhes havermos poupado ações ridículas e comprometedoras. Entre os meios que esses Espíritos empregam, devemos colocar na primeira linha como sendo os mais frequentes os que têm por fim tentar a cobiça, como a revelação de pretendidos tesouros ocultos, o anúncio de heranças, ou outras fontes de riquezas. Devem, além disso, considerar-se suspeitas, logo à primeira vista, as predições com época determinada, assim como todas as indicações precisas, relativas a interesses materiais. Não devemos dar os passos prescritos ou aconselhados pelos Espíritos, quando o fim não seja eminentemente racional; que ninguém nunca se deixe deslumbrar pelos nomes que os Espíritos tomam para dar aparência de veracidade às suas palavras; desconfiar das teorias e sistemas científicos ousados; enfim, de tudo o que se afaste do objetivo moral das manifestações. Encheríamos um volume dos mais curiosos, se houveramos de referir todas as mistificações de que temos tido conhecimento.

CAPÍTULO XXVIII

DO CHARLATANISMO E DO EMBUSTE

- MÉDIUNS INTERESSEIROS
- FRAUDES ESPÍRITAS

MÉDIUNS INTERESSEIROS

304. Como tudo pode se tornar objeto de exploração, nada de surpreendente haveria em que também quisessem explorar os Espíritos. Resta saber como eles receberiam a coisa, dado que tal especulação viesse a ser tentada. Diremos desde logo que nada se prestaria melhor ao charlatanismo⁵⁰ e à trapaça do que semelhante ofício. Muito mais numerosos do que os falsos sonâmbulos, que já se conhecem, seriam os falsos médiuns e este simples fato constituiria fundado motivo de desconfiança. O desinteresse, ao contrário, é a mais concreta resposta que se pode dar aos que nos fenômenos só veem trambiques. Não há charlatanismo desinteressado. Assim, qual a intenção visada pelos que usassem de embuste⁵¹ sem proveito, sobretudo quando a honra os colocasse acima de toda suspeita?

Se é de constituir motivo de desconfiança o ganho que um médium possa tirar da sua faculdade, jamais essa circunstância será uma prova de que tal suspeita seja fundada. Então, quem quer que seja poderia ter real aptidão e agir de muito boa-fé, fazendo-se retribuir. Vejamos se, neste caso, é razoavelmente possível esperar algum resultado satisfatório.

305. Quem compreendeu bem o que dissemos das condições necessárias para que uma pessoa sirva de intérprete dos bons Espíritos, das múltiplas causas que podem afastá-los, das circunstâncias que – independentemente da vontade deles – lhes sejam obstáculos à vinda, enfim de todas as condições *morais* capazes de exercer influências sobre a natureza das comunicações, como poderia supor que um Espírito – por menos elevado que fosse – estivesse, a todas as horas do dia, às ordens de um empresário de sessão e submisso às suas exigências, para satisfazer à curiosidade do primeiro que aparecesse? Sabemos que aversão infunde aos Espíritos tudo o que cheira a cobiça e a egoísmo, o pouco caso que fazem das coisas materiais; como,

⁵⁰ **Charlatanismo:** exploração da fé pela venda de falsa cura – N. D.

⁵¹ **Embuste:** falsidade, falcatrua, enganação – N. D.

então, admitir que se prestem a ajudar quem queira traficar com a presença deles? Repugna pensar isso e seria preciso conhecer muito pouco a natureza do mundo espírita para acreditar que tal coisa seja possível. Mas, como os Espíritos levianos são menos escrupulosos e só procuram ocasião de se divertirem à nossa custa, ocorre que, quando não se seja mistificado por um falso médium, tem-se toda a probabilidade de ser enganado por alguns de tais Espíritos. Só estas reflexões mostram o grau de confiança que se deve dispensar às comunicações deste gênero. Ao demais, para que serviriam hoje médiuns pagos, desde que qualquer pessoa, se não possui mediunidade, pode tê-la em algum membro da sua família, entre seus amigos, ou no círculo de suas relações?

306. Médiuns interesseiros não são apenas os que porventura exijam uma retribuição fixa; o interesse nem sempre se traduz pela esperança de um ganho material, mas também pelas ambições de toda sorte, sobre as quais se fundem esperanças pessoais. É esse um dos defeitos de que os Espíritos zombeteiros sabem muito bem tirar partido e de que se aproveitam com uma habilidade, uma astúcia verdadeiramente notáveis, embalando com enganosas ilusões os que desse modo se lhes colocam sob a dependência. Em resumo, a mediunidade é uma faculdade concedida para o bem e os bons Espíritos se afastam de quem pretenda fazer dela um degrau para chegar ao que quer que seja, que não corresponda às vistas da Providência. O egoísmo é a chaga da sociedade; os bons Espíritos a combatem; portanto, a ninguém dá o direito de supor que eles o venham servir. Isto é tão racional, que inútil seria insistir mais sobre este ponto.

307. Os médiuns de efeitos físicos não estão na mesma categoria, pois que estes geralmente são produzidos por Espíritos inferiores, menos escrupulosos. Não dizemos que tais Espíritos sejam necessariamente maus por isso: pode ser um simples carregador e ao mesmo tempo homem muito honesto. Pois, um médium desta categoria, que quisesse explorar a sua faculdade, talvez encontraria muitos Espíritos que sem grande repugnância o ajudassem. Mas, ainda aí outro inconveniente se apresenta: o médium de efeitos físicos – do mesmo modo que o de comunicações inteligentes – não recebeu a aptidão que possui para seu prazer. Recebeu-a sob a condição de fazer bom uso dela; portanto, se abusa, pode ser que lhe seja retirada, ou que resulte em detrimento seu, por que afinal, os Espíritos inferiores estão subordinados aos Espíritos superiores.

Aqueles gostam muito de mistificar, porém, não de ser mistificados; quando se prestam de boa vontade à gaiatice e às coisas de mera curiosidade – porque lhes agrada se divertirem – também é certo que, como aos outros, lhes repugna ser explorados ou servir de comparsas, para que a receita aumente, e a todo instante provam que têm vontade própria, que agem quando e como bem lhes parece, donde resulta que o médium de efeitos físicos ainda pode ter menos certeza da regularidade das manifestações do que o médium escrevente. Pretender produzi-los em dias e horas determinados, seria dar prova da mais profunda ignorância. Então, que ele há de fazer para ganhar seu dinheiro? – Simular os fenômenos. É a que naturalmente recorrerão, não só os que disso façam um ofício declarado, como igualmente pessoas aparentemente simples, que acham mais fácil e mais cômodo

esse meio de ganhar a vida, do que trabalhando. Desde que o Espírito não dá coisa alguma, supre-se a falta: a imaginação é tão fértil quando se trata de ganhar dinheiro! Sendo um motivo legítimo de suspeita, o interesse dá direito a rigoroso exame, com o qual ninguém poderá se ofender, sem justificar as suspeitas. Mas, tanto estas são legítimas neste caso, como ofensivas em se tratando de pessoas honradas e desinteressadas.

308. Mesmo restrita às manifestações físicas, a mediunidade não foi dada ao homem para ostentá-la nos teatros de feira e quem quer que pretenda ter os Espíritos às suas ordens para exhibir em público, com justiça, está no caso de ser suscitado de charlatanismo, ou de mais ou menos hábil prestidigitação⁵². Assim se entenda todas as vezes que apareçam anúncios de pretendidas sessões de *Espiritismo*, ou de *Espiritualismo*, a tanto por cabeça. Lembrem-se todos do direito que compram ao entrar.

De tudo o que antecede, concluímos que o mais absoluto desinteresse é a melhor garantia contra o charlatanismo. Se ele nem sempre assegura a excelência das comunicações inteligentes, contudo, priva os maus Espíritos de um poderoso meio de ação e fecha a boca a certos detratores.

309. Resta o que poderíamos chamar as tramoias do amador, isto é, as fraudes inocentes de alguns gracejadores de mau gosto. Podem sem dúvida ser praticadas como passatempo, em reuniões levianas e frívolas, porém, jamais em assembleias sérias, onde só se admitam pessoas sensatas. Aliás, a quem quer que seja é possível acontecer a si mesmo o prazer de uma mistificação momentânea: mas, seria preciso que uma pessoa fosse dotada de estranha paciência para representar esse papel por meses e anos e, de cada vez durante horas consecutivas. Só um interesse qualquer facultaria essa perseverança, mas o interesse – repetimos – dá lugar a que se suspeite de tudo.

310. Diriam talvez que um médium que dedica todo o seu tempo ao público, no interesse da causa, não pode fazer isso de graça porque tem que viver. Mas, é no interesse da causa ou *no seu próprio* que ele o emprega? Não será antes porque vê nisso uma ocupação lucrativa? A tal preço, sempre haverá gente dedicada. Não tem então ao seu dispor senão essa indústria? Não esqueçamos que os Espíritos – seja qual for a sua superioridade ou inferioridade – são as almas dos mortos e que, quando a moral e a religião prescrevem como um dever que lhes respeitem os restos mortais, maior ainda é a obrigação, para todos, de lhes respeitarem o Espírito.

Que diriam daquele que, para ganhar dinheiro, tirasse um corpo do túmulo e o exhibisse por ser esse corpo de natureza a provocar a curiosidade? Será menos desrespeitoso, do que exhibir o corpo, exhibir o Espírito, sob pretexto de que é curioso se ver como age um Espírito? Notemos que o preço dos lugares será na razão direta do que ele faça e do atrativo do espetáculo. Certamente, embora houvesse sido um comediante em vida, ele não suspeitaria que depois de morto encontraria um empresário que, em seu proveito exclusivo, o fizesse representar de graça.

⁵² **Prestidigitação:** técnica de ilusionismo, enganação – N. D.

Não podemos esquecer que Deus só permite as manifestações físicas, tanto quanto as inteligentes, para nossa instrução.

311. Colocadas estas considerações morais, de nenhum modo contestamos a possibilidade de haver médiuns interesseiros, se bem que honrados e conscienciosos, porque há gente honesta em todos os ofícios. Apenas falamos do abuso. Mas, pelos motivos que usamos, é preciso convir em que há mais razão para o abuso entre os médiuns remunerados do que entre os que, considerando a mediunidade uma graça, não a utilizam senão para prestar serviço.

O grau da confiança ou desconfiança que se deve dispensar a um médium pago depende antes de tudo da estima que seu caráter e sua moralidade demonstrem – além das circunstâncias. O médium que, com um fim eminentemente sério e útil, se achasse impedido de empregar o seu tempo de outra maneira e, em consequência, se visse *exonerado*, não deve ser confundido com o médium *especulador* e com aquele que premeditadamente faça da sua mediunidade uma indústria. Conforme *o motivo e o fim*, os Espíritos podem condenar, absolver e até auxiliar. Eles julgam mais a intenção do que o fato material.

312. Não estão no mesmo caso os sonâmbulos que empregam sua faculdade de modo lucrativo. Embora essa exploração esteja sujeita a abusos e o desinteresse seja a maior garantia de sinceridade, a posição é diferente, tendo-se em vista que são seus próprios Espíritos que agem. Consequentemente, estes lhes estão sempre à disposição e na realidade eles só exploram a si mesmos, porque lhes assiste o direito de disporem de suas pessoas como o entenderem, ao passo que os médiuns especuladores exploram as almas dos mortos (veja nº 172, *Médiuns sonambúlicos*).

313. Não ignoramos que a nossa severidade para com os médiuns interesseiros levanta contra nós todos os que exploram, ou se veem tentados a explorar essa nova indústria, fazendo-os, bem como de seus amigos, que naturalmente lhes tomem a opinião, ferozes inimigos nossos. Consolamo-nos em nos lembrarmos de que os mercadores expulsos do templo por Jesus também não o viam com bons olhos. Temos igualmente contra nós os que não consideram a coisa com a mesma gravidade. Entretanto, julgamo-nos no direito de ter uma opinião e de emití-la. A ninguém obrigamos que a adote. Se uma imensa maioria a aceitou é que aparentemente a acharam justa; porque na prática não vemos como se provaria que não há mais facilidade de se encontrarem a fraude e os abusos na especulação, do que no desinteresse. Quanto a nós, se os nossos escritos tem contribuído para desacreditar a mediunidade interesseira – assim na França, como em outros países – entendemos que esse não será dos menores serviços que tenhamos prestado ao Espiritismo *sério*.

FRAUDES ESPÍRITAS

314. Os que não admitem a realidade das manifestações físicas geralmente atribuem os efeitos produzidos à fraude. Fundam-se em que os prestidigitadores hábeis fazem

coisas que parecem prodígios, para quem não conhece seus segredos; donde concluem que os médiuns não passam de escamoteadores⁵³. Já rebatemos este argumento, ou melhor, esta opinião, notadamente nos nossos artigos sobre o Sr. Home e nos números da **REVISTA ESPÍRITA** de janeiro e fevereiro de 1858. Dessa forma, agora não diremos mais do que algumas palavras, antes de falarmos de coisa mais séria.

Em suma, há uma consideração que não escapará a quem quer que reflita um pouco. Sem dúvida, existem prestidigitadores de prodigiosa habilidade, mas são raros. Se todos os médiuns praticassem a escamoteação, seria preciso reconhecer que esta arte fez em pouco tempo incríveis progressos e se tornou de súbito muito comum, apresentando-se instintivamente em pessoas que dela nem suspeitavam e até em crianças.

Do fato de haver charlatães que receitam drogas nas praças públicas, e mesmo de haver médicos que, sem irem à praça pública, iludem a confiança dos seus clientes, será que todos os médicos são charlatães e que a classe médica tenha perdido a consideração que merece? Por que há indivíduos que vendem tintura por vinho, será que todos os negociantes de vinho são falsificadores e que não há vinho puro? De tudo se abusa, mesmo das coisas mais respeitáveis e bem se pode dizer que também a fraude tem o seu gênio. Mas, a fraude sempre visa a um fim, a um interesse material qualquer; não há nenhum interesse em enganar onde nada haja o que ganhar. Por isso foi que dissemos, falando dos médiuns mercenários, que a melhor de todas as garantias é o desinteresse absoluto.

315. De todos os fenômenos espíritas, os que mais se prestam à fraude são os fenômenos físicos, por motivos que convém considerar. Primeiramente, porque impressionam mais a vista do que a inteligência, para a enganação, são os mais facilmente imitáveis. Em segundo lugar porque, despertando a curiosidade mais do que os outros, são mais apropriados a atrair as multidões; por isso, são os mais produtivos. Portanto, desse duplo ponto de vista, os charlatães têm todo interesse em simular as manifestações desta espécie; os espectadores, que na sua maioria estranhos à ciência, geralmente vão em busca muito mais de uma distração do que de instrução séria e é sabido que se paga melhor o que diverte do que o que instrui. Porém, posto isto de lado, há outro motivo mais real: se o ilusionismo pode imitar efeitos materiais – para que só precisa de destreza –, não lhe conhecemos até ao presente, o dom de improvisação, que exige uma dose pouco vulgar de inteligência, nem o fato de produzir esses belos e sublimes ditados, frequentemente tão cheios de propósitos, com que os Espíritos pintam suas comunicações. Isto nos faz lembrar o fato seguinte:

Certo dia, um intelectual bastante conhecido veio ter conosco e nos disse que era muito bom médium escrevente *intuitivo* e que se colocava à disposição da Sociedade Espírita. Como temos por hábito não admitir na Sociedade senão médiuns cujas faculdades nos são conhecidas, pedimos ao nosso visitante que quisesse dar antes provas de sua aptidão numa reunião particular. Ele realmente compareceu a esta, na qual muitos médiuns experimentados deram ou dissertações, ou respostas de

⁵³ **Escamoteador:** aquele que usa de esperteza para furtar, malandro – N. D.

notável precisão, sobre questões propostas e assuntos que lhes eram desconhecidos. Quando chegou a vez daquele senhor, ele escreveu algumas palavras insignificantes, disse que nesse dia estava indisposto e nunca mais o vimos. Achou sem dúvida que o papel de médium de efeitos inteligentes é mais difícil de representar do que o supôs.

316. Em tudo, as pessoas mais facilmente enganáveis são as que não pertencem ao ramo. O mesmo se dá com o Espiritismo. As que não o conhecem se deixam facilmente iludir pelas aparências, ao passo que um prévio estudo atento as inicia, não só nas causas dos fenômenos, como também nas condições normais em que eles costumam se produzir e lhes assim propicia os meios de descobrirem a fraude – se existir.

317. Os médiuns trapaceiros são estigmatizados, como merecem, na seguinte carta que publicamos na **REVISTA ESPÍRITA** do mês de agosto de 1861:

Paris, 21 de julho de 1861.

Senhor.

Podemos estar em desacordo sobre certos pontos e de perfeito acordo sobre outros. Acabo de ler, à página 213 do último número deste jornal, algumas reflexões acerca da fraude em matéria de experiências espiritualistas (ou espíritas), reflexões a que tenho a satisfação de me associar com todas as minhas forças. Aí, quaisquer dissidências a propósito de teorias e doutrinas desaparecem como por encanto.

Talvez não sou tão severo quanto o senhor, com relação aos médiuns que, sob forma digna e decente, aceitam um pagamento, como indenização do tempo que dedicam a experiências muitas vezes longas e fatigantes. Porém, tanto quanto o senhor — e ninguém o seria demais — sou rigoroso com relação aos que, em tal caso, suprem pelo embuste e pela fraude a falta ou a insuficiência dos resultados prometidos e esperados, quando se lhes oferece ocasião (veja nº 311).

Quando se trata de fenômenos obtidos pela intervenção dos Espíritos, misturar o falso com o verdadeiro é simplesmente uma infâmia e haveria anulação do senso moral no médium que julgasse poder fazer isso sem escrúpulo. Conforme o observou com perfeita exatidão, é lançar a coisa em descrédito no espírito dos indecisos, desde que a fraude seja reconhecida. Acrescentarei que é comprometer do modo mais deplorável os homens honrados, que prestam aos médiuns o apoio desinteressado de seus conhecimentos e de suas luzes, que se constituem fiadores da boa-fé que neles deve existir e os patrocinam de alguma forma. É cometer para com eles uma verdadeira prevaricação.

Todo médium que fosse apanhado em manejos fraudulentos; que fosse apanhado com a boca na botija — para me servir de uma expressão um tanto trivial —, mereceria ser censurado por todos os espiritualistas ou espíritas do mundo, para os quais constituiria rigoroso dever desmascará-los ou infamá-los.

Se lhe for conveniente, Senhor, inserir estas breves linhas neste jornal, ficam elas à disposição.

Aceite-as, etc.”

Mateus

318. A imitação de todos os fenômenos espíritas não é igualmente fácil. Alguns há que evidentemente desafiam a habilidade da prestidigitação: tais, notadamente, o

movimento dos objetos sem contato, a suspensão dos corpos pesados no ar, as pancadas de diferentes lados, as aparições, etc., salvo o emprego das tramoias e do compadrio. Por isso dizemos que o que necessário se faz em tal caso é observar atentamente as circunstâncias e, sobretudo, ter muito em conta o caráter e a posição das pessoas, o objetivo e o interesse que possam ter em enganar. Essa a melhor de todas as fiscalizações, porque há circunstâncias que fazem desaparecer todos os motivos de suspeita. Logo, julgamos em princípio que se deve desconfiar de quem quer que faça desses fenômenos um espetáculo, ou objeto de curiosidade e de divertimento, e que pretenda produzi-los à sua vontade e da maneira exigida, conforme já explicamos. Nunca será demais repetir que as inteligências invisíveis que se nos manifestam têm suas sensibilidades e fazem questão de nos provar que também dispõem de livre-arbítrio e não se submetem aos nossos caprichos (Nº 38).

Será suficiente que assinalemos alguns subterfúgios, que costumam ser empregados ou que o podem ser em certos casos para prevenirmos contra a fraude os observadores de boa-fé. Quanto aos que teimam em julgar sem aprofundarem as coisas, seria tempo perdido procurar desiludi-los.

319. Um dos fenômenos mais comuns é o das pancadas no interior mesmo da substância da madeira – com ou sem movimento da mesa – ou do objeto de que se faça uso. Esse efeito é um dos mais fáceis de ser imitado, quer pelo contato dos pés, quer provocando-se pequenos estalidos no móvel. Há, porém, uma artimanhazinha especial, que convém desvendar. Basta que uma pessoa coloque as duas mãos espalmadas sobre a mesa e tão aproximadas que as unhas dos polegares se apoiem fortemente uma contra a outra; então, por meio de um movimento muscular inteiramente imperceptível, produz-se nelas um atrito que dá um ruído seco, apresentando grande semelhança com o da tiptologia íntima. Esse ruído repercute na madeira e produz completa ilusão. Nada mais fácil do que fazer que se ouçam tantas pancadas quantas se queiram, o ruído do tambor, etc., do que responder a certas perguntas, por um sim, ou um não, por números, ou mesmo pela indicação das letras do alfabeto.

Estando-se prevenido, é muito simples o modo de descobrir a fraude: ela se torna impossível, desde que as mãos sejam afastadas uma da outra e desde que se tenha a certeza de que nenhum outro contato poderá produzir o ruído. Além disso, as pancadas reais apresentam esta característica: mudam de lugar e de timbre, à vontade, o que não pode ser quando devidas à causa que assinalamos, ou a qualquer outra análoga. Assim é que deixam a mesa para se fazerem ouvir noutra móvel qualquer, com o qual ninguém se acha em contato, nas paredes, no forro, etc., e respondem a questões não previstas (veja nº 41).

320. A escrita direta ainda é mais facilmente imitável. Sem falar dos agentes químicos bem conhecidos, para fazerem que em dado tempo a escrita apareça no papel branco, o que se consegue impedir com as mais vulgares precauções, pode acontecer que, por meio de hábil esperteza, se substitua um papel por outro. Pode ocorrer também que aquele que queira fraudar tenha a arte de desviar as atenções, enquanto escreva com destreza algumas palavras. Alguém nos disse ter visto uma pessoa escrever assim com um pedaço de ponta de lápis escondido debaixo da unha.

321. O fenômeno do movimento de objetos, de fora para o lugar onde se efetua a reunião, não se presta menos à trapaça e facilmente se pode ser enganado por um trapaceiro mais ou menos esperto, sem que tenha necessidade de se tratar de um prestidigitador profissional. No parágrafo especial que acima inserimos (nº 96), os próprios Espíritos determinaram as condições excepcionais em que ele se produz, donde é lícito concluirmos que a sua obtenção *facultativa* e *fácil* deve, quando nada, ser tida por suspeita. A escrita direta está no mesmo caso.

322. No capítulo *Dos médiuns especiais*, mencionamos, segundo os Espíritos, as aptidões mediúnicas comuns e as que são raras. Desta arte, devemos desconfiar dos médiuns que pretendam possuir estas últimas com muita facilidade, ou que ambicionem dispor de múltiplas capacidades – pretensão que só muito raramente se justifica.

323. Conforme as circunstâncias, as manifestações inteligentes são as que oferecem mais garantias; entretanto, nem mesmo essas escapam à imitação, pelo menos no que se refere às comunicações banais e vulgares. Alguns pensam que estão mais seguros com os médiuns mecânicos, não só pelo que respeita à independência das ideias, como também contra os embustes; daí o fato de preferirem os intermediários materiais. Pois bem! É um erro. A fraude se insinua por toda parte e sabemos que, com habilidade, até mesmo uma cesta, ou uma prancheta que escreve pode ser dirigida à vontade, com todas as aparências dos movimentos espontâneos. Só os pensamentos expressos – quer venham de um médium mecânico, quer de um intuitivo, audiente, falante ou vidente – afastam todas as dúvidas. Há comunicações, tão fora das ideias, dos conhecimentos e mesmo do alcance intelectual do médium, que só por efeito de estranha eliminação se poderia atribuí-las a este último. Reconhecemos que o charlatanismo dispõe de grande habilidade e vastos recursos, mas ainda não descobrimos o dom de dar sabedoria a um ignorante, nem espírito a quem não o tenha. Em resumo, repetimos, a melhor garantia está na moralidade notória dos médiuns e na ausência de todas as causas de interesse material, ou de amor-próprio, capazes de estimular-lhes o exercício da mediunidade que possuam, porque essas mesmas causas poderiam induzi-los a simular as de que não dispõem.

CAPÍTULO XXIX

DAS REUNIÕES E DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS

- DAS REUNIÕES EM GERAL
- DAS SOCIEDADES PROPRIAMENTE DITAS
- ASSUNTOS DE ESTUDO
- RIVALIDADE ENTRE AS SOCIEDADES

DAS REUNIÕES EM GERAL

324. As reuniões espíritas oferecem grandíssimas vantagens, por permitirem que os que tomam parte nelas se esclareçam mediante a permuta das ideias, pelas questões e observações que se façam, das quais todos aproveitam. Mas, para que produzam todos os frutos desejáveis, requerem condições especiais, que vamos examinar, porque erraria quem as comparasse às reuniões ordinárias. Todavia, cada reunião sendo afinal um todo coletivo, o que lhes diz respeito decorre naturalmente das precedentes instruções. Cabe-lhes tomarem as mesmas precauções e preservarem-se dos mesmos perigos que os indivíduos. Essa a razão por que colocamos em último lugar esse capítulo.

Elas apresentam caracteres muito diferentes, conforme o fim com que se realizam; por isso mesmo, suas condições intrínsecas também devem diferir. Segundo o gênero a que pertençam, podem ser **frívolas**, **experimentais**, ou **instrutivas**.

325. As **reuniões fúteis** se compõem de pessoas que só enxergam o lado divertido das manifestações, que se divertem com as peripécias dos Espíritos levianos, aos quais muito agrada a esse tipo de assembleia, a que não faltam por gozarem nelas de toda a liberdade para se exibirem. É nessas reuniões que se perguntam banalidades de toda qualidade, que se pede aos Espíritos a predição do futuro, que se põe à prova a perspicácia deles em adivinhar as idades, ou o que cada um tem no bolso, em revelar segredinhos e mil outras coisas de igual importância.

Tais reuniões são sem resultado; mas, como às vezes os Espíritos levianos são muito inteligentes e, em geral, de bom humor e bastante jovialidade, acontecem nelas frequentemente fatos muito curiosos, de que o observador pode tirar proveito. Aquele que só tenha visto isso e julgue o mundo dos Espíritos por essa amostra, fará deste uma ideia tão falsa como quem julgasse toda a sociedade de uma grande capital pela de alguns de seus quarteirões. O simples bom-senso diz que os Espíritos

elevados não comparecem às reuniões deste gênero, em que os espectadores não são mais sérios do que os atores. Quem queira se ocupar com coisas inúteis deve francamente chamar Espíritos levianos, do mesmo modo que para divertir uma sociedade chamaria gaiatos; porém, aquele que convidasse individualidades respeitadas para semelhantes coisas, cometeria uma profanação, porque seria misturar o sagrado com o profano.

326. As reuniões experimentais têm particularmente por objetivo a produção das manifestações físicas. Para muitas pessoas, são um espetáculo mais curioso que educativo. Os infieis saem delas mais admirados do que convencidos, quando ainda outra coisa não viram, e se voltam inteiramente para a pesquisa dos artifícios, porque não percebendo nada de tudo aquilo, de boa mente imaginam a existência de fraudes. Já outro tanto não se dá com os que estudam; esses compreendem de antemão a possibilidade dos fenômenos e a observação dos fatos positivos lhes determina ou completa a convicção. Se houver falcatura, eles se acharão em condições de descobri-los.

Apesar disso, as experiências desta ordem trazem uma utilidade, que ninguém ousaria negar, visto terem sido elas que levaram à descoberta das leis que regem o mundo invisível – e para muita gente é um poderoso meio de convicção. Mas sustentamos que por si só elas não conseguem iniciar a quem quer que seja na ciência espírita, do mesmo modo que a simples verificação de um engenhoso mecanismo não torna conhecida a mecânica de quem não conheça suas leis. Contudo, se fossem dirigidas com método e prudência, dariam resultados muito melhores. Voltaremos em breve a este ponto.

327. As reuniões instrutivas apresentam caráter muito diferente e, como são as em que se pode buscar o verdadeiro ensino, insistiremos mais sobre as condições a que devem satisfazer.

A primeira de todas é que sejam sérias, na definição integral da palavra. É importante que todos se convençam que os Espíritos – de quem desejamos manifestações – são de natureza especialíssima; que, não podendo misturar o sublime com o trivial, nem o bem ao mal, quem quiser obter coisas boas precisa se dirigir a bons Espíritos. Mas não basta que se evoquem bons Espíritos; como condição expressa, é preciso que os assistentes estejam em condições propícias, para que eles possam em vir. Ora, Espíritos superiores não virão a reuniões de homens levianos e superficiais, como não viriam quando vivos.

Uma reunião só é verdadeiramente séria quando reflete coisas úteis, excluindo todas as demais. Se aqueles que a formam aspiram obter fenômenos extraordinários por mera curiosidade ou passatempo, talvez compareçam Espíritos que os produzam, mas os outros se afastarão daí. Numa palavra, qualquer que seja o nível de uma reunião, haverá sempre Espíritos dispostos a favorecer as tendências dos que a componham. Assim, afasta-se do seu objetivo toda reunião séria em que o ensino é substituído pelo divertimento. Como dissemos, as manifestações físicas têm sua utilidade; vão às sessões experimentais os que queiram ver; vão às reuniões de estudos os que queiram compreender; é desse modo que uns e outros conseguirão completar sua instrução espírita, tal como fazem os que estudam medicina, os quais vão, uns aos cursos, outros às clínicas.

328. O aprendizado espírita não abrange apenas o ensinamento moral que os Espíritos dão, mas também o estudo dos fatos. Cabe a ele a teoria de todos os fenômenos, a pesquisa das causas, a comprovação do que é possível e do que não é; em suma, a observação de tudo o que possa contribuir para o avanço da ciência. Ora, seria erro acreditarmos que os fatos se limitam aos fenômenos extraordinários; que só são dignos de atenção os que os sentidos captam mais fortemente. A cada passo, eles ressaltam das comunicações inteligentes e de forma a não merecerem o desprezo por homens que se reúnem para estudar. Esses fatos – que seria impossível enumerar – surgem de um número infinito de circunstâncias casuais. Embora de menor destaque, nem por isso menos dignos são do mais alto interesse para o observador, que neles vai encontrar ou a confirmação de um princípio conhecido, ou a revelação de um princípio novo, que o faz penetrar um pouco mais nos mistérios do mundo invisível. Isso também é filosofia.

329. Além disso, as reuniões de estudo são de imensa utilidade para os médiuns de manifestações inteligentes, para aqueles, sobretudo, que seriamente desejam se aperfeiçoar e que a elas não comparecerem dominados por tola presunção de infalibilidade. A obsessão e a fascinação são alguns dos grandes tropeços da mediunidade – como já tivemos ocasião de dizer. Pois eles podem se iludir de muita boa-fé, com relação ao mérito do que alcançam e facilmente entendemos que os Espíritos enganadores têm o caminho aberto, quando apenas lidam com um cego. Por essa razão é que afastam o seu médium de toda fiscalização; que se for preciso, chegam mesmo a fazê-lo tomar aversão a quem quer que possa esclarecê-lo. Graças ao isolamento e à fascinação, conseguem sem dificuldade levá-lo a aceitar tudo o que eles queiram.

Nunca será demais repetir: aí se encontra não somente um tropeço, mas um perigo; sim, verdadeiro perigo, dizemos. O único meio para o médium de escapar dele é a análise praticada por pessoas desinteressadas e benevolentes que, apreciando com sangue frio e imparcialidade as comunicações, abram seus olhos e o façam perceber o que ele não possa ver sozinho. Ora, todo médium que teme esse juízo já está no caminho da obsessão; aquele que acredita que a luz foi feita exclusivamente em seu proveito está completamente subjugado. Se leva a mal as observações e se as rejeita, caso se irrite ao ouvi-las, não cabe dúvida sobre a má qualidade do Espírito que o influencia.

Temos dito que um médium pode carecer dos conhecimentos necessários para perceber os erros; que pode se deixar iludir por palavras retumbantes e por uma linguagem pretensiosa, ser seduzido por sofismas, tudo na maior boa-fé. Por isso é que na falta de luzes próprias, ele deve modestamente recorrer à dos outros, de acordo com estes dois ditados: “quatro olhos enxergam mais do que dois” e “ninguém é bom juiz em causa própria”. Desse ponto de vista é que as reuniões são de grande utilidade para o médium, desde que ele se mostre bastante sensato para ouvir as opiniões que lhe forem dadas, porque ali se encontrarão pessoas mais esclarecidas do que ele e que apanharão os graus, muitas vezes delicados, por onde o Espírito trai a sua inferioridade.

Portanto, todo médium que sinceramente deseje não ser joguete da mentira deve procurar produzir em reuniões serias, levando-lhes o que obtenha em

particular, aceitar agradecido, solicitar mesmo o exame crítico das comunicações que receba. Se estiver envolvido com Espíritos enganadores, esse será o meio mais seguro de se desembaraçar deles, provando-lhes que não podem enganá-lo. Aliás, ao médium que se irrita com a crítica, tanto menos razão assiste para semelhante irritação, quanto o seu amor-próprio nada tem que ver com o caso, pois que o que lhe sai da boca ou do lápis não é seu, e que não é mais responsável por isso do que seria se lesse os versos de um mau poeta. Insistimos nesse ponto, porque, assim como esse é um desafio para os médiuns, também é para as reuniões, nas quais importa que não se confie levemente em todos os intérpretes dos Espíritos. A cooperação de qualquer médium obsidiado ou fascinado seria mais nocivo do que útil; então, elas não devem aceitá-lo. Julgamos já ter relatado observações suficientes, de modo a lhes tornar impossível o equívoco acerca dos tipos da obsessão, se o médium não a puder reconhecer por si mesmo. Um dos mais evidentes é, da parte deste, a pretensão de ter sempre razão contra todo mundo. Os médiuns obsidiados – que se recusam a reconhecer que estão mal influenciados – se assemelham a esses doentes que se iludem sobre a própria enfermidade e se perdem, por não se submeterem a um regime saudável.

330. O objetivo de uma reunião séria deve ser afastar os Espíritos mentirosos. Cairia em erro caso se supusesse ao julgo deles, pelos seus fins e pela qualidade de seus médiuns. Não o estará, enquanto não se achar em condições favoráveis.

A fim de que seja bem compreenda o que se passa em tais circunstâncias, rogamos ao leitor que verifique o que dissemos acima, no nº 231, sobre a *Influência do meio*. Imagine-se que cada indivíduo está cercado de certo número de auxiliares invisíveis, que se lhe identificam com o caráter, com os gostos e com os pendores. Assim sendo, todo aquele que entra numa reunião traz consigo Espíritos que lhe são semelhantes. Conforme o número e a natureza deles, esses auxiliares podem exercer uma influência boa ou má sobre a assembleia e sobre as comunicações. Perfeita seria a reunião em que todos os participantes, possuídos de igual amor ao bem, só trouxessem consigo bons Espíritos. Na falta da perfeição, a melhor será aquela em que o bem supere o mal. Essa colocação é muito lógica e precisamos insistir nela.

331. Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são o resultado das de seus membros e formam como que um feixe. Ora, este feixe terá mais força quanto mais semelhante for. Caso compreenda bem o que foi dito (nº 282, pergunta 5), sobre a maneira como os Espíritos são avisados do nosso chamado, facilmente compreenderá o poder da associação dos pensamentos dos participantes. Desde que o Espírito é de certo modo atingido pelo pensamento – como nós somos pela voz –, unindo-se vinte pessoas com a mesma intenção, terão necessariamente mais força do que uma só; mas, a fim de que todos esses pensamentos trabalhem para o mesmo fim, é preciso que vibrem em uníssono⁵⁴; que se confundam, por assim dizer, em um só, o que não pode ser sem a concentração.

Por outro lado, chegando a um meio que lhe seja completamente simpático, o Espírito aí se sentirá mais à vontade. Sabendo que só encontrará amigos, virá mais

⁵⁴ **Uníssono:** um som semelhante, como uma só voz – N. D.

facilmente e mais disposto a responder. Quem quer que tenha acompanhado com alguma atenção as manifestações espíritas inteligentes obrigatoriamente terá se convencido desta verdade. Se os pensamentos forem divergentes, resultará daí um choque de ideias desagradável ao Espírito e, por conseguinte, prejudicial à comunicação. O mesmo acontece com um homem que tenha de falar perante uma assembleia: se sente que todos os pensamentos lhes são simpáticos e benévolos, a impressão que recebe reage sobre as suas próprias ideias e lhes dá mais vivacidade. A unanimidade desse auxílio exerce sobre ele uma espécie de ação magnética que multiplica seus recursos, ao passo que a indiferença ou a hostilidade o perturbam e o paralisam. É assim que os aplausos eletrizam os atores. Ora, sendo os Espíritos muito mais sensíveis que os humanos, sem dúvida eles sofrem a influência do meio muito mais fortemente do que os encarnados.

Pois então, toda reunião espírita deve tender para a maior harmonia possível. Está entendido que falamos dos encontros em que se deseja chegar a resultados sérios e verdadeiramente úteis. Se o que se quer é apenas obter comunicações – sejam estas quais forem, sem nenhuma atenção à qualidade dos que as manifestem –, evidentemente, todas essas precauções se tornam desnecessárias; mas, então, ninguém tem que se queixar da qualidade do produto.

332. Sendo o recolhimento e a comunhão dos pensamentos as condições essenciais a toda reunião séria, é fácil compreendermos que o número excessivo dos participantes é uma das causas mais contrárias à harmonia. Certo que não há nenhum limite absoluto para esse número e bem se concebe que cem pessoas, suficientemente concentradas e atentas, estarão em melhores condições do que estariam dez, se distraídas e bulhentas. Mas, também é evidente que, quanto maior for o número, tanto mais difícil será o preenchimento dessas condições. Aliás, é fato provado pela experiência que os círculos íntimos, de poucas pessoas, são sempre mais favoráveis às belas comunicações, pelos motivos que vimos expor.

333. Há ainda outro ponto não menos importante: o da regularidade das reuniões. Em todas, sempre estão presentes Espíritos a que poderíamos chamar *frequentadores habituais*, sem que pretendamos com isso nos referir aos que se encontram em toda parte e em tudo se metem. Aqueles são, ou Espíritos protetores ou os que mais assiduamente se veem interrogados.

Ninguém creia que esses Espíritos nada mais tenham que fazer senão ouvir o que lhes queiramos dizer ou perguntar. Eles têm suas ocupações e, além disso, podem se achar em condições desfavoráveis para serem evocados. Quando as reuniões se efetuam em dias e horas certos, eles se preparam antecipadamente para comparecer e é raro faltarem. Há até alguns que levam ao excesso a sua pontualidade. Formalizam-se, com um atraso de quinze minutos e se são eles que marcam o momento de uma reunião, inútil seria chamá-los antes desse momento.

Acrescentemos, todavia, que, se bem os Espíritos prefiram a regularidade, os de ordem verdadeiramente superior não se mostram severos a esse extremo. A exigência de pontualidade rigorosa é sinal de inferioridade, como tudo o que seja tolo. Mesmo fora das horas predeterminadas, sem dúvida eles podem comparecer e se apresentam de boa vontade – se é útil o fim objetivado. Mas nada é mais

prejudicial às boas comunicações do que chamá-los a torto e a direito, quando isso nos leva à fantasia e principalmente sem motivo sério. Como não se acham forçados a se submeterem aos nossos caprichos, bem pode acontecer que não se movam ao nosso chamado. É então que ocorre tomarem-lhe outros o lugar e os nomes.

DAS SOCIEDADES PROPRIAMENTE DITAS

334. Tudo o que dissemos das reuniões em geral se aplica naturalmente às sociedades regularmente constituídas, as quais, entretanto, têm que lutar com algumas dificuldades especiais, vindas dos próprios laços existentes entre os seus membros. Sendo frequentes os pedidos que se dirigem a nós sobre a maneira de se formarem as Sociedades, resumiremos aqui o modelo em poucas palavras.

O Espiritismo – que apenas acaba de nascer – ainda é diversamente apreciado e muito pouco compreendido em sua essência, por grande número de adeptos, de modo a oferecer um laço forte que prenda entre si os membros do que se possa chamar uma Associação ou Sociedade. É impossível que semelhante laço exista a não ser entre os que percebem o seu objetivo moral, o compreendem e o *aplicam a si mesmos*. Entre os que nele veem fatos mais ou menos curiosos, nenhum laço sério pode existir. Colocando os fatos acima dos princípios, uma simples divergência, quanto à maneira de considerá-los, basta para dividi-los. O mesmo já não se dá com os primeiros, porque acerca da questão moral, não pode haver duas maneiras de encará-la. Tanto assim que, onde quer que eles se encontrem, confiança mútua os atrai uns para os outros e a recíproca benevolência, que entre todos reina, exclui o constrangimento e o vexame que nascem do melindre, do orgulho que se irrita à menor contradição, do egoísmo que tudo reclama para a pessoa em quem domina.

Uma Sociedade – onde aqueles sentimentos se achassem partilhados por todos, onde os seus componentes se reunissem com o propósito de se instruírem pelos ensinamentos dos Espíritos e não na expectativa de presenciarem coisas mais ou menos interessantes, ou para fazer cada um que a sua opinião prevaleça – seria não só viável, mas também indissolúvel. A dificuldade, ainda grande, de reunir crescido número de elementos harmônicos deste ponto de vista, nos leva a dizer que no interesse dos estudos e por bem da causa mesma, as reuniões espíritas devem tender antes à multiplicação de pequenos grupos do que à constituição de grandes aglomerações. Esses grupos, correspondendo-se entre si, visitando-se, trocando observações, desde já podem formar o núcleo da grande família espírita, que um dia associará todas as opiniões e unirá os homens por um único sentimento: o da fraternidade, trazendo o cunho da caridade cristã.

335. Já vimos de quanta importância é a uniformidade de sentimentos, para a obtenção de bons resultados. Necessariamente, tanto mais difícil é obtermos essa unidade quanto maior for o número. Nos agregados pouco numerosos, todos se conhecem melhor e há mais segurança quanto à eficácia dos elementos que para eles entram. O silêncio e o recolhimento são mais fáceis e tudo se passa como em família. As grandes assembleias impossibilitam a intimidade, pela variedade dos

elementos de que se compõem; exigem sedes especiais, recursos financeiros e um aparelho administrativo desnecessário nos pequenos grupos. A divergência dos caracteres, das ideias, das opiniões, aí se desenha melhor e oferece mais facilidade aos Espíritos perturbadores semear a discórdia. Quanto mais numerosa é a reunião, tanto mais difícil é conter todos os presentes. Cada um pretenderá que os trabalhos sejam dirigidos segundo o seu modo de entender e que sejam tratados preferentemente os assuntos que mais lhe interessam. Alguns julgam que o título de sócio lhes dá o direito de impor suas maneiras de ver. Daí, oposições, uma causa de mal-estar que cedo ou tarde acarreta a desunião e depois a dissolução, destino de todas as Sociedades, quaisquer que sejam seus objetivos. Os grupos pequenos jamais se encontram sujeitos às mesmas oscilações. A queda de uma grande Associação seria um insucesso aparente para a causa do Espiritismo, do qual seus inimigos não deixariam de se prevalecer. Já o fechamento de um grupo pequeno passa despercebido e ainda que um se disperse, vinte outros se formam ao lado. Ora, vinte grupos, de quinze a vinte pessoas, obterão mais e muito mais farão pela propaganda do que uma assembleia de trezentos ou de quatrocentos indivíduos.

Provavelmente dirão que os membros de uma Sociedade, que agissem da maneira que vimos mostrar, não seriam verdadeiros espíritas, pois que a caridade e a tolerância são o dever primário que a Doutrina impõe a seus adeptos. É perfeitamente exato e, por isso mesmo, os que procedam assim são espíritas mais de nome que de fato. Certo que não pertencem à terceira categoria (veja nº 28), mas quem diz que eles sequer mereçam o simples qualificativo de espíritas? Uma consideração aqui se apresenta, não destituída de gravidade.

336. Não esqueçamos que o Espiritismo tem inimigos interessados em barra sua marcha, aos quais seus triunfos causam ciúme, não sendo os mais perigosos os que o atacam abertamente, porém os que agem na sombra, os que o acariciam com uma das mãos e o detrata com a outra. Esses seres malvados se insinuam onde quer que possam fazer mal. Como sabem que a união é uma força, tratam de destruí-la, semeando discórdia. Desde então, quem pode afirmar que os que nas reuniões espalham a perturbação e a desavença não sejam agentes provocadores, interessados na desordem? Sem dúvida alguma, não são espíritas verdadeiros, nem bons; jamais farão o bem e podem fazer muito mal. Ora, compreendemos que infinitamente mais facilidade encontram eles de se insinuarem nas reuniões numerosas, do que nos núcleos pequenos, onde todos se conhecem. Graças a sutis atos – que passam despercebidos – espalham a dúvida, a desconfiança e a desafeição; sob a aparência de interesse hipócrita pela causa, tudo criticam, formam conspirações e tramas que rapidamente rompem a harmonia do conjunto; é o que querem. Em se tratando de gente dessa espécie, apelar para os sentimentos de caridade e fraternidade é falar a surdos voluntários, pois o objetivo de tais criaturas é precisamente aniquilar esses sentimentos, que constituem os maiores obstáculos opostos a suas artimanhas. Semelhante estado de coisas é desagradável em todas as Sociedades e ainda mais nas associações espíritas, porque se não ocasiona um rompimento gera uma preocupação incompatível com o recolhimento e a atenção.

337. Se a reunião tomar mau rumo, dirão que as pessoas sensatas e bem-

intencionadas, presentes a ela, não terão o direito de crítica; deverão deixar que o mal passe, sem dizerem palavra, e aprovar tudo pelo silêncio? Sem nenhuma dúvida, esse direito lhes assiste: é mesmo um dever que lhes corre. Mas, se boa intenção os anima, eles emitirão suas opiniões guardando todas as conveniências e com cordialidade, francamente e não com manobra. Se ninguém os acompanha, retiram-se, pois não se concebe que quem não esteja procedendo com segundas intenções teime em permanecer numa sociedade onde se façam coisas que considere inconvenientes. Então, podemos considerar como regra que todo aquele que numa reunião espírita provoca por quaisquer meios desordem ou desunião – aparente ou disfarçadamente – é, ou um agente provocador, ou pelo menos um mau espírita, do qual os outros devem se livrar o mais depressa possível. Porém, a isso muitas vezes afastam os próprios compromissos que ligam os componentes da reunião, razão por que convém evitar os compromissos indissolúveis. Os homens de bem sempre se acham suficientemente comprometidos: os mal-intencionados sempre o estão demais.

338. Além dos notoriamente malignos que se insinuem nas reuniões, há os que, pelo próprio caráter, levam consigo a perturbação a toda parte aonde vão: nunca, portanto, será demais todo o cuidado na admissão de novos membros. Os mais prejudiciais, nesse caso, não são os ignorantes da matéria, nem mesmo os que não creem: a convicção só se adquire pela experiência e há pessoas que desejam esclarecer-se de boa-fé. Aqueles, sobretudo, contra os quais maiores precauções devem ser tomadas são os de ideias preconcebidas, os incrédulos teimosos que duvidam de tudo, até da evidência; os orgulhosos que, pretendendo ter o privilégio da luz interior, procuram em toda parte impor suas opiniões e olham com desprezo para os que não pensam como eles. Não se deixem iludir pelo pretense desejo que manifestam de se instruírem. Encontrarão mais de um que ficará muito aborrecido se for constringido a concordar em que se enganou. Guardem-se principalmente desses oradores insípidos, que querem sempre dizer a última palavra e dos que só se comprazem na contradição. Uns e outros fazem perder tempo sem nenhum proveito, nem mesmo para si próprios. Os Espíritos não gostam de palavras inúteis.

339. Visto ser necessário evitar toda causa de perturbação e de distração, uma Sociedade espírita ao se organizar deve dar toda a atenção às medidas apropriadas a tirar aos promotores de desordem os meios de se tornarem prejudiciais e facilitar o afastamento deles por todos os modos. As pequenas reuniões apenas precisam de um regulamento disciplinar, muito simples, para a boa ordem das sessões. As Sociedades regularmente constituídas exigem organização mais completa. A melhor será a que tenha menos complicada a entrosagem. Umas e outras poderão buscar o que lhes for aplicável ou o que julgarem útil no regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, que adiante inserimos.

340. Contra outro obstáculo as Sociedades têm que lutar – sejam pequenas ou grandes – e todas as reuniões, qualquer que seja a importância de que se revistam. Os ocasionadores de perturbações não se encontram somente no meio delas, mas também no mundo invisível. Assim como há Espíritos protetores das associações,

das cidades e dos povos, Espíritos malfeitores se ligam aos grupos, do mesmo modo que aos indivíduos. Atrelem-se primeiramente aos mais fracos, aos mais acessíveis, procurando fazê-los seus instrumentos e gradativamente vão envolvendo os conjuntos, por isso que tanto mais prazer maligno experimentam, quanto maior é o número dos que lhes caem sob o jugo.

De tal modo, todas as vezes que num grupo, um dos seus componentes cai na armadilha, é preciso que se proclame que há no campo um inimigo, um lobo no redil, e que todos se ponham em guarda, visto ser mais que provável a multiplicação de suas tentativas. Se enérgica resistência o não levar ao desânimo, a obsessão se tornará mal contagioso, que se manifestará nos médiuns, pela perturbação da mediunidade, e nos outros pela hostilidade dos sentimentos, pela perversão do senso moral e pela turbação da harmonia. Como a caridade é o mais forte antídoto desse veneno, o sentimento da caridade é o que eles mais procuram abafar. Não se deve, portanto, esperar que o mal se haja tornado incurável para remediá-lo; não se deve sequer esperar que os primeiros sintomas se manifestem; acima de tudo, o de que se deve cuidar é de preveni-lo. Para isso, há dois meios eficazes – se forem bem aplicados: a **prece** feita do coração e o **estudo** atento dos menores sinais que revelam a presença de Espíritos mistificadores. O primeiro atrai os bons Espíritos, que só assistem zelosamente os que os influenciam, mediante a confiança em Deus; o outro prova aos maus que estão lidando com pessoas bastante clarividentes e bastante sensatas, para se não deixarem enganar.

Se um dos membros do grupo for presa da obsessão, todos os esforços devem tender para lhe abrir os olhos, desde os primeiros indícios, a fim de que o mal não se agrave, de modo a lhe levar a convicção de que se enganou e de lhe despertar o desejo de apoiar os que procuram libertá-lo.

341. A influência do meio é consequência da natureza dos Espíritos e do modo por que atuam sobre os seres vivos. Dessa influência pode cada um deduzir por si mesmo as condições mais favoráveis para uma Sociedade que busque granjear a simpatia dos bons Espíritos e a só obter boas comunicações, afastando as más. Estas condições se contêm todas nas disposições morais dos assistentes e se resumem nos pontos seguintes:

- Perfeita comunhão de opiniões e de sentimentos;
- Cordialidade recíproca entre todos os membros;
- Ausência de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã;
- Um único desejo: o de se instruírem e melhorarem, por meio dos ensinamentos dos Espíritos e do aproveitamento de seus conselhos. Quem esteja convencido de que os Espíritos superiores se manifestam com o fito de nos fazerem progredir e não para nos divertirem, compreenderá que eles necessariamente se afastam dos que se limitam a lhes admirar o estilo, sem nenhum proveito tirar daí, e que só se interessam pelas sessões de acordo com o maior ou menor atrativo que lhes oferecem, segundo os gostos particulares de cada um deles;
- Exclusão de tudo o que apenas exprima o desejo de satisfação da curiosidade nas comunicações pedidas aos Espíritos;
- Recolhimento e silêncio respeitosos, durante as conversas com os Espíritos;

- União de todos os participantes pelo pensamento ao apelo feito aos Espíritos que sejam evocados;
- Auxílio dos médiuns da assembleia, com isenção de todo sentimento de orgulho, de amor-próprio e de supremacia e com o só desejo de serem úteis.

Estas condições são tão difíceis de serem preenchidas que não haja quem as satisfaça? Não cremos; esperamos, ao contrário, que as reuniões verdadeiramente sérias, como as que já se realizam em diversas localidades, se multiplicarão e não hesitamos em dizer que é a elas que o Espiritismo será devedor da sua mais ampla propagação. Religando os homens honestos e conscienciosos, elas imporão silêncio à crítica e, quanto mais puras forem suas intenções, mais respeitadas serão, mesmo pelos seus adversários: *Quando a zombaria ataca o bem, deixa de provocar o riso: torna-se desprezível*. É pela força mesma das coisas que nas reuniões desse gênero se estabelecerão laços de real simpatia, de solidariedade mútua, que contribuirão para o progresso geral.

342. Seria errado acreditarmos que as reuniões dedicadas de modo especial às manifestações físicas estejam de fora desse concerto de fraternidade e que excluam toda ideia séria. Do fato de não requererem condições tão rigorosas para sua celebração, não se segue que a elas possamos assistir de ânimo ligeiro e muito se enganará quem suponha ser absolutamente nula a cooperação dos assistentes aí. Temos a prova do contrário no fato de que muitas vezes as manifestações deste gênero – ainda quando provocadas por médiuns poderosos – não chegam a produzir em certos meios. Quer dizer que também nesse caso há influências contrárias e que essas influências naturalmente decorrem da divergência ou hostilidade dos sentimentos, paralisando os esforços dos Espíritos.

Conforme já dissemos, as manifestações físicas têm grande utilidade, já que abrem um campo largo ao observador, pois é toda uma série de fenômenos incomuns, de incalculáveis consequências a se lhe desdobrarem diante dos olhos. Então, uma equipe de objetivos muito sérios pode se ocupar com eles, mas não conseguirá êxitos desses objetivos – seja como forma de estudo ou como meio de convicção – caso não se realizarem em condições favoráveis, a primeira das quais consiste, não na fé dos assistentes, mas no desejo que os impulsione de se esclarecerem, sem intenções ocultas e sem o propósito antecipado de recusarem tudo, mesmo a evidência. A segunda é a limitação do número, para evitar a intromissão de elementos desarmoniosos. Se é certo que são os Espíritos menos adiantados os que produzem as manifestações físicas, nem por isso essas manifestações deixam de apresentar um fim providencial e os bons Espíritos as favorecem, sempre que sejam capazes de dar resultados proveitosos.

ASSUNTOS DE ESTUDO

343. Os que evocam seus parentes e amigos, ou certas personagens famosas, para comparar suas opiniões de além-túmulo com as que sustentavam quando vivos, geralmente ficam embaraçados para manter com eles a conversação, sem caírem nas

banalidades e futilidades. Muitas pessoas pensam também que **O LIVRO DOS ESPÍRITOS** esgotou a série das questões de moral e de filosofia. É um erro. Por isso julgamos útil indicar a fonte donde podemos tirar assuntos de estudo – por assim dizer inesgotáveis.

344. Se a evocação dos homens ilustres, dos Espíritos superiores, é eminentemente proveitosa, pelos ensinamentos que eles nos dão, a dos Espíritos simples também não é menos, embora esses Espíritos sejam incapazes de resolver as questões de grande alcance. Eles próprios revelam a sua inferioridade e, quanto menor é a distância que os separa de nós, mais os reconhecemos em situação igual à nossa, sem levar em conta que frequentemente nos manifestam traços característicos do mais alto interesse – conforme explicamos acima, no número 281, falando da utilidade das evocações particulares. Essa é uma mina inesgotável de observações, mesmo quando o experimentador se limite a evocar aqueles cuja vida humana apresente alguma particularidade com relação ao gênero de morte que teve, à idade, às boas e más qualidades, à posição feliz ou desgraçada que lhes coube na Terra, aos hábitos, ao estado mental, etc.

Com os Espíritos elevados, o quadro das experiências se amplia. Além das questões psicológicas – que têm um limite – podemos lhes propor uma imensidade de problemas morais que se estendem ao infinito, sobre todas as posições da vida, sobre a melhor conduta a ser observada em tal ou qual circunstância, sobre os nossos deveres recíprocos, etc. O valor da instrução que se receba, acerca de um assunto qualquer, moral, histórico, filosófico ou científico, depende inteiramente do estado do Espírito que se interroga. Cabe-nos a nós julgar.

345. Além das evocações propriamente ditas, as comunicações espontâneas proporcionam uma infinidade de assuntos para estudo. No caso de tais comunicações, tudo se conta em aguardar o assunto de que agrada ao Espírito tratar. Nessa circunstância, muitos médiuns podem trabalhar simultaneamente. Algumas vezes, poderemos chamar determinado Espírito. Porém, é comum esperarmos aquele que queira se apresentar, o qual, geralmente vem da maneira mais imprevista. Esses ditados servem, depois, para uma infinidade de questões, cujos temas se acham assim preparados previamente. Devem ser comentados cuidadosamente, para apreciação de todas as ideias que tragam, julgando se eles têm o cunho da verdade. Fazer esse exame com severidade é a melhor garantia contra a intromissão dos Espíritos mistificadores. Por este motivo, tanto quanto para instrução de todos, será bom dar conhecimento das comunicações obtidas fora das sessões. Como se vê, há aí uma fonte inestancável de elementos muito sérios e instrutivos.

346. Os trabalhos de cada sessão podem ser regulados conforme se segue:

1ª Leitura das comunicações espíritas recebidas na sessão anterior, depois de passadas a limpo.

2ª **Relatórios diversos** – Correspondência – Leitura das comunicações obtidas fora das sessões – Narrativa de fatos que interessem ao Espiritismo.

3ª **Matéria de estudo** – Ditados espontâneos – Questões diversas e problemas morais propostos aos Espíritos – Evocações.

4ª **Conferência** – Exame crítico e analítico das diversas comunicações – Discussão sobre diferentes pontos da ciência espírita.

347. Os grupos recém-criados se acham às vezes atrapalhados em seus trabalhos pela falta de médiuns. Não há que negar que estes são um dos elementos essenciais às reuniões espíritas, mas não constituem elemento indispensável e seria erro acreditar que nada se pode fazer sem eles. Sem dúvida, sem médiuns, os que se reúnem apenas com o fim de realizar experimentações não podem fazer mais do que músicos sem instrumentos num concerto. Porém, os que objetivam o estudo sério, a esses se deparam mil assuntos com que se ocupar, tão úteis e proveitosos quanto se pudessem operar por si mesmos. Acresce que os grupos possuidores de médiuns estão sujeitos a ficar sem eles de um momento para outro e seria de lamentar que só julgassem, nesse caso, dissolverem-se. De tempo em tempo, os próprios Espíritos costumam levá-los a essa situação, a fim de lhes ensinarem a independência dos médiuns. Diremos mais: para aproveitamento dos ensinamentos recebidos, é necessário que dediquem algum tempo a meditá-los.

As sociedades científicas nem sempre têm ao seu dispor os instrumentos próprios para as observações e, no entanto, não deixam de encontrar assuntos de discussão. À falta de poetas e de oradores, as sociedades literárias leem e comentam as obras dos autores antigos e modernos. As sociedades religiosas meditam as Escrituras. As sociedades espíritas devem fazer o mesmo e tirarão grande proveito daí para seu progresso, instituindo conferências em que seja lido e comentado tudo o que diga respeito ao Espiritismo – pró ou contra. Dessa discussão, a que cada um dará o tributo de suas reflexões, saem raios de luz que passam despercebidos numa leitura individual.

Ao lado das obras especiais, os jornais formigam de fatos, de narrativas, de acontecimentos, de rasgos de virtudes ou de vícios, que levantam graves problemas morais, cuja solução só o Espiritismo pode apresentar, constituindo isso ainda um meio de se provar que ele se prende a todos os ramos da ordem social.

Garantimos que a uma sociedade espírita, cujos trabalhos se mostrassem organizados nesse sentido, munida ela dos materiais necessários a executá-los, não sobraria tempo bastante para dedicar às comunicações diretas dos Espíritos. Daí porque chamamos a atenção dos grupos realmente sérios para esse ponto, dos que mais cuidam de se instruir do que de achar um passatempo (veja nº 207, no capítulo *Da formação dos médiuns*).

RIVALIDADES ENTRE AS SOCIEDADES

348. Os grupos que se ocupam exclusivamente com as manifestações inteligentes e os que se entregam ao estudo das manifestações físicas têm cada um a sua missão. Nem uns, nem outros se achariam possuídos da verdadeira disposição do Espiritismo, desde que não se olhassem com bons olhos; e aquele que atirasse pedras

em outro, por esse simples fato provaria a má influência que o domina. Ainda que por vias diferentes, todos devem contribuir para o objetivo comum, que é a pesquisa e a propagação da verdade. Fornecendo armas aos opositores, os antagonismos — que não são mais do que efeito de orgulho superexcitado — só poderão prejudicar a causa, que uns e outros pretendem defender.

349. Estas últimas reflexões se aplicam igualmente a todos os grupos que porventura divirjam sobre alguns pontos da Doutrina. Conforme dissemos no capítulo *Das Contradições*, essas divergências muitas vezes apenas tratam de detalhes, até mesmo sobre simples palavras. Portanto, seria tolice alguns constituírem um bando separado, por não pensarem todos do mesmo modo. Pior ainda do que isso seria os diferentes grupos ou associações da mesma cidade se tornarem ciumentos uns dos outros. Compreende-se o ciúme entre pessoas que fazem campanha umas às outras e podem ocasionar recíprocos prejuízos materiais. Mas não havendo especulação, o ciúme só traduz mesquinha rivalidade de amor-próprio.

Definitivamente, como não há sociedade que possa reunir no seu meio todos os adeptos, as que se achem animadas pelo desejo sincero de propagar a verdade — que se proponham a um fim unicamente moral — devem colaborar com prazer para a multiplicação dos grupos e se houver alguma concorrência entre eles, outra coisa não deverá acontecer senão a de cada um fazer maior soma de bem. As que pretendam estar exclusivamente com a verdade terão que provar isso, tomando por fim **Amor e Caridade** — que é a missão de todo verdadeiro espírita. Querem prevalecer da superioridade dos Espíritos que as ajudam? Provem-no, pela superioridade dos ensinamentos que recebam e pela aplicação que façam deles a si mesmas. Eis o critério infalível para se marcar as que estejam no melhor caminho.

Alguns Espíritos — mais presunçosos do que lógicos — por vezes tentam impor teorias estranhas e impraticáveis, em nome de veneráveis entidades com que se enfeitam. O bom-senso acaba sempre por fazer justiça a essas ilusões, mas enquanto isso não se dá, elas podem semear a dúvida e a incerteza entre os adeptos. Daí, em geral uma causa de desavenças passageiras. Além dos meios que temos indicado de apreciá-las, há outro critério que dá a vocês a medida exata do valor: o número dos partidários que tais teorias recrutam. A razão diz que, de todos os sistemas, aquele que encontra maior aceitação nas massas deve estar mais próximo da verdade, do que os que são repelidos pela maioria e veem abrir claros nas suas fileiras. Assim, tenham como certo que quando os Espíritos se negam a discutir seus próprios ensinamentos é que bem reconhecem a fraqueza destes.

350. Conforme foi anunciado, se o Espiritismo tem que determinar a transformação da Humanidade, é claro que esse efeito ele só poderá produzir melhorando as massas, o que se verificará gradualmente, pouco a pouco, em consequência do aperfeiçoamento dos indivíduos. Que importa crer na existência dos Espíritos se essa crença não faz aquele que a defende se torne melhor, mais benigno e indulgente para com os seus semelhantes, mais humilde e paciente na adversidade? De que serve ao avarento ser espírita, se continua avarento; ao orgulhoso, quando se conserva cheio de si; ao invejoso, se permanece dominado pela inveja? Com efeito, todos os homens poderiam acreditar nas manifestações dos Espíritos e a Humanidade ficar

estacionária. Porém, tais não são os desígnios de Deus: para o objetivo providencial, portanto, é que todas as Sociedades espíritas sérias devem trabalhar agrupando todos os que se achem animados dos mesmos sentimentos. Então, haverá união entre elas, simpatia, fraternidade, em vez de vão e pueril antagonismo, que é nascido do amor-próprio, mais de palavras do que de fatos; então, elas serão fortes e poderosas, porque assentarão em inabalável alicerce: o bem para todos; então, serão respeitadas e imporão silêncio à zombaria tola, porque falarão em nome da moral evangélica, que todos respeitam.

Essa é a estrada pela qual temos procurado, com muito esforço, fazer que o Espiritismo caminhe. A bandeira que desfraldamos bem alto é a do *Espiritismo cristão e humanitário*, em torno da qual já temos a ventura de ver, em todas as partes do globo, tantos homens congregados, por compreenderem que aí é que está a âncora de salvação, a salvaguarda da ordem pública, o sinal de uma era nova para a Humanidade.

Convidamos, pois, todas as Sociedades espíritas a colaborar nessa grande obra. Que de um extremo ao outro do mundo elas se estendam fraternalmente as mãos e eis que terão colhido o mal em inextricáveis malhas.

CAPÍTULO XXX

REGULAMENTO DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Fundada a 1 de abril de 1858

E autorizada por decreto do Sr. Prefeito de Polícia, na data de 13 de abril de 1858, de acordo com o aviso do Exmo. Sr. Ministro do Interior e da Segurança Geral.

Nota – Embora este regulamento seja fruto da experiência, não o apresentamos como lei absoluta, mas unicamente para facilitar a formação de Sociedades aos que queiram fundá-las, os quais aí encontrarão os dispositivos que lhes pareçam convenientes e aplicáveis às circunstâncias que lhes sejam particulares. Embora já esteja sintetizado, esse modelo ainda poderá ser muito mais simplificado, quando se tratar, não de Sociedades regularmente constituídas, mas de simples reuniões íntimas, que apenas necessitam adotar medidas de ordem, de precaução e de regularidade nos trabalhos. Nós o apresentamos igualmente para a organização dos que desejam manter relações com a Sociedade – Parisiense – quer como correspondentes, quer a título de membros da Sociedade.

CAPÍTULO I — Fins e formação da Sociedade

Art. 1º – A Sociedade tem por objeto o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas. São proibidas nela as questões políticas, de controvérsia religiosa e de economia social.

Toma por título: **Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.**

Art. 2º – A Sociedade se compõe de sócios titulados, de associados livres e de sócios correspondentes.

Pode conferir o título de sócio honorário a pessoas residentes na França ou no exterior, que pela sua posição ou por seus trabalhos, possam lhes prestar serviços assinaláveis.

Os sócios honorários são submetidos à reeleição todos os anos.

Art. 3º – A Sociedade só admitirá as pessoas que simpatizem com seus princípios e com o objetivo de seus trabalhos, as que já se achem iniciadas nos princípios fundamentais da ciência espírita, ou que estejam seriamente animadas do desejo de se instruírem nesta. Em consequência, exclui todo aquele que possa trazer elementos de perturbação às suas reuniões, seja por espírito de hostilidade e de oposição sistemática, seja por qualquer outra causa, fazendo assim que se perca o tempo em discussões inúteis.

A todos os seus associados corre o dever de recíproca benevolência e bom proceder, cumprindo-lhes, em todas as circunstâncias, colocar o bem geral acima das questões pessoais e de amor-próprio.

Art. 4º – Para ser admitido como associado livre o candidato deve dirigir ao Presidente um pedido por escrito, apostilado por dois sócios titulares, que se tornam fiadores das intenções do pretendente.

O pedido deve informar resumidamente: 1º, se o requerente já possui alguns conhecimentos do Espiritismo; 2º, o estado de sua convicção sobre os pontos fundamentais da ciência; 3º, o compromisso de se sujeitar em tudo ao regulamento.

O pedido será submetido à comissão de que fala o artigo 11, que o examinará e proporá, se julgar conveniente, a admissão, o adiamento, ou indeferimento.

A rigor, o adiamento é com relação a todo candidato que ainda não tenha nenhum conhecimento da ciência espírita e que não simpatize com os princípios da Sociedade.

Os associados livres têm o direito de assistir às sessões, de tomar parte nos trabalhos e nas discussões que tenham por objeto o estudo, mas, em caso algum, terão voto deliberativo, no que diga respeito aos negócios da Sociedade.

Os associados livres só o serão considerados assim durante o ano em que tenham sido aceitos e, para permanecerem na Sociedade, a admissão deles deverá ser ratificada no fim desse primeiro ano.

Art. 5º – Para ser sócio titular, é preciso que a pessoa tenha sido associado livre pelo menos durante um ano, tenha assistido a mais de metade das sessões e, durante esse tempo, tenha provas notórias de seus conhecimentos e de suas convicções em matéria de Espiritismo, de sua adesão aos princípios da Sociedade e do desejo de proceder, em todas as circunstâncias, para com seus colegas, de acordo com os princípios da caridade e da moral espírita.

Os associados livres que tenham assistido regularmente às sessões da Sociedade durante seis meses poderão ser admitidos como sócios titulares se preencherem as outras condições.

A admissão será proposta por escrito pela comissão, com o consentimento do associado, se for, além disso, apoiado por três outros sócios titulares. Em seguida, se tiver cabimento, será votada pela Sociedade, em votação secreta, após um relatório verbal da comissão.

Só os sócios titulares têm voto deliberativo e desfrutam do direito concedido pelo art. 25.

Art. 6º – Se julgar conveniente, a Sociedade limitará o número dos associados livres e dos sócios titulares.

Art. 7º – Sócios correspondentes são os que, não residindo em Paris, mantenham relações com a Sociedade e lhe forneçam documentos úteis a seus estudos. Podem ser nomeados por proposta de um único sócio titular.

CAPÍTULO II – Administração

Art. 8º – A Sociedade é administrada por um Presidente-diretor, auxiliado pelos membros de uma diretoria e de uma comissão.

Art. 9º – A diretoria se compõe de: um Presidente, um Vice-Presidente, um Secretário principal, dois Secretários adjuntos e um Tesoureiro.

Além desses, um ou mais Presidentes honorários poderão ser nomeados.

Na falta do Presidente e do Vice-Presidente, as sessões serão presididas por um dos membros da comissão.

Art. 10 – O Presidente-diretor deverá dedicar todos os seus cuidados aos interesses da Sociedade e da ciência espírita. Cabem-lhe a direção geral e a alta superintendência da administração, assim como a conservação dos arquivos.

O Presidente é nomeado por três anos, os outros membros da diretoria por um ano, indefinidamente reelegíveis.

Art. 11 – A comissão se compõe dos membros da diretoria e de cinco outros sócios titulares, escolhidos de preferência entre os que tiverem dado auxílio ativo aos trabalhos da Sociedade, prestado serviços à causa do Espiritismo, ou demonstrado possuir ânimo benevolente e conciliador. Estes cinco membros, assim como os da diretoria, são eleitos por um ano e reelegíveis.

De direito, a comissão é presidida pelo Presidente-diretor, ou na falta deste, pelo Vice-Presidente, ou por aquele de seus outros membros que para esse efeito seja designado.

A comissão tem a seu cargo o exame prévio de todas as questões e proposições administrativas e outras que tenham de ser submetidas à Sociedade; a fiscalização das receitas e despesas desta e as contas do Tesoureiro; a autorização das despesas ordinárias e a adoção de todas as medidas de ordem que julgue necessárias.

Além disso, compete-lhe examinar os trabalhos e assuntos de estudo propostos pelos diversos sócios, formulá-los ela própria, a seu turno, e determinar a ordem das sessões, de acordo com o Presidente.

O Presidente poderá sempre se opor a que certos assuntos sejam tratados e postos na ordem do dia, cabendo-lhe recorrer da sua decisão para a Sociedade, que resolverá afinal. A comissão se reunirá regularmente antes das sessões, para exame dos casos ocorrentes e, também, sempre que julgar conveniente.

Os membros da diretoria e da comissão que, sem participação, se ausentem por três meses consecutivos, são tidos como renunciantes às suas funções, cumprindo que se providencie a substituição deles.

Art. 12 – As decisões serão tomadas por maioria absoluta de votos dos membros presentes – seja da Sociedade, seja da comissão; em caso de empate, preponderará o voto do Presidente.

A comissão poderá deliberar quando estiverem presentes quatro de seus membros.

A votação secreta será obrigatória, se cinco membros a reclamarem.

Art. 13 — De três em três meses, seis sócios, escolhidos entre os titulares e os associados livres, serão designados para desempenhar as funções de **comissários**.

Os comissários são encarregados de velar pela boa ordem e regularidade das sessões e de verificar o direito de entrada de toda pessoa que se apresenta para a elas assistir.

Para esse efeito, os sócios designados se entenderão, de maneira que um deles esteja presente à abertura das sessões.

Art. 14 — O ano social começa em 1 de abril.

As nomeações para a diretoria e para a comissão se farão na primeira sessão do mês de maio. Os membros de uma e outra, em exercício, continuarão nas suas funções até essa época.

Art. 15 — Para bancar as despesas da Sociedade, os titulares pagarão uma cota anual de 24 francos e os associados livres a de 20 francos.

Além disso, ao serem admitidos, os sócios titulares pagarão 10 francos, de uma vez, como joia de entrada.

A cota é paga integralmente por ano corrente.

Os que forem admitidos só terão que pagar, do ano em que se der a admissão, os trimestres ainda não decorridos, incluído o em que essa admissão se verificar.

Quando marido e mulher forem aceitos como associados livres ou titulares, só uma cota e meia será exigida pelos dois.

Cada seis meses, a 1º de abril e 1º de outubro, o Tesoureiro prestará à Comissão contas do emprego e da situação dos fundos.

Pagas as despesas diárias de alugueis e outras obrigatórias, se houver saldo a Sociedade determinará o emprego a lhes dar.

Art. 16 – A todos os admitidos (associados livres ou titulares) será entregue um cartão de admissão, comprovando-lhe a categoria. Esse cartão fica com o Tesoureiro, de cujo poder o novo sócio poderá retirá-lo, pagando a sua cota e a joia de entrada. Ele não poderá assistir às sessões senão depois de haver retirado o seu cartão. Não o tendo feito até um mês depois da sua admissão, será considerado demissionário.

Será igualmente considerado demissionário todo sócio que não houver pago sua cota anual no primeiro mês da renovação do ano social, desde que fique sem resultado um aviso que o Tesoureiro lhe enviará.

CAPÍTULO III — Das sessões

Art. 17 – As sessões da Sociedade se realizarão às sextas-feiras, às 8 horas da noite, salvo modificação, se for necessária.

As sessões serão particulares ou gerais; nunca serão públicas.

Em cada sessão, todos os que façam parte da Sociedade – sob qualquer título – devem assinar os nomes numa lista de presença.

Art. 18 – O silêncio e o recolhimento são rigorosamente exigidos durante as sessões e, principalmente, durante os estudos. Ninguém pode usar da palavra, sem a ter obtido do Presidente.

Todas as perguntas aos Espíritos devem ser feitas por intermédio do Presidente, que poderá recusar formulá-las, conforme as circunstâncias.

São especialmente interditas todas as perguntas fúteis, de interesse pessoal, de pura curiosidade ou que tenham o objetivo de submeter os Espíritos a provas, assim como todas as que não tenham um fim geral, do ponto de vista dos estudos.

São igualmente interditas todas as discussões capazes de desviar a sessão do seu objeto especial.

Art. 19 – Todo sócio tem o direito de reclamar que seja chamado à advertência aquele que se afaste das conveniências nas discussões ou perturbe as sessões, de qualquer maneira. A reclamação será imediatamente posta a votos; se for aprovada, constará na ata.

De direito, três advertências, no espaço de um ano, acarretam a eliminação do sócio que nelas haja incorrido, qualquer que seja a sua categoria.

Art. 20 — Nenhuma comunicação espírita obtida fora da Sociedade pode ser lida antes de submetida ao Presidente ou à comissão, que podem admitir ou recusar a leitura.

Nos arquivos deverá ficar depositada uma cópia de toda comunicação estranha, cuja leitura tenha sido autorizada.

Todas as comunicações obtidas durante as sessões pertencem à Sociedade, podendo os médiuns que as tomaram, tirar uma cópia delas.

Art. 21 — As sessões particulares são reservadas aos membros da Sociedade e serão realizadas nas 1ª e 3ª sextas-feiras de cada mês e também na 5ª (quando houver).

A Sociedade reserva para as sessões particulares todas as questões relativas aos negócios administrativos, assim como os assuntos de estudo que mais tranquilidade e concentração reclamem, ou que ela julgue conveniente aprofundar, antes de tratá-lo em presença de pessoas estranhas.

Além dos sócios titulares e dos associados livres, têm direito de assistir às sessões particulares os sócios correspondentes, que se achem temporariamente em Paris, e os médiuns que prestem sua cooperação à Sociedade.

Nenhuma pessoa estranha a esta será admitida às sessões particulares, salvo casos excepcionais e com assentimento prévio do Presidente.

Art. 22 — As sessões gerais se realizarão nas 2ª e 4ª sextas-feiras de cada mês.

Nas sessões gerais, a Sociedade autoriza a admissão de ouvintes estranhos, que poderão assistir a elas temporariamente, sem tomarem parte nelas. Cabe-lhe retirar essa autorização, quando julgue conveniente.

Ninguém pode assistir às sessões como ouvinte sem ser apresentado ao Presidente por um sócio, que se torna fiador de seu cuidado em não causar perturbação, nem interrupção.

A Sociedade não admite como ouvintes senão pessoas que aspirem a se tornarem seus associados, ou que simpatizem com seus trabalhos e que já estejam suficientemente iniciadas na ciência espírita, para compreendê-los. A admissão deverá ser negada de modo absoluto a quem quer que deseje ser ouvinte por mera curiosidade, ou cujos sentimentos sejam hostis à Sociedade.

Aos ouvintes é interdito o uso da palavra, salvo casos excepcionais, a juízo do Presidente. Aquele que perturbar a ordem de qualquer maneira, ou manifestar má vontade para com os trabalhos da Sociedade, poderá ser convidado a se retirar e, em todos os casos, o fato será anotado na lista de admissão e a entrada lhe será de futuro proibida.

Devendo limitar-se o número dos ouvintes pelos lugares disponíveis, os que puderem assistir às sessões deverão ser inscritos previamente num registro criado para esse fim, com indicação dos endereços e das pessoas que os recomendam. Em consequência, todo pedido de entrada deverá ser dirigido muitos dias antes da sessão, ao Presidente, que expedirá os cartões de admissão até que a lista se ache esgotada.

Os cartões de entrada só podem servir para o dia indicado e para as pessoas designadas.

A permissão de entrada não pode ser concedida ao mesmo ouvinte para mais de duas sessões, salvo autorização do Presidente e em casos excepcionais. Nenhum membro da Sociedade poderá apresentar mais de duas pessoas ao mesmo tempo. Não têm limite as entradas concedidas pelo Presidente.

Os ouvintes não serão admitidos depois da sessão ser aberta.

CAPÍTULO IV — Disposições diversas

Art. 23 – Todos os membros da Sociedade lhe devem inteiro auxílio. Em consequência, são convidados a colher nos seus respectivos círculos de observações os fatos antigos ou recentes que possam dizer respeito ao Espiritismo, e a os assinalar. Ao mesmo tempo, cuidarão de inquirir, tanto quanto possível, da notoriedade deles.

São igualmente convidados a lhe dar conhecimento de todas as publicações que possam se relacionar mais ou menos diretamente com objetivo de seus trabalhos.

Art. 24 – Quando julgar oportuno, a Sociedade submeterá a um exame crítico as diversas obras que se publicarem sobre o Espiritismo. Para esse efeito, encarregará um de seus

membros (associado livre ou titular) de lhe apresentar um relatório que, se tiver cabimento, será impresso na **REVISTA ESPÍRITA**.

Art. 25 – A Sociedade criará uma biblioteca especial composta das obras que lhe forem oferecidas e das que ela adquirir.

Os sócios titulares poderão consultar a biblioteca e os arquivos, na sede da Sociedade, nos dias e horas que forem marcados para isso.

Art. 26 – Considerando que a sua responsabilidade pode se achar moralmente comprometida pelas publicações particulares de seus associados, a Sociedade prescreve que ninguém poderá usar do título de *sócio da Sociedade* em qualquer escrito sem que esteja autorizado a isso por ela e sem que previamente ela tenha tido conhecimento do manuscrito. Caberá à comissão fazer um relatório a esse respeito. Se a Sociedade julgar que o escrito é incompatível com seus princípios, o autor, depois de ouvido, será convidado a modificá-lo ou a renunciar à sua publicação, ou finalmente, a não se inculcar como sócio da Sociedade. Dado que ele se não submeta à decisão que for tomada, poderá ser resolvida a sua exclusão.

Todo escrito que um sócio publicar sob anonimato e sem indicação alguma, pela qual se possa reconhecê-lo como autor, será incluído na categoria das publicações ordinárias, cuja apreciação a Sociedade reserva para si. Todavia, sem querer bloquear à livre emissão das opiniões pessoais, a Sociedade convida aqueles de seus membros que tenham a intenção de fazer publicações desse gênero, a que previamente lhe peçam o parecer oficial, no interesse da ciência.

Art. 27 – Querendo manter a unidade de princípios e o espírito de recíproca tolerância no seu meio, a Sociedade poderá resolver a exclusão de qualquer de seus sócios que se seja causa de perturbação, ou se torne abertamente hostil, mediante escritos comprometedores para a Doutrina, opiniões subversivas, ou por um modo de proceder que ela não possa aprovar. Porém, a exclusão só pode ser decretada depois de prévio aviso oficial, se este ficar sem efeito, e depois de ouvir o sócio denunciado, se conveniente ele pretender se explicar. A decisão será tomada por votação secreta e pela maioria de três quartos dos membros presentes.

Art. 28 – O sócio que voluntariamente se retirar no correr do ano, não poderá reclamar a diferença das cotas que pagou. Entretanto, essa diferença será reembolsada, no caso de exclusão decretada pela Sociedade.

Art. 29 – O presente regulamento poderá ser modificado, quando for conveniente. As propostas de modificação só poderão ser feitas à Sociedade pelo órgão de seu Presidente, ao qual deverão ser transmitidas e no caso de terem sido admitidas pela comissão.

A Sociedade pode adotar todas as medidas complementares que lhe pareçam necessárias sem modificar o seu regulamento nos pontos essenciais.

CAPÍTULO XXXI

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

- ACERCA DO ESPIRITISMO
- SOBRE OS MÉDIUNS
- SOBRE AS SOCIEDADES ESPÍRITAS
- COMUNICAÇÕES APÓCRIFAS

Reunimos neste capítulo alguns ditados espontâneos que completam e confirmam os princípios tratados nesta obra. Poderíamos inseri-los em muito maior número; mas nos limitamos aos que de modo mais particular dizem respeito ao futuro do Espiritismo, aos médiuns e às reuniões. Também os colocamos como instrução e como tipos das comunicações verdadeiramente sérias. Encerramos o capítulo com algumas comunicações extraoficiais, seguidas de notas apropriadas a torná-las reconhecíveis.

ACERCA DO ESPIRITISMO

I

Confiem na bondade de Deus e sejam bastante clarividentes para perceberem os preparativos da nova vida que ele lhes destina.

Certamente não lhes será permitido gozá-la nesta existência; porém, não serão felizes se não tomarem a viver neste globo, por poderem considerar do alto que a obra que começaram se desenvolve sob suas vistas?

Cubram-se de fé firme e inabalável contra os obstáculos que, ao que parece, tem de se levantar contra o edifício onde põem os fundamentos. São sólidas as bases em que ele assenta: foi o Cristo que colocou a primeira pedra. Então, coragem, arquitetos do divino Mestre! Trabalhem, construam! Deus lhes coroará a obra.

Mas, lembrem-se bem de que o Cristo renega, como seu discípulo, todo aquele que só tem a caridade nos lábios.

Não basta crer; é preciso, sobretudo, dar exemplos de bondade, de tolerância e de desinteresse, sem o que a fé de vocês será infrutífera.

Santo Agostinho

II

O próprio Cristo preside aos trabalhos de toda sorte que se acham em via de execução, para lhes abrirem a era de renovação e de aperfeiçoamento, que os seus guias espirituais predizem.

Com efeito, fora as manifestações espíritas, se lançarem os olhos sobre os acontecimentos contemporâneos, sem hesitação reconhecerão os sinais anunciadores que lhes

provarão de maneira irrefragável que são chegados os tempos preditos.

Estabelecem-se comunicações entre todos os povos. Derrubadas as barreiras materiais, os obstáculos morais que se opõem à união, os preconceitos políticos e religiosos rapidamente se apagarão e o reinado da fraternidade se implantará, afinal, de forma sólida e durável. Observem que já os próprios soberanos, motivados por uma mão invisível, tomam coisa que vocês já ouviram: a iniciativa das reformas. E as reformas, quando partem de cima e espontaneamente, são muito mais rápidas e duráveis do que as que partem de baixo e são arrancadas pela força.

Eu pressenti a época atual, apesar dos prejuízos de infância e de educação, independentemente do culto da lembrança. Sou feliz por isso e mais feliz ainda por lhes vir dizer: Irmãos, coragem! Trabalham por vocês e pelo futuro dos seus; trabalhem, sobretudo, para se melhorarem pessoalmente e gozarem, na sua primeira existência, de uma felicidade de que é tão difícil fazer ideia, quanto a mim, eu lhes farei compreendê-la.

Chateaubriand

III

Penso que o Espiritismo é um estudo todo filosófico das causas secretas dos movimentos interiores da alma, até agora nada ou pouco definidos.

Mais do que desvenda, explica horizontes novos.

A reencarnação e as provas, sofridas antes de o Espírito atingir a meta suprema, não são revelações, porém uma confirmação importante. Tocam-me ao vivo as verdades que são postas em foco por esse meio. Digo intencionalmente meio porque, a meu ver, o Espiritismo é uma alavanca que afasta as barreiras da cegueira.

Está toda por ser criada a preocupação das questões morais. Discute-se a política, que agita os interesses gerais; discutem-se os interesses particulares; o ataque ou a defesa das personalidades apaixonam; os sistemas têm seus partidários e seus detratores. Entretanto, as verdades morais – as que são o pão da alma, o pão de vida – ficam abandonadas sob o pó que os séculos acumularam.

Aos olhos das multidões, todos os aperfeiçoamentos são úteis, exceto o da alma. Sua educação, sua elevação não passam de ilusões próprias, quando muito, para ocupar as lazeres dos padres, dos poetas, das mulheres – seja como moda, seja como ensino.

Ao ressuscitar o espiritualismo, o Espiritismo restituirá à sociedade o surto, que dará a dignidade interior a uns, a resignação a outros e a todos a necessidade de se elevarem para o Pai supremo, que é esquecido e desconhecido pelas suas ingratas criaturas.

J. J. Rousseau

IV

Se Deus envia os Espíritos para instruir os homens é para que estes se esclareçam sobre seus deveres, é para lhes mostrarem o caminho por onde poderão abreviar suas provas e, conseguentemente apressar o seu progresso. Ora, do mesmo modo que o fruto fica maduro, também o homem chegará à perfeição. Porém, ao lado dos Espíritos bons – que desejam o bem comum – há igualmente os Espíritos imperfeitos, que desejam o mal. Ao passo que uns lhes incita para frente, outros lhes puxam para trás. Que a atenção de vocês seja voltada para saber distingui-los! É fácil o meio: trata-se unicamente de compreenderem que o que vem de um Espírito bom não pode prejudicar a quem quer que seja e que tudo o que seja mal só pode vir de um Espírito atrasado. Se não escutarem os sábios conselhos dos Espíritos que lhes querem bem, caso se ofendam pelas verdades que eles digam, é evidente que são maus os Espíritos que lhes inspiram. Só o orgulho pode impedir que vejam quem realmente são. Mas, se vocês mesmos não o enxergam, outros o veem por vocês. De sorte que, então, são censurados pelos homens, que de vocês se riem por detrás, e pelos Espíritos.

Um Espírito Familiar

V

Esta Doutrina é bela e santa. O primeiro marco está plantado e plantado solidamente. Agora, só precisam caminhar. A estrada que está aberta a vocês é grande e majestosa. Feliz daquele que chegar ao porto; quanto mais simpatizantes tiverem feito, tanto mais lhe será creditado. Mas para isso, não podemos abraçar friamente a Doutrina; é preciso ser com ardor e esse ardor será duplicado, porque Deus está com vocês, sempre que fazem o bem. Todos os que atraírem serão outras tantas ovelhas que voltaram ao aprisco. Pobres ovelhas meio transviadas! Creiam que o mais incrédulo, o mais ateu, o mais céptico, enfim, tem sempre no coração um cantinho que ele desejava poder esconder de si mesmo. Esse cantinho é que é preciso procurar, é que é preciso achar. É o lado vulnerável que se deve atacar. É uma brechazinha que Deus intencionalmente deixa aberta, para facilitar à sua criatura o meio dele voltar ao Lar.

São Bento

VI

Não temam certos obstáculos e controvérsias.

Não atormentem ninguém com qualquer insistência. Aos incrédulos, a persuasão só virá pelo seu desinteresse e pela sua tolerância e pela sua caridade para com todos – sem exceção.

Sobretudo, evitem violar a opinião, mesmo por palavras ou por demonstrações públicas. Quanto mais modestos forem, tanto mais conseguirão se tornar apreciados. Nenhum móvel pessoal lhe faça agir e encontrarão nas suas consciências uma força de atração que só proporciona o bem.

Por ordem de Deus, os Espíritos trabalham pelo progresso de todos, sem exceção. Façam o mesmo, todos vocês, espíritas.

São Luís

VII

Qual a instituição humana, ou mesmo divina, que não encontrou obstáculos para vencer e divisões contra que lutar? Se apenas tivessem uma existência triste e mórbida, ninguém lhes atacaria, sabendo perfeitamente que haveriam de tombar de um momento para outro. Mas, como a vitalidade de vocês é forte e ativa, como a árvore espírita tem fortes raízes, admitem que ela poderá viver longo tempo e tentam golpeá-la a machado. O que esses invejosos conseguirão? Quando muito, deceparão alguns galhos, que renascerão com seiva nova e serão mais robustos do que nunca.

Channing

VIII

Vou lhes falar da firmeza que devem possuir nos seus trabalhos espíritas. Uma citação sobre este ponto já foi feita a vocês. Aconselho que a estudem de coração e que lhe apliquem a essência em vocês mesmos, porque como São Paulo, serão perseguidos, não em carne e em osso, mas em espírito. Os incrédulos, os fariseus da época hão de insultar e zombar de vocês. Nada temais: será uma prova que lhes fortalecerá, se a souberem entregar a Deus e mais tarde verão os seus esforços coroados de êxito. Será para vocês um grande triunfo no dia da eternidade, sem esquecer que já é um consolo neste mundo, para os que perderam parentes e amigos. Saber que estes são felizes e que podem se comunicar com eles é uma felicidade. Então, caminhem para frente; cumpram a missão que Deus lhes dá e ela será contada no dia em que comparecerem diante do Onipotente.

Channing

IX

Venho, eu, o Salvador e o juiz; venho outra vez aos filhos transviados de Israel; venho trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutem-me. O Espiritismo, como a minha palavra já fez antes, tem que lembrar aos materialistas que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinar a planta e que levanta as ondas. Revelei a Doutrina Divina; como o ceifeiro, atei em feixes o bem espalhado na Humanidade e disse: Vinde a mim, todos vocês que sofrem!

Mas, ingratos, os homens se desviaram do caminho reto e largo que conduz ao reino de meu Pai e se perderam nas ásperas veredas da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; quer, não mais por meio de profetas, não mais por meio de apóstolos, porém, que ajudando-os uns aos outros, mortos e vivos, isto é, mortos segundo a carne – porque a morte não existe –, se socorram e que a voz dos que já não existem ainda se faça ouvir, clamando-os: Orem e creiam! Por isso que a morte é a ressurreição, e a vida: a prova escolhida, durante a qual, cultivadas, as suas virtudes têm que crescer e se desenvolver como o cedro.

Creiam nas vozes que se respondem: são as próprias almas dos que evocam. Só muito raramente me comunico. Meus amigos, os que tem assistido à minha vida e à minha morte são os intérpretes divinos das vontades de meu Pai.

Homens fracos, que acreditam no erro das suas inteligências obscuras, não apaguem o facho que a clemência divina os coloca nas mãos, para clarear a estrada e reconduzi-los ao regaço de Pai, filhos perdidos.

Em verdade eu digo a vocês: acreditem na diversidade, na multiplicidade dos Espíritos que lhes cercam. Estou infinitamente tocado de compaixão pelas misérias humanas, pela sua imensa fraqueza, para deixar de estender mão protetora aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem no abismo do erro. Creiam, amem, compreendam as verdades que lhes são reveladas; não misturem o joio com o bom grão, as teorias com as verdades.

Espíritas! Amem-se, eis o primeiro ensino; instruem-se, eis o segundo. Todas as verdades se encontram no Cristianismo; são de origem humana os erros que nele se enraizaram. Eis que do além-túmulo – que julgam o nada – vozes lhes clamam: Irmãos! Nada acaba; Jesus Cristo é o vencedor do mal, sejam os vencedores da impiedade.

Nota – Esta comunicação, obtida por um dos melhores médiuns da Sociedade Espírita de Paris, foi assinada com um nome que o respeito nos não permite reproduzir, senão sob todas as reservas, tão grande seria o insigne favor da sua autenticidade e porque dele se há muitas vezes abusado demais, em comunicações evidentemente falsas. Esse nome é o de **Jesus de Nazaré**. De modo algum duvidamos de que ele possa se manifestar; mas, se os Espíritos verdadeiramente superiores não o fazem, senão em circunstâncias excepcionais, a razão nos inibe de acreditar que o Espírito puro por excelência responda ao chamado do primeiro que apareça. Em todo caso, haveria profanação, no se lhe atribuir uma linguagem indigna dele.

Por estas considerações, é que nos temos abtido sempre de publicar o que traga esse nome. E julgamos que ninguém será ajuizado em excesso no tocante a publicações deste gênero, que apenas para o amor-próprio têm autenticidade e cujo menor inconveniente é fornecer armas aos adversários do Espiritismo.

Como já dissemos, quanto mais elevados são os Espíritos na hierarquia, com tanto mais desconfiança os seus nomes devem ser acolhidos nos ditados. Seria preciso ser dotado de bem grande dose de orgulho, para poder alguém vangloriar-se de ter o privilégio das comunicações por eles dadas e se considerar digno de com eles confabular, como com os que lhe são iguais.

Na comunicação acima apenas uma coisa reconhecemos: é a superioridade incontestável da linguagem e das ideias, deixando que cada um julgue por si mesmo se aquele de quem ela traz o nome não a renegaria.

SOBRE OS MÉDIUNS

X

Todos os homens são médiuns, todos têm um Espírito que os dirige para o bem – quando sabem escutá-lo. Agora, pouco importa que uns se comuniquem diretamente com ele, valendo-se de uma mediunidade especial, que outros não o escutem senão com o coração e com a inteligência: não deixa de ser um Espírito familiar quem os aconselha. Chamem-lhe

espírito, razão, inteligência, é sempre uma voz que responde à sua alma, pronunciando boas palavras. Apenas, nem sempre as compreendem.

Nem todos sabem agir de acordo com os conselhos da razão, não dessa razão que antes se arrasta e rasteja do que caminha, dessa razão que se perde no emaranhado dos interesses materiais e grosseiros, mas dessa razão que eleva o homem acima de si mesmo, que o transporta a regiões desconhecidas, chama a sagrada que inspira o artista e o poeta, pensamento divino que exalta o filósofo, arroubo que arrebatava os indivíduos e povos, razão que o homem comum não pode compreender, porém que ergue o homem e o aproxima de Deus, mais que nenhuma outra criatura, entendimento que o conduz do conhecido ao desconhecido e lhe faz executar as coisas mais sublimes.

Escutem essa voz interior, esse bom gênio que incessantemente lhes fala, e chegarão progressivamente a ouvir o seu anjo guardião, que do alto dos céus estende as mãos a vocês. Repito: a voz íntima que fala ao coração é a dos bons Espíritos e é deste ponto de vista que todos os homens são médiuns.

Channing

XI

O dom da mediunidade é tão antigo quanto o mundo. Os profetas eram médiuns. Os mistérios de Elêusis⁵⁵ se fundavam na mediunidade. Os Caldeus, os Assírios tinham médiuns. Sócrates era dirigido por um Espírito que lhe inspirava os admiráveis princípios da sua filosofia; ele lhe ouvia a voz. Todos os povos tiveram seus médiuns e as inspirações de Joana d'Arc não eram mais do que vozes de Espíritos benfeitores que a dirigiam.

Esse dom, que agora se espalha, tornou-se raro nos séculos medievais; porém, nunca desapareceu. Swedenborg⁵⁶ e seus adeptos constituíram numerosa escola. A França dos últimos séculos – zombeteira e preocupada com uma filosofia que, pretendendo extinguir os abusos da intolerância religiosa – abafava sob o ridículo tudo o que era ideal, a França tinha que afastar o Espiritismo, que progredia sem cessar ao Norte.

Deus permitiu essa luta das ideias positivas contra as ideias espiritualistas, porque o fanatismo se constituía a arma destas últimas. Agora, que os progressos da indústria e da ciência desenvolveram a arte de bem viver, a tal ponto que as tendências materiais se tornaram dominantes, quer Deus que os Espíritos sejam reconduzidos aos interesses da alma. Quer que o aperfeiçoamento do homem moral se torne o que deve ser, isto é, o fim e o objetivo da vida.

O Espírito humano segue em marcha necessária, imagem da graduação que experimenta tudo o que povoa o Universo visível e invisível. Todo progresso vem na sua hora: a da elevação moral soou para a Humanidade. Ela não se operará ainda nos seus dias; mas, agradeçam ao Senhor o fato de haver permitido que assistam à aurora bendita.

Pedro Jouty (pai do médium)

XII

Deus me encarregou de desempenhar uma missão junto dos crentes a quem ele favorece com o mediunato. Quanto mais graça eles recebem do Altíssimo, mais perigos correm e tanto maiores são esses perigos, quando se originam dos favores mesmos que Deus lhes concede.

As capacidades de que desfrutam os médiuns lhes granjeiam os elogios dos homens. As felicitações, as adulações, eis, para eles, o perigo. Esquecem rápido a incapacidade anterior que lhes devia estar sempre presente à lembrança. Fazem mais: atribuem a seus próprios méritos o que devem só a Deus. Que acontece então? Os bons Espíritos os abandonam, eles se tornam juguete dos maus e ficam sem bússola para se

⁵⁵ **Os mistérios dos Elêusis:** rituais de iniciação ao culto dos deuses agrícolas Demeter e Persêfone, na Grécia antiga – N. D.

⁵⁶ **Emanuel Swedenborg** (1688-1772): sábio espiritualista sueco – N. D.

guiarem. Quanto mais capazes se tornam, mais impelidos são a se atribuírem um mérito que lhes não pertence, até que Deus os puna, afinal, retirando deles um dom que, desde então, somente lhes pode ser fatal.

Nunca me cansarei de lhes recomendar que se confiem ao seu anjo guardião, para que os ajude a estar sempre em guarda contra o seu mais cruel inimigo, que é o orgulho. Lembrem-se bem, vocês que têm a felicidade de ser intérpretes dos Espíritos para os homens, de que serão severamente punidos, porque foram mais favorecidos.

Espero que esta comunicação produza frutos e desejo que ela possa ajudar os médiuns a se terem em guarda contra o perigo que os faria naufragar. Esse perigo, já dissemos, é o orgulho.

Joana d'Arc

XIII

Quando quiserem receber comunicações de bons Espíritos, devem se preparar para esse favor pelo recolhimento, por intenções puras e pelo desejo de fazer o bem, tendo em vista o progresso geral. Porque, lembrem-se de que o egoísmo é causa de retardamento a todo progresso. Lembrem-se de que se Deus permite que alguns dentre vocês recebam o sopro daqueles de seus filhos que, pela sua conduta, souberam se fazer merecedores de lhe compreender a infinita bondade, é que Ele quer – por solicitação nossa e atendendo às próprias boas intenções – lhes dar os meios de avançarem no caminho que conduz a Ele.

Pois assim, médiuns, aproveitem dessa faculdade que Deus achou por bem concedê-los. Tenham fé na mansidão do nosso Mestre; ponham sempre em prática a caridade; não se cansem jamais de exercitar essa virtude sublime, assim como a tolerância. Estejam sempre as suas ações em harmonia com a própria consciência e terão nisso um meio certo de multiplicarem a sua felicidade nessa vida passageira e de prepararem para si mesmos uma existência mil vezes ainda mais suave.

Que, entre vocês, o médium que não se sinta com forças para perseverar no ensino espírita, se abstenha; porque, não fazendo proveitosa a luz que o ilumina, será menos desculpável do que outro qualquer e terá que expiar a sua cegueira.

Pascal

XIV

Falarei a vocês hoje do desinteresse que deve ser uma das qualidades essenciais dos médiuns, tanto quanto a modéstia e o devotamento.

Deus lhes concedeu a mediunidade para que auxiliem a propagação da verdade e não para que trafiquem com ela. E, falando de tráfico, não me refiro apenas aos que pretendessem explorá-la, como fariam com um dom qualquer da inteligência, aos que se fizessem médiuns, como outros se fazem dançarinos ou cantores, mas também a todos os que pretendessem dela se servir com o intuito de interesses quaisquer.

Será racional crer que Espíritos bons e, ainda menos, Espíritos superiores – que condenam a cobiça – consentam em se prestar a espetáculos e, como comparsas, se ponham à disposição de um empresário de manifestações espíritas?

Não é racional supor que Espíritos bons possam auxiliar quem vise satisfazer ao orgulho ou à ambição. Deus permite que eles se comuniquem com os homens para os tirarem do pântano terrestre e não para servirem de instrumentos às paixões mundanas. Logo, Ele não pode ver com bons olhos os que desviam do seu verdadeiro objetivo o dom que lhes concedeu e asseguro a vocês que esses serão punidos, mesmo aí nesse mundo, pelas mais amargas decepções.

Delfina de Girardin

XV

Incontestavelmente, todos os médiuns são chamados a servir à causa do Espiritismo na medida de suas capacidades, mas são bem poucos os que não se deixem prender nas armadilhas do amor-próprio. É uma pedra de toque, que raramente deixa de produzir efeito. Assim é que, no princípio da sua mediunidade, sobre cem médiuns, encontrarão um – quando muito – que não tenha se julgado destinado a obter coisas superiores e predestinado a grandes missões, no mínimo que seja. Os que caem nessa vaidosa esperança – e é grande o número deles – se tornam inevitavelmente vítimas de Espíritos obsessores, que não tardam a subjugar-los, lisonjeando-lhes o orgulho e lhes apanhando pelo seu fraco. Quanto mais eles pretenderem se elevar, tanto mais ridícula lhes será a queda, quando não desastrosa.

As grandes missões só são confiadas aos homens da elite e Deus mesmo os coloca no meio e na posição em que possam prestar cooperação eficaz – sem que eles procurem. Nunca será demais recomendar aos médiuns inexperientes que desconfiem do que certos Espíritos podem lhes dizer com relação ao suposto papel que eles são chamados a desempenhar, pois se o tomarem a sério, só colherão desapontamentos nesse mundo, e severo castigo no outro.

Certifiquem-se bem de que na esfera modesta e obscura onde se acham colocados, vocês podem prestar grandes serviços auxiliando a conversão dos incrédulos, produzindo consolação aos aflitos. Se daí deverem sair, serão conduzidos por mão invisível, que lhes preparará os caminhos e serão postos em evidência, por assim dizer, sem que saibam.

Lembrem-se sempre destas palavras: “Aquele que se exaltar será humilhado e o que se humilhar será exaltado”.

O Espírito de Verdade

SOBRE AS SOCIEDADES ESPÍRITAS

Nota – Das comunicações que se seguem, algumas foram dadas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, ou em sua intenção. Outras, que nos foram transmitidas por diversos médiuns, trazem conselhos gerais sobre os grupos, sua formação e obstáculos que podem encontrar.

XVI

Por que não começam as suas sessões por uma invocação geral, uma como prece, que disponha ao recolhimento? Porque, fiquem sabendo: sem o recolhimento, só terão manifestações levanias; os bons Espíritos só vão aonde os chamam com fervor e sinceridade. É o que os homens ainda não compreendem bastante. Então, cabe a vocês dar o exemplo, vocês que, se quiserem, poderão se tornar uma das colunas do novo edifício. Observamos com prazer os seus trabalhos e ajudamos, porém, sob a condição de que também, da parte de vocês, nos ajudem e se mostrem à altura da missão que foram chamados a desempenhar.

Portanto, formem uma equipe e serão fortes e os maus Espíritos não prevalecerão contra vocês. Deus ama os simples de espírito, o que não quer dizer os tolos, mas os que se renunciam a si mesmos e que, sem orgulho, se encaminham para Ele. Podem se tornar um foco de luz para a humanidade. Logo, saibam distinguir o joio do trigo; semeiem unicamente o bom grão e se preservem de espalhar o joio, por isso que este impedirá que o joio germine e serão responsáveis por todo o mal que daí resulte; de igual modo, serão responsáveis pelas doutrinas más que porventura propaguem.

Lembrem-se de que pode vir um dia em que o mundo tenha postos sobre vocês os olhos. Consequentemente, façam que nada ofusque o brilho das boas coisas que saírem do seu meio. Por isso é que lhes recomendamos que peçam a Deus que lhes ajude.

Santo Agostinho

Instado para ditar uma fórmula de invocação geral, Santo Agostinho respondeu:

Sabem que não há fórmula absoluta. Deus é infinitamente grande para dar mais importância às palavras do que ao pensamento. Ora, não acreditem que basta pronunciar algumas palavras, para que os maus Espíritos se afastem. Fugam sobretudo de se servirem de uma dessas fórmulas banais que se recitam por descargo de consciência. Sua eficácia reside na sinceridade do sentimento que a dita; sobretudo, está na unanimidade da intenção, pois aquele que se não associe de coração não poderá se beneficiar dela, nem fazer que os outros se beneficiem.

Sendo assim, escrevam vocês mesmos e se quiserem, a submetam. Eu lhes ajudarei.

Nota – A seguinte fórmula de invocação geral foi redigida com o apoio do Espírito que a completou em muitos pontos:

“Deus onipotente, nós te rogamos que envie bons Espíritos a nos ajudarem e afaste os que possam nos induzir em erro. Dá-nos a luz necessária, para distinguir a verdade da impostura.

“Afasta, igualmente, os Espíritos malvados, capazes de lançar entre nós a desunião, suscitando-nos a inveja, o orgulho e o ciúme. Se alguns tentarem se introduzir aqui, em teu nome, Senhor, nós os intimamos a se retirarem.

“Bons Espíritos que presidem aos nossos trabalhos, dignem-se de vir nos instruir e nos tornem dóceis aos seus conselhos. Façam que em nós se apague todo sentimento pessoal, ante o propósito do bem de todos.

“Pedimos, particularmente, a..., nosso protetor especial, que concorde em nos trazer hoje o seu apoio”.

XVII

Meus amigos, deixem que eu lhes dê um conselho, visto que percorrem um terreno novo e que, se seguirem a rota que indicamos, não se transviarão.

Temos dito uma coisa muito verdadeira, que desejamos lembrar: que o Espiritismo é simplesmente uma moral e que não deverá sair – nem muito, nem pouco – dos limites da filosofia, se não quiser cair no domínio da curiosidade.

Deixem de lado as questões de ciência: a missão dos Espíritos não é resolvê-las, poupando seus trabalhos de pesquisas; mas, procurem se tornar melhores, porque é assim que realmente progredirão.

São Luís

XVIII

Zombaram das mesas girantes, mas nunca zombarão da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Aquelas foram o vértice da ciência; aí, todo aquele que entra tem que deixar seus prejuízos, como deixa a capa.

Jamais terei por excessivo convencê-los de fazer do seu centro um lugar sério. Que em toda parte se façam demonstrações físicas, que se observe, que se ouça: entre vocês, que se compreenda e se ame.

Que supõem ser aos olhos dos Espíritos superiores quando fazem que uma mesa gire ou se levante? Simples colegiais. Passa o sábio o tempo a repetir o abc da ciência? Entretanto, ao vê-los buscar as comunicações sérias, eles lhes consideram como homens sérios à procura da verdade.

São Luís

Perguntando nós a São Luís se, com essas palavras, tinha o intento de condenar as manifestações físicas, ele respondeu:

“Eu não poderia condenar as manifestações físicas, pois que se elas se produzem, é com permissão de Deus e para um fim proveitoso. Dizendo que foram o vestibulo da ciência, assino-lhes a categoria que verdadeiramente lhes compete e lhes comprovo a utilidade. Condeno somente os que fazem disso objeto de divertimento e de curiosidade, sem tirarem o ensinamento que daí decorre. Elas são, para a filosofia do Espiritismo, o que a gramática é para a literatura, e quem chegou a certo grau de conhecimento numa ciência, já não perde o tempo em lhe repassar os elementos”.

XIX

Meus amigos e fiéis crentes, sinto-me feliz sempre que posso lhes dirigir pela estrada do bem. É uma suave missão que Deus me confia e de que me desvanço, porque ser útil é sempre uma recompensa. Que o espírito de caridade lhes reúna – tanto da caridade que dá, como da que ama. Mostrem-se pacientes ante as injúrias dos seus detratores; sejam firmes no bem e, sobretudo, humildes diante de Deus. Somente a humildade eleva. Essa a única grandeza que Deus reconhece. Só então os bons Espíritos virão a vocês; do contrário o do mal se apossaria de sua alma. Sejam benditos em nome do Criador e crescerão aos olhos dos homens, ao mesmo tempo que aos olhos de Deus.

São Luís

XX

A união faz a força. Sejam unidos, para serem fortes.

O Espiritismo germinou, deitou raízes profundas. Vai estender sua ramagem bendita por sobre a terra. É preciso que se tornem invulneráveis aos dardos envenenados da calúnia e da negra falange dos Espíritos ignorantes, egoístas e hipócritas. Para chegarem a isso, se faz necessário que uma indulgência e uma tolerância recíprocas presidam às suas relações; que os seus defeitos passem despercebidos; que somente as qualidades sejam notórias; que o facho da amizade santa lhes funda, ilumine e aqueça os corações. Assim resistirão aos ataques impotentes do mal, como o rochedo inabalável à vaga furiosa.

São Vicente de Paulo

XXI

Meus amigos, querem formar um grupo espírita e eu aprovo, porque os Espíritos não podem ver com satisfação que os médiuns se conservem no isolamento. Deus não lhes concedeu a sublime faculdade que possuem para seu uso exclusivo, mas para o bem de todos. Comunicando-se com outros, eles terão infinitas oportunidades de se esclarecerem sobre o mérito das comunicações que recebem, ao passo que isolados, estão muito melhor sob o domínio dos Espíritos mentirosos, que ficam encantados em não sofrerem nenhuma fiscalização. Aí está a chance de aproveitarem e compreendê-los – se o orgulho não subjuga vocês. Aqui vai agora para os outros.

Estão bem certos do que deve ser uma reunião espírita? Não, porque no seu zelo, julgam que o que de melhor têm a fazer é reunir o maior número possível de pessoas a fim de as convencerem. Desenganem-se! Quanto menos forem, tanto mais obterão. Sobre tudo, pela superioridade moral que exercerem é que atrairão os incrédulos, muito mais do que pelos fenômenos que obtiverem.

Se só pelos fenômenos atraírem os que lhes procurarem o farão pela curiosidade e encontrarão com curiosos que não acreditarão e que rirão de vocês. Se encontrarem entre vocês unicamente pessoas dignas de apreço, muitos talvez não acreditem, mas irão respeitá-

los e o respeito inspira sempre a confiança.

Estão convencidos de que o Espiritismo acarretará uma reforma moral. Então, seja o seu grupo o primeiro a dar exemplo das virtudes cristãs, visto que, nesta época de egoísmo, é nas Sociedades espíritas que a verdadeira caridade há de encontrar refúgio⁵⁷.

Meus amigos, assim deve ser um grupo de verdadeiros espíritas. De outra vez, darei novos conselhos.

Fénelon

XXII

Foi perguntado se a multiplicação dos grupos em uma mesma localidade não seria causa a gerar rivalidades prejudiciais à Doutrina. Responderei que os que se acham imbuídos dos verdadeiros princípios desta Doutrina apenas veem irmãos em todos os espíritas, e não rivais. Os que se mostrassem ciumentos de outros grupos provariam haver no íntimo deles uma segunda intenção, ou o sentimento do amor-próprio, e que não é o amor da verdade que os guia. Afirmo que se essas pessoas se achassem entre vocês, logo semeariam no seu grupo a discórdia e a desunião.

O verdadeiro Espiritismo tem por fim benevolência e caridade. Não admite qualquer rivalidade, a não ser a do bem que todos podem fazer. Todos os grupos que inscreverem essa causa em suas bandeiras estenderão uns aos outros as mãos, como bons vizinhos, que não são menos amigos pelo fato de não habitarem a mesma casa.

Os que pretendam que os seus mentores são Espíritos melhores que os dos outros deverão provar isso mostrando sentimentos melhores. Sendo assim, haja luta entre eles, mas luta de grandeza d'alma, de abnegação, de bondade e de humildade. O que atirar pedra a outro provará, por esse simples fato que se acha influenciado por maus Espíritos. A natureza dos sentimentos recíprocos que dois homens manifestem é o ponto capital para se conhecer a natureza dos Espíritos que os apoia.

Fénelon

XXIII

O silêncio e o recolhimento são condições essenciais para todas as comunicações sérias. Nunca conseguirão preencher essas condições os que sejam conduzidos às suas reuniões somente pela curiosidade. Desta maneira, convidem os curiosos a procurar outros lugares, por isso que a distração deles seria uma causa de perturbação.

Não devem tolerar nenhuma conversa enquanto os Espíritos estão sendo questionados. Às vezes, recebem comunicações que exigem de vocês uma réplica séria e respostas não menos sérias da parte dos Espíritos evocados, aos quais muito desagradam os cochichos sucessivos de certos participantes – podem acreditar. Por isso, daí nada obterão por completo, nem de verdadeiramente sério. Também o médium que escreve experimenta distrações muito prejudiciais ao seu serviço.

São Luís

XXIV

Falarei da necessidade de observarem nas suas sessões a maior regularidade, isto é, de evitarem toda confusão e toda divergência de ideias. A divergência favorece a substituição dos Espíritos bons pelos maus e quase sempre são estes que respondem às questões propostas.

Por outro lado, numa reunião composta de elementos diversos e desconhecidos uns dos outros, por que meio se hão de evitar as ideias contraditórias, a distração, ou ainda pior,

⁵⁷ Conhecemos um senhor que foi aceito para um emprego de confiança, numa casa importante, porque era espírita sincero. Entenderam que as suas crenças eram uma garantia da sua moralidade.

uma vaga indiferença zombeteira? Quisera eu achar esse meio eficaz e certo. Talvez esteja na concentração dos fluidos esparsos em torno dos médiuns. Unicamente eles, mas, sobretudo, os que são estimados, retêm na reunião os bons Espíritos. Porém, a influência deles mal chega para dispersar a turba dos Espíritos levianos.

O trabalho de exame das comunicações é excelente. Nunca será demais aprofundar as questões e principalmente as respostas. O erro é fácil, mesmo para os Espíritos animados das melhores intenções. A lentidão da escrita, durante a qual o Espírito se afasta do assunto, que ele esgota logo que o concebeu, a mobilidade e a indiferença para com certas formas convindas, todas estas razões e muitas outras criam o dever de só dispensarem limitada confiança ao que obtiverem, subordinando-o sempre ao exame – ainda quando se trate das mais autênticas comunicações.

Jorge (Espírito Familiar)

XXV

Com que fim, na maioria das vezes vocês pedem comunicações aos Espíritos? Para terem belos trechos de prosa, que mostrarão às pessoas das suas relações como amostras do nosso talento? Preciosamente as conservam nas suas pastas, porém, nos seus corações não há lugar para elas. Por acaso julgam que muito nos lisonjeia o fato de comparecermos às assembleias humanas, como a um concurso, para fazermos torneios de eloquência, a fim de que possam dizer que a sessão foi muito interessante? Que lhes resta depois de haverem achado uma comunicação admirável? Supõem que vimos em busca dos seus aplausos? Desenganem-se! Não nos agrada diverti-los mais de um modo que doutro. Ainda aí o que há em vocês é curiosidade, que inutilmente procuram disfarçar.

O nosso objetivo é torná-los melhores. Ora, quando verificamos que as nossas palavras não produzem nenhum fruto, que da parte de vocês, tudo se resume numa estéril aprovação, vamos em busca de almas mais dóceis. Cedemos então o lugar aos Espíritos que só fazem questão de falar e esses não faltam. Causa-lhes espanto que deixemos eles tomarem os nossos nomes. Que importa, uma vez que para vocês não há nem mais, nem menos nisso? Porém, fiquem sabendo que não permitimos em se tratando daqueles por quem realmente nos interessamos, isto é, daqueles com quem o nosso tempo não é perdido. Esses são os que preferimos e cuidadosamente os preservamos da mentira. Portanto, se são tão frequentemente enganados, queixem-se só de si mesmos. Para nós, o homem sério não é aquele que se abstém de rir, mas aquele cujo coração é tocado por nossas palavras, que medita e tira proveito delas (veja nº 268, perguntas 19 e 20).

Massillon

XXVI

O Espiritismo deverá ser um escudo contra o espírito de discórdia e de dissensão; mas esse espírito, desde todos os tempos, vem brandindo o seu facho sobre os humanos, porque ele é cimento da satisfação que a paz e a união proporcionam. Espíritas! Ele pode bem penetrar nas suas reuniões e – não duvidem – procurará semear entre vocês a desafeição. Porém será impotente contra os que tenham a animá-los o sentimento da verdadeira caridade.

Pois então, estejam em guarda e vigiem incessantemente à porta do coração, como à das suas reuniões, para que o inimigo não a penetre. Se forem inúteis os seus esforços contra o de fora, sempre dependerá de vocês impedir o acesso deles em sua alma. Se desacordos se produzirem entre vocês, só poderão ter sido inspiradas por maus Espíritos.

Em contrapartida, mostrem-se mais pacientes, mais dignos e mais conciliadores aqueles que no mais alto grau se achem penetrados dos sentimentos dos deveres que a civilização lhes impõe, tanto quanto o verdadeiro Espiritismo. Pode ser que às vezes os bons Espíritos permitam essas lutas, para darem ensejo de se revelarem, assim aos bons, como aos maus sentimentos, a fim de se separar o trigo do joio. Eles, porém, estarão sempre do lado onde houver mais humildade e verdadeira caridade.

São Vicente de Paulo

XXVII

Rejeitem impiedosamente todos esses Espíritos que reclamam o exclusivismo de seus conselhos, pregando a divisão e a separação. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres, que procuram se impor a homens fracos e crédulos, dedicando-lhes louvores exagerados, a fim de fascinar e tê-los sob seu domínio. São geralmente Espíritos, públicos ou privados, tiranos e famintos de poder, que depois de mortos ainda se esforçam por ter vítimas para tiranizarem.

Em geral desconfiem das comunicações que tragam caráter de misticismo e de estranheza, ou que prescrevam cerimônias e atos extravagantes. Nesses casos, haverá sempre motivo legítimo de suspeita.

Por outro lado, acreditem que quando uma verdade tenha de ser revelada aos homens, ela é comunicada, por assim dizer, instantaneamente, a todos os grupos sérios que disponham de médiuns sérios, e não a tais ou quais, com exclusão de todos os outros. Ninguém é médium perfeito se está obsidiado, e há obsessão real quando um médium só se mostra apto a receber as comunicações de determinado Espírito, por maior que seja a altura em que este procure se colocar.

Consequentemente, todo médium e todo grupo que julguem ter o privilégio de comunicações que só eles podem receber e que, por outro lado, estejam limitados a práticas que orçam pela superstição, indubitavelmente se acham sob a autoridade de uma das obsessões mais bem caracterizadas, sobretudo quando o Espírito dominador se cobre com um nome que todos os Espíritos encarnados devemos honrar e respeitar e não consentir que seja profanado a qualquer propósito.

É incontestável que, submetendo ao cadinho da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, será fácil descobrir o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado, como um grupo pode ser mistificado. Mas, a verificação severa dos outros grupos, o conhecimento adquirido e a alta autoridade moral dos diretores de grupos, as comunicações dos principais médiuns, com um cunho de lógica e de autenticidade dos melhores Espíritos, farão justa e rapidamente a esses ditados mentirosos e astuciosos, emanados de uma turba de Espíritos enganadores e malignos.

Erasto (discípulo de São Paulo)

Nota – Uma das características distintivas desses Espíritos que procuram se impor e fazer que sejam aceitas suas ideias extravagantes e sistemáticas é o fato de pretenderem ter razão contra todo o mundo. (bom seria que eles fossem os únicos dessa opinião). A tática consiste de que usam em evitar a discussão e, quando se veem vitoriosamente combatidos com as armas irresistíveis da lógica, negam-se desdenhosamente a responder e prescrevem a seus médiuns que se afastem dos centros onde suas ideias não são aceitas. Esse isolamento é o que há de mais fatal para os médiuns, porque, assim, eles sofrem o jugo dos Espíritos obsessores que os guiam, como cegos, e os levam frequentemente aos maus caminhos.

XXVIII

Os falsos profetas não se encontram apenas entre os encarnados; há igualmente, e em número muito maior, entre os Espíritos orgulhosos que, sob falsas aparências de amor e caridade, semeiam a desunião e retardam a obra de emancipação da Humanidade, lançando-lhe de través sistemas absurdos, que fazem sejam aceitos pelos seus médiuns. E, para melhor fascinarem os que eles tenham escolhido para serem enganados, a fim de darem maior peso às teorias, não se envergonham em se utilizarem de nomes que só pronunciam com muito respeito os homens: os de santos com razão venerados, os de Jesus, de Maria, mesmo o de Deus.

São eles que atiram o fermento dos antagonismos entre os grupos, que os impelem a se isolarem uns dos outros e a se olharem com antipatia. Só isto bastaria para desmascará-los, porque procedendo assim, eles próprios dão o mais formal desmentido ao que pretendem ser. Cegos, pois, são os homens que se deixam apanhar em tão grosseira armadilha.

Há, porém, muitos outros meios de serem reconhecidos. Espíritos da ordem a que esses dizem ter subido devem ser não somente bons, mas, além disso, eminentemente lógicos e

racionais. Pois bem! Submetam a eles as teorias ao cadinho da razão e do bom-senso e verão o que restará. Portanto, concordem comigo em que todas as vezes que um Espírito indique, como remédio aos males da Humanidade, ou como meios de se chegar à sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, providências infantis e ridículas; quando formule um sistema que as mais vulgares noções da ciência contradigam, tal Espírito não pode deixar de ser ignorante e mentiroso.

Por outro lado, tende a certeza de que, se a verdade nem sempre é apreciada pelos indivíduos, sempre é apreciada pelo bom-senso das massas e nisso se oferece mais um critério de opinarem. Se dois princípios se contradizem, terão a medida do valor inseparável de um e outro, procurando saber qual o que mais eco produz e mais simpatia encontra. Seria, com efeito, ilógico que uma doutrina – cujo número de partidários diminua gradualmente – fosse mais verdadeira do que outra, cujos adeptos se vão tomando cada vez mais numerosos. Mas Deus, que quer que a verdade chegue a todos, não a confina em um círculo acanhado e restrito: fá-la surgir em diferentes pontos, a fim de que por toda parte a luz esteja ao lado das trevas.

Nota – A melhor garantia de que um princípio é a expressar da verdade se encontra em ser ensinado e revelado por diferentes Espíritos, com o apoio de médiuns diversos, desconhecidos uns dos outros e em lugares vários, e em ser, ao demais, confirmado pela razão e sancionado pela adesão do maior número. Só a verdade pode fornecer raízes a uma doutrina. Um sistema errôneo pode, sem dúvida, reunir alguns aderentes; mas, como lhe falta a primeira condição de vitalidade, efêmera será a sua existência. Não há, pois, motivo para que com ele nos inquietemos. Seus próprios erros o matam e a sua queda será inevitável aos golpes da poderosa arma que é a lógica.

COMUNICAÇÕES APÓCRIFAS

Há muitas comunicações tão absurdas que, embora assinadas com os mais respeitáveis nomes, o senso comum basta para tornar evidente sua falsidade. Outras, porém, há, em que o erro, dissimulado entre coisas aproveitáveis, chega a iludir, impedindo às vezes se possa apreendê-lo à primeira vista. Essas comunicações, no entanto, não resistem a um exame sério. Vamos, como amostra, reproduzir aqui algumas.

XXIX

Para Deus, a criação perpétua e incessante dos mundos é um como gozo perpétuo, porque ele vê incessantemente Seus raios se tornarem cada dia mais luminosos em felicidade. Para Ele, não há número, do mesmo modo que não há tempo. Eis por que centenas ou milhares não são mais nem menos uns do que outros para a Divindade. É um pai, cuja felicidade se forma da felicidade coletiva de seus filhos e que, a cada segundo da criação, vê uma nova felicidade vir se encontrar na felicidade geral. Não há parada, nem suspensão, nesse movimento perpétuo, nessa grande alegria incessante que fecunda a terra e o céu. Do mundo, não se conhece mais do que uma pequena fração e têm irmãos que vivem em alturas aonde o homem ainda não chegou a penetrar. O que significam esses calores de torrar e esses frios mortais, que detêm os esforços dos mais ousados? Julgam com simplicidade que chegou ao limite deste seu mundo, quando não podem mais avançar com os insignificantes meios de que dispõem? Poderiam então medir exatamente este planeta? Não creiam isso! Há no seu planeta mais lugares ignorados do que lugares conhecidos. Porém, como é inútil que se propaguem ainda mais todas as suas instituições más, todas as suas leis más, ações e existências, há um limite que detém vocês aqui e ali e que lhes deterá até que tenham de transportar as boas sementes que o seu livre-arbítrio fez. Oh, não! Não conhecem esse mundo chamado Terra. Verão na sua existência um grande começo de provas desta comunicação. Eis que vai soar a hora em que haverá outra descoberta diferente da última que foi feita; eis que se vai alargar o círculo da sua Terra conhecida e, quando toda a imprensa cantar esse

“Hosana” em todas as línguas, vocês, pobres filhos – que amam a Deus e que procuram Sua voz –, saberão antes daqueles mesmos que darão nome à nova Terra.

Vicente de Paulo

Nota – Do ponto de vista do estilo, esta comunicação não resiste à crítica. As incorreções, os pleonasmos, os torneios viciosos saltam aos olhos de qualquer, por menos letrado que seja. Isso, porém, nada provaria contra o nome que a firma, dado que tais imperfeições poderiam decorrer da incapacidade do médium – conforme já demonstramos. O que é do Espírito é a ideia. Ora, dizer como ele diz, que no nosso planeta há mais lugares ignorados do que lugares conhecidos, que um novo continente vai ser descoberto é, para um Espírito que se qualifica de superior, dar prova da mais profunda ignorância. Sem dúvida, é possível que, para além das regiões glaciais, se descubram alguns cantos de terra desconhecidos, mas dizer que essas terras são povoadas e que Deus as conserva ocultas dos homens, a fim de que estes não levem para lá suas máis instituições, é acreditar demasiado na confiança cega daqueles a quem semelhantes absurdos são propinados.

XXX

Meus filhos, o nosso mundo material e o mundo espiritual, que vocês bem poucos ainda conhecem, formam como que os dois pratos da balança perpétua. Até aqui, as nossas religiões, as nossas leis, os nossos costumes e as nossas paixões têm feito descer o prato do mal e subir o do bem de tal modo que se vemos o mal reinar soberanamente na Terra. Desde séculos, é sempre a mesma a queixa que se desprende da boca do homem e a conclusão fatal é a injustiça de Deus. Alguns há mesmo que vão até à negação da existência de Deus. Veem tudo aqui e nada lá; veem o supérfluo que choca a necessidade, o ouro que brilha junto da lama; todos os mais chocantes contrastes que lhes deveriam provar a dupla natureza de vocês. Onde vem isto? De quem a falta? Eis o que é preciso pesquisar com tranquilidade e com imparcialidade. Quando sinceramente se deseja achar um bom remédio, acha-se. Pois bem! Apesar dessa dominação do mal sobre o bem – por sua culpa – por que não veem o resto ir direito pela linha traçada por Deus? Veem as estações se desarranjarem? Os calores e os frios se chocarem inconsideradamente? A luz solar se esquecer de iluminar a Terra? A terra esquecer em seu seio as sementes que o homem aí depositou? Veem a anulação dos mil milagres perpétuos que se produzem sob nossos olhos, desde o nascimento do arbusto até o nascimento da criança, o homem futuro? Mas, tudo vai bem do lado de Deus, tudo vai mal do lado do homem. Qual o remédio para isto? É muito simples: aproximarem-se de Deus, amarem-se, unirem-se, entenderem-se e seguirem tranquilamente a estrada cujos marcos se veem com os olhos da fé e da consciência.

Vicente de Paulo

Nota – Esta comunicação foi obtida no mesmo círculo; mas, quanto difere da precedente, não só pelas ideias, como também pelo estilo! Tudo aí é justo, profundo, sensato e certamente São Vicente de Paulo não a desdenharia, pelo que podemos lhe atribuir sem receio.

XXXI

Vamos, filhos, fechem as suas fileiras, isto é, que a boa união faça a sua força. Vocês que trabalham na fundação do grande edifício, vigiem e trabalhem sempre para lhe consolidar a base; então, poderão elevá-lo bem alto, bem alto! A progressão é imensa sobre todo o nosso globo; uma quantidade inumerável de seguidores se enfileiram sob a nossa bandeira; muitos cépticos e até dos mais incrédulos também se aproximam.

Vão, filhos; marchem com o coração elevado, cheio de fé; o caminho que percorrem é belo; não se esmoreçam; sigam sempre a linha reta, sirvam de guias aos que vêm depois de vocês. Eles serão felizes, muito felizes!

Caminhem, filhos! Não precisam da força das baionetas⁵⁸ para sustentar a sua

⁵⁸ **Baioneta:** arma pontuda que se adapta ao extremo do cano de um fuzil ou espingarda – N. D.

causa, não precisam senão de fé. A crença, a fraternidade e a união são as suas armas; com elas vocês são fortes, mais poderosos do que todos os grandes impérios do Universo reunidos, apesar de suas forças vivas, de suas frotas, de seus canhões e de sua metralha!

Vocês que combatem pela liberdade dos povos e pela regeneração da grande família humana, vão, filhos, coragem e perseverança! Deus lhes ajudará. Boa noite; até à vista.

Napoleão

Nota – Em vida, Napoleão era um homem grave e sério. Todo mundo conhece seu estilo breve e conciso. Teria degenerado singularmente se, depois de morto, tivesse se tornado verboso e burlesco. Esta comunicação talvez seja do Espírito de algum soldado que se chamava Napoleão.

XXXII

Não, não se pode mudar de religião quando não se tem uma que possa, ao mesmo tempo, satisfazer ao senso comum e à inteligência que se tem e que possa, sobretudo, dar ao homem consolações presentes. Não, não se muda de religião, cai-se da inépcia e da dominação na sabedoria e na liberdade. Vão, vão, pequeno exército nosso! Vão e não temam as balas inimigas; as que hão de lhes matar ainda não foram feitas, se do fundo do coração, estiverem sempre na senda do Senhor, isto é, se quiserem sempre combater pacificamente e vitoriosamente pelo bem-estar e pela liberdade.

Vicente de Paulo

Nota – Quem reconheceria são Vicente de Paulo por esta linguagem, por estes pensamentos desalinHAVADOS e vazios de senso? Que significam estas palavras: Não, não se muda de religião, cai-se da inépcia e da dominação na sabedoria e na liberdade? Com as suas balas, que ainda não estão feitas, muito suspeitamos que este Espírito é o mesmo que acima se assinou Napoleão.

XXXIII

Filhos da minha fé, cristãos da minha doutrina esquecida pelos interesses das ondas da filosofia dos materialistas, sigam-me no caminho da Judeia. Sigam a paixão da minha vida, contemplem meus inimigos agora, vejam os meus sofrimentos, meus tormentos e meu sangue derramado. Filhos espiritualistas da minha nova doutrina, estejam prontos a suportar, a afrontar as ondas da adversidade, os sarcasmos dos inimigos. A fé caminhará sem cessar seguindo a sua sorte que lhes conduzirá ao caminho da felicidade eterna, tal como a estrela conduziu pela fé os Magos do Oriente à manjedoura. Quaisquer que sejam as adversidades, quaisquer que sejam as penas e as lágrimas que tiverem derramado nessa esfera de exílio, tomem coragem, fiquem certos de que a alegria que lhes inundará no mundo dos Espíritos estará muito acima dos tormentos da sua existência passageira. O vale de lágrimas é um vale que há de desaparecer para dar lugar à brilhante morada de alegria, de fraternidade e de união, onde chegarão pela sua boa obediência à santa revelação. A vida, meus caros irmãos, nesta esfera terrestre, toda preparatória, não pode durar senão o tempo necessário para viver bem preparado para essa vida que não poderá jamais acabar. Amem-se, amem-se como eu lhes ameí e como amo ainda; irmãos, coragem, irmãos! Eu lhes abençoo; no céu espero por vocês.

Jesus

Nestas brilhantes e luminosas regiões onde o pensamento humano mal pode chegar, o eco de suas palavras e das minhas veio tocar o meu coração.

Oh! De que alegria me sinto inundado, vendo a vocês, continuadores da minha doutrina. Não, nada se aproxima do testemunho dos seus bons pensamentos! Vejam, filhos: a ideia regeneradora lançada por mim outrora no mundo, perseguida, detida um momento, sob a pressão dos tiranos, vai desde agora sem obstáculos, iluminando os caminhos à

Humanidade por tanto tempo mergulhada nas trevas.

Meus filhos, todo sacrifício, grande e desinteressado, cedo ou tarde produziu frutos. Meu martírio lhes provou; meu sangue derramado pela minha doutrina salvará a Humanidade e apagará as faltas dos grandes culpados!

Sejam benditos vocês que hoje tomam lugar na família regenerada! Vão, coragem, filhos!

Jesus

Nota – Sem dúvida, nada há de mau nestas duas comunicações; porém, o Cristo teve alguma vez essa linguagem pretensiosa, enfática e enfeitada? Faça a sua comparação com a que citamos acima, firmada pelo mesmo nome, e verá de que lado está o cunho da autenticidade.

Todas estas comunicações foram obtidas no mesmo círculo. Nota-se no estilo um certo tom familiar, idênticos rodeio de frases, as mesmas expressões repetidas com frequência, como, por exemplo, *vão, vão, filhos*, etc., de onde se pode concluir que é o mesmo Espírito que as deu todas, sob nomes diferentes. Entretanto, nesse círculo consciencioso, aliás – se bem que um tanto crédulo demais –, não se faziam evocações, nem perguntas; tudo se esperava das comunicações espontâneas, como se vê, o que não constitui certamente uma garantia de identidade. Com algumas perguntas um pouco insistentes e forradas de lógica, teriam facilmente reposto esse Espírito no seu lugar. Ele, porém, sabia que nada tinha a temer, porque nada lhe perguntavam e aceitavam sem verificação e de olhos fechados tudo o que ele dizia (veja nº 269).

XXXIV

Como é bela a Natureza! Como é prudente a Providência, na sua previdência! Mas, a cegueira e as paixões humanas impedem que tirem paciência da prudência e da bondade de Deus. À menor nuvem, ao menor atraso nas suas previsões, vocês se lamentam. Saibam, impacientes duvidadores, que nada acontece sem um motivo sempre previsto, sempre premeditado em proveito de todos. A razão do que precede é para reduzir a nada, homens de temores hipócritas, todas as suas previsões de ano mau para as vossas colheitas.

Deus frequentemente inspira aos homens a inquietação pelo futuro para impeli-los à previdência; e vejam como são grandes os meios para dar a última demão aos seus temores intencionalmente espalhados e que muitas vezes ocultam pensamentos ávidos, antes que uma ideia de cauteloso aprovisionamento, inspirado por um sentimento de humanidade a favor dos pequenos. Vejam as relações de nações a nações que resultarão daí; vejam que transações deverão se efetuar; quantos meios virão contribuir para reprimir os seus temores! Pois, como sabem, tudo se encadeia; por isso, grandes e pequenos virão à obra.

Então, não veem já em todo esse movimento uma fonte de certo bem-estar para a classe mais laboriosa dos Estados, classe verdadeiramente interessante que vocês, os grandes, os onipotentes dessa terra, consideram gente manobrável à vontade, criada para as suas satisfações?

Ora, que acontece depois de todo esse vaivém de um polo a outro? É que, uma vez bem providos, muitas vezes o tempo mudou; o Sol, obedecendo ao pensamento de seu criador, amadureceu em alguns dias as suas sementeiras; Deus pôs a abundância onde a sua cobiça meditava sobre a escassez e, contra sua vontade, os pequenos poderão viver; e, sem suspeitarem disso, foram causa de uma abundância, sem que quisessem.

Entretanto, acontece de Deus permitir algumas vezes que os maus tenham êxito em seus projetos traiçoeiros, mas então é um ensinamento que Deus quer dar a todos; é a previdência humana que Ele quer estimular: é a ordem infinita que reina na Natureza, é a coragem contra os acontecimentos que os homens devem imitar, que devem suportar com resignação.

Quanto aos que, por cálculo, aproveitam dos desastres, creiam que serão punidos. Deus quer que todos os Seus seres vivam; o homem não deve brincar com a necessidade, nem traficar com o supérfluo. Justo em seus benefícios, grande na sua demência, demasiado bom para com a nossa ingratidão, em seus desígnios, Deus é impenetrável.

Bossuet. Alfredo de Marignac

Nota – Esta comunicação, certamente nada contém de mau. Encerra mesmo profundas ideias filosóficas e conselhos muito avisados, que poderiam levar os poucos versados em literatura a se equivocar relativamente à identidade do autor. Tendo-a o médium, que a obtivera, submetido ao exame da Sociedade Espírita de Paris, foram unânimes os

votos declarando que ela não podia ser de Bossuet. Consultado, São Luís respondeu: “Esta comunicação, em si mesma, é boa; mas, não acreditem que tenha sido Bossuet quem a ditou. Um Espírito a escreveu, talvez um pouco sob a inspiração daquele outro, e lhe pôs por baixo o nome do grande bispo, para torná-la mais facilmente aceitável. Praticou-a o Espírito que colocou o seu nome, em seguida ao de Bossuet.

Interrogado sobre o motivo que o levara a proceder assim, disse esse Espírito: “Eu desejava escrever alguma coisa, a fim de me fazer lembrado dos homens. Vendo que sou fraco, entendi de apadrinhar o meu escrito com o prestígio de um grande nome”. – “Mas, não imaginou que reconheceríamos não ser de Bossuet a comunicação?” — “Quem sabe lá, ao certo? Poderiam se enganar. Outros menos perspicazes a teriam aceitado”. De fato, a facilidade com que algumas pessoas aceitam tudo o que vem do mundo invisível, sob o apoio de um grande nome é que anima os Espíritos enganadores. A lhes frustrar as fraudes é que todos devem dedicar a máxima atenção; mas, a tanto ninguém pode chegar, senão com a ajuda da experiência adquirida por meio de um estudo sério. Daí o repetirmos incessantemente: Estudem, antes de praticarem, pois é esse o único meio de não adquirirem experiência à própria custa de vocês.

CAPÍTULO XXXII

VOCABULÁRIO ESPÍRITA

Agênere (do grego *a*, *privativo*, e *géiné*, *géinomai*, *gerar*; *que não foi gerado*) — Modalidade da aparição tangível; estado de certos Espíritos, quando temporariamente revestem as formas de uma pessoa viva, ao ponto de produzirem ilusão completa.

Batedor — Qualidade de alguns Espíritos, daqueles que revelam sua presença num lugar por meio de pancadas e ruídos de naturezas diversas.

Erraticidade — Estado dos Espíritos errantes, ou erráticos, isto é, não encarnados, durante o intervalo de suas existências corporais.

Espírita — O que tem relação com o Espiritismo; adepto do Espiritismo; aquele que crê nas manifestações dos Espíritos. *Um bom, um mau espírita; a Doutrina Espírita.*

Espiritismo — Doutrina fundada sobre a crença na existência dos Espíritos e em suas manifestações.

Espiritista — Esta palavra, empregada a princípio para designar os adeptos do Espiritismo, não foi consagrada pelo uso; prevaleceu o termo *espírita*⁵⁹.

Espírito — No sentido especial da Doutrina Espírita, *os Espíritos são os seres inteligentes da criação, que povoam o Universo, fora do mundo material, e formam o mundo invisível*. Não são seres vindos de uma criação especial, porém, as almas dos que viveram na Terra, ou nas outras esferas, e que deixaram o invólucro corporal.

Espiritualismo — Usa-se em sentido oposto ao de materialismo; crença na existência da alma espiritual e imaterial. *O espiritualismo é a base de todas as religiões*. **Espiritualista** — O que se refere ao espiritualismo; adepto do espiritualismo. *É espiritualista* aquele que acredita que em nós nem tudo é matéria,

⁵⁹ No entanto, o termo **espiritista** é bem empregado no idioma espanhol – N. D.

o que de modo algum implica a crença nas manifestações dos Espíritos. Todo *espírita* é necessariamente *espiritualista*; mas, pode-se ser *espiritualista* sem se ser *espírita*; o *materialista* não é uma nem outra coisa. Diz-se: a filosofia *espiritualista*. — Uma obra escrita segundo as ideias *espiritualistas*. — As manifestações *espíritas* são produzidas pela ação dos Espíritos sobre a matéria. — A moral *espírita* decorre do ensino dado pelos Espíritos. — Há *espiritualistas* que escarnecem das crenças *espíritas*.

Nestes exemplos, a substituição da palavra *espiritualista* pelo termo *espírita* daria lugar a evidente confusão.

Estereótipo (do grego *stereos*, *sólido*) — Qualidade das aparições tangíveis.

Medianímico — Qualidade da força do médium — *Faculdade medianímica*.

Medianimidade — Faculdade dos médiuns. Sinônimo de mediunidade. Estas duas palavras são, com frequência, empregadas indiferentemente. Para querermos fazer uma distinção, poderemos dizer que *mediunidade* tem um sentido mais geral e *medianimidade* um sentido mais restrito. — Ele possui o dom de *mediunidade*. — *A medianimidade mecânica*.

Médium (do latim *medium*, *meio*, *intermediário*.) — Pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os homens.

Mediunato — Missão providencial dos médiuns. Esta palavra foi criada pelos Espíritos (veja cap. XXXI, comunicação XII).

Mediunidade — Veja: *Medianimidade*.

Perispírito (do grego *peri*, *em torno*) — Envoltório semimaterial do Espírito. Nos encarnados, serve de intermediário entre o Espírito e a matéria; nos Espíritos errantes, constitui o corpo fluídico do Espírito.

Pneumatofonia (do grego *pneuma* e *phoné*, *som* ou *voz*.) — Voz dos Espíritos; comunicação oral dos Espíritos, sem o auxílio da voz humana.

Pneumatografia (do grego *pneuma*, *ar*, *sopro*, *vento*, *espírito*, e *graphia*, *escrita*) — Escrita direta dos Espíritos, sem o auxílio da mão de um médium.

Psicofonia — Comunicação dos Espíritos pela voz de um médium falante.

Psicografia — Escrita dos Espíritos pela mão de um médium.

Psicógrafo (do grego *psiké*, *borboleta*, *alma*, e *graphia*, *escrita*) — Aquele que faz psicografia; médium escrevente.

Reencarnação — Volta do Espírito à vida corpórea, pluralidade das existências.

Sematologia (do grego *sema*, *senal*, e *logos*, *discurso*) — Linguagem dos sinais. Comunicação dos Espíritos pelo movimento dos corpos inertes.

Tiptologia (do grego *tipto*, *eu bato*, e *logos*, *discurso*) — Linguagem por pancadas, ou batimentos: modo de comunicação dos Espíritos. *Tiptologia alfabética*.

Tiptólogo — Gênero de médiuns aptos à tiptologia. *Médium tiptólogo*.

